

A close-up portrait of a man with short, dark hair, a light beard, and striking blue eyes. He is wearing a dark blue suit jacket over a white shirt and a striped tie. The background is a dark, textured blue.

DELEGADO

Amor

TRILOGIA HOMENS DA LEI - I

MARI SILLVA



Copyright © 2018 MARI SILLVA

Capa: Murillo Magalhães– Fênix Produções Editoriais

Revisão: Lucy Santos – Fênix Produções Editoriais

Diagramação: Natalia Saj – NS Capas

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DELEGADO AVILAR

MARI SILLVA

1ª Edição

2018

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Epílogo](#)

[Lançamento](#)

[Livro: Juiz Thompson](#)

[Sobre](#)

[Agradecimentos](#)

Sinopse



Para o respeitado delegado Avilar a única coisa boa que restou do imenso amor por sua falecida esposa, foi uma linda menininha de cabelos ruivos que chamava atenção por onde passava, sua filha, Sofia, que foi roubada aos 6 meses de idade, debaixo dos seus olhos em questão de um minuto. Depois de anos de uma busca incansável, surge a pista de que a menina está sendo criada no Morro do Alemão, uma favela perigosa do Rio de Janeiro. Como sua filha tinha ido parar lá? É o que Ricardo quer saber, e não cansará até descobrir a resposta e tê-la de volta em seus braços, de onde nunca deveria ter saído.

Júlia Helena é uma mulher honesta, batalhadora, moradora do Morro do Alemão e que divide seu tempo entre estudar, cuidar de seu pai, irmão e de uma linda menina de seis anos a qual chama de filha e a ama mais que qualquer coisa no mundo. Jamais abriria mão dela, a doce Maria Lara, que apareceu na sua vida, repentinamente, curando feridas antigas...

Ambos foram pegos por uma peça da vida. Ricardo tem direito sobre sua filha; Júlia, o amor incondicional da mesma. Mesmo se odiando, eles terão que entrar em um acordo em prol do bem-estar da menina. O problema é que por trás da raiva que sentem um pelo outro, existe uma atração fatal.

Prólogo



Florianópolis — Santa Catarina

Seis anos antes



RICARDO

— E aí, gatinha, vem muito aqui?

Joguei todo o meu charme piscando para a garota mais linda do mundo que estava bem à minha frente, em meio à *muvuca* que era a Feira Livre de Florianópolis durante os finais de semana, principalmente aos sábados de manhã. Além de oferecerem as melhores verduras, legumes e peixes da cidade, era o lugar ideal para encontrar produtos feitos à mão. Desde artigos em pele, crochê e gesso feitos com a maior das dedicações pelos artesãos locais. E ainda comidas típicas de vários lugares do Brasil. A parte que eu mais gostava eram as barracas com os melhores doces do Nordeste, minha mãe dizia que era louco por doces desde a primeira vez em que os coloquei na boca.

Enfim...

Voltando para a bela ruivinha de olhos azuis penetrantes que me deixou completamente apaixonado desde o instante em que a vi, ela passava a mão pelos cabelos ruivos sedosos, mordida o dedo indicador fazendo cara de travessa, tentando me conquistar de vez. E conseguiu! Sempre tive um fraco por ruivas, premiadas com lindos olhos azuis então... eram a minha perdição. Foi amor à primeira vista. Ela não dizia nada, mas sei que também sentia o mesmo, só ainda não sabia, literalmente, como dizer.

Sua boca se curvou num sorriso torto, e então me derreti por completo. Existia uma sintonia forte entre nós, simplesmente não conseguia mais ficar longe dela. O lugar estava lotado, mas eu só tinha olhos para ela. Outras mulheres passavam por nós pela feira, esbarrando em mim propositalmente, se oferecendo na tentativa de tirarem a minha atenção da ruivinha. Não gostava de parecer pretencioso, mas sempre fiz muito sucesso com o sexo feminino. Porém, quando gostava de alguém era para valer.

Todas as outras deixavam de existir.

Estava rolando um clima bacana entre mim e ela, até que a minha ruivinha resolveu acabar com o nosso momento romântico golfando no vestido rosa choque novinho que comprei no dia anterior em uma boutique infantil, pagando um absurdo num pedacinho de pano.

— Sofia! De novo não, filha!

Zanguei-me com a minha filha de apenas seis meses que estava dentro do seu carrinho e que me devolvia o olhar com carinha de sapeca, a ruivinha mais linda do mundo e o único grande amor da minha vida. Era a segunda vez que troco a sua roupa só naquele dia e pelo mesmo motivo, as peças de roupas limpas que havia trazido na bolsa já acabaram. Isso era o que dava deixá-la mamar quase duas mamadeiras de uma vez só antes de sair de casa. Gulosinha!

Fiz cara feia para Sofia, mas não durou muito quando a danadinha começou a rir achando a maior graça da situação. Era esperta, sabia exatamente como me dobrar para não levar bronca toda vez que aprontava quebrando alguma coisa enquanto rastejava pela casa querendo brincar com tudo o que via pela frente. Não conhecia muitas crianças do seu tamanho, mas sabia que era esperta demais para a sua idade. Observei seus lábios se juntarem para me dar o golpe certo!

Contei 1... 2... 3... não falei?

Abriu a mãozinha direita e a levou até a boca como se estivesse dando um beijinho na palma da mão ocasionando um estalinho que, na minha cabeça de pai lunático, acreditava que a intenção seja jogá-lo na minha direção do jeitinho que a minha tia Cida, irmã da minha mãe, vivia tentando ensiná-la. Toda vez que ficava bravo com Sofia, ela fazia a mesma coisa acompanhada de um sorriso encantador e eu sempre caía, como naquele exato momento.

— Olha aqui, mocinha, se você acha que vai me comprar um beijo, está certíssima.

Comecei a rir fazendo cosquinhas na minha pequena, que gargalhava espalhafatosamente mordendo os dedinhos com a boca toda suja de golfo. Inclinei-me na altura do carrinho — também cor de rosa, cor predominante na minha casa desde que eu e a minha esposa recebemos a notícia de que era uma menina — peguei a toalhinha com o seu nome bordado pela mãe e limpei a boca de Sofia e o vestido do jeito que dava, até que pudéssemos chegar em casa e colocá-lo na máquina de lavar. Ainda tinha que arrumar toda a casa e fazer o

nosso jantar. Minha empregada só trabalhava de segunda à sexta, alguma coisa a ver com a sua religião, não sabia bem ao certo.

Depois que a minha esposa morreu devido às complicações no parto de Sofia, vinha sendo assim. Só eu e a minha pequena contra o mundo. Na época, tive que tirar licença no trabalho nos primeiros três meses, depois disso vinha tendo a ajuda da minha mãe, meu anjo da guarda desde então.

— Iremos à barraquinha de maçãs e depois casa, está bem, ruivinha? — Ela sorriu amplamente como se estivesse entendendo tudo. Seus cabelos eram avermelhados por natureza, mas com o reflexo do sol escaldante que fazia a cor se intensificava ainda mais.

Eu ia com a minha filha naquela feira todos os sábados pela manhã, sempre no mesmo horário, para comprar frutas e verduras frescas o suficiente para toda a semana. Gostava de passear com Sofia no meio do povo para arejar um pouco a cabeça, em vez de ficar enfiado em casa nos meus dias de folga. Minha escala de trabalho funcionava em trabalhar um dia e folgar outro. Ultimamente as coisas andavam uma bagunça na Delegacia, não estava tendo tempo nem para respirar. Como era Delegado da Polícia Civil de *Floripa*, os abacaxis mais difíceis vinham todos parar na minha mão. Então, os poucos intervalos livres daquela loucura, passava com a minha filha, só tínhamos um ao outro agora.

Uma família de dois.

— Bubu... babá — balbuciava e batia as mãozinhas uma na outra, animada, eu estava ansioso para ouvir a primeira palavra que ia dizer.

Queria que fosse papai. *Vai ser papai.*

Somos uma dupla e tanto. Ela era tudo o que me restou do amor incondicional que eu sentia por sua mãe, as duas se pareciam muito. Andréia era a mulher mais linda e doce que conheci na vida, Sofia herdou seus cabelos ruivos, dela; os olhos azuis, de mim. Tinha uma marca na nuca em formato de coração igual à que tenho no peito, maior prova de que era minha filha. Soube que era especial desde o instante em que o médico a mostrou, assim que nasceu, ainda na sala de parto. Minutos depois a mãe dela teve uma parada cardíaca, suas últimas palavras antes de morrer foram:

“Siga o caminho das estrelas, amor.”

— Desculpa! — Pediu uma mulher loira e estranha que trombou em mim na bancada de maçãs quase me fazendo derrubar o carrinho da minha filha. Ela

trajava roupas largas e o cabelo todo bagunçado como se não visse pente há meses.

Tinha os olhos tristes e inchados, parecendo ter passado os últimos dias chorando. Me encarava como se quisesse me dizer alguma coisa, mas não podia. Ficava me olhando às espreitas, talvez estivesse me paquerando. Rio. Com essa cara de louca dela, não iria rolar nunca. Dei de ombros e comecei a escolher as maçãs mais bonitas que estavam na bancada. Sofia adorava suco de maçã e eu era desses pais enjoados que ficavam em cima da alimentação dos filhos querendo que se alimentassem apenas de coisas saudáveis.

Tudo aconteceu muito rápido, eu não sabia, mas aquele dia estava para se tornar um dos piores da minha vida. Com um mau pressentimento, parei o que estava fazendo e me virei para olhar para Sofia quietinha dentro do carrinho e quando seus olhos encontraram os meus, sorriu lindamente como se dissesse que me amava. Correspondi, sem imaginar que essa seria a última vez que veria minha ruivinha sorrindo novamente.

Em questão de um minuto que terminei de escolher as maçãs e paguei a vendedora, me virei para pegar o carrinho da minha filha e irmos embora e ele não estava mais ali, nem a mulher estranha que estava parada ao nosso lado. Ela havia roubado Sofia e sumido em meio à multidão. Tinha certeza de que foi ela! Levando-a só Deus sabe para onde. Entrei em desespero total e saí correndo, procurando em todos os lados ao mesmo tempo, puxando os cabelos sem nenhum sinal das duas, para piorar o número de pessoas na feira parecia ter triplicado.

— SOFIA!!!

Caí de joelhos no chão pedindo a Deus que guiasse os meus passos até Sofia. Que cuidasse dela para mim, tirando as pessoas más que passassem por seu caminho até que a encontrasse. Daquele dia em diante, dedicaria cada segundo dos meus dias para encontrar a minha filha e viver apenas com a única missão de fazê-la feliz e recompensar o tempo perdido.

Alguns meses depois...

Morro do Alemão — Rio de Janeiro

JÚLIA

O meu quarto parecia mais uma biblioteca do que um local onde uma

jovem de dezenove anos dormia. A maioria dos livros foram ganhados ou emprestados, alguns achados no lixo. Comprados mesmo eram poucos, dinheiro não era uma coisa que tínhamos de sobra em casa. Já tinha lido quase todos, não apenas por hobby, mas sim porque tinha que manter boas notas para não perder a bolsa integral que ganhei ao passar em primeiro lugar no vestibular da faculdade assim que me formei no Ensino Médio com apenas dezessete anos, sem nunca ter reprovado e agora estava no segundo ano de Direito.

Eu era a única pessoa do Morro do Alemão — que eu sabia — que estava na faculdade. A sociedade se desfazia tanto de pessoas como nós — a maioria pobres e negros — não dando oportunidades de crescermos na vida, que acabamos acreditando que não tínhamos direito de sonhar alto. Grande parte entrava no mundo do crime, morrendo antes de adquirir a maioridade. Mas eu nunca me deixei levar pelas opiniões das pessoas, sempre soube bem o que queria e corria atrás, lutando com unhas e dentes.

Só Deus sabia o sofrimento que passei para conseguir essa bolsa, estudando em cada segundo livre, isso quando não estava trabalhando em qualquer oportunidade que aparecia na minha frente para ajudar em casa e pagar, no total, os três ônibus até chegar à porta da faculdade. Lembro que na época meu pai vendeu a nossa televisão para poder pagar a taxa da prova do vestibular e até hoje não conseguimos comprar outra. Vivíamos alheios às notícias do mundo lá fora. Eu achava isso até bom, porque assim não me distraía do meu foco principal. Eu era apaixonada por aprender tudo à minha volta, principalmente às lições da vida.

Nada acontece por acaso, até mesmo uma folha que cai no chão. A princípio parece algo ruim, afinal, agora está sozinha e em breve, seca. Mas a situação muda de figura quando ela é levada para vários lugares novos com a ajuda do vento, lugares onde nunca conheceria se ainda estivesse agarrada, presa a uma árvore.

Para muitos, morar em um lugar como o Morro do Alemão era a pior coisa do mundo. Uma vergonha. Bom, pelo menos para mim não era tão ruim assim. De uns tempos para cá as coisas tinham melhorado muito por aqui, a criminalidade diminuiu bastante com a pacificação da polícia. Aqui ninguém interferia na vida de ninguém, se viam fazendo algo errado, fingiam que não tinham visto nada e seguiam com suas vidas normalmente.

Tive a sorte de nascer em uma família bacana, meu pai era a pessoa mais honesta que conheci na vida. Esforçou-se para criar sozinho a mim e o meu

irmão mais novo, Fabio. Nossa mãe morreu na minha frente quando eu tinha apenas dez anos, vítima de bala perdida em meio a um tiroteio entres policiais e bandidos. Até hoje não sei de qual dos dois lados veio o tiro, mas o fato foi que ela morreu em meus braços. Estávamos descendo o morro de mãos dadas no meio do caminho para minha escola conversando e rindo das artes que meu irmão fazia, e em questão de um minuto tudo aconteceu e eu a perdi.

Na época, meu irmão tinha apenas cinco anos. Depois que tudo aconteceu, eu saía da escola e ficava em casa cuidando dele enquanto nosso pai trabalhava dez horas por dia como pedreiro e fazendo horas extras para não deixar faltar comida na nossa mesa. E nunca faltou, graças a Deus. Nossa casa era simples, porém muito limpa e confortável, na medida do possível. E, em alguns anos, realizaria o meu sonho de me tornar uma advogada justa e honesta, poderia tirar meu pai e irmão daqui e levar para um bairro mais tranquilo. Mesmo aos trancos e barrancos, e depois de muito sofrimento, a minha vida estava tomando o rumo certo, mas confesso que, às vezes, eu ficava cansada de trabalhar e estudar tanto.

Sei que no final valeria a pena...

Respirei fundo e peguei a caneca cheia de café fumegante que tinha acabado de fazer para encher a garrafa térmica que meu pai levaria para o trabalho e dei um gole generoso. Havia passado a noite inteira fazendo um trabalho importante sobre leis e meus olhos ardiam de sono. Ergui os braços espreguiçando-me, dando um longo bocejo.

— Acho que por hoje já deu, preciso dormir pelo menos umas duas horas antes de ir para o meu trabalho — pensei em voz alta, morta de sono e praticamente dormindo em pé.

Trabalhava como frentista em um posto de gasolina no centro da cidade, do pai de um dos alunos da minha sala. Quando soube da vaga, corri atrás e ele me deu uma forcinha para conseguir o emprego. Era puxado, mas além do salário ser muito bom, tinha duas folgas durante a semana.

Deixei meus livros abertos, espalhados pelo quarto e me enrolei no meu edredom favorito, era muito bonito, lilás, todo florido. Tinha a cor do verão, minha estação favorita do ano. Não dormia sem ele desde pequena, havia sido presente da minha mãe. Deitei-me sobre o colchão duro da minha cama de solteiro, de madeira, com um lado quebrado sendo sustentado por um tijolo que meu pai colocou, e abracei o travesseiro piscando lentamente sonolenta.

Dei um pulo da cama ao ouvir batidas desesperadoras na porta, corri para

atender antes que acordassem meu irmão e com o coração na mão por medo de que tivesse acontecido alguma coisa com meu pai. Mas não. Ao abrir, me deparei com a imagem da louca da minha prima Talita, fazia um bom tempo que não a via por aqui. Seu rosto estava todo machucado, como se tivesse levado uma boa surra, a roupa toda surrada e desalinhada olhando para todo lado como se estivesse com medo de estar sendo seguida por alguém. Ela era minha parenta, mas não nos parecíamos em nada. Era filha da irmã da minha mãe com um homem loiro o qual ela puxou. Porém, naquele momento, tinha os cabelos loiros mal pintados de preto, a testa ainda estava suja da tinta e tão magra que chegava a dar pena. O olhar triste, perdido.

— Oi, prima, quanto tempo, hein? — Forçou um sorriso com os lábios muito inchados e uma mancha enorme e roxa no canto esquerdo da boca, soltando um pequeno gemido como se sentisse dor ao falar.

Ela avaliava meu rosto com os olhos atentos, esperando que eu respondesse ao seu cumprimento, mas simplesmente não conseguia responder porque fiquei hipnotizada olhando para a bebê em seus braços. Uma menininha muito linda com o cabelo cortado bem baixinho como se tivessem passado máquina zero recentemente, deixando-a quase careca, só dava para ver que foi cortado por conta dos fios ruivos curtíssimos que estavam nascendo espetados. Que maldade! Quem faria isso com uma bebê? A sem noção da minha prima, com certeza, por preguiça de pentear. Isso seria bem a cara dela. Mas o que mais me chamou a atenção na criança de traços marcantes foram seus belos olhos azuis, eram grandes e amorosos, que acalentaram minha alma e aqueceram o meu coração.

— Quem é essa criança linda, Talita?

Eu sorria feito uma boba para aquele anjinho em seus braços e ela correspondia mordendo os dedinhos com carinha de sapeca. Vestida com uma blusa de adulto como uma espécie de vestido improvisado, sem nenhuma blusa de frio por cima para enfrentar aquela manhã gélida, a pontinha do nariz e as bochechas da coitadinha estavam bastante rosadas e a boca em um leve tom de roxo. Senti vontade de tomá-la do seu colo sem permissão e a enrolar em um cobertor, deveria estar morrendo de frio.

Talita nunca teve juízo, éramos inseparáveis quando crianças. Perdeu os pais muito cedo e foi criada com a bruxa da sua avó que a tratava como se fosse lixo. Acabou caindo no mundo muito cedo, virando usuária de drogas e se envolvendo com gente barra pesada. Recentemente havia rolado um boato aqui

no morro de que ela estava grávida, mas que o bebê havia morrido poucos meses após o nascimento. Pelo visto, não passavam de boatos, a menininha linda em seus braços era a prova disso.

— Que linda a sua filha, Talita. Parabéns! Então o boato de que estava grávida era mesmo verdade. Quando me falaram não acreditei muito porque foi a cobra da sua avó que saiu espalhando. — Ela fez uma careta estranha contorcendo a boca, não gostava nem que falassem da avó na sua frente.

— Minha filha? — Uma linha de interrogação formou-se ao meio de suas sobrancelhas, mas, de repente, a expressão se iluminou como se tivesse tido uma grande ideia, faltou pouco para aparecer uma lâmpada no topo da sua cabeça. — Como não pensei nisso antes, meu Deus? Se deu certo para conseguirmos viajar até aqui, então não vai ter erro. Você é um gênio, prima! Agora segura “*essa menina*” para mim um instante, Júlia, preciso procurar uma coisa.

Praticamente jogou a bebê no meu colo de qualquer jeito, a pobrezinha abriu os bracinhos para mim analisando o meu rosto e sorrindo de maneira amável mostrando dois dentinhos na frente nascidos recentemente.

— Entre, Talita, beba um pouco de café. Vou aquecer essa mocinha aqui, antes que pegue uma pneumonia. — Ela entrou fechando a porta atrás de si com o pé, corri no quarto e enrolei a bebê no meu cobertor favorito. Antes de voltar para a sala, peguei uma caneca de café para minha prima e entreguei a ela. — Agora comece contando quem fez esse estrago no seu rosto, o que você aprontou dessa vez?

Apontei para seu rosto todo machucado, mas ela estava ocupada demais agachada no chão e nem me ouviu. Havia espalhado tudo que tinha dentro da bolsa pelo piso, procurando desesperadamente alguma coisa. No meio daquela bagunça toda, reparei que tinha um cheque. Dei de ombros, desistindo de entender as loucuras de Talita, retornei a atenção para o anjinho em meu colo.

— Oi, mocinha, qual é o seu nome? — Brinquei, sabia que no tamanho dela ainda deveria estar aprendendo a falar.

— Maaamãe — disse eufórica como se aquela fosse a primeira palavra que aprendera, o estranho foi que falou olhando para mim e não para a minha prima que era a sua mãe de verdade.

— Não, meu amor, eu sou a tia Júlia, aquela que é a sua mãe — apontei para Talita e a pequena balançou a cabeça negativamente, deveria ter dez meses, no máximo.

— Mamãe... Mamãeeee. — Repetiu várias vezes batendo palminhas, deu um beijinho na palma da mão e jogou na minha direção sorrindo e dando pulos no meu colo. Tive que segurá-la firme ou iria cair.

Derreti-me toda, confesso!

— O nome da minha filha era Maria Lara, meu bebezinho lindo. — Talita me tirou dos meus devaneios com a sua voz triste, olhava para uma folha branca em suas mãos com os olhos cheios lágrimas.

Em uma breve análise discreta na folha em suas mãos pude perceber que se tratava da certidão de nascimento da sua filha, Maria Lara da Silva. *Mas por que Talita olhava para ela com tanto dor?* Não havia o sobrenome do pai da criança nela, foi registrada apenas com o da Talita. Para minha surpresa, o bebê já tinha mais de um ano. Era muito esperta, mas pequena para a idade.

— Deu o nome a ela de Maria Lara? — Sorri triste balançando a cabeça

Uma vez, em um momento difícil da minha vida, eu disse à Talita que se acaso tivesse uma filha esse seria o nome dela.

— Sim, prima, não poderia ser outro. O nome da minha filha era Maria Lara. — O sorriso que me ofereceu foi tão triste quanto o meu, aquele que transmite uma sensação de perda.

— Como assim o nome da sua filha “*era*” Maria Lara? Que horror, Talita! Fala como se a menina estivesse morta, tem que dizer que “*É*” MARIA LARA! — Quase gritei, sem saber sei por que me alterei tanto. — Precisa tomar juízo na vida, criatura, porque agora tem um ser inocente que precisa ser cuidada com amor e carinho.

Eu tinha acabado de conhecer aquela menininha, mas já me sentia ligada a ela, e queria que fosse cuidada com todo carinho e amor desse mundo.

— Está certa, prima. O nome dela é Maria Lara. — Soltou a respiração, aliviada, como se tivesse tirado um peso enorme das suas costas, encontrado a solução de um grande problema.

— Como conseguiu ter uma bebê ruiva de olhos azuis, Talita? Mesmo você sendo branca, é bem difícil, o pai deve ter descendência escocesa. Muito linda você, Maria Lara, meus parabéns! — Ela começou a brincar com meu cordão, compenetrada, puxando o pingente em formato de coração e fazendo biquinho porque não conseguia arrancar.

Sentei-me com Maria Lara nos braços, minha prima continuou com a

expressão melancólica nos observando juntas. Comecei a catar os grãos de areia no meio dos poucos fios de cabelo da menina, eram tantos que chegou a me dar agonia. Meu coração se apertou e fiquei me perguntando quando será que foi a última vez em que deram banho nela? Comida? Preferi nem perguntar para sua mãe desnaturada parada à minha frente.

— O pai da minha filha, um escocês? Essa é boa, prima. — Gargalhou levando a mão à barriga, chegando a sair lágrimas no canto dos olhos.

— Não entendi qual o motivo de tanta graça, Talita — resmunguei.

— A minha filha é linda mesmo, Júlia. Mas não é filha de um escocês. E andei pensando, sabe? Ela tem que ficar com alguém que vá cuidar dela com muito amor e carinho, mas essa pessoa não sou eu — dizia olhando fixamente nos meus olhos, séria. — Mexi com gente barra pesada topando fazer algo terrível contra um ser inocente em troca de muita grana, mas não tive coragem de ir até o fim com essa crueldade e por isso me espancaram. Consegui fugir de última hora com minha bebê, essa que está viva no seu colo, a qual dei o nome de Maria Lara assim que nasceu. Como pode ver está tudo escrito certinho aí na certidão de nascimento, o pai não quis registrar — explicou detalhadamente demais para o meu gosto e entregou o registro de nascimento dela na minha mão.

— Por que o pai não quis registrá-la? — Indaguei, precisava de mais informações.

— O cretino do “Noia” não quis registrar alegando não ser dele. Quando cheguei do hospital, ele me expulsou de casa com minha bebê nos braços, nós duas moramos na rua por semanas, passando fome e frio. Só tinha uma mantilha velha para enrolar nela, houve um dia que dormi em um banco de uma praça, e quando acordei de manhã... olhei para a minha filhinha e ela estava respirando com dificuldade. A levei às pressas para o hospital público, mas tinha muita gente para ser atendida na nossa frente e custaram atendê-la e...

Ela estalou a língua e parou de falar, os olhos marejados, parecia nervosa ao lembrar do ocorrido.

— E? — Perguntei com a sobrancelha arqueada.

— E nada, Júlia! Ela ficou internada por dois meses, depois teve alta e aqui estamos. O pai dela é um cretino, descobri que está morando aqui no morro. Acabei de topar com ele vindo para cá. Se ouvir falar no Noia, corre que é furada. E nunca fale no meu nome com ele, se souber que é minha prima, pode

ser perigoso para você e a menina. — Às vezes o tom dela me assustava, parecia sempre estar me alertando sobre futuras situações embaraçosas.

— Noia? — Estreitei os olhos, *vê se isso é nome de gente?*

— O nome dele é Carlos Henrique, prima. Não começa a implicar comigo, mas ele é mais conhecido como “Noia” porque vive “noiado” devido ao monte de drogas que consome vinte e quatro horas por dia — explicou.

Preferi não me aprofundar no assunto, o pouco que ouvi sobre o pai da criança já foi o bastante para me deixar traumatizada pelo resto da vida.

— E quem é essa gente “barra pesada”? Olha o que eles fizeram com você, vamos à polícia agora mesmo denunciá-los. — Meu sangue ferveu de raiva ao olhar novamente os ferimentos em seu rosto, de perto a coisa era mais feia do que pensei, odeio violência.

— Polícia, não! — Gritou em um tom estridente.

— Por que não? Eles poderão te ajudar, não teme pela segurança de Maria Lara?

— Claro que sim, troquei a minha vida pela dessa menina, Júlia. Um dia vai entender sobre o que estou falando e vai me odiar pela burrada que fiz. Se eu e essa criança ficarmos juntas, nós duas morreremos.

— Meu Deus, Talita! Quando vai criar juízo, garota? Não pode simplesmente abandonar sua filha, não existe melhor lugar para ela do que ao lado da mãe. Se quiser mudar de vida, eu ajudo, converso com meu pai, tenho certeza que vai deixar que fique aqui até se organizar.

Ofereci de coração, ela fazia parte da família e iríamos proteger as duas até o fim. Ela pensou um pouco no que eu disse, minha proposta parecia tê-la comovido.

— Você foi uma das poucas pessoas que sempre se preocupou comigo desde que éramos pequenas. Sempre dando bronca, puxando minha orelha nas muitas coisas erradas que fiz, se tivesse a ouvido... tudo poderia ter sido tão diferente... eu estrago tudo por onde passo, principalmente a vida das pessoas. — Balançou a cabeça limpando as lágrimas que desciam em silêncio, olhando para a menina em meus braços com expressão de culpa.

— Não fala assim, prima, vamos fazer dar certo daqui para frente. Olha como a sua filha é amorosa, ela é o seu maior motivo para lutar. No seu lugar, eu faria qualquer coisa para fazê-la feliz pelo resto da vida. — Fiquei de pé e a

abraçei, nós três ficamos assim por um bom tempo.

— Por isso eu a trouxe para você, Júlia. Tenho certeza de que será a melhor mãe do mundo. Cuida bem dela para mim, desculpa! — Ligeiramente depositou um beijo no rosto da menina em meus braços e saiu correndo depois de depositar a certidão de nascimento na minha mão sem dizer mais nada, me deixando paralisada e em estado de choque.

Como assim, cuida bem dela para mim?

Horas se passaram e nem sinal da minha prima aparecer, tive que ligar para o meu trabalho e dizer que não poderia ir por motivos pessoais. Pedi algumas roupas de bebê emprestado a uma conhecida da minha rua que tinha uma criança da idade da Maria Lara. Dei um bom banho nela e comida. A florzinha estava faminta. Depois a coloquei para dormir. À noite, quando meu pai chegou em casa, trouxe a triste notícia de que Talita havia sido encontrada morta dentro de uma lata de lixo na favela da Rocinha.

Fiquei desesperada quando soube, meu pai foi fazer o reconhecimento no IML e voltou de lá horrorizado com o que vira. A avó dela não quis ir, na verdade, nem se abalou com a notícia. Ela foi morta a facadas, tantas que nem conseguiram contar ao certo. Mesmo sem poder, arcamos com todos os gastos do seu simples velório ao qual ninguém apareceu para se despedir. Somente eu, meu pai e meu irmão ficamos ao seu lado até o último minuto.

Dei graças a Deus que a bruxa da avó de Talita não quis ficar com Maria Lara, morava na rua de cima à nossa. Ao chegar ao seu conhecimento a existência da bisneta, mandou entregar para adoção, não quis nem olhar para a menina. Como, depois dela, nós éramos os seus parentes mais próximos, conversei com o meu pai e o Binho e eles disseram que onde comem três, comem quatro. A partir daquele dia, com apenas dezenove anos, me tornei mãe de Maria Lara, teria que abrir mão de muitas coisas por isso, mas não me arrependeria de nada.

Capítulo 1



Dias atuais

RICARDO

— Sofia! — Acordo de um pesadelo aos gritos como acontece todos os dias desde o sequestro da minha filha, não me dão uma noite de folga.

Meu corpo está todo molhado de suor como se tivesse acabado de sair do banho, rodeado de um emaranhado de lençóis brancos úmidos e amassados. Não aguento mais passar por essa tortura. Meu coração bate forte e a respiração está acelerada como se o ar estivesse preso dentro dos meus pulmões, me sufocando. Busco acalento observando a lua cheia iluminando o céu na noite fria, trazendo um feixe de luz branca sobre a cama e refletindo em meu rosto.

Mas o que me prende a atenção é o lençol de estrelas grandes e brilhantes que tomam conta do céu formando um caminho que vai em direção ao outro lado da cidade. Faz quase um ano que me mudei para o Rio de Janeiro, comprei essa casa por ser localizada em um condomínio, num ponto mais alto e discreto, possibilitando ter uma vista privilegiada do céu e ficar distante da loucura do centro. Os cariocas parecem não dormir nunca, e eu odeio bagunça. Se tem uma coisa que sempre prezei é a minha privacidade.

— Vem aqui, garoto! — Chamo meu cachorro, Adônis.

Ele sempre se esconde atrás da cortina vinho que cobre a porta que dá acesso à varanda do quarto, fica deitado com as patinhas cobrindo os olhos assustado com os meus gritos devido aos pesadelos. Ele também não aguenta mais ver meu sofrimento. Desde o dia que cheguei em casa sem Sofia, nunca mais foi o mesmo cão. Não latiu mais e só vive triste pelos cantos da casa. O levei a inúmeros veterinários, mas nenhum soube dizer o que ele tem.

— Eu assustei muito você, amigão? Me desculpa, não queria te assustar. — Depois de me observar um pouco, Adônis vem caminhando desconfiado até a cama e encosta a cabeça na beirada me encarando com os olhos tristes.

Ele é um labrador preto, enorme. Às vezes parece um humano de tão inteligente, devotado e amável que é. Sempre se deu bem com crianças, outros cães e animais de estimação. Tranquilo dentro de casa, sempre com muita

vontade de agradar a todos. Era louco por Sofia, ficava ao seu lado até mesmo quando dormia.

— O pesadelo já passou, garoto! — Forço um sorriso alisando seus pelos negros sedosos, ele balança o rabo fervorosamente como se estivesse correspondendo o sorriso da forma que pode e sobe na cama, deitando aos meus pés.

Levanto-me mesmo com o dia não tendo clareado direito ainda, deixo Adônis dormindo na cama e me arrasto até o banheiro aproveitando para tomar um banho demorado. Irei trabalhar mais cedo, foi até bom, pois teremos uma missão importante hoje.

Assim que me mudei para o Rio de Janeiro, prestei concurso para delegado da Polícia Civil daqui. Foi quando encontrei uma pista importante sobre o caso de Sofia. Na época do sequestro, foram meses e mais meses de procura e não encontramos nenhum sinal de onde ela poderia estar. Espalhamos panfletos com fotos dela por toda Santa Catarina, saiu até matéria no jornal local, mas não deu em nada! Alguns meses depois todo mundo já havia esquecido do caso dela. Menos eu.

Continuei procurando dia e noite, mas nunca obtive sucesso. Até muito tempo depois, de volta ao trabalho, prender, por acaso, um meliante tentando roubar um banco em Florianópolis. Durante a interrogação do mesmo, ele relatou que queria fazer um acordo comigo para amenizar sua pena. Logo fiquei em sinal de alerta. O que um bandido poderia ter de tão importante para dizer e que fosse do meu interesse? No momento não veio nada em minha mente, mas meu sexto sentido pediu para pagar para ver.

Meu coração parou de bater bem no meio do interrogatório, quando ele garantiu ter informações importantes sobre para onde a mulher que sequestrou minha filha, tinha ido. Uma mistura de euforia com medo me dominou. E se fosse mais uma das tantas pistas falsas que apareciam sempre? Mas dessa vez não era, eu podia sentir. A primeira coisa que revelou foi o nome da bandida: Talita Aparecida da Silva.

Minha maior inimiga.

Mandaram roubar minha filha por mera vingança, a mando do chefe de uma gangue barra pesada que preendi a um tempo atrás e que foi condenado a 120 anos de prisão sem direito à condicional. Nem me lembrava desse caso, e o desgraçado comandou tudo de dentro do presídio. A tal Talita ganhou uma grana

preta para roubar Sofia. As ordens eram que dessem um fim nela, só de me lembrar dele contando essa parte, meu sangue ferve. Porém, na última hora, a bandida não teve coragem de cometer algo tão cruel com uma bebê, só que isso não diminuía em nada o meu ódio por ela.

Depois de a tal Talita levar uma surra dos membros da gangue por não ter cumprido a sua parte no trato, em um momento de distração deles, conseguiu pegar Sofia e o cheque com o qual foi paga pelo sequestro e fugiu com a ajuda desse rapaz que acabei prendendo. Ela o seduziu. Foi ideia dele usar a certidão da filha dela que nasceu mais ou menos na mesma época que Sofia, porém não lembrava o nome todo da criança, apenas que começava com *Maria* e que tinha morrido pouco tempo depois de nascida. A diferença de idade, entre as duas, era de poucos meses, assim poderia viajar para qualquer lugar no mundo tranquilamente com uma bebê roubada sem levantar nenhuma suspeita. Para todos os efeitos, a filha era a dela. O meliante detido garantiu que a deixou dentro do ônibus que ia para o Rio de Janeiro, sentada na última cadeira segurando minha ruivinha dormindo nos braços.

Entrei em contato com a estação rodoviária para averiguar se alguém, na data que o rapaz indicou, comprou uma passagem no nome de Talita Aparecida da Silva. Eles confirmaram. Pedi as gravações das câmeras, então vi quando a maldita entrou no ônibus segurando minha filha toda enroladinha em uma mantilha rosa e uma bolsa velha debaixo do braço. Mesmo usando uma blusa larga com o capuz na cabeça escondendo os cabelos, eu reconheci, sem sombras de dúvidas, a mulher que destruiu minha vida. De fato, todas as informações eram verídicas. Cheguei a ficar emocionado, depois de anos era a primeira pista concreta que tinha encontrado do motivo do meu tormento.

Imediatamente me mudei para o Rio de Janeiro intencionado a ir atrás do rastro dessa bandida, prestando o concurso logo em seguida. Foi como andar para trás, mas eu precisava fazer isso para, em seguida, dar dois à frente. Assim que me mudei, contratei o melhor investigador particular do país, especialista em encontrar pessoas desaparecidas. Desde então, ele vinha trabalhando incansavelmente no caso de Sofia, mas, nessa cidade enorme, era como caçar uma agulha no palheiro. Para controlar minha ansiedade, foquei no trabalho, deixando o pessoal, da minha nova equipe, louco. Exigia perfeição na postura deles e os treinava como se fôssemos enfrentar a Terceira Guerra Mundial. Sou linha dura mesmo, conhecido na delegacia como “*carrasco*”, porém, cumprimos nosso dever com nenhuma missão malsucedida.

Hoje à noite teremos uma invasão silenciosa para desmontar uma boca de

fumo das grandes, montada pela gangue do Binladem, o maior traficante da atualidade e chefe do tráfico na favela da Rocinha. Ele está tentando aumentar os negócios dominando o Morro do Alemão que já foi pacificado há muitos anos e, se depender de mim, continuará assim. Não posso admitir que induza criancinhas a trabalharem para ele como aviãozinho, entregando drogas para os clientes — muitos desses são jovens de famílias tradicionais do Rio de Janeiro — em troca de comida, roupa nova ou até mesmo algum brinquedo.

Isso me deixa extremamente irritado, crianças são seres inocentes que devem ser cuidadas e amadas por nós adultos. Essa situação me faz pensar em Sofia, será que tinha passado fome algum dia, frio, ao menos é amada? Porque, por mais cruel que fosse a pessoa que a roubou, cedo ou tarde acabaria caindo no charme da minha filha, ninguém resistia ao seu sorriso travesso, assim como eu. Ela poderia conseguir de mim o que quisesse com ele.

Sorrio...

Desligo o chuveiro, enrolo em volta da cintura uma toalha azul que havia deixado pendurada no box, e caminho com os pés descalços deixando um rastro d'água até o guarda-roupa. Me visto com a roupa de trabalho e, antes de sair, dou uma última olhada em Adônis que ainda permanece dormindo tranquilamente aos pés da minha cama. Certifico-me de que tenha ração e água o suficiente para ele durante o dia, para, enfim, ir para a delegacia.

Passei o dia todo repassando com a minha equipe o plano da invasão silenciosa no Morro do Alemão. Esperamos escurecer e estamos entrando a pé, camuflados, de roupa toda preta e touca que cobre todo o rosto, e muito bem armados. Ordeno que os meus homens se espalhem pelo local e prosseguimos com a comunicação através de uma escuta no ouvido. Para falar a verdade, estamos parecendo mais com bandidos do que policiais, mas a minha ideia era essa mesmo. Se por acaso sejamos vistos, pensarão que somos um deles. Todos os meus homens se espalharam e já estão em suas posições.

Andando sozinho, logo à frente, me escondo em um beco apertado onde dá para ver perfeitamente bandidos vendendo drogas. No total são oito, todos muito bem armados. Assim que me preparo para agir, escuto alguém subindo as escadas cantarolando uma música estranha. A pessoa não percebe que os traficantes estão em seu caminho, vem tão distraída que não vê que pode ser morta por um deles a qualquer momento. Pela voz doce e suave posso constatar que se trata de uma mulher. Sem pensar duas vezes, a pego de surpresa, puxando-a com força pela cintura para dentro do beco. Assim que seu olhar se

encontra com o meu, uma energia corre por todo meu corpo.

Putá que pariu! Que olhos são esses? Parece ter o brilho de todas as estrelas juntas.

Uma mulher de parar o trânsito, linda e com a postura confiante. Seus cabelos são ondulados, pouco abaixo do meio das costas. A pele é de um tom perfeito de chocolate, não usa maquiagem no momento, e nem precisa, é naturalmente linda. Traja uma bermuda jeans curta deixando à mostra as belas pernas. *Curta demais!* E camiseta branca, larga.

Tem que estar sem sutiã com os seios enormes balançando livremente? Ela só pode estar de brincadeira comigo, porra!

Presos em um beco apertado, os nossos corpos tão próximos. Isso não vai prestar. O cheiro dela está me deixando completamente desorientado. Uma mistura gostosa de flores frescas e rosas vermelhas, para ser mais exato. Como uma mulher desconhecida pode estar mexendo tanto comigo em menos de cinco minutos? Acho que qualquer homem no meu lugar ficaria mexido, não pode ser normal uma mulher ter um corpo com tantas curvas dessa forma, não mesmo.

O lugar é muito apertado para nós dois. Tenho 1,92m de altura e um corpo com o físico avantajado e ela não é baixa, ficamos um de frente para o outro, tão unidos que parecemos um só. Uma das minhas mãos ainda está localizada na sua cintura e a outra tive que usar para tapar a sua boca para que não gritasse. E a louca me morde, com força.

— Quem você pensa que é para colocar essas mãos sujas em mim dessa forma? — Ergue a cabeça tomando uma postura confiante, além de linda, é corajosa, ainda mais ao enfrentar um homem do meu tamanho.

Tento não encarar demais os seus lábios grossos e tentadores, um feixe da luz do poste reflete em seus olhos castanhos escuros dando a impressão de serem mais claros do que realmente são. Aceno na direção dos bandidos para que entenda a minha atitude, mesmo assim ela ainda se mantém de cara feia e os braços cruzados como se eu fosse o inimigo.

Diabo de mulher desconfiada e teimosa!

— Relaxa, moça! Não vou te machucar. — Uma linha dura aparece entre suas sobrancelhas e ela semicerra os olhos, desconfiada. — Eu sou o mocinho nessa história, se quisesse te fazer mal já teria feito há muito tempo, não acha? — A abusada se inclina para trás recostando na parede atrás de si, me olhando de

cima a baixo com total desdém.

Atrevida!

— Ha... Ha... é para rir agora ou depois, grandão? — Sua boca se curva num sorriso presunçoso.

Estou prestes a gritar com ela, perdendo a cabeça de vez — coisa muito difícil de acontecer com mulheres —, quando ouço vozes se aproximando do lugar onde estamos. Ajo movido pelo impulso e, novamente, encaixo o meu braço perfeitamente em volta da sua cintura, como se fosse feita especialmente para isso. A puxo para um canto mais fundo do beco, ela não pode ver meu rosto por causa da touca, mas meus olhos não deixam os seus em nenhum instante.

Começamos a ficar ofegantes nesse lugar apertado, é muita atração no ar. Sim! Ela está sentindo o mesmo que eu. É uma coisa estranha, incontrollável, algo quase palpável, nunca senti nada parecido antes. Alguns cachos caem sobre o seu rosto e, sem perceber, tiro com carinho cada um deles e os coloco atrás da orelha. Não resisto e levo a mão até seu rosto, ela tem a pele macia e cheirosa. Sua respiração começa a falhar e a temperatura do seu corpo aumenta para muito quente, quase pegando fogo. Posso ouvir seu coração batendo forte, assim como o meu.

Não sei ao certo quanto tempo ficamos nos encarando, mas a única certeza que tenho é de que esse lugar está ficando demasiadamente pequeno para nós. Me afasto dela do jeito que dá ao sentir os músculos do seu corpo ficarem tensos, começando a se assustar com essa situação peculiar.

— Não tenha medo, moça! Eu nunca machucarei você de forma alguma, eu prometo! — A expressão tensa do seu rosto se suaviza, escorregando um sorriso sem que ela percebesse.

Dessa vez, sincero. Único.

— Medo, eu, moço? É mais fácil você ter medo de mim. Não pensaria duas vezes em te machucar caso fizesse me sentir ameaçada um segundo que fosse — ameaça descaradamente, fria e hostil.

Bancando a *Marrenta* do Morro do Alemão.

— Olha aqui, sua atrevida, você faz ideia de quem está ameaçando? Eu poderia te prender agora mesmo por desacato à autoridade e... — A mal-educada nem espera que eu termine a frase direito, já vai logo me cortando. Joga o cabelo para o lado, exibindo o seu poder de sedução.

E dá certo.

— Olha aqui, meu bem, por mim você poderia ser até o príncipe da Inglaterra, que daria no mesmo. Fique sabendo que a vantagem de crescer num lugar igual a esse... — Gesticula as mãos abertas no ar formando um círculo de dentro para fora, segura do que diz. — É que, desde pequena, a gente aprende a se virar sozinha. Na história da vida de pessoas como eu, não existem mocinhos, nós mesmos somos os heróis. — Lança um olhar sensual em minha direção, se quer de fato exhibir o seu poder de sedução ou não com isso, eu não sei, mas consegue com louvor.

— Não vá, Marrenta! Pode ser perigoso. — Mais uma vez aponto para o grupo de bandidos armados mais à frente para ver se a faço mudar de ideia, mas ela se faz de rogada como se estivesse acostumada a ver aquele tipo de coisa. Apenas dá de ombros jogando o cabelo para o lado. Essa jogada de cabelo... — Me diz onde é a sua casa e eu mesmo te escoltarei até lá. — Mesmo assim ofereço, realmente estou preocupado com a sua segurança.

— Até qualquer dia desses, Grandão!

Diz antes de sumir em uma entrada à esquerda em um dos vários corredores apertados que têm no morro. Permaneço paralisado, tentando entender o que acabou de acontecer aqui. Me senti vivo depois de muitos anos vivendo morto por dentro. Sorrio balançando a cabeça pensando que é uma pena o fato de que eu, provavelmente, nunca mais a veria, a Marrenta de nariz empinado do Morro do Alemão.

Reencontrá-la seria algo interessante...

Capítulo 2



JÚLIA

Chego a casa, mal-humorada. Bato o portão e quase quebro a chave ao enfiá-la na fechadura da porta, levo pelo menos cinco minutos para conseguir abrir. Entro pisando duro indo em direção à cozinha. *Quem aquele idiota pensava que era para segurar minha cintura de forma tão possessiva?* Só não meti a mão na cara dele porque estava armado. Sou louca, mas nem tanto. Nunca precisei de homem nenhum para me defender dos perigos daqui do morro e nem da vida. Se queria bancar o herói comigo para me impressionar, tinha quebrado a cara.

Bem feito, metido a *Super Man*!

Mas tenho que confessar, ele tinha os olhos mais lindos que já vi na vida, misteriosos e penetrantes. Em um tom azul escuro, que me fascinou. Aliás, seu olhar me pareceu bastante familiar, só não me vem à cabeça agora de onde. Fico imaginando como seria o seu rosto sem aquela toca preta cobrindo-o por completo, deve ser atraente assim como o tom da sua voz. E que físico era aquele? Senhor! Tinha quase dois metros de altura, braços fortes com movimentos firmes e seguros do que estava fazendo. Sua postura superior exalava poder, confiança.

Pare com isso Júlia, se recomponha.

Até porque os homens, para mim, só servem para sexo sem compromisso. Já tive provas na vida, o suficiente, de que não nasci para essa baboseira de amor eterno de contos de fadas onde tudo é bonito e as pessoas começam a cantarolar de uma hora para outra, muito menos em *“felizes para sempre”*. Não tive uma boa experiência com meu primeiro e único namorado, Vitor, eu tinha apenas 17 anos e namorávamos há um ano e meio. Entreguei minha virgindade a ele, maior erro da minha vida. Um belo dia, quando a idiota aqui foi perguntar quantos filhos gostaria de ter quando nos casássemos, ele disse para descartar essa possibilidade, pois nunca que ia ser pai, principalmente de um filho meu. Fiquei de queixo caído com sua revelação. Nervosa o obriguei que me dissesse o porquê. Então recebi a seguinte resposta:

“Sempre invento desculpas para não te apresentar para a minha família e

amigos porque tenho vergonha de dizer que tenho uma namorada favelada. Você é até bonita e bem gostosinha na cama, mas o fato de ser negra desvaloriza bastante a sua moral. Os meus pais nunca aceitariam um neto mestiço, eu não quero ter um filho mulatinho. ”

Lembro que isso acabou comigo na época, terminei tudo com ele na mesma hora. Foi a maior humilhação da minha vida. Ele não aceitou muito bem o fim do namoro e me empurrou no chão com tudo, quebrando meu coração de vez. A partir dali, fiquei marcada de maneira que jurei para mim mesma nunca mais me apaixonar por ninguém. Desde então, sigo o lema “*pegar sem me apegar*”, apenas para suprir meu desejo sexual. Não sou nenhuma piriguete, mas também não levo jeito para santa.

Nunca sonhei em casar mesmo, somente em ser *mãe*.

E a realização do meu sonho está em carne e osso, entrando correndo na cozinha nesse exato momento, com o rostinho cheio de sardas e cabelos ruivos longos voando como uma chama de fogo.

— Mamãe, que saudade! — A pequena pula no meu colo como faz toda vez que me vê chegar. É o meu anjinho levado.

Depois que a minha princesa chegou em minha vida tive que tomar a difícil decisão de trancar a minha faculdade de Direito até que ela estivesse um pouco maiorzinha. Se fosse por qualquer outro motivo que não fosse cuidar da minha filha, acho que teria ficado depressiva por ter que parar com os estudos. Criar um bebê não é barato. Tive que arrumar mais um emprego para ajudar nas despesas. Me esforço sempre para dar o melhor para Maria Lara e, enquanto eu viver, ela vem em primeiro lugar, sempre. Graças a Deus consegui voltar a estudar um ano depois e daqui a alguns meses me formo em Direito. Atualmente, faço estágio no Fórum trabalhando ao lado da equipe do grande Juiz Thompson, um dos homens mais poderosos e respeitados do país, conhecido por julgar casos polêmicos de forma justa e honesta. Eu o admiro muito, ele prometeu me dar uma ótima carta de recomendação quando me formar.

Vai ter advogada negra favelada, sim! E se reclamar, viro promotora um dia também.

Meu pai e irmão ajudaram muito na criação da Maria Lara, principalmente me apoiando quando disse que iria procurar a justiça para conseguir a guarda dela. Não foi difícil graças à certidão de nascimento que Talita deixou conosco. Pelo menos pensou nisso antes de abandonar a menina, mas acredito que fez isso

para salvar a filha. A avó dela assinou os papéis abrindo mão dos direitos da bisneta, como não havia mais parentes além de nós querendo ficar com a criança, deu tudo certo.

— Isso tudo é saudade da mamãe, filha? — Seus bracinhos apertam em volta do meu pescoço com força, o que ela tem de levada tem o dobro de amorosa.

— Muitãoooooooo — grita animada.

— Eu também, filha, o tempo demora a passar quando estou longe de você. — Deposito um beijo na pontinha do seu nariz e ela ri. — Então, Maricota, conta para mamãe, como foi seu dia? — Ajeito a saia do seu vestido que está toda torta.

— O tio Binho me deixou maquiá-lo, tem que ver como ficou bonito — se gaba toda orgulhosa do seu feito.

Tenho que engolir o riso quando vejo o meu irmão chegando à cozinha, abrindo a geladeira e pegando uma jarra de suco com a cara toda lambuzada de maquiagem cor de rosa e cheio de purpurina.

As meninas do morro morrem por causa do meu irmão, além de lindo, é honesto e trabalhador. Nasceu negro dos olhos verdes, que herdou do nosso avô materno que tinha descendência estrangeira, é alto com porte de atleta. Tenho muito orgulho do homem que se tornou, não faz o tipo “bad boy” como a maioria dos rapazes aqui do Alemão que são da sua idade. Tudo o que conquistou foi de forma honesta, comprou uma moto novinha apenas economizando o salário que recebe como garçom em um restaurante italiano. Sempre achei lindo o amor incondicional que tem pela sobrinha, os dois parecem duas crianças brincando no mundo mágico que eles próprios criaram.

Onde ela é uma princesa encantada e ele o cavaleiro valente responsável pela sua segurança dos monstros.

— Eu escutei meu nome aqui, senhoritas? — Se inclina para beijar meu rosto e o da sobrinha, nos sujando de purpurina propositalmente.

Quase choro de rir quando vejo que usa duas laranjas no lugar dos seios. Binho encarna mesmo o papel.

— Ele não ficou lindo, mamãe? — O seu tom é de pura inocência, seus olhos brilham ao admirar a “obra de arte” que fez no rosto do tio.

— Lindo é pouco, meu amor, você deixou seu tio um arraso! Adorei a tiara

vermelha no cabelo, combina com o tom da pele dele.

— Também achei que ficou lindo, mamãe — diz muito séria, como se realmente entendesse sobre o assunto em questão.

— Esse vestido amarelo que está usando por acaso não é meu, Binho?

— É sim, mana, ficou melhor em mim do que em você. — Rodopia jogando o cabelo imaginário para o lado, Maria se diverte muito com as palhaçadas do tio.

Ele a pega do meu colo e fica jogando-a para cima feito uma boneca de pano, os dois riem compulsivamente.

— Pelo amor de Deus, Fábio, tire o vestido da sua irmã e coloque a minha neta no chão. Isso é perigoso, filho, ela pode cair e quebrar uma perna ou braço. Deus me livre, não gosto nem de pensar nisso com a minha menina.

Meu pai chega do trabalho, dramático como sempre. Para na porta com os braços cruzados sobre o peito, o macacão do uniforme de trabalho todo sujo de cimento. Mal posso esperar para me formar na faculdade e abrir meu próprio escritório um dia, meu sonho é comprar para ele uma casa confortável em um bairro tranquilo.

Pode até demorar, mas vou conseguir. Tenho fé nisso.

— Não se preocupe, pai, o senhor esqueceu que ele faz isso com ela desde que aprendeu a andar? — Reviro os olhos indo até ele para o abraçar, eu o amo muito.

Nossa família tem disso, de não só dizer sempre o amor que um sente pelo outro, como demonstrar a todo momento.

— Vovô, o senhor chegou do trabalho! Obaaa!!! — Berra Maria descendo do colo do tio e pulando no pescoço do avô. É sempre assim, vive no colo de um ou do outro. Não sei como não cresceu uma criança birrenta, porque falta de mimo não foi.

— Foi você que deixou o rosto do seu tio assim? — Afaga os cabelos da neta presos em um rabo de cavalo torto puxando para um lado e vários fios soltos, deixando-os mais bagunçados do que já estão.

— Brinquei de “esquadrão da moda”, vovô, dei outro visual para ele, o senhor gostou? — Meu pai desliza os olhos na direção do Fábio dentro do meu vestido amarelo curto colante, fazendo pose de mulher mordendo o dedo

sensualmente.

Eitaa, que o meu irmão não presta!

— Acho que você conseguiu revelar o verdadeiro lado que o seu tio escondia, confesso que gostei mais dessa nova versão.

Meu pai presta menos ainda!

Tira onda com a cara do Binho, aí é a minha vez de rir da expressão de horrorizado que ele faz pensando que nosso pai falou sério.

— O que você trouxe para mim hoje, vôzinho? — Dá um sorrisinho travesso, sabe que o avô nunca chega em casa sem um mimo para ela.

— Deixa o vovô ver aqui, Maria. — Ele tira um pirulito colorido do bolso, fingindo ser um truque de mágica. — Mas é para depois do jantar, combinado? — Assente para ele.

— Obrigada, vovô, eu te amo. — Abraça o pescoço dele enquanto segura o seu presente com cuidado.

— Quem aqui está com fome? — Abro o armário pegando um pacote de macarrão, pretendendo fazê-lo com molho de tomate e queijo.

— Euuuuuu. — Maria levanta a mãozinha, balançando fervorosamente.

Nesse ritmo descontraído, nós quatro fizemos a maior farra enquanto preparávamos o jantar, eram tantas brincadeiras e risadas que, sem perceber, me deparei encostada no balcão da pia, paralisada, olhando para eles. Vi aquela imagem perfeita como se estivesse em câmera lenta, pensando em como minha família era linda e feliz. Meu pai dançava com a neta no colo uma música dos anos oitenta que estava tocando no seu velho radinho de pilha sobre a prateleira, Binho agarrou o cabo da vassoura fingindo ser sua parceira de dança.

Eles riam alto, tão felizes.

Tínhamos tantas dificuldades e mesmo assim estávamos sempre sorrindo e ajudando um ao outro. Lembro do dia em que apareceu um catador de papel aqui na minha rua e todos começaram a tratar mal o homem, pensando que era um bandido querendo roubar suas casas. O coitado só estava sujo e com muita fome. Dei a ele o que comer e vestir, depois virou até rotina. Sempre que passava por aqui, vinha me ver. Achei curioso que ele falava tão bem e era tão educado que nem parecia um mendigo. Já faz alguns dias que não o vejo por essas bandas, fico muito preocupada pensando por onde o senhor Augusto possa ter se enfiado.

Acabamos virando grandes amigos, temo que algo de ruim possa ter lhe acontecido.

No meio do jantar ficamos assustados ao ouvir barulhos de tiros, mas depois silenciou tudo. Mesmo assim, apagamos todas as luzes e depois de um banho rápido vamos todos dormir porque o dia amanhã será grande. Terei que trabalhar até mais tarde a pedido do Juiz Thompson, só Deus sabe a que horas sairei daquele Fórum.

Minha rotina de todos os dias é a seguinte: acordo bem cedo para fazer o café da manhã e arrumar minha filha para escola, como fica na metade do caminho do Fórum onde trabalho, a deixo praticamente dentro da sala de aula todos os dias. Sempre me despeço de Maria com um abraço bem forte e deposito um beijo no seu lindo rosto cheio de pequenas sardas e fico olhando-a dando “tchau” até o último segundo. Tem uma senhora que a busca na escola e fica com ela até eu sair do trabalho, tenho que subir um monte de escadas para cortar caminho e chegar em casa mais rápido.

Tomo um banho na velocidade da luz e vou para faculdade, minha filha fica bem em casa aos cuidados do avô e do tio babão. Quando chego, ela já está dormindo, dividimos a mesma cama, nossa casa é bem pequena. Eu acho isso maravilhoso, posso dormir agarradinha com a minha bebê. Durante a semana não tenho como dar muita atenção à Maria, mas no final de semana cada segundo do meu tempo é seu.

Assim como todo meu amor. Ela é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Capítulo 3



RICARDO

Não aguento mais preencher relatórios dos meliantes que apreendemos durante a invasão do Morro do Alemão. A mesa da minha sala na delegacia está lotada de pilhas de folhas. Essa é a pior parte de ser delegado Civil, a bendita da burocracia. Não faz muito tempo que tomei posse da minha vaga no Rio de Janeiro, na verdade, faz poucos meses e já peguei bem o ritmo.

Gostava do antigo lugar onde trabalhava em Floripa, as coisas eram mais calmas no trabalho, sem tanta violência como aqui no Rio. O que mais sinto falta de lá é da minha mãe. A dona Célia é uma cozinheira de mão cheia, a pessoa mais amorosa que conheço e me tratava como se ainda fosse uma criança. Ela tem sido a minha base desde a morte da minha esposa e o sumiço da minha filha. Assim que as coisas se acalmarem tenho planos de trazê-la para morar aqui comigo. Ela sofreu muito na mão do meu pai, e eu, também.

Venho de uma família tradicional do interior mato-grossense, fui criado de uma forma muito severa pelo meu pai. Cresci vivendo em um verdadeiro regime militar, sendo por inúmeras vezes humilhado e espancado cruelmente por ele, assim como meu avô, era Coronel do Exército Brasileiro. Minha mãe se separou dele por não aguentar mais me ver sofrendo em suas mãos. Ela sempre se preocupou comigo, então nos mudamos para Florianópolis e nunca mais vimos aquele monstro.

Me tornei um jovem rebelde, mas virei outra pessoa depois que conheci Andréia no colégio. Foi amor à primeira vista, quando vi aquela garota tímida de cabelos ruivos, me apaixonei na hora. Começamos a namorar e ficamos juntos até que a morte nos separou. Ela entendia o meu jeito sistemático. Agora somos só eu e a minha mãe novamente. Depois que vim para o Rio, me liga a cada meia hora para saber como estou. Falando nela... o meu celular começa a tocar com a foto do seu lindo rostinho gordo com as bochechas rosadas aparecendo na tela.

— Fala, mãe!

— Estou ligando para avisar que a mamãe já chegou na sua casa, meu amor.

— Como assim, mãe? A senhora está aqui no Rio? Por que não disse que

viria? Eu iria te buscar no aeroporto, sua teimosa! — Zango-me com ela, mas estou feliz porque terei a sua companhia por uns dias em casa.

— Porque não sou nenhuma inválida que não consegue nem pegar um táxi sozinha para visitar o meu filhote. Não vai cumprimentar a sua mãe direito? Ou dizer se estava com saudades minhas? Nem sequer perguntou como a minha irmã está, ela pergunta por você todos os dias. Sabia que ela e a sua prima vão se mudar para o Rio e abrir uma loja de roupas? — Encosto na cadeira respirando fundo, ouvindo-a tagarelar sem parar. Dona Célia quando começa a falar, não para mais. E se eu a interromper, será uma hora só para chamar a minha atenção por conta disso como se eu fosse um menino malcriado.

— Mãe, realmente eu não estou com tempo agora para drama, tenho um monte de relatórios chatos para preencher.

— Ricardo, eu estou esperando! — Resmunga.

— Boa tarde! Senti saudades, mãe. E minha tia, como está? — Falo revirando os olhos sem um pinga de paciência com ela.

Falo com a minha tia e a prima toda semana por e-mail, nunca as deixaria sem notícias minhas, sei o quanto se preocupam comigo. Mas isso de elas estarem se mudando para o Rio de Janeiro é novidade para mim, mas é bom saber que terei gente da família por perto.

— Boa tarde, querido! Também senti saudades de você, e sua tia está ótima!

— Tem mais alguma coisa para falar, dona Célia? Se não, nos vemos em casa mais tarde.

Tento cortar o assunto, senão duas horas será pouco.

— Eu vi com os seus vizinhos o contato de uma moça para te ajudar com o serviço de casa porque está uma bagunça as coisas por aqui, você já foi mais organizado, filho. Já estou de idade e não tenho condições de dar conta dessa imundície, ela começará amanhã mesmo.

— O que a senhora decidir, para mim está ótimo! Agora, tchau, mãe!

— Tchau, filho, mamãe te ama. — Reviro os olhos novamente.

— Também te amo, mãe. — Sorrio.

A minha mãe parece um desses personagens engraçados de desenho animado. Não importa o quanto alguém estiver triste, é só conversar com ela por poucos minutos que nem lembramos mais o motivo da tristeza. Só me preocupo

com uma coisa, ela é boa demais. A bondade quando não dosada pode atrair pessoas perigosas para a nossa vida. Temos que estar sempre de olhos abertos, ninguém vem com a estrela da bondade colada na testa.

Quando começo a me concentrar no trabalho novamente, o meu celular toca, atendo sem olhar pensando ser Dona Célia novamente para reclamar de mais alguma coisa errada que encontrou na minha casa. Será assim o resto do dia, a bagunça lá em casa realmente está feia. Mas não é minha mãe, se trata de uma ligação que espero já faz muito tempo.

— Bom dia, quem fala é o investigador Augusto. Podemos nos encontrar mais tarde no hotel onde estou hospedado? Mandarei o endereço por mensagem, por favor, não atrase.

— Estarei lá. — É a única coisa que consigo dizer, o meu cérebro não consegue raciocinar direito.

— Até mais tarde então, Delegado. — Dá breve suspiro.

— O senhor não pode me adiantar nada? — Praticamente suplico, as mãos trêmulas segurando o celular.

— Tenho novidades sobre o caso da sua filha, mas prefiro lhe dizer pessoalmente. Tchau. — Desliga na minha cara. Não adianta, terei que esperar.

— Está tudo bem com o senhor, Delegado? Parece preocupado.

Estou tão atordoado que não percebi quando o investigador Barreto Freitas entrou na minha sala, um dos homens em que mais confio na minha equipe. Rapaz esforçado e maduro demais para sua idade, com certeza vai longe dentro da corporação.

Ele faz o tipo “bom samaritano”, tem caráter e bom coração. É moreno, estatura mediana e olhos castanhos. O porte físico não é dos melhores, mas pensa rápido e é ágil em manobrar uma arma.

— Não se preocupe, Barreto, são apenas alguns problemas pessoais que espero resolver ainda hoje.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo, Delegado. — Sorri com tanta confiança que até eu acredito que dará. Ele é esperançoso com tudo, inclusive na melhoria dos piores criminosos que passam pela delegacia.

— Esse é o problema, Barreto. Depois de anos rezando para que tudo desse certo, agora que está dando não sei se estou preparado para enfrentar o que está

por vir.

Barreto coça a testa não fazendo a mínima ideia do que eu estou falando, mas não diz nada.

— De todo modo, desejo boa sorte. Principalmente discernimento nas suas decisões, coloque Deus na frente que não tem erro. — Balança a cabeça em sinal de aviso de saída, me deixando sozinho com meus pensamentos novamente.

A volta da minha filha para a minha vida é meu maior sonho, porém, não posso simplesmente fechar os olhos para os quase seis anos que se passaram. Ela não me reconheceria mais como seu pai e reconquistá-la será muito difícil. Mas eu serei paciente com a minha ruivinha, afinal, é o meu amor por ela que me mantém vivo.



Algumas horas mais tarde

Já estou sentado em frente ao investigador Augusto em uma cadeira de couro preta, em total agonia, e o coração na mão para ouvir quais são as tais informações importantes que o mesmo descobriu sobre o caso da minha filha. Ele é um senhor já na terceira idade, seus cabelos grisalhos deixam em evidência a experiência que tem atuando nessa profissão. A pele do seu rosto é enrugada e os olhos castanhos fundos rodeados por olheiras escuras como se não dormisse bem há dias, a barba ainda mais farta que a minha, cobre a maior parte do sorriso que raramente oferece para alguém fora do seu meio social. Seu corpo curvado se esconde debaixo de um casaco preto enorme, estilo Sherlock Holmes.

— Então, senhor Augusto, diga logo o que descobriu sobre o caso da minha filha! — O meu pé direito bate compulsivamente no chão como um tique nervoso, gotículas de suor deslizam pelo meu rosto mesmo com o ar condicionado ligado no máximo.

— Bom, Delegado, depois de tanto tempo trabalhando nesse caso, enfim consegui desvendá-lo. Porém, sinto em dizer que tenho duas notícias para lhe dar. Uma boa, outra que para o senhor talvez não seja tão boa assim. Então, qual vai querer ouvir primeiro? — Minha respiração falha, seu tom sério não me agrada nem um pouco.

Meu Deus! Que agonia terrível, tudo o que eu quero é poder ser um bom pai para minha filha, será que é pedir muito?

— A boa, é claro, mas diga logo e sem rodeios, por favor! — Respiro fundo remexendo na cadeira, incomodado.

— Achei a sua filha!

Revela de uma vez só sem nem ao menos me preparar antes para o choque. Espero há tanto por esse momento que, quando acontece, não sei o que fazer. Minha vontade é de sair gritando para todo mundo o quanto estou feliz, terei a minha ruivinha nos braços novamente. Sinto o chão amolecer debaixo dos pés, um nó se formando na minha garganta. Mas sou obrigado a me recompor. Como ele tem tanta certeza de que a tal menina que achou é de fato a Sofia? Preciso de fatos, se tratando desse assunto sou igual a São Tomé.

Só acredito vendo.

— Como tem tanta certeza de que é Sofia, investigador? E por favor, me diga que ela está viva! — A resposta dessas duas perguntas são, agora, o meu maior medo, porque, de hoje em diante, a morte será a única coisa que poderá me separar da minha filha.

Assim como foi com sua mãe.

— Tenho várias provas consistentes de que é, quanto a isso não se preocupe. Pode comemorar, consegui um fio de cabelo da menina e mandei para o laboratório junto com um seu que peguei escondido no nosso último encontro para usar quando fosse preciso. Desculpe a minha indelicadeza, Delegado. Fizeram o exame de DNA, então posso afirmar com 99,9999 % de certeza que a filha é sua, sim, e a prova disso está aqui — aponta para uma folha sobre a mesa de canto à nossa frente, se trata do tal exame confirmando suas palavras, escrito bem grande:

PATERNIDADE COMPROVADA.

É então que entro em estado de choque de vez, levanto e ando desnortado pelo quarto com as duas mãos na cabeça. Esse lugar apertado está me deixando louco. A decoração do quarto é tão séria quanto a aparência do investigador Augusto, móveis antigos de madeira e um cheiro forte de naftalina que fazem minhas narinas arderem. Cortinas grandes e grossas cobrem quase que por completo a claridade que vem de fora através das janelas, o fato das luzes estarem apagadas aumenta ainda mais a minha agonia.

Sem pensar muito corro em direção à janela e abro as cortinas em um golpe só, faço o mesmo com a janela panorâmica que vai do chão ao teto com vista

para o Cristo Redentor. Preciso respirar ar puro, é isso ou morrerei sufocado de tanta emoção antes de reencontrar com minha filha.

— Muito obrigado, investigador Augusto, por favor, me diga logo onde a minha filha está? — Aos poucos, minha respiração vai se normalizando, os meus olhos estão fechados sentindo a brisa do vento tocar meu rosto.

— Aí é que está a má notícia, meu caro amigo! O nome dela agora é Maria Lara, cresceu e mora com a “mãe” no Morro do Alemão. — Estremeço trincando os dentes, gotículas de suor brotam na minha pele.

Ele bate a mão no meu ombro em uma tentativa falha de transmitir um pouco de conforto. Impossível! Todos os meus músculos estão contraídos de nervoso.

Ódio, mesmo.

O observo ir calmamente até a cômoda e tirar um charuto cubano de dentro da segunda gaveta. Ele o coloca no canto da boca e o segura com os dentes, coça a cabeça evitando olhar para mim e ver o pavor que sua revelação me causou. *Que porra de história de mãe é essa?*

— Como assim, investigador Augusto? A mãe da minha Sofia está morta, morreu dando à luz a ela.

— Acalme-se, Delegado. As coisas são mais complicadas do que parecem, mas agora que a menina foi encontrada, o resto vai se resolvendo com o tempo. — Acende o charuto com um isqueiro prateado que tirou do bolso de dentro do casaco, joga no ar e o guarda novamente.

— Calma? Como pode me pedir calma se acabou de dizer que a minha filha foi criada por estranhos em um lugar perigoso como o Morro do Alemão? Por uma mulher que a engana dizendo ser sua mãe, com certeza a mesma bandida que a roubou de mim. — Minha felicidade se transforma em raiva em questão de segundos, essa mulher está com seus dias livres contados. Vou acabar com a vida dela, vou fazê-la sofrer em dobro tudo o que me fez passar.

Eu olho para os lados, mas não consigo distinguir nada, minha vista fica turva.

— Exatamente, essa estranha que está dizendo é a mãe, Júlia Helena. Também tem o avô Joaquim e o tio Binho que seriam capazes de fazer qualquer coisa pela menina. É óbvio que a amam, isso pode ter certeza. E a menina ama a família que tem, dá para ver pelo carinho que tem por eles — explica com uma

calma que me irrita profundamente. Dá uma tragada generosa no charuto soltando a fumaça em formatos redondos que aumentam conforme vão subindo até sumir no ar.

— Que família, porra? Não passam de uma gangue de sequestradores que roubaram de mim tantos anos ao lado da minha filha. Pelo amor de Deus, diga que isso é alguma pegadinha. Não posso acreditar que essa bandida criou a minha filha fazendo-a acreditar que era a sua mãe, vou prendê-la por sequestro. — O encaro com o maxilar travado, segurando no colarinho do seu casaco.

A essa altura, eu não falo, são só gritos desesperados.

— Eu também gostaria que fosse um engano, senhor Avilar, por isso fiz questão de conhecer a menina pessoalmente. Não pense que foi fácil para mim morar no Morro do Alemão durante um mês disfarçado de mendigo, porque não foi. — A sua face se torna dura, e eu o solto na mesma hora, afinal, ele foi o homem que me devolveu a vida ao encontrar minha filha.

— Como assim, disfarçado de mendigo? — Me sento novamente, interessado em ouvir mais sobre seus métodos para resolver o caso, até meus ânimos se acalmam um pouco. Só um pouco.

Preciso guardar todo meu ódio para a pessoa certa.

— Depois de achar indícios de uma suposta avó da sequestradora da sua filha, fui direto em seu rastro no Morro do Alemão, não podia chegar lá de cara limpa fazendo um monte de perguntas sobre a tal Talita. Tinha que me misturar no meio deles para que confiassem em mim. Mas, para a minha decepção, a velha morreu de infarto no ano passado. Interrogando seus vizinhos discretamente, é claro, eles me relataram que a neta dela havia sido assassinada friamente e o corpo deixado dentro de uma lata de lixo. — Quanto mais escuto dessa história, mais enojado fico. Acho que se essa Talita não estivesse morta eu mesmo a mataria. Viva ou morta, nunca irei perdoá-la pelo que fez.

— E como que essa tal de Júlia entrou na história? Melhor dizendo, como minha filha foi parar nas mãos dela? — Debruço sobre a mesa afastando o cinzeiro para o lado mais interessado do que deveria em saber sobre essa mulher. O investigador sorri entre uma tragada e outra, acho que percebeu isso também.

— As duas são primas. Algumas horas antes de morrer, Talita passou na casa de Júlia afirmando que a menina era sua filha, para comprovar suas palavras apresentou a certidão de nascimento de Maria Lara da Silva, a filha dela que morreu. Ou seja, usou o mesmo truque para enganar o motorista do ônibus para

viajar tranquilamente até o Rio de Janeiro. — Isso explica muita coisa, ela era mais esperta do que pensei.

Ele pega outro charuto cubano não sei por que já que o outro não chegou nem na metade ainda. Acho que está fazendo esse ritual todo para me distrair, percebeu a facilidade que tenho de perder minha paciência com esse assunto do sequestro.

— Como essa Júlia conseguiu criar minha filha com a certidão de uma criança morta por tanto tempo sem ser descoberta? Isso é falsidade ideológica, crime gravíssimo. É impossível que Sofia nunca tenha sido levada a um médico, ou ainda não começou a ir para a escola. Entre tantas outras situações que precisam desse documento, isso não faz sentido. — Das duas, uma, ou essa Júlia tem muito poder para encobrir toda essa farsa, ou muita sorte para conseguir esconder isso por tanto tempo.

Ainda bem que a justiça tarda, mas não falha.

— Sua filha tem todas vacinas em dia, faz acompanhamento pediátrico com o médico no postinho onde a família deles é cadastrada. Sobre a escola, a pequena estuda em uma pública com ensino ótimo. Eles são muitos corretos em tudo o que fazem. — Impressão minha ou ele elogiou essa gente? Para seu bem, espero que não, quem ficar do lado dessa gente se tornará meu inimigo. — Em relação à certidão de óbito a resposta é muito simples, ela não existe. No momento de imprimir, a rede de computação travou então pediram para que a mãe voltasse no outro dia para fazer, mas Talita nunca mais apareceu. Talvez tenha esquecido ou por preguiça mesmo. Por isso, perante a justiça, Maria Lara ainda é considerada viva. Entendeu agora, Delegado? — Suas sobranças se erguem formando uma ruga grossa ao meio delas.

— Perfeitamente! — Fecho a cara, perplexo, aos poucos as peças do quebra-cabeça vão se juntando.

— É uma história surpreendente, uma verdadeira rede de mentiras. Já passou pela sua cabeça que se não tivéssemos conseguido a pista de que a sequestradora trouxe sua filha para o Rio de Janeiro, ela nunca seria encontrada? Seria como se tivesse evaporado do mapa. Há quase seis anos Sofia se tornou uma criança morta, enquanto Maria Lara ganhou vida em seu lugar, e poderia viver assim pelo resto da vida sem maiores problemas. — Ele está certo, se não fosse a mão de Deus nos guiando no caminho certo, nunca mais veria minha menininha.

Fico imaginando como ela estará agora, não é mais a bebê que eu me lembro. Como será que é o som da sua voz? Qual foi a primeira palavra que disse? O sorriso, ou a carinha que faz quando está triste? Ela aprendeu a andar e eu não estava lá, nem no primeiro dia de aula. Tudo isso foi roubado de mim, e os culpados irão pagar caro por isso.

— Eu não quero ouvir mais nada, investigador, já ouvi o suficiente. Esse pesadelo chegou ao fim, irei buscar minha filha e os culpados serão punidos adequadamente. — Me coloco de pé, daqui para frente é minha vez de assumir a frente da situação.

— Antes, preciso dizer uma coisa. Talita de fato foi muito esperta, como sabia que a avó não iria querer pegar a responsabilidade de criar a “bisneta”, levou direto para a prima porque confiava nela, sabia que cairia na sua lãbia e cuidaria bem da criança como se fosse sua.

Claro que confiava nela, eram cúmplices. Tinham tudo planejado por causa do dinheiro. Soco a mesa com os punhos fechados, fungando pesadamente. Então me bate uma dúvida muito importante.

— Se a Talita morreu, onde foi parar o dinheiro que ela ganhou com o sequestro da minha filha? Não precisa responder, acho que já sei a resposta — digo.

Havia me esquecido desse detalhe.

Para mim, ficou com essa Júlia. Deu um sumiço na prima para ficar com a grana toda para ela. Continuou morando no Morro do Alemão apenas para disfarçar, deve gastar o dinheiro escondida.

— Não ficou com a Júlia se é o que o senhor está pensando, ela faz faculdade através de uma bolsa integral que ganhou com muito esforço. Sua família vive uma vida simples. São muito respeitados no morro, não mexem com coisa errada e todos trabalham duro para sobreviver. — Não gosto do tom defensivo dele, muito menos das suas palavras tomando partido das pessoas que fizeram parte do sequestro da minha filha. Logo ele que assistiu todo o meu sofrimento de perto, procurando Sofia.

— Por que está defendendo tanto essa gente?

— Porque quando me disfarcei de morador de rua que catava papelão para sobreviver, Júlia foi a primeira a me estender a mão dando o que comer e vestir. Me aproximar deles foi fácil, todos da família são pessoas muito acessíveis

devido à simpatia. — Cruzo os braços, nada do que disser me fará mudar de ideia. — Fiquei encantado quando vi sua filha pela primeira vez, brincava com os coleguinhas na rua, correndo para todo lado, divertindo-se.

— O senhor chegou a falar com ela? — É impossível segurar o sorriso que se forma em meus lábios, é como se tivesse achado uma parte do meu corpo que havia perdido há um bom tempo.

— Sim, é uma criança extremamente educada. Tirei várias fotos dela e da mãe, às escondidas, para mostrar para você.

Ele tira uma foto de dentro de um envelope amarelo que estava no bolso do seu casaco. Pego com as mãos tremendo. Sorrio extremamente emocionado, Sofia parece tão feliz na imagem, um anjinho dentro de um vestido branco rodado, simples, mas bonito, sentada no segundo degrau de uma escada em frente a uma casa. Ela está com a cabeça inclinada para frente e o olhar atencioso em uma borboleta azul pousada na ponta do seu dedinho.

Em outra foto, Sofia está de costas. Como os longos cabelos estão presos em uma trança muito bem-feita, dá para ver perfeitamente a marca de nascença que tem na nuca, idêntica à minha.

Deus, como minha filha é linda, como eu a amo...

Sinto saudade.

— Ela está ainda mais parecida com a mãe, principalmente o sorriso encantador. — Aliso seu rosto na foto, sentindo meu coração se aquecer de amor.

— Falando na “mãe” da menina, tenho fotos dela também, gostaria de ver? — O impeço antes que enfie a mão dentro de outro envelope, por mim, ela nem existia.

— O único lugar que eu quero ver essa mulher é na cadeia, ela e a família dela são cúmplices no sequestro de Sofia e, se depender de mim, vão apodrecer assistindo o sol nascer quadrado. Acharam o quê? Que iriam encobrir o crime daquela bandida que roubou a minha filha para sempre? Uma pena que Talita tenha morrido antes que eu colocasse as mãos nela. — Perco a razão de vez com sede de vingança. — Não acredito até agora que a minha princesinha mora em um lugar tão perigoso como o Morro do Alemão, eu estive nesse lugar essa semana em uma invasão sem imaginar que ela estava lá — concluo, desolado.

— Não é tão ruim quanto parece, pelo que pude conhecer das pessoas que vivem no Morro Alemão, a maioria delas são boas e gentis. A mãe... — Corrige

a frase depois do olhar fuzilante que lanço em sua direção. Se chamar essa mulher de mãe da minha filha novamente, não sei do que serei capaz de fazer com ele. — Quer dizer, a mulher que criou Sofia me ajudava a empurrar o carrinho de papelão quando estava muito cheio, um ser humano incrível. Segundo o que ela me contou, acredita fielmente que a menina é filha da prima e, sinceramente, confesso que não acredito que ela esteja mentindo. Para mim, você e ela foram vítimas de uma peça do destino.

Não acredito no que estou ouvindo. Meu temperamento agressivo se faz presente no movimento brusco que faço ao me levantar e a minha cadeira vai ao chão.

— Vítima? Essa bandida? Para mim está parecendo que caiu no charme dessa mulher, detetive Augusto.

Sorriso esbanjando ironia.

— Para falar a verdade, se eu fosse uns vinte anos mais novo não deixava uma bela negra como aquela escapar. Essa que você enche a boca para chamar de “bandida”, na época, trancou a faculdade que lutou tanto para conseguir bem no segundo ano, tudo porque queria estar perto da menina quando aprendesse a andar, falar, entre outras coisas. — Coça a barba, dando de ombros.

Ele está brincando comigo, só pode!

— Momentos especiais que era para serem meus e essa mulher tirou de mim. Para mim, Júlia sabia do sequestro e matou a prima para ficar com o dinheiro. — Estou nervoso demais, irado.

Olho para o meu reflexo no vidro da janela, meu rosto está todo vermelho em sangue vivo. *A mulher é cúmplice no roubo da minha filha e ainda sai como a santinha da história?*

— Tente se acalmar um pouco, Delegado. Mas a verdade é essa mesmo. Nunca conheci uma família tão unida como eles, sua filha tem um amor incondicional por aquela mulher, nunca vi nada igual, precisa ver as duas juntas. E já vou logo avisando que não vai ser nada fácil separá-las, o elo de amor que se formou entre elas chega a ser maior do que entre mãe e filha legítimas, nunca vi nada parecido.

— Foda-se essa bandida! Não vou descansar até vê-la atrás das grades por ter ficado com algo que não lhe pertencia. Eu a odeio com todas minhas forças e só não faço justiça com as minhas próprias mãos porque sou um homem da lei, e

não posso arruinar minha vida logo agora que encontrei Sofia.

— Senhor Avilar, percebe o absurdo que está dizendo? Como acha que a sua filha ficaria quando soubesse que fez algum mal à mãe dela? Tenho certeza de que quando conhecer a Júlia pessoalmente, vai mudar de ideia, talvez até virem amigos. — Estou prestes a socar a cara desse investigador para parar de falar tantas asneiras, como essa tal de Júlia conseguiu enfeitiçá-lo dessa forma?

Não importa o que ele diz, Júlia é a culpada e pronto!

— Essa bandida não é mãe dela! — Berro, possesso.

— Mas, senhor Avilar...

— Não tem mais nem menos, Augusto. Eu não pedi a sua opinião.

— Pelo menos veja as fotos dela que tenho aqui, Delegado, vai ver que é uma mulher com um sorriso tão doce e gentil que não tem como ser uma má pessoa. Nesse envelope tem tudo o que descobri na minha estadia no Morro: endereço, depoimentos e fotos. — Arranco o envelope da sua mão, a arma que preciso para acabar com a vida dessa mulher. Ela não perde por esperar.

Mil vezes maldita.

— Fez o seu trabalho e será muito bem pago por isso, investigador Augusto, agora o assunto é entre mim e essa tal de Júlia. Tenho em mãos mais do que o suficiente para invadir o Morro do Alemão, pegar a minha filha e prender toda essa família de sequestradores. E é isso que vou fazer, o mais breve possível.

Capítulo 4



JÚLIA

— Atrasada de novo, senhorita Júlia Helena? Por pouco não perdeu a prova. — Se não conhecesse bem João Pedro, meu professor preferido da faculdade, acharia que está bravo comigo de verdade, mas, em se tratando dele, sei que isso é impossível.

Além de um gato, é extremamente gentil comigo. É jovem demais para a bela carreira que construiu, advogado conhecido e muito respeitado com sobrenome de renome. Traduzindo, nasceu em berço de ouro e mesmo assim se tornou uma pessoa humilde. O tipo de professor que se preocupa com os alunos dentro e fora da sala de aula.

— Desculpe-me, querido professor! — Brinco, fazendo cara de cachorro largado na esquina, imitando o jeito que a Chiquinha falava com o professor Girafales.

Ele gargalha mostrando os belos dentes brancos, bonito além da conta.

Tem o corpo esguio, alto e bem definido. Cabelos negros na altura no ombro, lisos em cima e ondulados nas pontas, uma barba rala muito charmosa, e belos olhos cor de pistache. Diferente dos outros professores que têm um estilo convencional, tipo terno e gravata nesse calorão infernal, seu estilo é jovial. No primeiro dia em que o vi de jeans e camiseta branca, fiquei de queixo caído, adoro pessoas que têm opinião própria e não seguem o padrão que a sociedade impõe.

E dentro do jeans escuro apertadinho que está neste momento? Puta que pariu! Que bunda durinha é essa? Linda demais, deve ser ótima para apertar.

— Agora, falando sério, Júlia, por pouco não perdeu a prova, não pode dar essa bobeira no último semestre prestes a se formar. — Faz um gesto muito charmoso ao jogar o cabelo para o lado e cruza os braços deixando ainda mais evidentes os músculos avantajados.

— Eu sei, me desculpe. Tive que ficar até mais tarde hoje no trabalho ajudando o Juiz Thompson a analisar alguns relatórios, as coisas andam bem movimentadas por lá.

— Tudo bem, Jú. Eu sei o quanto é uma aluna muito esforçada e batalha muito para criar a sua filha.

Fico sem graça ao sentir a sua mão deslizar por minhas costas pousando no meio delas. Ele me conduz até a cadeira em que sento todos os dias ao lado das minhas amigas Dani e Yudiana, que neste momento olham para nós dois, rindo e cochichando. Elas sempre acharam que eu e ele tínhamos um caso às escondidas devido a afinidade que há entre nós. Não é somente as minhas amigas que pensam assim, a sala toda.

A forma como olha para mim me deixa extremamente envergonhada, mesmo não estando arrumada como agora, por exemplo, que visto um vestido simples azul comportado, e o cabelo preso em um rabo de cavalo. Mas o jeito que me olhou quando cheguei, foi como se eu fosse a mulher mais linda e elegante do mundo. Sempre tão carinhoso comigo, sempre me trata diferente dos demais alunos. Disse que quando eu me formar, tenho vaga garantida no seu escritório particular. Apesar de ser muito grata pela oferta, jamais aceitaria.

Um bom profissional sobe na vida com os seus próprios méritos.

— Obrigada pela compreensão, professor. — Me afasto do seu toque discretamente e sento na minha cadeira na velocidade da luz, coloco os meus livros sobre a mesa de ferro e foco a minha atenção no quadro para me situar sobre a matéria que o professor estava revisando antes da minha chegada.

— Vamos continuar a aula de onde paramos. Do que eu estava falando mesmo antes da senhoria Júlia Helena chegar tirando a minha atenção com a sua beleza avassaladora? Ah! Lembrei, no final da breve revisão antes da prova que passei a semana elaborando para caprichar nas perguntas — brinca, rolando uma caneta azul entre os dedos.

Todo mundo ri olhando para trás e eu me encolho toda, morta de vergonha. Juro que se tivesse um buraco me enfiava dentro dele, agora que todos irão pensar que temos um caso mesmo.

— Beleza avassaladora, hein, Jú? — Implica a boba da minha amiga Dani, que senta ao meu lado.

Faço cara feia e não respondo nada. Inclino a cabeça para ver em qual página o livro dela está aberto.

— E aquela mão boba nas suas costas, hein, senhorita Júlia Helena? — Sabia que a Yudiana sentada atrás de mim não deixaria passar em branco

também, ela é terrível.

Ela é filha do pastor Jackson, homem linha dura e fanático pela religião. Mas isso não a impede de ser a mais doida de nós três. É a mistura de pai negro e mãe branca, nasceu com a pele caramelo de dar inveja a qualquer um e tem os cabelos lisos na altura da cintura. Parece uma índia de tão linda, vive muito bem maquiada e sempre em cima de um salto quinze. Quem olha para Yudi assim, sempre sorrindo, não faz a mínima ideia do que essa mulher sofreu para estar no final da faculdade de Direito. Ela se vira sozinha desde que foi expulsa de casa pelo próprio pai, o pastor que se diz crente fiel, aos dezessete anos e por um motivo que só eu e a Dani sabemos.

Quando criou coragem de nos contar, foi a única vez que a vimos chorar. Choramos junto com ela. E o desgraçado do pai dela ainda se diz um homem de Deus, está mais para do capeta. Deus que me livre! Eu sou desacreditada no amor, mas Yudi acredita fielmente que ele nunca existiu. Não a culpo, tem motivos convincentes para acreditar nisso.

— Cala a boca, Yudiana, e preste a atenção na aula, depois não vou dar cola para nenhuma das duas — mostro a língua para as duas e elas retribuem. Ela odeia o seu nome porque o pai que havia escolhido e, vamos combinar que não é muito comum, gosta que a chamemos de apenas Yudi.

— Não, amiga, preferimos ficar babando em cima do professor gato. Não é mesmo, Dani? E pare de me chamar desse nome horrível que não gosto, é só Yudi. — Faz bico jogando os longos cabelos lisos para o lado, é linda demais e sabe disso, a danada.

Balanço a cabeça rindo. Minhas únicas amigas são louquinhas de pedra, acho que por isso me identifiquei tanto com elas logo no primeiro dia de aula e não nos largamos mais.

— Mandou bem, Yudi, vamos falar do Prof. gostosão que é bem melhor. — Bateram a mão uma na outra, rindo da minha cara, bobas!

— Ah! É mesmo, dona Dani? Vou ser obrigada a ter uma conversa com seu paizinho sobre isso, vamos ver o que o Juiz Marcus vai achar da menininha dele estar de olho no professor em vez de prestar atenção na aula.

Jogo baixo, eu sei. Fazer o quê? Sou má.

— Sem graça! — Resmunga e nós três gargalhamos.

A Dani é uma loira lindíssima, delicada como uma Barbie, mulher correta e

completamente louca por controle de tudo e todos. Superprotetora, sempre pensando no bem-estar dos outros antes do dela. Vem de uma família rica onde todos os homens são do meio jurídico, o pai dela mesmo é um Juiz bastante conhecido e grande amigo do Juiz Thompson. Vive colocando freios nas loucuras da Yudiana e me dando ótimos conselhos sobre como lidar com o temperamento forte da minha ruivinha birrenta. As duas são pessoas maravilhosas que amo como se fossem minhas irmãs de verdade.

— Qual a piada, meninas, nós queremos rir também, não é pessoal? — O professor lança um olhar severo para nós, arqueando as sobrancelhas, de fato exageramos um pouco na altura da nossa risada.

— Desculpe-nos, professor, vamos prestar atenção na aula. — Ele abre um sorriso lindo jogando uma piscadela charmosa para o meu lado, minhas bochechas coram na mesma hora.

O restante da aula correu tranquilamente, a prova até que não estava muito difícil, tinha estudado muito para ela. Depois de pegar três ônibus para chegar em casa, tomei um banho e caí na cama ao lado da minha pequena que dormia feito um anjo, ela me abraçou forte e sussurrou sonolenta:

— Eu te amo tanto, mamãe!

— Também te amo, filha — respondo emocionada, sempre é assim quando diz que me ama e eu não me canso de ouvir.



O dia mal clareou quando somos todos acordados de uma forma bem grotesca por alguém que bate na nossa porta sem parar. Levanto morta de sono, bocejando e esfregando os olhos preguiçosamente ao mesmo tempo e vou de camisola, descalça e com os cabelos alvoraçados ver quem é o doido, pretendendo me livrar dele o mais rápido possível e voltar para a cama.

Ao abrir a porta, esquecendo completamente de que estou usando apenas camisola fina azul escuro, sou abordada por um policial loiro enorme, barbudo, com a cara tão fechada como um dia tempestuoso. Junto dele há uma assistente social loira, alta e com o semblante calmo, acompanhada de alguns representantes do Conselho Tutelar. Um deles é uma senhora com a cara azeda de dar medo em qualquer um.

O pior é o monte de policiais armados iguais aos que invadiam o Morro. *Que loucura toda é essa?* Fizeram um estrago na grama que o meu pai custou

para cultivar até ficar nesse ponto toda verdinha e bem aparada, agora está toda amassada e com marcas das botas de couro pretas. Os vasinhos de flores que têm perto do portão de madeira estão quebrados, os botões estavam começando a se abrir. Um trabalho feito com tanto amor, destruído em alguns segundos.

Sem dizer nada, vão logo entrando e bagunçando tudo como se estivessem procurando alguma coisa, começo a ter um ataque de pânico ao me lembrar do dia da morte da minha mãe. Logo o meu pai e meu irmão ouvem a bagunça e aparecem na sala assustados sem entender nada do que está acontecendo.

Para que tanta maldade? Não somos capazes de fazer mal a uma mosca.

— Vocês, por acaso, têm um mandado para invadir a minha casa dessa forma? — Berro levando as mãos à cintura, não podem ir entrando na casa dos outros assim de qualquer jeito sem antes mostrarem um mandado. Achem que só porque moramos na favela não temos direito de nada, os policiais nos tratam como se fôssemos todos bandidos.

Que raiva! Odeio policial corrupto.

— A senhora Júlia Helena da Silva está presa por sequestro. Tem o direito de permanecer calada. Tudo que disser pode ser usado contra a senhora no Tribunal. Tem o direito de contratar um advogado e se não tiver condições o Estado lhe fornecerá um. — O policial escroto finge que não ouviu a minha pergunta. Fico sem entender nada e mais irritada ainda.

— O pai e o irmão da acusada não serão apreendidos também? — A nojenta da Conselheira Tutelar, que nem lembro o nome quando se apresentou grosseiramente, quer ver a minha desgraça completa.

— Infelizmente não, conseguimos voz de prisão somente para a suposta “mãe” que em todos os lugares se apresenta como principal responsável pela menina. — Meu estômago gela, eles estão atrás de mim.

Pelo menos o meu pai e o Binho não serão presos, graças a Deus.

— Vocês por acaso têm um mandato para invadir a minha casa? — Torno a questionar em um tom mais agressivo, porém, mais uma vez sou ignorada.

Que ódio dessa gente! Bem que falam que pobre não tem voz. Mas eu não irei me entregar tão fácil assim, não sem lutar pelos meus direitos.

— Achei a vítima, senhor.

Que vítima, meu Deus? Penso confusa, ainda mais ao ver um policial negro

maior que o loiro sério, parecendo um armário de tão grande musculoso apontando no corredor arrastando Maria Lara pelo braço como se fosse uma boneca de pano, ela que vem se esperneando e gritando em total desespero. E que história é essa da minha filha ser a vítima?

— Tira a mão da minha filha! Não está vendo que a está assustando? — Parto para cima do policial como uma onça defendendo a cria, mas sou imobilizada por outros dois policiais.

Basta um segundo de distração da parte dele para a Maria pisar em seu pé e sair correndo na minha direção, com medo dos policiais me machucarem.

— Você está machucando a minha mãe, solta ela. — Soca a perna de um deles, nervosa. Sua respiração começa a ficar ofegante, perdendo o ar devido o nervosismo, essa situação é apavorante. Leva a mãozinha sobre o peito olhando para mim com os olhos azuis arregalados, seu rosto começa a ficar vermelho.

— Você precisa se acalmar, filha, respire, diga o seu nome e quantos anos tem. — Sorrio tentando transparecer estar calma, mas por dentro estou gritando. Sempre uso essa técnica quando ela paralisa e não consegue respirar. Me acalmo um pouco quando ela assente de leve, abre a boca por duas vezes, mas não sai nada. — Você consegue, querida, apenas respire! — O meu pai sorri para ela, existe uma ligação muito linda entre os dois.

— Meu... nome é Ma... ria Lara da Silva, tenho seis anos. — Começa com um pouco de dificuldade, mas completa direitinho.

— Essa é a garotinha da mamãe, estou orgulhosa de você! — Entrego os pontos e começo a chorar. A minha filha é o meu calcanhar de Aquiles, a minha única fraqueza.

Deus não podia estar em todas as partes ao mesmo tempo, por isso criou as mães. Quando um filho precisa de uma amiga, ela está sempre lá; quando precisa de uma lição, ela é que busca força até no fim do mundo, usando o seu amor, para guiá-lo pela vida e lhe dá as asas que precisa para voar. Mas, acima de tudo, traz paz, mesmo quando tudo parece perdido.

— O que está acontecendo, mamãe? Eu estou com medo! — Vem até mim e abraça minhas pernas, escondendo o rosto como se tivesse esperanças de que tudo não passasse de um pesadelo e fosse acordar a qualquer momento.

Eu tenho a mesma esperança que ela.

— Eu posso falar com ela só um minuto? — Peço educadamente. Não

quero me abaixar para eles, na verdade, minha vontade é de fazer um escândalo por estarem fazendo isso conosco. Mas não quero assustar ainda mais a minha filha, por ela aguento qualquer humilhação.

— Mas isso é o cúmulo! Você nunca mais vai chegar perto dessa crian... — A Conselheira Tutelar para de latir devido ao olhar frio que a assistente social lhe lança, um olhar apreensivo para a sua direção.

— É claro que pode, Júlia, nós entendemos. Acho que vocês já podem soltá-la, policias, não tem como ela fugir. — Sabia que ela tinha um bom coração, aceno para ela, grata. Assim que me soltam, me agacho e abraço a Maria bem forte. Seus olhinhos assustados avaliam o meu rosto e estão cheios de medo.

— Filha, aconteceu um probleminha que a mamãe vai ter que ir com essas pessoas para tentar resolver. Por enquanto, você terá que ficar com aquela moça ali — aponto para a assistente social que tem os cabelos louros longos soltos sobre as costas e usa roupas sérias.

Nem olho para bruxa do Conselho Tutelar toda vestida de preto, caso contrário, vou voar no pescoço dela e dar a eles um motivo verídico para me prenderem.

— Não, mamãe, eu não quero ir. Quero ficar com a senhora! Por favor, não faça isso comigo, eu te amo! — Ela implora agarrada no meu pescoço. Suas lágrimas rolam pelo rostinho gotejando sobre o seu vestido azul, ontem dormiu tão cedo que nem deu tempo de colocar o seu pijaminha antes.

— Não sou eu, meu amor, desculpe a mamãe. — A aperto em meus braços o mais forte que posso.

— Agora chega de drama e vamos para sua casa garota, porque o seu pai de verdade está à sua espera — diz a grossa da Conselheira Tutelar puxando a minha filha para longe de mim.

— Eu não preciso de um pai, sua bruxa! — Maria responde a empurrando, quase fazendo com que quebre o salto médio do seu scarpin e caia no chão, mas não tem jeito, ela fica com a cara mais azeda ainda e sai arrastando a minha filha à força até o carro. Maria chora muito, e eu, também, ao ver essa cena.

— Para com isso, garota, bem se vê que foi criada por gente sem classe — ameaço ir até elas pegar minha filha das mãos daquela bruxa, mas os policias formam um círculo à minha volta.

— Mamãe, mamãe, me ajude! Por favor, eu estou com muito medo, socorro! — A cada passo que ela se distancia de mim, grita ainda mais. E a cada grito que dá é como se uma faca atravessasse o meu peito. — Mamãe, não deixe eles me levarem, você não me ama mais? Desculpa por ser malcriada, prometo me comportar. Só não me deixa, por favor, eu te amo tanto, mãe, me desculpe. Vovô, me ajude, por favor! Tio Binho, vem me salvar! Socorro! Socorro!

— A mamãe também te ama, filha. Vou fazer de tudo para trazer você de volta para mim, meu amor!

— Não prometa algo que não vai poder cumprir. A sua situação está bem complicada, moça, está sendo acusada de sequestrar a filha de um delegado muito respeitado. Levante as mãos para o céu se conseguir pegar menos de trinta anos de prisão. — Olho para o rosto do policial ao meu lado, confusa. Ele tem a maior parte dos cabelos brancos, provavelmente está perto da aposentadoria. O semblante calmo, não se importando nem um pouco com o desespero que as suas palavras causaram em mim.

— Filha de um delegado? — É a única coisa que consigo dizer, estou desorientada e sem condições de assimilar qualquer coisa que acontece à minha volta.

Fico com muita pena do meu pai, o coitado está totalmente perdido no meio dessa loucura toda, olhando a filha ser presa e a neta levada por pessoas estranhas, ninguém sabe para onde. Já o meu irmão se agachou no chão, chorando e tapando os ouvidos com força para não ouvir os gritos da sobrinha. Eles, assim como eu, a amam mais que tudo. Estamos sofrendo ao ver a nossa princesinha sendo levada sem podermos fazer nada para impedir.

— Isso é mesmo necessário? — Pergunta meu pai apontando para as algemas.

— Desculpe, senhor, mas preciso seguir as normas — responde o policial novinho sem olhar para ele, como se sentisse culpa em estar fazendo isso. Meu pai desiste em insistir porque sabe que não terá jeito.

—Tudo bem, pai, vai dar tudo certo. — Sorrio para ele, mais sincera que posso.

Sou conduzida pela Polícia como uma criminosa para dentro da viatura. O pessoal da rua sai de suas casas para ver a cena, é humilhante. Mas isso não me importa, mantenho a cabeça erguida. Quem não deve, não teme. Meus pensamentos estão concentrados apenas em minha filha, em onde, como ou com

quem ela está nesse momento. Eu estou tão confusa, são tantas perguntas sem respostas se formando em minha cabeça que ela dói sem parar. Meu rosto está todo inchado de tanto chorar lembrando do carro do Conselho Tutelar levando minha filha gritando no banco de trás.

Levaram minha filha embora, mas o meu coração está indo junto com ela.

Capítulo 5



RICARDO

Ando de um lado para o outro olhando no meu relógio a cada cinco segundos, ansioso. Minha mãe quase enfartou quando contei que a nossa ruivinha voltará para casa ainda hoje se tudo der certo, e está eufórica arrumando tudo para receber a neta. Como agora já é uma mocinha, temos que ajeitar tudo para receber Sofia, não temos muito tempo para arrumar tudo, mas a dona Célia dará conta do recado.

Falta pouco para ter a minha filha nos braços, questão de poucas horas. Por mim, eu mesmo teria subido no Morro do Alemão e teria o maior prazer de prender essa bandida, mas não pude participar da apreensão porque tenho vínculo sanguíneo com a vítima. Porém, consegui, depois de muita insistência, ser liberado para pelo menos interrogar a tal de Júlia após a prisão. Será algo informal, não usarei nem uniforme. Apenas com calça jeans e camiseta preta, tranquei as minhas armas dentro da gaveta da minha escrivaninha. Carol ficou para tentar me acalmar, mas pedi que saísse quero ficar sozinho com minha angústia.

Conheço bem o meu temperamento forte, com a raiva que estou dessa mulher sou capaz de dar um tiro nela. É melhor não arriscar. Espero pela chegada do pelotão andando de um lado para o outro de tão nervoso, contando os segundos para estar com minha filha, novamente, depois de tantos anos de sofrimento. Esse encontro está mexendo com os meus nervos de uma forma surreal, meu coração quase para ao ouvir as batidas na porta.

— A acusada foi detida, ela está na sala de espelhos. Se quiser já pode começar o interrogatório — avisa Barreto, meio a contragosto. Seu semblante é tenso, preocupado, parecendo nem um pouco feliz de ser o portador da notícia tão esperada.

— E a minha filha, fizeram tudo como eu pedi? — Minha voz sai falha, passo a mão pelo cabelo, desesperado. Antes de encontrar Sofia, preciso olhar nos olhos da mulher que esteve com ela durante todo esse tempo que vivi em tormento à sua procura.

— Sim, senhor, ela deve estar chegando em casa uma hora dessas. — Passo

feito um tiro por ele, que bufa frustrado e não parece ser por minha causa. — É melhor ir com calma, Delegado. Ela não me pareceu uma bandida sequestradora de criancinhas, apenas uma mulher assustada com medo de perder a filha. Foi de dar dó ouvir a menina chamando pela mãe enquanto era levada embora. — Ele vem andando rápido atrás de mim, tentando acompanhar meus passos e preocupado com o que eu poderei fazer com a moça. Só quero vê-la bem viva, para pagar pelo que fez.

— Não se preocupe, Barreto, não vou matá-la se é isso que está pensando. — O meu tom é de total desdém.

— Na verdade o senhor já a matou quando nos mandou tirar a menina dela sem ao menos lhe dar a chance de explicar o seu lado da história. Com todo o respeito, Delegado, eu fiquei bastante triste de fazer parte disso. Entendo seu lado e todo o sofrimento pelo qual passou, mas nada justifica o que nos mandou fazer hoje. As duas se amam, isso é um fato.

Paro de andar na mesma hora e me viro para trás com ódio nos olhos, ele recua um passo atrás se sentindo intimidado. Eu sei parecer mal quando quero, intimidar as pessoas é a minha maior arte.

— Um bom policial não se deixa levar por qualquer choro fingido, Barreto. Não vou pegar leve com ela só porque é uma mulher. Tem que tomar cuidado com as mulheres, a maioria são falsas, mentirosas e manipuladoras, como essa que está defendendo. Minha filha foi uma vítima em suas mãos, mas em breve nem se lembrará quem é essa Júlia. — Nem espero resposta, viro as costas e continuo o meu caminho rumo ao meu acerto de contas.

Não posso reencontrar minha filha antes de ficar cara a cara com a mulher que me roubou tantos momentos especiais ao lado da minha ruivinha. *Ela irá pagar caro por isso.*

Chego à sala o mais rápido possível e pelo lado de fora já é possível vê-la através dos espelhos transparentes. Está sentada na cadeira de cabeça baixa usando apenas uma fina camisola e descalça, com certeza ainda estava dormindo quando foi detida. Seu cabelo ondulado está solto e todo bagunçado sobre o rosto. Estou bufando de raiva só de olhar para ela, entro pisando duro a fazendo estremecer de medo, provavelmente.

— Você achou mesmo, sua bandida, que poderia ajudar a roubar uma bebê e sair assim, impune, sem pagar nada por um crime tão grave? Criar a minha filha como sua, morando em uma favela e nunca ninguém descobriria? Quero

saber o que fez com o dinheiro que a sua prima ganhou para sequestrar Sofia.

Ela não responde nada, só chora cada vez mais e apenas continua de cabeça baixa olhando para os próprios pés delicados e descalços sobre o chão frio, contorcendo um no outro. Isso me toca um pouco. Não deram tempo a ela nem de calçar um chinelo, mas não amoleço meu coração por isso, esse é o tratamento que os bandidos merecem.

— O que foi? O gato comeu a sua língua agora, sua bandida? — Estou tão nervoso que se ela continuar calada não responderei pelos meus atos e esquecerei que se trata de uma mulher.

Silêncio.

— Quero que diga como planejaram o sequestro da minha filha? Não vai sair daqui antes de confessar cada detalhe. De como matou sua prima para ficar com o dinheiro, o seu pai e seu irmão com certeza estão envolvidos nessa esgueirada toda, mas o que é deles está guardado.

Mais silêncio.

— EU EXIJO QUE OLHE PARA MIM QUANDO EU ESTIVER FALANDO COM VOCÊ, PORRA! CHORAR DE MEDO NÃO VAI RESOVER NADA, VAI APODRECER NA CADEIA PELO RESTO DA SUA VIDA! — Perco a razão de vez. Todo mundo na delegacia deve ter escutado meus gritos, bato as duas mãos na mesa com toda a força que tenho causando um barulho alto.

— Eu não estou chorando de medo, é de raiva mesmo! Espero que tenha provas consistentes sobre o que está me acusando, caso contrário, vou jogar tanto processo em cima de você, mas tanto processo que até a sua avó vai precisar de um advogado. — Bate as duas mãos com o pulso algemado sobre a mesa imitando o meu gesto e gritando ainda mais alto do que eu. Seus olhos se arregalam e as suas pupilas estão dilatadas me fitando com raiva escorrendo por seus olhos em forma de lágrimas.

Paraliso.

É ela, a Marrenta que encontrei no Morro do Alemão.

— Vo... Você? — As palavras simplesmente não saem, fico desarmado por completo. Ela é tão jovem, deve ter vinte e poucos anos, no máximo.

O seu rosto está muito inchado de tanto chorar e molhado pelas lágrimas que insistem em cair cada vez mais e mais. É um choro silencioso, mas com

tanta dor que estou me segurando para não a colocar em meu colo e implorar para que não chore mais, porque isso está, literalmente, acabando comigo.

Fico parado à sua frente sem ação, estou completamente desarmado.

— Eu não sou boba, conheço bem os meus direitos e o que está acontecendo aqui é abuso de poder. — É valente, isso não posso negar.

Outro, no lugar dela, estaria se borrando de medo, mas ela, não, é corajosa. No entanto, não é suficiente para me enfrentar. Apoio as mãos sobre a mesa e inclino o corpo para ficarmos na mesma altura intencionado a lhe encarar nos olhos, nossos rostos ficam próximos, a bandida não recua um centímetro sequer.

Peste!

— Tem certeza de que vai querer bater de frente comigo, moça? Se eu fosse o tipo de policial que abusa de poder, você estaria em um necrotério nesse exato momento — ameaço. Ela estremece, mas logo se recompõe tomando a postura confiante e toda cheia de si que está me deixando louco de raiva.

— Isso foi uma ameaça, Delegado? Cuidado, tudo o que disser pode ser usado contra o senhor depois. Espero que tenha um mandado para enviar os seus homens para invadir a minha casa daquela forma tão abrupta e assustar a minha filha daquela forma, e boas provas para me acusar de ter sequestrado Maria Lara — diz segura demais, como se tivesse a certeza do que está dizendo. — Me algemaram como se fosse uma criminosa perigosa, sendo que a lei diz que as algemas só devem ser usadas em presos em flagrante ou foragidos da Justiça. Algemar por outro motivo é abuso de autoridade.

Esfrega os pulsos algemados na minha cara rosnando como uma onça brava, as narinas inflando como um balão de gás devido à respiração ofegante. Dessa vez é ela que fica na ponta dos pés para me encarar nos olhos me desafiando, chamando para briga como quem diz: *“Pode vir quente que eu estou fervendo!”*

Que porra de mulher é essa? Nunca vi nada parecido, muitos homens metidos a mau nunca tiveram coragem de me encarar assim. Isso está longe de ser um interrogatório, está mais para uma discussão de divórcio onde o assunto é quem ficará com a filha.

— O nome dela não é Maria Lara, é Sofia, e ela é minha filha e não sua! Você me roubou quase seis anos com ela e vai pagar caro por isso. Acho bom começar a contar tudo o que sabe ou as coisas vão ficar ainda piores para o seu

lado.

Desvio o olhar tentando ser firme na ameaça o máximo que posso, a coragem dela me intimida um pouco. O ar na sala fica tenso e mal consigo respirar.

— Segundo a Constituição Federal, no artigo 5º, inciso 63, dispõe que “o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado. Não sendo obrigado a falar sobre fatos que a ele estão sendo imputados, tampouco pode ser coagido a falar. O dever de busca de informações é da polícia e dos demais agentes públicos designados para a investigação criminal e não do interrogado”. Não sou obrigada a produzir provas contra mim mesma, Delegado. — Dá de ombros toda cheia de si.

Como sabe tão bem dos seus direitos? Com certeza deve ter sido presa várias vezes e entende bem do assunto, é mais esperta do que pensei.

— Estou pouco me lixando para o artigo. 5º, inciso 63 da Constituição Federal. Você vai dizer tudo o que eu quero saber, por bem ou mal. Olha aqui, sua neguinha abusada...

— Neguinha? Está sendo racista comigo, Delegado? Previsto na Lei n. 7.716/1989 consiste em ofender a honra de alguém se valendo de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem, o crime de racismo atinge uma coletividade indeterminada de indivíduos, discriminando toda a integralidade de uma raça. Ao contrário da injúria racial, o crime de racismo é inafiançável e imprescritível para qualquer pessoa por mais poderosa que ela seja.

— Eu não sou racista, porra! A metade dos meus amigos são negros, são como irmãos para mim. — Por que estou me explicando para essa bandida? É para ser o contrário, parece que o acusado sou eu e não ela.

— E você tem costume de chamar os seus amigos de “neguinhos” também, Delegado? — Senta-se na cadeira, novamente, cruzando as pernas de forma sensual e me olhando com esse maldito olhar que pode tudo. Minha vontade é de pegar uma arma e atirar nela.

— Não me provoque, moça, não sabe o que sou capaz de fazer quando sou desafiado. — Joga o cabelo para o lado se fazendo de rogada.

Ela remexe as pernas cruzadas de tal forma que a camisola sobe propositalmente — ou não — revelando uma parte das suas coxas bem torneadas. Tento não olhar para elas, mas quando percebo os meus olhos já

havam me traído, como se tivessem vida própria pousando sobre sua pele cor de chocolate.

E eu sou viciado em chocolate, ainda mais nesse exato momento.

— Já ouviu falar sobre a Lei de assédio sexual, Delegado? — Ironiza a diaba, rindo desconcertada ao perceber que estou literalmente babando em cima das suas pernas. Não pude evitar.

Porra de mulher ardilosa e manipuladora. E gostosa pra caramba.

Mesmo toda despenteada como quem acabou de acordar, ainda continua linda e sexy.

— Mil vezes maldita! — Viro de costas apertando os punhos com força, respirando fundo na tentativa de me acalmar um pouco.

Se ela abrir essa boca para dizer mais uma palavra que seja, eu não serei responsável pelos meus atos.

— Naquele dia que nos encontramos pela primeira vez no Morro, você disse que nunca me machucaria de forma alguma, lembra? Mas quando tirou minha filha de mim, arrancou meu coração fora. — Viro na direção dela em um rompante.

Como ela me reconheceu se naquele dia eu estava com um uma touca cobrindo o meu rosto?

Ela me olha de um jeito que me faz sentir muito culpado, por um segundo até acredito que de alguma forma possa ser inocente.

Barreto entra na sala sem bater e fica dividindo o olhar entre mim e a Júlia, até ele sente a energia forte que existe entre nós.

— Com licença, Delegado. O advogado da acusada chegou e está muito nervoso exigindo falar com sua cliente — avisa, ainda nos analisando.

— Oi, Jú, vim assim que a Yudiana ficou sabendo do ocorrido e me ligou perguntando se podia te ajudar com alguma coisa. Eu vim voando. — Um homem alto e cabeludo aparece me encarando de cara fechada, não gostei dele.

— Obrigada por ter vindo, João Pedro, nem sei como agradecer. — O rosto de Júlia se ilumina em um toque de mágica e desaba em seus braços. Ele banca o cavalheiro tirando o paletó e o coloca em seus ombros com muita intimidade.

Intimidade demais para o meu gosto.

— Estou aqui agora e vou te proteger de todo o mal que estão querendo fazer contra você e a sua filha, eu prometo. — Tira o olhar protetor de cima da sua cliente e o lança na minha direção como uma flecha, respondendo no mesmo ar desafiador que o dele.

— João Pedro, a minha filha, pelo amor de Deus! Estão querendo tirá-la de mim, por favor, não deixe isso acontecer. Vou morrer sem ela. — Júlia parece desorientada, totalmente fora de si querendo saber de toda a forma onde a "filha" está.

— Olha, não precisa se preocupar. Já me informei sobre a Maria Lara e ela está bem. Agora você tem que se acalmar e confiar em mim para que tudo dê certo, está bem? Como estão interrogando você sem a presença do seu advogado, isso é ilegal, podemos usar isso ao seu favor.

— Têm muitas coisas ilegais acontecendo aqui, João Pedro. — Estreita os olhos, me provocando por cima do ombro do *almofadinha*.

— Vou ser seu advogado, já estou colhendo informações sobre o caso para montar sua defesa. — Dá para ver de longe a afinidade que existe entre os dois e isso está me dando uma raiva enorme, não entendo esse poder que tem em manipular as pessoas passando essa imagem de santa puritana.

— Pode arrumar o melhor plano que puder, porque não vai adiantar em nada. Não se depender de mim, com licença. — Deixo meu recado e saio de cabeça elevada.

Os crimes dessa bandida não vão sair impunes.

Chego do lado de fora da delegacia, sem rumo. Dou a ordem para que dois policiais fiquem de vigia na porta. Nem sei como vim parar no estacionamento, dentro do meu carro e com a testa encostada no volante, mal conseguindo respirar. Tenho que me acalmar um pouco para ir para casa reencontrar minha filha, não quero assustá-la mais ainda me vendo nesse estado. *Ela merece o melhor de mim, sempre.*

— Delegado, o senhor está bem? Vi quando saiu da sala completamente desorientado, resolvi ver se está precisando de alguma coisa. — Eu não sei se o Barreto está querendo puxar o meu saco ou se realmente está preocupado comigo. O engraçado é que ele sempre aparece no momento em que preciso e antes mesmo de responder qualquer coisa, o meu celular toca.

— Alô! Meu filho, você poderia vir para casa com urgência? Não estou

conseguindo controlar a situação por aqui, por favor, querido, venha o mais rápido que puder.

— Mãe, diga o que está acontecendo? A senhora está me deixando preocupado.

— Querido, não dá para explicar agora, apenas venha. — Deve ser muito grave mesmo, porque minha mãe só dá o recado e desliga rapidamente, me deixando ainda mais preocupado.

Quando ela me liga, leva pelo menos uma hora só para se despedir e, na maioria das vezes, me liga novamente dez minutos depois porque se esqueceu de me dizer algo.

— Barreto, você poderia me levar em casa? Estou com um problema urgente lá e não estou em condições de dirigir.

— Claro, Delegado, não precisa pedir duas vezes. — Passo para o banco do carona para que ele tome a direção, me sinto tão sufocado que não consigo nem ficar com o cinto de segurança

— Obrigado! — Respondo apenas, cabisbaixo.

Passo a maior parte do caminho olhando a paisagem através da janela com o vidro aberto sem conseguir acreditar que falta muito pouco para reencontrar a minha filha. Esperei tanto tempo por isso e agora a minha agonia chegou ao fim.

Barreto mal estaciona o carro em frente à minha casa e eu saio correndo passando pelo jardim feito um louco, com um sorriso enorme no rosto. Mas minha alegria dura pouco. Me desespero ao abrir a porta e ouvir gritos e mais gritos de socorro vindos do segundo andar. Minha mãe desce as escadas correndo com as mãos no rosto, apavorada. Suas bochechas grandes estão mais coradas do que o normal de tão nervosa que se encontra. Ela é baixa e gordinha, anda sempre com o cabelo — a maioria dos fios brancos — preso em um coque alto muito bem feito. Não me lembro da última vez que a vi usando algo que não fosse um dos seus vários vestidos floridos, combinando com a cor da sapatilha em seus pés gorduchos. Sua aparência é tão doce quanto ela, mãe acolhedora que todo mundo gostaria de ter.

Ela compreende até o que eu não digo.

— Meu filho, eu já fiz de tudo para Sofia parar de gritar, mas de nada adiantou. Mostrei o quarto lindo que decoramos para ela em tempo recorde e a centena de bonecas e vestidos lindos que compramos, porém, ela nem olhou,

tampouco para a cesta de doces que levei. Não parou de chorar em nenhum momento desde que chegou, só sabe chamar pela mãe, o tio Binho e o vovô Joaquim. Não sei mais o que fazer, Ricardo. Se tivéssemos vizinhos, eles estariam pensando que estamos batendo na menina — minha mãe fala tão rápido que não dá para entender quase nada do que está falando.

— Como assim, mãe? Fale devagar não estou conseguindo entender direito — pergunto, confuso. Meu cérebro ainda está meio parado, tudo o que consigo pensar é que minha menininha agora está em casa e tudo ficará bem.

— Da sua filha, Ricardo. Ela está lá em cima trancada no quarto quebrando tudo o que vê pela frente, não sei mais o que fazer. — Berra minha mãe me balançando pelos braços, eu a abraço na tentativa de acalmá-la um pouco.

— Não precisa se preocupar, mãe. Ela só está assustada por estar em um lugar estranho com pessoas que nunca viu. Eu vou lá em cima falar com a minha filha, tenho certeza de que vai se lembrar de mim, da vida que tínhamos juntos antes de a tirarem de mim e o amor incondicional que sinto por ela desde o primeiro dia que a vi — declaro mais para mim do que para ela, e a essa altura nós dois já estamos chorando.

— Oh! Querido, eu te amo. Estou tão feliz que encontrou sua filha, agora tudo vai dar certo na vida dos dois. — Alisa o meu rosto e me abraça forte dando o apoio que eu preciso nesse momento.

— Eu também te amo, mãe. — Beijo seu rosto e a deixo parada no meio da sala me observando subir as escadas enquanto faz o sinal da cruz agradecendo a Deus por hoje me conceder a graça de me reencontrar com a minha filha, a única coisa que restou do meu amor pela minha esposa.

Barreto vem correndo atrás de mim, estou começando a achar que ele quer tomar o lugar da minha sombra. Onde eu estou, está ele também, me acompanhando como um escudeiro.

— Senhor, lembre-se que a menina acredita fielmente que aquela mulher é a sua mãe. Cuidado com o que for falar na frente dela sobre a Júlia, ela a ama de verdade. — O encaro muito sério.

— Sabe, Barreto, estou começando a pensar que deveria tentar trabalhar em outra área. Ser um psicólogo talvez, quem sabe, mas eu realmente não estou a fim de falar dessa mulher agora, esse momento é só meu e da minha filha. — Ele não diz mais nada, ótimo.

Já diante da porta do quarto de Sofia, seguro a maçaneta respirando tão rápido como se estivesse ficando sem ar. Eu não sou homem de me sentir menor, mas, neste momento, estou apavorado de enfrentar uma criança de apenas seis anos. Mas preciso ser forte, por ela. Por nós.

Eu a amo tanto, mais do que a minha própria vida.

Mal abro a porta e já sou recebido por um furacão de cabelos ruivos todo bagunçado cobrindo seu rostinho delicado, a base de chutes e pontapés vindos desse ser minúsculo à minha frente, com raiva de mim pensando que eu a roubei da “mãe”. Barreto está certo, eu consegui ter a minha filha de volta. Mas o amor dela é outra história. Terei que ir com calma, medindo as palavras para não a perder novamente, mesmo estando ao meu lado. Então, faço a única coisa que posso fazer neste momento, me agacho para ficar na sua altura e permito que desconte toda a sua raiva em mim, para que a dor que está em seu peito vá embora.

— Quero minha mãe, quero minha mãe, quero a minha mãe! — Repete a cada golpe que arremessa contra o meu peito com as duas mãozinhas fechadas em punho, furiosa. Deus, como eu a amo. Vê-la desse jeito está acabando comigo, sua reação está sendo pior do que eu imaginava.

— Tudo bem, filha, o papai está aqui agora e vai te proteger. Pode descontar sua raiva em mim. Vai ficar tudo bem, eu te amo tanto. — Ela dá um tapa no meu rosto, gritando e berrando. Eu não me movo, estou hipnotizado, tomado pela emoção reparando em como ela é linda.

Ainda mais parecida com a mãe do que pensei, mas os olhos são azuis profundos iguais aos meus. O rosto enfeitado de sardas de tamanhos variados e o narizinho arrebitado. Tudo nela é perfeito, divino. Não era bem assim que imaginava nosso reencontro, mas, mesmo assim, esse momento ficará marcado em minha memória para sempre.

— O meu tio Binho é um cavaleiro valente, ele vai vir me buscar. — Não faço ideia do que ela esteja falando, parece alguma fantasia da sua cabeça.

— Eu estou aqui, querida! Não vou te deixar, nunca mais. Nunca mais... — Deus, que dor! Minha filha me odeia, isso acaba comigo mais do que qualquer coisa. Ela é tudo de bom que existe em mim.

O ar que eu respiro.

— Você tirou a minha mãe de mim, eu odeio você!

Suas palavras me perfuram como se fossem um tiro atravessando o meu peito, fecho os olhos e me deixo ser totalmente devastado por esse sentimento. Não tenho condições psicológicas de olhar para ela, o meu coração sangra dentro do meu peito.

Ela soca o meu peito até perder todas as forças e cair nos meus braços, totalmente exausta, abraça o meu pescoço chorando baixinho, cortando o meu coração em mil pedaços.

— Eu sei que está doendo, filha, mas vai passar. As coisas vão se acertar agora, eu prometo. — Afago seus cabelos, tirando os fios que cobrem o seu rosto.

Sento no chão encostado na parede do corredor com a minha filha no colo. Ela esconde o rosto no meu peito e chora até dormir, chamando pela mulher que acredita ser a sua mãe. Fico observando-a dormindo em meus braços por um bom tempo, fungando como se mesmo dormindo ainda estivesse com vontade de chorar. As bochechas rosadas molhadas por conta das lágrimas. Para que não acorde com dor no corpo, a coloco na cama e a cubro puxando o edredom até o pescoço.

Nem vi quando o Barreto foi embora. Estou mais exausto do que em um dia de trabalho puxado. Vou para o meu quarto tomar um banho na intenção de relaxar os músculos devido à tensão. Depois de vestir uma calça de moletom, desabo na cama tentando dormir só um pouco para voltar com as forças renovadas para minha filha.

Acordo no susto ouvindo batidas desesperadas na porta, na escuridão do quarto o relógio brilha me avisando que são duas da manhã. Levanto em um sobressalto e corro para abrir a porta já esperando o pior. É a minha mãe, sua expressão embotada me preocupa, deixando claro que alguma coisa está muito errada. Ela tem o olhar baixo e torce as mãos uma na outra.

— O que foi agora, mãe? — Pergunto e ela franze o rosto.

Senhor! Quando esse sofrimento todo vai acabar?

— A sua filha, ela está com quase quarenta graus de febre, a cama dela está toda molhada e Sofia não para de delirar chamado pela mãe. — Não espero que termine de falar e saio correndo até o quarto da minha filha. A encontro com a roupa toda molhada de suor se contorcendo na cama e dizendo coisas sem sentido.

Me aproximo dela imediatamente, segurando sua mão. Chamo pelo seu nome várias vezes, mas ela não acorda.

— *Mamãe, por favor, não me deixa! A senhora não me ama mais? Desculpe, eu vou ser uma boa menina. Assim você vai voltar a me amar, por favor.... Me tire daqui mamãe, eu estou com medo, o homem mau quer me pegar. Ele quer me pegar!* — Delira.

— Mãe, liga logo para o doutor Fernando, diga que é uma emergência. — Nunca fiquei tão assustado em toda minha vida, Sofia está com a pele em chamas, treme sem parar batendo o queixo.

Em menos de vinte minutos o meu médico, que por sorte mora no mesmo condomínio que o meu, chega. A examina durante um bom tempo, enquanto estou quase furando o chão do quarto andando de um lado para o outro de tanta ansiedade para saber o que ela tem.

— Calma, papai! O que a sua filha tem se chama febre emocional. Eu receitarei um antitérmico, mas como o problema é emocional, pode ser que ela volte a ter esses sintomas assim que o efeito do remédio passar, a não ser que tragam o motivo que a fez chegar a esse estado febril. Enquanto a examinava, ela chamou várias vezes pela mãe. Onde está a mãe da menina? Talvez esse seja o motivo de ela estar assim.

— Ela morreu quando a Sofia nasceu, doutor. — O meu olhar é frio.

— Ricardo Avilar, você sabe muito bem que não é essa mãe que a menina está chamando. — Minha mãe se zanga comigo.

— Para mim, essa "mãe" está tão morta quanto a outra e, enquanto eu viver, aquela mulher não colocará os pés dentro dessa casa tampouco colocará os olhos na minha filha novamente.

— Sinto muito, Ricardo, mas se você não buscar essa mãe que ela tanto chama, devo adverti-lo que o pior pode acontecer. Pedirei à dona Célia para dar um banho gelado na menina, se a febre não ceder em poucas horas, ela começará a ter convulsões, será uma pior que a outra, até o corpo não aguentar mais podendo levá-la a estado de óbito. Só posso advertir ao senhor, Delegado, que não será uma cena bonita de se ver. — Se a intenção do médico é me assustar, conseguiu. Mas eu não estou disposto a ceder, não a esse preço. Caso minha filha não melhorar a levarei em um hospital para ter a opinião de outro médico.

— Pense bem, meu filho, essa mulher não deve ser tão má para essa criança

amá-la tanto assim a ponto de chegar a ficar nesse estado por causa dela. Por favor, Ricardo, não queira carregar a culpa da morte da sua filha por conta de um orgulho bobo — alerta minha mãe aos prantos enquanto tira as roupas de Sofia para dar banho nela. Eu quero ajudar, mas eu mal tenho forças nas pernas para permanecer de pé ao vê-la nesse estado.

— Se depois do banho e os remédios a febre não baixar, eu a levarei ao hospital para ouvir uma segunda opinião médica — digo firme.

São dois contra um, mas não importa qual argumento eles usem, de forma nenhuma irei voltar atrás da minha palavra. Nem que para isso precise chamar outro médico.

Capítulo 6

•

JÚLIA

Depois que o grosso do delegado Avilar foi embora, vesti a roupa que o meu pai mandou pelo João Pedro, já que não o deixaram entrar para me ver, coitadinho. Ele e o meu irmão devem estar em pânico, assim como eu. Ele escolheu uma calça jeans antiga que tenho, uma blusa simples de malha e um casaco mais grosso, caso fizer frio mais tarde. Como na delegacia o preso fica somente por um curto período, posso ficar com a minha roupa sem nenhum problema, quando me transferirem para o presídio serei obrigada a usar uniforme.

Graças a Deus, agora me encontro vestida e segura dos olhos curiosos. Estava morta de vergonha de continuar só de camisola na frente de todo mundo. Os policiais não tiveram um pinga de respeito comigo, ficavam olhando para as minhas pernas descaradamente. Teve um que ousou piscar para mim acompanhado de um beijo estalado no ar jogado na minha direção, eu desviei, é claro.

Só aceitei dar meu depoimento ao investigador da delegacia que não tem nenhum envolvimento pessoal com o meu caso, pelo menos irão me ouvir sem ficar me julgando a cada palavra que eu disser, apontando o dedo na minha cara sem nem ao menos me ouvir, como o ogro do delegado fez. O meu advogado, o professor João Pedro, está ao meu lado, me orientando com o olhar a cada palavra que sai da minha boca.

— Tem conhecimento do motivo ao qual foi detida, senhorita Júlia Helena da Silva? — Indaga o investigador do caso apoiando as costas na cadeira e cruzando os braços.

O homem que está me interrogando deve ter pouco mais de trinta anos, de estatura mediana, moreno bronzeado e olhos escuros que causam medo.

— Somente por alto, senhor, só disseram que estou sendo acusada de roubar a filha do delegado dessa delegacia. Não sei direito de onde tiraram esse absurdo, nunca roubei nada na vida, muito menos uma criança — explico, mantendo o contato visual para que ele veja que não estou mentindo.

— Entendo, senhorita Júlia. — Coça a barba rala de alguns dias, com a testa franzida, como se estivesse escolhendo cuidadosamente as próximas palavras para falar. — A situação é a seguinte, a menina a qual viveu com você lhe chamando de “mamãe” durante anos, de fato foi comprovado através de um exame de DNA ser Sofia, filha do delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Ricardo Avilar e da esposa Andréia Souza Avilar, que perdeu a vida durante o parto. Ela foi sequestrada ainda bebê durante um passeio que fazia com o pai em uma feira livre em Florianópolis, por essa mulher. A senhora a reconhece? — Abre a pasta que está sobre a mesa com o retrato falado de uma mulher estampado logo na primeira página, de longe reconheço quem é.

— Sim, senhor, essa é a minha prima Talita.

Fico em estado de choque, tudo em que acreditei durante todos esses anos não passava de uma grande farsa. Engulo seco antes de perguntar:

— Mas se a menina que eu criei se chama Sofia, onde está a verdadeira Maria Lara? Porque a certidão que eu tenho com esse nome é verdadeira. Podem ir buscar na minha casa e conferir, sou estudante de Direito e saberia distinguir se fosse falsa. — João Vitor segura minha mão bem forte. Ele, tanto quanto eu, está chocado com tudo isso. Fico com medo de que ele não acredite na minha inocência, há tanta coisa contra mim que nem eu sei se acredito.

— Maria Lara está morta! Morreu com pneumonia dois meses depois de nascer, só que como sua prima não fez a certidão de óbito, então, perante a sociedade a criança ainda está viva. Por isso você usou a certidão de nascimento sem nenhum problema, mas como a verdade cedo ou tarde aparece, aqui estamos nós, não é mesmo? — Inclina o corpo para frente em minha direção, me encarando com os olhos estreitos tentando me deixar intimidada.

Coitado, irá precisar bem mais que isso. O que me deixa destruída é saber de todas as barbaridades que minha prima aprontou, fico envergonhada por ela. Começo a chorar encolhendo os ombros, não posso acreditar que ela fez isso comigo. Ou melhor, com um bebezinho inocente lhe roubando a vida ao lado da família.

Do pai que a ama, eu sinto tanto por ele. Agora entendo o motivo de toda sua raiva.

Não a grosseria.

— Acalme-se, senhorita Júlia. E me conte tudo desde o começo, tente se lembrar de cada detalhe, porque pode ser essencial para solucionar o caso.

Queremos entender como a criança chegou até você, precisamos saber para onde foi o dinheiro que sua prima ganhou pelo sequestro. — Falta pouco para apontar o dedo na minha cara, tem razões para isso.

Ele tem muitas razões para isso.

— Eu vou contar tudo sobre aquele dia, não se preocupe. — Respiro fundo e começo a falar.

Contei tudo ao investigador com riqueza de detalhes. *Quando digo riqueza de detalhes digo tudo mesmo, até uma respiração fora do ritmo normal.* Falei sobre o dia em que a minha prima chegou lá em casa com uma criança nos braços alegando ser sua filha e de um tal Carlos Henrique, mais conhecido como “Noia”, e foi embora deixando a menina comigo junto com a suposta certidão de nascimento sem dar muitas explicações. Eu não desconfiei na época, me deixei levar pela emoção que senti quando peguei Maria em meus braços pela primeira vez.

Nunca imaginei que aquela seria a última vez em que veria Talita com vida. Sempre me perguntei quem a matou de forma tão cruel. E por quê? Repeti essas perguntas na minha cabeça por um bom tempo, então os dias foram passando e a cada minuto ficava mais deslumbrada em ser mãe da minha Maria. Nunca amei ninguém como a amo, independentemente do que acontecesse comigo dali em diante, ela ainda continuaria sendo a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Fiquei tão cega devido ao grande amor maternal, que acabei não prestando a atenção aos pontos mais importantes da história. Maria Lara não parecia em nada com Talita, pensei que poderia ter puxado tudo do pai. A minha relação com a Maria fluiu como a correnteza de um rio, rápida e cristalina. A partir do dia que a ouvi me chamando de *mamãe* pela primeira vez, descobri que a maior verdade existente na vida é de que o amor não é sangue, não é DNA. Amor é solidariedade, afeto que sentimos por quem está ao nosso redor só precisando do nosso carinho. Família não é aquela que possui o mesmo sangue, mas aqueles que são capazes de dar a vida pela gente. E eu daria a minha vida pela minha filha. Não saiu do meu ventre, mas era como se tivesse sido gerada dentro de mim. Existe um amor entre nós que não tem medida e não vai ser a distância ou o tempo que irá destruí-lo.

Ele é eterno.

Podem me trancar dentro de uma cela pelo resto da vida, que não diminuiria em nada a felicidade que a minha pequena trouxe para a minha vida.

Compensou cada segundo.

Eu entendo perfeitamente o lado do pai, não a sua arrogância comigo sem me dar ao menos a chance da dúvida. Mas como não ficar com o coração duro depois de sofrer tanto tempo longe da filha? Eu não sei se vou aguentar uma semana sem ela, um dia e já estou enlouquecendo sem a minha princesa. Agora provavelmente nunca mais me deixarão colocar os olhos nela, só de pensar nisso uma dor insuportável no peito apareceu.

Eu preciso ter fé, Deus me levará até ela novamente.

Foram duas horas dando o meu depoimento, não fizeram tantas perguntas assim, porém as repetiram uma centena de vezes só trocando as palavras ou o formato da frase tentando me pegar em contradição em algum momento. Mas isso não aconteceu, tudo o que eu disse não foi nada além da verdade, me senti à vontade como se estivesse em casa. João Pedro foi embora confiante, prometendo fazer o impossível para conseguir a minha liberdade provisória através de fiança. Rezo para que consiga.

No meu caso, o fato de ser ré primária ajuda substancialmente para que eu consiga responder pelo “crime” em liberdade. Graças a Deus nunca tive problema com a polícia para agora encherem a boca para me chamar de “bandida”, sequestradora de bebês e não sei mais o quê. Isso não é o pior, ainda tem a questão da minha faculdade, faltando tão pouquinho para me formar em Direito acontece uma tragédia dessas. Quem vai querer contratar uma advogada com a ficha suja? Merda! Conseguiram me ferrar bonitinho.

De volta à minha cela, sento em um canto mais escuro, na verdade, a sala é toda escura, suja e úmida. Fora o mau cheiro que embrulha o estômago de qualquer um, o meu já está rodando como uma roda gigante. Só não coloquei tudo para fora porque não comi nada, a não ser que vomite o meu próprio estômago e os demais órgãos ao seu redor.

Escolho o lugar menos pior para me acomodar e respiro fundo tentando desfazer o nó amargo que se instalou em minha garganta desde o momento em que o investigador contou a verdadeira história da Talita. Ela foi capaz de uma crueldade tão grande que acabou custando a sua vida e, por pouco, a de uma inocente. Droga! O homem tinha acabado de perder a mulher, meses depois teve a filha roubada. Isso foi muita sacanagem, não desejo uma desgraça dessas para ninguém, e por onde a minha prima andou com a menina até chegar à minha casa? Pela data do sequestro que o investigador falou, foram meses depois, tenho até medo de imaginar o milagre de ela ter chegado viva. Os cabelos ruivos e a

doçura de tratar os outros, Maria deve ter herdado da mãe, além do sorriso farto quando está feliz. Parando para pensar não me lembro de ver a minha menina triste nenhuma vez. O olhar inteligente quando questionada, o tio Binho sempre cai na sua lábia porque a pequena é uma malandrinha de marca maior, quando vê já te passou a perna e fez o que ela quer. Acho que do pai só herdou os olhos azuis mesmo, porque, pelo que percebi, seu jeito é só na base dos gritos e coices.

Cavalão!

— Visita para Júlia Helena — o grito do carcereiro me tira dos devaneios.

Sinto nojo quando ele segura no meu braço e sai me puxando pelo corredor me olhando de forma maliciosa, mascando chiclete de menta estalando a língua e causando um barulho irritante. Pisca o olho esquerdo puxando os lábios para o lado, acreditando ser um sorriso sexy.

Juro, sinto até pena dele.

O meu coração se aperta dentro do peito quando chego à sala de visitas e o meu pai está me esperando sentado em uma cadeira de ferro com os ombros caídos. Reconheço logo o desapontamento em seu rosto. Tenho vontade de morrer por causa da expressão de tristeza que faz assim que coloca os olhos em mim descendo o olhar para as marcas das algemas ainda bem fortes no meu pulso. Só não chora porque é muito forte, mas está com vontade que eu sei. Andou sempre na linha, honestamente, para que nunca pisasse em um lugar como esse e agora, por minha causa, está passando pelo constrangimento de visitar a filha em uma delegacia.

Caramba! Me sinto a pior pessoa do mundo, meu pai não merece passar por isso.

O senhor Joaquim tem um estilo sério de vestir, sempre de calça social e camisa de manga longa de botões, bem passada, na maioria das vezes preta ou branca sem nenhum tipo de estampa. Mantém o cabelo sempre curto, barba bem aparada, parece meu irmão e não pai. É um negão enorme de quase dois metros de altura, musculoso como se vivesse dia e noite na academia mesmo nunca tendo ido a uma, conseguiu cada um deles trabalhando como pedreiro para criar os filhos sozinho, e nos dar uma boa educação. Sabe o Julius da série “Todo mundo odeia o Cris”? Então, ele é bonitão igualzinho. Até mesmo na obsessão por trabalho.

— Filha, como você está, meu amor? Eu e o seu irmão estamos tão preocupados com você. — Sua voz falha. Percebendo que vai desabar na minha

frente, me apresso em ir até ele e o abraço o mais forte que posso.

— Estou bem, papai, não se preocupe. — Ele gira a cabeça para olhar o local à nossa volta, pousando os olhos por alguns segundos sobre os dois policiais parados do lado de fora da porta e armados até os dentes. Depois me encara de cara feia se perguntando mentalmente como alguém pode estar bem em um lugar frio e assustador como esse.

As paredes são pintadas de um cinza horripilante, desbotado e descascando, não há nada além de uma mesa de ferro com duas cadeiras, provavelmente só é autorizada a visita de uma pessoa por vez por isso o meu irmão não entrou. Mas tenho certeza que está esperando o meu pai do lado de fora, ansioso por notícias minhas. A maior qualidade da nossa família é o amor incondicional que um sente pelo outro.

— Como pode estar bem em um lugar como esse, filha? — Não disse que ele estava pensando isso? Esse é o meu velho, superprotetor.

Meu herói.

— Eu também te amo, pai, mas não temos muito tempo agora para isso. — Faço sinal para que se sente e ele se apressa em realizar o ato.

— E essa história louca de sequestro da minha neta, Júlia? A nossa casa não é a mesma coisa sem vocês duas, eu e o seu irmão estamos devastados. — A tristeza nubla as suas feições.

— A Maria Lara é, e não é, filha da Talita, nem sei como explicar direito, pai. Só posso dizer que a menina que cresceu conosco, é filha de um delegado importante, sua sobrinha roubou a menina dele ainda bebê em troca de dinheiro, como se a nossa pequena tivesse preço. Provavelmente a mando das mesmas pessoas que a mataram. Eles vão tirá-la de nós, nunca mais vamos vê-la. Não conheço essa gente, e se não estiveram tratando-a bem?

Cubro o rosto com as mãos e começo a chorar compulsivamente, não sei o que fazer.

Meu coração está devastado, se quiser matar uma mulher sem encostar um dedo nela, tire o seu filho dela.

— Não fique assim, querida! Eu já sei da história toda. O seu professor, João Pedro, me ligou e me deixou a par da situação, disse também que minha neta já foi entregue à sua família de sangue. Salientou que o pai dela não pode ir tirando a menina assim de você, porque existe um vínculo emocional muito forte

entre as duas. Não tem culpa de nada, é tão vítima quanto ele nessa história. — A voz do meu pai sempre me deixa mais calma, até mesmo quando eu aprontava feio ele conseguia fazer com que eu me arrependesse do que tinha feito apenas com o uso de palavras, sem gritar ou qualquer tipo de agressão física ou verbal.

Nunca levantou a mão para mim ou para o meu irmão em hipótese nenhuma. Por isso nunca mexemos com coisa errada no morro, por falta de oportunidade não foi, mas tivemos uma boa estrutura na nossa criação.

— Ela nunca ficou um dia longe de mim, dorme todas as noites agarrada comigo. Ela deve estar assustada em um lugar estranho e com pessoas que nunca viu na vida.

Nessa história toda, a minha preocupação maior é com minha filha, ela é o tipo de criança que não desgruda de mim um segundo quando estamos em casa ou saímos para algum lugar. Deixava de brincar com os amiguinhos no parque para ficar abraçada comigo no banquinho vendo os patinhos nadarem na lagoa. Se eu demorasse a aparecer mais de uma hora dos meus horários normais, ela começava a se desesperar e deixava todo mundo louco, achando que tinha acontecido alguma coisa comigo e não me veria nunca mais.

E agora, meu Deus? Meu anjinho deve estar em desespero e eu não posso fazer nada. Apenas rezar para que sejam paciente com ela como eu sempre fui, e amorosos também.

— Não fica assim, minha filha, no final dará tudo certo. Sempre dá.

— Dessa vez eu não sei, pai, não sei...

— João Pedro está vendo se consegue sua liberdade provisória através do pagamento da fiança. Ele quer dar o dinheiro e seus os amigos da faculdade querem ajudar também. Dani e a Yudiana estão organizado uma vaquinha, mas eu disse para não se preocuparem, eu vou dar um jeito. — Meu pai sempre foi muito orgulhoso, herdei isso dele. A teimosia e a rabugice também, principalmente a dificuldade em confiar nas pessoas.

— Eu não queria mexer no dinheiro da poupança que fizemos para pagar os estudos da Maria Lara, mas talvez seja a única alternativa que temos.

Desde que minha filha fez dois anos que eu, meu pai e o meu irmão desistimos de fazer comemorações festivas nos seus aniversários e concordamos mutuamente em abrir uma conta poupança no nome dela e depositar o dinheiro.

Depois desse dia, rigorosamente, todo mês, nós três depositamos dez por

cento do nosso salário nessa conta. Nunca olhei o saldo, mas teve ter um bom dinheiro. É para pagar os estudos da Maria quando se formar no Ensino Médio e ela poder escolher a faculdade que quiser, não vai precisar passar o perrengue que eu e o meu irmão passamos para conseguir uma bolsa ou entrar em uma faculdade pública. Eu no curso de Direito; ele, Gastronomia. Binho sonha em ser cozinheiro e ter o seu próprio restaurante algum dia, e olha que o danado manda muito bem na cozinha.

— De forma nenhuma, esse dinheiro é para pagar os estudos da minha neta. Não vamos mexer nele — diz enfático.

— A família verdadeira dela é rica, pai, não vai autorizar que cheguemos perto da menina, tampouco que paguemos os seus estudos.

— Não vamos mexer no dinheiro da Maria Lara e ponto final, ele é dela. — Meu pai sempre foi louco pela neta, não sei como vai conseguir sobreviver sem ela esbanjando doçura por toda casa.

Por onde passa.

— O nome verdadeiro dela é Sofia, pai.

— Para mim será sempre Maria Lara. — Dá de ombros.

— Para mim, também. Até gosto de Sofia, mas sinto como se estivesse falando de outra pessoa. — É estranho, mas é verdade, para mim Sofia Avilar é uma pessoa que nunca tinha ouvido falar até agora.

Já Maria Lara, é a menina que ensinei a andar, ensinei o que é certo e o errado. Chorei feito uma louca no primeiro dia de aula, e sou capaz de fazer qualquer coisa para fazê-la feliz.

— Sinto muito fazer o senhor passar por tudo isso, pai. Se não tivesse sido tão sentimental e me apaixonado pela Maria assim que a vi, não estaríamos sofrendo tanto hoje.

— Nunca diga uma coisa dessas, filha, minha neta foi a melhor coisa que aconteceu nas nossas vidas, e nada, nem ninguém pode tirar isso de nós. Você consegue imaginar como teria sido os nossos últimos anos sem aquele anjinho correndo para todo lado? Porque eu não consigo. — Os cantos da sua boca se curvam em um sorriso, mas os lábios trêmulos entregam a sua vontade de chorar.

— Não importa o que aconteça, cada segundo valeu a pena — afirmo mais certa do que nunca. Mas desabo logo após.

Depois de muito chorar abraçada ao meu pai, ele teve que ir embora. Pedi que fosse ao meu trabalho explicar o que está acontecendo comigo, acredito que se não me mandarem embora, no mínimo serei afastada até que tudo se resolva. Sou conduzida para a cela novamente, jogada dentro dela como um saco de lixo. A noite chegou e eu não consigo pegar no sono de forma nenhuma, a todo o momento tenho a impressão de escutar a minha filha chamando por mim. O tempo todo com uma sensação ruim tomando cada vez mais conta do meu peito, uma vontade de chorar todas as lágrimas até secar. Em vez disso, me ajoelho no chão de cimento grosso, cheio de buracos e rezo até ferir os meus joelhos para que Maria Lara esteja bem.

Os tolos se desesperam em meio a algum momento difícil, os sábios buscam força em Deus para seguir em frente lutando.

Consegui cochilar um pouco apenas quando o dia já estava clareando e o sol mostrava a sua grandeza através de um pequeno raio que atravessava a minúscula janela que tem na parte mais alta da parede coberta por grades como se eu, com uma bunda desse tamanho, fosse conseguir passar por num buraquinho daqueles.

Acordei na hora do almoço com as costas doendo de dormir nessa cama dura, o corpo todo dolorido. No horário do almoço trouxeram uma marmita pronta, mas não quis comer, pois a enorme tristeza gravada no meu peito destruiu o meu paladar por completo. As horas foram passando e passando, mas ninguém apareceu para me visitar. Perguntei a um dos carcereiros e ele disse que o meu pai e o meu irmão estiveram ali para me visitar, mas não puderam entrar porque não é dia de visita.

Droga! Queria tanto ver pelo menos um dos dois, precisava de um abraço e ouvir que tudo ficará bem. Passei o resto do dia triste sentada em um canto, chorando com saudade da minha filha. Do seu sorriso quando me via chegar do trabalho, sempre que olhava o bobo do tio fazendo alguma graça ou nas inúmeras vezes em que o avô trazia algum mimo para ela toda vez que saía.

O senhor Joaquim mimava a neta descaradamente e não fazia um pinga de questão de esconder isso. E a Maria, nada boba, deitava e rolava nas costas do avô.

Eu amo tanto que chega a doer, sem ela nossa família nunca mais será a mesma. É a alegria da nossa casa, um anjo que Deus mandou para as nossas vidas. Como será agora? Prefiro morrer a ficar longe dela, não sei como as coisas vão ficar daqui para frente, mas sem a minha filha eu não vou ficar! Se o

delegado quiser me afastar dela, vai ter que me matar, caso contrário, vou infernizar a sua vida até nos seus últimos dias.

As horas custam a passar nesse lugar, não comi, nem bebi nada. A impressão que tenho, é a de que todo mundo se esqueceu de mim, eu morrerei aqui e ninguém ficará sabendo. Nem João Pedro veio me ver. Queria saber em que pé está o pedido de liberdade provisória e, acima de tudo, notícias da minha filha.

Pela pequena janela que tem no alto da parede para entrar ar na cela, percebo que a luz do sol já foi embora, sinal que já é noite. Está completando dois dias que estou longe de Maria Lara.

— Senhorita Júlia Helena da Silva, queira me acompanhar, por favor! — Levanto depressa quando escuto meu nome, fico mais calma ao perceber que se trata do policial que estive na minha casa, o que parece ter ficado com pena de mim enquanto me algemava.

— Aonde vamos? — Eu não sairei da cela antes de saber para onde estão me levando, vai que é para fazer queima de arquivo.

Começo a colocar minhoca na minha cabeça pensando que o delegado mandou seus comparsas darem um fim em mim. Ou é mais poderoso do que pensei e conseguiu uma ordem com algum Juiz para me mandar para algum presídio cheio de gente barra pesada.

— Calma, senhorita Júlia. Você está livre. Conseguiram a sua liberdade provisória, foi feito o pagamento da fiança no valor de dez mil reais.

É a mesma coisa que levar um tiro bem em cima do coração.

— Dez mil? Não estou me sentindo muito bem. — Apoio em uma das grades, tentando digerir o monte de zeros que vem depois do um no valor que pediram pela minha fiança.

A expressão no meu rosto deve ser a pior possível, porque ele me olha como se eu estivesse enfartando bem na sua frente. Por um momento penso até que vai chamar a ambulância. Até eu mesmo penso em pedir para que ele a chame porque definitivamente eu não estou bem.

Meu Deus! Onde o meu pai conseguiu tanto dinheiro? Não temos nem a metade disso na poupança da Maria Lara, o meu irmão provavelmente deve ter vendido a moto dele. Choro. Se ele fez isso agora terá que ir trabalhar todos os dias a pé. Sacrificar-se assim por mim não está certo. A culpa disso tudo é

minha, não quero que ninguém além de mim pague pelo preço da minha burrice. Contudo, fico comovida pelo esforço dele e do meu pai em juntar essa grana toda tão rapidamente para me ajudar.

Eu tenho a melhor família do mundo.

— Calma, Júlia! O importante é que está livre agora, comemore com a sua família essa conquista. — Ele parece feliz em dar a notícia, até sorri. Nunca imaginei que o João Pedro conseguiria me tirar daqui tão rápido. Quando o encontrar vou abraçá-lo até não aguentar mais, vou deixá-lo todo amarrotado.

— Isso é sério mesmo, moço? —Tenho que ouvir de novo para ter certeza.

— Muito sério, e pode me chamar só de Barreto. Tem uma amiga da senhora aí fora, um tanto “esquentadinha” a esperando para levá-la para casa, pediu para lhe entregar isso, disse que é presente. — Me entregou uma sacola contendo um vestido soltinho que ia até mais ou menos na metade das coxas, cor vinho, de mangas longas, e um par de sapatilhas pretas com detalhes dourados. Logo de cara descubro de quem ele está falando.

Yudiana.

— Deixe-me adivinhar, é uma negra cor de canela, alta, muito bonita com os cabelos longos e lisos parecida com uma índia, não é mesmo? — Sorrio balançando a cabeça.

Só ela mesma para me trazer um vestido tão bonito para ir embora da cadeia. Na cabeça dela, estar bem vestida faz você sair bem por cima de qualquer situação.

— Essa mesma! Por pouco um companheiro meu do trabalho não deu voz de prisão à sua amiga por desacato à autoridade.

Essa é a Yudi, não leva desaforo para casa. Por isso a amo tanto, sempre compra briga para defender a mim e a Dani. Fico emocionada de ela estar comigo nesse momento, tenho orgulho de ser sua amiga.

Muito mesmo.

— Obrigada por ser tão gentil comigo, porque o Delegado faltou pouco me bater. — Os cantos de sua boca se transformam em um sorriso discreto, e suas bochechas coram muito.

Pelo que vejo é um rapaz tímido. Sua pele é bronzeada bem de leve combinando com os olhos acastanhados, cabelos pretos em um corte bem-feito.

— Está bem, Júlia. Mas não saia daqui com uma má impressão do delegado, é o homem mais justo que conheço.

Sei!

— Além de gentil, é ingênuo. Uma combinação perigosa em mãos erradas. — Cora mais ainda, esse Barreto, com essa timidez toda e esse perfume doce, não sei não hein...

Ele foi gentil o suficiente arriscando a levar uma advertência ao me conduzir até a um banheiro — que obviamente os presos não podem usar — para tomar um banho rápido e me trocar. Arrumou uma toalha e um sabonete novo, até mesmo um par de chinelos.

A sua bondade é admirável.

Capítulo 7

•

JÚLIA

Depois do banho, coloco o vestido na velocidade da luz e ajunto os cabelos de qualquer jeito ainda úmidos em um coque alto mal feito, por mim tanto faz a minha aparência nessa hora. Abaixo para colocar as sapatilhas e quando levanto está tudo rodando à minha volta como se as paredes do banheiro estivessem cada vez mais perto de mim, tenho claustrofobia^u. Por isso o meu pai construiu nosso banheiro bem grande, conhece bem o meu estado quando me sinto acuada. Em elevadores não entro nem morta, nem que precise subir vinte andares de escada, mas não entro.

Meu estômago embrulha, tapo a boca com a mão e debruço sobre a pia do banheiro com as bochechas ardendo. Coloco tudo para fora, o que não é muito já que não consegui comer nada. Um resíduo amargo queima ao passar pela minha garganta me deixando mais enjoada ainda. Quando termino, abro a torneira da pia, encho as duas mãos de água e jogo no rosto. O líquido gelado toca a minha pele quente causando um choque térmico nos meus nervos que estão tensos.

— Você está com uma cara horrível, Júlia!

Resmungo olhando o meu reflexo no espelho com os olhos extremamente inchados e vermelhos. A verdade é que estou com uma aparência péssima, envelheci dez anos em dois dias. Me recomponho da maneira que posso, jogo as roupas que usei ali na lata de lixo e saio do banheiro andando com um pouco de dificuldade.

Minha cabeça trabalha a mil por hora sem saber o que fazer daqui para frente. Tudo isso porque fiquei apenas pouco tempo presa e já perdi o rumo da minha vida, imagina aqueles que ficam anos aprisionados por crimes que não cometeram? Se eu soubesse que aquele seria o meu último dia que veria minha filha, teria dito o quanto a amava a cada segundo. Sinto como se tivessem arrancado uma parte do meu corpo, nunca mais serei a mesma.

Chego à recepção com um sorriso enorme no rosto, totalmente diferente de como passei por aqui dias atrás, aos prantos, assustada, algemada sendo arrastada apenas de camisola como uma criminosa perigosa. Se depender de mim, não voltarei a esse lugar tão cedo. Na porta, faço igual a minha mãe

quando ia a um lugar onde não era bem tratada, antes de sair ela batia o pé duas vezes indo embora sem olhar para trás e prometendo nunca mais voltar.

Não demoro muito para encontrar minha amiga, Yudiana. Sua presença não é nada discreta, o tipo de mulher que não passa despercebida. Ela está de pé ao lado da porta jogando os cabelos longos de um lado para o outro ansiosa à minha espera. Deslumbrante, como sempre, dentro de uma calça jeans justíssima, tanto quanto o caráter dela. A blusa branca apertando os seios enormes fazendo o decote parecer ser maior do que de fato é, qualquer coisa fica divino nela. Nos pés um salto alto azul púrpura, chamativos e ao mesmo tempo elegantes. Seu estilo é naturalmente sensual, mas quem não a conhece pode achar vulgar. Todos os policiais que passam por ela torcem o pescoço para admirar a sua beleza escandalosa, a boba nem percebe.

É só me ver para abrir um sorriso enorme, chorando e rindo ao mesmo tempo. Olho em toda parte ao seu redor, mas não encontro meu pai e irmão em lugar nenhum. Quero abraçá-los como se o mundo estivesse acabando, agradecer por tudo o que fizeram para me ver livre. Se eles não estão aqui para festejar a minha liberdade, é porque alguma coisa muito errada está acontecendo. Começo a ficar com medo.

— Bem-vinda à liberdade, amiga! — Yudi abre os braços para mim fazendo o amontoado de pulseiras finas douradas em seus pulsos baterem uma na outra ocasionando um som agudo. E corro para abraçar a minha amiga. Estou mesmo precisando de um bem forte neste momento.

— Obrigada por estar aqui, amiga.

— Mulher, esse vestido ficou um arraso em você, te deixou com um bundão da porra. — Dá um tapa no meu traseiro. Louca!

— Obrigada, Yudi, eu amei o presente.

— Não precisa agradecer, somos amigas-irmãs, lembra? A Dani só não veio porque ela está doente, pegou uma gripe braba, a coitadinha mal consegue ficar de pé. Mesmo assim não para de ligar, você a conhece, né? Acha que é obrigação dela cuidar de todo mundo, disse que quando ver aquele delegado vai dar na cara dele. — Sorrio. Não dá para imaginar a Dani dizendo isso, ela é amorosa e gentil demais para ameaçar alguém. Nunca a ouvi falar um palavrão e se alguém fala perto dela, faz cara feia.

Yudi limpa as lágrimas do meu rosto e me abraça novamente ao perceber que só um não é o bastante para sanar a minha carência.

— E o meu pai e o Binho por que não vieram? — Indago.

Seu sorriso desaparece e franze os lábios fazendo minha preocupação aumentar.

— Bom, eu passei hoje lá na sua casa para entregar o dinheiro que conseguimos juntar na vaquinha que fizemos com o pessoal da nossa sala, todo mundo ajudou um pouquinho. Mas o seu pai não aceitou, porém, ficou muito emocionado com a nossa atitude e acabou ficando com a pressão muito alta e o seu irmão teve que levá-lo no postinho. — Entro em desespero.

Meu estômago embrulha novamente, e o meus batimentos cardíacos aceleraram abruptamente, minhas vistas ficam turvas e vem uma vontade incontrollável de chorar. Não é drama da minha parte, mas amor mesmo, muito amor pelo meu pai. Se alguma coisa acontecer com ele, não sei o que será de mim. Não me perdoaria nunca.

— Como assim, Yudi, o que o meu pai tem? — Cambaleio meio tonta, a pressão na minha cabeça é grande demais.

— Calma, Ju. Senta aqui, amiga. O senhor Joaquim já foi medicado e já deve estar em casa uma hora dessas, não se preocupe. Seu irmão pediu para eu vir junto com o João Pedro pagar a sua fiança. Achou melhor ficar de olho no pai de vocês para ter certeza de que a pressão dele não subiria novamente.

Sentamos nas cadeiras azuis da recepção, todo mundo que passa fica olhando para nós. Yudi senta ao meu lado e segura a minha mão, o seu olhar confortante traz paz para o meu coração.

— A culpa disso é toda minha por estar dando tanto desgosto a ele.

— Primeiro, a sua única culpa nessa história é ter sido a melhor mãe que uma criança poderia ter. Quem dera eu tivesse tido a mesma sorte que a Maria. E a minha vida teria sido muito diferente se o meu pai me amasse a metade que o seu te ama. Ele não passou mal por desgosto, mas por preocupação. Não aguentou ver a filha inocente ir para a cadeia, a neta ser arrancada dele bem diante dos seus olhos sem poder fazer nada. Só Deus sabe como é louco por aquela menina, todos nós somos.

“Eu vou depor a seu favor, cada cena de amor que presenciei entre vocês duas. A Dani também vai, e quem mais for preciso. João Pedro só passou aqui comigo para ajeitar a papelada da sua fiança que paguei com o cheque que o seu pai me entregou, e nem esperou para te ver, viajou direto para Santa Catarina.

Ao que tudo indica, tem uma pista lá muito importante para o seu caso. Sabe por que tudo isso? Porque nós te amamos, conhecemos a pessoa maravilhosa que é, e temos plena certeza da sua inocência. ”

No final do seu “discurso” eu já estou em prantos, por isso Yudi foi eleita a aluna responsável pelo texto de agradecimento no dia da nossa formatura. Sabe tocar o coração das pessoas apenas com palavras, apesar de não acreditar em religião, esse é um dom que Deus deu a ela.

— A sua amiga está coberta de razão, senhorita Júlia Helena. — Uma voz grossa toma conta do lugar e eu conheço muito bem a quem pertence, mas não posso acreditar que de fato ele está aqui.

— Juiz Thompson? — É a única coisa que consigo dizer com a voz totalmente trêmula, morta de vergonha de encontrá-lo aqui.

Com certeza a minha prisão já tinha chegado ao seu conhecimento.

Que vergonha, meu Deus, que vergonha!

Tanto eu como Yudiana erguemos a cabeça para analisar melhor o dono dessa voz poderosa, de baixo para cima ele aparenta ser muito mais alto. Postura firme, superior, esbanjando elegância dentro de um terno grafite caríssimo.

Não posso deixar prestar atenção a um detalhe: ele não consegue tirar os olhos de Yudi, e nem ela, dele.

Hummmm....

— Boa noite, senhoritas. — Seu tom é naturalmente sério, apesar de que não precisa dizer nada, sua presença por si só já impõe respeito.

Juiz Thompson poderia facilmente ter escolhido ser um galã de cinema, ou um modelo famoso conhecido no mundo todo tendo o seu rosto estampado em todas as capas de revistas e jornais todos os dias que ninguém cansaria de admirar a sua beleza fora do comum. Chega a ser surreal, até os homens que passa por ele torcem o pescoço tentando entender como pode existir tanta beleza em uma pessoa só.

E a boca? Misericórdia! Lábios carnudos, uma pena que nunca os usa para sorrir.

Isso mesmo! Ninguém no fórum se lembra de ver o poderoso Juiz Thompson sorrindo, mas é extremamente educado e respeita todos à sua volta. Nós, da sua equipe, somos como da sua família, porém ele é sério demais ao

interagir conosco. Fechado. Não é homem de brincadeiras, a impressão que tenho é a de que ele guarda um segredo muito grande que o consome por dentro.

Por completo.

— Boa noite, Juiz Thompson. — Levanto sem jeito, ainda meio atordoada com a sua presença e aperto a sua mão em um ato formal.

Quando o vi pela primeira vez, a cerca de dois anos atrás quando comecei a estagiar no fórum, ele liderou o ranking da minha lista dos homens mais bonitos do mundo, porém, digamos que agora *alguém* recentemente tomou a sua liderança...

— Como que eu fico sabendo só um dia depois que um dos membros da minha equipe foi preso de forma tão invasiva? Se o seu pai não tivesse deixado avisado no fórum, nem ficaria sabendo de nada. — Seu tom é tão sério quanto a sua expressão, ele é tão decidido que às vezes tenho medo dele.

Acompanho seus olhos atentos a cada movimento da minha amiga enquanto ela se levanta ao meu lado. Não acredito que vivi para ver Yudiana Jackson ficando tímida perto de um homem. Ela é uma paqueradora nata, decidida e direta. Mas nesse momento a mulher que se esconde atrás de mim, não saiu ilesa ao abalo que a presença do Juiz Thompson causa nas pessoas, até o ar ficou mais denso.

— Tudo aconteceu muito rápido, desculpe, senhor.

— Vim pessoalmente saber como está o andamento da sua situação, fico feliz que já está em liberdade provisória. Mas vou averiguar se o que aconteceu aqui pode caracterizar abuso de poder, o delegado Avilar é responsável por essa delegacia e pode ser processado por conta da sua postura inadequada envolvendo assuntos pessoais com o profissional.

Concluiu no estilo “*Homem da Lei*” em alto e bom som para todo mundo escutar, em especial os quatro policiais do outro lado do balcão de mármore da recepção, entre eles Barreto que ouve tudo com tanta atenção como se quisesse gravar cada palavra em sua mente. Aposto que irão fazer fofoca para o chefe depois, e o Juiz Thompson parece querer isso mesmo.

— Eles estão me acusando de ajudar a sequestrar a minha própria filha, senhor. Mas eu sou inocente, juro de joelhos se for preciso. O meu único erro foi agir movida pelo coração. — A cor foge do meu rosto, nunca na minha vida pensei passar por uma situação tão constrangedora.

Tudo porque naquela época pensava ter feito o certo, e ainda acho que fiz. Melhor ao sentir o braço de Yudi em volta de mim me dando a força que preciso nesse momento.

— Mas é claro que você é inocente, Júlia, e não vai ajoelhar coisa nenhuma. Vamos brigar de pé na justiça para provar a sua inocência, olhando olho no olho dos acusadores.

Já disse o quanto amo a minha amiga? Bom, eu a admiro muito pela força e a coragem, e pelo visto não sou só eu.

— Mais uma vez sua amiga está certíssima, Júlia. Devia ouvi-la. — Uau! Sinto a minha amiga se arrepiando toda só de ouvir a voz grossa do homem exalando poder que está em nossa frente.

Ele, o todo-poderoso, o temido Juiz Thompson.

Mesmo Yudi tentando se esconder atrás de mim novamente igualzinho Maria Lara na frente de estranhos, a sua atitude infantil não impede Thompson de continuar literalmente comendo-a com os olhos. Fala comigo, mas a atenção está na minha amiga. Eu adoro a ideia, eles formariam um casal lindo. Uma pena ele ser noivo da bruxa da Estela, uma socialite metida a santa e filha de um deputado famoso.

A atração sexual entre eles dança pelo ar, nunca vi nada parecido. O Juiz olha para ela como se fosse devorá-la na minha frente, e ela corresponde na mesma altura.

— Desculpe a minha indelicadeza. Essa é a minha amiga Yudiana, minha amiga-irmã.

— Prazer, Thompson. — Ela estende a mão oferecendo o seu melhor sorriso, mas a dele continuou dentro do bolso, desviando o olhar.

Yudi deixou a mão parada no ar por alguns segundos, chocada com a indelicadeza dele para com ela. Mas não se deixa abater, usa a mão que era para cumprimentá-lo para jogar o cabelo para o lado sensualmente e oferece as costas para o Juiz. Fico boba quando os olhos gulosos dele vão direto para a bunda enorme e empinada da minha amiga. Seu corpo é perfeito, farto, bem definido no formato de um violão. Nunca vi o meu chefe nesse estado, *totalmente fora do controle*, suando como um maratonista. Ele tira um lenço do bolso e enxuga o rosto, inquieto, parecendo um animal selvagem enjaulado.

Mas não tira os olhos da bunda dela, de jeito nenhum!

Nitroglicerina purinha esses dois juntos. Ambos de personalidade forte, marcante. Alguma coisa me diz que essa fogueira ainda tem muito fogo para queimar, ô se tem...

— O senhor está bem, Juiz Thompson? — Indago achando sua atitude muito estranha. Os músculos do seu corpo ficam todos tensos sem nem ao menos tocar nela, a respiração fica mais pesada. A impressão que tenho é que a sua vontade é de sair correndo tamanha é a dor que está sentindo.

— Vamos provar a sua inocência, não se preocupe. Trabalha conosco há mais de 2 anos, é tempo mais que suficiente para te conhecer e saber que é inocente. Existem muitas perguntas sem resposta no meio dessa história toda, e nós vamos descobrir cada uma delas. — Muda completamente o foco do assunto enfiando a mão no bolso com o lenço molhado de suor. Caramba, o que está acontecendo entre esses dois? Por que ele não quis apertar a mão da Yudi? Que homem louco.

— Mais uma vez, muito obrigada. — Agradeço, seca. O respeito muito, mas maltratar a minha amiga, é a mesma coisa que fazer comigo.

— Não precisa agradecer, Júlia. Somos uma família lá no fórum. Um confia no outro, ajuda quando é preciso. Se aceitarem, o meu motorista levará você e a sua amiga em casa. Já está um pouco tarde e pode ser perigoso andarem sozinhas por aí. — Passa a mão no cabelo bagunçando alguns fios, parecendo incomodado com alguma coisa. É a primeira vez que vejo esse homem poderoso intimidado com a presença de uma pessoa.

— Não quer apertar a minha mão, mas está preocupada com a minha segurança?! Homens, vai entender — ela resmunga, ainda de costas, alto o suficiente para que o Juiz escute, a verdadeira Yudi colocando as mangas de fora.

Isso mesmo, amiga!

— Vou esperar vocês no carro — diz seco e vira as costas para ir embora.

Yudi se vira para fuzilar as costas dele, xingando-o mentalmente. Balanço a cabeça e a puxo pelo braço aumentando o passo para conseguir acompanhar o juiz Thompson até a saída da delegacia.

— Calma, Júlia, vamos acabar caindo por causa do Juiz mal-educado.

— Eu não tenho culpa de nada, só te apresentei a ele. Vamos embora, ou perderemos a nossa carona. — Tiro o meu da reta e a vejo ficar vermelha de

raiva como uma pimenta malagueta.

— Eu não vou a lugar algum com esse grosso filho da puta, cretino! — Resmunga enquanto anda depressa.

— Júlia... Júlia... — Paramos de andar para ver quem está me chamando com a voz tão angustiada, meu coração para de bater assim que vejo o Cabo Barreto vindo atrás de mim segurando um telefone sem fio na mão. — Você tem que ir comigo até a casa do Delegado ver a menina, agora.

Estremeço, já entrando em desespero. A situação é mais séria do que pensei, para o pai da minha filha autorizar a minha entrada em sua casa, é porque a coisa está feia, muito feia mesmo!

— Por que, o que aconteceu com a Maria? — Yudi também está preocupada.

— A menina passou a noite com muita febre e os remédios que o médico receitou não fizeram efeito. Ele acredita que é emocional, ela não para de delirar chamado por você, Júlia. — Começo a chorar desesperada sacudindo Barreto pelos braços, Yudiana que me tira de cima dele antes que o machuque.

— Por favor, Barreto, me leve até a minha filha.

Assente.

— Vou pegar o carro, te pego em frente à delegacia. — Sai correndo ligeiro em direção à garagem, esquecendo que segura o telefone sem fio, determinado a ajudar o mais rápido possível.

— Tem certeza mesmo que quer ir à casa do Delegado sozinha? Isso pode ser alguma armação, não confio nele. Ouvi dizer que é um bom delegado, mas o coração dos outros é terra que ninguém vai — alerta o Juiz, encarando Yudiana.

— Por minha filha sou capaz de fazer qualquer coisa, independente das consequências.

— Entendo, desejo melhoras para a menina — diz, gentil.

— Obrigada, Juiz Thompson. Se não for pedir muito poderia levar a minha amiga em casa? Não vou ficar tranquila sabendo que foi embora sozinha. — Yudi belisca a minha costela me olhando daquele jeito “*você me paga depois*”.

Dou de ombros, a segurança dela vem em primeiro lugar. Não sei do que está com medo, não pode estar mais protegida do que na companhia de um Juiz e os dois carros de seguranças que o seguem aonde quer que vá.

— Levo — responde ele, desgostoso.

Abre a porta do carona e entra na sua BMW preta, de cara feia e sem se despedir.

— Não precisa — resmunga Yudi.

— Precisa sim, Yudi, por mim. Tenho medo que te aconteça algo andando sozinha por aí.

— Eu odeio você, vai me pagar por isso — ela me ameaça enquanto me dá um abraço carinhoso, seu coração bate forte de ansiedade de ficar sozinha com o Juiz.

— Também te amo, amiga, obrigada por tudo!

— Cuida bem da nossa menina, diz que a tia mandou um beijo.

— Eu vou cuidar sim, tomara que fique boa logo. — Ficamos um pouco abraçadas até o Barreto chegar. Ela entra no carro do Juiz; eu, na viatura e cada uma segue o seu destino.

Quase o enlouqueço pedindo que corra mais a cada minuto. Para me distrair um pouco, Barreto começa a perguntar como que a Maria chegou à minha vida. A técnica dele dá certo, fico mais calma enquanto conto toda a história. Não demora muito e passamos por um portão enorme com vários guardas, conheço o lugar de uma foto que vi em uma revista de gente rica. É a entrada do condomínio mais luxuoso da cidade, com poucas casas, bem longe uma da outra, em meio a uma espécie de reserva florestal. Mesmo sendo noite e com a ajuda da iluminação dos postes, dá para ver que é a área mais verde do Rio de Janeiro. Deve ser um máximo morar aqui, perto da natureza. Amo estar em meio à natureza.

Pelo menos o pai da Maria Lara poderá dar a ela a vida que eu nunca pude.

A casa do Delegado é a última do condomínio, a mais afastada de todas as outras. Se fosse um prédio, o metido moraria na cobertura. É bem grande, toda pintada de branco, cheia de janelas grandes de vidros e um jardim enorme na frente. Há muitas árvores em volta, tudo muito lindo mesmo.

Somos recebidos por uma senhora baixinha que nos espera ansiosa na porta da frente. Saio do carro praticamente correndo e corro ao seu encontro. Mal consigo falar as palavras que enrolam na garganta, sua presença me passa tanta calma que sinto como se estivesse na presença de um anjo.

Um anjo que me levará até a minha filha.

— Olá, querida, boa noite! Então você é a famosa mamãe? — Me abraça como se fôssemos amigas há anos, gostei dela logo de cara.

Como não gostar de alguém que veste um vestido com cores alegres como o dela? Parece um arco-íris, todo florido. O seu abraço consegue me acalmar um pouco. O mais importante é que não me julga em momento nenhum.

— Onde está a minha filha? — A seguro pelos ombros balançando-a e deixando bem claro o grau do meu desespero, uma veia pulsante salta para fora do meu pescoço. Na verdade, ela deve estar imaginando que sou louca.

— Primeiro se acalme, querida. Eu sou Célia, a mãe do Ricardo e avó daquela princesinha. A menina está doente desde que pisou nessa casa de tanta falta que sentiu de você, dá para ver que te ama muito. — Seus olhos estão marejados.

— Eu também a amo muito. Maria Lara foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Nunca ficamos tanto tempo separadas...

Não aguento mais e desabo, só quero ver a minha filha logo. Se acontecer alguma coisa com ela, não me perdoaria nunca. Sempre fui forte, mas quando o assunto é a Maria Lara, viro uma manteiga derretida.

— Não precisa chorar, Júlia, esse é o seu nome, não é mesmo? Vá logo ver a minha neta, o quarto dela é no segundo andar, a porta no final do corredor. Pode entrar, sinta-se em casa! — Nem a deixo terminar de falar direito saio correndo não reparando em nada pelo caminho. Subo as escadas pulando dois degraus por vez, meu corpo treme todo de medo.

Quando chego ao quarto, fico abobalhada. É maior do que a nossa casa inteira, parece uma casinha de boneca de tão lindo. As paredes pintadas de rosa, noventa e cinco por cento do quarto é dessa cor. Há brinquedos espalhados por toda parte, que parece mais uma loja. Meus olhos vão direto para as prateleiras repletas de fotos de um bebê ruivo. Uma menina linda. A minha menina. Várias do Delegado com ela no colo, e um quadro grande sobre a cama de uma mulher linda, grávida e alisando a barriga enquanto sorri. A mulher se assemelha muito com Maria Lara. Com certeza é a sua mãe, parece ter sido uma boa mulher.

Meu coração se parte em mil pedaços em ver o estado em que a minha filha se encontra. Deitada toda encolhida na cama em um tipo de transe, falando coisas sem sentido enquanto dorme. Parece tão angustiada, ela é a que mais está

sofrendo com isso tudo. Tão pequena, não entendendo o motivo de a tirarem da “família”. De uma hora para outra não podendo ver mais a mãe, tio e o avô que tanto ama. Se para um adulto uma situação dessas já é difícil, imagina para uma criança?

— Pode entrar, mamãe, tem uma mocinha aqui ansiosa para te ver. — Convida um senhor vestido todo de branco sentado em uma poltrona bege clara com as pernas cruzadas e lendo um livro. Ele tira os olhos da página e olha para mim por cima dos óculos de grau.

Como sabe que sou a mãe da Maria Lara, não sei. Talvez pelo meu desespero ou o medo evidente em meus olhos.

— O que ela tem, doutor? É muito grave?

Corro até a cama e me sento ao lado da minha filha alisando seu rostinho em um tom avermelhado, pegando fogo de tão quente. Meu desespero aumenta em uma escala altíssima. Ela suspira fundo como se estivesse chorando no sonho que está tendo. Tadinha da minha pequena. Estou com tanta saudade que faz o meu coração doer, a minha vontade é de pegá-la nos braços e levá-la de volta para a nossa casa.

Nosso lar.

— Calma, mamãe! Apenas fale com ela, creio que isso será o suficiente para fazê-la melhorar.

— Acorda, amor, a mamãe chegou. — Inclino o corpo sobre ela e beijo seu rosto.

Tenho que ser forte para não chorar, não quero fraquejar na frente dela.

Maria Lara abre os olhos ao ouvir a minha voz, eles se enchem de lágrimas assim que me vê. Sorrio e ela corresponde com uma carinha de choro que acaba comigo. O tempo para. É sempre assim quando estamos juntas.

Somos só eu e ela.

— Mamãe? — Alisa o meu rosto com carinho, limpando as minhas lágrimas com as pontinhas dos dedos, uma por uma. Os seus lindos olhos azuis analisam cada detalhe do meu rosto, como se quisesse gravar essa imagem em sua mente para sempre.

— Eu senti saudades, meu amor! — Minha voz sai trêmula, olhando para o seu rostinho perfeito cheio de sardas. Os cabelos ruivos longos estão espalhados

pelo travesseiro e veste um pijama novo cor de rosa.

— Eu também senti, mamãe, tanto que dói aqui. — Deixa uma lágrima escapar ao pegar a minha mão e colocar sobre o seu coração. Sua voz é chorosa e me corta o coração.

— Não vai abraçar a mamãe? — Abro os braços, ela pula dentro deles em um rompante fazendo nós duas cairmos sobre a cama e começa desesperadamente a distribuir beijos por toda a extensão do meu rosto e me afogando com seu amor.

— Eu te amo, mamãe, muito mesmo! — Diz entre os beijos que espalha em meu rosto.

— Eu também te amo, filha, mas assim vai deixar a mamãe sem ar. — Ela solta uma gargalhada gostosa e se ajeita melhor no meu colo para olhar no meu rosto enquanto conversamos. Maria gosta de manter contato visual.

— Podemos ir para casa agora? Não gosto daqui, quero ver o vovô e o tio Binho. — Me fita com atenção à espera de uma resposta.

— Essa aqui agora vai ser a sua casa. Olhe que quarto bonito que fizeram para você. — Tento fingir estar empolgada, mas não surte muito efeito.

— Mas a senhora vai dormir aonde, mamãe? Essa cama é muito pequena e ainda tem o vovô e o meu tio. Mesmo se dormirmos todos abraçadinhos, não vai caber. — Olha para a sua caminha de forma totalmente inocente, esperançosa de que possamos caber todos nela.

Em sua cabeça não existe a possibilidade de vir morar nessa casa sem nós, é muito apegada.

— Isso é magnífico! Agradeço à Deus por me dar a oportunidade de ver algo tão lindo, não será preciso olhar a febre novamente, porque tenho certeza que já baixou. — Vendo a minha saia justa com minha filha, o médico faz a gentileza de tirar de tirar o foco do assunto.

— Lindo mesmo, tanto que fiquei emocionada vendo as duas juntas.

Olho para o lado e vejo que a avó da Maria Lara está parada encostada na porta, ao seu lado está Barreto também tomado pela emoção. Ela usa a barra do avental para limpar as lágrimas. Acho que ouviu toda a nossa conversa e está emocionada com tudo. Ela é mãe e sabe exatamente a dor que eu estou sentindo.

— Por que ela está chorando? Também está com saudade da mamãe dela?

— O tom de preocupação na voz da minha filha mostra que ela tem um bom coração.

— Foi só um cisco que caiu no olho da vovó, meu amor! Não se preocupe comigo, querida.

— Ahh! Entendi, tipo quando a namorada do tio Binho parou de ir lá em casa e todo dia, eu o via chorando escondido? É por que esse tal de cisco caiu no olho dele? — Seu rosto se ilumina pelo o brilho da curiosidade, ela sempre gostou de saber o porquê de tudo. Gosta de aprender.

A inocência da Maria me encanta.

— Isso mesmo, filha! — Beijo seu rosto e ela balança a cabeça como se tivesse entendido tudo agora. Mas não ela ainda não encerrou o assunto e volta a atenção para Dona Célia novamente.

— Mas quando a senhora sentir falta da sua mamãe, eu empresto a minha um pouquinho, mas só um pouquinho, está bom? — Junta os dedinhos para deixar bem claro que me empresta só um pouquinho mesmo. Ela morre de ciúme de mim, inclusive com os homens.

— Você está sendo muito educada querendo dividir sua mãe comigo, sinal que teve uma ótima educação. — Me derreto toda de orgulho, por onde passa não tem ninguém que resiste ao seu jeito encantador.

— Agora, preciso ir mesmo, cuidem bem dessa menina linda. Boa noite a todos — diz o doutor, se despedindo.

— Eu e o Barreto acompanhamos o senhor até a porta, doutor — diz a sua avó só para nos deixar sozinhas.

— Agora somos só eu e você, gatinha. — Começo a fazer cosquinhas nela fazendo-a se remexer feito uma cobrinha em meio aos lençóis enquanto solta gargalhadas tão altas que ecoam pela casa.

Penso em conversar com a minha filha sobre como as coisas serão daqui para frente, mas, vendo a sua alegria, não tenho coragem. Se esse será o nosso último tempo juntas, irei fazer de tudo para agradá-la.

— Podemos ir embora agora? Não posso ficar muito tempo longe do vovô, ele sempre diz que eu sou o seu amuleto da sorte. — Levanta apressada do meu colo e corre até o guarda-roupa cor de rosa.

Abre as duas portas revelando uma imensidão de vestidos iguais aos de

princesas, com lantejoulas, véus e tudo o mais que tem direito. Procura alguma coisa, mas não faço a mínima ideia do quê.

— O que está procurando, filha? — Ela nem me ouve, totalmente compenetrada na sua procura.

— ACHEI! — Grita eufórica como se tivesse achado um baú de tesouro, mas é apenas o vestido simples que ela usava no dia em que a tiraram de mim.

Parece que o lavaram e passaram com carinho e guardaram bem dobrado no fundo do guarda-roupa. Estranho, pensei que não iam querer nada que a lembrasse da época que viveu na casa dos “sequestradores”. Ele é azul e rodado, com um laço grande atrás, muito lindo, porém, foi usado tantas vezes que já está surrado.

— Vou me trocar rapidinho e já podemos ir para casa, mamãe. — Agora entendo tudo! Ela pegou tanta birra desse lugar que não quer levar nada daqui.

Outra criança escolheria qualquer um dos vestidos caros de princesa que tem aqui, mas não a minha filha! Escolheu o velho que eu comprei para ela. Como se dissesse dizer:

Eles podem me dar tudo, mas a minha escolha vai ser sempre a minha mãe. O amor que ela sente por mim.

Tão pequena e já sabe deixar bem claro o que quer.

— Vem aqui, amor, deita aqui do lado da mamãe um pouquinho. — Balança a cabeça negativamente, cruzando os braços e unindo as sobrancelhas.

Conheço bem essa cara, ela está zangada.

— Não, mamãe! — Faz bico.

— Por que não, filha?

— Porque a senhora vai fazer carinho no meu cabelo até eu dormir, depois vai embora e me deixar sozinha aqui de novo — diz e recomeça a chorar se enrolando toda ao tentar tirar a blusa do pijama devido à raiva que sente.

Vou até ela e a pego no colo, automaticamente os seus bracinhos rodeiam o meu pescoço.

— Nunca esqueça o quanto a mamãe te ama, mais do que qualquer coisa no mundo. — Aperto ainda mais o abraço, chorando em silêncio para que Maria Lara não veja.

No fundo, eu sei que aqui ela receberá o melhor para seu futuro, mais oportunidades de crescer financeiramente na vida.

Eles podem lhe dar coisas que eu nunca poderei.

— Não vou esquecer, mamãe, eu prometo!

Deito com ela agarrada em mim e ficamos abraçadas em silêncio por um bom tempo. Maria é esperta o suficiente para entender um pouco do que está acontecendo e, assim como eu, quer apenas aproveitar esse momento. Como Maria havia previsto, afago seus cabelos até perceber que está ficando sonolenta. Dói em ver a força que está fazendo para não se entregar de verdade ao sono, com medo de que quando acordar eu não esteja mais aqui.

Infelizmente, não estarei.

— Por favor, mamãe, eu não quero dormir. — Sua voz sai chorosa e esfrega os olhinhos constantemente.

— Você perdoa a mãe, filha? — Meu coração está destruído, não quero que Maria sofra. Tudo o que eu quero, nesse momento, é que a nossa vida voltasse a ser como antes, que nada disso estivesse acontecendo. Mas isso significa que um pai ainda estaria sofrendo à procura da filha, e isso também não é justo.

Me pergunto onde o grosso deve estar agora. Estou morrendo de medo de ele chegar a qualquer momento e me tirar daqui arrastada pelos cabelos. Por isso vou esperar a minha filha dormir um sono mais pesado e irei embora logo em seguida, não quero que ela veja a mãe arrancando a cabeça do pai. Porque se ele ousar gritar comigo novamente ou me ofender de alguma forma, por menor que for, eu irei comer churrasquinho de Delegado no meu almoço.

— Conta uma história para mim, mamãe? — Minha pequena boceja sonolenta, esfregando os olhos com mais força dessa vez, não vai demorar a dormir. Também, já é tarde.

— Claro que sim, amor, tudo o que você quiser, sempre. — Sorrio em meio às lágrimas e minha voz sai abafada em meio a um bocejo.

Olho para o seu rostinho lindo cheio de sardas e ela sorri para mim de volta, mas não chega aos olhos. Se aconchega melhor nos meus braços para ouvir a história, meu coração está sangrando por não saber quando poderei ver a minha filha novamente. Não quero que ela perceba a minha tristeza, então irei contar a melhor história de todos os tempos.

A da Cinderela que encontra o seu príncipe de uma maneira inusitada e

depois de muitos problemas que surgiram em seus caminhos, no final, acabaram sendo felizes para sempre.

Capítulo 8



RICARDO

Até tentei não voltar atrás na minha palavra e não deixar aquela mulher pisar dentro da minha casa, mas depois de ver a minha filha passar a noite inteira e o dia todo com febre, tive que ceder. Pensei na possibilidade de levá-la ao hospital, mas o médico disse que seria em vão, pois não existe medicação para “*saudade*”, a não ser dar o que Sofia quer.

“*A mãe.*”

Sem saída, tive que me humilhar ligando para Barreto e pedir que trouxesse aquela mulher para ver minha filha imediatamente, antes que o pior acontecesse. Porém, fui pego totalmente de surpresa quando ele teve a graça de me informar todo alegrinho que a cúmplice da sequestradora de Sofia havia conseguido a liberdade provisória. Como isso aconteceu e eu não fui informado antes para tentar evitar? Porra! Deve ser esse o motivo de ter perdido algumas ligações do meu advogado, mas, naquele momento, estava tão envolvido em ficar ao lado de Sofia rezando para que melhorasse logo, que me esqueci de retornar. Foi até melhor, chega de aborrecimento por hoje.

Queria saber de onde essa gente tirou quase 10 mil reais de uma hora para outra? Pelo que Barreto me contou, o cheque está no nome do pai, Joaquim da Silva. Com certeza deve ser o dinheiro que a prima ganhou para sequestrar a minha filha, e de onde veio esse deve ter muito mais. Tenho que passar um pente fino na vida de todos dessa família para conseguir mandá-la para a cadeia novamente e, dessa vez, para sempre. Eu amo meu trabalho, contudo, o que odeio são as diversas brechas que existem nas leis do Brasil que só favorecem os criminosos e não as famílias das vítimas. Menor de idade pode matar, roubar e estuprar que não vai preso. Fica no máximo três anos em um reformatório e sai pior do que entrou, revoltado. E a situação nesse país só piora, infelizmente.

Minhas ordens ao Barreto foram bem claras, essa mulher só poderá ficar por uma hora. Já estou fazendo muito em autorizar a entrada daquela bandida em minha casa. Toda essa situação está sendo muito difícil para mim.

Mas pela Sofia eu sou capaz de fazer qualquer coisa, até mesmo abrir a porta da minha casa para os meus inimigos.

Santo Deus! Como vou viver em paz agora sabendo que essa Júlia está à solta por aí, pronta para cometer o próximo crime? E pelo que o Barreto me contou, o tal poderoso Juiz Thompson, além de ir pessoalmente saber informações do caso dela, ainda disse em alto e bom som que está de olho em mim. Isso só pode ser brincadeira. Ela, linda como é, deve estar “agradando-o” muito para conseguir esse tratamento especial de um homem tão importante como ele. Maldita! Contudo, se depender de mim, a alegria dessa tal de Júlia não vai durar muito tempo. Se ela tem as costas quentes, eu também tenho os meus contatos.

Não quero estar presente durante a visita dela, por isso resolvo sair para dar uma corrida pelo condomínio. Tomo um banho gelado para esfriar a cabeça e coloco minha roupa de treino, o trajeto de hoje será um pouco mais longo. Estou muito estressado e só tem um lugar onde consigo acalmar a tempestade que se instalou em meu coração. Nada me deixa melhor que correr na noite fria acompanhado de um belo céu estrelado. Isso vai me fazer mais que bem, sempre faz. A verdade é que não estou preparado para reencontrar a Júlia, novamente, os dois encontros que tivemos foram bastante intensos. Marcantes.

Inferno!

Por que essa mulher mexe tanto comigo? Não consigo tirá-la da minha cabeça, parece que jogou um feitiço em mim.

Ela é manipuladora e eu não quero cair no seu joguinho como todos os idiotas que passam pelo seu caminho. Pode ser muito atraente, mas apesar de ser homem, diferente da maioria, o sexo não é tudo para mim. Sou romântico e acredito no amor eterno, até mesmo depois da morte, como no meu caso com a minha falecida esposa. Contudo, não posso mentir que mesmo antes de saber do envolvimento de Júlia nessa história, não conseguia tirá-la dos meus pensamentos após o nosso breve encontro no Morro do Alemão durante a minha missão quando a vi pela primeira vez. Por mais que eu tente, não consigo arrancar a imagem do seu rosto da minha cabeça. Parece até bruxaria.

Pego a estrada à direita em direção a um pequeno bosque que fica na subida da colina que faz parte do terreno em volta da minha casa, a maior parte dele é composto por árvores e flores. Andréia amava esse tipo de coisa, a natureza, parecia até uma hippie. Mesmo depois de morte, ainda continuo apaixonado pela minha esposa, meu primeiro amor. *E único*. Sempre tão doce e amável fazendo de tudo para agradar todos à sua volta nos mínimos detalhes.

Coloco o capuz da minha blusa de moletom cinza na cabeça, os fones no

ouvido e vou aumentando a velocidade dos meus passos. Corro o mais rápido que posso sentindo o vento gélido da noite fria tocando o meu rosto. Por mais que aumente o ritmo nunca parece ser o bastante, quero sempre mais e mais, pensando na bagunça que se encontra minha vida. Acreditava, fielmente, que quando encontrasse Sofia tudo voltaria ao normal e eu encontraria a paz novamente, mas minha angústia aumentou ainda mais. Pior do que ter uma filha perdida, é ter uma que te odeia e não quer ficar ao meu lado.

Corro mais rápido.

A estrada vai ficando cada vez mais difícil conforme me aproximo do bosque. Saio do asfalto e entro em uma estrada de terra mais estreita. O aroma de ar fresco vindo das árvores é tranquilizante, há eucaliptos cheirosos plantados em toda parte, assim como ipês de todas as cores. Andréia enlouquecia na primavera, que é quando as árvores florescem com toda sua exuberância. Ela mesmo plantou um monte em volta da nossa casa em Santa Catarina, fiz o mesmo aqui assim que me mudei para esse condomínio, apesar de já ter alguns em fase adulta e florindo. Por isso escolhi o coração desse lugar para fazer o santuário para guardar suas cinzas, essa foi a forma que encontrei de levá-la comigo onde quer que eu vá.

Mais rápido...

Os músculos do meu corpo começam a ficar dormentes, principalmente os das minhas pernas. Isso é bom. Muito bom. Tudo o que eu preciso no momento, é de um tempo sozinho para pensar. Queria ter morrido no lugar de Andréia, ela saberia o que fazer em uma situação como essa. Na verdade, se estivesse viva, não teria sido tola em deixar a nossa filha ser roubada. Em um relacionamento sempre tem uma pessoa mais forte, no nosso ela era a pessoa mais responsável.

Vou diminuindo a corrida até parar totalmente. Meu corpo está dormente e ofegante.

Chego onde eu queria. O ritmo do meu coração desacelera só de saber que, de alguma forma, por mais peculiar que seja, eu estou perto dela novamente, o grande amor da minha vida. Nunca amarei nenhuma outra além de Andréia. Já tive a dádiva de encontrar a minha alma gêmea, não sou tolo de acreditar que teria a mesma sorte novamente. Algumas pessoas passam a vida inteira procurando a sua outra metade e não chegam nem perto. Sem a minha esposa nunca consegui me sentir completo novamente. Estou vazio. *Sem vida.*

Tiro os sapatos e os coloco na entrada do altar de mármore escuro que eu

mesmo construí, bom o suficiente para aguentar a força da natureza. Rezo o Pai Nosso e beijo a aliança que ainda carrego no dedo, nunca a tirei — as outras precisam saber que tenho dona. Cumpro o ritual que sempre faço quando venho visitar minha esposa.

Ajoelho em frente ao altar e observo as tulipas brancas enfeitando tudo em volta, assim como a bela foto da minha esposa, sorrindo enquanto alisava a barriga de oito meses de Sofia. É possível ver a foto perfeitamente atrás de uma proteção de vidro colada no vaso cor de rosa onde estão as suas cinzas. Rosa era a sua cor favorita. O gosto delicado e refinado sempre foi a maior característica de Andréia.

— Oi, amor. Tenho uma novidade para te contar, eu achei a nossa filha. — Sorrio triste me sentando ao seu lado. As pontas dos meus dedos alisam lentamente o local onde está escrito:

“Andréia Souza Avilar, mãe da minha filha e a única mulher da minha vida.
”

O vento balança as folhas das árvores resultando em um assobio agudo. Não há nuvens no céu, apenas estrelas. Uma em especial chama a minha atenção, é a mais brilhante de todas. A sigo desde a morte de Andréia, acredito ser a forma que seu espírito encontrou de ficar perto de mim.

— Ela está tão linda, amor! Se parece ainda mais com você! — Respiro fundo lutando contra as lágrimas que se formam em meus olhos. — Mas ela não se lembra de mim, na verdade, querida, a nossa filha me odeia. Não quer ficar comigo, insiste em querer voltar para as pessoas que a tiraram de nós. Estou assustado, não sei o que fazer. Você saberia. Por favor, me dê um sinal de que tudo vai ficar bem no final. — Imploro, devastado.

Nenhuma resposta.

Abraço as minhas próprias pernas, meus ombros caem demonstrando o tamanho da devastação que se encontra em meu coração. Nunca me senti tão sozinho, assustado. É como estar perdido no escuro sem fazer a mínima ideia de onde ir, porque para qualquer lado que for será um caminho perigoso... arriscado. Tudo o que eu mais queria era achar a nossa filha, agora que a encontrei, não sei como agir.

— Por favor, amor, me dê um sinal — sussurro. — Tenho medo de não conseguir, de falhar novamente e perder o amor da nossa filha para sempre. — Posso sentir meu coração sangrando dentro do peito enquanto bate acelerado

dolorosamente.

— Sinto tanto sua falta, a cada dia que passa o meu amor só aumenta. — Ergo a cabeça e olho para o céu tentando sobreviver a essa dor que estou sentindo quando vejo uma estrela cadente cruzar o céu deixando um rastro lindo de luz fortemente brilhante bem em cima da minha casa.

Não consigo nem piscar, meus olhos estão vidrados admirando a cena maravilhosa, um verdadeiro milagre da natureza. Minha esposa caprichava em tudo o que fazia, não podia esperar menos da parte dela. Agora sei que por mais difíceis que as coisas sejam, no final, ficará tudo bem.

— Obrigado, amor! — Sorrio.

Minhas forças foram renovadas.

Fico um bom tempo admirando o céu, deitado de barriga para cima próximo ao altar e com as mãos apoiada sobre o abdômen. Só me dou conta das horas quando vejo o sol começando a apontar no horizonte, me sinto tão confortável aqui que nem vi o tempo passar. Me despeço de Andréia com um beijo sobre a sua foto, calço meu tênis e faço o trajeto de volta para casa correndo, porém, mantendo um ritmo tranquilo.

A primeira coisa que noto assim que abro a porta da frente é o silêncio, parece não haver ninguém em casa. Ontem, nesse mesmo horário estava a maior falação, minha mãe chorando em volta da cama de Sofia que ardia em febre enquanto fazia todas as orações que conhece. O médico andando de um lado para o outro sem saber mais o que fazer, tinha esgotado todas suas tentativas de fazer com que ela melhorasse e levá-la para um hospital poderia piorar ainda mais seu estado.

E eu? Bom, fiz tantas promessas para que minha filha melhorasse que precisarei de, no mínimo, umas quatro vidas para conseguir pagá-las. Mas não adiantou nada! Ao invés de melhorar, ela só piorava e não parava de chamar pela “mãe”. Isso só fazia com que pegasse ainda mais raiva dessa tal de Júlia, mesmo de longe ainda consegue fazer mal à menina.

Antes de tomar um banho e tirar a roupa cheia de suor, subo as escadas praticamente voando até o quarto da minha princesa ver se ela está realmente bem. Abro a porta com cuidado para não a acordar, a luz está apagada. Me aproximo lentamente da sua cama, pisando bem de leve e ao ligar a lâmpada do abajur que tem sobre o criado-mudo e quase solto um grito de tanta raiva.

— O que essa mulher ainda está fazendo aqui? Minhas ordens ao Barreto foram de deixá-la ficar por apenas uma hora, nem um minuto a mais — penso em voz alta, mas não o suficiente para acordá-las.

Elas estão abraçadas tão apertadas que parecem uma só. Sofia tem os bracinhos em volta do pescoço dela com tanta firmeza como se estivesse com medo de que ela fosse embora e a deixasse para trás. A aparência pálida de criança doente foi embora deixando no lugar uma menininha dormindo tranquilamente, como um anjo, curvando os lábios num leve sorriso de felicidade.

A felicidade voltou a reinar no seu coraçãozinho.

Graças a Deus!

Nem parece aquela criança que ontem deixou todo mundo louco de desespero, uma melhoria surpreendente só porque demos a ela o que queria. “A mãe”. Viro o rosto para o lado extremamente magoado, ela ama uma estranha, mas não a mim que sou seu próprio pai. Tomo coragem e volto a olhar para elas novamente, buscando entender melhor por que a minha filha ama tanto essa mulher.

Os dedos de Júlia estão enfiados entremeio aos cabelos de Sofia, como se tivesse dormido enquanto os afagava. Seu rosto molhado como se tivesse chorado até pegar no sono, talvez de arrependimento pelo mal que causou escondendo Sofia durante todo esse tempo.

Minha vontade é de escorraçar essa bandida da minha casa a pontapés para bem longe da minha filha. Mas de onde vou tirar essa coragem? Elas ficam tão lindas juntas, como se uma completasse a outra. Deveria, mas não tenho coragem de separá-las nesse momento, posso odiá-la, mas não sou cruel a esse ponto. Está mais do que claro que ela ama a menina, depois de tanto tempo juntas não tinha como ser de outra forma.

Deus, o que está acontecendo comigo? Tenho que ser forte, não posso me deixar ser manipulado por essa mulher.

Desligo a luz do abajur e saio do quarto totalmente em silêncio, da mesma forma que entrei. Depois da cena que vi, os meus sentimentos estão confusos em relação a todos os acontecimentos dos últimos dias. Se isso é bom para mim ou não, não faço a mínima ideia.

Capítulo 9

•

JÚLIA

— Bom dia, mamãe! — Sorrio ao acordar com o som doce da vozinha da minha filha sussurrando ao pé do meu ouvido. Meu sorriso se alarga mais ainda ao sentir a sua mãozinha alisando meu rosto com carinho.

— Bom dia, meu amor! — Abro os olhos lentamente, me deparando com duas safiras brilhantes me observando atentamente com o rosto bem próximo ao meu. Posso até sentir o calor da sua respiração tocando minha pele.

Ela tem o sorriso de um anjo.

— Podemos ir para a nossa casa agora ver como o meu avozinho está?

Ela começa a pular em cima da cama batendo uma mãozinha na outra toda animada fazendo festa. Um raio de sol atravessa o vidro da janela e conforme ilumina os seus cabelos ruivos voando, parecem labaredas de fogo flamejantes. Linda demais a minha pequena.

— Como assim ir para casa, filha? Nós já estamos em casa meu amor, agora deixa a mamãe dormir mais um pouquinho antes de ir trabalhar. — Bocejo sonolenta e viro para o outro lado fechando os olhos novamente. Estou morta de sono.

Tive um pesadelo horrível! Que eu havia sido presa acusada de sequestrar a minha filha, e pior, que a haviam tirado de mim para morar em outra casa, com um homem grosso que enchia a boca para dizer que era seu pai.

Ainda bem que foi só um pesadelo, ninguém tirou a minha filhinha de mim.

— Acorda, mamãe! Temos que ir embora antes que o homem mau chegue. Ele finge ser bonzinho, mas eu não gosto dele. — O tom zangado da minha filha me faz ficar em sinal de alerta.

Acordo no susto percebendo que não foi um pesadelo coisa nenhuma, tendo a triste certeza ao olhar à minha volta e ter a impressão de ter acordado no quarto da Barbie. Tem tanta coisa rosa que me deixa enjoada, nunca odiei tanto essa cor como agora. Os raios de sol que entram pela janela quase me deixam cega.

Eu deveria ter ido embora depois que a Maria Lara dormiu. Mas, ao final da história que contei para ela, acabei dormindo, também. Droga! Isso não podia ter acontecido. Como vou conseguir ir embora com a minha filha me olhando com esses olhinhos cheios de esperança em ir comigo? Nunca tive forças para sair e deixá-la para trás chorando por minha causa, geralmente quando não podia levá-la comigo, ficava em casa com ela. Minha única alternativa é conversar e rezar para que ela entenda essa situação embaraçosa.

— Filha, a mamãe precisa conversar com você uma coisa muito séria, acho que já está grandinha o suficiente para entender.

— Não podemos tomar café antes, mamãe? Acho que minha barriguinha está com fominha, começou a fazer barulho depois que sentiu esse cheiro gostoso. — Ela rodopia o nariz no ar apoiando as mãozinhas sobre a barriga que ronca sem parar enquanto passa a língua pelos lábios. Tenho que rir, minha filha é uma graça.

Realmente, o aroma vindo do andar de baixo está delicioso, parece que estão fazendo um banquete. Sinal que o povo dessa casa já está de pé há muito tempo, não sei quantas pessoas moram aqui. E estou sozinha aqui, para eles eu sou a inimiga invadindo o convívio sagrado do seu lar. Minha situação não podia ser pior, tenho que dar o fora daqui o mais rápido possível.

— Pode aguentar a fome só um pouquinho, meu amor?

— Acho que sim, mamãe. — Assente.

Levanto rápido tentando juntar a bagunça de cachos que o meu cabelo está, o coque falso que eu havia feito ontem tinha se desmanchado virando uma juba. Pego as minhas sapatilhas que estão ao lado da cama, aliás, quando as tirei que não me lembro? E quem nos cobriu com edredom? Enfim, não tenho tempo para pensar nisso agora, tenho algo mais importante para resolver. Olho para a cama e vejo a minha menina sentadinha analisando tudo com seu olhar inteligente, tentando chegar a alguma conclusão.

— Vem aqui, filha. — A chamo e ela vem correndo e pula no meu colo, reparo que está com o vestido que usava quando a tiraram de mim.

Deve ter levantado cedo e o vestiu do jeito dela, como ainda não sabe se vestir direito, colocou do avesso e de frente para trás. Sento no chão com ela sobre o meu colo, acerto a peça em seu corpo e ganho um sorriso lindo em agradecimento.

— Faz uma trança no meu cabelo, mamãe?

— Claro, amor, enquanto isso conversamos sobre o assunto sério que te falei, combinado?

— *Simpiririm*. — Isso é um *sim* na língua das fadas. Segundo o meu irmão, ele está ensinando a ela o idioma do mundo mágico das histórias que conta para a sobrinha. Diz que ela é a sua princesa, e a trata de tal maneira que a faz se sentir como uma realmente.

— Ótimo, querida. — Ela muda de posição ficando de costas para mim, pego a montoeira de fios ruivos e lisos e o divido em três camadas trançando-as uma na outra. Respiro fundo e começo a falar enquanto ela brinca com uma bolinha colorida que achou no chão próximo ao seu pé. — Pronta? — Indago.

— Nasci pronta, mamãe! — Solto uma gargalhada. *Onde ela aprendeu isso?* Com certeza deve ter sido na escola.

— Lembra de quando a mamãe disse que você não havia saído da minha barriga, mas que tinha o meu coração inteirinho? — Confirma com a cabeça, atenta a tudo o que estou explicando, apesar de arteira sempre foi uma criança muito inteligente. — Então, eu não sabia que você tinha um papai que te ama muito, assim como eu. E que ele estava procurando por você já faz um tempinho, meu amor. Sempre quis ter um pai, não é mesmo? Bom, agora tem, isso não é incrível? E ele quer que você more nessa casa bonita em que estamos agora. Em um quarto cheio de brinquedos e vestidos bonitos de princesa — explico com um sorriso planejado para dar suavidade às minhas palavras, mas, por dentro, seguro o choro.

Não demora muito para as lágrimas começarem a cair em silêncio demonstrando toda a dor que estou sentindo. Contudo, mantenho o sorriso forçado, mas é o melhor que posso fazer no momento.

— Eu não quero ficar com ele, me chama de Sofia o tempo todo. Nunca nem vi essa menina, acho que deve ser a amiga imaginária dele. — Coça a cabeça, confusa com tantas informações novas entrando ao mesmo tempo.

— Sofia foi o nome que a sua outra mamãe e o seu pai escolheram para te dar, eu achei lindo, e você?

— Maria Lara é mais bonito. — Dá de ombros fazendo bico. Ruivinha teimosa. Acho graça, nisso ela é igualzinha a mim.

Termino de fazer a trança e a viro de frente para mim para que possa olhar

em seus olhinhos enquanto tento explicar melhor a situação.

— Eu também gosto muito de Maria Lara, mas esse não é o seu nome verdadeiro, de agora em diante as pessoas irão te chamar de Sofia. — Ela me olha fazendo beicinho com vontade.

Essa conversa não está lhe agradando nem um pouco.

— Eu não vou ser mais a sua Maricota? — O jeito doloroso que ela pergunta se ainda vou chamá-la pelo apelido que dei, me faz perder a voz. Abro a boca, mas não sai nada.

Então faço a única coisa que ainda consigo fazer e a abraço.

— Você sempre será a Maricota da mamãe, filha — digo, por fim, a abraçando bem forte.

— Tenho medo desse lugar, quero voltar para a nossa casa. — Ela começa a chorar.

Nada que eu disser fará uma criança de seis anos entender que não irá mais poder ver a única família que conhece e ama incondicionalmente.

— Não é questão de querer, filha. Não sou sua mamãe de verdade, se seu pai disser que não quer que eu, o vovô e o Tio Binho te vejam mais, nós não vamos poder fazer nada a respeito, meu amor.

— Não mamãe, ele não pode fazer isso, vou morrer sem vocês. Eu sou o amuleto da sorte do vovô e a princesinha do tio Binho, pensei que a senhora tinha dito que, o que quer que acontecesse, ficaríamos sempre juntas. — O choro dela é tão doído que corta o meu coração, não aguento ver ela sofrendo dessa forma e não poder fazer nada a respeito.

— Eu sei, filha, mas existem algumas coisas que não dependem só da vontade da gente. Nós também vamos morrer sem você, meu amor, as estrelas não terão mais o mesmo brilho e o céu nunca mais será tão bonito. — Nos abraçamos chorando juntas.

Estamos unidas até mesmo na dor.

— Ninguém vai morrer aqui, porque, se depender de mim, ninguém vai separar as duas. Agora vamos descer e tomar o café da manhã, pensaremos melhor de barriga cheia. — Dona Célia entra no quarto e agacha no chão e entra no meio do nosso abraço, tão emocionada quanto nós.

— Também acho, vovó. — Dona Célia deixa uma lágrima cair e ri ao

mesmo tempo ao ouvir o ronco alto vindo da barriguinha da Maria. Acho que é a primeira vez que ouve a neta a chamar de vovó.

— Ah, ela me chamou de vovó pela primeira vez, acho que vou chorar — grita eufórica puxando a neta para um abraço de urso. Pelo menos ela já ganhou o coraçõzinho da minha filha. Até o meu, Dona Célia é muito gentil. — Agora vamos encher a barriga para comemorar. — Ela aproveita a deixa.

— Podem ir vocês, não estou com fome. — Minto.

Não quero me encontrar com o cavalo do pai da Maria e estragar o resto do meu dia.

— Não seja tímida, querida. Ricardo está se arrumando para ir para o trabalho. Ele ia tirar algumas semanas para ficar em casa com a filha, mas ela não gosta muito dele e quando o vê começa a chorar. Isso acaba com ele, então preferiu continuar trabalhando para esfriar a cabeça. — Dá uma pausa baixando o olhar sobre a neta no meu colo, enfia as mãos dentro do bolso do avental e decide continuar depois de um longo suspiro. — Meu filho nem sempre foi mal-humorado assim, só Deus sabe todo o sofrimento que passou atrás do parapeito da nossa menininha. Ainda teve que superar a morte da esposa, a mulher que amava mais que qualquer coisa no mundo e que se foi de forma tão repentina, ninguém estava esperando. Andréia deu entrada no hospital sorrindo e louca para conhecer o rostinho da filha e acabou...

Dona Célia não tem coragem de terminar a frase e faz uma expressão de dor ao falar sobre um assunto tão doloroso. Meu coração aperta dentro do peito só de imaginar toda a dor que esse homem passou perdendo duas pessoas que tanto ama em um intervalo tão curto de tempo.

Só sendo forte para sobreviver em meio a tanta tragédia.

— Mesmo assim prefiro esperar aqui, Dona Célia. Nem estou com fome. — A minha barriga atrevida ronca, me entregando. Nem lembro a última refeição decente que fiz.

Ela não diz nada para me constranger ainda mais, apenas ri balançando a cabeça.

— Essa casa é da minha neta também, ela pode convidar quem quiser para tomar café da manhã conosco. — Olho para a mulher doce, de cabelos grisalhos e sorriso fácil tentando imaginar de onde o Delegado tinha herdado tanto azedume. Os traços do rosto lembram bastante, mas no restante não se parecem

em nada.

— Vamos logo, mamãe, a senhora sempre diz que não podemos desperdiçar comida. — Maria sai me puxando pela mão atrás da sua avó, as sigo com um frio na barriga.

A cozinha é enorme e com uma decoração moderna, paredes azulejadas do chão ao teto, armários embutidos, uma geladeira de inox que deve caber uma pessoa congelada dentro. A mesa de madeira está arrumada com tanta comida que dá para alimentar dez ou mais pessoas, tudo do bom e do melhor: café fresco, leite, pães de vários tipos, assim como os diversos bolos e tudo mais que tem direito. Algumas coisas, nem sei bem o que são; só sei que é coisa de gente endinheirada.

— Sentem-se e comam à vontade, quero ver essa mesa vazia quando terminarem.

— Eu realmente não acho uma boa ideia, Dona Célia. Acho melhor ir embora antes que o Cavalão apareça e comece a dar coices até no vento. — Tampe a boca, vermelha de vergonha. Eu e a minha péssima mania de falar tudo o que vem à mente. Meu pai já brigou muito comigo por conta disso.

Graças a Deus, acho que a Maria não prestou atenção no jeito que me referi ao seu pai, não quero criar uma imagem ruim dele. A pequena está ocupada demais hipnotizada com a mesa farta à sua frente, nunca tinha visto tanta comida boa de uma vez só.

— Cavalão é o meu filho, não é mesmo? Adorei o apelido, combina bem com ele quando está de mau humor. Gostei de você, Júlia. É engraçada, aprecio isso nas pessoas. — Solta uma gargalhada alta que dá até gosto de ouvir.

— Eu também gostei da senhora logo de cara. Obrigada por não me julgar e estar sendo tão bondosa comigo, confiando em mim mesmo sem ouvir o meu lado da história, isso me deixa emocionada. — Prendo os lábios na tentativa falha de segurar a emoção, abraço o próprio corpo evitando encostar em qualquer coisa nessa cozinha chique com medo de quebrar algo caro e não ter dinheiro para pagar.

— Como poderia ser diferente? Olha o trabalho maravilhoso que fez com a minha neta, ela é educada, boa e amorosa. Se ela tivesse caído em mãos erradas poderia até estar morta, não gosto nem de pensar nisso. — Nós duas olhamos para Maria ao mesmo tempo. A danadinha tenta limpar o dedo sujo de calda do bolo de chocolate na barra do vestido antes que alguém perceba a sua arte.

— Pena que o seu filho não pense da mesma forma, ele me odeia, pensa que estou envolvida no sequestro. Mas eu juro que sou inocente, não vou parar até provar isso.

E esfregar na cara dele, para engolir todas as grosserias que fez comigo, penso comigo. Estou virada no cão, por dentro.

Suspiro pesadamente e encosto no balcão de mármore escuro da pia, é bem grosso e não tem a mínima chance de quebrar.

— Essa rabugice do Ricardo não é só por todo o sofrimento devido à todas tragédias que passou, tem outro motivo — diz e me chama com o dedo para que fique na sua altura, já que ela é baixinha. — O meu filho também sofre do mal de falta de sexo, sabe? Molhar o bico, afogar o ganso, colocar a naja para cuspir. Ah! Essas coisas que jovens da sua idade chamam de transar, na minha época dizia fazer amor, mas para mim é tudo a mesma coisa.

Sério que ela disse isso mesmo? Ainda por cima abanando o rosto como se estivesse sentindo muito calor. Morri!

Fico roxa, vermelha, azul de vergonha. Não acredito que ela tenha dito isso do próprio filho. Não aguento e começo a rir sem parar, ela continua séria fitando o meu riso.

— A senhora não existe, dona Célia. — Balanço a cabeça, ainda rindo. Fiquei mais tranquila depois de conhecê-la, é bom saber que na minha falta terá um anjo cuidando da minha filha.

— Não sei do que você está rindo, Júlia. Você tem cara de ser trabalhadeira, e mãe solteira que trabalha não tem tempo de namorar. Então deve estar sofrendo do mesmo mal que o Ricardo, subindo pelas paredes. — E o pior é que estou mesmo, ultimamente tenho me dedicado bastante à faculdade, esse último período está sendo pesado e cheio de provas difíceis. — Eu era fogosa na sua idade, não ficava um dia sem dar. O meu marido não prestava, mas era bom de cama — diz baixinho para a neta não escutar. Maria está entretida enfiando o dedo no bolo, novamente.

— Eu realmente nunca tive tempo de namorar de verdade, mas de vez em quando consigo dar uma fugidinha. — Acabo confessando. Ela é tão simpática que faz a gente se soltar sem perceber.

Veste outro vestido floral como o de ontem, mas com cores diferentes, mais discretas. Contudo, deixa a sua aparência ainda mais alegre. A conversa flui tão

naturalmente que me esqueço de onde estou. Na mansão do príncipe das trevas.

— Com certeza, filha, mas bem que você podia casar com o meu filho e um resolveria o problema do outro, e o da minha neta. — Sorri maliciosamente e eu engasgo com a minha própria saliva.

Não casaria com aquele cavalo nem morta!

— Desculpe, dona Célia, o seu filho é muito bonito, mas não faz o meu tipo.

E bota bonito nisso, completo mentalmente.

— Sei... — Semicerra os olhos sorrindo tipo “*Não minta para mim, mocinha*”. — Agora vamos comer antes que esfrie. Quero saber tudo sobre a vida de vocês duas, nos mínimos detalhes. — Antes que eu possa abrir a boca ela me puxa pelo braço e me coloca sentada na cadeira como se eu fosse uma criança. Mal me acomodo e a Maria Lara pula no meu colo.

— Calma, filha, assim vai fazer a mamãe cair. Não foi assim que a mamãe te ensinou, temos que ser educados à mesa — advirto.

— Desculpe, mamãe. — Abaixa a cabeça, envergonhada. Ela sabe se desculpar quando está errada, mas quando não está, não para até provar a sua inocência.

— Vocês são tão lindas juntas, tenho até vontade de chorar. Mas Sofi... quer dizer, Maria, sente aqui e deixe a mamãe tomar café direito, querida. — Bate a mão sobre a cadeira vazia entre mim e ela.

Fico tocada por ela chamar a neta de Maria Lara e não de Sofia, que é o seu nome verdadeiro. Dá para ver que ela quer fazer a Maria se sentir confortável em estar ali e não impor uma vida que não conhece. Isso a faz ganhar pontos comigo, eu a admiro muito. No entanto, a minha filha balança a cabeça negativamente com uma tromba enorme, escondendo o rosto na curva do meu pescoço. Conheço bem essa malandrinha, é esperta. Não se afastará de mim até chegarmos em casa.

A nossa casa.

— No colo da mamãe está bom, vovó. — Dá de ombros.

— Então está bem, meu amor. Agora vamos atacar essa mesa porque está tudo de lamber os beiços. — Dona Célia passa os dedos sobre os lábios e faz um movimento no ar causando um estalo, Maria arregala os olhos e nós três

gargalhamos.

— Posso saber qual é o motivo de tanta graça? Porque eu não estou achando um pingo no que eu estou vendo. — Meu corpo reage à presença do Delegado atrás de mim, arrepiando e as mãos ficando trêmulas.

Já chegou à cozinha rosnando com essa maldita voz grossa e sexy. Não tenho coragem de erguer a cabeça para olhar para ele, mas posso sentir seu olhar queimando sobre mim. Continuo com a cabeça baixa, pelo jeito ele quer confusão. Se eu pudesse, saía correndo daqui com minha filha, mas eu não chegaria nem na porta sem levar um tiro nas costas.

— Bom dia para você também, meu filho! Não vai cumprimentar a nossa visita? — Sua mãe pergunta em um tom de repreensão como se ele fosse uma criança de cinco anos.

Filhinho da mamãe, gargalho por dentro

— Nem morto! Essa mulher não é visita, mãe. A senhora sabe muito bem quem ela é, e tudo o que causou para a nossa família — responde curto e grosso.

— Ricardo Avilar! Não perguntei quem ela é, já sei exatamente. Mande cumprimentar a moça, essa não foi a educação que eu te dei.

O tom da dona Célia é firme. Gostei de ver, essa é das minhas.

— Bom dia. — Ele bufa, cuspidando as palavras entre os dentes.

Faço questão de erguer a cabeça para encarar seus olhos azuis penetrantes que parecem ter o poder de me hipnotizar. A imagem que surge à minha mente é a do céu escuro prestes a cair uma tempestade e das feias, com relâmpagos e trovoadas. Não sou de sentir medo, mas confesso que, nesse momento, sinto um pouco.

Ele usa calça jeans e uma camisa com o emblema da Polícia Civil sobre o lado esquerdo do peito largo, além de muito alto, é exageradamente musculoso. O abraço deve ser igual ao de urso, protetor. A enorme aliança dourada brilha em seu dedo, mesmo depois de tanto tempo viúvo ainda a usa. Um rosto tão bonito escondido atrás de uma barba farta de sabe-se lá quanto tempo sem fazer, a montoeira de fios pretos e grossos dá a impressão de ser mais velho do que realmente é. Olhar deprimente, que tenta demonstrar força, porém, por dentro, está destruído pela vida.

Uma beleza perdida.

— Bom dia, Delegado. — Sorrio sem jeito tentando ser gentil, quero dar uma trégua pelo bem da minha filha. Mas só recebo um olhar acusativo em troca, os seus dentes trincando de raiva, o maxilar rígido.

Que homem difícil, meu Deus!

— Mas a senhora não o chamou de Cavalão, mamãe? — Quase que a Maria me mata de vergonha, Santo Deus! Quando disse isso, pensei que ela estava entretida furando o bolo com dedinho, mas pelo jeito tinha ouvido essa parte da conversa.

Penso que o Delegado vai ficar furioso com o apelido que dei a ele e fazer um escândalo daqueles. Mas, em vez disso, ele abre um sorriso, é só olhar para a filha que a expressão do seu rosto se ilumina, como se o sol tivesse aparecido após a tempestade mandando as nuvens escuras embora.

Lindo e perigoso.

— Você gosta de animais, filha? — Se inclina para ficar da altura dela sentada no meu colo, a aproximação entre nós é inevitável. Eu me arrepio toda, ele é ainda mais cheiroso de perto.

Caramba, chega a ser viciante. Viro o rosto para o lado tentando respirar o menos possível.

— Gosto, mas não de cavalão como você. — Minha pequena esperta esconde o rosto no meu peito, ela sente medo dele.

Normalmente, ela se dá bem rapidamente com as pessoas estranhas e gosta muito de conversar, porém, ela vê o pai como uma ameaça para tirá-la de mim. O Delegado não se deixa intimidar pelo passa-fora da filha. Achou foi é graça e solta uma gargalhada gostosa, daquelas de virar a cabeça para trás. Na verdade, acho que ele é tão apaixonado por ela que qualquer coisa que fizer, achará bonito.

— E de cachorro, você gosta, princesa? — Até a voz dele muda ao falar com ela, para um tom mais baixo e doce. Ele realmente está se esforçando para reconquistá-la, isso é lindo demais.

Vez ou outra ele olha para mim, me desafiando em silêncio.

— Eu amo cachorro, aqui tem um? — A euforia da Maria é contagiante. Nunca vi uma criança gostar tanto de animais como a minha filha, chega a ser obsessivo.

Parece a Felícia, daquele desenho que tem dois ratinhos chamados Pink e Cérebro, que não pensam em outra coisa além de arrumar algum jeito de dominar o mundo.

— Aquele lá serve? — Ele aponta o dedo para o vidro da porta que dá para o quintal dos fundos onde tem um cachorro preto enorme, deitado, triste, sobre a grama do quintal ao lado de um osso de borracha tamanho gigante.

— Ele é lindo! Qual o nome dele?

— É Adônis, pode ir lá fora brincar com ele se quiser. — Os olhos dele brilham de esperança assim como o sorriso, como se começasse a ver uma luz no final do túnel. A filha está começando a interagir com ele, mas ainda bastante desconfiada.

Ele é muito gostoso com o semblante sério, mas sorrindo não tem para ninguém. Devia ser crime alguém ser bonito assim, se existisse condenação para isso a dele seria perpétua na certa.

— Eu posso, mamãe? — Pergunta para mim em vez dele, sinto que não gostou nem um pouco disso.

— Só se você der um abraço no seu pai antes, meu amor. — O espanto transforma seu rosto em uma mistura de gratidão e desconfiança, fora pego de surpresa.

Na verdade, a palavra gratidão é pouco para nomear sua expressão ao observar a filha caminhando até ele a passos tímidos e cautelosos e abraçando o seu pescoço. O Delegado envolve a pequena com os braços grandes e fortes, e fecha os olhos para apreciar melhor a sensação maravilhosa que é receber um abraço dessa ruivinha de personalidade forte. Eu sinto a mesma coisa toda vez que a abraço, é como flutuar em meio às nuvens.

— Obrigado! — Ele sussurra para mim ao abrir os olhos, aí é a minha vez de ficar surpresa com a sua atitude.

Então o Cavalo sabe ser gentil quando quer? Pensei que nem sabia o significado dessa palavra, pelo menos não quando se trata de interagir comigo. Sorrio para ele com cara de boba, mas o grosso não corresponde, ao contrário, sua face se fecha duramente me deixando sem graça.

Novidade.

Cavalo dando seus coices.

Uma estranha sensação de perda toma conta de Ricardo quando a filha interrompe o abraço e sai correndo em direção à porta que dá no quintal onde o cachorro continua deitado na mesma posição, cabisbaixo. Porém, ela freia antes de colocar o pé do lado de fora da porta e olha para trás me fitando por cima do ombro, desconfiada. Ela é esperta feito uma gata.

— A senhora vai estar aqui quando eu voltar, não vai, mamãe? — Eu nunca menti para ela, nunca! E essa não será a primeira vez, irei dizer a verdade mesmo que tivesse que sair e deixá-la aos gritos esperneando no chão da cozinha.

— Sinto muito filha, mas eu tenho que ir e...

— Ela vai estar sim, filha. Eu prometo, agora vá brincar com Adônis, ele sentiu muito sua falta durante esses anos. — Sou cortada por um tom mandão que me faz sentir calafrios nas partes de baixo.

Inferno! Por que esse homem mexe tanto comigo? Sua presença me intimida e eu odeio me sentir assim.

O queixo da dona Célia cai diante a atitude do filho, assim como o meu. Observamos Maria atravessar o jardim e ir até onde o cachorro está. Ele fica louco quando a vê, começa a latir sem parar pulando nela e fazendo os dois caírem sobre a grama. O cachorro lambe o seu rosto, fazendo-a rir sem parar.

— Ele voltou a latir quando viu a menina, filho. Isso é um milagre!

— Não, mãe, essa é a mesma alegria que senti quando reencontrei minha filha que tiraram de mim. Eu não vivi durante esses anos, apenas sobrevivi. — Seus olhos acusatórios perfuram os meus, eu engulo seco sentindo a culpa me consumir por completo. Apesar de ser inocente, fiz parte dessa merda toda.

— Juro que se eu soubesse que estava procurando pela sua filha, mesmo a amando como se fosse minha, eu a teria entregado a você no mesmo instante. — Apesar da sua expressão indecifrável, por um instante encho o meu coração de esperança pensando que talvez acredite no que digo.

Mas não. Ele soca a porta quase me matando de susto.

— Suas palavras bonitas não me comovem, guarde-as para o dia do seu julgamento. Desejo que seja condenada centenas de vezes a mais do que os anos que me roubou com minha filha, vou trabalhar duro para que isso aconteça. — Lança as palavras sem dó, cheio de ódio, uma veia pulsante cresce na sua testa.

Sinto que ele me odeia porque acredita que, se eu quisesse, poderia

dificultar e muito as coisas para o seu lado em relação à sua aproximação com Maria Lara. E posso. Mas poder não é querer, e não sou esse tipo de pessoa, mas não sou obrigada a ficar aqui sendo ofendida, ou então não respondo pelos meus atos.

— Se me derem licença, acho melhor ir agora que ela está entretida brincando com o cão. Se puder, dona Célia, diga para ela que eu a amo e que deixei milhões beijos.

Não tenho mais forças para continuar nesse lugar sendo maltratada. Ricardo Avilar não me conhece e, se depender de mim, nunca irá me conhecer de verdade. Ameaço levantar para ir embora levando o resto de dignidade que me resta, é o certo a se fazer.

— Não vai a lugar nenhum, sente-se aí! — O Cavalão grita comigo com a mandíbula contraída como se tivesse algum direito de me dar ordens. Nem se tivesse eu deixaria.

— E quem você pensa que é para mandar em mim? — Levanto enrugando o nariz e botando as mãos na cintura, esse é o primeiro sinal de que estou prestes a perder o controle.

O Delegado me dá uma olhada que quase arranca um pedaço do meu corpo, começa nos pés e sobe admirando as minhas pernas — dando alguns segundos de atenção especial para as coxas — ao passar pelos meus seios, morde o lábio inferior umedecendo-o com a língua de um jeito profano. Um calor me toma a face, pelo sorrisinho cafajeste em seu rosto acho que sabe o que estou pensando.

— Eu prometi para a minha filha que estaria aqui quando ela voltasse e você vai estar, queira ou não — grita, apontando o dedo na minha direção, todo vermelho e com as pupilas dilatas.

Como? Ele está me dando ordens?

— E se eu não quiser, quem vai me obrigar? Você? — Estufo o peito.

— Se for preciso, sim — ameaça.

— Ponha um dedo em mim e eu arranco os seus olhos fora — praticamente grito.

Que ódio desse homem!

A mãe dele não fala nada, apenas olha para o filho e depois para mim com a mão no queixo analisando a nossa discussão.

— Isso é uma ameaça, Júlia?

Meu nome escorrega dos seus lábios como um orgasmo, longo e delirante. Daqueles que faz os olhos se revirarem e suar como se estivesse debaixo do sol do Saara dentro de um casaco de pele. Seguro a vontade de lambe o seu belo rosto, ele é tão cheiroso que dá vontade de morder. Mas aí ele abre a boca e a minha vontade é de matá-lo.

— Posso indiciá-la por desacato à autoridade, não será mais ré primária e aí não vai ter costas quentes que te ajude. Aliás, como uma família humilde como a sua conseguiu arranjar quase dez mil reais tão rápido para pagar a fiança? Se bem que uma quantia dessas não é nada para o grande Juiz Thompson, aposto que vai ser muito bem recompensando por você, agora que está livre. Ou será que pagou com o dinheiro que a sua prima ganhou para roubar minha filha de mim? — Alfineta analisando meu corpo de cima a baixo maliciosamente, não conseguindo tirar os olhos dele.

— Sei muito bem o que está querendo insinuar, Delegado, mas eu não preciso vender meu corpo. Entrego ele para quem desejo, pode acreditar que um homem precisaria de muito mais do que dinheiro para me ter no canto da sua cama — ele analisa as minhas palavras cuidadosamente, como se estivesse tentando decifrar o que escondo atrás delas além de sarcasmo. — Se você é o tipo que precisa de dinheiro para conseguir sexo, não julgue os outros homens se baseando em seus conceitos. — Abaixo o tom em quase um ruído de forma que só ele escuta.

A mãe dele se aproxima na tentativa de ouvir, mas, pela sua expressão de desapontamento, acho que não conseguiu.

Graças a Deus!

— Será mesmo, Júlia? Quando as coisas apertam, até as pessoas mais santas são capazes de fazer qualquer coisa por dinheiro. — Destila o veneno.

Que se foda! Eu posso até ir presa, mas não antes de deixar o rostinho perfeito dele todo deformado.

Minhas mãos tremem de raiva. Eu quero matá-lo, mas sei que se encostar um dedo nele, estarei perdida. Essa provocação é de propósito para me ferrar, igual à que fiz com ele na delegacia durante o interrogatório jogando com o seu psicológico. Percebeu que não sou de levar desaforo para a casa e está usando isso contra mim. Mas difamar a minha moral, é um golpe baixo demais até para ele. Perco a cabeça e levanto a mão pronta para dar uma bofetada em seu rosto.

Se quer um motivo para me prender, agora vai ter um.

— Já chega vocês dois. Essa discussão sem cabimento já passou de todos os limites. — A mãe dele, percebendo que a coisa ficou fora de controle, resolve interferir e entra no meio de nós dois antes que algo mais grave aconteça.

— A culpa disso tudo é da senhora, mãe. Minha ordem foi que essa mulher ficasse aqui apenas uma hora, por que autorizou que passasse a noite inteira? Ainda preparou esse banquete para ela de café da manhã, para a pessoa que ajudou no sequestro da sua neta. Estou decepcionado com a senhora, essa é a verdade.

Dramático!

— Decepcionada estou eu, Ricardo. Desde quando você virou o tipo de homem que desrespeita a moral de uma mulher para conseguir prendê-la novamente? Isso é coisa de canalha e você não é um, bom, pelo menos pensei que não fosse. — Ele fica vermelho e eu solto uma risadinha cruzando os braços amando a lição que levou.

Bem feito!

— Foi um golpe baixo até mesmo para um grosso feito você, Delegado. — Maldita a hora em que abri a minha boca.

A atenção da dona Célia vem toda para cima de mim, faiscando. Ela cruza os braços estilo “mãezona” e começa a bater o pé no chão compulsivamente e balançando a cabeça como uma cobra, já sei que não virá boa coisa dali.

— E você, senhorita Júlia, eu tenho certeza que anda planejando algo louco para conseguir continuar vendo a sua filha. Sou mãe e sei bem que nem o diabo conseguiria me separar do meu filho. Mas vou logo avisando, saiba que se disfarçar de babá só funciona nos filmes. Uma mãe desesperada é capaz de fazer qualquer coisa, mas na sua condição tem que tomar cuidado para não meter os pés pelas mãos e dar munição ao inimigo. — Dirige o olhar ao filho fuzilando-o com os olhos semicerrados. *Droga, ela descobriu o meu plano!*

— E a senhora sugere o que, mãe? Que nós dois viremos amiguinhos de uma hora para outra? Porque eu não suporto essa bandida, a acho uma má influência para a minha filha. Viu do que ela me chamou agora pouco? De cavalo, só não disse nada na frente de Sofia porque não queria assustá-la.

— Posso ser má influência, mas nunca deixei faltar nada para ela, principalmente amor e comida na mesa. O que adianta não gostar de ser

chamado de cavalo, se age o tempo todo como um? — Quando dou por mim, já falei e não me arrependo. Ele permanece estático, mas o olhar transborda gratidão, só é orgulhoso demais para dizer em voz alta.

— Mas será possível! Não conseguem conversar como dois adultos? Para que bater de frente se podem andar de mãos dadas nessa situação? Precisam entrar em um acordo para o bem-estar da menina. — Dona Célia perde a paciência com nós dois, e com razão. Estamos colocando a raiva que sentimos um pelo outro na frente do amor pela Maria, isso não é certo.

— Não faço acordo com bandidos, mãe.

— E eu não faço com cavalos.

A cozinha ficou pequena para a sua raiva. Ele está inquieto, trocando o peso do corpo de um pé para o outro sem saber se encosta na geladeira prateada ou na parede pintada de azul próxima à janela. Estamos em confronto, mas os nossos olhares se dividem entre nos ameaçar de morte em silêncio e vigiar a nossa filha correndo para todo lado no jardim atrás do Adônis. Ele é um cão manso, porém, grande demais, pode acabar machucando-a sem querer.

Espera aí, eu disse “nossa” filha?

Não disse, foi só uma confusão com as palavras.

Isso. Foi só uma confusão e nada mais.

— Ah! Não fazem? A verdade é que o Ricardo tem a guarda da menina, Júlia. Pode gritar e espernear que isso não vai mudar nunca, ele é o pai biológico e tem todo direito sobre ela e ponto final. — Eu sei que é verdade, mas ouvir dela e de forma tão direta, dói muito. Encolho-me toda com o coração partido.

— Que bom que a senhora enfim recobrou a lucidez, vai chover hoje.

— Mas por outro lado, Ricardo, quem tem o amor incondicional e lembranças de toda a vida da sua filha, nesse momento, é a Júlia. E você não pode fazer nada contra isso também, a única coisa que vai conseguir proibindo a menina de vê-la é fazer com que ela te odeie pelo resto da vida por ter tirado a mãe que ela adora. É isso que você quer? Acho que não, meu filho. — Berra e desaba sobre a cadeira apoiando as mãos sobre a mesa, acho que estava guardando isso preso na base da garganta desde que eu e o filho começamos a discutir.

— E a senhora sugere que façamos o que, Dona Célia? Sinto que tem algo em mente. — Sento ao seu lado, querendo entender seu ponto de vista. Ricardo

não diz nada, apenas usufrui do seu direito de ficar calado, mas de ouvido em pé.

— Que você more aqui conosco por um tempo, Júlia. Até que a menina se acostume com Ricardo como pai. Em troca, ele vai dar seus pulos para retirar a denúncia contra você, deixando o seu nome limpo novamente. E caso não continue morando nessa casa, vai lhe dar autorização de ver sua filha sempre que quiser, pelo resto da vida. — A proposta dela é inteligente e de fato resolveria todos os nossos problemas, isso eu tenho que admitir.

— Eu poderia ter contato com ela pelo resto da vida, a senhora promete de verdade? — Isso me emociona e sorrio com coração repleto de felicidade, isso é muito mais do que sonhei em ter depois que o pai da minha filha apareceu.

Pensei que nunca teria a chance de vê-la, tampouco participar da sua vida.

— Sim, querida, vocês duas são almas gêmeas de outras vidas que se encontraram nessa e ninguém conseguirá separar as duas, nem mesmo os laços de sangue. Fico arrepiada só de lembrar do jeito cheio de amor que uma olha para outra. — Lança o olhar sobre o filho que apenas dá de ombros.

— Isso foi a coisa mais linda que já ouvi na vida. Obrigada por entender o meu lado e pensar em algo que me dê a chance de continuar vendo a minha filha. — A abraço o mais forte que posso, essa foi a coisa mais linda que alguém já fez por mim.

— Eu também sou mãe, meu amor. Se tentassem tirar o meu Ricardo de mim, eu morreria. Se um ajudar o outro, no final vai dar tudo certo. Minha neta ama tanto você, agora que te conheci entendo o porquê — declara ainda abraçada a mim, também chorando. Conheço-a há tão pouco tempo, mas já gosto dela como se fosse anos.

— Eu topo qualquer coisa para ficar perto da minha filha, mas a parte de retirar a denúncia, não aceito. Sou inocente e quero provar isso na justiça para esfregar na cara de todo mundo que me chamou de bandida, só assim vou conseguir ter a minha dignidade de volta.

Sei muito bem por onde começar. Preciso encontrar o tal de “Noia”, lembro que a minha prima disse que encontrou com ele antes de chegar na minha casa e revelou que o seu nome verdadeiro é Carlos Henrique.

— Tenho certeza que foi uma ótima mãe para minha neta, fico feliz que ela tenha crescido ao lado de uma mulher tão gentil, honesta, de valores.

Depois de ser acusada de tantas coisas horríveis nos últimos dias, ouvir um

elogio desse de uma mulher tão sábia quanto ela, revigora a minha autoestima.

— A senhora só pode ter enlouquecido de vez, mãe! Pelo visto não foi só ao Barreto que conquistou com o seu “charme”, Júlia. Só que a mim você não engana. Não topo porra de acordo nenhum, muito menos retirar a denúncia. — Sabia que ele ia ser do contra, não vai facilitar as coisas para o meu lado de forma nenhuma.

— Olha a boca, Ricardo! Não seja malcriado, filho.

— E a senhora parece que perdeu a noção do perigo, está do meu lado ou dessa bandida? Porque se for, pode voltar para a sua casa em Santa Catarina, de inimigos a minha vida já está cheia. E minha própria mãe querendo trazer um para dentro do meu lar...

— Você está me mandando embora, Ricardo?

— Se for continuar defendendo essa mulher, mãe, pode voltar para a sua casa. Perdi toda a minha confiança na senhora, consegui me magoar de verdade dessa vez. — Ele bufa como um touro bravo.

— Eu só estou tentando te ajudar a ter o amor da sua filha de volta, querido — diz, com tristeza.

Meu coração se corta, seguro a mão dela e forço um sorriso tentando passar a mesma força que me passou até agora.

— Está tentando ajudar a mulher que participou do sequestro da sua neta, não a mim. Pensei que a senhora me amasse e quisesse sempre o meu bem, mas pelo jeito vejo que não é bem assim.

Às vezes as pessoas deixam a raiva tomar as rédeas da situação fazendo com que a gente faça merda, e ele acabou de fazer uma das grandes ao magoar uma das poucas pessoas boas que conheci na vida e que o ama mais que tudo.

Tudo por orgulho, parece ter medo de me conhecer melhor e ver que está errado a meu respeito.

— Ao contrário, meu amor, eu te amo mais que tudo. Por isso não posso ficar de braços cruzados vendo você fazer tanta burrada, filho. — Assoa o nariz no vestido, nem isso amolece a ira do Cavalo.

— Está bem, Dona Célia, vou fingir que acredito — ironiza friamente, se referindo a ela pelo nome como se não fosse digna de ser chamada de algo tão sagrado como “mãe” nesse momento.

Mesmo Ricardo sendo rude, por dentro está doendo que eu sei. Não quero estar na pele dele quando a cabeça esfriar e ver o erro que está cometendo.

— Chega, Ricardo! Já não magoou a sua mãe o suficiente? — Tenho que intervir. Se quiser me calar, que atire em mim.

— Como se você se importasse com ela. — Puxa o canto da boca em um sorriso irônico. Cretino! — Para mim essa conversa está encerrada. Estou indo para o trabalho agora, se eu fosse você, aproveitava o dia de hoje para ficar com a menina. Porque é a última vez que coloca os olhos nela. Entendeu bem? Hoje mesmo entrarei com uma liminar para que não chegue perto dela nunca mais, lembre-se de que não é mais ré primária e sua liberdade é provisória. Um deslize e eu farei da sua vida um inferno — esbraveja me olhando ameaçadoramente, vira as costas e vai embora pisando duro quase rachando o chão. Ao sair, bate à porta com força atrás dele.

Como consegue ser tão cretino com todo mundo à sua volta só para impor a sua vontade? Ele que ser o dono da razão. Não é só ele que está sofrendo, todo mundo está. Mas o único sofrimento que importa é o dele e o de ninguém mais. Fará qualquer coisa, trucidar qualquer um que passar pelo seu caminho para que a sua vontade seja feita a ponto de ser tão cabeça dura magoando a si, a própria mãe e a filha.

A mim.

Capítulo 10



RICARDO

Passei a manhã toda descontando a minha raiva em cima de todo mundo na delegacia, principalmente em Barreto. Ele desobedeceu às minhas ordens, não devia ter caído na lábia da minha mãe e deixado aquela mulher passar a noite na minha casa e ainda ficar defendendo-a. E que porra de mulher era aquela que estava tão linda? Caralho! Juro que quase perdi a razão. O vestido que usava realçou ainda mais a sua pele negra, não era tão curto, mas dava para ver boa parte das suas pernas. Pernas grossas, bem torneadas e firmes, sustentando um corpo divino sem nenhuma miséria nas curvas, a bunda enorme e farta. A diaba não precisa de muito para ser linda, bastava só o sorriso e mesmo rosnando para o meu lado ainda continuava deslumbrante.

Porra! Sai da minha cabeça, mulher endiabrada.

Foquei minha mente no trabalho para não pensar mais besteiras e depois do almoço mandei chamar Barreto, não poderia deixar a sua desobediência passar em branco. Cinco minutos depois, aparece com aquela cara de Santo dele que tanto me irrita. Agora mais ainda.

— Posso entrar, Delegado? — Empurra a porta de leve abrindo apenas uma fresta, o suficiente para entrar a metade do seu rosto. Está com medo de mim por conhecer o meu grau de nervosismo através do tom da minha voz.

E, nesse momento, deve ser o pior possível. Dá para perceber que a sua vontade é de sair correndo.

— Entre — ordeno.

Ele entra de cabeça baixa contorcendo suas mãos trêmulas.

— O senhor vai me expulsar da equipe, Delegado?

— A minha vontade é essa. — Seus ombros caem ainda mais se sentindo culpado pela desobediência.

Ótimo! Era isso que eu queria mesmo, para que nunca mais repita o erro.

— Desculpa ter desobedecido as ordens do senhor, mas quando a Júlia

chegou, a menina melhorou tanto que o doutor até foi embora. A sua mãe me ofereceu um café enquanto deixávamos as duas conversando sozinhas. Ela me entupiu de comida e conversamos sobre tantas coisas que o tempo passou rápido e quando dei por mim, já havia se passado horas e eu mal aguentava andar de tão cheia que a minha barriga estava.

Juro que até estou com pena do rapaz, ele foi tapeado pela minha mãe como um patinho. É típico da parte da dona Célia conquistar as pessoas pelo estômago e tirar o que quiser delas, já perdi as contas de quantas vezes tirou o que quis de mim com doces. Sabe que é a minha paixão e a usa contra mim sempre que pode.

Velha trapaceira. Minha mãe deveria ser estudada pela NASA.

— Deixe-me adivinhar... aí você subiu correndo para chamar a meliante para ir embora, mas as duas estavam dormindo feito anjos, abraçadas e a minha mãe te colocou em uma saia justa perguntando se teria mesmo coragem de separá-las naquele momento? — Encosto na minha cadeira e cruzo os braços a fim de ouvir a resposta de camarote, mas com o sangue fervendo dentro das minhas veias.

— Aconteceu exatamente isso! Como o senhor sabia? Ela já havia explicado tudo o que aconteceu, que bom. — Sorri inocente, prefiro deixar que acredite nisso. Além de trapaceira com comida, esqueci de falar que a minha mãe sabe fazer drama como ninguém.

Sempre a seu favor, é claro.

— Isso não vem ao caso, Barreto, você se deixou ser enrolado por uma senhora de cinquenta e cinco anos. Isso é inadmissível. Da próxima vez, apenas siga as minhas ordens, pense com a cabeça e não com o coração — digo curto e grosso olhando firme em seus olhos. Sempre fui muito duro na disciplina dos meus homens, por isso em tão pouco tempo no comando dessa equipe já estamos entre os melhores dos melhores.

— Sinceramente, Delegado? Sinto muito por ter decepcionado o senhor. Porém, melhor do que ninguém, sabe exatamente a dor que é ter um filho arrancado dos seus braços. Nós que trabalhamos nesse meio conhecemos um bandido quando vemos um a quilômetros de distância e sabemos que a Júlia não é uma criminosa. Durante o caminho até a sua casa, ela me contou toda a história de como Sofia chegou na vida dela e acreditei em cada palavra. Deveria ouvi-la, talvez mudasse de ideia.

Não posso acreditar que ele está me afrontando para defender aquela mulher? E que intimidade é essa de chamá-la pelo primeiro nome? Chegou até a estufar mais o peito, mas eu vou cortar suas asas agora mesmo.

— Não irei discutir com você, Barreto. Está proibido de ter qualquer tipo de aproximação com a acusada Júlia Helena da Silva, envolvimento íntimo com um criminoso é motivo para expulsão da polícia. — Vou direto ao ponto com ele.

— Íntimo? Do que o senhor está falando, Delegado? Apenas estava sendo gentil com a moça lhe dando a oportunidade de contar o seu lado da história sem estar sendo coagida por todo mundo. Deveria fazer o mesmo. — Ele se faz de bobo dando de ombros e, assim como a minha mãe, me olha como se eu fosse o culpado da história.

— Está avisado, policial. Como advertência, não vai participar dos chamados de hoje, vai ficar aqui preenchendo as papeladas.

— Mas, senhor...

— Não tem, *mas*, Barreto. Não vai chegar mais perto dessa mulher e ponto final! Se eu descobrir que desobedeceu a mais uma ordem minha, mandarei você para uma missão sem volta para o Iraque. — Giro a cadeira e olho para a vista da minha janela, as persianas estão levemente abertas.

Nem eu sei ao certo o porquê me exaltei tanto com Barreto, mas ver ele defendendo essa mulherzinha, me deixou furioso. O feitiço dessa Júlia pode funcionar com todo mundo, mas não comigo. Se ela acha que eu vou aceitar esse acordo louco que a minha mãe inventou para se aproveitar do meu dinheiro através da menina, está completamente enganada. Muito mesmo.

— Se estou sendo punido por fazer a alegria de uma criança, permitindo ficar mais algumas horas ao lado da mãe ou um pai, pode me deixar o mês todo preso aqui preenchendo a papelada que não vou me importar. Faria a mesma coisa pelo senhor se a situação fosse contrária. Se me der licença, Delegado, tenho uma pilha de relatórios para preencher. — Sai resmungando.

Se antes eu estava nervoso, agora estou irado.

Como pude deixar as coisas saírem tanto assim do meu controle? Está na hora de agir antes que a situação fique pior ainda. Essa Júlia está ganhando cada vez mais espaço. Preciso juntar o máximo de provas possíveis contra essa mulher, e mostrar a todos que eu sempre estive certo em relação a ela.

O primeiro passo foi ligar para o meu advogado e pedir que entre com uma

liminar para que ela não possa se aproximar da minha filha enquanto estiver em liberdade provisória, se tentar chegar perto de Sofia novamente, será presa sem direito à condicional.

Também pedi que consiga a quebra do sigilo bancário dela e dos demais da sua família. Quero ver de onde conseguiram tirar tanto dinheiro de uma hora para outra e pagar a fiança, e esfregar na cara dessa tal de Júlia que tudo o que eu insinuei sobre os seus métodos de conseguir dinheiro “*fácil*” tem fundamento. O problema é que isso demora um pouco, será preciso conseguir a autorização de um Juiz. Disse para que ele não se preocupe com isso, que apenas prepare a papelada que o resto eu dou um jeito. Não fiz a mínima questão de esconder o meu estado de humor durante a ligação, o pior possível. Eu estou irado, puto! Mas muito puto mesmo com essa Júlia. Virando a minha própria mãe contra mim, os homens da minha equipe e com certeza minha filha.

Nunca que iria morar debaixo do mesmo teto que uma criminosa, ainda mais de uma com língua afiada igual àquela, sairia morte na certa.

Marrenta dos infernos!

De onde essa louca tirou a porra desse apelido de “*Cavalo*”? Eu não sou bruto. Andréia vivia dizendo que se apaixonou por mim porque sempre fui um cavaleiro com ela, mesmo quando tentava dar uma de durão. O problema é que sempre fui muito transparente, cada um tem de mim o que merece. Seja amor ou ódio, sou intenso das duas maneiras. Antes de conhecer a minha esposa, eu era uma pessoa fechada, não era muito de sorrir por qualquer coisa. Foi o preço que paguei por ser filho de um militar, meu pai serviu o exército a vida toda e sonhava a mesma vida para mim. Seu modo de me criar era diferente dos outros pais, sempre dando ordens como se eu fosse um soldado e não uma criança de apenas oito anos. Não podia brincar, sequer ter amigos.

Dizia que quanto mais cedo eu comesse a treinar, melhor. A minha mãe era quem cuidava dos meus machucados depois dos castigos que o meu pai aplicava em mim. Quando fazia alguma coisa errada, me espancava até perder as forças das suas mãos. Ela sempre entrava no meio e acabava apanhando também, tinha medo de deixá-lo e que ele a matasse depois. Vivemos essa vida difícil por anos, até que um dia exagerou em uma das surras e me deixou em coma por duas semanas. Era apenas um adolescente na época, o pessoal do hospital o denunciou e enquanto durou o curto período em que ficou preso por ser um homem importante, fugimos para morar em Florianópolis — Santa Catarina. Anos depois, soubemos que havia entrado em uma briga de bar e acabou sendo

espancado até a morte. Que irônico, não? Ele que gostava tanto de bater nos outros, acabou morrendo dessa forma trágica.

Por isso, quando me casei, meu maior sonho era ser pai, queria dar ao meu filho todo amor paternal que eu não tive. Não podia ter falhado deixando minha filha ser roubada, se tivesse sido mais atento não teria perdido a sua primeira frase, o primeiro passo e o primeiro dia na escola. Teria acompanhado o nascimento dos seus dentinhos, tudo que era meu por direito e que aquela bandida roubou de mim. Cada sorriso, abraço e palavras de afeto como um “eu te amo”, seriam meus. E só meus.

Eu realmente odeio essa mulher!

Sinto uma sensação estranha toda vez que a vejo. Parece como um punhal sendo cravado em mim, bem fundo e doloroso. Isso está me deixando maluco, só quero conseguir parar de pensar nela a cada maldito segundo do meu dia. O pior é que pensar nessa diaba está começando a interferir no meu trabalho de forma totalmente negativa. Agora mesmo estamos atendendo a um chamado de arrastão feito pela quadrilha do Binladem em um bairro nobre e eu soquei o rosto do bandido quase até a morte mesmo depois de ele ter se rendido. Quando dei por mim, minha equipe toda estava me olhando de queixo caído, já que sempre exijo uma conduta passiva com os meliantes depois de detidos. O rapaz já havia se entregado e eu voei em cima dele desferindo socos e mais socos, como se quisesse descontar toda a minha raiva nele. Isso não pode acontecer.

Esse homem agressivo não sou eu.

— Peçam uma ambulância — ordeno saindo de cima do cara todo ensanguentado, o rosto dele está irreconhecível, todo cheio de hematomas e inchado. Fico tonto, desnortado, olhando para a loucura que acabei de cometer.

— O senhor está bem, Delegado?

Os olhos da policial Carol descem para as minhas mãos repletas de sangue. Os punhos estão feridos devido à força que coloquei nos golpes, o rapaz deve ter quebrado o maxilar e o nariz, no mínimo. Nem dá para ver a minha aliança direito. Penso no que a minha esposa diria caso estivesse viva e visto o que eu fiz. Andréia se orgulhava de mim por ser um policial honesto, que usava a força apenas quando necessário.

Fico com nojo de mim, sentindo-me sujo, imundo. Saio andando rápido em direção à viatura, limpando na calça o líquido vermelho que escorre da ponta dos meus dedos. Ela vem atrás de mim, preocupada com o meu pequeno surto de

raiva. Eu também estou. Nunca me aconteceu antes e espero não se repetir nunca mais.

— Estou, Carol, não se preocupe.

— É mesmo? Pois não parece nem um pouco, deixe-me ajudar o senhor com isso. — Devo não parecer mesmo, pois me fita como se eu fosse um assassino perigoso. Bom, acabei de me comportar como um.

Tira um lenço branco do bolso e começa a limpar o sangue da mão fazendo movimentos delicados, carinhosos. Carol é a única mulher da minha equipe. Uma morena alta, com um corpo malhado e dentro daquele uniforme apertado rapidamente se tornou sensação da delegacia. Além de linda, é excelente policial.

— Problemas em casa, minha filha está dificultando as coisas para o meu lado. — Encosto na viatura e ela me olha dentro dos olhos fazendo charme. É decidida, não esconde que está a fim de mim.

— Pensei que ficaria algumas semanas em casa lambendo a cria, quanto mais tempo ficar com ela agora, mais vai se aproximar dela — explica, concentrada em limpar a minha mão bem devagar como se quisesse prolongar esse momento o máximo possível.

Os dois primeiros botões do seu uniforme estão abertos e do jeito que está inclinada dá para ver a ponta dos seus seios.

Não gosto disso, uma mulher não precisa mostrar mais do que deve para atrair a atenção de um homem sobre ela.

— Eu sei, mas toda vez que ela me olha com tanto desprezo, tenho vontade de morrer. — A dor é como uma espada atravessando o meu peito.

— Eu tenho um filho pouco mais velho que ela. Vinicius. O que acha de sairmos nós quatro juntos qualquer hora dessas? Eles podem ser amiguinhos, o que acha? Por que não a coloca no mesmo colégio particular que o dele, é ótimo.

Nossa! Tinha me esquecido desse detalhe. Com certeza Sofia deve estudar em alguma escola pública. Não tenho nada contra, mas quero que a minha filha tenha a melhor educação possível.

— Vou querer sim, Carol, obrigado! — Ela chega mais perto de mim, perto demais.

Desnecessariamente.

— Não precisa agradecer, Delegado. Quem sabe algum dia desses nós dois não poderíamos sair para beber um pouco? — Morde os lábios e suas bochechas coram.

— Desculpe, mas eu não bebo. — Minto, dando um passo para trás e abrindo certa distância entre nós. Só bebo socialmente com os amigos, mas na companhia dela não estou nem um pouco a fim.

— Que pena, conheço um bar maravilho. — O desânimo na sua expressão é visível.

Ótimo! Acho que entendeu o meu recado.

— Se o seu interesse é apenas beber, vá sozinha e divirta-se. Agora precisamos ir, temos muito trabalho na delegacia — digo seco, não quero ser rude.

Mas a situação pede que eu seja.

Capítulo 11



JÚLIA

Estou morta de cansaço depois de passar o dia inteiro brincando com a minha filha em sua casa nova. Pelo menos, vivendo aqui, terá uma vida segura na questão física e financeira, um conforto que eu nunca poderia dar a ela. Dinheiro não é tudo, mas ajuda bastante, quem já batalhou muito na vida sabe disso. Tenho que aproveitar a companhia da Maricota, não sei quando a verei novamente. Segundo a ameaça do Delegado, essa será a última vez. Infelizmente, ele não aceitou o acordo, mas pelo menos ganhei um dia inteirinho com a minha pequena.

Ver o lado bom em todas as situações, por pior que seja, é um dom e, graças a Deus, nasci beneficiada com essa dádiva e a uso com frequência.

Nesse momento nós duas estamos no jardim dos fundos dando banho no Adônis, ela passou sabão até nos olhos do pobre cão. Ele é enorme, mas dócil como um filhotinho. Amoroso e não para de latir quando está perto da Maria, ele a ama e se sente feliz por tê-la em casa novamente.

— Podemos ficar com ele, mamãe — questiona sorrindo enquanto joga água no Adônis com a mangueira.

Tem mais espuma nela do que no bicho.

— Tem que pedir ao seu pai, baixinha. — Olho para ela por cima do cão jogando um beijo em sua direção, ela pega no ar e finge guardar no bolso. Cada uma ficou responsável de lavar um lado do Adônis e estou quase terminando o meu.

Esse é um simples momento de lazer entre mãe e filha, o qual ficará guardado na minha mente por toda a minha vida.

Tantos pais têm a oportunidade de ficar ao lado dos seus filhos e não aproveitam, os tratam de qualquer jeito, os deixando mais nas mãos de estranhos para trabalhar em dois ou três empregos ao mesmo tempo em que buscam de reconhecimento financeiro. Nada disso para mim importa, trocaria todo o dinheiro do mundo por Maria Lara. Ela é o meu maior tesouro, a melhor parte de mim.

Infelizmente, tudo que é bom, acaba. A tarde já chegou e a qualquer momento o Delegado pode chegar, e se ele me encontrar aqui ainda, será briga na certa. Dona Célia gentilmente chamou um táxi para me levar em casa por conta dela, já que estou somente com a roupa do corpo.

— A vovó Célia está acenando para nós, dá tchau para ela, mãe. — Olho para a porta da cozinha e a avó dela faz um sinal avisando que o taxi já chegou. Sussurro pedindo para me dar apenas um minuto.

— Você vai ter que terminar de dar o banho no Adônis sozinha, filha. — Maria larga a mangueira no mesmo instante molhando a barra do seu vestido e já armando o choro. Lábios trêmulos, respiração ofegante.

— Por que, mamãe?

— Eu preciso ir para casa, cuidar do vovô e do seu tio. — Praticamente sussurro.

— Vai para casa sem mim? — Dá um passo à frente com os olhinhos inundados de lágrimas; os meus não estão diferentes.

— Vem aqui, meu amor. — Ela vem correndo me abraçar e Adônis se senta ainda cheio de espuma. — Eu amo muito você, será sempre a minha filhinha amada, a princesa do tio Binho e o amuleto da sorte do vovô Joaquim. Será muito amada pela sua família nova, assim como foi e sempre será pela antiga. — Não existe dor maior do que a despedida de uma mãe com um filho, é como se o seu coração fosse arrancado fora em um único golpe.

Lembro do primeiro dia da Maria na escola, eu chorei mais do que ela. Ligava a cada cinco minutos para saber se estavam tratando a minha garotinha bem. Mãe coruja é pouco para me definir.

— Eu não quero outra família, já tenho uma. — Afasto para olhar para ela, tiro alguns fios do cabelo molhado colados sobre o rosto e quase entrando no olho esquerdo.

Maria exhibe um bico enorme, está zangada comigo.

— Têm coisas que não dependem do nosso querer, minha filha. — Limpa suas lágrimas ainda fazendo bico, mas logo desfaz quando faço carinho em sua bochecha e ela deita o rosto na palma da minha mão. — Espero que um dia possa me perdoar por isso, eu te amo, querida.

Beijo o topo da sua cabeça e vou embora correndo trancando a porta da cozinha para que não venha atrás de mim. Despeço-me da dona Célia apenas

com um aceno de cabeça, minhas mãos estão ocupadas demais tapando os ouvidos para não ouvir os gritos desesperados da minha filha por estar ficando para trás. Sinto ódio de mim por conta desse momento, vai pensar que eu estou abandonando ela. Talvez seja até melhor. Será mais fácil para se esquecer de mim, se for para que ela não sofra tanto, prefiro que seja assim.

Entro no táxi chorando feito uma louca. Digo o meu endereço para o taxista que arregala os olhos quando fica sabendo que é no Morro do Alemão. Ele avisa que só irá até o bairro mais próximo porque tem medo de ser assaltado, o resto do caminho terei que fazer a pé. Vai ser até bom para me acalmar um pouco antes de chegar a casa, já basta o meu coração devastado. O aperto no peito só suaviza um pouco quando entro na rua onde moramos, bem que dizem que não há melhor lugar do que o nosso lar. Abraço o meu próprio corpo sentindo o vento do crepúsculo abrandar minha dor.

O sol começa a se pôr no final do horizonte, o céu está todo tomado por uma cor alaranjada, lindo demais. Pertinho daqui tem um lugar secreto onde eu e a Maria íamos com frequência para apreciar um momento como esse, e ficávamos sentadas em um banquinho debaixo de uma árvore frondosa. De lá, é possível ter uma visão privilegiada da “Cidade Maravilhosa” onde a maioria das pessoas veem a favela como uma fábrica de bandidos. Muitas meninas que eu conheço têm vergonha de dizer que moram no Alemão. Eu não, nem a minha filha. Enchíamos o peito e falávamos com o maior orgulho que moramos em uma favela.

Por mais simples que seja, devemos valorizar o que temos. Poucos são aqueles que são felizes com o que têm, e muitos, por mais que conquistem ao longo da vida, nunca estarão satisfeitos. Eu nunca serei assim, tenho dignidade. Corro atrás do que é meu. E não vou parar até provar a minha inocência, nem que para isso tenha que virar essa cidade de cabeça para baixo

Por mais que eu melhore de vida, nunca vou esquecer de onde vim. Onde tudo começou, os meus sonhos.

Chego em frente ao portão velho, remendado com algumas tábuas brancas, da minha casa. Os policiais o arrombaram desnecessariamente durante a invasão para me prenderem, agora está no lugar novamente. Com certeza foi obra do meu pai depois que foram embora, coitado! Na minúscula área que tem em frente à nossa casa, logo senti falta de uma coisa que costuma ficar guardada ali debaixo de uma varanda improvisada. Onde está a moto que meu irmão comprou novinha em folha com prestações a perder de vista? Sabia que tinha vendido

para pagar a minha fiança, trabalhou duro para conseguir realizar o sonho e teve que se desfazer dela por minha causa. Sento no segundo degrau da escada que tem antes de chegar à porta e choro por um longo tempo, mais uma vez a culpa se faz presente em mim.

Eu perdi tudo. Minha filha, o meu trabalho no fórum, talvez a minha faculdade e ainda corro o risco de ser presa novamente. Deixei o meu pai doente e dei um belo prejuízo ao meu irmão, fora a minha reputação que está mais suja do que pau de galinheiro. Estou no fundo do poço, não sobrou nada de bom em mim. Levo alguns minutos para me acalmar, para enfim criar coragem de me levantar e entrar em casa. Abro a porta lentamente pensando em como senti falta dessa pequena sala, simples e acolhedora. As paredes repletas de diversos quadrinhos com mensagens bíblicas. Meu pai que os comprou, ele é muito devoto a Deus. Eu as li por completo mais de duas vezes. Os móveis antigos ainda da época que os meus pais se casaram, mas muito bem conservados. Minha mãe tinha bom gosto e era muito caprichosa, principalmente com os filhos. É tudo muito simples, mas bem cuidado.

Logo avisto o meu pai sentado no sofá de cabeça baixa, quase chorando olhando uma foto sua com a Maria. Na foto, ela está pendurada no ombro dele em um dia em que a levamos para um passeio no parque. Quando pequena, ele a carregava assim para todo lado. O meu irmão está esparramado sobre o outro sofá, vestido apenas com uma bermuda azul de tecido e cobrindo o rosto com o braço entregue a uma tristeza sem fim. Além de saudades da Maria, deve estar preocupado comigo e triste pela moto.

Não consegui entrar em contato com eles desde que saí da cadeia, fiquei com vergonha de pedir à dona Célia para fazer uma ligação. A Yudiana com certeza avisou que tive que ir até a casa do pai da Maria, minha amiga é muito atenciosa.

— Não vai dar um abraço na sua filha, senhor Joaquim? — Pergunto com os braços abertos ainda parada na porta.

— Meu amor, que bom ver você livre! — Ele vem me abraçar tomado pela emoção.

— E a minha princesa, Ju? Estão cuidando bem dela? — Meu irmão se levanta bruscamente, fungando o nariz, desviando o olhar para não demonstrar que andou chorando.

— A nossa menina está bem, Binho. Venha aqui e junte-se ao nosso abraço.

— Não sei como vou viver sem o meu amuleto da sorte, não tem nem uma semana que ela se foi e parece anos. — É raro ver o meu pai chorando, a última vez que vi, foi quando a minha mãe morreu e eu era ainda uma criança.

Mas, nesse momento, ele está em prantos, suas lágrimas gotejam sobre o meu ombro desnudo molhando o vestido. Abraço o mais forte que posso e ao Binho também, meu irmão faz o mesmo. Acho que ele nunca o viu chorar antes, já que no velório da nossa mãe ele era muito pequeno.

— Desculpe por fazer vocês passarem por isso, sinto muito. — E sinto mesmo, só Deus sabe o quanto.

— Como você ia adivinhar o que a nossa prima fez? A única culpada do nosso sofrimento é ela, destruiu duas famílias. — Meu irmão tem razão, mas por mais louca que a minha prima fosse, nunca passou pela minha cabeça que a ambição dela estragaria a vida de tantas pessoas.

— Vamos nos sentar, vou contar tudo sobre o novo lar da nossa menina. — Nos sentamos no sofá, ainda abraçados. — Mas antes quero saber como conseguiram juntar o dinheiro da fiança. — Ainda tenho esperanças que o meu irmão não tenha vendido a moto.

— Vendi a moto e o pai fez um empréstimo no banco. — Binho vai direto ao ponto.

— Meu Deus! Da moto eu já desconfiava, mas um empréstimo nunca passou pela a minha cabeça, pai. Por que não pegou o dinheiro da poupança da Maria? O senhor vive dizendo que não se deve pegar dinheiro emprestado em banco, que é furada, depois a gente paga o dobro.

Por essa eu não esperava, não entendo por que o meu pai fez isso. Se enterrar em dívidas sem necessidade. Que homem teimoso!

— Ninguém vai mexer no dinheiro da minha neta, já disse, é dela. — Ele olha para o teto, tentando de alguma forma conseguir forças, depois bufa.

Velho turrão.

— Não fica brava, Júlia, mas eu concordo com o pai. Nós juntamos esse dinheiro para a Maria Lara estudar, e ponto final. — Binho dá de ombros, agora são dois contra um.

— Ótimo! Agora, além de ex-presidiária, tenho um irmão a pé e um pai endividado. — Solto uma gargalhada, rindo da minha própria desgraça. Meu pai e o meu irmão riem também, mas acho que é de nervoso mesmo.

Capítulo 12



RICARDO

Depois de um dia tenso de trabalho, dirijo de volta para a casa, pensativo. Agora que a minha cabeça esfriou, penso na forma rude que tratei a minha mãe hoje de manhã, estava cego de raiva. Se existe uma pessoa no mundo que não quero magoar nunca, é a minha mãezinha, ela tem uma bondade surreal que me irrita profundamente, às vezes. Para ela, todo mundo merece não apenas uma segunda chance, mas mil delas. Acredita apenas no lado bom do ser humano, mesmo quando a pessoa não tem nenhum, como no caso da Júlia.

Estaciono o carro na garagem e subo direto para o meu quarto para tomar um banho antes de ir para a sala de jantar. Esperava encontrar a minha mãe e a minha filha esperando por mim para comermos juntos, mas não há sinal de nenhuma das duas em lugar nenhum. A mesa está posta, impecavelmente, com uma macarronada com queijo que cheira longe. Vou procurá-las e, para a minha surpresa, encontro apenas a dona Célia fazendo pirraça e jantando sozinha sentada no balcão da cozinha. Ela finge que não me viu chegar, me aproximo para beijar o seu rosto, como faço sempre quando chego em casa, ela simplesmente vira para o lado, se esquivando.

— Desculpe, mãe! Eu não queria ter sido rude com a senhora hoje de manhã, mas quando essa Júlia está perto de mim, fico tão nervoso que perco toda a razão — explico com o mesmo tom de uma criança arrependida de alguma arte feia que aprontou, e eu tinha feito uma das grandes sendo malcriado além do extremo.

— Está precisando de alguma coisa, Ricardo?

Levanta sem olhar para mim e deposita o prato de porcelana na pia, abre o armário e pega um frasco de detergente fechado, descartando o que estava vazio sobre a pia. Começa a lavar a peça, me ignorando por completo. Isso acaba comigo, ela é a base da minha sanidade. Sem a minha mãe, eu não sou nada, essa é a verdade.

— A senhora não vai jantar comigo hoje? E a Sofia, onde está? — Indago, triste e incomodado pelo fato de ela evitar olhar para mim. Eu me sinto amado quando ela me olha, e em cada gesto seu por menor que seja.

A maior qualidade da minha mãe sempre foi me amar demais.

— Não. Por mim iria embora agora mesmo. Mas vou ficar até que arrume alguém para cuidar da sua filha, ou você mesmo largue o emprego e faça isso pessoalmente. — Minha mãe é bondosa, mas sabe ser cruel quando quer. Herdei essa característica dela, dois cabeças-duras. — Maria se trancou no quarto com Adônis desde que a mãe foi embora. Chorou chamando por ela até as suas lágrimas secarem, dei banho nela e coloquei um dos vestidos lindos que comprou, mas não quis descer de jeito nenhum.

— Ela não é mãe da minha filha. — Rosno, abro a geladeira com força e pego uma garrada de água na geladeira intencionado a beber no bico, mas minha mãe dá um tapa na minha mão e entrega um copo assim que percebe meu plano.

— A mãe da minha neta fez a gentileza de fazer um “*Manual da mamãe*”, a coitada aproveitou bem o dia ao lado da menina, já que você saiu fazendo cena que iria “*fazer e acontecer*” caso se aproximasse dela novamente. — Dramatiza.

É a rainha do drama.

Referiu-se à neta como Maria Lara e não Sofia. Chamou a outra de “mãe da sua neta” só para me provocar. Sabe aquele filme “*Minha mãe é uma peça*”? Combina muito com a dona Célia, nos mínimos detalhes, só faltam os bobes no cabelo.

— Por favor, mamãe, já chega de provocação por hoje. A senhora melhor do que ninguém conhece esse meu gênio difícil quando estou nervoso. Desculpe por ter sido grosso, prometo que não vai se repetir nunca mais. — Apoio as duas mãos sobre o balcão da pia, observando pela janela de vidro como as folhas do coqueiro do lado de fora balançam de um lado para o outro freneticamente.

— Também nunca pensei que você fosse levantar a voz para mim daquela maneira, mas me enganei, não é mesmo?

Odeio quando ela banca a “irônica”.

— Mas o que a senhora pediu é um absurdo, mãe, tive vontade de mandar te internar em um manicômio quando propôs esse acordo absurdo daquela mulherzinha vir morar aqui em casa. — Rosno.

— Pois a sua atitude só deixou bem claro que não é capaz de fazer qualquer coisa pela sua filha, enquanto a Júlia, não pensou duas vezes em aceitar o acordo. Porque o amor dela pela menina é maior do que o seu ego ferido. Entendo suas razões e o seu sofrimento, mas a situação é mais complicada do

que parece. — Minha mãe sempre está certa e não faz a mínima questão de esconder isso. Esfrega na cara mesmo, doa a quem doer.

— Mas é claro que ela aceitou logo de cara, quem não quer sair de uma favela perigosa como aquela e vir morar num casarão como esse? — Não dou o braço a torcer, mas o biquinho que ela faz semicerrando os olhos é a admissão que o meu argumento é bom.

Muito bom.

Mas ela tem um melhor, sempre tem.

— Meu Deus! Eu criei um filho bundão. Já parou para pensar que em vez de mandar prendê-la, você deveria ter agradecido por ela ter criado tão bem a sua filha sozinha por todo esse tempo, sem ter nenhum tipo de obrigação com a menina?

Minha mãe está realmente chateada comigo, para ela falar desse jeito com criança em casa, sinal de que a coisa está muito feia para o meu lado.

— Eu já pedi perdão, mãe. Não vamos mais falar dessa mulher agora, que inferno!

— O nome dela é Júlia. — Corrigi-me.

— Não vamos falar mais na "Júlia" agora, está bom assim para a senhora?

— Está ótimo, meu filho. E, sim, eu te perdoo, meu amor, mas tente não ser tão idiota às vezes, meu menininho lindo. — Ela me abraça e aperta as minhas bochechas.

— Está bom, mãe, agora já chega porque não sou mais criança.

— Sempre será o meu bebezinho. — Deposita um beijo estalado no meu rosto.

— Está bem, mãe, já entendi — respondo, franzindo a testa.

— Agora vá tentar buscar a sua filha para jantar, Júlia escreveu no “*Manual da mamãe*” que a única coisa que a fará comer é se você prometer que vai ligar para o avô depois que terminar. Parece que virou um ritual ele dizer a ela que a ama todas as noites antes de dormir, caso contrário, ela vai ficar acordada a noite toda com fome.

— Então ela quer que eu chantageie a menina para poder fazê-la comer? Isso é muito a cara dela, e a senhora ainda repete achando bonito. — Quanto

mais conheço essa Júlia, menos gosto dela.

Pego uma maçã na cesta cheia de diversas frutas sobre a mesa e a mordo ferozmente, quase acerto a língua com os dentes de nervoso de estarmos falando na Júlia. Ultimamente não tenho ouvido outro nome em minhas conversas além desse.

— Isso mesmo, Ricardo, mas é para fazê-la comer antes de ligar para o avô. Disse para não confiarmos na carinha de anjo da ruivinha, porque ela é mais esperta do que parece — alerta fingindo não ouvir meu comentário maldoso, como se eu não soubesse lidar sozinho com uma criança de seis anos.

— Eu vou fazer com que a minha filha coma, mamãe. Mas com os meus métodos, corretos e eficazes. — Pego um prato e arrumo o jantar de Sofia, tudo debaixo do olhar negativo da minha mãe como se estivesse certa que falharei sem antes mesmo ter tentado.

Que mulher de pouca fé, meu Deus!

Arrumo tudo direitinho, um pouquinho de cada coisa, em especial legumes e verduras.

— Caso precise, o nome do avô dela é Joaquim. O número está na folha do “Manual da mamãe” sobre o criado-mudo.

— Esse homem não é avô da Sofia, mãe. Enquanto ficar falando dessa gente, sua neta nunca irá esquecê-los, ela é só uma criança e daqui uns dias nem vai se lembrar de que eles existem — grito sumindo no final da escada e entrando no corredor que dá para o quarto da minha ruivinha.

Tenho que ser cauteloso na minha aproximação.

Bato na porta duas vezes antes de abrir.

Encontro Sofia deitada no chão, com a cabeça apoiada sobre o corpo do Adônis que dorme tranquilamente, esticado, com a cabeça em cima das duas patinhas da frente cruzadas uma sobre a outra. Sabia que depois que se encontrassem seriam inseparáveis, como antigamente, pena que não tive a mesma sorte que ele. Ela fita o teto batendo de leve as pontas dos dedinhos da mão sobre a barriga, com os pensamentos longe, paralisada como uma estátua, parecendo que mal respira. Seus enormes cabelos ruivos estão espalhados por cima do Adônis como um manto avermelhado, eles são lisos, mas um pouco ondulados do meio até as pontas. Sua pele é muito branca e tem sardas em grande parte no rosto.

Minha pequena usa um vestido lindo todo branco cheio de véus e rendas na borda da saia, parecendo um anjinho. Quando nota a minha presença, os seus olhos cor de safira giram em minha direção pousando sobre mim rapidamente, depois voltam a fixar o teto. Morro um pouco toda vez que a vejo triste dessa forma, talvez minha mãe esteja certa.

Se não pode vencer o inimigo, talvez seja melhor juntar-se a ele.

— Se você comer toda essa comida deliciosa que eu trouxe, deixo você ligar para o seu a... vô depois. — Gaguejo, a palavra saindo entrecortada.

Foi muito difícil dizer isso, descer ao nível dessa gente para conseguir me aproximar da minha filha, não me parece correto. Mas logo mudo de ideia quando ela ergue a cabeça e abre um sorriso enorme, os olhinhos brilhando de felicidade. Não é por minha causa, porém, ainda assim, só em vê-la feliz já é muito gratificante.

— Podemos ligar primeiro para o vovô, e eu como tudo depois? — Banca a esperta, bem que a mãe dela avisou.

Espera aí, eu disse mãe?

Não, eu não disse.

— Nem pensar, mocinha, come tudo primeiro e depois faremos essa bendita ligação. — Sento na sua cama, ela vem andando a passos desconfiados e se senta ao meu lado a uma distância consideravelmente segura.

O tempo todo analisa meu rosto buscando algum sinal de verdade. Só consigo rir, ela não vai aceitar o acordo assim tão fácil, sem provas de que cumprirei o que prometi. Sofia é tão linda, a minha ruivinha de olhos da cor do céu no verão.

— E se eu comer a metade, ligo para o meu vizinho e depois como o resto todinho? — Sorri lindamente tentando me comprar.

Ela tem os dentinhos redondos, perfeitos e bem alinhados, uma pena que irão começar a cair em breve, tão brancos que ilumina o rosto quando sorri. Sinal de que foram muito bem cuidados desde quando começaram a nascer.

Droga! Ela cuidou bem da minha filha, isso não posso negar.

— Não banque a esperta comigo, mocinha! — Brinco, erguendo a mão para fazer carinho no seu rosto, mas ela se afasta. Tento sorrir para não deixar transparecer a dor que me causa o seu desprezo.

— É pegar ou largar, Cavalão! — Fala, séria. É muito inteligente, boa de negociação.

Gargalho alto, deveria ficar bravo quando me chamou pelo “apelido” que Júlia me deu, mas não consigo sentir nada além de graça. Ela me olha rir com atenção, achando diferente o som da minha risada.

— Combinado então, filha, a comida da sua avó é uma delícia. — Entrego o prato a ela que começa a devorar a comida sujando a boca toda de molho, não é só por fome, mas sim pressa em falar com o “avô”.

Gostaria de saber o que essa gente fez para enfeitiçar Sofia desse jeito. Ela ama de uma maneira fora do normal, afastá-la deles será mais complicado do imaginei. Talvez, impossível.

— Hummm... Está gostoso mesmo, mas a comida da minha mãe é melhor! — Diz com a boca cheia. A cada dez palavras que fala, nove têm a ver com alguém dessa gente.

— Come devagar, filha, não quero que engasgue. — Diminui o ritmo em que enfia a comida na boca, a quantidade que coloca na colher, também.

Estou fascinado admirando-a enquanto come, parece tanto com a mãe. Tem a aparência naturalmente doce, não precisa de muito para conquistar as pessoas à sua volta. É só sorrir que as coisas acontecem naturalmente.

— Terminei. — Ela comeu exatamente a metade da comida raspando a metade do prato, como prometido. Agora será a minha vez de cumprir a parte do trato.

Não estou nem um pouco satisfeito com isso, mas trato é trato. Além do mais, não terei coragem de negar isso a ela, quero demonstrar que pode sempre confiar na minha palavra.

— Pronta? — Assente várias vezes, sorrindo.

— Tem algum lenço para limpar a minha boca, primeiro? Mamãe me ensinou que é feio limpar no vestido.

— Essa mulher não é sua mãe, Sofia. — Eu sinto ciúme do amor que a minha filha sente por aquela mulher, admito! Mas ela tem que começar a se acostumar com a verdade, já não é tão pequena assim para não entender o que é certo ou errado.

— Claro que ela não é mãe dessa tal de Sofia. Ela é a minha mamãe,

Cavalão. E eu não a divido com ninguém. — Minha filha me encara unindo as sobrancelhas como se eu fosse louco por chamá-la pelo seu próprio nome, e chega um pouco mais para longe de mim em uma distância estritamente segura.

Faço-me de surdo nesse momento, não quero acabar com o nosso momento de paz. Pego o guardanapo que trouxe enrolado na colher e entrego a ela que limpa o rosto igual gente grande. Sem eu mandar, educadamente se levanta e joga o guardanapo na lata de lixo próxima à porta, depois corre em direção ao banheiro acredito que para escovar os dentes.

Enquanto espero minha filha, estico o braço para pegar o tal “Manual da mamãe” sobre o criado-mudo. Cada item foi enumerado por ordem alfabética, em uma caligrafia perfeita e sem a presença de um erro de português, nem ao menos uma vírgula fora do lugar. Palavras difíceis em frases bem formadas, mas num jeito fácil de entender. Acho interessante ela deixar em destaque com caneta vermelha as coisas as quais ela tem alegria, e salientar que quando Sofia fica muito nervosa, perde a fala.

“Quando Maria Lara perder a fala, apesar de ser uma cena assustadora, não se desespere. Se ficar nervoso, ela vai ficar mais nervosa ainda, apenas olhe em seus olhos, segure a sua mão e diga que tudo vai ficar bem. Pergunte o nome e quantos anos tem. Isso costuma resolver o problema, é só manter a calma.”

Confesso que estou surpreso, não esperava tanta organização da parte dela. A cada dia, a Marrenta do Morro do Alemão me surpreende mais, positivamente, devo dizer. Se não fosse tão valente, acho que seria mais fácil odiá-la. Caramba! Os seios dela pareciam ímãs para os meus olhos, simplesmente não conseguia parar de olhar. Sua marra me excita, tenho vontade de domá-la toda vez que me enfrenta bancando a valente.

Mas de que adianta ser tão bonita e não ter caráter? Júlia não é nada além de uma beleza perdida, ouro de tolo.

Deslizo os olhos para o local onde está o número do senhor Joaquim, quero acabar com isso logo. Tiro o celular do bolso e disco os dígitos correspondentes, quando ela volta e vê o aparelho na minha mão, os seus lábios tremem como se estivesse emocionada em me ver cumprindo a promessa.

— Vem aqui, filha, senta no colo do papai.

E assim ela vem, desconfiada, mas vem.

— Pode esperar um pouquinho? — Diz quase chorando, ou melhor tenta

corajosamente segurá-lo. Não entendo nada, quer tanto falar com o “avô” e agora pede para esperar.

— Esperar por que, pequena? — Afago seus cabelos, ela ergue a cabeça para olhar para mim com os olhos cheios de lágrimas fazendo um biquinho muito fofo.

— Porque estou tão feliz que estou com vontade de chorar, mas não quero que o meu avozinho perceba, porque ele fica triste quando eu choro. Não gosto quando o vovô fica triste, porque eu fico triste também. — E é a mesma coisa que levar um soco no estômago.

Como não se apaixonar ainda mais por essa criaturinha? Fico extremamente orgulhoso da sua atitude, a maior prova de caráter de uma pessoa é quando demonstra preocupação com os outros.

— Quando estiver pronta, é só falar. — Abraço minha filha até que a sua vontade de chorar passe, babando feito um bobo em cima de Sofia, o ser mais lindo do mundo. Como é bom ter a minha ruivinha em casa novamente.

Nos meus braços, de onde nunca deveria ter saído.

— Estou pronta! — Seu tom é firme, é tão fofa que dá vontade de apertar até não aguentar mais.

— Tem certeza, baixinha? — Assente.

Disco os números e coloco no viva-voz, pois quero monitorar a conversa deles. Todo cuidado é pouco. Ele atende no segundo toque, mas não diz nada, talvez por não ter certeza de quem seja. Pela respiração pesada dá para perceber que correu para atender a ligação como se tivesse passado o dia todo esperando por ela. Essa situação está me deixando tenso.

— Vovô, o senhor está aí? — Ela se adianta inclinando a cabeça e aproximando a boquinha bem perto do celular, posso sentir o seu coração batendo acelerado, impaciente para ouvir a voz dele.

— Estou sim, meu amor, como você está? Estão cuidando bem de você, filha? Está comendo direitinho? Sendo obediente como a mamãe ensinou? — Ele fala rápido tentando arrancar o máximo de informações dela possível. Sua preocupação com a menina parece real.

— A benção, vôzinho. Estou com saudades, quando vem me buscar?

— Eu queria muito, meu amor, muito mesmo. Mas o vovô não pode. —

Escuto ruídos além da voz dele, têm mais pessoas ao seu lado.

— Por que vocês não me querem mais? É por que eu não fui uma boa menina? — Há tanto medo no seu olhar de ele dizer que sim. Acho que, na cabecinha dela, eles a trouxeram porque não a amavam mais. Esse é o seu maior medo, que se esqueçam dela.

Sou pego de surpresa pelo seu ato de segurar a minha mão, apertando-a com força. Nunca fui uma pessoa má, mas nesse momento me sinto a pior de todas. Eu pensava estar fazendo o certo em afastar a minha filha dessas pessoas, mas vendo-a sofrer dessa forma por conta disso, abre um buraco no meu peito. Minha prioridade é fazê-la feliz, não sofrer ainda mais.

— Claro que não, querida, você é perfeita. E eu te amo tanto, Maria. É o meu amuleto da sorte, lembra? — Balança a cabeça como se ele pudesse vê-la. — A menina dos meus olhos, tudo que o vovô queria era poder ter a oportunidade de te ver pelo menos uma última vez. — Começa a chorar e eu me sinto pior ainda.

De vítima da história, sinto como se fosse o vilão.

— Por favor, não chora, vôzinho. Eu também amo o senhor, em breve vamos estar juntos novamente. Está bom? — Ela tampa a boquinha com as mãos para que ele não perceba que também está chorando, a preocupação dela com ele, é comovente.

— É que o vovô está com muitas saudades, querida. — A ligação fica muda por alguns segundos, depois recomeça a falar com a voz abafada. — Porque você era a alegria dessa casa, promete não esquecer de nós? — Pergunta choroso.

— Eu prometo, vovô, juradinho! — Ele ri do jeito inocente de ela falar, e eu me sinto estranhamente feliz por isso.

— O seu tio mandou um abraço bem forte, disse que o reino das fadas nunca mais será o mesmo sem a princesa mais bonita que vivia nele.

— Diz para o tio Binho que a princesa dele tem um plano de fuga da torre do ogro malvado, logo estará de volta ao seu reino encantado.

Não faço ideia do que eles estão falando, acho que nem ele, só ela sabe das coisas do seu mundo mágico.

— Está bem, filha, eu digo. — Ele está visivelmente emocionado, se para ele que é adulto está sendo difícil, imagina para uma criança?

— Agora eu preciso desligar, vôzinho, eu te amo. Amo a mamãe também e o tio Binho.

— Nós também te amamos, Maria. — Uma voz máscula e outra feminina gritam ao fundo, em um tom deprimente. Acredito que Júlia e o seu irmão.

O que era para ser uma simples ligação, se transformou em um velório. A minha culpa é tanta que é como se tivesse destruído uma família feliz. Talvez não exista mais lugar na vida da Sofia para mim, ou melhor, da Maria Lara.

— Durma com Deus, Maria. Não se esqueça nunca do quanto nós te amamos, seja boazinha e obedeça sempre ao seu pai.

— Tá bom, vovô. Promete também que nunca vai se esquecer de mim?

— Nunca, como esqueceria do meu amuleto da sorte? — Ela abre um sorriso amplo, mas as lágrimas em seu rosto tiram o brilho dele. — Boa noite, querida, eu te amo! — Conclui com a voz embargada.

— Boa noite, vôzinho, eu te amo mais. — A pequena engasga a cada palavra, uma cena de cortar a alma. Finalizo a ligação, totalmente devastado.

Sem mais forças de segurar a angústia entalada na sua garganta, observo o peito de Sofia subir e descer rapidamente. Seu ato imediato é o de literalmente se jogar no meu pescoço e chorar muito, encosto na cabeceira da cama e a abraço bem forte deixando que coloque a sua dor para fora. Vê-la assim é como um buraco negro me sugando de dentro para fora, as minhas energias positivas sumiram nesse momento. Era para eu estar feliz por estar com a minha filha nos braços novamente, mas não consigo sentir nada além de dor. Muita dor.

Porque se a minha felicidade for a causa da sua tristeza, não vale a pena.

O que mais me corta o coração é que ela poderia ter esperneado e feito um escândalo, implorando para que o homem que acredita ser seu “avô” a buscasse, mas não o fez. Preferiu aguentar a dor de ficar em um lugar onde não quer, porque, para ela, é melhor assim do que fazer o “avô” sofrer por vê-la chorando. Existem momentos em nossas vidas que temos que parar para pensar e nos colocarmos no lugar do outro. Até agora só pensei no meu sofrimento de terem tirado de mim a filha que tanto amo. Mas estou fazendo o mesmo com Sofia, tirando bruscamente pessoas da sua vida que há poucos dias viviam ao seu redor como se fossem a sua família. Não posso obrigá-la a me amar, tampouco fazê-la deixar de amar essas pessoas.

Ela chora até cair no sono e mesmo dormindo ainda soluça alto. Permaneço

acordado com os olhos bem abertos pensando em até quando aguentarei isso tudo. Falta apenas um fio para chegar ao meu limite, não sei como vai ser quando esse “fio” arrebentar, mas sinto que esse momento está bem próximo.

Capítulo 13



RICARDO

Passei uma noite difícil, acordado com minha filha dormindo em meus braços, chorosa devido àquela bendita ligação, tendo pesadelos e acordando por diversas vezes, assustada. O lindo amanhecer trouxe esperanças de dias melhores, o sol brilhando em meio a um céu azul profundo. Pássaros voando livremente e o vento balançando as folhas das árvores como ondas verdes que vão de um lado para o outro. O clima está perfeito, cheirando à liberdade. Ideal para um passeio em família e é isso o que pretendo fazer, levar as duas mulheres da minha vida para sair.

Resolvo tentar uma tática diferente com Sofia, levar a minha pequena para passear pelo Rio de Janeiro. Peço à minha mãe para arrumá-la bem bonita e ela capricha. Escolhe um vestido branco formoso com a saia bem rodada e um laço grande atrás, uma fita vermelha enfeita seus cabelos prendendo a franja e deixando o resto solto sobre suas costas. Primeiro a levarei a uma loja de brinquedos no shopping, depois vamos almoçar em um restaurante que escolhi na internet devido às ótimas avaliações dos clientes, quero oferecer tudo do bom e do melhor para minha filha.

— Tem certeza que sair é mesmo uma boa ideia, filho? — Os olhos da minha mãe se fixam no retrovisor do carro e observam a imagem da Sofia na sua cadeirinha com o olhar triste para o nada e balançando as perninhas freneticamente. Os pezinhos em uma sandalhinha graciosa lilás e cheia de pedrinhas brilhantes.

— Tenho — respondo e mantenho os olhos na estrada, não tendo a pretensão de prolongar o assunto.

— Ok! Então, filho, seja como for, estarei ao seu lado.

— Eu também te amo, mãe. — Tiro os olhos da estrada por alguns segundos e a olho, sei que está sorrindo igual a uma boba.

E confirmo.

— Eu sei, Ricardo.

Solto o volante por um instante para segurar a sua mão, ela aperta forte e sorri amplamente fazendo as suas bochechas gorduchas rosadas incharem. Eu a amo tanto! Minha mãe sempre foi o meu porto seguro, minha maior fonte de força.

Não é qualquer mãe que larga tudo e viaja uma longa distância para ajudar o filho, esse tipo de atitude deve ser valorizado. E eu valorizo. Por isso sou louco por ela, às vezes me irrita com esse seu jeito extravagante, mesmo assim, não me imagino sendo filho de outra mulher a não ser dessa ao meu lado. Tinha caprichado para o passeio, soltou os cabelos e passou um pouco de maquiagem, sombra azul realçando a cor dos seus olhos e batom cereja. Minha mãe sempre foi muito bonita, estatura baixa e corpo cheio. No entanto, além da aparência física, o coração bom é a característica mais bela que existe nela.

Nosso primeiro passeio foi em uma loja de brinquedos enorme, um verdadeiro sonho para qualquer criança a qual o pai a autorizasse escolher o que quisesse. Mas esse não é o caso de Sofia, ela ficou encantada com tudo, mas escolheu apenas uma bonequinha negra, minúscula e muito parecida com a Júlia.

— Não vai escolher mais nada, filha? Pode levar o que quiser, olha quanta coisa bonita tem aqui — aponto para o monte de prateleiras à nossa volta, repletas de brinquedos de todos os tipos.

— Não, vou levar só essa. — Balança a cabeça, certa da sua decisão.

— Por que, querida? Aproveita que o papai está bonzinho e leva a loja inteira. — Olho feio para minha mãe, tenho uma boa condição de vida, mas não sou nenhum milionário.

Ela mostra a língua para mim. Velha abusada!

— Sempre que minha mamãe me leva em uma loja de brinquedos, ela sempre diz que só tem dinheiro para levar um brinquedo e tem que ser pequeno, porque os grandes custam quase um mês inteiro do salário dela — explica e eu fico sem palavras, triste por minha filha ter vivido uma vida regrada, se tivesse crescido ao meu lado teria tudo o que quisesse.

Até a lua, se me pedisse.

— Se o problema é dinheiro, não precisa se preocupar porque tenho muito para pagar o que você quiser escolher, filha.

— Não quero. Só esse está bom, o resto minha mãe diz que posso deixar por conta da minha imaginação e criar o meu próprio mundo e ser o que eu

quiser, até mesmo uma princesa. — Isso foi lindo, tenho que admitir. A forma com que a Marrenta criou essa menina me surpreende bastante, a cada minuto estou mais encantado por essa criança e a forma com a qual foi educada.

Que merda, Ricardo! Agora deu para admirar o inimigo?

— Está bem, filha, vamos pagar o brinquedo que escolheu e vamos procurar um lugar para almoçarmos. — Pego ela no colo e deposito um beijo em seu rosto, ela se encolhe toda abraçando a caixa de sua boneca.

Ainda está acanhada comigo, vai demorar muito para aceitar as minhas demonstrações de carinho. Enfim, não quero pensar nisso agora. Somente na fila enorme que vamos enfrentar para pagar um simples brinquedo.

Bufo, desanimado.

— Por que está levando essa boneca preta, garotinha? A branca igual a você é mais bonita, olha a que a minha filha escolheu, é mais bonita. — Viro para trás para olhar bem no rosto da bruxa que disse isso, minha mãe está ao meu lado.

— O que foi que a senhora disse? — Se ela tiver a coragem de repetir, vou dar voz de prisão a ela por racismo.

Se trata de uma loira aguada vestida com um macacão de onça horroroso, segurando uma menina no colo mais aguada ainda com uma boneca igual a de Sofia, porém branca. Parece com a mãe, coitadinha, não merece esse castigo.

— Que bonecas brancas são mais bonitas que as negras, eu jamais compraria uma crioulinha feia dessa, do cabelo duro para minha filha brincar. — Ri maleficamente passando a mão no cabelo oleoso dela com deboche para o meu lado, se achando a dona da verdade.

Coitada! Não sabe com quem está falando.

— E em relação às pessoas, a senhora também acha que as brancas são mais bonitas que as negras? — Ainda tenho esperanças de que caia em si, se arrependa do absurdo que está dizendo e, em consideração, peça desculpas às pessoas negras que estão na fila tão chocadas quanto eu ouvindo tamanha sandice.

— Claro que acho! Vai me dizer que se tivesse duas mulheres a fim de você, uma negra e a outra loira — Passa a mão no cabelo oxigenado novamente, acho que tentando fazer charme. —, é obvio que escolheria a loira, ainda mais se fosse para ter algo sério — conclui a louca. Me embrulha o estômago ao vê-la fazer um biquinho.

Meu sangue ferve. Se ela fosse um homem levaria um murro no meio da cara para aprender a respeitar os outros.

— Eu escolheria a que merecesse ficar do meu lado, já ouviu falar em conteúdo? Aparência não é tudo, azar o seu, porque nem isso você tem. — Todo mundo na fila bate palmas para mim e ela fica vermelha.

— Você não tem direito de me ofender assim. — Late.

— Não só tenho, como posso. — Tiro meu distintivo do bolso, sempre o carrego mesmo à paisana para usar em momentos como este, e esfrego na cara da racista de plantão. — Como Delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, dentro dos poderes que essa constituição me dispõe, acabo de lhe informar que está sendo presa por racismo, tem o direito de ficar calada e a um advogado para acompanhá-la. Caso não tenha um, o governo lhe fornecerá. Pode fazer uma ligação, aconselho pedir que alguém venha buscar a sua filha antes que a polícia chegue e ela veja a mãe sendo presa por não saber respeitar os outros.

Ela tenta fugir, mas alguns funcionários viram a confusão e a impedem de sair até que a polícia chegue. Agora sim a minha alma está lavada. Essa é a melhor parte de ser um Delegado.

— Esse é o meu filho gente, fui eu que fiz! — Minha mãe quase me mata de vergonha, todo mundo fica em volta de mim batendo palmas e assobiando.

— Por que todo mundo está batendo palma para o Cavalão, vovó? — Sofia pergunta baixinho para a minha mãe achando que não estou ouvindo.

— Porque o seu pai acabou de defender a sua mãe, meu amor. — Beija a testa da neta, então as duas me olham cheias de orgulho, ambas sorrindo.

E eu? Bom, me derreto todo em ver as mulheres da minha vida, orgulhosas de mim, são momentos como esse que me fazem acreditar que escolhi a profissão certa.

Depois do triste ocorrido na loja de brinquedos, decidimos almoçar no restaurante italiano “Lalola”, um lugar muito movimentado. Seguro a mão de Sofia que não larga um minuto a boneca que escolheu, carregando-a colada junto ao peito, sobre o coração. Minha mãe caminha ao nosso lado e, assim como eu, observa a decoração do lugar enquanto o maître nos conduz até a nossa mesa. As paredes são pintadas de um azul claro diferente e mais puxado para o verde, repleta de quadros de mosaicos bem feitos, tudo com muito bom gosto. Gostaria de conhecer o artista que os fez. A iluminação fraca dá um charme especial ao

ambiente, se o decorador queria transmitir conforto, conseguiu com louvor.

— Aqui está a mesa de vocês, o garçom virá anotar os pedidos. — O maître sorri gentilmente antes de se retirar, é um senhor na terceira idade muito elegante em seu terno escuro com um nó impecável em sua gravata.

Pelo seu leve sotaque italiano deixa evidente que vive há um bom tempo nesse país. Minha mãe ficou cheia de graça para o lado dele, não gostei nem um pouco disso. É infantil ter ciúme da mãe, mas eu tenho da minha e que se dane o resto.

— Que cara feia é essa, Ricardo? Parece que chupou limão. — Puxa a cadeira para mais perto da minha e de Sofia e senta ainda trocando olhares com o maître, mesmo de longe.

É, dona Célia!

— Pelo visto a senhora “curte” bastante a cultura italiana, não é mesmo, dona Célia? — Alfineto, pegando o cardápio. Suas narinas dilatam e estreita os olhos, se estivessemos sozinhos, eu teria levado um tapa na nuca.

Mas se eu a contrariasse mais um pouquinho, tanto fazia para ela o lugar que estávamos, poderia ser até na igreja.

— Por que não ajuda a sua filha a escolher o pedido dela em vez de ficar implicando comigo? Eu estou velha, mas não morta. — Seu tom é brando, só não disse aos gritos por causa da neta. Tira a atenção de mim, disfarça olhando o cardápio por alguns segundos e depois desvia o olhar para o maître com voz de galã de cinema que está atendendo a mesa ao nosso lado.

Minha mãe não tem jeito mesmo! Reviro os olhos.

— O que você quer comer, filha? Pode pedir o que quiser. — Ergo o braço para pegar o cardápio sobre a mesa. Abaixo a cabeça para olhar para Sofia procurando algum sinal de animação em seu rosto. Desanimo com o que vejo.

Seus grandes olhos azuis parecem um mar morto, repleto de beleza, mas sem a alegria das ondas. Seu corpo está presente, mas a alma, não. É como se eu a estivesse obrigando a tomar a identidade de outra pessoa, que nunca mais voltará a ser dela.

— Qualquer coisa? — Bate o dedinho indicador no queixo três vezes elevando o olhar como se estivesse pensando.

— Sim, querida, você é quem manda hoje. — Ela abre um sorriso que tira o

meu fôlego, lindo e doce.

— Eu quero a comida da mamãe.

Minha mãe faz um som com a garganta, como se dissesse: *Quero ver você sair dessa agora, Ricardo!*

— Aqui não serve esse tipo de comida, filha. — Meu tom é o mais suave possível, mesmo assim não impediu que uma onda de tristeza matasse o seu sorriso.

— Tudo bem, não estou com fome mesmo. — Encosta na cadeira com o corpo todo mole, entediada. Meu apetite vai embora e jogo o cardápio sobre a mesa, decepcionado.

— Não prometa algo se não pode cumprir depois, não vai conseguir chegar a lugar nenhum com isso, apenas andar para trás.

— Está bom, mãe, eu entendi o recado. — Bufo.

Nossa mesa fica de frente para a grande janela panorâmica de onde é possível observar o fluxo contínuo das pessoas andando pela calçada, cada uma para o seu destino, passando umas pelas outras duras como robôs sendo controlados, apressadas demais para realizarem um simples cumprimento. Dizer “bom dia” de vez em quando, não mata ninguém.

Essa falta de consideração ao próximo não acontece somente com pessoas estranhas, mas dentro de casa também. Hoje em dia, não se usa mais demonstração afetiva, pais que não participam do crescimento dos filhos. Casais brigam por qualquer coisa se deixando levar por um ciúme doentio. Graças a Deus no meu casamento com Andréia nunca teve nada disso, era perfeito.

O problema é que as pessoas esperam perder para dar valor.

— Boa tarde, já escolheram os seus pedidos?

O garçom chega para anotá-los, mas o que era para ser um atendimento normal, muda completamente pelo simples fato de a minha filha paralisar quando ouve a voz dele... seus lábios inferiores tremem e os olhos se inundam de lágrimas. Céus! Não estou entendendo nada!

— Ele achou a sua princesa — sua voz sai em um sussurro seguido de lágrimas silenciosas, ela está tão emocionada que mal pode falar.

Sigo o seu olhar que está fixo no garçom, não dá para ver o seu rosto, pois está de frente para a minha mãe anotando o seu pedido e totalmente alheio ao

que está. Não faço ideia de onde ela o conhece. Trata-se de um rapaz negro, bastante alto e porte físico avantajado.

— Você já viu esse homem antes, filha? — Indago enquanto a minha mãe domina toda a atenção do pobre rapaz dizendo alguma coisa sobre achar muito bonito as pessoas negras com os olhos claros iguais aos dele.

— Sim, ele é o meu tio Binho. — O garçom deixa o bloco de notas cair.

Cada músculo do seu corpo se contrai e vai se virando lentamente em nossa direção. Quando coloca os olhos em Sofia é a mesma coisa que estar vendo a aparição de um anjo. Suas feições se iluminam completamente, ele a mede com o olhar analisando-a detalhadamente para conferir que está de fato tudo bem com a menina, como se eu fosse fazer mal à minha própria filha.

— Princesa Maria Lara, que honra vê-la novamente. — Sorri saudoso, mas triste, curvando o corpo em reverência como se estivesse de fato diante de uma princesa de verdade. Ela olha a encenação dele, encantada.

Apesar de ter os olhos verdes, seu rosto é muito parecido com o de Júlia. Traços fortes e marcantes. Traja o que acredito ser o uniforme padrão dos garçons, calça social preta e camisa branca com gravata borboleta.

Sofia larga a boneca sobre a mesa e se levanta para ir voando até ele, mas a impeço segurando o seu braço e encarando o rapaz de cara feia. Não confio nem um pouco nessa gente. Ela vira a cabeça em minha direção num rompante e faz beicinho com vontade de chorar acompanhado de uma carinha de cão sem dono.

Inferno! Como dizer não a isso?

— Faça a escolha certa dessa vez, Ricardo. — Minha mãe enruga o nariz fungando, seu olhar de decepção atravessa a minha carne ao perceber que não soltei o braço de Sofia. Simplesmente não consigo.

— Por favor, senhor, só um abraço! — A expressão do rapaz é de pura súplica, ele contorce as mãos em sinal de nervoso dividindo o olhar entre mim e os próprios pés.

Nem percebo quando a minha mão solta o braço da minha filha e ela contorna a mesa correndo com os cabelos esvoaçantes acompanhado de um sorriso no rosto tão grande e feliz que ilumina o lugar todo. Pula no colo do “tio” que se abaixou para ficar da sua altura e a abraça forte. Sofia, se agarra tanto ao pescoço dele que eu penso que não soltará nunca mais.

— Eu sabia que o cavaleiro valente ia me salvar da torre do ogro malvado,

eu sabia! — Remexo-me desconfortavelmente na cadeira.

Sofia o vê como um herói no seu mundo mágico, confesso que sinto uma pontada no peito por conta disso. Afinal, o tal ogro malvado a que ela se referiu provavelmente sou eu. Nunca vou passar de nada além do monstro que a roubou da sua família.

— Que isso, princesa Maria? Você não está presa na torre do ogro. Apenas se mudou para um castelo novo. Coisa da realeza, sabe? — Explica dando de ombros, de um jeito que a pequena entenda.

Eles amam Sofia, esse amor é evidente. Está no olhar, na forma de se comunicarem com ela, nos pequenos gestos como o que realiza nesse momento ajeitando pacientemente o laço que foi feito com duas faixas que rodeiam a cintura do seu vestido. Um baita negão desse tamanho e não se importa em fazer isso em público, bem no meio do seu expediente de trabalho e na frente dos colegas. Não sei se teria a mesma coragem.

— Você fez a coisa certa, Ricardo, estou orgulhosa de você! — Sinto-me mais seguro da escolha que fiz quando a mão da minha mãe segura a minha sobre a mesa, a trago até os lábios e deposito um beijo nas costas de sua pequena mão.

Não a solto, preciso da minha mãe ao meu lado para aguentar a situação do inimigo invadindo o meu território bem diante dos meus olhos e não poder fazer nada para impedir.

— Espero que sim, mãe.

Olho em seu rosto rapidamente e volto a prestar atenção na conversa deles.

— Você gostou do meu vestido novo, tio? — Ela rodopia segurando na barra da saia, igual a uma bailarina.

— É lindo, digno de uma princesa!

— Eu também gostei, mas prefiro as minhas roupas antigas porque foi a mamãe que escolheu para mim. Eu estou com muitas saudades dela, pode me levar até ela?

— Não posso querida, na verdade, agora eu preciso continuar trabalhando senão perco o meu emprego. Mas vou estar olhando você de longe enquanto sirvo as mesas, combinado?

— Com o seu olho mágico? — Pela carinha de emoção que faz levando as

mãos sobre as bochechas e abrindo a boca em formato de “O”, se ele disser não, acho que será um dos grandes traumas da sua infância.

Há algo de muito especial em Sofia, ela é espontânea, sentimental, leal com as pessoas que amava. Espero um dia ser merecedor da sua lealdade, do seu amor e do sorriso, que sempre me tira o fôlego.

— Eu não vou a lugar nenhum sem o meu olho mágico, princesa.

— Ebaaaaa! — Ela solta um gritinho de euforia.

— Agora sente-se na sua cadeira e comporte-se, vou anotar os pedidos e trazer algo bem gostoso para você comer.

— Eu vou comer tudinho, tio Binho. Até as verduras para crescer forte e saudável como a minha mamãe disse.

Deposita um beijo em sua testa e aceita sem pestanejar, sendo que comigo tenho que matar um leão para fazê-la comer. Como isso me machuca. Desvio o olhar, magoado demais — desprezado — para continuar olhando.

— Calma, filho! A recompensa pelo que fez virá em breve. — Percebendo o meu desconforto, minha mãe repete o mesmo gesto que fiz com ela depositando um beijo nas costas da minha mão.

— Estou contando com isso, mãe.

— Obrigado, senhor. Isso significou muito para mim. — Apenas assinto. Não faço cara feia para o rapaz, mas também não sorrio.

Faço uma pequena avaliação do seu rosto, gosto de analisar as pessoas pois acredito que a verdade está nos pequenos detalhes. Seus olhos estão molhados, cheios de gratidão e segurando a mão da minha filha toda boba por estar ao lado do “tio”. Ela tem orgulho dele, se pudesse ia mesa por mesa contando para todos que é sua sobrinha como se isso fosse a melhor coisa do mundo. Bom, acho que para Sofia, é.

— Obrigada, Cavalão. — Minha recompensa é um abraço fervoroso de Sofia, espontâneo e sincero. Me torno o homem mais feliz do mundo só com esse simples gesto, o primeiro de muitos, espero.

— Cavalão? Que isso, Maria Lara? — Ele chama sua atenção, a danadinha dá uma risadinha como se não fosse com ela. Minha espertinha, linda.

— Coisa da sua irmã. — Tento esconder a vontade de rir, mas não dá, o sorriso aparece sem pedir licença toda vez que penso naquela marrenta. Coisa do

diabo querendo me fazer perder a cabeça, usando um diamante negro como arma para me destruir. E eu estou começando a cair feito um patinho cego.

Que maravilha, Ricardo! Seu idiota!

— Imaginei que fosse coisa da Júlia. — Balança a cabeça rindo, ajeitando o caderninho de notas que havia pegado no chão para anotar os nossos pedidos, ainda parece bastante intimidado com a minha presença, mas, pelo menos, agora consegue falar olhando nos meus olhos.

E aqui estou eu interagindo com o inimigo, a que ponto cheguei? Meu Deus!

O almoço correu tranquilamente, Sofia comeu direitinho feito uma mocinha sem fazer bagunça ou sujar a roupa. Conversou o tempo todo sobre várias coisas, a maioria delas sobre a mãe, o tio e o famoso avô Joaquim. Sendo sincero, não me importei, por incrível que pareça, não mesmo.

Gosto de ouvir a sua voz independentemente do que esteja falando, ainda mais se vier acompanhada de vários sorrisos. Ora ou outra o tal Binho passava por nós para servir as outras mesas e sempre fazia alguma graça para Sofia, ela gargalhava sentindo-se a pessoa mais especial do mundo.

Ele a trata como se fosse.

Mimou-a do jeito que pôde, dentro das suas limitações como garçom do restaurante, a sobremesa dela foi por sua conta: uma taça de sorvete de morango enorme com cobertura de chocolate. Insisti em pagar, mas o rapaz conseguiu ser mais teimoso do que eu.

Estava tudo indo mais que bem, acabamos ficando mais tempo que o previsto no restaurante atrasando o nosso próximo passeio. Porém, o problema está sendo agora na hora de ir embora. Sofia não quer sair da cadeira de forma nenhuma. O “tio” vem tentar me ajudar conversando com ela, mas é pior ainda, Sofia se agarra no pescoço dele como um chiclete na sola do sapato. Não aguento e acabo perdendo a cabeça.

— Já chega de pirraça, Sofia! Não tem mais passeio hoje, vamos para casa agora. — A tiro dos braços do irmão da Júlia à força e caminho a passos rápidos em direção à saída do restaurante com ela chamando a atenção de todo mundo com os seus gritos. As pessoas olham para nós cochichando achando que estou maltratando a menina.

— Me solta! Socorro, tio Binho, não deixa ele me levar. — Berra por cima

do meu ombro com o bracinho esticado chamando-o com a mão, implorando que a salve.

De mim.

— Desculpe, princesa, o tio não pode te ajudar. — Sofia chora mais ainda, se ele queria ajudar deveria ter ficado calado.

Porra!

Minha mãe acelera o passo atrás de mim, não preciso olhar para ela para saber que está abalada com essa situação constrangedora.

— Socorro... Socorro, alguém me ajude! — Esperneia cravando as unhas no meu rosto e chutando minha barriga e aonde pegasse, totalmente fora de si.

— Agora basta! — Grito com ela, não queria, mas não tem outro jeito.

Coloco ela chão quando chegamos na calçada, só então consigo respirar de verdade. A raiva não tinha deixado antes.

— Calma, Ricardo, ela só quer ficar mais um pouco com o tio. — Minha mãe só consegue me deixar mais nervoso ainda.

— Ele não é tio dela, a Júlia não é a mãe e muito menos esse tal de Joaquim é avô dela. Esqueça essas pessoas, Sofia, pois nunca mais irá vê-los, entendeu bem? — Esbravejo, descontrolado.

Minhas palavras deixam Sofia imóvel. Não pisca ou mexe nenhum músculo do rosto, parece que nem respira. Só então dou por mim percebendo o quanto foram cruéis as minhas palavras e o quanto foi duro para ela ouvir a verdade nua e crua.

— Desculpa, filha, o papai não devia ter dito isso. — Tento tocar o seu rosto, mas ela se afasta.

— Eu nunca mais quero ver você, vou embora para a minha casa agora. — Empurra-me e sai correndo em direção à rua, o semáforo acaba de ficar verde.

Entro em pânico!

Sofia corre rápido determinada a fugir de mim, seus cabelos balançam conforme seu corpo se movimenta. Saio correndo atrás dela, desesperado. Assim que pisa na rua, tudo parece acontecer em câmera lenta. Os carros começam a desviar da minha filha, escuto as freadas, buzinas e algumas colisões. Mas o que mais sobressai são os gritos da minha mãe na calçada desesperada com medo

que o pior aconteça comigo ou com Sofia. Eu não me importo de morrer, minha preocupação é somente com a minha filha. Sofia se apavora no meio da confusão, tenta voltar, mas não tem como, então para no meio da rua sem saber o que fazer.

Ela só se acalma um pouco quando vê que eu estou indo ao seu socorro, sei que a situação é de tensão, mas nesse momento único, minha filha olha encantada para mim como se fosse um herói indo ao resgate da princesa que está em apuros, pulando sobre os carros, desviando de outros. Treino muito todo dia, sou ágil e tenho bom reflexo. Falta pouco para chegar até ela, porém, não sei de onde aparece um carro prateado desgovernado e acerta a minha pequena derrubando-a em cheio no chão.

— SOFIA! — Grito enlouquecido levando as mãos na cabeça.

Se a minha filha morrer, morrerei junto.

Capítulo 14



JÚLIA

Quase morri quando o meu irmão ligou desesperado contando que Maria sofreu um acidente em frente ao restaurante onde ele trabalha. Ele não soube me dizer qual o estado dela ou para qual hospital a levaram porque o pai, tomado pelo desespero, colocou a menina no carro e saiu em disparada para o pronto socorro. Nem deixei que Binho terminasse de falar, finalizei a ligação e pesquisei no Google o hospital mais perto do lugar onde ocorreu o acidente, provavelmente a levariam para lá.

Mal consigo digitar direito as palavras, minhas mãos tremem sem parar. Deixo o celular cair no chão por duas vezes, minhas vistas vão turvas devido às lágrimas que inundam os meus olhos e gotejam sobre a tela.

— Vai logo, droga! — Bato o pé no chão, brigando com a minha internet ordinária que não quer carregar a maldita página com a informação que eu preciso, só não jogo o celular na parede porque não terei dinheiro para comprar outro tão cedo.

Assim que aparece o endereço do hospital, corro até a casa do meu vizinho, Jaizy, que é moto táxi no morro e conhece cada pedacinho do Rio de Janeiro. Graças ao bondoso Deus, ele se encontra em casa fazendo o seu horário de almoço e aceita me levar na hora, de bom grado. Prefiro não contar nada para o meu pai, é melhor deixá-lo trabalhando despreocupado, se bem o conheço é capaz de correr até o hospital a pé. Também tem o risco de a sua pressão subir novamente, por isso tentarei primeiro saber notícias da Maria, para na hora de dar informações ao avô dela, ter algo concreto para dizer.

Chego ao hospital tão transtornada que o Jaizy nem cobra a corrida, agradeço a sua gentileza e entro correndo à procura da recepção em total desespero. Peço informação para todo mundo que vejo vestido de branco. Uma enfermeira muito simpática me explica onde fica a ala pediátrica, que é onde Maria está. Diz que viu quando ela chegou aos gritos e com a roupinha repleta de sangue chamando pela mãe. Essa informação faz meu desespero aumentar ainda mais. Se acontecer alguma coisa com a minha filha, eu morrerei, mas não antes de matar o pai dela. Ele a tomou de mim para não cuidar da menina

direito? Mas que droga! Não tem nem uma semana que está com eles e já sofreu um acidente tão grave.

Não quero nem saber, não existe nada ou ninguém nesse mundo que vai me impedir de ver a minha filha. E se esse Delegado tentar impedir, eu passo por cima dele feito um trator, ele vai ver o que uma mãe desesperada é capaz de fazer. Se antes não gostava dele, agora ganhou o meu ódio mortal. Nunca senti tanto medo na minha vida como estou sentindo agora, nem mesmo no dia em que a minha mãe morreu durante aquele tiroteio horrível. Foi muito triste perdê-la de forma tão covarde, contudo, ela já era adulta e foi muito feliz ao lado do meu pai durante toda uma vida. Mas, e a Maria Lara? Apenas uma criancinha, o meu bebezinho. Viveu tão pouco, ela ainda tem tantas coisas para fazer e lugares para conhecer.

Corro tão rápido pelos corredores do hospital que mal consigo sentir as minhas pernas, parecem flutuar pelo ar. Eu preciso vê-la, estar com a minha pequena. Ter certeza de que está bem e dizer o quanto a amo. E que não vou mais deixar ninguém me separar dela. Para isso terão que me matar.

O Delegado é o primeiro que vejo ao chegar à entrada da sala de espera da ala pediátrica. Entro em desespero ao ver a camisa branca que usa, repleta de sangue. Manchas enormes em um vermelho vivo, por Deus! Maria deve ter sangrado muito, sinal que tinha machucado feio. Pela expressão de apavoramento em seu rosto, a situação é mais grave do que pensei. Minha vontade é de gritar implorando que me levem até a minha filha, para que eu possa abraçar o meu bebê. Recomeço a chorar, sem saber o que fazer.

Ricardo está sozinho, encostado na parede próxima à janela, de braços cruzados sobre o peito largo e fitando os sapatos. Parece devastado, tanto quanto eu. A respiração é pesada e lenta, o corpo imóvel como uma estátua. Sua beleza está ofuscada por uma sombra triste à sua volta, que existe desde que o conheci, porém, agora está muito pior, quase palpável. Os ombros estão caídos como se estivesse segurando o peso do mundo.

Talvez esteja.

Por um momento, sinto pena dele, mas quando ergue os olhos cheios de superioridade e encontra os meus, fecha a cara no mesmo momento como se perguntasse:

O que está fazendo aqui sua bandida? Vá embora.

Pois vou mostrar a ele. Direitinho.

Provavelmente irá me prender depois, mas quando o sangue sobe para minha cabeça não tem capeta no inferno que me segure. Perco a razão, louca é pouco para denominar o estado em que estou. Parto para cima de quem for, nunca gostei de barraco, mas sei fazer um melhor que ninguém.

— O que você está fazendo? — Rosna enfurecido ao sentir os meus braços rodeando a sua cintura em um abraço acolhedor e sincero. Acho que não conseguiria feri-lo, nem se eu quisesse de verdade.

Quando fui para cima dele, a minha intenção mesmo era de deformar o seu rosto com as minhas unhas por não ter cuidado bem da minha filha, mas quando fiquei frente a frente com Ricardo, vi tanta dor e culpa em seus olhos que não consegui fazer nada além de abraçá-lo. Se eu estivesse no lugar dele, gostaria de receber um assim, bem forte e apertando.

Esse é o problema da maioria das pessoas, acusam primeiro para em último caso dar a chance do outro contar o seu lado da história.

Mas aí pode ser tarde demais.

— Vai ficar tudo bem com ela, eu estou aqui com você. — Minha cabeça repousa sobre o seu peito que sobe e desce conforme a sua respiração acelera. Mesmo por cima do tecido da sua camisa, posso sentir perfeitamente o calor do seu corpo.

Tem um cheiro tão bom, forte. De homem. O coração dele bate tão rápido que consigo ouvi-lo como uma melodia triste, melancólica.

De um coração partido.

— Não toque em mim! — Desliza as mãos até a minha cintura decidido a me jogar bem longe dele, janela abaixo, talvez, mas eu não o solto de forma nenhuma. Se ele é teimoso, eu sou mais.

— Está tudo bem, você não teve culpa de nada. — Ele paralisa na hora ao ouvir isso. Aos poucos os músculos do seu corpo vão relaxando, mas o coração continua acelerado. — Foi só um acidente, tenho certeza que a nossa filha vai ficar bem.

Droga! Me referi à Maria como “nossa”. Agora que ele vai dar “piti” mesmo, esqueci que só ele tem direito à menina como se fosse um tipo de objeto.

Então a minha razão volta em um colapso, decidida a mostrar serviço. *O que estou pretendendo com isso?* Levar um tiro na cara? Porque é isso que irá

acontecer caso insista em dar a mão a quem prefere cortá-la fora a segurá-la. É melhor soltá-lo antes que saque a arma da cintura e me mate. Nem sei por que o abracei, muito menos porque não o soltei até agora.

Começo a me afastar cautelosamente, quero olhar para cima para ver a sua expressão, mas cadê a coragem? No entanto, antes mesmo que eu possa pensar em me afastar mais um centímetro, ele me puxa de volta para mais perto — bem mais perto — envolvendo-me dentro de um abraço de urso, protetor do jeito que imaginei que fosse quase esmagando meus ossos com toda sua força. Porém, não sinto raiva em seus movimentos, mas, sim, dor.

Muita dor.

Estremeço ao sentir o calor da sua respiração se aproximando do meu pescoço até os seus lábios estarem praticamente colados ao lóbulo da minha orelha. Sua barba farta roça em mim causando arrepios. Deus! Como o cheiro dele é bom. Delirante.

E sussurra fazendo um calafrio percorrer por todo o meu corpo:

— Eu aceito o acordo.

Imediatamente, inclino a cabeça para procurar em seu rosto algum sinal de descontentamento, mas não há nenhum. Apenas dois olhos azuis curiosos fitando cada detalhe do meu rosto como se quisesse entender por que nós, duas pessoas que se odeiam, estamos abraçados como se fôssemos um só? Simplesmente não consigo soltá-lo, e acho que o mesmo acontece com ele. Fico desconcertada pela forma penetrante que me olha, como se os seus olhos pudessem furar a minha carne até chegar na alma.

Minha mão vira-casaca me trai indo ao encontro do seu rosto, preciso tocá-lo com urgência. Afundo os dedos em meio à montoeira de fios negros macios da barba farta, fazendo carinho lentamente e esperando que ele me impeça, mas ele apenas me observa de forma ilegível.

É como se tudo tivesse parado à nossa volta, sinto como se uma comitiva de borboletas eufóricas voasse em meu estômago. Ele fecha os olhos apoiando o rosto na palma da minha mão, como um pedido de socorro silencioso.

Doloroso.

E estou disposta a salvá-lo do que fosse.

— Que bom ver os dois se entendendo, não é mesmo, Maria? — Nos soltamos imediatamente ao ouvir a voz da mãe dele, indo cada um para um lado,

oferecendo as costas um para o outro na tentativa falha de esconder o que acabou de acontecer aqui.

E sinceramente? Nós nem sabemos explicar, apenas sentir.

Não sei qual de nós dois está mais envergonhado, acho que se estivéssemos em uma competição, daria empate. Ele olha para qualquer lugar, menos para mim. Parecemos dois adolescentes assustados após serem pegos no flagra, não fizemos nada de mais, ainda assim nos sentimos culpados por algo que jamais poderia ter acontecido. E não deveria mesmo.

Ela disse Maria? Viro para olhar para dona Célia e ela está com a minha filha nos braços com um curativo enorme na testa — agora está explicada as manchas de sangue na camisa do Ricardo — e vários arranhões nas pernas e nos braços. Tirando isso, ela parece perfeitamente bem. Graças a Deus, foi só um susto.

Meu anjinho tem o rostinho e os olhos vermelhos e inchados como se tivesse chorado muito. Na hora em que me vê, começa a chorar novamente erguendo os bracinhos na minha direção, assustada, e começo a chorar também, aliviada em ver que está bem.

— Que alívio saber que está bem, minha filha. — Solto a respiração que nem sabia que tinha prendido quando abracei o Ricardo. Coloco a mão sobre o peito sentindo a adrenalina indo embora de vez. Ela está bem, fecho os olhos agradecendo a Deus por isso.

— Mamãe, eu quero o seu colo. — Choramanga e corro ao seu encontro pegando-a em meus braços. Sento em uma das cadeiras na recepção para dar uma última conferida e ter toda e total certeza de que a minha Maricota está bem.

— Ela está bem, Júlia, o carro só a pegou de raspão. Fez algumas radiografias e não tem nada quebrado, só o coraçãozinho por estar longe da mamãe que ela tanta ama. Agora que chegou, está tudo nos conformes — não arrisco olhar para o Ricardo, mas sei que está com os ouvidos atentos à nossa conversa.

— Ouviu o que a vovó disse, filha? Está tudo bem, meu amor, foi só um susto. A mamãe está aqui agora, não precisa chorar mais.

— Eu corri para o meio da rua sem olhar para os lados, mamãe. Me desculpa. — Sorrio para ela observando suas bochechas ruborizadas, sabe

assumir sua culpa quando está errada.

— Tudo bem, meu amor, mas promete nunca mais fazer isso? Assustou todo mundo, podia ter sido muito mais sério. — Tenho uma sensação gélida na barriga só de pensar que algo pior poderia ter acontecido, e eu não estaria agora com a minha filha nos braços.

— Eu prometo, mamãe. E a senhora promete que não vai mais embora? — Ela me encara esperançosa em meio às lágrimas, e eu não sei o que responder.

Remexo na cadeira ganhando tempo para pensar em como sair dessa saia justa. O pai dela disse que aceita o acordo, mas, talvez, tenha sido apenas no calor do momento. Crio coragem não sei de onde e olho para o Ricardo, à espera de um sinal do que fazer. Ele coça a nuca respirando pesado e com a expressão azeda de sempre, me examinando de espreita.

— Vou esperar as *três* no carro, com licença. — Ricardo faz um barulho alto com a garganta e se apressa em sair, de cabeça baixa. Ele é um cretino, mas não consigo deixar de sentir pena dele.

Agora entendo porque resolveu aceitar o acordo que a mãe dele propôs a nós dois. É óbvio que ele me odeia e não confia em mim — na sua condição, também não confiaria —, mesmo assim vai me aceitar dentro da sua casa por amor à filha. De todos, nessa história, Maria Lara é a que mais está sofrendo com essa situação.

Não esperava essa atitude da parte dele, ganhou vários pontos comigo.

— Espera um pouco, ele disse vocês “*três*”? — Dona Célia senta na cadeira ao meu lado com um sorriso que vai de orelha a orelha, tão feliz quanto eu.

— Sim, ele disse, vovó, eu ouvi direitinho — garante a pequena.

Ela também ouviu o pai dizer que espera “*nós três*” no carro. Deixou bem claro como água cristalina vinda direto da fonte, agora não tem como voltar atrás.

— Eu também ouvi — sussurro sem acreditar que agora, de fato, poderei continuar participando da vida da minha filha.

Não é do jeito que eu queria, mas já está ótimo.

— Não me diga que o meu filho resolveu aceitar o acordo? — Dona Célia dá pulinhos eufóricos na recepção do hospital. Algumas pessoas passam olhando, aí é que faz mais graça ainda requebrando o corpo na sua estranha

dancinha da alegria.

— Sim, senhora, e por iniciativa dele. — A boca dela se abre em formato de “o”, por essa ela não esperava. Pisca lentamente levando o dedo sobre o queixo e batendo duas vezes como se estivesse pensando melhor em alguma arte.

Sorri marota como uma criança levada.

— Então vamos para a “*nossa*” casa meninas, porque o papai está no carro esperando as três mulheres da vida dele.

Franzo a testa não entendendo o que ela quer dizer com:

“As três mulheres da vida dele.”

Seguimos conversando até o lado de fora do hospital onde está o carro, melhor dizendo, “O carro” um Mercedes-Benz preto classe A novinho em folha, chega a brilhar como um diamante negro. Janelas com o vidro escuro e rodas especiais de aro rotativo que quando colocadas em movimento dão impressão dos pneus estarem rodando para o lado inverso. Como sei disso? Trabalhei como frentista em um posto de gasolina por um bom tempo quando tranquei a faculdade para cuidar da Maria. Já fiz de tudo um pouco nessa vida para conseguir criá-la da melhor forma possível.

Ricardo está sentado no banco do motorista com a cabeça encostada no volante, quando nota a nossa aproximação acerta a postura empinando o peito.

— Pode colocar a menina na cadeirinha no banco de trás, Júlia. Eu vou com ela, você vai na frente com Ricardo.

Quando dona Célia avisa, já está sentadinha no banco de trás com cara de santa se fazendo de desentendida. Inclino-me colocando a minha filha na cadeirinha para que seja o mais confortável possível durante o trajeto, fecho a porta do carro permanecendo paralisada do lado de fora pensando muito sério em não entrar nele.

Eu gosto muito da dona Célia, mas já saquei seu plano. Isso de querer dar uma de cupido e me juntar com o cavalo do filho dela não vai rolar, como diz o meu irmão: nem a pau, Juvenal!

Somos como água e óleo que podem até dividir o mesmo recipiente, mas não se misturam nunca.

— Vai ficar o dia todo aí fora? — Ricardo me tira do transe com seu tom elevado, mas não chega a ser rude.

— Não, obrigada, vou de ônibus. Tenho que passar em casa para pegar algumas coisas — respondo de repente, me sentindo intimidada pela vontade louca de estar dentro dos seus braços novamente.

Merda! Odeio me sentir assim, insegura.

— Entra agora nesse carro, Júlia — é praticamente uma ameaça. Como não me mexo, sai do carro ficando frente a frente comigo com as mãos fechadas em punho.

Permaneço calada, pensando, não tinha reparado em como acho chamosa essa cara de mal que ele faz quando é contrariado — na maioria das vezes, comigo — e a linha que aparece entre as suas sobrancelhas. Tudo nele é charmoso, mas os olhos são perfeitos e, nesse momento tenho toda a intensidade deles sobre mim.

— Eu não vou pedir novamente, entre nesse bendito carro. — Rosna em um ruído rouco.

— Não! Você não manda em mim. — Dou um passo para trás, mantendo o contato visual.

Odeio quando alguém tenta mandar em mim, não sou sua mulher, mal o conheço e não confio nele nem um pouco, por isso não quero entrar no carro.

— Por favor, vamos fazer isso dar certo. Pela menina. — Apazigua a maneira de falar comigo e aponta para Maria Lara, que chora chamando por mim com os bracinhos esticados batendo a mãozinha no vidro fechado. — Se quiser, a minha mãe pode trocar e ir na frente comigo, eu também já saquei o plano dela, mas nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer. Você me odeia e pode ter certeza de que o sentimento é recíproco.

É a mesma coisa que levar um tapa, minha bochecha chega a formigar. Dói muito mais do que todos os foras que levei na vida juntos, não somente pelo que disse, mas sim pelo seu tom frio e calculista intencionado a me ferir.

— Eu não odeio você, Delegado. Mas continue assim, está no caminho certo. — Entro no carro e sento no banco de trás ao lado da minha filha, como ela não para de chorar a tiro da cadeirinha e coloco no meu colo.

Vendo a amargura iminente em mim, nem preciso falar nada com Dona Célia, ela balança a cabeça desanimada e vai sentar na frente ao lado do filho com uma tromba maior que a minha.

Viajamos até a metade do caminho e ninguém pronunciou uma palavra, me

ocupo em tirar as sandálias e o vestido da Maria que está todo sujo de sangue. Olhar para essas manchas vermelhas me deixa agoniada fazendo parecer que o acidente foi bem pior do que de fato foi.

— Motorista filho da puta! — Solto de supetão na hora da raiva ao ver um baita arranhão em sua barriguinha, rodeado por uma vermelhidão.

— Mamãe, a senhora falou um palavrão, isso é feio, sabia? — Chama a minha atenção do mesmo jeito que faço com ela.

— Não, meu amor, eu disse filho da lua. — Dona Célia bate uma mão na outra soltando uma gargalha contagiante que inunda o carro. Não aguento e começo a rir também.

A Maria, mesmo sem entender, não fica de fora e acha graça, mas a minha surpresa é quando olho pelo retrovisor e o Ricardo também sorri discretamente enquanto dirige mantendo a atenção na estrada. Basta um segundo para seus olhos encontrarem os meus e o seu riso morrer completamente, matando o meu também. Não sei por que o seu desprezo me afeta tanto, não sou de me abalar fácil.

— Mamãe, estou com sono, canta para eu dormir? — Minha pequena pede, sonolenta, enrolando o dedinho em um cacho solitário do meu cabelo, sempre faz isso quando está com sono.

Ajeito-a melhor em meu colo, a cabeça encostada sobre o meu peito e o corpo praticamente todo sobre as minhas pernas, só os pezinhos apoiados sobre o banco. Abraço minha filha a fim de aquecê-la bem, como havia tirado o seu vestido está apenas com a calcinha rosa.

A música não é difícil de escolher, a primeira que vem à minha mente é a do Roberto Carlos “*Como é grande o meu amor por você*”. Ela diz tudo o que sinto pela minha filha, afinal, nesse mundo, não existe palavras para explicar o que sinto por essa pessoinha linda de cabelos ruivos que está em meus braços.



*"Eu tenho tanto pra lhe falar
Mas com palavras não sei dizer
Como é grande o meu amor por você
E não há nada pra comparar*

*Para poder lhe explicar
Como é grande o meu amor por você*

*Nem mesmo o céu, nem as estrelas
Nem mesmo o mar e o infinito
Não é maior que o meu amor, nem mais bonito
Me desespero a procurar
Alguma forma de lhe falar
Como é grande o meu amor por você
Nunca se esqueça de nem um segundo
Que eu tenho o amor maior do mundo
Como é grande o meu amor por você...”*

•

— Eu gosto da sua voz, mamãe, ela é bonita, assim como você — diz em meio a um bocejo longo e logo fecha os olhos.

— Eu também te amo, durma com Deus. — Ela abre os olhos apenas para dar um meio sorriso e se rende ao sono de verdade.

Tiro o meu casaco azul de linho e enrolo nela, está começando a esfriar. Pelo canto dos olhos, percebo que o Ricardo olha mais para nós duas pelo retrovisor, do que para a estrada. Acredito que aproveitando o momento para, pela primeira vez, analisar nós duas juntas, sem acusações ou ameaças.

Apenas observa, curioso.

•

Já era noite quando chegamos à casa deles, Ricardo mal estacionou o carro na garagem e sumiu, se escondendo em um dos diversos cômodos da sua mansão. Acordei Maria e dei um banho bem gostoso nela na banheira. Dona Célia trouxe um lanche para nós duas, depois que comemos, brincamos mais um pouco e ela dormiu novamente, acho que acordará só amanhã.

— Boa noite, querida, durma bem — sussurro em seu ouvido puxando o cobertor até na altura dos seus ombros.

Ligo para o meu pai para dar notícias sobre mim e a neta. Binho já tinha chegado do trabalho e contado sobre o acidente e ambos estavam desesperados de tanta preocupação. Os acalmo dizendo que foi só um susto e que ela já está em casa dormindo tranquilamente. Conto também que o Delegado aceitou o tal acordo, e meu pai não gostou muito da ideia de ter a filha morando debaixo do mesmo teto do homem que a colocou na cadeia.

— Eu não confio nesse homem, filha. Se ele tocar um dedo em você, quebro os ossos dele em pedacinhos. — Bufo de raiva do outro lado da linha. Meu pai não é de ficar nervoso, mas quando acontece, sai de baixo!

— Se ele encostar um dedo em mim, pai, eu mesmo quebro os ossos dele em pedacinhos.

Quebro mesmo.

— Essa é a garota do papai. — Ri do outro lado da linha, apesar de preocupado, está feliz de eu poder continuar ao lado da neta.

— Assim que a poeira baixar por aqui, vou dar um jeito de o senhor ver a sua neta, pai. Eu prometo. — A ligação fica muda por longos segundos, o silêncio só é interrompido por um suspiro profundo.

— Nada me deixaria mais feliz, filha, mas se isso for te causar problemas, não precisa — diz, por fim.

— Não se preocupa, pai, não é senhor que sempre diz que no final sempre dá tudo certo? — Uso suas próprias palavras contra ele.

— Está bem, filha, mas, pelo que entendi desse acordo, ele vai tirar a denúncia contra você, não é isso? Tem que andar na linha, não vá cutucar a onça com vara curta porque um homem poderoso como ele, pode ser perigoso. — Ele está coberto de razão, como sempre.

Mas quem mandou ter uma filha tão cabeça dura igual a mim?

— Por mim não retirava denúncia nenhuma, mas tanto faz. De um jeito ou de outro, não vou parar até provar a minha inocência, odeio quando me acusam de algo que não fiz.

— E eu não sei disso, senhorita Júlia Helena? Mas não é uma hora para ser orgulhosa, sabe o quanto isso pode prejudicar sua carreira como advogada. —

Arrasta a voz colocando bastante ênfase na frase.

— Eu te amo, pai, e ao meu irmão, também. O senhor está certo. Amanhã bem cedo, enquanto a Maria estiver dormindo, vou tentar dar uma fugidinha indo em casa para pegar algumas roupas. Hoje vou ver como me viro aqui, durma com Deus.

— Bom noite e juízo, minha filha, te amo. — Desliga.

Deito ao lado da Maria, quase caindo na beirada e fico fitando o teto enquanto penso na vida. Na minha vida. No desenrolar das coisas daqui para frente. Vasculho a minha mente tentando pensar em como esse acordo pode dar certo. Mas não consigo ver isso terminando em nada além do que um belo desastre. Se a dona Célia não estiver aqui para apaziguar os ânimos, talvez até em morte.

E estou muito nova para perder a minha vida sendo condenada por assassinar um Delegado.

— Que tal irmos conhecer o seu novo quarto, Júlia? Já ligou para o seu pai dando notícias sobre a neta e contando a novidade de que agora está morando com o meu filho?

Só faltou me chamar de nora e começar os preparos para a festa de casamento, tenho que fechar os olhos, encher o peito de ar e soltar lentamente tentando recuperar a calma e evitando não ser grossa com ela.

— Liguei sim, senhora, mas para avisar que fiz um acordo com o pai da Maria. De morar aqui até ela se acostumar com ele, mas não teremos mais nada em comum entre nós além da nossa filha — explico brandamente para não a magoar, gosto demais dela.

— Realmente, a única coisa em comum entre vocês é a Maria, querida — suspiro aliviada. Que bom que ela entendeu, louvo ao Senhor, mentalmente. — Principalmente pelo fato que as mãos dele estavam cravadas na sua cintura quase entrando na sua pele lá no hospital, e as suas faziam carinho no rosto dele com a mesma leveza de uma pluma. E nem vou falar muito da forma como estavam se encarando, se pudesse descrever em poucas palavras, ou melhor, em uma pergunta, seria: *Transa comigo?* — Engasgo com a própria saliva, tossindo sem parar. Tanto, que tenho que levantar e ir para longe da cama apoiando na parede, tentando controlar a tosse antes que acorde a minha filha.

Toma, Júlia! Bem feito, age sem pensar, depois toma na cara, bonitinho.

Placar: Júlia 0x1 Dona Célia

— Na... não é isso que a sen... hora está pensando, dona Célia. Só estava dando o apoio que ele precisava no momento. — Gaguejo tateando a parede, quase sem fôlego e roxa de vergonha.

— E vai dar muito mais na hora certa, filha. Rio de Janeiro vai ser pequeno para o fogo de vocês dois, já estou até vendo os prédios vindo chão abaixo. — Solta uma risadinha.

— Dona Célia, por favor! — Quase grito, escandalizada, dando um tapinha em seu ombro. Ela ri ainda mais colocando as mãos na cintura e inclinando a cabeça para trás achando a maior graça do espanto instalado nas minhas feições.

— Está bem filha, parei. — Velha danada! Riu tanto que lágrimas deslizam pela sua face. — Agora vamos conhecer o seu quarto provisório, acredito que vai se mudar para a suíte principal em breve. — Implica de novo dando um beliscão na minha costela.

— A senhora não tem jeito mesmo! — Balanço a cabeça rindo.

Ela me conduz até o quarto de hóspedes quase no fim do mesmo corredor onde fica o da Maria, tem uma porta de frente para a minha. Rezo para não ser o que estou pensando.

— Filha, esse agora será o seu quarto. — Abre a porta me dando o deslumbre da decoração divina do cômodo.

Uma cama de casal enorme descansa no meio do quarto, sobre ela há um magnífico quadro com a imagem da praia de Ipanema. Em um dos cantos tem uma bela cômoda com um espelho em formato oval sobre ela, as cortinas esvoaçantes cobrem a enorme janela panorâmica, e o lustre fixado no teto traz uma iluminação tranquila ao ambiente.

Como se não bastasse, ainda tem um banheiro só para mim, sendo que lá em casa é um só para todo mundo usar. Tudo é realmente muito bonito, contudo, não sei se me sentirei bem ficando aqui. Prefiro ficar em um quarto mais simples, não sou uma visita para ficar usufruindo de tanto conforto. Podendo estar perto da minha filha, posso dormir até no jardim ao relento, que está ótimo.

— Não teria outro lugar mais simples, um quarto de empregada sobrando, talvez?

— Vou fingir que não ouvi isso, Júlia. Assim fico até ofendida, quero o

melhor para a mãe da minha neta. — Se zanga comigo.

— Obrigada por ser tão boa comigo, por me tratar como se fosse mãe da sua neta de verdade. Não me julgou em momento algum. Em vez de me receber com quatro pedras na mão, foi com um abraço. — Eu me comovo toda vez que ela se refere a mim como mãe da Maria, dessa vez foi tão forte que não aguento e começo a chorar.

— E eu te trataria de que forma, querida? — Questiona arqueando a sobrancelha como se fosse óbvio, depois sorri me abraçando carinhosamente.

— Cheia de acusações como o seu filho, tem vários motivos para isso. Hoje ele disse que me odeia e só aceitou o acordo porque não teve outra saída. — Encolho-me limpando as lágrimas, nunca fiquei tão frágil como depois que o pai de Maria apareceu na minha vida.

— Eu já te falei o problema do Ricardo, filha. Enquanto não colocar a cobra para cuspir, não vai melhorar. Desde que a esposa morreu, não teve mais ninguém. Diz que será fiel ao amor que sente por ela para sempre, mas eu não acho isso certo, ele merece recomeçar ao lado de outra pessoa. — Giro o corpo indo até a janela fechar as cortinas que estão abertas.

Não tem como não gostar dela.

— Eu não acredito muito nisso de amor eterno, mas acho muito cavalheiro da parte dele querer respeitar o que sente pela esposa mesmo depois da sua morte. Contudo, ele ainda é um homem muito jovem e bonito para viver o resto da vida sozinho. — Escondo o olhar, alisando a lateral da minha blusa e arrumando as dobras imaginárias, mas o nervosismo ao realizar o ato me entrega.

— Se acha meu filho bonito por que não o seduz, Júlia? — Gargalho, mas ela continua séria com o cenho franzido.

— Nem vou responder nada, dona Célia.

— Está bom, filha. Mas pense na ideia direitinho. Tome um bom banho quente e descanse. Como não encontrei nada no meu guarda-roupa que servisse em você, peguei uma camisa do Ricardo para usar como pijama — diz me entregando uma toalha azul e uma camisa branca grande que ficará um vestido em mim.

— Ele não vai brigar por causa da sua camisa?

— Deixa que com o Cavalão eu me entendo.

— Então está bem, dona Célia. — Sorrio controlando a vontade de levar a camisa ao nariz e sentir o seu cheiro.

— Agora vou me deitar porque o dia foi longo, filha. Se precisar é só chamar. Meu quarto fica no primeiro andar e se sentir fome mais tarde fique à vontade para descer e pegar o que quiser na cozinha. Em cima do armário tem um pote de biscoitos deliciosos que fiz agora pouco. — Beija o meu rosto com ternura e vai embora.

Tomo meu banho tentando não demorar muito para não dar muitos gastos com água e energia. Saio do banheiro enrolada na toalha e levo pelo menos cinco minutos para criar coragem e vestir a camisa do diabão de olho azul. É só colocar em meu corpo que o seu cheiro amadeirado de colônia masculina impregna em minhas narinas, pelo visto, além de lindo de morrer, o cretino é muito cheiroso também. Reviro os olhos, dona Célia pegou uma camisa que o filho usou recentemente de propósito, só para me deixar mexida.

Rá!

Que velha terrível, gente! Dá vontade de apertar essa camisa e não soltar nunca mais.

Deito na cama e rolo de um lado para o outro sem conseguir dormir, a fome está começando a apertar. Segurei enquanto pude, mas o trem pega mesmo e tenho que ir atrás dos tais biscoitos que a Dona Célia falou. Abro a porta sem fazer barulho e passo caminhando pelo corredor a passos quase silenciosos, bem leves, como se estivesse pisando em nuvens. Desço as escadas do mesmo jeito morrendo de medo que alguém me veja.

Respiro aliviada ao chegar à cozinha, caminho até o armário olhando para todos os lados à procura do pote de biscoitos. Quando acho, chega a dar água na minha boca, porém, está muito no alto e tenho que ficar na ponta dos pés para tentar pegar. Mas por conta de poucos centímetros não estou conseguindo.

— Droga, parece que estão deliciosos e estou roxa de fome — resmungo, chateada. Queria devorar pelo menos a metade do pote. Não sou o tipo que faz cerimônias com comida, nunca descobri o significado da palavra “dieta”.

Meu coração literalmente para de bater ao sentir a presença de alguém atrás de mim. Como chegou sem dar um sinal? Sorrateiro feito uma cobra. Não consigo mexer um músculo. *Meu Deus! Se for o Cavalão, o que eu faço?* Penso. Estou desesperada e sem um pinga de coragem para virar e confirmar as minhas suspeitas, mas pelo perfume delicioso e amadeirado, é o próprio.

Capítulo 15



RICARDO

Após passar boa parte da noite escondido dentro do meu quarto e sem sono, resolvo sair para dar uma corrida pelo condomínio. Hoje não vou passar no santuário da minha esposa, não quero que veja a bagunça que se encontra os meus sentimentos. Ando muito estressado, correr um pouco me fará muito bem. Sempre faz. Digamos que, depois do contato físico com a Marrenta, meu corpo ficou meio que “rígido”. É muito estranha a sensação que sinto em relação a essa mulher. O pouco que convivemos até hoje já foi mais do que suficiente para não conseguir tirá-la dos meus pensamentos.

Depois de várias voltas pelo condomínio, volto para casa mais relaxado. Antes de ir para o meu quarto tomar um bom banho e cair na cama, passo na cozinha com a intenção de tomar um pouco de água. Tiro a camiseta encharcada de suor e a deixo sobre o corrimão da escada. Gotículas deslizam pelo meu peito correndo pelo abdômen e sumindo dentro da minha calça preta de tecido fino.

Nunca pensei que pudesse me sentir sem privacidade dentro da minha própria casa, porque agora com essa mulher aqui só conseguirei ficar confortável trancado dentro do meu quarto. Como fui aceitar esse bendito acordo? Porra! Quando vi, as palavras já haviam escorregado da minha boca antes que pudesse me dar conta da burrada que estava fazendo. Dessa vez consegui me superar no quesito idiotice, um minuto ao lado dela e me deixei ser enfeitado pela sua voz mansa e o toque gentil e delicado. Tem uma pele tão cheirosa, um aroma gostoso de flores selvagens, assim como a sua personalidade. Mas sabe ser dócil quando quer, ardilosa.

Tanto que me fisgou em sua rede. Direitinho.

Não consegui raciocinar direito quando a Marrenta me abraçou. Juro que pensei que fosse me matar quando veio para cima de mim igual a uma onça brava, pronta para atacar, me culpando por não ter cuidado da “nossa” filha direito.

Como assim “nossa”, Ricardo? Raciocina, ela não passa de uma bandida que roubou a sua filha.

Foco, homem de Deus. Foco!

Mas desde quando as bandidas são tão cheirosas e sabem fazer um carinho tão gostoso? Quando tocou o meu rosto, conseguiu me levar para outra dimensão ou o paraíso, talvez. O pior não foi ela ter me abraçado, mas, sim, eu ter correspondido. Fui pego de surpresa, não esperava tanta compreensão e apoio de sua parte. *O que eu nunca tive com ela.* E eu não cheguei nem a contar o meu lado história, porém Júlia ofereceu o seu apoio assim mesmo, sem perguntar nada. Não sei se é carência por eu estar há tanto tempo sozinho, mas essa sua atitude me tocou bastante. Mais do que deveria.

Contudo, o que me fez amolecer um pouco e aceitar o acordo foi algo que vi nela quando estávamos abraçados e chamou a minha atenção no mesmo instante. Uma tatuagem na nuca de Júlia, três estrelas seguindo a carreira da maior para a menor. Me lembrei das últimas palavras da minha esposa antes de morrer pedindo para eu seguir o caminho das estrelas. Então segui. Tive o instinto louco de acreditar que talvez fosse um sinal de Andréia, ou sei lá, acho que perdi a razão de vez. Agora é tarde demais para se arrepender, a merda já está feita. O jeito é ficar de olho nessa Júlia vinte e quatro horas por dia, vigiando cada passo seu dentro da minha casa.

E ver onde esse caminho de estrelas que a trouxe para dentro da minha vida vai dar...

Depois de um abraço daqueles, quente e solidário, como vou resistir a essa mulher debaixo do mesmo teto que eu? Inferno! Dentro do carro eu a observei com a minha filha, como são lindas juntas. Fiquei emocionado de ouvi-la cantando para Sofia dormir. Uma declaração de amor em forma de música, ela ama a menina, tanto quanto eu. Isso dificulta tudo, principalmente no propósito continuar a odiando.

Ao entrar na cozinha, dou um sobressalto ao me deparar com Júlia de costas para mim, com os cabelos ainda úmidos e que caem até a altura da cintura. Descalça e vestida apenas com a minha camisa branca italiana favorita de botões dourados. Ela está na ponta dos pés tentando pegar um pote de biscoitos que está em cima do armário. Como não consegue alcançar o seu objetivo, resmunga alguma coisa sobre estar com muita fome.

Com certeza essa é a porra da cena mais erótica que já vi em toda a minha vida, nunca tinha visto um corpo tão farto em curvas antes. Meu amigo lá de baixo fica pronto para combate na hora. Como não se manifestar diante dessas pernas grossas e bem torneadas, numa cor deliciosa de chocolate e

completamente à mostra? Se ela se levantar mais um pouquinho dará para ver boa parte da bunda enorme empinada que está na minha direção. Quando dou por mim, o meu corpo está praticamente colado ao dela ao ponto do meu membro semiereto se esfregar nela.

Ela é gostosa demais. Puta que pariu!

— Quer dizer então, que agora além de ajudar a roubar bebês, resolveu furtar roupas e comida da casa dos outros? — Era para ser uma piada, mas sai mais irônico do que deveria.

Júlia estremece ao ouvir a minha voz, mas se mantém calada diante da minha provocação, coisa muito estranha para uma Marrenta como ela. E estremece ainda mais quando ergo o braço e me inclino apoiando uma parte do meu peso sobre suas costas alinhando os nossos corpos. Tremo ao perceber que parecem ter sido feitos para isso, o encaixe é perfeito. Eu preciso desse contato físico para amenizar um pouco o fogo que queima dentro de mim ou cometerei alguma loucura, nunca ninguém mexeu tanto comigo.

Pego facilmente o pote de biscoitos e o coloco sobre a bancada da pia. Em um giro rápido ela se vira de frente para mim, não chega a ser baixa, mas é bem menor que eu e tem que levantar a cabeça para me encarar. Estamos tão próximos que posso sentir o calor da sua respiração ofegante. Quando ela leva as mãos à cintura elevando o nariz e me desafiando com o olhar, sei que está preparando o ataque.

— Eu não sou ladra de bebês! Mas isso eu vou provar na justiça, assunto encerrado. Quanto à sua camisa, foi a *sua mãe* que me mandou vestir. E sobre os biscoitos, seu cretino miserável, ela disse que quando ficasse com fome, tinha permissão para pegar o que quisesse na cozinha. — Rosna, sentindo-se acuada, quase afundando o dedo no meio da minha cara.

Uma pantera negra de garras afiadas.

Se ela soubesse o quanto está atraente dentro da minha camisa favorita deixando quase a bunda de fora... e que bunda! O fato de Júlia não conseguir tirar os olhos famintos do meu peito desnudo todo suado, não está ajudando muito.

— Acontece que o dono dessa casa sou eu e não a minha mãe. Sou o único que pode autorizar alguém a mexer em qualquer coisa que esteja aqui dentro. — Minto descaradamente.

Sou o dono sim, mas é a minha mãe que manda em tudo! Inclusive em mim, quando quer.

— E sobre provar na justiça a sua inocência creio que não será mais preciso, já mexi os meus pauzinhos e não consta mais nada contra seu nome na delegacia. Fiz a minha a minha parte no acordo, sou homem de palavra e não volto atrás — concluo a contragosto.

Tive que ligar para pelo menos a metade do Rio de Janeiro para conseguir tirar essa bendita denúncia sem que causasse muita repercussão.

Tinha de resolver isso o quanto antes, se descobrissem que abriguei na minha casa a mulher que respondia na justiça por sequestrar a minha filha — denúncia feita por mim — até o meu trabalho estaria em risco e o mais importante, a minha reputação. Perderia o respeito da minha equipe e de todos que me conhecem. Para todos os efeitos, tudo não passou de um engano e a Júlia criou a minha filha acreditando fielmente ser da prima. Tive que alegar essa história para livrar a sua barra, história que nem mesmo eu acredito. Nem um pouquinho. Espero não me arrepender de dar um voto de confiança ao instinto da minha mãe.

Espero que a teimosia da Dona Célia dessa vez não coloque o meu trabalho, minha reputação e, principalmente, a segurança da neta em risco ao abrir as portas dessa casa para essa mulher.

— Sendo assim, será que o meu pai conseguiria pegar de volta o dinheiro que usou para pagar a fiança? — Pergunta em um rompante de desespero segurando meus braços com força. Como imaginei, Júlia não consegue pensar em outra coisa além de dinheiro e nem faz questão de disfarçar a sua ganância.

— Sabe que nem pensei nessa parte, não sou como você que só pensa em dinheiro. — Me solto bruscamente do seu aperto, ela se desequilibra e antes que possa segurá-la, cai com tudo sentada no chão frio.

Droga! Eu nunca fui rude com as mulheres, mas essa criatura consegue me tirar do sério de verdade. De todas as maneiras possíveis.

— Aiii!!! — Geme de dor enquanto alisa o pulso.

Não consigo ver seu rosto, está de cabeça baixa. Meu coração se aperta achando que pode ter se machucado por minha causa. Sinto-me um canalha por conta disso.

— Desculpa! Você se machucou? — Ofereço a mão para ajudá-la a

levantar.

Ela ergue o queixo lançando um olhar ferino em minha direção, brilhando em orgulho ferido, obviamente não aceitará a minha ajuda.

Que mulher difícil!

— Eu não me machuquei. Você me machucou, seu grosso, mais do que pode imaginar.

— Meu Deus! Então foi grave, vou te levar para o hospital agora mesmo.

Inclino para pegá-la no colo, mas a diaba me dá uma rasteira entrelaçando as suas pernas nas minhas e me derrubando de costas no chão como um saco de batatas. Ela monta sobre mim e imobiliza o meu quadril prendendo os meus braços com os joelhos de forma tão ágil e precisa que, mesmo eu sendo muito maior e forte, não consigo me soltar.

A bandida gargalha, havia me enganado. Filha da mãe!

— Você ficou louca, mulher? — Berro me debatendo, se eu conseguir me soltar ela está perdida na minha mão.

— Cala boca, Delegado. Não está em condições de fazer perguntas. Disse o que queria, agora é a sua vez de me ouvir, entendeu bem? — Ordena.

Isso mesmo, ela ordena, não foi uma pergunta, mas sim uma ordem.

Ainda tem a ousadia de tapar a minha boca para não ser interrompida, minha única alternativa é ouvi-la. A diaba me dominou por completo!

Minha respiração fica ofegante quando ela inclina o tronco sobre mim colando nossos rostos de tal forma que se a sua mão não estivesse sobre a minha boca, os seus lábios roçariam nos meus. Seus cabelos longos caem sobre a lateral da minha cabeça como um manto negro, cheirosos e macios. Os seios balançam livremente debaixo da camisa e encostam no meu peito. Porra! Essa mulher não usa sutiã nunca? Meu membro fica cada vez mais rígido esfregando nela sem nenhum pudor. E a louca está sem calcinha e não se importa, parece querer me deixar louco de propósito.

E conseguiu.

— Você já passou fome alguma vez, Delegado? — Os cantos dos olhos estão franzidos, seu olhar é firme, mas indícios de lágrimas começam a brotar discretamente em suas bordas. — Porque já passei quando era criança, eu e o meu pai deixamos de comer para dar ao meu irmão caçula que na época mal

tinha acabado de aprender a falar. Perdi minha mãe muito cedo, sabe? Mataram ela na minha frente. — Uma lágrima silenciosa desliza em seu rosto e cai sobre o meu queimando a minha pele como ácido, como se a sua dor também doesse em mim.

Eu não consigo piscar, ela me deixa fascinado.

— É fácil julgar os outros quando se vive em um palácio igual a esse, uma conta recheada no banco e um carrão como o seu na garagem. Eu tive tantas oportunidades de fazer coisas erradas para conseguir grana, mas nunca aceitei nenhuma. Houve apenas uma vez em que quase vendi o meu corpo para comprar os remédios que o médico receitou quando a sua filha ficou doente, mas não foi preciso porque o avô dela não parou até conseguir emprestado o dinheiro com um amigo e os comprou.

Paro de respirar encarando o seu rosto à procura de algum sinal de que esteja mentindo, mas não encontro nenhum. Há apenas dor, como se lembrar desse dia a ferisse muito. Fecha os olhos com força e volta a me torturar com seu relato de uma vida triste.

— Não faz ideia de quantas coisas tive que abrir mão para criar a Maria, trabalhando em dois empregos e até três ao mesmo tempo. Tranquei minha faculdade, na época, que tanto lutei para conseguir com bolsa integral. Voltei a estudar e agora, quando estou prestes a me formar, sou presa e humilhada. Sendo obrigada a morar na casa de um homem que não faz outra coisa a não ser me acusar disso e daquilo, colocando a minha moral em dúvida. E quer saber? Eu faria tudo de novo, porque sou capaz de fazer coisa pela minha filha. O meu pai e o meu irmão abriram mão de coisas importantes para eles para conseguirem pagar essa maldita fiança. Dez mil reais podem não ser nada para você, Delegado, mas para a minha família são vários meses de trabalho árduo e, acima de tudo, honesto. — Balança a cabeça, triste.

— Júlia, eu... — balbucio, tentando dizer algo, mas ela aperta a mão com tanta força sobre o meu rosto que quase me sufoca. Não me deixará falar nada até colocar tudo para fora.

— As coisas entre nós dois poderiam ter começado de uma forma diferente se tivesse me dado apenas 5 minutos para que eu me explicasse, mas não, me condenou culpada e tramou a minha destruição pelas costas dando o bote quando menos esperei. Não pensou no susto que a sua filha levaria vendo a mãe sendo presa? No trauma ao ser arrancada dos meus braços de qualquer jeito? E depois enche a boca para falar sobre a minha moral, deveria sentir vergonha de si

mesmo, sabia? — Termina o desabafo com um suspiro longo, aliviada, como se tivesse colocado para fora o que estava entalado na sua garganta há muito tempo, parecendo até respirar melhor agora.

Destapa a minha boca e libera os meus braços ameaçando sair de cima de mim, mas não permito. Cravo os meus dedos em suas coxas impedindo que saia, ela lança os olhos como uma flecha sobre as minhas mãos tocando-a tão intimamente e depois me encara. Está a ponto de arrancar a minha mão fora caso não a solte.

Que seja! Ela não pode despejar isso tudo em cima de mim e ir embora.

— Agora você tem os 5 minutos que precisa para contar o seu lado da história, nem um segundo a mais.

Ela balança a cabeça puxando o canto esquerdo da boca em um ato de nervosismo. Que louca! Não era isso que ela queria, uma chance para contar o seu lado da história? Agora que resolvo ceder fica fazendo charme.

Mulheres! Vai entender.

— Não acha que é uma pouco tarde, Delegado? Eu vou conseguir provar a minha inocência, e os 5 minutos que gentilmente resolveu dar agora, vou guardar para usar quando for enfiar a verdade na sua goela a baixo. — Sai de cima de mim jogando o cabelo para o lado, mas não antes de rebolar em cima da minha excitação para deixar claro que havia de fato me “dominado” de todas as formas possíveis.

Pela primeira vez alguém conseguiu me deixar mudo. Continuo imóvel, esticado no chão observando-a partir sem olhar para trás.

— Ahh, se gosta tanto da sua camisa, pode ficar com ela. — Para a um passo da porta e desabotoa os botões lentamente como se estivesse fazendo um *strip-tease*. Olhando no fundo dos meus olhos ela retira a camisa jogando-a na minha cara e vai embora completamente nua, me deixando completamente louco.

Que mulher é essa, meu Deus? Que mulher é essa!

Nunca conheci nenhuma igual, acho que é única.

Capítulo 16



JÚLIA

Volto para o quarto praticamente correndo, tentando cobrir inutilmente os seios com uma mão que mal conseguem tapar os bicos, são grandes demais e balançam a cada passo que dou, a outra cobre a coleguinha de baixo. Os pelos do meu corpo se arrepiam pavorosamente como se estivessem sendo puxados por alguma força magnética. E não é só de frio, mas também de nervoso. Puro ódio correndo nas minhas veias, como um veneno letal me matando aos poucos. Quando chego ao quarto, entro depressa e tranco a porta. Puxo o lençol sobre a cama e me enrolo nele, tremendo, principalmente os lábios. Passo a língua sobre eles e é a mesma coisa que passar em uma pedra de gelo.

Deito com o estômago roncando como se fosse a 5ª sinfonia de Beethoven, e o coração doendo por ter sido mais uma vez acusada injustamente por aquele homem escroto dos infernos. Enfio a cabeça debaixo do lençol, bufando de raiva pensando em como aquele idiota conseguiu me fazer perder a razão dessa forma a ponto de ficar totalmente nua na sua frente. O safado enche a boca para dizer que me odeia, mas não tirou o olhar do meu corpo. Tarado! Queria arrancar os seus dois olhos com as minhas próprias unhas. Deus sabe o quanto tento ser uma pessoa calma e educada, mas com o Delegado a vontade que tenho é de socar sua cabeça na parede até abrir um buraco enorme para deixar de ser tão cretino.

Babaca! Ordinário! Filho da puta!

Depois de ter passado um tempo, me assusto ao ouvir três batidas firmes na porta, depois vem um silêncio total como se a pessoa tivesse desistido e ido embora. Levanto às pressas e corro para atender, quase tropeçando na barra do lençol enrolado no meu corpo tendo a maior parte esparramado atrás de mim como a cauda de um vestido de noiva. Estou com o coração na mão e morrendo de medo que tenha acontecido alguma coisa com a minha filha. E se estiver passando mal novamente? Queria dormir abraçadinha com ela, mas a sua cama é muito pequena para nós duas, fiquei com medo de esbarrar nas escoriações pelo seu corpo enquanto dormia. Tadinha da minha florzinha, os últimos dias não têm sido fáceis para ela.

Abro a porta em um rompante e, para a minha surpresa, não tem ninguém.

Seguro com mais força no lençol para não cair e inclino o corpo para frente olhando para um lado e para o outro à procura de alguém no corredor, e nada. Apenas escuridão e um silêncio mortal, as luzes da casa estão todas apagadas, exceto pelo quarto de frente para o meu. É possível ver um pequeno feixe de luz embaixo da porta deixando bem claro que não sou a única que havia perdido o sono.

Pelo perfume amadeirado pairando no ar e invadindo as minhas narinas como uma espécie de droga afrodisíaca, o quarto da frente é do Cavalão. Eu já desconfiava, mas não acreditei que a dona Célia seria tão danada a esse ponto para nos aproximar assim, à força. Quer me juntar com o seu filho a todo custo, será que ela não percebeu o quanto nos odiamos, e que nunca daríamos certo juntos? Bufo encostando a cabeça no vão da porta, frustrada. Não quero passar todas as noites praticamente ao lado do Ricardo durante a minha estadia nessa casa, quanto mais distância entre nós, melhor. Quando amanhecer terei uma conversa séria com a sua mãe, isso de continuar bancando o “*cupido*” tem que acabar. Eu gosto muito dela, mas está passando, e muito, de todos os limites com essas armações descabidas.

Decido entrar e tentar dormir, amanhã resolverei isso. Minhas pestanas já apresentam uma certa lentidão, é o sono pedindo passagem. Ao girar o corpo para fechar a porta o meu pé encosta em alguma coisa no chão, meu olhar baixa imediatamente para conferir do que se trata. Caramba! Quase que o meu coração sai pela boca quando vejo o que é, fecho os olhos, conto até três e abro novamente para ter certeza de que não estou tendo uma alucinação, repito de novo para não ter erro. Há uma bandeja de prata com dois sanduíches visivelmente feitos recentemente — e devo dizer que com muito zelo —, um copo de suco de laranja natural e um pratinho cheio de biscoitos, os mesmos que estavam no pote sobre o armário; e ao lado esquerdo da bandeja, dois vestidos bem dobrados com um bilhete em cima.

Pego tudo de uma vez equilibrando como uma malabarista e uso o pé para fechar a porta atrás de mim. Coloco tudo sobre a cama e sento sobre as pernas, eufórica como uma adolescente entrando na puberdade. Meu primeiro alvo é o bilhete, minha mão treme tanto que quase não consigo segurar o pequeno pedaço de papel. Mesmo antes de ler sei muito bem quem fez isso, juro que não esperava essa atitude do Ricardo. Minha vista fica turva e logo que abro consigo reparar em como a sua caligrafia é bonita. Traços perfeitos e tamanhos iguais, em linhas retas. Escolheu caneta azul escuro da cor dos seus olhos. Os olhos que me perseguem desde que os vi pela primeira vez e me chamam com a mesma

intensidade das ondas do mar.

Mas que droga, Júlia! Já chega de agir com uma adolescente idiota, é apenas um bendito bilhete.

Respiro fundo mordendo a parte de dentro do lábio inferior, nem li ainda o que tem escrito e o meu coração já bate demasiadamente rápido. Chego a movimentar o peito inflando como um balão de ar, minha mente leve feito uma pluma. Crio coragem e resolvo ler de uma vez para acabar com essa agonia, meu sorriso se abre amplo, de orelha a orelha, já na primeira linha

“Desculpe pela grosseria, Marrenta.”

Logo no começo me deparo com o pedido de desculpas do Cavalão me chamando desse apelido que me deu e que encharca a minha calcinha toda vez que o escuto na sua voz grossa e excitante. Acho que me chama de Marrenta porque percebeu que não sou o tipo que leva desaforo para casa, não abaixo a cabeça para ninguém, muito menos para ele. Mas devo admitir que apesar de ser um idiota — e pelo visto sabe disso —, percebe quando precisa se redimir.

Tomo um fôlego e continuo lendo.

“Senti-me culpado em deixá-la ir dormir com fome, apesar de ainda estar muito putado pelo pequeno show na cozinha. Tomei a liberdade de preparar um pequeno lanche, espero que goste. E não está envenenado, se é o que está pensando. Mas tenho que admitir que a ideia passou pela minha cabeça, eu posso não gostar de você, mas a minha filha te ama. Sorte a sua. Tem permissão para comer o que quiser, durante o tempo que estiver conosco, sinta-se em casa. Mas não abuse, entendeu? Estou de olho em você. Esses dois vestidos eram da minha fale... enfim, pode usá-los até buscar as suas coisas. Mas depois quero de volta, ok? Boa noite, Marrenta. E sobre o que aconteceu na cozinha? Vai ter troco, pode esperar.”

Termino de ler em um suspiro. Mesmo com as partes grosseiras, acho uma gracinha a atitude dele de pedir desculpas. Depois de tantos foras, enfim conseguiu me surpreender. Não resisto e encosto as costas na cabeceira da cama e trago o bilhete até o meu rosto para sentir melhor o seu cheiro. O cretino é tão cheiroso que só de tocar no papel o impregnou com o seu perfume, um homem cheiroso para mim é outro nível.

Os vestidos que arranjou não fazem muito o meu estilo, florzinha demais. Um é rosa e o outro lilás. Que maravilha! Só porque não gosto dessa cor, parece até que ele sabia. Ambos são de gola arredonda e o corpo bem justo valorizando

as curvas, abaixo da cintura a saia abre rodada e devem ficar na altura dos joelhos. São praticamente do mesmo modelo, só muda a cor.

Optei por colocar o lilás, é mais discreto. Sendo um pouco menor que o meu número, meus peitos ficam quase explodindo para fora. Mas é bem melhor do que ficar pelada.

Deitei e dormi feito um anjo.

Acordo de manhã com o barulho da chuva pesada caindo lá fora.

— Droga, dormi demais — resmungo.

Levanto às pressas calçando as minhas sapatilhas na velocidade da luz. Termino de me ajeitar, pronta para ir ao quarto da Maria dar um beijo em sua bochecha, com cuidado para não a acordar. Tenho que sair escondida dela para ir em casa pegar as minhas coisas. Ainda vou procurar o João Pedro para conversar pessoalmente sobre o acordo, mandei mensagem, mas não me respondeu até agora. Preciso passar no fórum para ver como vai ficar a situação do meu estágio. A faculdade, como perdi apenas uma semana, dá para recuperar fácil.

Droga! Falando nisso terei de trazer a metade dos meus livros para dar continuidade ao meu TCC e estudar para as provas finais. Não sei como vou conseguir trazer tudo sozinha de ônibus, e não tenho um centavo para pagar um mísero táxi.

Ô pobreza, Senhor!

Tudo que eu ganhar daqui para frente será para pagar o empréstimo que o meu pai fez e ajudar Binho a comprar uma moto nova. Não vou conseguir ser feliz até devolver cada centavo, só então conseguirei deitar a cabeça no travesseiro e dormir sem culpa. No entanto, acredito que minha paz interior só voltará de verdade mesmo quando provar para o Delegado a minha inocência. Para isso acontecer, sinto que preciso encontrar o tal de “Noia”, seja onde for. Além de mim ele foi a única pessoa, que eu saiba, que falou com Talita antes que a matassem de forma tão cruel. Tenho esperanças que talvez ela tenha revelado alguma coisa que possa provar a minha inocência, estou apostando todas as minhas fichas nisso.

Ao abrir a porta dou de cara com Dona Célia prestes a bater. Vejo que está com uma mala enorme cor de chumbo e de rodinhas, ao seu lado. Arregalo os olhos, avaliando-a toda arrumada dentro de um sobretudo abóbora de tecido grosso abotoado até o ultimo botão e amarrado ao meio por um cinto. Ela vai

para onde, Senhor? Não pode me deixar sozinha com o cavalo do filho dela, de jeito nenhum.

— Bom dia, filha, só passei aqui para avisar que vou ter que dar um pulinho ali em Santa Catarina. Coisa rápida — diz balançando a mão para o lado como se ficasse ali na esquina, não em outro estado quase na fronteira com a Argentina.

Só sei que é longe, muito longe.

— Bom dia, dona Célia, mas a senhora volta quando? — Contorço os lábios como se tivesse acabado de chupar limão, o gosto da minha boca é o mesmo.

— Daqui alguns dias, Julinha, minha sobrinha ligou dizendo que minha irmã passou mal de uma hora para outra e está internada. Preciso ver pessoalmente como está, também vou aproveitar para dar uma olhadinha na minha casa.

Solto o ar, vencida. Não posso fazer nada para impedi-la. Se fosse com o meu irmão iria à nado até a China se fosse preciso, morreria por ele.

— Boa viagem, Dona Célia, melhoras para a sua irmã. — Dou um sorriso amarelo, não posso oferecer mais do que isso no momento.

— Obrigada, filha. Não precisa se preocupar com nada, a nova faxineira que contratei disse que hoje aparece. Ricardo já foi para o trabalho. Vem almoçar todos os dias às 13:h30 em ponto, é extremamente rígido com horários, fica mais fora trabalhando do que em casa. Quando estou aqui, eu mesmo faço o almoço para ele. Meu filho ama comida caseira. Mas quando está sozinho pede em um restaurante que gosta muito. O número de telefone está colado na geladeira, peça o suficiente para vocês três, tem um pote de dinheiro no armário somente para isso e demais despesas da casa. Isso inclui emergências, pode pegar o quanto quiser.

— Sim, senhora. Qual a comida preferida dele? — Nem sei por que pergunto isso, bato a mão na testa mentalmente.

Ela solta uma risadinha tampando a boca com as pontas dos dedos, deve ter pensado que estou querendo colher informação sobre o seu filho para agradá-lo na sua ausência.

E não estava? Até eu fiquei confusa agora.

— Ele ama lasanha, filha, mas prefere as caseiras. Até comprei ingredientes

para fazer uma para o meu menino, mas andei meio sem tempo com toda essa loucura que foram esses últimos dias. Ah, ele é louco por doces, sempre pede uma sobremesa também.

— E qual o doce favorito dele? — Minha boca age antes que eu possa pensar.

Meu Deus, Júlia. Basta! O que está acontecendo com você, criatura? Pare de se preocupar com os gostos desse homem.

— Qualquer um, nunca vi alguém gostar tanto de doces. É assim desde pequeno, não sei como não é diabético. — Olha no relógio, acho que com medo de perder o voo, mas continua a tagarelar como uma vitrola arranhada.

— Meu filho é fácil de agradar, Júlia. É um cavalheiro nato, vai notar isso em breve. Acho que já está notando, querida. — Aperta a minha bochecha, e eu rio. — Ele custa se apegar a uma pessoa, é arredio. Tem medo de amar alguém e perder como aconteceu com a esposa Andréia e a filha. Mas, quando ama, acredite, é para sempre.

— A senhora não disse que estava atrasada?

Não havia dito, mas eu preciso mudar o foco do assunto.

Suas palavras me causaram calafrios.

— Verdade, vou correr, senão perco o meu voo daqui a uma hora. E com essa chuva, o trânsito deve estar o “ó do borogodó”. — Abraça-me e sai arrastando a mala maior do que ela pelo corredor. Para quase no meio dele e vira para trás. — A propósito, o vestido da falecida esposa do Ricardo ficou lindo em você. Ele deu a ela no último aniversário de casamento que passaram juntos, estou surpresa por ter escolhido logo esse para te emprestar até que busque suas coisas. — E a rainha do jogo de xadrez dá o xeque-mate e vai embora cantarolando depois de me deixar perplexa com sua revelação.

— Poxa... por que ele me emprestou o vestido da falecida esposa? E um com um significado tão especial? Essa me pegou totalmente de surpresa. — Penso alto.

E, pelo visto, minha ida em casa foi por água abaixo, quem vai cuidar de Maria até eu voltar já que o Cavalão foi trabalhar? Terei que me virar sem as minhas coisas, por enquanto. Pensando nisso, vou até o quarto da minha filha ver como está, abro a porta devagar e ela dorme como um anjinho. Adônis está dormindo ao pé de sua cama, dominando o espaço. É como se fosse o seu

protetor, acho que, assim como eu, faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Ai, Senhor! Como diria a Maria: “*como vou fazer agora sem o meu anjo da guarda aqui para me proteger do ogro malvado?* ”. Ele vai acabar comigo na primeira oportunidade que tiver, mas eu dificultarei bastante o seu lado. Se for gentil comigo, serei também. Porém, se for grosso, serei o dobro.

Pode ter certeza disso, Cavalo.

Capítulo 17



RICARDO

Cheguei bem cedo à delegacia, recebemos uma denúncia muito grave de que dois bandidos perigosos haviam fugido do presídio recentemente e estavam escondidos em uma casa no interior do Rio. Combinei com a minha equipe de fazer um rodízio para que a vigia do lugar não ficasse sobrecarregada para ninguém. Eu irei participar, é claro. Mesmo sendo o chefe, divido as obrigações com igualdade. Dei ordens para que em qualquer movimentação estranha pedissem reforço, nada de bancarem o herói agindo sozinho. Jamais colocarei a vida dos meus homens em risco, o sucesso da missão é importante, mas não estou disposto a perder nenhum deles para isso. Para dificultar o nosso lado, o dia amanheceu chuvoso, parecendo que o céu está derretendo em forma de gotas.

A primeira equipe responsável pelo turno da manhã já se encontra de prontidão fazendo vigia e dando notícias a cada hora. Eu, Barreto e mais outros dois policiais ficamos com o turno da tarde. Iremos depois do almoço. Graças a Deus, porque estou morrendo de fome, não tive tempo de tomar o café da manhã hoje. Olho para o relógio e já são 12h, estranho o fato de a minha mãe não ter ligado ainda para dizer que está me esperando para almoçar como sempre faz. Preocupado, eu mesmo me antecipo e ligo para ela.

Todas as três tentativas caem na caixa postal, obviamente não quer me atender. Mas por quê? Ela adora ficar horas no celular falando igual a um papagaio treinado, alguma coisa essa velha *trambiqueira* está aprontando. Tenho certeza assim que recebo a seguinte mensagem da dona Célia:

“Acabei de chegar em Santa Catarina, filho, esqueci de avisar antes da minha viagem. Desculpe o deslize da mamãe, acho que a minha memória está ficando fraca por conta da idade, sabe? Sua tia adoeceu e eu quis vir para cá às pressas ver pessoalmente como ela está. Não se preocupe porque a Júlia dará conta de cuidar da sua filha e da casa, principalmente de você... volto daqui a alguns dias. Comporte-se, mocinho, ou vai se ver comigo quando eu voltar. ”

Posso sentir o sangue subindo para a minha cabeça, passando pelas veias, grosso e quente como lava fumegante. Como que a minha mãe teve coragem de deixar a neta sozinha com aquela mulher? Agora ela foi longe demais! Já não

bastava ter colocado ela dentro da minha casa em um quarto de frente para o meu? Porra! Eu nem consegui dormir direito essa bendita noite com a imagem da diaba nua dominando a minha mente por completo. Todas aquelas curvas fartas me deixaram louco, parece uma maldição.

Sem pensar duas vezes, vou para casa dirigindo em alta velocidade feito um louco, morrendo de medo de chegar em casa e não encontrar minha filha. O condomínio é muito seguro, dei ordem aos seguranças para não deixarem ela sair com a menina de forma nenhuma. Mesmo assim, todo cuidado é pouco se tratando da mulher que conseguiu esconder Sofia por seis anos. Ligo para o telefone de casa por diversas vezes e ninguém atende. Então que o desespero toma conta de mim. Ao chegar, nem estaciono o carro direito. E a chuva não dá trégua um minuto caindo cada vez mais forte.

Entro correndo procurando as duas em todo o canto. Reparo que tudo está impecavelmente limpo, posso até ver o meu reflexo no chão. Lembro vagamente da minha mãe dizendo que a faxineira nova começaria hoje, pelo visto é muito boa no que faz. Darei uma comissão a mais pelo trabalho bem-feito, nada mais que justo.

Depois de vasculhar alguns cômodos da casa, entro na cozinha olhando para todos os lados e logo de cara me deparo com uma cena que me faz perder a voz. Engulo em seco. Júlia está de costas para mim mexendo com uma colher de pau alguma coisa dentro de uma panela no fogão que exala um cheiro magnifico, acho que é algum tipo de molho ou qualquer coisa parecida. Totalmente sexy dentro desse vestido, por ter o corpo farto, ficou bem mais justo. Curto também, já que tem uma bunda exageradamente grande.

Ouçô uma risadinha e encontro Sofia entretida brincando com a boneca que escolheu no dia em que fomos à loja de brinquedos. Adônis se encontra de prontidão ao seu lado com um lenço amarrado no pescoço e um laço cor de rosa na orelha. *Coitado do bicho*. Quando me vê, pede socorro com o olhar, não posso fazer nada, minha filha está radiante rindo sozinha, toda lindinha dentro um macacão jeans e camiseta branca por baixo. O cabelo dividido em uma trança de cada lado, muito bem-feitas por sinal.

Seja lá o que estiver acontecendo no seu mundo mágico nesse momento, está se divertindo muito, precisa de tão pouco para ser feliz. Não é uma criança mimada, nem exigente. Não chora por qualquer coisa, é educada e amorosa.

Chega! Se não vou afogar minha filha na minha própria baba.

Volto a atenção para Júlia, novamente, pensando em quantas vezes imaginei me deparar com uma cena igual a essa ao chegar em casa. Mas a mãe era outra, a minha doce Andréia dentro desse vestido lilás — amava cores delicadas como aquela — enquanto nossa filha brincava à sua volta, ambas me esperando para o almoço. Meus olhos se enchem de lágrimas, nunca terei a vida perfeita que sonhei. Nunca. Se conseguir o amor da minha filha algum dia, será muito. Agora, amar novamente é impossível. Minha alma gêmea já havia partido para um outro plano.

A vida havia tirado tudo de mim, tudo o que eu amava.

Sou tirado das minhas lamentações pela voz doce de Júlia que começou a cantar a música “Segredos” do Frejat. Que timbre, Senhor! Parece o canto de uma sereia me chamando. Ou melhor, me seduzindo.



*“Eu procuro um amor que ainda não encontrei
Diferente de todos que amei
Nos seus olhos quero descobrir uma razão para viver
E as feridas dessa vida eu quero esquecer
Pode ser que eu a encontre numa fila de cinema.*

*Numa esquina ou numa mesa de bar
Procuro um amor que seja bom pra mim
Vou procurar, eu vou até o fim
E eu vou tratá-la bem
Pra que ela não tenha medo
Quando começar a conhecer os meus segredos. ”*



Cada palavra me acerta como um tiro, fico hipnotizado olhando para o seu corpo mexendo de um lado para o outro com a malemolência de uma serpente com essa cintura curvilínea, embalada pelo som da própria voz. Meu membro

traidor fica duro na mesma hora. Ordinário! Tenho que mexer nele dentro da calça jeans para ajeitar o volume. Fico com vergonha de mim por isso. Além de emprestar o vestido de Andréia — presente meu no último aniversário de casamento que passamos juntos antes de ela morrer — para outra mulher que acredito fielmente estar envolvida no sequestro da nossa filha, ainda fico com uma puta ereção dessas só de olhar para ela.

Sinto como se estivesse traindo a minha mulher de várias formas, essa tal de Júlia é um perigo na minha vida bem maior do que pensei.

Ela para de cantar e vira para olhar para mim como se estivesse sentindo a minha presença. Engasgo ao ver seus peitos grandes, quase explodindo para fora do decote. Em Andréia ficava comportado, mas, nela, mostra mais do que devia. O cabelo preso em um coque mal feito, vários fios escapando pousam sobre o rosto.

Maldição! Por que fui escolher logo esse vestido para emprestar para ela? Não sei, simplesmente não consegui pensar em nenhum outro. Deveria ter escolhido um que a tampasse da cabeça aos pés, me privaria de muita dor de cabeça.

— Você chegou mais cedo hoje, Delegado? — Olha para o relógio pendurado na parede da cozinha. — Ainda são 13h15, mas não faz mal, a lasanha está pronta. Só estou terminando um molho extra para colocar por cima. — Ela desvia o olhar cruzando os braços sobre os peitos fartos ao notar que eu não consigo tirar os olhos deles.

Fiquei mais duro ainda quando me chamou de “Delegado” acentuando bem a palavra para dar mais ênfase.

— Você cozinhou para mim, Marrenta?

— Sim, a sua mãe disse que era para pedir no restaurante. Mas ao perguntar do que você gosta de comer, ela disse lasanha e que prefere as caseiras. Como tinha todos os ingredientes aqui, resolvi fazer. Desculpe por tomar essa liberdade sem te consultar.

É educada, até demais para alguém que não me suporta e quase me matou ontem me derrubando no chão dessa mesma cozinha.

— Fez muito bem, obrigado. Mas não precisava se preocupar comigo, depois de tantos anos sozinho aprendi a me virar. Qualquer coisa que mate a minha fome, está ótimo.

— Gentileza gera gentileza, Delegado. Obrigada pelo lanche de ontem. E os vestidos que me emprestou até buscar as minhas coisas. — Fico nervoso, é a primeira vez que conversamos sem querer arrancar a cabeça um do outro.

— O vestido ficou ótimo em você, melhor do que pensei. — As palavras escorregam da minha boca, sem que eu perceba.

Rezo para que não tenha percebido a rouquidão da minha voz ecoar, muito menos a ereção explodindo dentro da minha calça.

— Também achei. — Desliza as mãos na curva da cintura e os meus olhos gulosos acompanham, é muita beleza em uma mulher só. Ao levantar o olhar, sorri docemente para mim e correspondo sem perceber.

Inferno! Tome juízo, Ricardo, ela não passa de uma bandida mentirosa. Abra o olho com ela.

— Mamãe, eu estou com fome. — Minha gatinha mia debaixo da mesa.

— Oi, Sofia, não vai dar um beijo no papai, filha? — Abaixo para vê-la melhor.

Sofia tem os olhinhos azuis desconfiados sobre mim, abraçada com Adônis. Nunca imaginei que sentiria inveja do meu próprio cão, mas sinto nesse momento.

Ela já o ama como se tivesse vivido ao seu lado a vida toda, quanto a mim, não demonstra nenhum tipo de afeto, parecendo cada vez mais distante.

— Eu não quero abraçar você, Cavalão. Já falei que o meu nome não é Sofia, que droga! — Esconde o rosto nos pelos negros de Adônis, não querendo nem olhar para mim.

O sorriso do meu rosto morre, humilhado pela rejeição da minha filha, não quero nem almoçar mais, vou voltar para a delegacia e virar a noite trabalhando se puder. Mas, ao levantar, Júlia segura a minha mão, é quente e macia. Olhando-me de forma confortante, doce e companheira, como se garantisse:

Estamos juntos nessa.

— Maria Lara ou Sofia, tanto faz! Saia debaixo dessa mesa agora, mocinha. Eu não criei minha filha para ser malcriada, vai pedir desculpas agora mesmo. E pare de chamá-lo de Cavalão, para você “papai” está ótimo. — A voz de Júlia é firme, um pouco elevada até, mas só o suficiente para que a menina saiba que está falando muito sério.

Observo Sofia sair de debaixo da mesa com os punhos fechados fazendo beicinho. Fico surpreso de Júlia não precisar mandar duas vezes ou mais, a menina obedece logo de cara. Levanta a cabeça para olhar para mim, fico com pena quando coça os olhinhos molhados para disfarçar a vontade de chorar.

— Não precisa se desculpar, filha. O papai te perdoa, pode me chamar do que quiser — digo por fim, não quero ver o meu docinho chorando por minha causa. Ela olha para Júlia, só valerá o que eu disse se ela confirmar.

— Você tem cinco segundos para abraçar o seu pai e pedir desculpas, e se repetir, pode chorar o quanto quiser que vai ficar de castigo para pensar duas vezes antes de ser malcriada novamente.

Uau! Até eu fico com medo da ameaça dela, a baixinha volta a atenção para mim, fechando a cara.

— Desculpa, papai. — Segura as alças do macacão, toda envergonhada. E fica pensativa por alguns segundos, parece que gostando da ideia de ter pai.

Imploro a Deus que seja isso.

— Não está esquecendo de nada, mocinha? — Júlia estreita os olhos. Então a pequena avança e abraça as minhas pernas toda tímida, abaixo para ficar da sua altura e correspondo ao abraço o mais forte que posso.

Minha vontade é de chorar como um menino. Deus! Como sonhei em ter a minha filha novamente em meus braços, me chamando de papai, a palavra soa tão linda na sua vozinha doce e inocente.

— Claro que o pai desculpa, filha, eu te amo. Meu maior objetivo na vida é de te fazer feliz, sempre. Somos só eu e você agora — digo sem pensar.

— E a mamãe também, então somos três — mostra três dedinhos para provar que a minha conta está errada, ao olhar a expressão triste presente no rosto de Júlia percebo a merda que falei.

Ela foi boa comigo, e eu retribuí sendo um cretino dando a insinuar que não cumprirei o trato deixando-a participar da vida da minha filha futuramente. Na verdade, ainda não tenho certeza se deixarei, não confio nela completamente a esse ponto.

— Se vocês quiserem, já podem lavar as mãos e sentar à mesa, vou servir a lasanha antes que esfrie — diz, seca. Está magoada.

Vira de costas, coloca a luva térmica e se abaixa para abriu o forno, tirando

a lasanha de lá de dentro com uma certa habilidade.

Tento não olhar para a sua bunda, mas os meus olhos me traem antes que eu possa contê-los.

— Mas, e a senhora, mamãe, não vai pedir desculpa para o meu papai? — Acho tão bonitinho ela falar “meu”, rio feito um bobo levando os cantos da minha boca até as orelhas. Lembro de ela dizer uma vez que não dividia a “*mamãe dela*” com ninguém, acho que com o seu papai não será diferente.

É possessiva quando ama alguém, isso ela puxou de mim.

Mas ela não precisa se preocupar, não pretendo me relacionar novamente, tão pouco casar e ter outros filhos. Para mim, casamento é coisa séria e só deve ser realizado uma vez na vida e de preferência com a sua alma gêmea. Minha vida agora gira em torno de Sofia, viverei para fazê-la extremamente feliz até o último dia da minha vida.

— E por que eu pediria desculpas para o seu papai, filha? — Júlia gira a cabeça para olhar para nós por cima dos ombros, o nariz enrugado demonstrando total descontentamento com o assunto em pauta.

— Por ter chamado ele de Cavalo, a senhora não disse que é errado? — Sofia leva as mãozinhas à cintura, repreendendo-a. Um leve rubor toma conta da face de Júlia, ela não tem como sair dessa agora, terá que se desculpar comigo.

Que delícia! Mal posso esperar por isso, Marrenta.

— Desculpa, Ricardo — diz entre os dentes, a mandíbula apertada como se estivesse com o maxilar trincado.

Continua a jogar o molho de tomate que havia preparado sobre a lasanha que cheira tão bem que a minha fome dobrou.

— Não vai abraçar ele também, mamãe? — Agora sei com quem a minha ruivinha aprendeu a ser tão esperta, com a Júlia. Não deixa passar nada.

Penso que dirá um não bem grande, mas, ao invés disso, deixa a panela sobre o balcão da pia e vem até nós, parando diante de mim.

— Isso deixaria você feliz, Maria?

— Sim mamãe, muito. — Sorri sapeca roendo as unhas de ansiedade para ver a cena, acho que anda passando muito tempo com a minha mãe.

Júlia revira os olhos.

Respira fundo e se vira para mim muito sem graça. Olha no fundo dos meus olhos antes de me abraçar e baixa novamente o olhar, tentando manter distância o máximo possível. Sem pensar muito, cato Júlia pela cintura trazendo-a para pertinho. Ela ergue a cabeça para olhar dentro dos meus olhos enquanto passa os braços em volta do meu pescoço de forma totalmente íntima, mexendo com os lábios grossos provocantemente. Minha respiração fica audível, chego a suar frio.

— Obrigado, não faz ideia do quanto foi importante ouvir a minha filha me chamando de pai pela primeira vez. — A gratidão é evidente na minha voz, eu poderia ficar abraçado com ela pelo resto da minha vida que não enjoaria. A sensação é boa demais, quente e acolhedora.

— Eu não sou sua inimiga, Delegado, você que me trata como se fosse. — Interrompe o abraço bruscamente e volta a atenção para a lasanha, me sinto estranho devido à perda do contato físico. Ela é arisca como uma égua brava, o tipo que não se doma fácil.

E nem quero.

— Vem, filha, lavar as mãos, vamos almoçar ou vou me atrasar para voltar ao trabalho. — É a única coisa que posso dizer depois de ser ignorado.

Sofia me segue até o banheiro, mas não quer segurar a minha mão.

Quando voltamos, a mesa já está impecavelmente montada. A ruivinha senta ao meu lado. Esperamos 5... 10... 15 minutos e nada da Júlia aparecer para se juntar a nós para almoçar.

— Acho que a mamãe não está com fome, não quero comer longe dela. — Choraminga.

Minha filha é tão grudada nessa mulher que não gosta de ficar nem meia hora longe dela, é como se fossem uma só.

— Pega o seu prato, acho que sei onde ela está. — Levanto e pego o meu prato também.

— Está bem, papai. — Espero ela se organizar enquanto sorrio com cara de bobo novamente, acho que será assim por um bom tempo até me acostumar. Devo essa imensa alegria de ouvir minha filha me chamando de pai graças a Júlia, nunca vou me esquecer disso.

Não gosto dela, mas também não sou injusto, sei ser grato quando alguém faz algo de bom por mim. Dessa vez, Sofia segura a minha mão por iniciativa

dela. Encontramos a teimosa da Júlia almoçando sozinha na mesa da cozinha, ela leva um susto quando nos vê de pé na porta e com o prato na mão.

— Ebaaaaa, achamos a mamãe. — Sofia corre até ela colocando o prato sobre a pequena mesa redonda de quatro lugares, arrasta a cadeira colando com a da Júlia e sentando quase em cima dela.

— Oi, filha, você não está com fome? — Olha para o prato dela, intacto.

— Sim, *piririm* — confirma bem alto beijando o seu rosto, chegando a estalar. — Você não vem, papai?

— Sim, filha. — Sento de frente para Júlia, e ela estremece sem coragem de olhar na minha direção.

— Por que deixaram aquela mesa linda que montei na sala de jantar para virem comer aqui na cozinha? — Ajuda Sofia a picar o pedaço de lasanha, mantendo o olhar baixo.

— Acho que a pergunta cabe mais a você do que a mim, não acha? — Levo a primeira garfada à boca, gemendo de tão bom que está. Bom, pelo menos pelo estômago a bandida está me conquistado.

Ela não me dirigiu mais nenhuma palavra durante o almoço, apenas com Sofia. Eu fiquei calado ouvindo o papo animado das duas. Busquei a travessa de lasanha na sala de jantar e comi praticamente tudo sozinho. Misericórdia! Estava bom demais, quase lambi o prato quando terminei. Júlia tem mãos de anjos, cozinha divinamente.

— O almoço estava ótimo, mas agora preciso voltar ao trabalho, o dever me chama. — Júlia fica surpresa ao me ver levantar retirando o meu prato da mesa para lavar, com certeza pensa que sou o tipo de homem que nem sabe lavar um garfo.

Como ela acha que me virei todos esses anos sozinho? Mesmo quando Andréia era viva, sempre a ajudei com os serviços domésticos, ela era professora do jardim de infância e chegava exausta do trabalho e mesmo assim ia fazer o jantar. Às vezes eu fazia, aprendi a cozinhar com ela.

— Não precisa. — Segura o meu braço e coloca o prato sobre a mesa. — Pode deixar que eu lavo isso depois. Antes de ir, coma a sobremesa que fiz, torta de limão, gosta? — Apenas assinto.

As palavras me faltam, eu amo doce e torta de limão é um dos meus preferidos. Por que ela está querendo me agradar tanto assim? Ou esse é o seu

jeito normal de ser? Não sei, estou confuso.

Assim como a lasanha estava divina, como tanto doce que penso que irei passar mal.

— Depois que a senhora terminar de arrumar a casa, lê uma história para mim, mamãe?

— Claro, meu amor, agora só falta arrumar os quartos e lavar os banheiros.
— Paro o garfo no ar com o ultimo pedaço de torta do meu prato, meus olhos perfuram os dela.

— Além de cozinhar, você está ajudando a nova faxineira a arrumar a casa?

— A sua mãe me falou que a nova faxineira começaria hoje, mas ela não apareceu até agora. Como não tinha nada para fazer, eu mesma fiz — diz naturalmente.

— Ah, você resolveu fazer? — Cruzo os braços encostando as costas na cadeira. Um músculo na sua mandíbula se contrai ao perceber a ironia na minha pergunta.

— Sim, qual o problema? Pode ficar tranquilo, não vou roubar nada. — Endireita os ombros tomando uma postura defensiva.

— A única coisa que tenho medo é que roube a minha filha de mim novamente, e mesmo assim vou voltar agora para o trabalho e deixá-la sozinha com você. Isso é um grande voto de confiança, não acha? Não estrague tudo. E pare de agir como se fosse minha empregada, porque não é. Os meus convidados não costumam se matar arrumando minha casa quando estão hospedados aqui, muito menos cozinham para mim. Não que eu esteja reclamando, estava tudo simplesmente divino. Quanto à higiene da casa, está proibida, entendeu? Agora se me der licença, preciso voltar para a delegacia e não sei a que horas volto. — Ela faz cara feia, mas não responde nada.

Lavo meu prato e beijo o rosto da minha filha antes de sair. Somente depois de passar pela porta que me dou conta de que beijei o da Júlia também sem perceber. Aconteceu de forma mecânica, não sei nem como explicar.

Desejo proibido.

Capítulo 18

•

JÚLIA

— A senhora está brincando de estátua, mamãe? — A voz da Maria me tira do transe, não sei quanto tempo permaneci paralisada depois de receber um beijo no rosto, do Ricardo, aconteceu de forma tão natural que nem ele mesmo percebeu o que havia feito.

— Eu não, filha, mas depois que a mamãe terminar de arrumar a casa, poderemos brincar do que você quiser, meu amor.

— Ebaaaaa! Vou te ajudar para acabar mais rápido, pode?

— Claro que sim, Maricota da mamãe.

Termino de ajeitar a bagunça do almoço enquanto lembro de Ricardo devorando a lasanha e o bolo de limão praticamente sozinho.

Me preparo para subir para o segundo andar da casa, minha filha que subir nas minhas costas para brincar de cavalinho, ela ama brincar disso.

— Opa... opa, cavalinho — grita, rindo ao mesmo tempo. Subo pulando as escadas com ela se divertindo como nunca, segurando firme no meu pescoço.

Maria sempre foi assim, de felicidade fácil. Não é preciso muito para fazê-la sorrir, às vezes é só olhar para ela que acontece naturalmente.

Em pouco mais de uma hora, já tinha arrumado praticamente todos os quartos, menos um. O dele. O homem não sai mais da minha cabeça, nunca ninguém me tirou tanto do eixo como o Delegado Ricardo Avilar. Isso não é bom, nada bom. Fico na dúvida de ele não gostar que eu mexa nas suas coisas, mas se não arrumar, poderá achar que é implicância já que o resto da casa está um brinco de tão limpa.

Há um cômodo embutido no escritório que não consegui entrar, está trancado com cadeado. Fiquei curiosa para saber o guarda lá dentro, o que quer que fosse, Ricardo não quer que ninguém veja, além dele.

— Vem logo, mamãe, só falta esse quarto e depois podemos brincar a tarde toda. — Maria sai correndo na frente e abre a porta do quarto do pai, eu não

estava nem um pouco preparada para a rajada de perfume que vem lá de dentro me recebendo com a intensidade de uma onda revolta.

— Hummm, o cheirinho do papai é tão bom, não é, mamãe? — Ela fecha os olhinhos e suas narinas inflam para sentir melhor o cheiro do pai impregnado em cada pedacinho desse bendito quarto.

— Sim, filha, é bom mesmo. — Acabo sorrindo, pelo visto a minha Maricota tem bom gosto para perfumes.

Nunca imaginei que a minha filha algum dia teria um pai, tampouco um que a amasse tanto e fosse capaz de fazer qualquer coisa por ela, para fazê-la feliz. No começo tive medo de ele não ser bom para ela, mas depois de ver a forma como olha para Maria, fico extremamente emocionada. Isso faz com que eu não consiga mais odiá-lo tanto como quando o conheci, na verdade, nem sei mais se algum dia cheguei a odiar.

— Nossa! Vamos demorar muito aqui, o Cavalão fez uma bagunça e tanto. — Bufa com as mãozinhas na cintura.

— O que a mamãe falou sobre chamar o seu pai de Cavalão, filha?

Ela faz beicinho.

— Desculpa, mamãe, eu esqueci. — Um rubor toma-lhe a face acompanhado de um sorriso sapequinha. Danadinha!

— Está bem, meu amor, agora vamos ao trabalho porque a mamãe acabou de descobrir de onde você herdou o seu lado tão bagunceiro, dona Maria Lara. — E é verdade mesmo, o quarto do Ricardo está uma zona.

Uma cama grande ao meio do quarto em um emaranhado de lençóis e edredom entrelaçados um no outro, o Delegado é friorento. Também, com a chuva teimosa que cai lá fora desde a madrugada, realmente o clima está frio, bom para dormir agarradinho. Será mesmo que ele não arrumou ninguém desde a morte da esposa? Fala sério, é muito tempo de sexo reprimido, deve estar até com teia de aranha precisando de uma boa faxina também.

Desculpa, mas eu rio. E muito.

Balanço a cabeça para espantar os pensamentos bobos e começo a pensar por onde começar a arrumar essa zona, parece que um furacão passou por aqui. Roupas sujas estão espalhadas por toda parte, alguns uniformes do trabalho. Tem também uma toalha molhada sobre um sofá de canto e o guarda-roupa com as portas escancaradas e sem nenhuma peça nos cabides, todas estão amontoadas

no fundo, em um monte confuso de várias cores sendo impossível reconhecer que tipo de roupa é.

Homens sozinhos, é nisso que dá.

Resolvo começar pelo banheiro, até que não está com a situação tão apavorante como pensei. Fico encantada com a banheira enorme, nunca tomei banho em uma, deve ser maravilhoso. Esse quarto é obviamente a suíte principal da casa, espaçoso e confortável. Depois que termino, ataco o quarto.

Deixei a cama por último e tenho que prender a respiração ao arruma-la, o seu cheiro é mais forte aqui. Debruço para trocar as fronhas dos travesseiros quando, de repente, encontro debaixo do último deles a mesma camisa branca que usei na noite passada e joguei na sua cara. Guardada ali como se fosse algo valioso. O mais engraçado é que o meu cheiro se misturou ao dele na peça formando um aroma peculiar. Uma mistura interessante, diria.

Com certeza escondeu aqui para que não fosse lavada, mas por quê?

— Será que ele a manteve neste lugar e dormiu sentindo o meu cheiro? — Penso em voz alta, ainda chocada.

— Eu gosto do seu cheiro também, mamãe, parece com os das flores do jardim — grita a Maria que está debaixo da cama com Adônis, imaginando ser uma cabana de acampamento e o quarto, no seu mundo mágico, se transformou em uma floresta.

Nunca tive condições de dar para Maria os melhores brinquedos que uma criança pode ter, minha prioridade e da minha família sempre foi juntar dinheiro para o seu futuro. Então a ensinei como usar a imaginação para se divertir, essa foi a melhor decisão que tomei. Isso a fez explorar mais o seu lado emocional, e ela não tem ambição nenhuma em coisas materiais. Já vi criança de 10 anos com celular melhor que o meu e ainda achando ruim querendo trocar por outro mais moderno, isso é muito triste, tão jovem e não sabendo dar valor às coisas.

Mas isso não é culpa das crianças, e sim dos pais que não sabem dar limite aos filhos.

— Mamãe já terminou aqui, sabe o que isso significa, Maricota?

— Que chegou a hora de brincar. — Sai de baixo da cama, eufórica, abraçando a minha cintura, bem apertado.

Eu a pegaria no colo e jogado para o alto se minhas mãos não estivessem ocupadas com o cesto enorme de roupa suja do Ricardo que juntei espalhadas

pelo quarto. *Menos a camisa debaixo do seu travesseiro que dobrei e coloquei no mesmo lugar que estava.* Antes de brincarmos, passo na área de serviço para colocar a roupa suja na máquina de lavar. Consegui dar conta de tudo, morta de cansada, mas consegui. A casa está impecavelmente limpa e tudo no seu devido lugar.

Dediquei o resto da tarde para dar atenção à minha filha que ligou para o avô e o tio várias vezes. Quando cansou e sentiu sono, dei um banho nela e a coloquei para dormir. Adônis dormiu junto aos pés da sua cama, ela não dá um minuto de folga para o pobre cão quando está acordada. Aproveitei os intervalos livres enquanto preparava o jantar para colocar as roupas no varal improvisado que fiz na varanda do quintal, não tinha como colocar ao ar livre já que a chuva continuava caindo cada vez mais forte. João Pedro me ligou dizendo que não respondeu às minhas mensagens porque estava muito ocupado tentando colher provas para o meu julgamento. Disse que não encontrou muita coisa como pensou, mas que gostaria de dividir tudo o que descobriu durante um jantar.

Eu aceitei.

Ficou feliz quando contei que o Delegado tirou a denúncia contra mim, mas não gostou nem um pouco do fato de que em troca terei que morar na sua casa por um tempo para ajudar na aproximação com a filha. Explicarei melhor durante o nosso jantar, prometi marcar o mais breve possível.

Terminei de fazer o jantar com calma, Maria já tinha acordado reclamando estar com fome. Dei uma fruta a ela para que aguentasse esperar o pai chegar do trabalho, pensando que o Ricardo gostaria de fazer todas as refeições ao lado da filha. No entanto, anoiteceu e nem sinal dele. Não ligou avisando que iria se atrasar e isso me deixou ainda mais preocupada. Sei que não tem obrigação, mas custava mandar pelo menos uma mensagem? Acho que não. Fiquei com medo de ter acontecido alguma coisa grave, em uma profissão como a sua tudo pode acontecer, a morte anda ao seu lado.

Seria traumatizante para Maria, acabar de ganhar um pai e o perder num espaço de tempo tão curto.

Dei o jantar da minha filha. Eu estava aflita e não consegui comer nada. Maria brincou com Adônis até tarde, ficou toda boba quando o avô ligou para dizer boa noite e o quanto nos amava. Binho contou uma história de princesa para ela, que acabou adormecendo com o celular pendurado na orelha. Aproveitei para tomar o meu banho e relaxar um pouco, vesti o outro vestido que o Ricardo me emprestou.

Falando nele, onde esse homem se meteu, meu Deus? Já são 23h45 da noite e nem sinal dele. Antes de dormir, oro pedindo para Deus cuidar do Delegado onde quer que esteja. Não vou muito com a sua cara, mas também não quer dizer que desejo o seu mal. Tomada pelo cansaço acabo adormecendo.

Acordo em um sobressalto ouvindo vozes altas e apavoradas. Levanto correndo e assim que coloco os pés no corredor percebo que a porta do quarto do Ricardo se encontra entreaberta, a luz apagada e um vento frio vem lá de dentro. Meu coração perde uma batida ao ouvir seus gritos novamente, parecendo fora de si. Coloco a mão na boca sentindo uma dor letal. Fico compadecida pelo seu desespero e quando dou por mim já estou me jogando em cima da sua cama sem me importar de ele estar apenas de cueca boxe preta com o corpo todo molhado de suor. Tem o peito largo e o abdômen repleto de gominhos definidos.

Começo a sacudi-lo na tentativa de acordá-lo do pesadelo enquanto ele se debate dizendo coisas desconexas.

“Por favor, amor, não me deixe. É a mulher da minha vida, a mãe da minha filha. Minha alma gêmea... estou com tanto medo, assustado, não vou conseguir seguir em frente sem você, Andréia. ”

Ricardo diz tais palavras com tanta dor que parece mais uma súplica a Deus para que traga a sua esposa amada de volta. Não acredito no amor, mas confesso que fico mexida com essa cena. É comovente saber que mesmo depois de tantos anos ainda amava a mãe da Maria da mesma forma, ou mais.

— Acorda, Ricardo, é só um pesadelo. — Seguro o seu rosto entre minhas mãos para que quando abrir os olhos, encontre os meus e veja que não está sozinho.

Ele está deitado de costas na cama e eu por cima dele tentando imobilizá-lo prendendo sua cintura em meio às minhas pernas, assim como fiz quando o derrubei na cozinha, e os braços com os joelhos. Meu pai me ensinou algumas técnicas de defesa pessoal, a maioria dos pais do morro ensinam as suas filhas para saber se defenderem caso algum delinquente tentasse alguma gracinha.

Quase enfarto quando Ricardo, ao ouvir minha voz, abre os olhos lentamente oferecendo o sorriso mais lindo e sincero que já vi na vida. Correspondo. É difícil resistir ao impacto dessas duas lagoas azuis sobre mim como se, nesse momento, não existisse nenhuma outra mulher no mundo.

— Andréia, meu amor, você voltou para mim. — Meu sorriso morre na mesma hora, ao contrário do seu que se amplia ainda mais alisando meu rosto

com as pontas dos dedos pensando que sou a sua esposa.

Ele não acordou ainda, está preso em um tipo de estado de sonambulismo, vivenciando os fatos do sonho como se fossem reais. Para piorar, percebo que a sua pele está muito quente, parece estar com um pouco de febre. Em um giro preciso, o danado consegue catar minha cintura invertendo as nossas posições, agora é ele que está em cima de mim.

No comando da situação.

— Eu senti tanto sua falta, amor. Sabia que ia voltar, nem a morte é capaz de nos separar. Ficaremos juntos por toda a eternidade, eu te amo. — Sua voz é quase em um sussurro, doce e amável. Um lado frágil seu que nunca imaginei que existisse.

— Desculpe, Ricardo, eu não sou quem você está pensando.

Coloco a mão em seu rosto molhado de suor sentindo pena em vê-lo nesse estado, ele cobre a minha mão com a sua e se aproxima à procura dos meus lábios, mas viro o rosto para o lado.

— O que foi, amor, brincando de se esconder do seu marido? — Não preciso olhar para ele para saber que está sorrindo sexy, o tipo de fazer qualquer calcinha molhar. A minha. — Tem usado os meus vestidos favoritos só para me provocar. Hoje, no horário do almoço, me deixou louco cantando com a sua voz sexy de anjo, cozinhando para mim enquanto a nossa filha brincava com Adônis debaixo da mesa. Como sonhei com essa vida perfeita, só nós três.

Ele está misturando as lembranças do passado com as de hoje, me descartando de todas elas e colocando a esposa no lugar. Seu maior sonho é esse, que eu não existisse e a mãe da sua filha estivesse viva para viverem a vida perfeita que sonhou para eles.

Sinto sua respiração na curva do meu pescoço deslizando o nariz de leve sobre a minha pele, deixando um rastro de beijos com os lábios quentes como o fogo do inferno até chegar no meu ombro abaixando a alça do meu vestido. Trava a outra mão na minha coxa erguendo a saia até chegar na minha bunda, aperta com força levantando o meu corpo contra sua pélvis e me fazendo chocar contra uma baita ereção poderosa e vibrante.

Arfo, toda arrepiada.

É para ser algo errado nós dois juntos, mas, agora que estou em seus braços, parece tão certo.

— Você me pegou, Ricardo, vamos brincar de se esconder? Feche os olhos e conte até 30, combinado? — Tiro sua mão da minha bunda, ele a coloca novamente e me aperta com mais força contra sua ereção quase furando a minha barriga.

— Só se você me der um beijo antes, amor, bem gostoso. — Aperta meu seio com vontade, os bicos estão rígidos apontando por baixo do tecido. Solto um gritinho quando passa o polegar sobre eles em movimentos circulares.

Não tem como ficar perto de um homem como esse Delegado tão “apaixonado”, praticamente nu, se jogando em cima desse jeito e permanecer imune aos seus encantos. Com roupa já mexe comigo, sem ela, não tenho nenhuma chance.

— Beijo? — Arregalo os olhos que quase pulam fora das órbitas.

— Sim, Andréia, e quero agora!

— Deixa eu me esconder primeiro, querido, beijo só depois que me ach...
— Ataca a minha boca tomando meus lábios de forma sedenta e voraz. Possessiva.

Luto no começo, mas minhas forças logo acabam em menos de um segundo ao sentir sua língua pedindo passagem explorando cada espaço por onde passa. Gemo baixinho quando morde meu lábio inferior propositalmente, o safado sabe como excitar uma mulher. Há desejo em cada ato seu, mas acima de tudo, amor. *Amor verdadeiro*. Por um momento sinto um pouco de inveja de Andréia, ela foi amada de verdade por ele de uma forma que todas as mulheres do mundo merecem ser um dia.

Com toda alma e coração.

A coisa começa a esquentar entre nós, Ricardo prova meus lábios sem pressa, me enlouquecendo aos poucos. Ele realmente sabe o que está fazendo, e é bom nisso. Nunca fui beijada de forma tão intensa, fervorosa e desejosa por mais e mais. Não é só um beijo, simula um ritual erótico como se estivéssemos fazendo amor. A sensação mais gostosa do mundo, única. O sem vergonha apalpa a parte de dentro da minha coxa à procura da minha entrada, fico alarmada e excitada. Quero pará-lo, mas não tenho mais o comando do meu corpo que é todo dele.

— Ricardo... — O gemido escapa da minha boca como um lamento. Deus! O que está acontecendo comigo? Não faço ideia.

A que ponto chegou, dona Júlia? Que vergonha! Se aproveitar de um homem desorientado.

— Você é tão linda, Andréia, e eu te amo tanto. — Minha razão chega como uma mãe furiosa puxando o filho pelo braço depois de uma arte das grandes, ele me chamou pelo nome da falecida novamente.

Interrompo o beijo na mesma hora.

A sensação é como se tivesse me jogado um balde de água fria, na sua cabeça é a sua mulher que ele está beijando, não eu. Ricardo sente nojo de mim, enche a boca para dizer que me odeia. Quando estiver melhor e se lembrar do que aconteceu aqui, é capaz de romper o acordo e me denunciar novamente e dessa vez por molestá-lo, vive esperando um deslize da minha parte para me ferrar de vez.

— Já teve o seu beijo, Delegado, agora vou me esconder. — Forço um sorriso e uma lágrima escapa no canto dos meus olhos, mas me livro dela antes que possa afetar ainda mais o meu orgulho ferido.

— Não vá muito longe, amor. — Beija o meu rosto saindo de cima de mim. Corro até a janela e a fecho, por isso o quarto está tão frio.

Ligeiramente vou até a cozinha e pego uma caixa cheia de remédios que vi mais cedo, graças a Deus tem um xarope para febre. Encho um copo de água para tirar o gosto ruim da boca. Ao voltar para o quarto, Ricardo treme sem parar, a temperatura da sua pele aumentou bruscamente. Dou o remédio, molho uma toalha de rosto na pia do banheiro e a coloco sobre a sua testa com o intuito de baixar a temperatura.

— Eu estou com frio, muito frio. — O queixo dele treme, pego dois edredons e o cubro até o pescoço.

Encosto na cabeceira da cama, ao lado do Ricardo, usando alguns travesseiros como apoio para as costas enquanto o vigio.

O remédio faz efeito e ele acaba adormecendo rápido, tão lindo fazendo biquinho que quem não o conhece não imagina o cavalo que é quando acordado.

Meu plano era ficar até que o remédio começasse a fazer efeito e a febre cedesse pelo menos um pouco, então voltaria para o meu quarto e fingiria que nada aconteceu. Para todos os efeitos, tudo não passou de um sonho, um lindo sonho onde eu fui o que ele queria por alguns minutos. Negarei até a morte, será

um segredo só meu. Levarei para o túmulo comigo.

Tentarei de todas as formas esquecer que esse beijo aconteceu, principalmente o fato de eu ter gostado tanto de ter sido beijada por ele, mesmo sabendo que estava pensando na esposa, como ele repetiu várias vezes “*a sua alma gêmea*”. Depois que sair desse quarto, vou apagar essa noite da minha memória.

Meus olhos pesam e luto contra o sono, coloco a mão em sua testa e percebo que, apesar de ainda estar muito quente, a febre cedeu um pouco. E, com esses pensamentos, acabo adormecendo.

Capítulo 19



RICARDO

Acordo tossindo, sem conseguir abrir os olhos direito, minha cabeça pesa uma tonelada. Pelo barulho, ainda chove lá fora, e muito. Parece que acabei pegando uma gripe feia depois de passar a tarde e boa parte da noite embrenhado na mata vigiando a tal casa junto à minha equipe. E ainda não vimos nenhuma movimentação suspeita no local, apenas uma mulher chegando com três crianças entre 10 e 16 anos. Duas meninas e um menino, ambos trazendo consigo uma expressão triste no rosto. Pesada.

Lembro de ter chegado em casa exausto, todo molhado, e com uma dor de cabeça absurda, meu corpo só pedia cama. Reparei que a casa estava limpíssima, dava até gosto de estar dentro dela, no entanto, a Marrenta não pode continuar fazendo tudo sozinha. Não é minha empregada nem nada, está aqui para dar total atenção para Sofia. Como o número de pessoas aumentou por aqui, tenho que providenciar novos empregados e uma boa cozinheira. Tomara que cozinhe tão bem quanto a Júlia, o almoço de ontem foi uma das melhores refeições que fiz na vida.

Passei pela sala de jantar me sentindo tão mal que tive que apoiar na cômoda para não cair no chão, minha cabeça rodava como um pião. Percebi que havia um bilhete na segunda prateleira onde guardo o jogo de louças inglesas que minha esposa ganhou de presente da minha tia no dia do nosso casamento. Com muita dificuldade consegui ler o que estava escrito no bilhete:

“Arrumei o seu jantar e deixei dentro micro-ondas, espero que goste de bife à parmegiana. Como sobremesa fiz torta de maçã, está na geladeira.

Júlia. ”

Achei muito gentil da parte dela deixar o meu jantar arrumado, essa mulher vem se revelando uma caixinha de surpresas. Só de maneira positiva.

Sem fome, enfiei o bilhete no bolso e subi as escadas praticamente me arrastando, apoiando no corrimão, levei um choque ao entrar no meu quarto e ver tudo perfeitamente organizado. Parecia até que tinha sido reformado. Tomei um banho rápido de água morna, saí nu do banheiro e caminhei a passos

trôpegos até o guarda-roupa surpreendendo-me ao me deparar com as minhas roupas organizadíssimas nos cabides, separadas por peças e cores deixando os meus uniformes em destaque do lado direito. Dividiu as gavetas para cuecas, gravatas e meias.

Isso não vai prestar, não mesmo! Além de ser linda de morrer, sexy, ama a minha filha, tem cheiro de flores, sabe cozinhar divinamente e, de quebra, é organizada ao nível extremo. E anda sendo atenciosa comigo, mesmo eu não merecendo.

Suspirei. Não sei até quando vou conseguir ficar imune a tantos encantos. Se é fingimento da parte dela ou não, só Deus sabe. Na dúvida, mantereí os dois olhos bem abertos.

A última coisa que me lembro é de ter aberto a janela para refrescar um pouco meu corpo, sentia como se estivesse pegando fogo, caí na cama e literalmente apaguei. Desde então não me lembro de mais nada, somente de um sonho lindo que tive com Andréia. Pela primeira vez em anos sonhei com algo bom, mesmo não sendo real consegui abrandar um pouco a saudade que sinto do meu grande amor. Sorrio lembrando no nosso beijo, foi tão real, perfeito. E quente. Fervendo. Contudo, alguma coisa estava diferente na minha esposa, o seu cheiro era outro bem diferente, e o gosto dos lábios também.

Mas continuava sendo ótimo, simplesmente não conseguia parar de beijá-la.

Mas agora o sonho havia acabado, e eu estava sozinho novamente debaixo de um monte de edredons. Edredons? Não me lembro de ter pegado nenhum antes de deitar. Levo a mão até a minha testa e há uma toalha pequena dobrada quase seca. Noto que no criado-mudo ao lado da minha cama tem um vidro de xarope para febre e um copo com água na altura de dois dedos.

Será que minha mãe já voltou de viagem e passou a noite toda cuidando de mim? Penso. Achei que ficaria mais tempo fora. Fecho os olhos novamente e viro para o outro lado para continuar dormindo, no entanto, sinto alguma coisa mexendo ao meu lado. Deve ser Adônis, porém, ao erguer o edredom, não posso acreditar no que os meus olhos estão vendo.

Não, ela não pode estar aqui!

É o que fico repetindo em minha mente achando ter ficado louco de vez ao ver Júlia dormindo ao meu lado feito um anjo.

Ela usa uma mão como apoio para o rosto, a outra descansa na lateral do corpo passando sobre a curva perfeita da sua cintura curvilínea. Engraçado, no meu sonho a minha esposa estava com o mesmo vestido que está usando nesse exato momento. Aliás, não deixo de reparar que a peça subiu bem acima das coxas mostrando mais do que devia. Uma calcinha minúscula, que só pode ter sido feita pelo diabo, veste o seu corpo, uma verdadeira tentação.

Para variar não usa sutiã, como sempre. Devido à posição — privilegiada para mim — deitada de lado, os seios estão escapando para fora do decote e mostrando uma pequena parte da auréola. São grandes demais, durinhos. Não quero olhar, tampouco sentir essa vontade louca de tocá-los com a mão e boca ao mesmo tempo.

Porra! Eu acabei de ter um sonho erótico com a minha esposa, e a primeira coisa que faço quando abro os olhos é devorar o corpo de ébano da mulher que já roubou o seu lugar de mãe da nossa filha, agora o seu lado da minha cama também.

— Por que eu me esforço tanto para te odiar, mas não consigo nem um pouquinho que seja, Marrenta? — Sussurro em segredo estendendo o braço para alcançar seu rosto, alisando bem de leve com as costas da mão.

Júlia é uma mulher naturalmente linda, o tipo de deixar qualquer homem louco de desejo.

De amor.

Desenho seu lábio inferior com os dedos, são grossos e em formato de coração. Parece terem sido feitos para dar prazer a um homem, de todas as formas possíveis. Seus cabelos longos e volumosos estão espalhados pelo travesseiro, afasto um solitário cacho que cai sobre o rosto e o coloco com cuidado atrás da orelha. Dorme tão pesado que eu poderia tocá-la à vontade que não acordaria, seu semblante é de extremo cansaço. Como não estaria depois de limpar essa casa enorme sozinha e cuidar de Sofia aprontando todas por aí com Adônis? Ainda assim, acordou no meio da noite e veio cuidar de mim, aposto que acabou adormecendo sem perceber.

Nunca imaginei dividir a mesma cama com a cúmplice do sequestro da minha filha, se me falassem que isso aconteceria um dia, eu jamais acreditaria.

Não tenho coragem de acordá-la para ir para o seu quarto, estou sem sono e passo a velar o seu sono. Apesar da aparência cansada, Júlia dorme serenamente. Às vezes se remexe como se fosse despertar, mas acho que está apenas

sonhando. De repente ela abre os olhos lentamente e me presenteia com um sorriso estonteante. Fascinante. Retribuo afagando seus cabelos, então ela fecha os olhos bem devagar e dorme novamente. Ajeito o edredom sobre ela, a chuva deu uma trégua, mas, em troca, mandou um vento gélido no lugar.

Neste momento, não sinto raiva de Júlia, apenas vontade de protegê-la, de mantê-la segura de todo o mal do mundo para todo o sempre.

Fico em alerta ao ouvir batidas delicadas na porta e logo após ranger ao ser aberta. Passos leves e desconfiados se aproximam da cama. Viro para olhar para a minha filha, ela vem devagar e faz um beicinho muito fofo com vontade de chorar. Veste um pijaminha todo colorido como o arco-íris, os cabelos em uma bagunça do que restou de um rabo de cavalo e o rostinho inchado de quem acabou de acordar.

— Me deixa adivinhar, você quer a mamãe?

Assente.

— Sabe onde minha mamãe está?

— Essa daqui serve, filha? — Empurro o edredom com cuidado mostrando Júlia dormindo ao meu lado, e a minha ruivinha me agradece com um sorriso do tamanho do mundo apertando a boneca que segura sobre o peito.

— Posso pedir uma coisa, ca... papai? — Balanço a cabeça sorrindo feito um bobão, eu a amo tanto que o meu coração parece que vai explodir, sinto vontade de chorar toda vez que olho para Sofia.

Minha filha pode ficar grande demais para o meu colo, mas nunca para o meu coração.

Nem preciso responder nada, já sabendo o que ela quer, apenas levanto o edredom para que se enfie debaixo dele conosco. Sofia sobe na cama e vem engatinhando para o meio de nós como uma gatinha à procura de carinho. Deita de frente para Júlia me oferecendo as costas, alisa o rosto da “*mãe*” depositando um beijo na ponta do seu nariz, que sorri mesmo dormindo. Existe um elo muito forte que as une, é visível quando estão juntas. Agora, conhecendo melhor as duas, pode ser um pouco cedo para afirmar, mas tenho quase certeza que nunca conseguiria separá-las, nem se eu quisesse de verdade.

Sinto uma dorzinha chata na garganta, não demora muito para eu começar a tossir novamente. Tampo a boca tentando abafar o som, mas não obtenho muito sucesso.

— O senhor está dodói, papai?

— Só um pouquinho, filha. Não se preocupe. — Vira-se de frente para mim e me analisa com as pupilas dilatadas, parecendo preocupada. Inflo o peito vaidoso, cheio de orgulho.

Então a minha filha se preocupa comigo.

— Quando estou dodói a mamãe segura a minha mão o tempo todo até que eu fique boa, sempre funciona — diz e pega a mão da Júlia, passa sobre o seu corpinho e junta com a minha, macia e quente. Não tenho como soltar, Sofia fica vigiando, atenta a cada movimento meu.

Acho que se parece mais com a minha mãe do que pensei, alguma coisa me diz que acabou de inventar essa história só para que segurasse a mão da Júlia.

— Bons sonhos, filha, eu te amo. — Deposito um beijo em sua testa.

— Obrigada, papai.

Não levou dez segundos para Adônis chegar correndo e deitar aos pés da cama, agora sim a turma está completa. Acabo pegando no sono gostando mais disso do que deveria.



Desperto com a luz de um sol bem fraquinho em meio às nuvens acinzentadas atravessando o vidro da janela. Júlia e Sofia ainda dormem profundamente. Analiso a situação e não faço ideia de como a minha filha foi parar na beirada da cama dentro dos braços da mãe, mas dá para ver que se sente segura ali. Quanto a mim, também não faço ideia de como me encontro atracado na cintura da Marrenta, em posição de conchinha abraçando as duas de uma vez só, com o meu queixo apoiado em seu ombro sentindo o seu cheiro gostoso de flores que me parece tão familiar.

Céus! Essa situação está indo longe demais, tenho que colocar um freio antes que fique fora de controle. Tento sair sem acordá-las, então, Júlia se remexe rebolando e esfregando a bunda em mim, uma ereção imediatamente se forma explodindo dentro da minha cueca.

— Porra! — Gemo baixinho.

Com muita dificuldade consigo levantar e admiro a imagem das duas tão lindas dormindo na minha cama, melhor dizendo, os três, faltou Adônis.

Aproveito para tomar um banho demorado, apoio as mãos na parede deixando a água cair sobre o meu corpo, esperançoso que ela leve a rigidez dos meus músculos junto com ela. Não consigo pensar em mais nada a não ser em Júlia. Isso está me deixando louco. Inferno! Ela, além de minha inimiga, é muito mais jovem do que eu, no mínimo uns dez anos a menos.

Não adianta negar, eu a desejo como mulher. De uma forma assustadora, profana. Nunca senti algo tão arrebatador.

Fecho o chuveiro e saio do box com uma toalha enrolada na cintura. Ao passar em frente ao espelho, pela primeira vez em vários anos, me sinto mal com o tamanho exagerado da minha barba, passo a mão entre os fios grossos tentando lembrar de como era o meu rosto sem ela. Resolvo barbeá-la, faz tanto tempo que acabei perdendo a prática.

Mas não custa nada tentar, o pior que pode acontecer será sair com o rosto todo picotado. Pego o aparelho elétrico que comprei há tempos e nunca usei, ligo e aparo o volume da barba. Olho para a pia e vejo os fios grossos caindo. Agora chega a hora da verdade, espalho a espuma e pego uma lâmina nova no armário debaixo da pia decidido a amenizar um pouco a minha barba de velho. O tempo e a vida não foram gentis comigo, mas, de uma hora para outra, criei forças para reconquistar aos poucos a minha virilidade.

— Pelo visto já está bem melhor. — Corto o rosto sem querer ao ouvir a voz doce de Júlia vindo da porta, os meus olhos encontram os seus através do espelho.

Fico intrigado de encontrar uma mulher totalmente diferente da que conheço. Júlia está tímida, escondendo de mim a maior parte do corpo atrás do vão da porta. As bochechas puxadas para um tom de vermelho aveludado, e os cabelos bagunçados caindo sobre o rosto de forma selvagem. Santo Deus! Linda demais.

— Estou sim, obrigado por ter cuidado de mim.

— Não precisa agradecer. Desculpa por invadirmos a sua cama, nem vi quando a ruivinha e o Adônis vieram dormir conosco. Eu pretendia ficar somente até o remédio começar a fazer efeito, mas acabei dormindo feito uma pedra — justifica toda sem jeito, tamborilando os dedos em volta da maçaneta da porta.

— Sinceramente? Faz muito tempo que não dormia tão bem. Tive um sonho lindo — penso alto.

Caramba! Alto demais.

— Fico feliz em saber que gostou tanto do sonho, Delegado. — Sorri malandra, diaba! Minha ereção volta na mesma hora, com força total. Havia sofrido para acalmá-la debaixo do chuveiro.

— Porra! — Gemo ao cortar meu rosto novamente.

Perdi completamente o jeito de fazer a barba e com ela me olhando desse jeito estranho é que não vou conseguir mesmo.

— Sou eu que estou distraíndo você, desculpa. Vou preparar o café da manhã.

— Não vá, fique.

Minha boca me trai agindo contra minha vontade, viro para olhar Júlia parada no vão da porta me fitando de um jeito que não sei decifrar.

— Nossa! Você se cortou feio, deixa que eu faça isso.

Toma o aparelho da minha mão no estilo mandona, e eu apenas observo toda sua ousadia. Júlia pega um pedaço de papel higiênico, fica nas postas dos pés para limpar o sangue do meu corte e o segura firme até estancar.

— Você realmente sabe o que está fazendo ou é só um pretexto para me matar cortando o meu pescoço com a navalha? — Meu tom brincalhão a faz rir de um jeito que me rouba o fôlego.

Está bem, eu me sinto “o cara” por fazê-la sorrir.

— Cala a boca e senta na bancada da banheira, sou eu que faço a barba do meu pai e irmão. Sou boa nisso, melhor que muito barbeiro veterano por aí — brinca e rio da sua malandragem, ela sabe ser divertida quando quer.

— Sei... — Entro na banheira e me sento desconfiado colocando as mãos sobre o colo para tampar a bendita ereção, nunca fiquei nesse estado tão rápido sem nem tocar numa mulher antes.

— Vou caprichar tanto que nunca mais vai querer fazer com mais ninguém, Delegado.

— É mesmo, Marrenta? — Meu tom é escorregadio, provocativo.

— Pode ter certeza que sim. — Faz uma cara de safada que a minha mão chega formiga de vontade de dar um tapa nesse traseiro enorme, hipnotizante e tentador.

Diabo de mulher provocadora.

Observo-a atentamente juntar os cabelos em um nó falso, deixando à mostra, para quem quiser ver, a tatuagem de três estrelas na nuca. Fico arrepiado toda vez que olho para elas. Júlia se posiciona em minhas costas, inclina a minha cabeça para trás e começa a me barbear esfregando os seios literalmente na minha cara. Vou do céu ao inferno em questão de segundos.

Júlia realmente é boa nisso. Rápida e precisa nos movimentos, a mão passa suave pelo meu rosto e seu cheiro está me enlouquecendo de desejo.

Ela morde o lábio inferior, concentrada no que está fazendo e me deixando mais excitado ainda. Fecho os olhos com força para não cair em tentação. Quando termina, tenho os punhos e os dentes cerrados, prendendo a respiração para não sentir o seu cheiro. Contudo, como Júlia não diz nada, abro os olhos para ver o que está acontecendo.

Júlia olha para o meu rosto, estática, os olhos brilhando feito duas pérolas negras como se estivesse admirando uma obra de arte, valiosa. Sua mão percorre cada traço do meu rosto como se quisesse guardar cada detalhe em sua mente. Começo a ficar constrangido com a forma que me encara, ela não desvia o olhar nem por um segundo, mal pisca. Uma mistura de admiração e desejo está em seu olhar, além do fogo, muito fogo, como um vulcão em erupção.

Sei exatamente o que ela está sentindo, porque o mesmo fogo me consume por dentro.

— Tem alguma coisa errada com o meu rosto? — Questiono preocupado.

— Não, ele é perfeito. — Ela acorda do transe arregalando os olhos ao se dar conta do que acabou de dizer, se apressa em tirar as mãos do meu rosto girando o corpo para fugir das consequências do seu ato.

De mim.

Mas não permito, puxando-a bruscamente pelo braço contra o meu corpo, seus seios batem no meu peito com força. Posso sentir que os bicos estão duros, mostrando que o desejo é mútuo. Marrenta como é, me encara de cara fechada, luta querendo se soltar, inutilmente.

— Pois eu penso exatamente o mesmo sobre o seu rosto, Marrenta. — Para de se debater e ataca a minha boca em um beijo sedento, cravando as garras na minha pele, como se estivesse tomando o que é seu por direito, sendo possessiva ao extremo.

Em relação a ela, não fico muito longe.

Sem interromper o beijo a tomo pela cintura colocando-a sentada no meu colo de frente para mim obrigando-a a enlaçar as pernas em meu quadril recebendo toda a descarga de energia vinda do meu corpo, geme ao sentir minha ereção esfregando na sua barriga. Tão duro que dói.

Nossas línguas se contorcem uma na outra dançando um tango sensual, somos bons dançarinos juntos. Aprofundo o beijo, se é que é possível, levando as mãos à sua nuca. Mas eu quero mais, quero tudo que Júlia tem para me oferecer. Sugarei cada gota do seu prazer e devolverei na mesma intensidade.

— Ah, Ricardo... — geme, manhosa.

Era o que eu precisava para perder o controle de vez.

E então as coisas realmente saem do controle, no atrito entre os nossos corpos minha toalha vai ao chão. Ergo o seu vestido acima da cintura agarrando-a pela bunda, trazendo-a contra a minha excitação latejante clamando para estar dentro dela, mostrando o estado em que me deixa. Gememos um na boca do outro, lambendo, chupando, sugando como se a nossa vida dependesse disso.

— Eu sabia que não havia sido um sonho, Júlia, foi você que eu beijei ontem à noite — revelo com a voz ofegante separando nossos lábios por um breve instante, ela resmunga em protesto.

Um sorriso selvagem dança em meus lábios ao lembrar do que houve na madrugada, sabia que já tinha provado seu beijo antes. E que beijo! Mas Júlia parece não gostar do que eu disse, ao tentar beijá-la novamente, ela me empurra para longe dela, desce do meu colo e se recompõe ajeitando o vestido e os cabelos que eu mesmo baguncei mais do que já estavam. Percebo que a cor lhe fugiu do rosto e a sua expressão muda de excitada para furiosa.

— Você não me beijou ontem, Ricardo. Apenas usou o meu corpo para saciar a saudade da sua mulher enquanto delirava. Não foi à toa que me chamou diversas vezes de Andréia. — Respira fundo passando a mão pelo rosto, irritada. — Desculpe, eu até me sinto muito atraída por você. Admito. Mas não nasci para ser tapa buraco de ninguém, não preciso disso. Tem muito cara bacana por aí que me trataria como primeira opção. Tenho amor próprio demais para aceitar ser usada por alguém. — Vira as costas e vai embora de cabeça erguida, me deixando de pau duro e totalmente sem palavras.

Capítulo 20



JÚLIA

Desço as escadas pisando com tanta força que por um momento penso que vou deixar um rastro de pegadas fundas nos degraus. Estou furiosa comigo por ter agido como uma verdadeira idiota beijando Ricardo no banheiro. Agora ele se lembrou de tudo o que houve ontem à noite, cada mísero detalhe. E pior é que, mesmo sabendo que todo seu desejo não era para mim e sim por ela, Andréia, mãe da sua filha e esposa amada e não sei mais o quê, pensar nisso acaba comigo. Mas por quê? Droga! O meu interesse com essa gente é com foco único e total em Maria Lara, não posso deixar que as coisas se misturem desse jeito.

E a culpa dessa bagunça toda é minha, por não consegui manter essa língua gulosa dentro na minha boca e enfiado na dele sem pedir permissão. Mesmo sabendo que foi um grande erro, não existe uma gota de arrependimento em mim. Isso me apavora, porque, se me conheço bem, do jeito que gostei, para repetir a dose basta um segundo sozinha com o Delegado novamente. Nunca fui de agir por impulso, principalmente com os homens. Não confio neles, na minha opinião a maioria hoje em dia são todos iguais. Mentirosos, cínicos e aproveitadores. Sabem manipular como ninguém e não sentem nenhum remorso depois de destruir um coração apaixonado.

Bom, pelo menos os que conheci até hoje agiram assim. Iludem a mulher com um amor falso e usam o seu corpo até cansarem e passarem para a próxima otária, sei bem como funciona esse esquema porque eu fui a maior de todas entregando a minha virgindade para o verme do Vitor, meu primeiro namorado. Como pude ser tão idiota? Eu pensando que o playboyzinho subia no Morro do Alemão por minha causa, para descobrir no final que era para comprar drogas. Levar-me para a cama foi apenas um acaso que apareceu no seu caminho.

Na época era apenas uma adolescente sonhadora, acreditava em príncipes encantados e contos de fadas. Ele fez muito mais do que quebrar o meu coração, tirou algo muito importante de mim destruindo a minha alma de um jeito que só se curou depois que a Maria chegou em minha vida.

No entanto, a minha fé nos homens e a confiança nunca mais foi a mesma.

Não mesmo.

Mas o Ricardo é diferente de todos os homens que já conheci, a forma como olha para a filha é sublime. Pensei que só existia um pai maravilhoso no mundo, o meu. Mas o Delegado tem me surpreendido bastante com o seu esforço em se aproximar da Maria, mesmo a ruivinha sendo arredia como só ela é, dando passa foras em suas investidas a todo o momento, não desiste e vai à luta pronto para o próximo *round*, aguentando firme, mesmo ficando destruído em ser desprezado mais uma vez.

E como um marido ainda continua apaixonado pela esposa mesmo depois de tantos anos após a sua morte? Ricardo ama essa mulher loucamente, deu para sentir em cada palavra que disse enquanto delirava. Pude sentir o amor explodindo em cada célula do seu corpo grande e musculoso, a forma como falava o nome dela “*Andréia*”, era como se estivesse cantando uma melodia triste de amor que fez o meu coração doer e me deixou com uma puta vontade de chorar.

Mas que merda! Eu não sou emotiva assim, meu coração é duro feito uma pedra de gelo.

Por outro lado, como não ficar emotiva com a forma apaixonada como me beijou na madrugada? O que me deixou triste no banheiro, agora a pouco, foi completamente diferente, havia apenas um desejo avassalador em seus lábios ao devorar os meus, foi algo totalmente carnal. Podem até me chamar de orgulhosa, na verdade, sou mesmo e muito! Nunca tratei ninguém como segunda opção e não admito de forma alguma ser tratada como tapa buraco.

Viva ou morta, tem outra na parada, então prefiro ficar longe. Para começo de conversa, eu nem devia ter aceitado que o pai da minha filha — vulgo Cavalão — me beijasse pensando que fosse a esposa, e muito menos deveria ter praticamente pulado em cima dele. Mas que mulher resistiria àquela beleza toda, Senhor? Já era bonito com barba, mas, sem ela, é a imagem do pecado em carne e osso. Fiquei hipnotizada ao terminar de barbeá-lo, tem um queixo redondinho que dá uma vontade louca de morder.

Lamber, chupar e tudo que tem direito...

Agora sim pude ver como é de verdade por baixo da camuflagem que criou para esconder a sua verdadeira face, uma beleza sem igual. Para mim, com certeza, o novo dono do primeiro lugar na minha lista de homem mais bonito do mundo é dele. Juiz Thompson terá que se conformar com o segundo, o que não é

pouca coisa, assim como ele, sou muito exigente nos meus julgamentos.

Balanço a cabeça rindo dos meus próprios pensamentos.

Acho que estou ficando louca.

A verdade é que, mesmo gostando muito de beijá-lo — sendo sincera, amei —, todos os beijos que dei na minha vida se tornaram ridículos perto do que os que protagonizei com Ricardo. Parecia querer me marcar como sua e, mesmo não sendo, conseguiu. O problema é que agora estou me sentindo usada e nenhuma mulher merece passar por isso. Se depender de mim, isso não se repetirá nunca mais.

A primeira coisa que faço é ir até a área de serviço pegar as minhas roupas que usei quando cheguei nessa casa, as lavei junto com as do Ricardo ontem. Não quero ficar mais nem um segundo com o vestido da sua mulher em meu corpo, não quero nada que era dela. Muito menos ele. Mereço mais que o resto dos outros. Bem que meu pai diz: orgulho deveria ser meu nome do meio.

Visto a minha roupa na velocidade da luz, uma calça jeans e blusa de malha preta de mangas curtas. Termino e prendo o cabelo com elástico, sigo para a cozinha a fim de preparar um café bem forte para ver se me animo um pouco. Ao terminar, me sirvo de uma xícara bem cheia e sento à mesa, pensativa em como ficarão as coisas daqui em diante entre mim e o Ricardo, se já não eram boas antes, imagina agora.

Paro a xícara no ar na metade do caminho até a minha boca ao sentir o único perfume capaz de entorpecer todos os meus sentidos em tempo recorde. Até o ar fica mais denso com a sua chegada.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu ontem à noite na minha cama, e agora a pouco no banheiro. — Um calafrio percorre por todo o meu corpo, eu não quero nem lembrar dos tais acontecimentos citados, muito menos conversar com ele sobre o assunto.

— Não temos que conversar sobre nada, é só fingir que não aconteceu. — Tento levantar, mas Ricardo me puxa pelo braço e me senta na cadeira novamente de forma nada gentil.

Quando me toca o tesão volta a dominar o meu corpo novamente, mas que inferno! Seja forte, Júlia.

Senta à minha frente me encarando, para piorar a minha situação está apenas com calça de moletom cinza e os pés descalços, cabelos ainda molhados

esfregando toda a sua masculinidade na minha cara com esse peito largo desnudo e cheio de músculos. Pelo horário e a forma relaxada como está, não vai trabalhar hoje.

— Você tem o mesmo sinal em formato de coração da Maria, só que o dela é na nuca e a sua no peito. — Tomada pelo impulso contornei o local com a ponta do dedo indicador, sentindo a sua pele se arrepiar em reação ao meu toque.

— Foi a primeira coisa que vi quando a peguei em meus braços pela primeira vez, isso e a beleza que herdou da mãe, em especial os cabelos ruivos. — Sorri balançando a cabeça com cara de bobo apaixonado, pensando nela, a *“esposa perfeita”*.

— Fala logo o que tem para dizer, vou aproveitar que está de folga hoje e vou dar um pulinho em casa para buscar minhas coisas. Tudo bem?

Não consigo parar de tremer de nervoso, minhas pernas batem uma na outra debaixo da mesa.

— Está bem. Mas não vai sair daqui sem antes conversarmos direito.

Por que esse homem não tira esses benditos olhos azuis atraentes de cima de mim? Parece que vai me jogar sobre essa mesa e me comer viva. Acho que estou olhando para ele do mesmo jeito porque desvia o olhar coçando a nuca, todo desconcertado.

— Ok — resmungo a contragosto.

— Primeiro, obrigado por cuidar de mim — diz, se mostrando sincero, tão constrangido como eu com a situação. — Não me lembro de nenhuma outra pessoa fazer isso por mim além da minha mãe e da minha esposa. — O encaro com total desdém.

Não estou nem aí para ele.

— Não precisa agradecer, faria por qualquer outra pessoa, ainda mais pelo pai da minha filha — respondo seca, só quero sair correndo daqui o mais rápido possível. Para bem longe dele, não gosto de me sentir intimidada assim.

— Então você acordaria no meio da noite após um dia inteiro de trabalho arrumando essa casa enorme e iria até o quarto de “qualquer pessoa” para ver como ela estava? Daria remédio, permaneceria ao seu lado com medo que ela piorasse? Eu poderia ser um tarado, sabia? Sei lá, ter agarrado você... — Pela primeira vez o vejo fazendo uma piada, sem graça, mas fez.

Se bem que prefiro assim do que dando coices até no vento, penso revirando os olhos.

— Era só isso Delegado? — Uso da mesma ironia que ele.

— Não. E para de me chamar de Delegado o tempo todo, se soubesse o quanto me irrita, pararia com isso imediatamente e me chamaria pelo nome.

— Eu sei que te irrita, por isso que chamo. — Arqueio a sobrancelha iniciando um duelo de olhares, observo uma veia grossa crescendo em seu pescoço.

De raiva.

— Não me provoque, Marrenta. Estou tentando ter uma conversa madura com você, somos dois adultos, comporte-se como tal. — Ele cerra os dentes contraindo os músculos faciais, e se remexe na cadeira contendo a vontade de gritar comigo.

Ai dele se gritar, verá o Diabo em pessoa na sua frente.

— Já passou pela sua cabeça que talvez eu não goste que me chame de Marrenta?

— Desculpa, você não gosta?

— Gosto até demais, esse é o problema. — Dou um gole no meu café, morta de vergonha por minha língua jogar baixo comigo entregando os meus pontos fracos para o meu rival, assim, de mão beijada.

Minha resposta pega Ricardo no susto. Tanto que teve um ataque de tosse, leva o punho fechado à boca e vai ficando cada vez mais pálido e sem ar. Levanto às pressas e o socorro, seu rosto está totalmente vermelho, como se o sangue estivesse todo concentrado ali. Dou alguns tapas nas suas costas, depois massageio bem devagar sobre o mesmo lugar.

— Está melhorando? — Pergunto e ele anui, a respiração normalizando e a cor natural da sua pele voltando.

— Sim, gosto do som da sua voz. Ela me acalma. — E com essa declaração ele consegue me desarmar.

Melhor me sentar novamente ou irei de encontro ao chão já que o comando das minhas pernas me abandonou.

— Pensei que odiava tudo em mim. — Enrugo o nariz fungando várias

vezes. Viro o rosto para o outro lado e cruzo os braços sobre o peito, mas posso sentir seus olhos esfomeado sobre eles.

Inferno! Esse homem mexe demais comigo.

— Eu juro que tentei te odiar com todas as minhas forças, Júlia. Mas, depois do que houve hoje, juro que não sei de mais nada, estou confuso. — Ricardo, impaciente, desliza as mãos pela face com tanta força que as marcas dos seus dedos ficam nas maçãs do rosto.

— O que houve não importa, você teve um pesadelo, acordou desorientado e me confundiu com a sua mulher. Eu não deveria ter deixado que me beijasse, mas quando me chamou pelo nome dela com tanto amor fiquei com pena e...

— Não pareceu estar com pena de mim quando pulou em meus braços no banheiro agora a pouco, Júlia. — Puxa o canto da boca em um sorriso presunçoso, cínico. O que tem de lindo, tem o dobro de cretino.

É incrível como tudo nele me atrai, até mesmo a arrogância

— Admito que fui eu quem iniciou o beijo, mas não faz de mim nenhuma puta que sai por aí pulando no colo de qualquer um. Apenas sou decidida, e muito seletiva se quer saber, não fico fazendo rodeios quando desejo uma coisa. — As palavras saem voando da minha boca como uma rajada de tiros, tão furiosa que falta pouco para espumar no canto da boca.

Inquieta, ergo a perna apoiando o pé sobre a cadeira.

— Ótimo! Sinal de que não sou qualquer um para você. Deu para perceber que é decidida quando deseja uma coisa, pelos seus lábios inchados até agora acho que eu soube apreciar bem essa qualidade em você, “Marrenta” — diz a última palavra de forma arrastada ampliando ainda mais o sorriso presunçoso que ainda enfeita sua boca. Sinto que esse bendito beijo roubado vai me dar dor de cabeça pelo resto da vida.

— Onde pretende chegar com isso, Delegado?

— A lugar nenhum, mulher teimosa! Só quero deixar bem claro que amo a minha esposa e isso nunca vai mudar, ela era e sempre será a minha alma gêmea. — Coloco a mão sobre o coração e desvio o olhar, tentando sobreviver ao impacto que suas palavras me causam, é mais forte do que deveria ser. — Sou homem suficiente para assumir que te beijei ontem alucinado imaginando ser Andréia, mas quando você me roubou um beijo a meia hora atrás, sendo bem sincero, nem lembrei que fui casado um dia. — Gesticula as mãos no ar, pelo

menos é homem o suficiente para assumir sua parcela de culpa.

— Pelo menos agora não me sinto tão culpada, obrigada. — Coloco o cabelo atrás da orelha, mantendo a pose de durona com queixo elevado.

Seus olhos acompanham cada movimento meu, por menor que seja.

— Assumo minha parcela de culpa sim, Júlia. Mas, se depender de mim, isso não vai se repetir nunca mais. Errar é humano, continuar no erro é burrice. Vamos esquecer tudo como você disse a princípio, melhor, fingir que nunca aconteceu.

Juro que minha vontade é de levantar e meter a mão na cara dele. Veja se isso é coisa de se dizer depois de beijar uma mulher? Concordo que deveríamos esquecer, mas não vejo como um erro.

Está agindo como um moleque, dramatizando o que houve dando proporções maiores do que de fato é.

— Ah, então para você o nosso beijo foi um erro? — Questiono, sarcástica, segurando a alça da caneca sobre a mesa, com força. Se ousar confirmar o que disse, a caneca vai voar nele.

Ricardo pensa por um tempo me analisando de um jeito indecifrável. Levanta e enfia as mãos dentro do bolso da calça de moletom, passa por mim e caminha até a porta. Por um momento, penso que não responderá à minha pergunta, no entanto, ainda de costas, declara:

— O erro mais delicioso da minha vida e que, em outras circunstâncias, não pensaria muito em cometer mais vezes. — Meu coração sobressalta. Ele me deixa aqui e, simplesmente, vai embora.

Esse homem ainda vai acabar com a minha sanidade mental. Estico os braços para o alto sentindo o meu corpo todo anestesiado, levo um bom tempo para recuperar a razão. O meu corpo parece em chamas, um calor infernal.

Que homem louco. Intenso!

Capítulo 21

•

JÚLIA

Resolvi tirar Ricardo da minha cabeça e tratei de resolver o que realmente importava. Liguei para Dani perguntando se poderia me ajudar a trazer minhas coisas da casa do meu pai, como ela tem carro daria para trazer tudo o que vou precisar. Yudiana estava com ela no momento em que liguei e se ofereceu para ajudar na minha pequena “mudança” provisória para a casa do Delegado — espero que bem provisória mesmo. Como Maria ainda dormia na cama do pai e eu não queria pisar naquele quarto nunca mais, saí sem vê-la. Passei pela porta da frente e fui caminhando até a saída do condomínio. Não precisei olhar para trás para saber que Ricardo estava da janela me vendo partir. Apenas sei.

Senti.

Meia hora depois chego ao ponto de ônibus onde tínhamos marcado e logo o sedã branco da Dani aponta na curva. Um carrão, diga-se de passagem, presente de aniversário dos seus pais quando completou 18 anos. Todo mundo morre de inveja dela na faculdade por ser filha de um Juiz tão poderoso e rico, mas eu não, admiro muito o pai da minha amiga, mas não trocaria pelo meu paizinho pobre e simples nem em um milhão de anos. Amo o meu velho do jeitinho que ele é, exemplo de pessoa, pai e avô.

— Entra aí, amiga. — Yudi coloca a cabeça para fora na janela do banco do carona, com os cabelos lisos voando ao vento e o habitual sorriso radiante enfeitando o seu rosto já bonito por natureza.

— Tira a cabeça da janela sua louca, pode passar um carro e arrancá-la fora — Dani, superprotetora como sempre, se zanga com Yudi, a maluquinha da turma.

Entro no banco de trás rindo e pensando em como somos tão diferentes uma da outra, tanto na aparência quanto na personalidade, e mesmo assim nos amamos muito, feito irmãs de verdade.

— Obrigada por virem, meninas, amo vocês. — Agradeço, emocionada em vê-las.

— Quer levar dois tapas na cara para largar de ser boba, Júlia? Eu bato num

lado e a Dani no outro.

Se não conhecesse Yudi, pensaria que está falando muito sério. Levanta a mão para o alto balançando como se fosse pular no banco de trás e cumprir o que prometeu.

— Não sou adepta à violência como você, Yudi, mas nisso sou obrigada a concordar com ela, Ju. Pode parar de bobeira ou o tapa vai comer solto dentro desse carro. Nós somos suas amigas e pode gritar sempre que precisar que viremos correndo.

— Disse tudo, loira. — Batem as mãos em um cumprimento de duas molecas.

— Tem acontecido tanto coisa ruim, que quando acontece uma coisa boa a gente tem que agradecer. Muito obrigada mesmo pelo simples fato de existirem. — Não aguento e baixo a guarda, não porque sou fraca, mas sim porque tenho passado muito tempo sendo forte.

É muito bom estar vendo rostos conhecidos, ultimamente tenho me sentido como uma intrusa na casa do Ricardo, na vida dele.

Ocupando um lugar que não me pertence, principalmente depois do ocorrido de hoje.

As duas se entreolham e pulam para o banco de trás me envolvendo em um abraço duplo, fitando-me preocupadas. Me conhecem bem para saber que não sou o tipo que desmorona fácil.

— O que esse Delegado filho da mãe fez com você, amiga? Ah, mais se ele encostou um dedo em você eu acabo com a raça desse homem. — Explode Yudi com a voz elevada e o rosto em um tom avermelhado pela raiva iminente.

Essa faz jus à fama que as brasileiras têm, o sangue quente de quem não leva desaforo para casa, não mesmo.

— E eu vou xingar ele de um nome bem feio! Que raiva desse Ricardo Avilar. Pode ir contando o que ele aprontou contigo, *nêga*.

— E do que você vai xingá-lo, Dani? — Sorrio em meio às lágrimas, essa eu faço questão de ouvir. As bochechas dela coram muito, desde que a conheço, não me lembro de vê-la proferir um palavrão feio daqueles bem cabeludos.

Vinda de uma família tradicional, Daniela Flores Diniz é uma patricinha cheia de não me toques sem tirar nem pôr, mas com um coração de ouro e uma

humildade admirável.

— É mesmo, do que vai xingá-lo, loira? Essa eu pago para ver. — Yudi cruza os braços olhando para ela, segurando o riso.

— Eu vou colocar o dedo no meio da cara desse Delegado e dizer que é um grande filho da mãe, e que se fizer você chorar novamente vou arrancar o pênis dele fora. — Ela ergue dois dedos esticados bruscamente imitando uma tesoura, como se estivesse vivendo a cena de fato.

— Que bonitinho, Dani, acabou de dizer o seu primeiro palavrão acompanhado de uma ameaça de castração de um oficial da lei. — A gargalhada da Yudi inunda o carro, quase nos deixando surda.

— Se ele me fizer chorar novamente, eu mesmo castro esse homem!

Encho o peito de coragem limpando qualquer vestígio de lágrima que ainda passeia pelo meu rosto, nem morta que irei deixar outro homem destruir a minha autoestima novamente.

Não mesmo!

— Então somos três querendo arrancar o pinto desse cara com os dentes, porque não sei o que esse cara fez para fazer a minha amiga chorar, mas se fizer novamente, o Delegado pode dizer adeus ao pintinho dele. — Yudiana gesticula furiosa.

— Imaginem a cara do “*distinto*” Pastor Jackson ouvindo a filha dizer que vai arrancar o pinto de um cara com os dentes — comento, rindo.

E nós rimos imaginando a cena... E rimos, e rimos até a barriga doer.

Durante o trajeto até a minha casa conto a elas tudo o que houve desde o primeiro encontro com Ricardo no Morro do Alemão, onde mesmo sem ver o seu rosto e sequer imaginar ser o pai da minha filha, me senti extremamente atraída por seus lindos olhos azuis que pareciam ter o poder de me hipnotizar. Ficaram animadinhas na parte da *pegação* na cama enquanto ele delirava pensando que eu fosse a sua esposa. Suspiraram achando romântico a parte em que fiz a barba dele no banheiro e quase transamos. Ainda bem que não aconteceu, ou a minha tristeza seria maior agora por ter sido usada como uma boneca para sua tensão sexual.

Eu gosto de sexo sem compromisso, mas não desse jeito.

— E esse cretino pelo menos tem pegada?

— Sabia que você ia perguntar isso, Yudi. — Reviro os olhos e disfarço, observando a paisagem lá fora com a mão no queixo, entretida com o fluxo de carros que passa por nós na rua.

— Você não respondeu à pergunta dela, Ju.

Bufo, elas não irão me deixar em paz até que conte tudo sobre o maldito beijo.

Duas fofoqueiras, isso sim.

— Eu nunca fiquei com um homem tão gostoso em minha vida. Lindo e atraente. E tem pegada sim, e como! As marcas dos seus dedos apertando a minha bunda devem estar aqui até agora, querem que eu mostre? — Finjo estar abrindo o botão da minha calça.

— Não precisamos de provas, amiga, acreditamos na sua palavra. — Dani sai fora rapidamente, e eu rio.

Estar com elas não resolve os problemas, mas deixa tudo mais fácil.

— E ele é gato?

— Dani... — Meu tom é de alerta.

— Responde logo, Júlia, cacete!

— Olha a boca, Yudi. — Dou um tapa no topo da sua cabeça por cima do banco, ela resmunga um palavrão maior ainda. — E só para aumentar o fogo de vocês, o Delegado é um gato, na minha humilde opinião, mil vezes mais que o gostosão do Juiz Thompson. Pronto falei — concluo.

Pelo retrovisor observo a careta que Yudiana faz.

— Isso é impossível, amiga. A beleza do Juiz Thompson é fora de série, chega a ser ridícula de tão absurda. — Ela solta junto de uma boa lufada de ar, percebendo que pensou alto demais tapa a boca, mas já é tarde demais.

— Hummm... É mesmo, amiga? E como foi a carona que o Juiz te deu para casa? — Provoco como uma diabinha, cutucando seu banco por trás com um garfo imaginário e pagando suas implicações com o Delegado na mesma moeda.

— Não quero falar sobre esse homem grosso, odeio esse Juiz — resmunga.

— Opa! Pelo nível de raiva no seu tom, acho que aquele dia da carona rolou alguma coisa entre vocês no carro que eu não estou sabendo. Conte tudo sobre o

Delegado, agora é a sua vez Yudi, pode ir abrindo o bico.

— O Juiz não quis ir no mesmo carro que eu, Júlia. Entrei por uma porta e ele saiu por outra, foi no veículo de um dos seguranças até chegar ao meu apartamento e não baixou o vidro nem para me deixar agradecer a bendita carona. Acho que pensa que não sou digna da sua ilustre presença, cretino arrogante.

O Juiz Thompson é sempre tão gentil e educado, não entendo porque agiu assim. Devia estar com algum problema naquele dia, por isso estava tão estranho.

— Eu acho que vai ser mais um homem da lei sem pinto, porque sendo meu chefe ou não, se esse Juiz aprontar com a minha amiga, novamente, vai terminar castrado. — Dani rosna batendo a mão no volante e, sem querer, fazendo a buzina tocar assustando um cara que passa pela faixa de pedestres no sinal vermelho.

Rimos muito e o coitado não entende nada. Ligamos o rádio e fazemos o resto do caminho cantarolando em inglês a música da Beyonce “*Irreplaceable*” que toca. Sabemos falar inglês, por causa da nossa faculdade de direito tivemos que aprender na marra, ajuda muito no mercado.



“Você não deve saber nada sobre mim

Você não deve saber nada sobre mim

Eu poderia arrumar outro muito

Melhor que você num minuto

Na verdade, ele estará aqui num segundo,

Baby...

Então, você, nem por um segundo, pense

Que você é insubstituível. ”



Assim que chegamos à minha casa, deixo as meninas arrumando minhas malas. Sim, malas! Dani fez questão de trazer as delas que usa para viajar,

segundo ela, teria mais espaço para organizar melhor as minhas coisas. Vou à rua de cima onde sei que o meu pai pegou um serviço, mas pedi para Yudi ficar de olho na senhorita Daniela ou a louca será capaz de colocar a casa inteira dentro da mala para ter certeza de que não me faltará nada durante a minha estadia na casa do Cavalo.

Corto caminho pelos becos para chegar mais rápido, preciso voltar logo. Estou preocupada se Maria acordou bem sem me ver ao seu lado. Resolvo ligar para a dona Célia e pedir que ligue para o filho, procurando saber como estão as coisas por lá, porque eu jamais farei isso nem se tivesse o número do Ricardo gravado no meu celular. Adiarei ao máximo ouvir sua voz grossa que me faz ter calafrios pelo corpo.

Certa disso, enfio a mão no bolso e pego o celular. Azarada como sou, deixo o danado cair no chão. Xingo um palavrão bem alto enquanto vou ao seu socorro.

— Droga!

Resmungo trincando os dentes de raiva ao ver a tela quebrada, com um trinco de cima a baixo pegando toda a extensão do aparelho e se espalhando para a borda com o desenho de uma árvore com os galhos secos.

Mesmo assim, está ligando normalmente, o que já é uma grande coisa devido ao estado caótico em que se encontra. Relaxo os ombros, pensando que não tenho a mínima condição de comprar outro celular agora. Procuro pelo número da dona Célia — ela o deixou grudado na geladeira antes de viajar — e ligo. Ela atende rápido com a alegria de sempre, gosto tanto dela que já a amo como uma mãe.

— Olá, Julinha, como você está, querida? E a minha neta e o turrão do meu filho? A sua família como vai? — Sorrio, não sabendo a qual das perguntas responder primeiro.

— Eu e a minha família estamos bem, obrigada. O seu filho e a neta estavam ótimos até o momento em que saí de casa e...

Ela me interrompe com um grito altíssimo.

— Como assim saiu de casa, Júlia? O que aconteceu? Não precisa dizer, vou voltar para o Rio agora mesmo e chutar a bunda do idiota do meu filho por colocar o meu plano todo por água abaixo — diz aos berros.

— Plano? — Franco a testa.

— Não mude de assunto, mocinha. O que Ricardo fez para você ir embora tão rápido? Espero que não tenha te maltratado, nunca o vi ser grosso com uma mulher antes. Tinha que ver como era amável com a falecida esposa, era Deus no céu e ela na terra.

Respiro fundo, sem paciência, não aguento mais ouvir falar em como Ricardo a amava e era um príncipe encantando para ela.

Oh Deus! O que está acontecendo comigo? Por que ouvir falar da falecida mulher do Ricardo desestabiliza o meu emocional que já não é dos melhores? Tipo aquela dorzinha chata no coração que fica quietinha, mas quando tocada, aumenta bruscamente.

— Eu imagino perfeitamente como ele era amoroso com a esposa, Dona Célia, pode acreditar.

Na verdade, em um momento de delírio do seu filho ontem à noite, pude sentir como é ser tão amada com a sua nora foi. E sabe qual o pior disso tudo? Eu gostei da sensação mais do que deveria. Acho que por isso fiquei tão nervosa com Ricardo, completo mentalmente.

— Você ainda está aí, filha?

— Sim, senhora — suspiro baixinho quase sem forças. — Não aconteceu nada, dona Célia. Apenas deixei a sua neta dormindo com o pai dela enquanto vinha em casa buscar as minhas coisas que vou precisar durante a minha estadia morando com vocês — explico.

— Graças a Deus, filha — suspira aliviada, por um momento pensei que fosse chorar de alegria. — O jogo mal começou, querida, tem *muita* água para rolar debaixo da ponte.

— Jogo? — Indago, mesmo sabendo exatamente do que está falando.

Velha trapaceira.

— O de sedução entre você e o meu menino, Júlia. O que mais seria? — Solta mais uma das suas pérolas, na cara dura.

E gargalho tão alto da sua naturalidade em falar isso que chama a atenção do meu pai de onde está trabalhando a alguns metros à minha frente. Fiquei tão entretida na conversa com ela que nem percebi que já estou chegando ao local da obra do puxadinho.

Meu pai solta o tijolo que está em suas mãos assim que me vê, limpa as

mãos na calça e sua boca vai se curvando num sorriso saudoso de quase dois dias sem ver a filha. Correspondo acenando e jogando um beijo em sua direção, ele agarra no ar e o guarda no bolso como faz comigo desde que era pequena.

— Primeiramente, desejo melhoras para sua irmã, espero que fique boa logo para que a senhora volte para nós, porque estamos mortos de saudades da sua presença contagiante para alegrar nosso dia. Eu só liguei para pedir para senhora entrar em contato com Ricardo e saber se a sua neta acordou bem sem me ver ao seu lado. Se não for incomodar, gostaria que ligasse para mim de volta para me dar notícias, senão não vou conseguir ficar um segundo tranquila — concluo, louca para correr e pular nos braços do meu pai, para mim é o melhor lugar do mundo.

— Claro que posso, querida. Obrigada pelo carinho comigo e a minha irmã. Fico feliz que além de acharmos a nossa neta, termos ganhado algo tão valioso como você de brinde. — Ela parece emocionada, chorando, na verdade. — Retorno daqui a uns dez minutos com notícias da Maria, também estou com saudades de vocês, da minha família querida, querendo ou não, você faz parte dela, Júlia. Beijos. — Desliga antes que eu possa responder qualquer coisa.

— Filha, que bom te ver. Parece que tem um ano que saiu de casa. — A voz do meu velho aquece meu coração, eu o amo demais.

— Para mim parece um milhão de anos, uma eternidade para ser sincera. — Dramatizo pulando em seus braços, ele os aperta em volta de mim o máximo que pode.

— O que houve, Júlia? Não estão tratando você bem na casa do pai da minha neta? Sabia que essa loucura de acordo não daria certo, não quero nem saber, vou lá agora mesmo resolver esse assunto de homem para homem, já passou da hora de colocar o Delegado no lugar dele. — A sua boca se contorce mostrando os caninos como um cão raivoso.

— Estão me tratando bem, papai, só vim buscar as minhas coisas. Só queria que tudo voltasse a ser como era antes. Quando éramos apenas eu, o senhor, meu irmão e a nossa menina — descanso a cabeça em seu peito e fecho os olhos, aos poucos, meu coração vai se acalmando mandando a dor embora.

— Eu também, filha, nada me deixaria mais feliz. Domingo é meu aniversário, sabe? Sempre saio com a minha neta para tomar um sorvete gigante em comemoração porque assim como você e o seu irmão, é o melhor presente que a vida poderia me dar. Mas e agora? Nem sei quando vou poder ver Maria

Lara novamente. — Pigarreia.

Dói muito ver o meu pai nesse estado. Sair no seu aniversário com a neta para se empanturrarem de sorvete devorando uma barca inteira com vários sabores, só os dois, é um ritual que começou desde que ela tinha dois aninhos. Ela sempre foi a menina dos seus olhos, o seu amuleto da sorte, como sempre diz.

— Não prometo conseguir autorização para sair com a Maria Lara no aniversário do senhor no domingo, pai, mas prometo fazer o impossível para que consiga vê-la mesmo que seja de longe. — Não sei como conseguirei isso, mas darei o meu jeito.

— Desde que isso não traga problemas para você, filha, nada me deixaria mais feliz do que poder ver minha neta mesmo que seja de longe.

— Enquanto isso não acontece, acho que o senhor vai gostar de uma coisa que a sua netinha fez para o vovozinho amado dela, com todo amor desse mundo.

Coloco o vídeo que a neta fez ontem à tarde para rodar no meu celular, Maria gravou uns quarenta, mas escolho o que achei mais bonitinho. Se é que isso é possível, já que todos ficaram um amorzinho. Tudo o que a minha filha faz ou diz é um amorzinho, assim como ela, até mesmo dormindo, não tem como não se apaixonar.

— Ah, Júlia, assim o meu coração não aguenta, filha.

— Pena que acabei de detonar a tela do celular, mesmo assim dá para ver direitinho. — Entrego o aparelho a ele. Meu pai o segura com a mão trêmula e os olhos molhados quando vê a neta toda linda de pijaminha.

Ficamos em silêncio para ouvir melhor a sua vozinha doce e amorosa, feliz da vida como se estivesse falando com o avô ao vivo.

— Oi, vôzinho, quando vai vir me ver? Bem que o senhor e o tio Binho poderiam vir morar aqui também, a casa é grande e muito bonita. Agora eu tenho um cachorro lindo, o nome dele é Adônis — explica enquanto pula eufórica igual a um canguru. — Agora eu tenho um papai, sabia? Mas não precisa ficar com ciúme, vovô, eu não gosto muito dele, só do senhor e do meu tio Binho e da minha mamãe. Hummmm... quer dizer, vai ficar bravo se eu gostar só um pouquinho da vovó Célia? — Junta o dedinho polegar com o indicador deixando um pequenino espaço entre eles para demonstrar que poderia

ter quantos avós fosse, mas ele seria sempre o preferido.

— Fico feliz que tenha uma avó, querida, você merece ser muito amada pelo máximo de pessoas possível. — Meu pai alisa a tela quebrada do celular em cima do rostinho da Maria, escorregando um sorriso de seus lábios junto de algumas lágrimas discretas.

— Escuta, pai, agora vem a melhor parte. — Agarro o seu braço, apoiando cabeça nele para me preparar para tanta doçura que está por vir.

— *Sabe, vôzinho? Todos os dias antes de dormir eu rezo pedindo ao papai do céu para cuidar do senhor para mim, não é seguro ficar andando por aí sem o seu amuleto da sorte.* — Ela faz biquinho com vontade de chorar, mas respira fundo piscando várias vezes para conter as lágrimas. — *A não ser que o senhor arranje outra menina dos seus olhos e esqueça de mim. A minha amiga Clara que mora aí na nossa rua disse que gostaria de ter um vovô bonzinho igual ao meu. Mas eu não quero que seja avô dela porque já tem a sua netinha e não precisa de outra, só falta essa menina chata querer ser a princesa do tio Binho também.* — Cruza os braços, emburrada e faz um bico enorme, meu pai ri da neta ciumenta que tem. Depois de permanecer calada por alguns segundos, enfim volta a sorrir.

“Agora eu preciso ir porque o meu cachorro, o Adônis, lembra? Está me esperando para brincar no meu quarto. Eu te amo muito, vôzinho, não esquece de mim, nunca, porque que eu não vou esquecer do senhor porque te guardo, guardadinho bem aqui, no meu coraçãozinho. Então não me troca pela Clara, te amo muito.” Coloca a mãozinha sobre peito. E, assim como quando estava gravando, choro muito com a cena.

— Não importa o que acontecer ou do que nos acusem, Júlia, também não me importo se não conseguirmos recuperar o dinheiro da fiança. Tudo valeu a pena. Porque, como já te disse várias vezes, essa menina sempre será a melhor coisa que aconteceu na nossa vida, um presente de Deus. — Meu pai me abraça com o coração derretido de puro amor pela neta.

— Com certeza, pai. — Sorrio, é muito bom ouvir isso do meu pai.

Conversarmos mais um pouco sobre a nossa menina e o Binho, estou morta de saudades do meu irmão. Na volta para a casa do Ricardo, pedirei à Dani para passar rapidinho no restaurante onde ele trabalha só para dar um abraço nele. Despeço-me do meu pai, que volta ao trabalho, e pego o caminho de volta para casa. Levo um susto quando o celular começa a vibrar na minha mão, atendo

sem ao menos verificar o visor, sabendo que é a Dona Célia.

— Alô, dona Célia, tem notícia da minha filha?

— “*Nossa filha*” está muito bem, Júlia. Chorou um pouco quando acordou e não te achou em nenhuma parte da casa, perdi a conta de quantas vezes perguntou quando vai chegar. — Meu coração para de bater! É o Ricardo com o seu típico tom rude, firme e direto. Então quer dizer que agora passou a ser nossa filha? Interessante. — Mas conversei com ela, expliquei que saiu para buscar suas coisas e voltará em breve, agora está brincando com Adônis do quintal. — A linha fica muda e continua assim por alguns segundos até eu pensar em algo inteligente para dizer que não seja:

“*Quero te beijar de novo.*”

— Obrigada por ligar. — É a única coisa que sai.

— Por que não ligou para mim em vez de pedir socorro para a minha mãe? E não me venha dizer que não tem o meu número, porque também o deixei colado na geladeira e não foi só para enfeite. — Explode com a respiração ofegante.

— É, eu vi. Mas não fiz questão de anotar e ainda não faço. — Ele começa a bufar. Não me altero, não tenho medo dele.

— Não me irrita, Júlia! Quer saber? Pode passar o dia por aí se quiser, é até bom que eu possa ficar um tempo sozinho com a “*minha filha*” como nos velhos tempos quando era só eu e ela, sem ninguém para atrapalhar — não respondo nada, simplesmente desligo na cara dele porque sou dessas.



Quando chego à casa do meu pai, basta Yudi e Dani olharem para o meu rosto para perceberem que alguma coisa tinha acontecido. Dessa vez não choro, fico é roxa de raiva desse homem arrogante dos infernos. Não quero ver a cara dele tão cedo, é até bom passar o dia fora de casa ou serei capaz de matá-lo. A parte ruim é que não quero passar tanto tempo longe da minha filha, mas, no estado de nervos em que estou, é melhor ficar afastada de tudo isso por um tempo ou vou enlouquecer e acabar cometendo um homicídio.

— Bem que você falou que esse cara é um cavalão, Júlia. Está pedindo para ter o pinto arrancado fora. Quem esse imbecil pensa que é para falar assim com você? Te dispensou como se não fosse nada — esbraveja Yudi enquanto arrasta

uma das malas pela rua até chegar ao local onde o carro está estacionado.

Estou ajudando a Dani a carregar a maior. Como imaginei, ela colocou tudo da casa dentro delas. A metade é só de livros da faculdade, faltam apenas dois meses para nos formarmos. Tenho que estudar e passar nas benditas provas finais para recuperar minhas últimas faltas, e ainda tenho que terminar de fazer o bendito TCC para apresentar na frente da turma toda. Ainda bem que cada aluno tem um professor como orientador no trabalho, João Pedro se ofereceu para ser o meu e eu, é claro, aceitei.

— Que morena gostosa, precisa de ajuda aí? — Dois rapazes passam por nós, ignorando totalmente a minha presença e da Dani, e mexem com Yudi que está deslumbrante dentro de um short jeans claro curto e uma camiseta branca mostrando a metade da barriga.

— Vai se ferrar, idiotas — mostra o dedo do meio para eles.

— Olha os modos, senhorita Yudiana, uma dama não faz esse tipo de gesto obsceno.

— Não enche o saco, Dani — mostra o dedo do meio para ela também, fazendo a pele extremamente branca de Daniela corar devido ao, na opinião rigorosa dela, ato obsceno em público.

— Se você fosse minha filha, lavaria essa sua boca suja com sabão. — Dani para de andar e a encara.

— Se eu fosse sua filha, não sairia nem na esquina com você dentro desse vestido azul de Maria mijona tampando até o joelho.

— Pegou pesado, Yudi, a partir de hoje nunca mais falo com você.

— Um favor que me faz, não suporto mais ouvir essa voz fina de taquara rachada, branquela azeda. — Ela leva as mãos à cintura e balança o pescoço de um lado para o outro.

— Vocês têm alguma coisa para fazer hoje, meninas? — Indago enquanto abro o porta-malas do carro, intencionada a apartar a briga.

— Hoje é minha folga do estágio no escritório, trabalho só à noite fazendo show no clube de luxo. Se Deus quiser, depois que me formar em direito, paro com essa minha vida dupla trabalhando em dois empregos de uma vez. — Yudi sempre tenta esconder a tristeza que existe em seus olhos com um belo sorriso, mas nessa hora não tem jeito, a tristeza está explícita.

Pelo que sei, ela começou a dançar nesse clube de luxo quando ainda era menor de idade, na época que o pai a expulsou de casa. Morou alguns meses na casa da avó, mas o pastor descobriu, foi lá pessoalmente e a jogou na rua a pontapés, disse que ali era o lugar onde mulheres como ela tinham que ficar.

Morou um bom tempo nas ruas, até encontrar um tal de Joe que não deixou que a beleza de Yudi passasse despercebido e ofereceu emprego no clube como dançarina e que se estivesse disposta a algum trabalhinho “extra” depois do show, poderia ganhar dez vezes mais. Porém, ela não quis ser nada mais além que dançarina. Joe respeitou sua decisão, ensinou tudo o que ela sabe hoje sobre esse meio e a protege de todo mal que ele oferece como se fosse uma espécie de irmão mais velho e protetor.

— Como vocês sabem, estagio no escritório de advocacia do meu tio, eu ia hoje à tarde, mas se tiver outro compromisso importante como passar o dia todo com as minhas melhores amigas, ligo avisando que houve um imprevisto e não poderei comparecer. — Dani é santinha, mas nem tanto. Quando precisa, é esperta como uma raposa.

— Que tal pegar a praia de Ipanema? Com esse tempo meio fechado não deve ter muita gente, a água deve estar gelada, mas com o sangue quente como estou não me importo nem um pouquinho, vai ser até bom para acalmar os ânimos.

— Boooraaa, mulherada! — Yudi nunca diz não a um convite de passeio. — Vamos passar no meu apartamento para pegar biquínis para mim e a Dani.

— Podemos passar no restaurante onde o seu irmão trabalha para almoçar, tudo por minha conta, meninas, e de lá vamos à praia.

— Ficaria feliz com o convite se não tivesse feito só como desculpa para ver o Binho, acho que está a fim do meu irmão já faz um tempinho — mostro a língua para a Dani, e ela, como sempre, fica vermelha.

— Sem graça. — Enruga o nariz fazendo biquinho, mas ri quando recebe um tapa na bunda, da implicante Yudiana.



Almoçamos no restaurante que o meu irmão trabalha como o planejado e matei um pouco da saudade que estava dele. Abracei e beijei o Binho enquanto eu pude, deixei o seu uniforme todo amassado, tadinho. Depois fomos à praia, colocamos biquíni dentro do carro mesmo. Até que a água não estava tão fria

quanto pensei e o sol apareceu timidamente esquentando um pouco o tempo. Contudo, a cada minuto o meu pensamento estava na Maria e em como estaria naquele momento, tomara que o pai esteja cuidando dela direitinho.

Pensei em ligar várias vezes, porém, a Dani e Yudi, me proibiram. Disseram que se o Ricardo havia me liberado durante o dia todo, que se virasse sozinho com toda a sua arrogância para cuidar da filha. Tomaram o meu celular e desligaram para que não caísse na tentação. Concordei, mas ainda continuava tensa e preocupada. Depois de aproveitar bem o mar, deitamos na areia para tomar sol.

— Hummm... Olha quem está chegando. — A voz da Dani me desperta do breve cochilo que dei. Ela está deitada entre mim e a Yudi.

Ao abrir os olhos, deparo com a imagem do João Pedro caminhando em nossa direção, só de sunga vermelha e óculos escuros. Passa a mão pelo cabelo, todo cheio de charme, lindo demais.

Isso está me cheirando a armação das minhas amiguinhas.

— Bora dar um mergulho, Dani? Acho que vamos sobrar aqui, corre que o prof. gato está chegando.

— Só se for agora, *nêga*. — Dani pega na mão da sua cúmplice e se entreolham cheia de sorrisinhos, minha vontade é de matar as duas.

— Por favor, não me deixem sozinha com ele. — Imploro, morta de vergonha de ficar sozinha com João Pedro, no estado carente que me encontro, não é boa ideia.

Principalmente fora da faculdade, em um momento de lazer como esse, o fato de ser meu professor não parece ter tanto peso.

— Tchau, Ju, aproveita o papo com o JP. Eu disse que a carona do Juiz teria troco, beijo no ombro, gata. — Recebo uma piscadela da Yudi, depois as duas correm em direção ao mar morrendo de rir da minha expressão de desespero.

Sinceramente, depois do dia que tive, não sei se rio ou se choro.

— Bem que acordei com a sensação de que hoje ia ser meu dia de sorte, pelo visto, estava certo. — João Pedro tira os óculos escuros para fazer uma análise minuciosa no meu corpo deitado na areia, começando nos pés até chegar ao meu rosto onde um sorriso sem graça se faz presente.

Não gosto do seu jeito dado demais, nasci com instinto de caçadora, não

para ser a caça. Por isso acredito que *eu e ele* nunca irá rolar.

— Olá, João Pedro, que surpresa encontrar você por aqui. — Forço um sorriso enquanto protejo meus olhos dos raios de sol com a mão, para vê-lo melhor.

— Vim correndo para te ver quando suas amigas colocaram uma foto desse mar lindo no grupo dos alunos no *WhatsApp* e disseram que as três estavam curtindo esse sol vistoso. Chamei Yudiana no privado e perguntei em que praia estavam — explica enquanto se senta ao meu lado, perto demais. Seu joelho tocando propositalmente na minha coxa e me afasto na mesma hora. — Sinto sua falta na faculdade, agora que não tem mais problema com a justiça, quando pretende voltar às aulas? — Pergunta com as sobrancelhas grossas franzidas, reforçando os traços fortes do seu rosto.

JP tem uma boca bonita, em um tom rosado e bem delineada. É um homem atraente, isso não tenho como negar.

— Ainda não sei quando volto para faculdade, Maria ainda está estranhando muito a casa nova. — O desgosto com a minha resposta fica evidente. Ele coloca os óculos escuros de volta, desviando o olhar para o mar onde Yudiana e Dani pulam ondas como duas crianças.

Depois Yudiana vai me pagar! Ela não devia ter dito para João Pedro em que praia estamos. Deveria ter ignorado sua mensagem, deixado para responder em casa dando a desculpa que não visualizou. Mas, como queria me dar o troco pela carona do Juiz, aproveitou a oportunidade. A danada não deixa nada barato, está mais que certa, eu sou do mesmo jeito. Tem que ser assim ou o mundo samba na cara da gente.

— Não confio nesse Delegado, ele é um homem poderoso e não gosta de você. — Cerra os punhos, aparentemente irritado.

— Eu sei me cuidar, não se preocupe. — Fecho os olhos suspirando bem fundo, sentindo o calor do sol aquecendo minha pele. Só quero aproveitar meu tempo livre, sem ao menos lembrar que Ricardo existe.

— Ele não está dando em cima de você, está? Hummm... é que uma mulher tão bonita e sensual como você morando debaixo do mesmo teto que ele, pode ser perigoso.

Sento em um rompante, batendo a areia grudada na minha pele.

Seus olhos gulosos acompanham os movimentos dos meus seios, cruza os

braços cobrindo-os. Ele percebe o meu incômodo com sua falta de tato ao admirar meus dotes físicos e cora, as bochechas ficam rosadas enquanto passa as mãos pelo cabelo puxando-os para trás todo sem jeito, mas logo o vento os joga sobre o rosto novamente.

— Se você não se importar, não quero falar desse homem. Como eu disse, sei me defender muito bem e não preciso de nenhum príncipe vindo em um cavalo branco para me defender. — Ele sorri torto, cheio de charme. — Sei que como meu professor e *amigo*, é normal se preocupar comigo. Porém, sou osso duro de roer, também não vou muito com a cara desse Delegado, mas ele é o pai da minha filha, então sou obrigada a aturá-lo. Mas no meu tempo livre, serei muito grata se não falarmos dele.

Tento ser o mais gentil possível, tanto nas palavras quanto no sorriso ao final delas, mas mandando meu recado às claras. Lembrando o fato de que somos professor e aluna e não quero problemas na faculdade, lutei demais para conseguir minha bolsa e já basta o incidente da acusação de sequestro que quase me fez perdê-la.

— Sim, senhora capitã. — Bate continência como um soldado fiel. — Que tal falarmos então do jantar que está me devendo, tenho boa memória.

Reviro os olhos, ele não desiste nunca.

Nunca entendi esse seu fascínio por mim, sempre foi assim. Eu estou longe de ser a garota mais interessante da sala e nunca dei motivos para chamar sua atenção. Lindo e bem-sucedido do jeito que é, as meninas da faculdade caem matando em cima dele, mas nunca deu bola. Vai entender.

— Depois falamos sobre isso, já passou da hora de entrar nesse mar lindo. — Encho a mão de areia, jogo nele e saio correndo em direção às meninas, é a primeira vez que me divirto de verdade durante esses últimos dias.

— Tem medo de morrer não, mulher? — Ele vem correndo atrás de mim e pula no mar também, nós quatro brincamos de guerra d'água.

A brincadeira foi tão divertida, que nem vimos o tempo passar.

Quando saímos do mar, obrigo Yudiana a me entregar meu celular. Tenho que ligar para o demônio do Ricardo para saber como minha filha está, prefiro engolir o orgulho do que ficar sem notícias da minha pequena. No entanto, a porcaria do meu celular simplesmente não liga mais e eu não sei o número do dele de cor para pedir emprestado o de uma das minhas amigas. Minha única

alternativa é me conformar e esperar chegar em casa.

Capítulo 22



RICARDO

— Que horas a minha mamãe vai chegar?

Sofia faz a mesma pergunta pela milionésima vez no seu doce tom de criança inocente, enquanto pinta as unhas do Adônis com o esmalte rosa que veio em um kit de maquiagem infantil que minha mãe comprou para a nossa ruivinha. O pobre cão, assim como eu, está totalmente à mercê da vontade da minha filha, ambos esparramados no sofá da sala. Desde que ela acordou que não tenho feito outra coisa além de mimá-la, dando tudo o que me pede e mais um pouco e, mesmo assim, quer a “*mamãe*” a todo custo.

Não consigo entender essa ligação estranha entre as duas, não tem espaço para mais ninguém. Tenho me esforçado para nos reaproximarmos, simplesmente não consigo dizer “não” à minha filha. Sou o verdadeiro pai bobão babando em cima da cria. Brincamos de várias coisas, apesar de, às vezes, dar mais atenção para Adônis do que para mim, e pergunta o tempo todo quando Júlia irá chegar.

Mas Sofia não é boba e sabe que a estou enrolando sempre com a mesma resposta:

— Daqui a pouco ela chega, docinho. — Contorço a boca em um sorriso forçado afagando seus cabelos ruivos soltos de forma avulsa sobre as costas do sofá, acordou desse jeito e não autorizou que eu o penteasse.

Segundo Sofia, só a sua “mamãe” pode mexer nos seus cabelos. Contou que um dia na escola, um menino malvado bateu nela e encheu o seu cabelo de terra, pelo que entendi a “mãe” ficou furiosa quando foi buscá-la e fez um escândalo com a diretora e a professora. Não satisfeita, foi na casa dos pais da criança e fez um escândalo maior ainda ameaçando a família dele toda para que não voltasse a chegar perto da menina novamente. Eu achei ótima a atitude da Júlia, adorável, na verdade.

Adorei a forma como defendeu Sofia, ponto para a Marrenta!

— Mas o senhor já disse isso várias vezes, papai. Eu quero a mamãe agora, não daqui a pouquinho. — Ela faz beicinho dando indícios do choro, os olhinhos

molhados é a prova que ele está perto de chegar com tudo.

Apresso-me em pegá-la no colo pensando em um jeito de contornar a situação. Tenho que aproveitar o máximo de tempo a sós com a minha ruivinha para conseguir me aproximar dela do meu jeito sem ter que competir a atenção da menina com Júlia. Até porque sei que perderei feio, não tenho a mínima chance com ela por perto.

— Nossa que esmalte bonito, por que não pinta as unhas do papai também?
— O rosto dela se ilumina na mesma hora com um sorriso travesso, linda como um ser celestial.

A que ponto um pai não é capaz de chegar para ver a filha dar um sorriso, meu Deus, a que ponto...

— Posso arrumar o seu cabelo e te maquiar também, papai?

— Claro, filha! Quero o trabalho completo senão o papai não irá pagar pelo seu trabalho depois. — Ela fica boquiaberta examinando o meu rosto com os olhinhos semicerrados, desconfiada, igual ao jeito da Júlia me olhar quando pensa que não estou vendo.

Sofia é a cópia da mãe biológica, porém, apenas fisicamente. Os seus trejeitos são da Júlia, até os mínimos movimentos. Principalmente a forma quando sorri baixando o olhar, tímida, passando a mão no cabelo, quando tem coragem de olhar para mim morde o lábio de leve corando as bochechas e abre um sorriso. E que sorriso! Capaz de tirar de mim o que quiser num estalar de dedos, parece até coisa de louco, mas é verdade. Eu gosto de reparar as duas juntas, querendo ou não admitir, é algo que me toca tanto que poderia passar o dia todo as observando.

— Vai me pagar com dinheiro de verdade?

— Vou sim, Sofia, poderá comprar o que quiser com ele. — Tiro a carteira do bolso e de dentro dela uma nota de cem reais, penso melhor e pego outra do mesmo valor e entrego a ela. Vai que goste de alguma coisa mais cara, melhor prevenir.

— Ebaaaaa! Vou dar para o meu vovô guardar para ajudar a pagar os meus estudos, ele vai ficar tão feliz. — Enrola as notas e guarda dentro do bolso do seu vestido, sai saltitante para pegar sua maletinha de maquiagem no chão.

— Como assim entregar o dinheiro para o seu “avô” guardar para os seus estudos, filha? — Indago curioso em saber mais sobre o assunto.

— Meu vôzinho sempre diz que não podemos ficar esbanjado dinheiro com besteiras, porque estudar custa caro e ele quer que eu seja alguém na vida — explica, igual gente grande.

Fico encucado com o que disse, será que essa gente realmente se preocupava com o futuro dela? Ou inventava desculpas para não gastar dinheiro com a menina? Sei lá, essa história está muito estranha. Tento fazer mais perguntas em relação ao assunto, mas a minha ruivinha está entretida demais me maquiando.

Sento no chão para facilitar o seu trabalho. Fico observando-a ficar nas pontas dos pés para passar o batom roxo nos meus lábios, seu vestidinho amarelo, que escolheu e vestiu sozinha, balança de um lado para o outro conforme se movimenta. Não me canso de repetir como minha filha é linda, os olhos azuis mais belos que já vi na vida. Tão doce, sensível e gentil. Quando crescer, vai encantar corações, assim como a sua mãe encantou o meu desde o primeiro dia que a vi, foi amor à primeira vista. Desde então, não nos separamos mais. Se a vida não tivesse sido tão injusta conosco, estaríamos juntos até hoje e felizes ao lado da nossa princesinha.

— Posso fazer uma pergunta, papai?

— Claro, docinho.

— Se eu sou a Maricota da mamãe, o amuleto da sorte do vovô e a princesa do tio Binho. O que eu sou do senhor? — Quase grito, ela quer que eu escolha um apelido só meu para chamá-la.

Meu coração explode de tanta alegria, esse é o primeiro sinal de que minha filha está começando a me aceitar em sua vida.

— Você sempre será a ruivinha do papai, filha. — Fico emocionado ao lembrar que sempre a chamava assim quando era apenas um bebezinho recém-nascido, tão pequena que cabia na palma da minha mão.

— A ruivinha do papai. — Repete batendo o dedo indicador sobre os lábios, como se estivesse testando o som da frase na sua vozinha. — Eu gostei muito, aprovado — conclui.

E eu? Sorrio... sorrio e sorrio.

Conversamos sobre várias coisas enquanto ela me maquia, é tão inteligente e divertida. A cada dez palavras que fala, nove são sobre a mãe. Não importa o assunto, sempre dá um jeito de enfiar Júlia no meio.

— Terminei, papai. Nossa, o senhor ficou tão bonito, quer ver? — Tenho até medo de olhar, mas, antes que me dê conta, minha menina aparece com um espelhinho que tirou não sei de onde e me entrega toda sorridente

— Eu não gostei, querida. Amei! — Seu sorriso se amplia.

Se algum dos homens da minha equipe me visse agora eu seria motivo de chacota dentro da corporação pelo resto da minha vida. Merda! Fiquei parecendo uma boneca dessas bem emperiquitada. Tem sombra colorida sobre os meus olhos, tem alguma coisa rosa choque nas minhas bochechas e mais batom fora da boca do que nela. Para completar, meus cabelos estão presos de lado com um laço lilás.

— Também amei, mamãe diz que levo jeito para isso. E minha mãe não mente nunca. — *Não mente pouco*, penso comigo.

— O que mais gostei foi o laço no cabelo, ficou um arraso! — Entro na brincadeira, ela ri da cara que faço imitando voz de menina.

— Agora pode me levar onde a minha mamãe está?

Estava demorando para perguntar.

— Filha, por que você quer tanto que a sua mãe chegue logo, não está se divertindo brincando com o papai?

— Estou, papai, o senhor é legal. — A emoção é a mesma que ganhar na mega-sena. — Mas eu não gosto de ficar longe da mamãe, somos uma dupla, eu cuido dela e ela de mim. — A cumplicidade entre elas é tão natural como a luz do dia.

— Mas agora você tem o papai para cuidar de você, meu amor — me analisa de forma inteligente, com os olhos semicerrados.

— Vai cuidar da mamãe também? Meu vovô diz que somos um pacote completo, unidas pelo amor que sentimos uma pela outra. — Seu rostinho se ilumina ao falar de Júlia, gesticula as mãozinhas no ar toda animada, entrosada no assunto.

— Acho que sua mãe sabe se cuidar sozinha, ela é forte — resmungo.

Maluca, barraqueira, desbocada e violenta, às vezes.

— Acho que não, papai, depois que viemos morar aqui ela sempre chora escondida no banheiro.

Meu coração aperta dentro do peito, então a pose de durona da Marrenta não passa de pura fachada? Por essa não esperava.

— Você ama muito a sua mãe, não é mesmo?

— Muitão, ela é boa comigo e sempre me defende. Eu também amo o meu avozinho e o tio Binho. Quando morávamos na nossa casinha, mamãe não chorava, ficava o tempo todo sorrindo.

Por que saber que Júlia está sofrendo vindo morar aqui me afeta tanto? No começo queria destruí-la, agora não seria capaz de tocar em um fio do seu cabelo.

E aí de quem tocar.

— O que acha de irmos caminhar um pouco pelo condomínio com Adônis? Prometo deixar você segurar a corrente, Sofia. — Acho melhor cortar o assunto, tentar distraí-la de qualquer coisa que a deixe triste.

— Tá bom, mas só se o senhor parar de me chamar de Sofia. Meu nome é Maria Lara, e eu gosto muito dele. — Pela firmeza em suas palavras e o dedinho apontado no meio da minha cara, não há possibilidade de negociação.

— Como você quiser, Marrentinha. — Não gosto de chamá-la de outro nome, mas topo qualquer coisa para fazê-la feliz.

Sofia, quer dizer, Maria Lara vai correndo até a casinha de Adônis pegar a corrente dele. Como prometi, agora tenho que começar a me acostumar a chamá-la assim, mas o seu legítimo continuará na certidão. Digamos que “Maria Lara” será um apelido como todo mundo tem, não vejo nenhum problema nisso. Se isso a deixa mais confortável, que seja.

Assim que me levanto, a campainha toca, abro a porta e dou de cara com André Leal, um promotor muito amigo meu desde criança, meu padrinho de casamento e da minha filha. Um baita de um negão enorme todo engomadinho dentro de um terno italiano com um envelope na mão. André é filho do vizinho da minha mãe em Floripa, depois que casou veio morar no Rio de Janeiro, não ficou nem um ano casado, separou-se da bruxa da Verônica e ficou com a guarda do filho, Gustavo, ela nunca foi uma boa mãe para o garoto. Seu menino é um pouco mais velho que Maria, adoro o moleque que é meu afilhado também.

André mal coloca os olhos em mim e solta uma gargalhada tão alta que quase me deixa surdo, enfiando o celular na minha cara tirando fotos, com certeza para me chantagear depois.

— Que porra é essa, irmão? A tia Célia sabe que anda por aí com essa cara toda maquiada? — Inferno! Esqueci de limpar a maquiagem do meu rosto, agora meu amigo vai me zoar pelo resto da vida.

Na frente dos outros é um promotor sério; com os amigos, um brincalhão.

— Vai se ferrar, cara, só estava brincando com a minha filha, e daí?

— Não faz ideia de como sonhei em ouvir você dizer isso novamente, meu amigo. — Ele me abraça emocionado.

Quando Sofia sumiu, passou meses ajudando a procurá-la e virou noites comigo no momento em que mais precisei.

— Obrigado, irmão. Agora posso saber por que não veio visitar sua afilhada antes? — Pigarreio.

Quando encontrei minha filha, a primeira coisa que fiz depois de contar para minha mãe, foi ligar para ele para contar a novidade.

— Não queria parecer enxerido e incomodar logo na primeira semana de aproximação de vocês dois, preferi esperar uns dias. Ah, e antes que eu me esqueça, aqui está o que me pediu, saiu mais rápido do que pensei.

— Obrigado, mas agora acho que não faz muita diferença, já que tirei a denúncia contra a Júlia.

— Nós tiramos a denúncia, não é, Ricardão? Sem minha ajudinha lá na promotoria, nunca teria conseguido, incrível como o sumiço de algumas folhas podem limpar o nome de alguém num estalar de dedos — se gaba empinando o nariz, no seu melhor tom de promotor do ano.

— Vai entrar ou vai ficar aí o dia todo na porta tagarelando? Me passa logo esse envelope pra cá, mesmo não fazendo diferença, qualquer hora dessas vou dar uma olhadinha.

— Sabia que é a primeira vez que faço algo ilegal? Ainda bem que tinha um Juiz que me devia um favor. Agora vem com esse papo de que agora não faz muita diferença? É, gente, meu amigo enlouqueceu de vez, o respeitado e honesto Delegado Avilar entrando na onda do “jeitinho brasileiro” para burlar a lei e me leva junto nessa barca furada. — Dramatiza como sempre, mas sei que faria coisa muito pior se fosse para proteger o seu filho da bruxa da sua ex-mulher.

— Às vezes penso que estou ficando louco mesmo, negão, mas se não pode

vencer o inimigo, junte-se a ele.

— Do que você está falando, homem de Deus? — Soca o meu ombro de leve.

— Entra para rever a sua afilhada primeiro, depois vamos conversar com calma. Prefiro deixar para te contar tudo pessoalmente como meu melhor amigo, e não promotor de justiça. Sei que independente dos dois jeitos vai falar na minha cabeça até amanhã, às vezes é pior que a minha mãe.

— Vou falar mesmo na sua cabeça e chutar essa bunda gorda para ver se vira homem. O meu paletó deve estar cheio desse troço cor de rosa do seu rosto, depois mando a conta da lavanderia para você. — Gargalha de novo, agora estou mesmo perdido na mão do André.

— E o meu afilhado, por que não trouxe o Gustavo para brincar com a Maria?

— Mal estacionei o carro e ele entrou pela entrada dos fundos para brincar com Adônis, ele ama esse cachorro. Mas espera aí, quem é Maria?

— Entra que te explico tudo nos mínimos detalhes. — Assim ele faz.

Depois que André entrou em casa, se emocionou bastante ao rever a afilhada, se encantou pelo jeitinho doce e esperto dela logo de cara. Como não se apaixonar pela minha ruivinha e as suas respostas inteligentes? O filho dele, Gustavo, e Maria viraram amigos em menos de dez minutos, moleque educado e carismático igual ao pai. Graças a Deus não herdou nada da interesseira da mãe, a mulher é tão louca que o Juiz deu a guarda do menino para André sem muito sacrifício, o fato de ser um homem influente também ajudou bastante. Enquanto as crianças brincavam com Adônis no jardim principal em frente à casa, eu e o meu amigo sentamos na varanda tomando cerveja enquanto conversávamos, admirando o sonho realizado de ver nossos filhos brincando juntos um dia.

Contei tudo para André sobre o tal acordo que a minha mãe inventou, e pela primeira vez o vi ficar contra a Dona Célia em alguma coisa. Sempre foi seu maior puxa saco, gosta dela como se fosse sua mãe também e ela o ama como se fosse seu filho. Na opinião do meu amigo, é muito perigoso manter uma pessoa estranha dentro de casa e que não confia nela perto da sua afilhada. Quando contei que nos beijamos e como me sinto atraído por ela, faltou pouco me dar um soco na cara e pôs na cabeça que estou me deixando ser seduzido por uma golpista. André sempre foi assim, toma as minhas dores e acaba tomando birra da pessoa com medo que possa me fazer sofrer novamente.

Não conhece a Júlia, mas já não gosta dela, tampouco confia.

— Bom, pelo menos essa tal de Júlia é gostosa? — Fecho a cara no mesmo momento, notando um sentimento de posse crescer dentro de mim.

— Não é da sua conta.

Olho feio para ele, tipo: “*Fique longe dela!*”, sorvendo um gole generoso na minha cerveja.

— Não acredito que vivi para presenciar Ricardo Avilar com ciúme de uma mulher, caralho! Nem da sua esposa você sentia, nem mesmo quando começaram a namorar. Sempre achei isso muito estranho, pensei que o seu jeito fosse assim mesmo, mas, pelo o que estou vendo, acho que não é. — Faz cena, é mestre nisso.

— Que ciúme porra nenhuma, cara, como você disse, nem da Andréia, minha esposa, eu sentia. Só não quero ficar falando dessa mulher agora, vamos mudar de assunto? — Viro a metade da minha garrafa de cerveja, sentindo o líquido descer arranhando minha garganta.

— Ok. Então se essa Júlia for gostosa eu posso dar um bom trato nela que você não vai se importar?

Trinco os dentes na hora, meu maxilar chega a ranger.

— Se depender de mim, nunca vai nem tocar na Júlia. — Quando percebo já tinha dito, juro que a minha resposta surpreende mais a mim do que a ele.

Principalmente pela rapidez com que foi dita, sem nem pensar para dizer, saindo no automático.

— Você ouviu o que acabou de dizer? Acabou de conhecer a mulher e já está desse jeito, preciso conhecê-la, deve ser muito gostosa e ter a boceta doce como mel. Ah, me esqueci que você nem comeu ela ainda e está gramadinho na Júlia, imagina quando comer? Não quero nem ver, vai sambar na sua cara desse jeito, meu amigo. — Levanta e começa a sapatear em cima do tapete. Na cabeça dele, está sambando; na minha, tendo um ataque epilético.

— Vai se foder, Negão. — Jogo a garrafa de cerveja nele, já vazia. Uma pena não ter acertado, bateu no aparador e foi ao chão rolando para debaixo do banco.

— Prefiro foder a Júlia — diz e sai correndo de mim, rindo igual um louco pelo jardim onde as crianças estão brincando. Consigo alcançá-lo e o derrubo no

chão de terno caro e tudo esfregando a sua cara na grama.

— Olha, Maria, nossos pais estão brincando de lutinha. — Gustavo vem e pula em cima de nós, Maria vem logo atrás dele.

Brincamos por um bom tempo, eles fizeram o lanche da tarde conosco. Momento simplesmente maravilhoso ao lado de pessoas que amo, só faltou a minha mãe para a minha alegria ficar completa. Mas foi só o meu amigo e o filho dele irem embora para Maria se lembrar da falta da mãe e começar a chorar querendo ir até ela a todo custo, fiz de tudo para minha filha parar de chorar, mas não adiantou. Liguei para Júlia mil vezes e só caía na caixa postal, entrei em desespero sem saber o que fazer.

Estou com medo de ela passar mal novamente por causa da mãe, onde essa mulher está que não atende esse bendito telefone? Depois enche a boca para dizer que ama a menina.

Porra! Eu disse mãe? Filha?

Sim, eu disse.

— A minha mamãe não vai voltar mais, papai? Já passou “daqui a pouquinho” há muito tempo e ela não chegou ainda.

Oh, meu Deus! Como me dói ver a minha ruivinha chorando nesse desespero. Dou banho nela e a ajudo a vestir seu pijaminha, deito com ela na sua cama apertada para ver se consigo fazê-la dormir um pouquinho enquanto a irresponsável da mãe dela não chega.

— É claro que a mamãe vai voltar, minha filha, por que não dorme um pouquinho, aí quando acordar ela já vai estar aqui, o que acha?

— Eu acho que a mamãe não me ama mais, por isso foi embora. — Esconde o rosto debaixo do lençol e chora mais ainda.

Chorou... chorou e chorou até dormir com o rosto corado e úmido em uma mistura de suor e lágrimas pelo esforço que fez se debatendo nos meus braços chamando pela mãe, eu sofri junto com ela vendo-a nessa agonia. Completamente exausto e com o coração doendo em ver a minha filha tão dependente da presença de uma pessoa para viver, tomei um banho demorado. Acho que se ficar uma semana longe da Júlia é capaz de morrer, bati na boca três vezes não quero nem pensar em uma coisa dessa. De um jeito ou de outro, para a felicidade da Maria, sou obrigado a aturar a presença dessa mulher insuportável, e o André ainda insinuando o tempo todo que estou interessado nela.

De jeito nenhum!

Coloco uma calça de tecido e deito no sofá, já começou a escurecer e nem sinal da Júlia. Ligo mais umas centenas de vezes e continua caindo na caixa postal. Começo a me preocupar de verdade com medo de ter acontecido alguma coisa de grave com ela, creio que não ficaria tanto tempo longe da menina sem nem ao menos ligar uma vez para saber notícias ou avisar que chegaria tão tarde.

Levanto decidido a tomar alguma atitude, se tiver acontecido alguma coisa, não me perdoarei nunca.

Escuto o barulho de um carro estacionando em frente de casa e corro para a janela ver de quem se trata, e é a mesma coisa que presenciar a porta do inferno se abrindo bem à minha frente. Um demônio sai de dentro do carro e abre a porta para a Júlia sair igual a uma deusa, só com a parte de cima de um biquíni minúsculo que mal cobre o bico dos seios e uma canga de renda amarrada na cintura tapando a parte de baixo. Malditamente linda, com os cabelos selvagens soltos, ainda mais rebeldes devido ao recente banho de mar secando de forma natural.

Não posso acreditar que eu estava aqui feito um idiota preocupado com Júlia, e ela passando o dia na praia, e sei lá mais onde se esfregando com esse cara. Opa! Agora os observando mais detalhadamente enquanto tiram algumas malas no bagageiro do carro, o homem que está com a Marrenta é, ninguém mais ninguém menos, que o *advogadinho* que chegou à delegacia no outro dia, todo metido a macho defendendo a sua donzela em perigo.

Pelo visto, entre os dois existe mais do que uma relação de profissional e cliente.

Sou obrigado a contar até dez quando entram em casa, não tenho estômago para ficar na sala e encarar os dois juntos. Eu quero matá-lo, socá-lo até a morte. Fico na cozinha até que ele termine de ajudar Júlia a entrar com as malas, rezando para que vá embora logo ou o pior vai acontecer. Assim que ouço o carro dele dando partida, vou atrás dela tirar satisfação, mesmo sabendo que não tenho nenhum direito para isso e que não é uma boa ideia conversar com ela agora. No estado em que me encontro, provavelmente direi coisas das quais me arrependerei mais tarde.

Ainda assim, corro ao seu encontro, com o diabo no corpo.

— Não tem vergonha de chegar em casa a uma hora dessas? A sua filha, que você diz tanto amar, chamou por você até dormir. — Ela leva um baita susto

comigo chegando já gritando, estava entretida sentada no sofá mexendo na sua bolsa.

— O que quer dizer com “uma hora dessas”? Não são nem 19h ainda, mal acabou de escurecer. E não me venha com lições de moral, foi você que me dispensou durante o dia todo, esqueceu? — Joga a bolsa em qualquer canto da sala, quando fica nervosa seu único foco é defender sua razão com unhas e dentes não importando o que destrói pelo caminho.

— Não esqueci, não, senhora, pensei que conseguiria contornar a situação sozinho, mas...

— E, “mas” porra nenhuma! A minha presença foi dispensada grosseiramente por você, problema seu se não conseguiu dar conta do recado de cuidar de uma menininha de 6 anos. Eu, além de fazer isso muito bem, diga-se de passagem, ainda trabalhava e estudava ao mesmo tempo. E sempre estive entre os dez melhores alunos de toda a faculdade — finaliza em um berro que todo mundo do condomínio deve ter ouvido. Estou surpreso por Sofia não ter acordado.

Uau! Se ela queria me impressionar, conseguiu. Eu, mesmo me esforçando pra caramba, consegui me formar por um triz e não ficar reprovado entre os dez piores alunos da faculdade, e olha que estudei nos melhores colégios particulares de Florianópolis.

— Sabia que a sua filha dormiu chorando, chamando por você? Não sabendo a coitada da menina que a sua mãe estava por aí se divertindo com o coleguinha dela, tanto que deixou a porra do celular desligado para não ser incomodada por ninguém — esbravejo, furioso, e nem é tanto por conta da Maria.

Júlia recua um passo para trás baixando o olhar para o tapete bege que tem no chão da sala de estar, mesmo enfurecida comigo, se sente culpada pela filha ter ido dormir chorando por sua causa.

Ok! Admito que o fogo do demônio começou a queimar dentro de mim quando vi a Júlia chegando com o “*advogado do ano*”. Nunca senti nada parecido antes, sempre consigo controlar a raiva antes de perder a cabeça e chegar no estado de fúria que estou agora, disposto a qualquer coisa para fazer essa sensação ruim passar, estranhamente, descontrar nela alivia um pouco.

É incrível como depois que conheci a Júlia todos meus sentimentos se afloraram, principalmente a raiva.

— Engraçado, agora que a situação te convém, a Maria Lara virou “minha filha”? — *Pior que não, Júlia, saiu naturalmente e isso me preocupa bastante*, respondo apenas em meus pensamentos, dizer em voz alta me comprometeria a uma situação que não estou disposto a enfrentar agora.

— Engraçado é você passar o dia se esfregando nesse cara e nem pensar na sua filha. Agora sei como paga os honorários dele para te defender com tanta avidez como vi na delegacia, acho que agora sei quem pagou sua fiança. — Só vejo o reflexo da sua mão vindo na minha direção e em seguida a forte ardência dos seus cinco dedos que acertam meu rosto em cheio ocasionando um estalo estridente.

— Nunca mais ouse bater no meu rosto novamente, ouviu bem? Nunca admiti que ninguém fizesse isso, nem mesmo a minha esposa. — Seguro seu braço com força para não fazer coisa pior. Por alguns segundos tenho a impressão de ver mais tristeza do que raiva nos olhos dela, mas passa tão rápido como uma brisa de verão.

PORQUE A LOUCA TEM A CORAGEM DE USAR A MÃO LIVRE PARA ACERTAR O OUTRO LADO DO MEU ROSTO COM UM TAPA MAIS FORTE AINDA! MULHER MALUCA. FICO PUTO DE RAIVA, IRADO, POSSESSO!!!

— Nunca mais ouse colocar a minha moral em dúvida, não sabe nada sobre mim ou a minha vida. Um dia vai me pedir perdão de joelhos quando descobrir a verdade sobre essa maldita fiança, de uma acusação que eu não tenho nenhuma culpa a não ser ter sido idiota o bastante de cair na lábia da minha prima. — Ela ergue os braços, suspirando. — E não me arrependo nem um pouco, sou capaz de fazer qualquer coisa pela minha filha, até suportar a presença do homem que eu mais odeio no mundo. Parabéns! Enfim conseguiu me fazer tomar ódio de você pelo resto dos meus dias.

Não tenho coragem de dizer mais nada, apenas a solto. Júlia pega a bolsa no chão atrás do sofá e sai correndo, subindo a escada igual a um tiro para que eu não a veja chorando, mas eu sinto que está.

Isso mesmo, eu sinto!

Cada lágrima que deixa cair, arde em mim. Penso em ir atrás dela, mas é melhor manter distância e esfriar a cabeça para não acabar fazendo mais merda. Volto para o meu quarto e tomo outro banho, dessa vez, frio para acalmar os ânimos. Deito nu e não consigo dormir, toda vez que fecho os olhos, me vem a

imagem dos dois juntos, o jeito doce que Júlia sorriu para ele me deixou louco de raiva.

Viro para o lado e me deparo com o envelope que André trouxe mais cedo e acabei esquecendo dele sobre o criado-mudo ao lado da minha cama, nem lembro que horas o guardei aqui. Abro com um pé atrás, analiso página por página, várias vezes para ter certeza do que acabei de descobrir. Levanto e ando em círculos pelo chão escuro do meu quarto, quase arrancando os meus cabelos fora da cabeça, pensando que esses números só podem estar errados. Por outro lado, feliz porque não estão. Nem eu sei explicar ao certo o que estou sentindo.

— Que merda, o que eu fiz? — Soco a parede, me sentindo culpado, nunca pensei que me tornaria um cafajeste um dia, mas, depois do que fiz com a Júlia hoje, acho que sou o maior de todos.

Trata-se de documentos da quebra do sigilo bancário de Júlia e de sua família, relatando todos os bens que estiveram no nome deles algum dia. Se fosse conseguir do jeito legal, levaria um tempão, estava tão desesperado para ter essas provas contra ela, em mãos, que pedi ajuda ao meu amigo André. Ele é promotor e tem vários amigos juízes, por isso conseguiu sem embasamento, burlando algumas leis. É a primeira vez faço esse tipo de coisa e espero ser a última, sou um Delegado honesto. Mas não me arrependo. Na época, pensei estar fazendo para proteger minha filha, que atire a primeira pedra os pais que não fariam qualquer coisa para proteger seus filhos de pessoas que não confiam.

E realmente está tudo detalhado, até mesmo contracheques e tudo mais que envolva dinheiro. E, porra, eles sempre viveram uma vida controlada, sem dívidas. Até recentemente, quando o pai dela fez um empréstimo no valor máximo que podia dentro da sua renda e ainda colocou a casa dele como garantia para o banco, que cobrou um absurdo de juros em cima, e o irmão vendeu a moto nova pela metade do preço justo para completar o valor da fiança.

Praticamente perderam tudo o que tinham, tudo por minha causa e eu ainda colocando a sua moral em dúvida de forma mesquinha e suja. Só queria feri-la da mesma forma que me feriu passando o dia inteiro com aquele filho da puta. André estava certo quando disse que eu tenho ciúme da Júlia. Mas como isso é possível, meu Deus? Nunca senti isso nem pela minha própria esposa em anos de relacionamento, tínhamos uma relação tranquila, cheia de paz e amor. Éramos aquele casal que os outros invejam.

Mas Júlia consegue me tirar do sério em questão de segundos, não quero outro homem tocando nela de forma nenhuma. Sou possessivo em relação a essa

mulher, simplesmente não consigo evitar.

Mas o meu castigo veio a cavalo, além de descobrir como conseguiram o dinheiro da fiança, pude conhecer um pouco mais da vida da Júlia. Vem de uma família honesta, tanto o pai como o irmão são trabalhadores e nenhum deles nunca tiveram o nome sujo. Houve época em que ela trabalhou em dois empregos ao mesmo tempo, até frentista em um posto de gasolina ela foi, e que, atualmente, através da faculdade de Direito, estagia no Fórum. Por isso Juiz Thompson foi na delegacia pessoalmente vê-la, porque ela faz parte da sua equipe. E eu, mais uma vez, fiz mal juízo ao seu respeito. Meu Deus, ela faz Direito com bolsa integral. Caramba! Fiquei estupefato com a informação.

Isso explica muita coisa.

O que mais me deixou abismado foi o fato de existir uma conta poupança que os três abriram há alguns anos colocando Maria Lara como beneficiária, desde então, todo mês fazem o depósito de uma pequena quantia que hoje tem um saldo simbólico.

Mas o que tem de mais no fato de terem colocado Maria Lara como beneficiária? Não preciso pensar muito para descobrir o porquê, basta lembrar do que a minha filha disse mais cedo quando entreguei o dinheiro a ela:

“Vou entregar o dinheiro para o meu vovô guardar para ajudar a pagar os meus estudos, ele vai ficar tão feliz. ”

Maria não tirou isso do nada, com certeza ouviu o avô dizer que estavam juntando dinheiro para pagar os estudos dela. Mesmo na situação difícil em que vivem, pensavam em seu futuro. Confesso, estou emocionado, é a coisa mais bonita que alguém poderia fazer pela minha filha. E por que não usaram o dinheiro para pagar a fiança da Júlia? Preferiram se encher de dívidas, realmente não consigo entender isso. Estou confuso com tudo, preciso de respostas.

Mas acima de tudo, preciso pedir perdão à Júlia pelas grosserias que disse a ela, nenhuma mulher merece ter a sua moral posta em dúvida.

Capítulo 23



JÚLIA

O resto da semana passou rápido e fiz questão de ignorar o Ricardo de todas as formas possíveis. Não dirigi a palavra a ele além do necessário desde a nossa última briga, porém observei em como anda estrando demais, tentando se aproximar de mim, se intrometendo nas minhas conversas com Maria Lara, mas não dou confiança, cortando suas tentativas de todos os lados. Depois dos desaforos que me disse, está morto e enterrado para mim. Quando chega em algum lugar onde estou, simplesmente saio. Continuo cumprindo a minha parte do trato de ajudá-lo na aproximação com a filha, mas a minha menina não é boba e percebeu o clima estranho entre nós e fica tentando acertar as coisas, mas nem assim dou o braço a torcer.

Quem fala o que quer, depois tem que aguentar as consequências. As acusações que me fez foram muito graves, insinuando que faço sexo com meu advogado em troca de “favores”, ou seja, me chamando de prostituta. Quando pego birra de alguém, já era, sou rancorosa mesmo e muito. No entanto, serei obrigada a engolir o meu orgulho mais uma vez. Hoje é domingo e o meu amado pai está completando cinquenta anos e eu não consegui pensar em nada para realizar o seu grande desejo de ver a neta. Por amor a ele, não me resta nenhuma alternativa a não ser ceder um pouco e pedir ao Ricardo autorização para que o meu pai possa vir ver a menina, mesmo que seja de longe.

Ando de um lado para o outro no corredor em frente à porta do seu escritório, tentando tomar coragem de bater. Agora, quando não está no trabalho, fica o tempo todo enfiado dentro dele, sabe-se lá fazendo o quê. Respiro fundo e bato na porta sem pensar muito, não é feio se humilhar se for para fazer as pessoas que a gente ama, felizes.

— Entre. — Sua voz soa melancólica por detrás da porta de madeira.

Abro lentamente dando de cara com Ricardo sentado de forma imponente em sua cadeira de couro preto. Fica surpreso ao erguer o olhar e se deparar comigo em frente à sua mesa contorcendo as mãos em uma visível demonstração de nervosismo, em um grau tão alto que minha língua enrola e não consigo dizer nada. Não gosto muito dessa área da casa, a decoração do escritório é fria e

vazia. Móveis rústicos com estantes repletas de livros que vão do chão ao teto, as janelas todas trancadas, assim como a porta do quarto misterioso que tem aqui dentro e que vive com o cadeado fechado.

— Oi, Júlia, algum problema com a nossa filha? — Ele se adianta em cortar o silêncio gritante entre nós, tão denso que poderia ser cortado em fatias com uma faca.

Engulo seco, sentindo um gosto agri-doce na boca, estou enlouquecendo ou ele falou “nossa filha” novamente? Estranho, no momento não tem nada que o convém para dizer isso como das outras vezes.

— Vim falar sobre ela sim, mas não é nada de grave, não se preocupe. — Minha voz sai baixa, Ricardo mantém os olhos cravados em mim como duas brasas emitindo calor por todo o meu corpo.

— Pode dizer, Júlia, fique à vontade para sentar, se quiser.

— Não obrigada, estou bem de pé mesmo. O que tenho que falar é bem rápido.

— Como você quiser, Júlia. — Droga! Ele me chama pelo meu nome toda hora de propósito apenas para me provocar, toda vez que não me chama de Marrenta é como se faltasse alguma coisa. *Não consigo me sentir completa.* — A que devo a honra da visita? — Questiona com a testa exibindo uma ruga de curiosidade.

— Acontece que hoje é aniversário de 50 anos do meu pai, e virou uma tradição de ele e a Maria saírem juntos nessa data para tomar sorvete, como um ritual sabe? Ela fica o ano todo esperando esse momento, diz que é o dia mais feliz da sua vida. O avô não é homem de chorar, se faz de durão, mas, quando o assunto é a neta se torna uma manteiga derretida, está sofrendo muito sem poder vê-la.

Não consigo manter o contato visual e foco olhar no candelabro à esquerda.

— Enfim, gostaria de pedir, melhor dizendo, implorar que você deixe que o meu pai veja a Maria hoje em uma data tão especial para ele. Se não quiser que ela o veja, eu entendo, pode ser de longe do portão dos fundos enquanto brinca com Adônis no quintal, nem vai saber que estive aqui. Corta-me o coração fazer isso com a minha filha, mas também entendo o seu lado como pai. — Não consigo falar mais, se continuar, irei chorar e eu jamais demonstrarei fraqueza na sua frente. Engulo o choro, podendo sentir as lágrimas brigando com meu

orgulho para caírem.

— Nunca mais abaixe a cabeça para ninguém, Marrenta! Esse tipo de comportamento não combina com a sua personalidade, demonstra uma mulher fraca que você não é.

Só percebo que está na minha frente quando sinto as pontas dos seus dedos tocando o meu queixo e erguendo o meu olhar de encontro ao seu, ele está tão emocionado quanto eu com tudo que me ouviu dizer.

— Eu sou capaz de fazer qualquer coisa pela minha família, até mesmo me humilhar para vê-los feliz. — Alisa o meu rosto com tanta delicadeza que até me assusta, fecho os olhos sentindo a mistura deliciosa do meu calor com o seu.

— Eu percebi. E acabou de ganhar a minha confiança por conta disso, o seu pai pode vir buscar a menina para tomar sorvete. Se essa tradição é tão importante para a minha filha, não serei eu a quebrá-la. — Mal posso acreditar no que acabo de ouvir, minha expressão é de um espanto tão grande que deixo o Ricardo sem graça.

O silêncio entre nós volta a ser cortante.

Impulsionada pela adrenalina entrando no meu sangue e subindo para a cabeça, pulo em seus braços, radiante de tanta felicidade. Ele corresponde ao abraço descansando o rosto da curva do meu pescoço, respirando fundo como se estivesse degustando meu cheiro com calma.

— E você acabou de ganhar a minha confiança, Delegado. Obrigada, não sabe o quanto significa para mim o que está fazendo pelo meu pai — sussurro em seu ouvido, sentindo o seu corpo estremecer e a mão deslizar até a minha nuca entrelaçando os dedos em meio aos meus cabelos.

Sua boca se aproxima da minha orelha de forma provocante, fazendo com que os lábios se esfreguem na minha pele bem de leve e sussurra ao pé do meu ouvido:

— Eu sei, por isso estou fazendo. — Aí é a minha vez de estremecer em seus braços.

Caramba, como esse homem mexe comigo! O único capaz de abalar todas as minhas estruturas. Capaz de derreter as paredes de gelo que criei em volta do meu coração para mantê-lo seguro dos homens que só querem brincar com ele.

— Bom, acho melhor ligar para o meu pai. — Dou um passo para trás criando um espaço devidamente seguro entre nós, ele demonstra com o olhar não

estar gostando nem um pouco da perda de contato físico. — Tomara que eu não mate o meu velho de emoção no dia do seu aniversário, eu estou que não me aguento de tanta alegria, louca para contar à Maria.

Tiro o celular do bolso e quase morro de vergonha quando ele olha de soslaio para o aparelho com a tela toda quebrada, fora o detalhe de que o modelo é o mais antigo que existe no mercado.

— Isso ainda funciona? — Zomba, mas sem maldade.

— Não, guardo só para enfeite — respondo malcriada.

— Essa é a Marrenta que eu conheço, sempre com uma resposta afiada na ponta da língua. — Ele sorri torto me fitando pelo canto dos olhos de um jeito que me tira do eixo. Viro de costas desviando da distração que a sua beleza marcante me proporciona. Procuro, ainda trêmula, o contato do meu pai, assim que acho, completo a ligação.

“Não podemos completar a sua ligação, seu saldo é insuficiente. Procure um dos nossos pontos de acesso e recarregue, a operadora agradece.”

Não tenho onde enfiar a cara de vergonha, o meu celular estava no volume máximo e, mesmo não estando no modo de viva-voz, tenho certeza de que Ricardo ouviu. Meu constrangimento aumenta quando ele enfia a mão no bolso e coloca o dele na palma da minha mão.

— Pode usar o meu celular, aproveite e salve o número do seu pai. Peça que faça o mesmo, caso aconteça alguma emergência, ele pode entrar em contato comigo.

Assinto.

Depois de ligar para o meu pai e ele quase ter tido um infarto de tanta alegria, começo a arrumar minha menina para o grande passeio, mas não conto nada sobre onde irá, deixo para fazer surpresa com a chegada do avô. Escolho o vestido mais bonito que tem no meu guarda-roupa, um azul claro de renda com uma segunda camada de véu por baixo da saia apontando na barra. Deixo seus belos cabelos soltos na tentativa de disfarçar o corte na sua testa, que após uma semana já está acabando de curar. As suas sardas já chamam a atenção demais para o seu rosto. Em seus lábios, passo um *gloss* cor de rosa bem fraquinho, só para ressaltar o tom rosado por natureza.

Depois de pronta e arrumada como uma princesa, aguardo o segurança do condomínio avisar que o meu pai havia chegado e autorizo a sua entrada. Seguro

a mão de Maria e a levo ao encontro do avô. Ele não fez questão de entrar, mesmo estando muito grato com a atitude do Ricardo, ainda não confia nele e não está pronto para o encontro cara a cara com o homem que me colocou na cadeia injustamente.

Durante o caminho falamos sobre várias coisas, descobri que agora tem um novo amiguinho chamado Gustavo, filho do padrinho dela. Nem sabia que tinha um, parece ser amigo do seu pai que veio visitá-lo outro dia. Pelo que contou, adorou eles, e é bom saber que está se dando bem com as pessoas do meio social da sua vida nova.

— Aonde nós vamos, mamãe? — Maria ergue a cabeça para olhar para mim e enrugando o nariz, brincalhona, ansiosa pela minha resposta.

— Eu não vou a lugar nenhum, filha. Você vai — explico enquanto passamos pelo jardim de mãos dadas, ela morde os dedinhos pensando no que eu disse e puxa a beirada da minha blusa para chamar a minha atenção.

— Vou aonde? E sozinha?

— Sabe que dia é hoje? — Nega com a cabeça, mas pelo seu sorrisinho travesso acho que desconfia. — É o aniversário do seu avozinho, e o seu pai deixou que ele viesse aqui te buscar para tomar sovinho. — Ela empalidece sem forças nas pernas para continuar a andar, ficando boquiaberta com o que acaba de ouvir.

Pensa bastante e me olha atentamente.

— Não acredito! — Diz, ainda incrédula.

— Não acredita em mim, é? Por que não pergunta para o seu avozinho, porque ele já chegou para te buscar.

Quando Maria vê os portões da frente da casa se abrindo, para a minha pequena, é a mesma coisa que ver um anjo de braços abertos no céu pronto para recebê-la.

— Meu Deus! É o meu vovinho, ele veio me buscar de verdade. — As suas pupilas estão dilatadas, a íris se alargando e brilhando como dois faróis.

Solta a minha mão e sai correndo feito um tiro ao encontro do avô, a pessoa com a qual não tem nenhum laço sanguíneo. Mas ambos se amam mais que tudo no mundo, um amor tão grande que não tem medida. Observo a cena linda em câmera lenta, os cabelos ruivos da Maria, assim como o vestido, voando conforme corre o mais rápido que pode enquanto meu pai espera por ela de

braços abertos, rindo e chorando ao mesmo tempo de tanta alegria.

— Como o vovô sentiu saudades de você, meu anjinho, cresceu tanto nesses últimos dias. — A pega no colo abraçando bem forte.

Ao me aproximar deles, sinto uma sensação estranha, como se alguém estivesse nos observando. Olho para todos os lados, mas não vejo ninguém. Encosto no muro e percebo que têm quatro câmeras, duas de cada lado do portão, com uma luzinha vermelha acesa, elas pegam toda parte do jardim e boa parte da rua. São para fazer a segurança da casa, ninguém entra na residência sem ser visto.

E nós estamos no foco das quatro câmeras agora, acho que por isso essa sensação estranha de estarmos sendo observados por alguém. Dou de ombros e volto a prestar atenção na conversa do meu pai e da minha filha.

— Também senti saudades, vôzinho, pensei que tinha se esquecido de mim. Eu te amo muito, estou tão feliz que tenho vontade de chorar. — Esconde o rostinho vermelho por conta do choro na curva do pescoço do avô, ela tem a pele tão branca que cora com muita facilidade.

— Não chora, Maria, senão o vovô chora também. Eu te amo, meu anjinho, muito mesmo. — Ele já está chorando desde que chegou, mas preferi não comentar nada ou levaria uma bronca do meu velho. — Como vou me esquecer da menina dos meus olhos? — Conclui afagando a montoeira de cabelos ruivos espalhados pelo seu ombro. Maria Lara ergue a cabeça e analisa o seu rosto e sei que soltará uma das suas pérolas.

— Eu não estou chorando, vovô, foi só um cisco que caiu no meu olho.

Não disse? Eu e o meu pai rimos, muito.

— Nos dois olhos, querida?

— Sim, *piririm*. — Maria gargalha com os olhos cheios de lágrimas, e o meu pai faz cócegas nela fazendo-a gargalhar mais alto ainda quase dando para ouvir no condomínio todo.

É sempre assim, uma verdadeira festa quando estão juntos.

Minha menina está tão feliz que o meu coração quase explode de felicidade por ela.

— Bênção, pai, feliz aniversário. Nesse dia especial, desejo ao senhor toda felicidade do mundo. — Abraço os dois de uma vez só e deposito um beijo no

rosto do meu velho, e outro na minha Maricota.

— Deus te abençoe, filha, poder passar a tarde toda com a minha neta no dia do meu aniversário já faz de mim o homem mais feliz desse mundo. Agradeça ao pai da Maria por mim, diga que serei grato pelo resto da minha vida.

— Eu também serei, pai. — Coço a nuca.

E, mais uma vez, a estranha sensação de estarmos sendo observados por alguém, aflora meu sexto sentido, olho para as câmeras e todas elas estão viradas para a minha direção.

Muito estranho mesmo.

— Agora preciso ir, filha, os horários de ônibus para essa área nobre do Rio de Janeiro são péssimos. Não precisa se preocupar, cuidarei bem da nossa menina, antes de escurecer a trarei de volta.

— Eu sei, pai, não precisava nem falar.

— Agora se despeça da sua mãe, Maria, uma barca de sorvete enorme nos espera.

A malandrinha passa a língua nos lábios e esfrega a barriguinha, vai se esbaldar hoje às custas do avô. Ela merece esse agrado, ela é quem tem sofrido mais com essa confusão toda que virou a nossa vida.

— Tchau, mamãe, eu vou trazer um pouquinho de sorvete para você no copinho — diz e eu me derreto toda, mais do que o sorvete que a minha filha ingenuamente tentará trazer para mim.

Sempre que come algo longe de mim, dá um jeitinho de trazer um pouquinho. Minha filha é um amorzinho de menina.

— Tchau, meu amor, vão com Deus e divirtam-se. — A pequena me abraça e beija o meu rosto sem sair do colo do avô e, se a conheço bem, não sairá dele tão cedo.

Meu pai deposita um beijo em minha testa e os dois saem conversando alegremente para o grande passeio, e eu não consigo parar de rir de tão feliz. Observo até eles sumirem das minhas vistas em direção ao ponto de ônibus. Entro em casa e vou direto para a cozinha lavar a louça do almoço. A empregada que Ricardo contratou, só vem de segunda a sábado. Falando nele, não o vi mais, deve estar ainda trancado no escritório, melhor assim.

Ao terminar os afazeres, subo para o quarto para dar continuação ao meu TCC, esse trabalho está acabando com os meus nervos. Pensa em um trabalho de faculdade difícil, até mesmo no último período querem arrancar o couro da gente. Essa semana Dona Célia volta e vou poder voltar a estudar normalmente, ela disse que ajuda o Ricardo a cuidar da neta à noite até eu chegar. Combinamos em ver uma escola aqui perto para Maria, também não pode ficar sem estudar tanto tempo ou vai repetir o primeiro ano e ficará atrasada dos seus coleguinhas de classe. Isso não pode acontecer de forma alguma.

Além do mais, preciso voltar para o meu estágio no fórum, enquanto minha filha estiver estudando na parte da manhã, posso ir para o trabalho sem me preocupar. Organizando os horários direitinho vai dar tudo certo, não posso ficar parada, tenho que trabalhar para ajudar meu pai com o empréstimo que fez para pagar minha fiança e o meu irmão a comprar uma moto nova.

Passei horas e mais horas dando o melhor de mim no meu TCC, o fato de não ter notebook e internet no meu celular no momento para pesquisar, tive que fazer “*à moda antiga*” pesquisando direto nos livros. Estava até bonito de ver o chão do meu quarto repleto de livros abertos, tinha que andar desviando de um e outro. Acabei pegando no sono em cima do tapete agarrada no caderno.

Levo um susto quando acordo e olho pela janela percebendo que já está noite e cai uma tempestade forte. Rio de Janeiro é assim mesmo, na mesma hora que faz sol, do nada começa a chover como se o céu estivesse caindo.

O curioso é que acordo na cama, coberta com meu edredom favorito que trouxe de casa e que estava guardado dentro do guarda-roupa. Vejo que os meus livros estão todos guardados na estante, mas com as páginas onde parei, marcadas. Não me lembro de ter feito isso antes de dormir, muito menos de quando deitei na cama. Que estranho! Dormi tanto que nem vi quando a Maria chegou, engraçado ela não ter vindo direto pular em cima de mim, toda eufórica para contar as novidades do passeio com o avô.

Levanto me espreguiçando e caminho, ainda bocejando, até o quarto da minha filha para vê-la, porém não está aqui; olho na sala de TV; nada. Percebo a luz da cozinha acesa e um aroma delicioso vindo de lá, minha barriga ronca de fome. Corro, crente que é Dona Célia fazendo uma surpresa voltando mais cedo de viagem e está preparando o jantar, minha filha deve estar ajudando a avó a cozinhar. Quanto mais chego perto mais o cheiro gostoso de comida fresca se intensifica.

— Que bom que a senhora já voltou, Dona Cé... — Perco a voz ao me

deparar com Ricardo agachado em frente ao fogão tirando alguma coisa do forno. Quando levanta e me vê, sorri esplendorosamente como se tivesse ficado feliz ao me ver.

— Boa noite, dorminhoca. — Como ele sabe que eu estava dormindo? E por que essa forma carinhosa de falar comigo, agora?

Que estranho!

Quase babo em cima dele que está sem camisa dentro do avental com estampa de frutas, só de jeans e os pés descalços, com o peito todo suado acompanhado de um sorriso travesso. Com certeza, a coisa mais libertina que já vi na vida! Vai ser gostoso assim bem longe de mim, porque perto sou capaz de cometer uma loucura com esse Delegado. No entanto, murcho igual a uma flor seca quando olho ao redor e vejo a mesa muito bem arrumada com dois pratos, taças de cristal vazias e uma garrafa de vinho aparentando ser do mais caro que existe.

Que ódio! Ele está esperando companhia, essa vaca deve ser muito importante para o Ricardo cozinhar para ela.

— Desculpe, não sabia que você está esperando alguém. Vou procurar a Maria e me trancar com ela no meu quarto, melhor, no quarto dela que é bem longe do seu e terão mais privacidade.

Droga! Minha voz sai trêmula, acho que deu para perceber que estou nervosa pelo fato de que irá jantar com uma mulher que, apesar de não conhecer, já odeio com todas minhas as forças.

— Nossa filha não veio para casa ainda, Júlia, seu pai ligou várias vezes para você. Como estava dormindo feito um anjo e não atendeu, ligou direto para mim. Disse que com essa chuva forte, várias ruas alagaram no Rio de Janeiro, ele e a Maria ficaram presos. Como estavam mais perto da casa dele do que da *nossa*, achei mais seguro que fossem para lá. Falei com a pequena que faltava pouco para explodir de tanta alegria porque ia poder brincar de mundo mágico com o tio Binho. — Balança a cabeça sorrindo malditamente sexy enquanto coloca a bandeja do seu assado sobre o balcão, tranquilo demais para o que acabou de falar, nunca o vi tão relaxado como agora.

Como isso é possível, essa calma toda? Aceitou que a filha dele vai passar a noite no Morro do Alemão na casa do meu pai sem fazer nenhum escândalo? E que história é essa de “*nossa casa*”? Acho que pirei na batatinha de vez ou ainda estou dormindo e isso é um sonho muito do louco.

— E você está de boa com isso, de verdade, Delegado? Sua filha passando a noite na casa das pessoas que você pensa terem participado do seu sequestro e roubaram seis anos ao lado dela. Por enquanto não tenho nenhuma prova da nossa inocência, mas começarei a correr atrás disso em breve quando a poeira abaixar por aqui. — Faz uma careta, não gostando nadinha do que eu disse. — Sei que o meu pai e o Binho vão cuidar muito bem da Maria, fazem isso melhor do que eu, se quer saber. A primeira coisa que farão amanhã é trazê-la de volta para você, sã e salva, e radiante de felicidade. Mas não quero que mude de ideia depois e brigue com eles como no dia em que me dispensou e depois brigou porque passei o dia fora. Isso eu não vou admitir, pode bater em mim se quiser, mas não mexa com a minha família que eu viro uma onça para defender quem eu amo. — Ufa, respiro fundo, percebendo que vomitei as palavras em cima dele segurando o fôlego o tempo todo.

Ele não diz nada por alguns instantes, apenas estuda as feições do meu rosto o que não devem ser das melhores, porque espera que me tranquilize um pouco para enfim começar a falar.

— É por isso que você conquistou a minha confiança, Júlia. Essa sua garra de defender as pessoas que ama, me encanta. Mas pelo jeito eu não conquistei a sua de verdade como disse no escritório hoje cedo, não é mesmo? Não vou mentir dizendo que confio totalmente no seu pai, mas se diz que ele vai cuidar bem da menina, eu acredito porque confio na sua palavra. Caso contrário, não o deixaria nem colocar os olhos nela novamente. Ainda bem que autorizei, porque o sorriso que a ruivinha deu quando viu o avô foi impagável. Nunca a vi tão feliz desde que a reencontrei, sem chuva ou com chuva se me pedisse para passar a noite com eles eu autorizaria da mesma forma. Minha mãe está certa. Chega de medir forças, nós dois temos que ceder para que isso dê certo. Não tem minha ou sua filha de agora em diante, mas, sim, nossa. Vamos trabalhar em equipe, assim todo mundo sai ganhando, principalmente a Maria Lara.

Mas o que esse homem fumou hoje? Será que está drogado ou delirando novamente? Semicerro os olhos, desconfiada.

Contudo, ele tem cedido muito mais do que eu. Aceitou o acordo da mãe, tem chamado a filha de Maria Lara e não de Sofia, apesar de ter sido resolvido entre os dois, não sei nada a respeito. Autorizou que o meu pai saísse com a neta, e ainda vai dormir na nossa casa e ele está completamente tranquilo em relação a isso. Agora está bem diante de mim levantando a bandeira branca da paz, acho que já passou da hora de parar de ser turrone e começar a ceder também.

— Agora tenho certeza, estou dormindo e isso aqui é um sonho muito bizarro — brinco rindo ironicamente enquanto aponto para ele e para mim.

Ele ri, apoiando as costas no balcão, mostrando os belos dentes brancos perfeitamente alinhados, gargalhando mais e mais. Muito mesmo. Jogando a cabeça para trás até a barriga doer, as mãos sobre o abdômen magnífico.

— Então a Marrenta do Morro do Alemão também tem senso de humor? — Ironiza.

— Sempre tive, você que não soube apreciar, Delegado. — Volta sua atenção para o jantar, girando o corpo mexendo nas panelas.

Pelos movimentos ágeis das mãos, mexendo a bunda linda e durinha dentro da calça jeans apertada, segurando o cabo da frigideira refogando alguns legumes, mostrando que tem muito jeito na cozinha. É nesse momento que caio das nuvens de bunda no chão, Ricardo cozinhando para outra mulher e eu aqui tomando o seu tempo. Melhor me retirar antes que a bicaste chegue.

— Quer beber um pouco de vinho, Júlia? Pode ficar à vontade, a casa é sua. — Oferece, me examinando por cima do ombro.

— Não, obrigada. Não quero atrapalhar o jantar de vocês, vou dormir no quarto da Maria para que tenham mais privacidade.

Por mim, eu dormia na chuva só para não ter que ficar debaixo do mesmo teto que os dois pombinhos.

Tomara que se engasguem com o vinho.

— Do que você está falando, mulher? Em vez de falar asneiras, por que não me ajuda a terminar de montar a mesa para o *nosso* jantar?

Tenho que segurar no vão da porta, minhas pernas bambeiam.

Chamem os bombeiros, porque o meu corpo está pegando fogo.

— Nos... nosso? — Gaguejo.

— Sim! Não sei o porquê está surpresa. Você cozinhou para mim, hoje estou cozinhando para você. Direitos iguais, não sou machista como a maioria dos homens, simples assim. — Dá de ombros e leva alguma coisa que tirou de dentro de uma das suas panelas à boca, prestando atenção no que está fazendo e em mim ao mesmo tempo.

Ah, Ricardo Avilar, para. Senão me apaixono!

Sem pensar muito, o ajudo a terminar de montar a mesa para o nosso jantar. Mas terminou sozinho de preparar o assado de lombo de carneiro e os demais pratos porque hoje é ele quem manda na cozinha. Deixamos tudo pronto e cada um vai para o seu quarto tomar um banho rápido para tirar o cheiro de gordura. Assim que abro a porta, corro até o banheiro tirando a roupa pelo caminho quase caindo tropeçando nos pés. Estou tão nervosa que é como se estivesse no meu primeiro encontro.

Ele cozinhou para mim...

Ele cozinhou para mim...

Ele cozinhou para mim...

Cantarolo radiante debaixo do chuveiro ao lavar os meus cabelos, faz semanas que não é lavado de forma descente, não tinha ânimo para isso. Ao terminar o banho, passo meu hidratante com aroma natural de flores por todo corpo. Uso desde a minha adolescência, além de cheiroso, compro baratinho em qualquer farmácia.

Escolho um vestido simples vinho, com o decote moderado, mas justo, que valoriza as minhas curvas. Como Ricardo já deve estar me esperando lá embaixo, não dá tempo de secar meu cabelo, apenas passo bastante creme, penteio os cachos com os dedos e amasso deixando que sequem naturalmente. De maquiagem, passei só um pouco de pó, lápis preto para realçar meus olhos castanhos e batom nude.

— Ótimo! — Exclamo ao conferir o resultado do meu visual no espelho sobre a pia do banheiro, ficou melhor do que pensei. Estou me sentindo confiante e bonita.

A noite promete surpresas, espero que boas.

Capítulo 24

•

JÚLIA

Quando tomo coragem de descer para o nosso jantar, Ricardo espera por mim no pé da escada, lindo de morrer dentro de uma calça escura e camisa azul dando um belo contraste com a cor intensa dos seus olhos. Inferno! É bem justa, mostrando melhor como seu corpo é bonito. Ombros fortes e largos, músculos definidos no tamanho certo, nada de exageros. Parece ansioso batendo as pontas dos dedos no corrimão e tendo um pequeno sobressalto quando me vê.

Perfeito!

Sinal de que o meu visual está aprovado. Seu olhar me segue enquanto desço a escada, quando falta apenas um degrau, ele ergue a mão para me ajudar a descer.

— Você está linda, Marrenta.

Sorrio.

— Você também não está nada mal, Delegado.

Ele sorri.

Caminhamos lado a lado até a mesa, por um minuto tenho a impressão de que segurará a minha mão novamente. Porém, não o faz. E nem queria que segurasse. Mas puxa a cadeira cavalheirescamente para que me sente, gentil da sua parte.

— Nunca comi carne de carneiro, mas pelo cheiro parece estar delicioso.

— Como tudo o que eu faço. — Sua boca se curva num sorriso presunçoso.

— Você não é nada modesto, Delegado.

Ele se curva, corta um pedaço do cordeiro e serve primeiro o meu prato, acompanhado de legumes; depois, o dele.

— Estou fora do meu expediente de trabalho, não deve me chamar de Delegado.

— Ah, não devo? E qual lei diz isso? — Provoco.

— Está em que período do seu curso? — Indaga mudando de assunto abruptamente.

— Estou no último em Direito, assim que me formei no ensino médio, ganhei uma bolsa integral. — Dou de ombros. Lembro de mencionar fazer faculdade, mas não o curso. Ele não parece surpreso com a revelação, como se já tivesse conhecimento dela. Mesmo assim, me olha de um jeito diferente.

Com admiração, talvez?

— Nossa! Meus parabéns. — Balança a cabeça rindo. Coro ao lembrar da cena em que faltou pouco para arrancar os olhos dele fora, lá na delegacia.

— Obrigada, Delegado. — Jogo o cabelo para o lado sentindo o meu rosto queimar de vergonha, olho para o prato tentando fugir dos seus olhos azuis penetrantes, tímida de um jeito que nunca fiquei antes.

— Poderia, por favor, não me chamar de Delegado só por essa noite?

— Por que não, Delegado? — Duelamos com o olhar.

— Vai por mim, Marrenta, não iria gostar de saber.

— Por que não diz e deixa que eu mesma tire minhas próprias conclusões? — Ricardo abre a garrafa de vinho facilmente com a ajuda de um saca rolha, serve a minha taça e a arrasta pela mesa até mim com movimentos seguros e elegantes.

— Se eu disser por que não gosto que me chame de Delegado, você responde uma pergunta sem ficar chateada comigo depois? — O cretino sabe jogar.

— Sim. — Entro no jogo dele, mas com uma pontinha de medo no coração, acho que não vou gostar dessa tal pergunta.

— Eu não gosto que me chame de Delegado porque fico excitado de uma forma avassaladora, então a minha mente começa a trabalhar imaginando “coisas” com você dignas de uma bela bofetada, pior do que a que me deu naquele dia. Seria muito indelicado da minha parte dizer.

Juro que a minha vontade é de voar sobre a mesa e pular em cima dele, o meu rosto queima tanto de desejo por ele que parece estar em carne viva. Como esse homem tem coragem de me dizer uma coisa dessas assim, na cara dura? E continua com essa expressão de paisagem me encarando como se não tivesse dito nada de mais, que louco! Daqui a pouco a minha calcinha vai começar a

gotejar de tão encharcada, é inacreditável que ele tenha imaginações eróticas comigo.

— Essa reação do seu corpo acontece com todas as mulheres que se referem a você assim? — A minha curiosidade ainda vai me matar.

Tremo tanto que viro a taça de vinho em um gole. Ele, por sua vez, esfrega o polegar no canto da minha boca onde escorre uma gota e captura com a ponta do dedo. Em seguida, lambe o dedo soltando um gemido baixinho como se estivesse provando algo delicioso.

Estremeço toda com leves espasmos, remexo incomodada na cadeira tentando diminuir a pressão entre as minhas pernas ao imaginá-lo me chupando nessa área.

— Se eu responder, quero ter direito a mais uma pergunta, é pegar ou largar.

— Feito — respondo entredentes.

Cretino, filho da puta!

— Não acontece com outras mulheres. Esse efeito é só mérito seu, Júlia. — Seu tom está mais grave que o normal, acho que não sou a única excitada por aqui.

Ora essa, bom saber disso!

— Uau! Você é bem direto. — Encho outra taça de vinho e viro tudo de uma vez, não sei mais o que fazer para controlar a vontade de voar sobre a mesa e pular em cima dele.

— Somos dois adultos, Marrenta. Não vejo porque ficar fazendo rodeios, quando desejo uma coisa, vou direto ao ponto. — Não sei se já é o efeito do vinho, mas minha cabeça começa a rodopiar como um pião.

Encho a boca de um generoso pedaço de cordeiro, talvez assim eu pare de falar demais.

— Hummm.... Parabéns! Está delicioso. — Surpreendi-me.

— Obrigado. Aprendi essa receita com minha mãe ainda quando era adolescente, sempre gostei de cozinhar.

— Eu também amo cozinhar, quem me ensinou foi o meu pai assim que a minha mãe morreu. Eu era bem pequena, tive que pegar a responsabilidade de cuidar da casa e do meu irmão enquanto ele trabalhava. Binho sempre foi muito

amoroso, não fazia pirraça e vivia brincando sozinho no mundo mágico que inventou. Quando Maria Lara chegou nas nossas vidas, a nomeou princesa do reino, ela mora no castelo o qual ele protege como cavaleiro valente e que a defende de todos os monstros malvados, bicho papão nunca teve vez debaixo da cama da sua filha — comento sem querer achando graça, dando informações demais sobre a minha vida para um estranho.

Entre uma garfada e outra, Ricardo coloca os olhos sobre mim, e eu faço o mesmo quando sei que não está olhando.

— Eu sinto muito pela sua mãe. — Parece sincero.

— Tudo bem, já faz muito tempo. — Balanço os ombros e volto a comer, realmente está delicioso. — Sinto muito pela sua esposa, sei que você a amava muito.

Merda! Acho que falei demais.

— Ainda amo. Morreu como uma heroína lutando para colocar nossa filha no mundo, ela sempre foi tudo para mim. Ela sabia o que eu queria, antes mesmo de eu dizer — conclui em meio a um sorriso sereno, cheio de amor e gratidão. Eu acho lindo o jeito apaixonado do Ricardo falar da esposa, mas sempre me sinto estranha.

Sei lá, não sei explicar.

Acabei perdendo a fome e fiquei mexendo o resto da comida no prato de um lado para o outro durante todo o jantar. Não encarei mais Ricardo nos olhos em nenhum momento, fiquei na minha, apenas respondendo monossilábica.

— Pensei que tinha gostado do carneiro, nem terminou o primeiro prato. — A voz firme do Ricardo me puxa para a realidade novamente, o clima de descontração entre nós havia ido embora por completo.

— Já estou satisfeita, obrigada.

— Não vai querer nem saber o que é a sobremesa? — Faz charme com a boca ao dizer, mas finjo não ver.

— Não — respondo tão seca quanto o deserto do Saara.

Levanto para jogar o resto de comida do prato no lixo, lavo e enxugo antes de guardar. Faço o mesmo processo com o garfo e a faca. A essa altura, como imaginei, o meu cabelo secou e virou uma juba. Tenho que prender logo antes que o Ibama resolva passar aqui e me enjaular pensando ser alguma leoa perdida

do seu bando. Meu pensamento me faz sorrir sozinha balançando a cabeça enquanto enxugo as mãos no pano de prato.

— Dez mil reais pelo motivo do seu sorriso — assusto e me viro com sangue nos olhos pronta para arrancar o pinto dele fora por estar zombando de mim por causa do dinheiro da fiança mais uma vez.

— Mas o que você está fazendo, Ricardo? — Perco o chão ao dar de cara com o pai da minha filha, de joelhos diante dos meus pés com cara de cão sem dono e um cheque na mão. Juro que não faço ideia de onde quer chegar com isso.

— Você disse que quando descobrisse a verdade sobre como conseguiu o dinheiro da fiança iria ter que pedir perdão de joelhos. Bom, eu descobri. E aqui estou, diante dos seus pés pedindo desculpas por ter sido um cafajeste contigo, julgando a sua moral com acusações descabidas, e esse cheque no valor de um pouco mais de dez mil reais, é para cobrir os juros do empréstimo que o seu pai fez e inteirar o dinheiro para o seu irmão comprar uma moto nova.

Sinto sinceridade nas suas palavras, mas isso não diminui em nada a minha fúria. Quem esse Delegado pensa que é para investigar a minha vida dessa forma?

Quebrou o sigilo bancário da minha família, aposto! Até sobre o meu irmão vender a moto ele conseguiu descobrir. Tenho certeza que não foi de forma legal, não teve tempo para isso. Estou prestes a partir para cima dele para enchê-lo de pancada chutando sua bunda durinha e mandá-lo para o quinto dos infernos. Mas, quando fecho os olhos e lembro da alegria do meu pai ao ver a Maria, de como os três devem estar se divertindo em casa nesse momento, resolvo respirar fundo e sair de cabeça erguida dessa história.

— Eu aceito o pedido de desculpas, Ricardo. Mas não o dinheiro. Se não tem como recuperar o nosso, o seu, nós não queremos. — Ele se coloca de pé e segura meu rosto entre as mãos, me obrigando a encará-lo, até tento recuar, mas o balcão da pia atrás de mim me impede favorecendo a situação para ele.

Confesso que fico intimidada, assim tão de perto ele parece mais alto ainda, pelo menos uns 25 centímetros a mais que eu. Mas não demonstro, meu olhar permanece mais firme do que nunca.

— Você sabia que se o seu pai não conseguir pagar o empréstimo, o banco pode tomar a casa de vocês em um piscar de olhos? Não seja orgulhosa, Júlia, aceite o cheque.

Orgulhosa, eu? Sou mesmo, e muito.

— Obrigada pelo jantar, Ricardo. Realmente não precisava montar isso tudo só porque se sentiu culpado por ter me tratado como uma prostituta. Bom, pelo menos agora sabe que o que chama a minha atenção em um homem é o seu caráter, não a conta bancária dele! Tenha uma ótima noite. — Lanço o olhar sobre o cheque em suas mãos, depois para ele com todo desprezo que uma pessoa pode sentir por alguém nesse mundo. Logo saio da cozinha passando pela porta de cabeça erguida, com a alma lavada e o meu orgulho intacto.

Mas Ricardo não é do tipo que desiste fácil, é tão teimoso quanto eu. Aumento o ritmo dos meus passos ao sentir sua presença cada vez mais forte atrás de mim, mal termino de subir as escadas e sou puxada bruscamente sendo prensada na parede do corredor por duas mãos fortes me deixando totalmente imobilizada.

— Disse o que queria, agora é a sua vez de me ouvir, Júlia.

Repete o mesmo que eu disse a ele na cozinha outro dia quando o joguei no chão e o mobilizei obrigando-o a escutar tudo o que tinha engasgado na garganta. Ele se inclina para olhar nos meus olhos, querendo contato visual enquanto fala. Quase não existe distância entre nós e vem chegando o corpo cada vez mais e mais perto, querendo me deixar maluca.

— Você é a pessoa mais irritante que conheço na vida, orgulhosa, teimosa pra cacete! Sempre pronta para me afrontar com esse nariz empinado. Mas também é a mulher mais valente, nunca vi ninguém defender quem ama com tanta garra e fico extremamente feliz da minha filha ser uma delas. Está na cara que não conseguiria separar vocês duas nem se dedicasse o resto dos meus dias a isso, morreria tentando. Por isso tenho cedido o máximo que posso para isso dar certo, mas você não facilita o meu lado em nada, sempre na defensiva, pronta para a briga. Eu errei em ter julgado mal a sua moral, porra! Mas estou tentando me redimir da melhor forma que posso, e não pense que estou devolvendo o dinheiro da fiança por pena, porque não é. Faço pela nossa filha, porque não sou tão orgulhoso quanto a mãe dela a ponto de suportar ver a menina sofrendo quando as pessoas que tanto ama forem despejados na rua. Porque se não aceitar a droga desse dinheiro é isso que vai acontecer, senhorita Júlia Helena da Silva. — Ele me desarma na mesma hora, é um homem esperto e já percebeu que o meu ponto fraco é a minha família. Só abaixo a guarda quando o assunto envolve eles, caso contrário, luto até a morte.

Com a respiração pesada pela adrenalina de colocar tudo isso para fora em

um golpe só, gira o corpo me oferecendo as costas trêmulas, nervoso demais para continuar olhando para mim. Eu havia conseguido lhe tirar do sério de verdade dessa vez, os punhos estão fechados com tanta força que perderam a cor. Posso ouvir sua respiração pesada, cada vez mais ofegante.

— Não é orgulho, Ricardo, só não acho justo aceitar dinheiro do homem que mesmo depois de descobrir tudo isso de alguma forma ainda acha que tenho algum tipo de envolvimento no sequestro da sua filha. Me corrija se eu estiver errada. — Olha para mim por cima do ombro, piscando algumas vezes.

— Pensei que havíamos combinado que seria “nossa” filha, não minha ou sua. — Muda o foco do assunto, é mestre nisso.

Mas nós dois sabemos a resposta.

— Só aceito o cheque se for no valor exato da fiança, nem um centavo a mais. — Fecho a cara com uma tromba enorme e ele sorri vitorioso, homem gostoso dos infernos. Com o mesmo tom petulante, continuo. — Pensando bem, se alguém tiver que sair com prejuízo dessa história, que não seja o meu pai e o meu irmão que não têm nada a ver com essa merda toda. Nem mesmo eu tenho. Mas já pediu perdão de joelhos, como eu havia dito, agora só falta te fazer engolir goela abaixo a verdade sobre a minha inocência na participação do sequestro da Maria.

Apoia uma mão na parede ao lado do meu rosto, enrola o cheque com a outra e o enfia dentro do bolso da frente do meu vestido bem próximo ao decote.

Juro que tento ser uma pessoa passiva, adepta ao estilo “*paz e amor*”, mas tenho o sangue quente demais para isso e perco a paciência com muita facilidade. Principalmente em relação a esse cretino à minha frente, todo lindo e cheiroso nessa camisa azul. Essa conversa é ao mesmo tempo fascinante e louca. E um tanto provocante. Ainda mais com um macho alfa desse me encarando, determinado a me domar, pegar de vez as rédeas da situação.

Querendo ser protetor comigo e a minha família. Caramba! Isso mexe demais comigo.

— É assim que eu gosto de te ver, Marrenta, com a língua mais afiada do que nunca. — Se aproxima perto demais para o meu gosto.

Nossos rostos colados, os lábios quase se tocando.

Encaramo-nos por alguns segundos em total silêncio, a chuva lá fora cai pesadamente e acaba tendo uma queda de energia. Permanecemos imóveis, no

escuro, segundos depois as luzes se acendem e estamos nos beijando loucamente, nos esfregando encostados na parede do corredor. Não sei qual de nós iniciou o beijo, foi tudo tão rápido, apenas aconteceu. Não tinha como evitar. Ricardo me beija de forma possessiva mordendo e chupando meus lábios, e gemo sem nenhum pudor puxando-o pelos cabelos o atraindo cada vez mais para mim.

— Eu não posso te oferecer mais nada além de prazer, Júlia — sussurra sem separar nossos lábios, mete a mão por baixo do meu vestido e aperta a minha bunda erguendo o quadril de forma que a sua ereção se alinhe a mim, me encarando com seu olhar intenso e perturbador.

— Não espere mais do que isso de mim também, Delegado. — Enfio a mão dentro da sua calça atrás da ereção que exibiu agora a pouco esfregando-a em mim desavergonhadamente. Ao agarrar seu membro com firmeza, me delicio com a cena de sentir todos os músculos do seu corpo se contraindo.

Mordo o lábio enquanto o masturbo olhando no fundo dos seus olhos e fazendo cara de safada. Puta merda, ele é grande demais e grosso, uma ereção vigorosa que enche a minha mão. Por um momento o imagino dentro da minha boca, Ricardo grunhe com um cavalo arisco, acho que leu os meus pensamentos através dos meus olhos.

— Para mim está ótimo assim, Marrenta. Um não exige nada do outro depois — propondo-me sexo sem compromisso. Adoro a ideia mesmo alguma coisa me dizendo que me arrependerei depois.

— Perfeito, Delegado. — Seus olhos escurecem e sinto sua ereção inchar ainda mais na minha mão.

Ele faz um esforço sobrenatural para não pular em cima de mim, então segura o meu rosto entre as mãos tentando controlar o desejo avassalador que cresce cada vez mais, assim como cresce dentro de mim.

— Tem certeza, Júlia? Não quero que diga depois que estou me aproveitando de você e... — O calo com um beijo cheio de malícia, deixando bem claro que estou longe de ser uma garotinha ingênua que se apaixona pelo cara depois de ir para cama com ele na primeira noite.

— Somos dois adultos, Ricardo. Podemos perfeitamente separar sexo da nossa vida pessoal. Sentimos uma forte atração sexual pelo outro, mas não temos interesse num envolvimento sentimental. Para mim não poderia ser melhor, estou terminando a faculdade e tenho uma filha pequena para cuidar, não tenho tempo

para paixonite aguda.

— Entendo. — Ele arqueia a sobrancelha em um olhar um tanto surpreso com as minhas palavras, normal. Todos os homens tremem na base quando ficam diante de uma mulher bem resolvida.

Sabia que já estava bom, mas tomada pela ansiedade continuo falando... falando e falando como um disco arranhado. Não sei o que dá em mim, ele tão próximo assim, me deixa nervosa.

— E se formos parar para pensar, quem deveria sentir que está sendo usado aqui não sou eu, Delegado, nem acredito no amor. Já você, deu para perceber ser um romântico à moda antiga que acredita em almas gêmeas e tudo mais. É bom que saiba que sou uma mulher independente e só faço sexo sem compromisso, dou prazer e recebo o mesmo em troca e todo mundo sai feliz no final da história, ok? Meu corpo, minhas regras. — Assente, com os olhos estreitos, pensativo.

— Ok — concorda, enigmático.

A cor fugiu do seu rosto, nunca imaginou que lhe daria uma resposta dessas. Os homens nunca esperam algo do tipo, têm o ego grande demais tratando a nós, mulheres, como seres indefesos, iludíveis que não sabem o que quer. Até parece! Procuro algum sinal de julgamento nas suas feições, mas a única coisa que acho é pura surpresa como se estivesse conhecendo quem eu sou de verdade neste exato momento.

E pelo olhar intenso, está gostando muito do que vê.

— Então tudo o que pode me oferecer é uma noite, Marrenta? — Desenha minha boca com as pontas dos dedos, não tendo malícia no seu ato.

Mas os olhos estão escuros, cheios de luxúria, pecado.

— Sim, é pegar ou lagar.

Sou direta.

— Ótimo! Prometo fazer dessa noite a melhor da sua vida.

Meu coração acelera quando me pega nos braços e caminha até a porta do seu quarto, mas faço sinal para que entremos no meu, não quero que aconteça na mesma cama que me beijou pensando ser a esposa.

Faz o que eu peço sem questionar, virando a sua rota, acho que desconfia o motivo. Coloca-me no chão assim que entramos e tranca a porta do meu quarto

guardando a chave única no bolso. Não sei por que, já que estávamos sozinhos. Será que é medo de eu fugir? Fico curiosa e ao mesmo tempo me deleitando com a bela imagem dos seus largos e fortes ombros, os bíceps firmes flexionando, exalando superioridade conforme se movimenta.

— E como pretende fazer isso, Delegado? — Provoco, louca para saber quais serão as consequências. O quarto conta apenas com uma luz fraca, deixando tudo mais excitante.

Ele vira de frente para mim encurtando o espaço entre nós como um animal no cio, louco para mostrar à sua fêmea que é ele quem manda. Permaneço imóvel, ofegante e desejosa, pronta para ser possuída da forma mais selvagem possível por esse homem magnífico, disposto a me dar a melhor noite da minha vida. Contudo, para o meu desapontamento, Ricardo não faz isso. Como um verdadeiro cavalheiro, segura a minha mão e leva até os lábios depositando um beijo tão doce e respeitoso que me deixa com vontade de chorar, nunca nenhum homem na hora do sexo fez um gesto tão gentil comigo.

— Eu farei amor com você, Júlia. Do jeito que toda mulher merece ser amada, principalmente aquelas que tiveram o coração quebrado por algum idiota e deixaram de acreditar que possam ser amadas por um homem de verdade. — Paro de respirar, ele acaba de tocar na minha ferida aberta. Começo a olhar para todos os lados, sentindo-me perdida.

Ele não tem o direito de fazer isso! Não tem!

— Só que assim eu não quero, Ricardo. Sai! — Retruco enfurecida.

Mas ele não se move um centímetro e enfia as mãos no bolso me olhando de um jeito indescritível.

— Por essa noite você é minha, fizemos um trato, lembra? — Seu olhar se torna mais intenso e sua voz baixa para um tom de intimidade.

O desafio com o olhar levando as mãos à cintura, está obviamente distorcendo o nosso trato a favor da sua vontade.

— Lembro sim, Ricardo, principalmente a parte em que o nosso trato foi que um daria ao outro nada além de prazer, se não for seguir essa regra à risca, eu não quero e ponto final!

— Eu disse que não posso te oferecer nada mais além de prazer, mas não que te daria de forma bruta. Quero que aconteça com amor, como nenhum outro fez antes com você, não é mesmo, Júlia? — Toca na minha ferida novamente,

dessa vez, mais fundo.

Droga! Minha vontade de chorar é quase incontrolável, mas eu odeio mostrar fraqueza na frente dos outros. Então, engulo mais uma vez como tantas outras quando alguém me magoou. Preciso mostrar que sou forte, invencível. Mas se o Ricardo continuar me olhando dessa forma, todo galanteador, não sei se vou aguentar, vivo por um fio desde que o conheci. Estou acostumada com homens práticos que estão apenas em busca de prazer, assim como eu. Nunca nem sequer citamos a palavra amor, muito menos em fazer.

— Vai embora, Ricardo. Por favor — sussurro, insegura do que peço.

Do que quero.

— Já disse que não vou a lugar nenhum, querida. — Começa a desabotoar os botões da sua camisa um por um e a tira arremessando longe sem se importar onde, dando a mim o deslumbre da imagem do seu peito másculo. Minha reação, de imediato, é virar de costas e fechar os olhos procurando controlar a respiração, pois ter a visão do seu corpo e do seu olhar sedutor me deixava à beira de um abismo, prestes a perder a razão.

Excitada e encantada ao mesmo tempo.

Sinto que se aproxima a passos ensaiados, sabendo que se me irritar mais um pouco, sua vida ficará em risco. Suas mãos fortes agarram a minha cintura por trás de forma bastante gentil, seus dedos me puxam para si. Mordo os lábios para prender o gemido que se forma em minha garganta ao sentir sua ereção dura e grossa contra a base da minha coluna. O desgraçado está jogando baixo para me fazer ceder. E está conseguindo. Que ódio desse homem por fazer com que me sinta tão desprotegida dessa forma, com a guarda totalmente baixa.

— Por que você tem que ser sempre tão teimosa, Marrenta? — Seus lábios roçam de leve na minha orelha, as mãos que estão em minha cintura descem para o meu quadril me espremendo cada vez mais contra ele.

Senhor! Nunca fiquei tão excitada antes, tanto que minha cabeça começa a girar.

— Por favor, Ricardo, me deixe sair. — Encosto a testa na porta, quase sem ar, com ele cravado atrás de mim como se não fosse me soltar por toda eternidade, o pior é que me sinto segura ao seu lado.

— Eu vou deixar — suspiro aliviada, estou salva. — Mas só depois do café da manhã que vou trazer para você na cama — dito isto, me vira de frente para

ele em um movimento brusco, o azul dos seus olhos agora está em um tom acinzentando mais escuro, perigoso.

— Ricardo... — Tento protestar.

— Shh. — Tampo meus lábios com o dedo indicador.

Baixando a cabeça, Ricardo pressiona os lábios na curva do meu pescoço traçando um caminho de beijos até o ombro. Surpreendo-me com a maciez e a delicadeza dos seus lábios, o cuidado em cada gesto.

— O seu cheiro me deixa louco, sabia? — Desliza uma alça do vestido deixando um beijo molhado no lugar, faz o mesmo no processo com a outra.

A peça escorrega pelo meu corpo lentamente, seus olhos gulosos descem junto com o vestido que vai ao chão em questão de segundos, caindo em volta dos meus pés como uma poça d'água. Seus olhos dão uma atenção especial para os meus seios livres. Vejo que a saliva passa com dificuldade pela sua garganta, seu olhar é faminto, mas não de comida. Gostei de saber que a minha aparência o agrada tanto quanto a sua me agrada.

Mas que porra é essa agora, Júlia? Desde quando tem insegurança em relação ao seu corpo, mulher? Para que tá feio! Nenhum homem reclamou antes.

Aí que está o problema, Ricardo Avilar não é qualquer homem.

— Uau! — Geme alto, finalizando com sua risada baixa.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas o pacote em meio às suas pernas quase explodindo o tecido da calça me deixa muda. Engulo seco e fecho as pernas com força, Ricardo dá um passo para trás levando a mão ao queixo à procura de uma posição melhor para me admirar com calma.

— Você é tão linda, parece uma obra de arte.

Porcaria! Estou tão molhada, esse homem vai acabar comigo uma hora dessas.

Entrego os pontos de uma vez e pulo em cima dele. Chega de resistir! Chega de fugir! Quero experimentar isso de fazer amor, mesmo que seja só por uma noite. Ricardo facilmente me segura no colo de modo que minhas pernas rodeiam a sua cintura e o beijo como se minha vida dependesse disso, ele responde na mesma intensidade.

— Faça amor comigo — ordeno, fazendo-o rir do meu desespero em ser

possuída por ele da forma que quiser.

Desde que esteja dentro de mim, tanto faz.

— Será um prazer, Marrenta — declara mordendo o lóbulo da minha orelha e mordiscando uma área sensível atrás dela.

Caminha comigo até a cama segurando-me firme, transmitindo toda segurança que preciso no momento. Não sei explicar, mas confio a minha vida ao Ricardo. Deita-me com cuidado cobrindo o meu corpo com o seu, olhando intensamente no fundo dos meus olhos. Toma minha boca em um beijo molhado e gostoso, sua língua se move devagar me dando todo o prazer possível, fazendo com que o desejo ainda mais, ansiando para que faça o mesmo entre minhas pernas.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, interrompe o beijo e baixa a boca para o meu pescoço, vai descendo deslizando a língua, passando pela minha pele quente de desejo até chegar aos seios. Ele abocanha um deles sugando-o com avidez lambendo em volta dos mamilos enrijecidos e sensíveis. O outro explora com a mão através de apertões suaves e ritmados imitando os movimentos de sua boca.

— Meu Deus, seus seios são enormes, que delícia! — Rosna com a voz rouca, travando uma guerra consigo para não perder o controle e ir com calma para prolongar o momento o máximo que puder. — Ah, Senhor... — Grunhe abocanhando o outro seio de um jeito que me faz gritar de prazer, produzindo uma onda de calor forte pelo meu corpo fazendo-me transpirar.

Brincou com os meus seios enquanto quis, só para ao perceber que estou prestes a explodir em um orgasmo intenso somente com os toques habilidosos da sua língua feroz. Continua descendo, agora fazendo um caminho de beijos passando pelo meu ventre e só para quando chega ao tecido da minha calcinha branca de renda. Agradeço aos deuses por ter colocado uma nova, caso contrário, o meu constrangimento seria enorme.

Arfa ao segurar as tiras em volta do meu quadril e deslizar a calcinha pelas minhas pernas até passar pelos meus pés. Agora sim, estou totalmente nua e entregue ao desejo do poderoso Delegado Ricardo Avilar.

— Essa você não vê nunca mais! — Meus olhos procuram desesperadamente por ele, o vejo juntar a calcinha dentro da mão e cheirar antes de enfiar no bolso de trás da calça.

— Pode ficar, vai ficar uma gracinha em você. — Jogo uma piscadela para o seu lado, ele me fita com seus olhos azuis gloriosos e sorri de um jeito devasso.

Puta que pariu, que homem delicioso.

— Abre para mim, Marrenta — ordena e as minhas pernas obedecem ao seu comando sem nenhum pudor escancarando minha intimidade para ele. — Hummm... Você está toda molhadinha para mim, até escorrendo nas bordas.

Passa a língua sobre os lábios, louco para experimentar o meu gosto, fecho os olhos diante da vulnerabilidade de estar de pernas abertas sendo admirada pelo homem que a princípio acreditava odiar com todas minhas forças e queria bem longe de mim.

Agora mal posso esperar um segundo para que me toque, se demorar mais que isso, sou capaz de morrer.

— Se você não começar a me tocar logo, vou continuar sozinha. Então o que vai ser, Delegado? — Levo a mão para o meio das minhas pernas, ele se aproxima na velocidade da luz se pondo de joelhos sobre a cama com a cara fechada.

— De jeito nenhum, mocinha. O único que irá te dar prazer hoje, sou eu. — Tira a minha mão do seu objeto de desejo, mas não antes de beijá-la. Inclina o corpo enfiando a cabeça no meio das minhas pernas, sinto o calor da sua respiração me dando uma incrível sensação de prazer antes mesmo de me tocar.

Minhas mãos cravam no lençol quando cobre o meu sexo com a boca, sua língua brinca com o meu clitóris inchado causando algo parecido com arrepios pelo corpo. Tenho que morder os lábios com força quando suga com tanta vontade que acabo perdendo o controle, ele tem uma certa habilidade no que está fazendo. Sabe exatamente onde me tocar com sua língua talentosa para me fazer perder a razão, mas quando enfia um dedo em mim é que enlouqueço de verdade.

Não satisfeito, enfia mais outro enquanto me chupa incansavelmente. Agarro mais forte o lençol até os meus dedos ficarem pálidos e, sem nenhuma vergonha, ergo os quadris na tentativa de atrai-lo cada vez mais para mim. Percebendo a minha intenção, Ricardo me segura pelas coxas.

— Porra! Você é muito gostosa, poderia passar dias lambendo que não enjoaria do seu gosto. Nem um pouquinho — geme entre as sugadas que me dá,

me levando ao paraíso. — Mal provei o seu gosto e já estou viciado nele. — Começa a esfregar meu clitóris com o dedão, em movimentos circulares.

Fecho os olhos e aperto meus próprios seios em busca de mais prazer, mas Ricardo não deixa que continue. Afasta a minha mão colocando a sua no lugar. Não brincou quando disse que é só ele que vai me dar prazer essa noite. Massageia o meu seio deixando-o insurportavelmente sensível, com a outra mão me fode com os dedos sem dar um segundo de trégua levando-me ao delírio.

— Ahhhhh que delícia, Ricardo. Não pare. — Mio como uma gata no cio, girando os quadris sem nenhum pudor ao ritmo dos seus dedos que entram e saem suavemente de mim.

A mão que está no meu seio sobe pelo meu rosto, precisando do contato íntimo para não perder o controle da situação de vez. Ao delinear a minha boca, abocanho um dedo seu e o chupo sensualmente, seguindo os movimentos da sua língua e dedos dentro de mim. Ele geme alguma coisa, mas estou atordoada demais para ouvir direito.

Nunca pensei que poderia chegar em um grau de excitação tão alto. Ricardo poderia fazer o que quisesse comigo que não me oporia, e ainda pediria mais. E ele sabe disso. Segundos depois, aumenta o ritmo das investidas me fazendo explodir em um orgasmo alucinante. Espasmos tomam conta do meu corpo, me deixando totalmente saciada, sensível e leve. Pensei que já havia acabado ali, mas não. Continua me chupando loucamente, olhei para baixo confusa e recebo a seguinte resposta:

— Eu estava só me aquecendo, agora é para valer. — Os cantos da sua boca se curvam em um sorriso devasso, com o rosto vermelho e os lábios inchados.

Que homem gostoso, nunca vi igual.

Juro!

Tomo a iniciativa de puxá-lo pelos cabelos querendo que me dê mais, e ele me dá tudo o que tem lambendo toda a extensão do meu sexo, sugando cada gota do meu líquido. Castiga-me assim por um bom tempo. Para finalizar, basta um simples sopro do seu hálito frio contra o calor do meu corpo para o meu segundo orgasmo vir seguido de um grito altíssimo que se não fosse pelos raios da chuva lá fora, o Rio de Janeiro inteiro teria ouvido.

Como a Dona Célia disse uma vez que seria.

Minha respiração mal se normaliza quando Ricardo sobe à procura da

minha boca e me beija desesperadamente. Sentir o meu gosto em sua boca é algo realmente excitante. Brinca mais um pouco com meus seios, lambendo os mamilos completamente duros.

— Droga! — Pragueja saindo de cima de mim.

Paraliso, será que se arrependeu e não me quer mais?

— O que foi, Ricardo? Não quer mais? — Pergunto em um fio de voz, nem sei se ouviu.

A falta do seu toque faz com que me sinta quase uma órfã, fecho as pernas e tampo os seios com as mãos em sinal de insegurança.

— Não é isso, é que... bem, já faz um tempo que não transo então não tenho camisinha em casa. — Xinga baixinho, com as bochechas levemente coradas de vergonha enquanto coça a nuca. — Mas sinto que se não fizer amor com você hoje, acho que morro — revela, morrendo de medo que eu diga “não”.

— Relaxa, tenho um pacote na minha bolsa. — Giro o corpo para o lado e pego a minha bolsa no criado-mudo, tiro o pacote de camisinha e jogo na sua direção que o pega no ar, ágil como um gato.

Ele examina o pacote em suas mãos por alguns instantes com a cara fechada e os olhos ardentes, mas não é só de tesão. *Ciúme, talvez?*

Tira a calça com cueca e tudo em tempo recorde sem tirar os olhos de mim, chego quase a engasgar de nervoso ao ver o tamanho do seu pênis. Tão duro que, da distância que estou, dá para ver as veias grossas por toda sua extensão. É tão incrível que se curva apontando para o teto.

— Quer me ajudar com isso? — Assinto ao ver a camisinha em suas mãos já fora do pacote e pronta para uso.

Vem desfilando na minha direção como um deus do sexo, ficando de joelhos sobre a cama na minha frente. Entrega a camisinha, e a visto nele com as mãos trêmulas. O cretino acha graça do meu nervosismo, pareço uma virgem nua na frente do seu primeiro namorado. Eu que sempre fui uma leoa na cama com os homens, agora voltei a agir como uma menininha nas mãos do Ricardo.

Com muita gentileza, me ajuda a deitar na cama e volta a cobrir o meu corpo com o seu beijando meus lábios por um longo tempo. Ajeita-se perfeitamente no meio das minhas pernas como se elas tivessem sido feitas como base para abrigá-lo dentro de mim.

— Você é tão linda, parece uma flor desabrochando. — Esfrega a cabeça do membro na minha entrada espalhando o meu líquido por toda sua base, mordo os lábios para não começar a gritar antes da hora. — O seu sorriso tem o brilho de todas as estrelas juntas, como a aparição do sol depois da tempestade — diz e entra em mim em uma estocada só, me fazendo arfar.

— Ahh, Ricardo... — gemo extasiada de tanto prazer, ele não se move e beija os meus lábios com mais intensidade me distraindo até que acostume com o seu tamanho.

Sinceramente, não me importei nem um pouco com seu tamanho avantajado, achei delicioso.

— Tão apertadinha e gostosa! O sonho de qualquer homem em carne e osso, e só por essa noite. — Sai lentamente e entra com tudo, parece quase encostar no meu útero, a cama dá uma rangida que penso que vai quebrar, minha cabeça chega a bater na cabeceira da cama. — Sou um cara de muita sorte por tê-la em meus braços, queria que esse momento fosse eterno, querida.

Começou a se movimentar dentro de mim de uma forma lenta e enlouquecedora, toda vez que entrava e saía, era como se colasse um pedaço do meu coração quebrado pelo idiota do Vitor. Venerando o meu corpo, me amando a cada estocada.

Uma... duas... três... infinitas vezes.

Foi tão bom, uma sensação tão incrível, que me deixou com vontade de chorar. Nunca fui tratada com tanto carinho, estávamos fazendo amor de verdade. Agora que provei desse jeito, não sei se vou querer de outra forma.

Com outra pessoa.

Fecho os olhos virando o rosto para o lado, não posso olhar nos seus belos olhos agora e ficar mais encrocada do que estou. Nesse momento, quero tê-lo só para mim. Ser a sua *alma gêmea*, que me amasse de verdade como sempre amou a esposa e ainda ama até hoje. Não apenas só por uma noite, porque de manhã esse elo entre nós será quebrado e voltarei a ser ninguém na sua vida.

— Olhe para mim, meu amor. — É a gota d'água, nego conforme as lágrimas começam a escapar.

Ele vira o meu rosto segurando o meu queixo delicadamente.

— Abra os olhos agora, Júlia — ordena em um tom de voz firme.

Quase grito quando para de se movimentar, tenho certeza que não voltará até que faço o que ele quer.

— Por que está fazendo isso comigo, Ricardo? — Abro os olhos e um soluço escapa dos meus lábios assim como algumas lágrimas de pura dor escorrem dos meus olhos.

— Apenas mostrando como merece ser tratada, Júlia. Com amor e respeito. Devoção. — Limpa minhas lágrimas voltando a se movimentar dentro de mim, aumentando o ritmo aos poucos enquanto me beija de forma mais branda. — Apenas me deixe amar você por apenas essa noite, se entregue a mim por completo, corpo, alma e coração. Prometo fazer essa dor passar. — Deposita um beijo sobre o meu coração. Fico encantada com todo carinho e paciência que está tendo comigo, me fazendo esquecer dos meus traumas do passado que me fizeram desacreditar no amor.

Em finais felizes.

— A dor já passou, me esqueci dela quando senti você dentro de mim. — Minha voz sai meio abafada devido ao impacto das investidas não sendo mais tão gentis, vinha segurando o seu desejo desde que entramos nesse quarto.

— Então qual o motivo das lágrimas, meu anjo? — Ele sua frio, falar e fazer a força que está fazendo ao mesmo tempo, não deve ser fácil.

— São de alegria. — Abre um sorriso do tamanho do mundo, iluminando tudo à nossa volta, correspondo, acredito eu, com o mesmo brilho.

Toma os meus lábios em um beijo apaixonado, amoroso. Será muito difícil alguém superar a noite que estou tendo nos braços do Ricardo. Quando disse que faria dessa a melhor noite da minha vida, não imaginei que levaria a promessa tão à risca, conseguindo me deixar marcada, para sempre.

— Nossa! Eu vou gozar muito, você é tão apertadinha. — Suas palavras saem engolidas, com um toque de loucura.

Abre mais as minhas pernas, tornando a penetração tão profunda que mal consigo aguentar. Essa posição dá a ele total acesso e faz bom aproveitamento disso. Enfia tudo, entrando e saindo em uma velocidade surreal, a temperatura do seu corpo aumenta, gotas de suor surgem pelo seu rosto.

— Ahh, Ricardo... mais rápido, por favor — exijo, entregue a ele que obedece com louvor.

— Olhe para mim quando estiver gozando, meu amor. — Basta mais duas

estocas e chegamos ao clímax juntos e exaustos. Afundo em meios aos lençóis sentindo-me amada, especial.

Ricardo desaba sobre mim escondendo o meu corpo debaixo do seu, com a respiração ofegante, sussurrando palavras elogiosas cheias de amor e gratidão. De como sou linda, valente e boa mãe para nossa filha. Que adorou fazer amor comigo, estar dentro de mim. Sua voz é amorosa, minha vida nunca mais será a mesma depois dessa noite.

— Porra! Quero você de novo — revela, inchando dentro de mim novamente, arregalo os olhos, assustada.

Como isso é possível?

— Mas nós acabamos de terminar, Ricardo. — Não estou reclamando, longe disso. Apenas assustada com a sua disposição física.

— E vamos fazer de novo, e de novo, até o dia clarear — reforça em um tom dominador, troca de camisinha em tempo recorde, ajeita a posição novamente e reinicia com investidas lentas até chegar a um ritmo feroz.

Me amando com o melhor que tem, com toda a intensidade dos seus sentimentos. Entrelaça os dedos nos meus e continuamos a nossa dança do prazer. Pelo menos essa noite pertencemos um ao outro, nada ou ninguém mais importa.

Capítulo 25



RICARDO

A lua brilhava em meio ao céu com toda sua glória rodeada por um caminho de estrelas reluzentes, iluminando nossos corpos nus entrelaçados sobre a cama, tão unidos que parecíamos um só. Nem parecia que horas antes havia caído um temporal regado a raios e trovões que cortavam o céu com riscos eletrizantes. Nem vimos quando parou de chover, estávamos ocupados demais nos amando da forma mais intensa possível, como nesse exato momento. Não dei uma trégua à Júlia, simplesmente não conseguia parar de entrar e sair incansavelmente de dentro do seu corpo divino, seus gemidos ecoavam pelo quarto como música para os meus ouvidos.

Primeiro fizemos amor de uma forma mais branda, queria que Júlia sentisse como é ser tratada como merece. *Como toda mulher deveria ser tratada*. Isso deveria virar lei no mundo inteiro, pelo menos para mim, é. Caramba! Sou pai de uma menina, trato as filhas dos outros do jeito que quero que a minha seja tratada um dia quando se apaixonar. E, querendo ou não, isso vai acontecer, mas espero que seja daqui a pelo menos uns 30 anos.

No mínimo.

Nunca conheci ninguém tão durona como a Marrenta, a mulher é osso duro de roer. Brigona, barraqueira e teimosa pra cacete. Sempre na defensiva, com medo de deixar as pessoas se aproximarem e quebrar as barreiras que criou como modo de defesa contra a maldade do mundo. Imaginar que isso tudo é culpa de um canalha que não soube valorizar os seus sentimentos, me deixa furioso. Ele que nunca cruze o meu caminho, porque, se tiver esse azar, farei com que se arrependa de ter nascido.

Por isso quis tanto fazer dessa noite especial para ela, para tentar consertar o estrago que outro havia feito. Mas, na verdade, acabou sendo especial para mim também, fazendo com que me sentisse vivo de verdade, desejado. Desde que Andréia se foi, nunca mais toquei em outra mulher. Nenhuma me chamou atenção, não até Júlia aparecer na minha vida despertando desejos ocultos, possessivos, que nem sabia que existiam em mim.

Porra! Acho que estou muito encrencado.

Como resistir a essa forte atração que sinto por essa mulher? Ela me deixa louco, ensandecido, desnorteado de tanto tesão. Se tivesse ficado mais um dia sem beijá-la novamente, acho que morreria. Quando pus os olhos nela naquele bendito morro, sabia que seria minha perdição. Fruto proibido feito pelo diabo para me provocar. Como foi bom estar dentro dela ouvindo-a gemer meu nome enquanto me enterrava o mais fundo que podia pela... parei de contar na terceira.

Apenas deixei rolar.

Nunca senti nada parecido, o sentimento que essa mulher desperta em mim vai muito além da loucura. Algo feroz, primitivo. Quanto mais a possuo, mais aumenta o meu desejo pela Júlia.

— Mais rápido, Ricardo. Por favor — ela geme agoniada, de quatro sobre a cama enquanto a possuo indo cada vez mais fundo, me fazendo rir. Agora fazemos amor de forma voraz, enlouquecedora.

Imediatamente a coloco deitada com a barriga para cima e apoio suas pernas no meu ombro me dando livre acesso para uma penetração mais profunda. A princípio, entro com cuidado para não a machucar e vou aumentando o ritmo o tempo todo estimulando seu clitóris, até fazer Júlia perder a voz engolindo o fôlego a cada estocada. Ela mantém os olhos fechados mordendo os lábios com força, dou um tapa em sua bunda farta obrigando-a a olhar para mim.

Ela faz uma cara de safada que me deixa louco, mordendo a parte de dentro do lábio inferior me provocando. Bandida!

— Você me deixa louco, sabia? Goza para mim, querida, junto comigo. — Gozamos juntos em um grito agudo, libertador, totalmente exaustos, suados e desvalidos de forças até mesmo para dizer uma palavra que seja. No entanto, saciados em um nível que poucas pessoas no mundo conseguem alcançar.

— Acho que enfim consegui cansar você, estava começando a pensar que era uma máquina de fazer sexo — zomba com a voz ofegante.

— Eu não faço sexo, querida. Faço amor. Em níveis diferentes de intensidade. Acho que experimentamos quase todos hoje, temos que aproveitar já que só temos essa noite. — Quero dizer que se me der só um minuto para respirar, logo estarei pronto para outra rodada, mas não quero assustá-la. — Do mesmo jeito que casais apaixonados têm relações mais selvagens, casais sem compromisso, como nós, podem fazer com amor. — Ajeito melhor minha

posição deitando de barriga para cima puxando-a para os meus braços, Júlia apoia sua cabeça em meu peito com uma expressão de satisfação no rosto, fico feliz de ser o responsável por isso.

— Acho que entendo agora, amor é uma coisa estranha — analisa em um tom de paz, pensando muito antes de continuar. — Nunca tinha feito assim, pensei que sexo fosse uma coisa só de pele. Ainda mais quando acontece de forma casual como hoje entre nós, e eu gostei muito. Confesso que se soubesse que era tão bom, teria provado antes. — Sinto a temperatura do seu corpo aumentar, ficando excitada novamente.

Depois eu que sou a máquina de fazer sexo, penso escondendo o riso.

— Ainda bem que não sabia. Caso contrário, não estaria nos meus braços agora. Essa noite maravilhosa nunca teria existido, sabe por quê?

— Não faço ideia. — Boceja sonolenta esfregando os olhos. Antes de responder, observo como a luz da lua reflete em seu corpo negro, nu, sobre o meu, como um diamante negro.

— Porque qualquer homem nesse mundo que experimentar por uma vez o que é fazer amor com você, Júlia, não te deixará escapar nunca mais — explico, mas ela não ouviu, já adormeceu.

Mas eu me ouvi. Em alto e bom som. Fico surpreso com o fato de ter saído da minha boca e não me arrepender nem um pouco de ter dito. Corta meu coração saber que essa é a primeira vez que foi tratada de forma amorosa por um homem, contudo, o meu peito se encheu de orgulho em ser esse cara de sorte a fazer amor com ela. Sinto como se tivesse guardado esse momento para viver comigo, e juro por Deus que não posso nem cogitar a possibilidade de vê-la nos braços de outro homem.

Essa possibilidade me deixa em total desespero. E agora, o que faço?

Meus olhos vão ficando pesados, pisco cada vez com mais dificuldade. O sono está me vencendo, assim que cochilo, sinto uma mão delicada alisar o meu rosto com tanto carinho que me deixa tocado. Eu conheço esse toque, só o grande amor da minha vida me tocava assim.

— *Andréia, meu amor, que saudade!* — Sorri ao ver minha amada esposa assim que abri os olhos, mas diferente de mim, ela não sorria. Porém, também não parecia triste. Apenas me olhava cheia de amor, como sempre fazia quando estávamos na privacidade do silêncio do nosso quarto.

Usava um vestido branco longo muito bonito, uma áurea em volta do seu corpo emanando luz por toda parte. Seus cabelos eram um ruivo vivo, voando como se estivesse debaixo da água, sua imagem um tanto turva.

— Diga alguma coisa, querida, eu preciso tanto ouvir a sua voz. Eu te amo tanto. Preciso de você. Nossa filha precisa de você — ela negou balançando a cabeça, e levou a mão até o meu rosto tampando os meus olhos.

Senti a brisa do mar soprar no meu rosto, sorri sentindo a sensação maravilhosa que tinha o gosto salgado do verão. O vaivém das ondas e o som das gaivotas formavam uma combinação perfeita de paz e harmonia. Ouvi risadas próximas, uma delas reconheci imediatamente, era da minha ruivinha. Ela parecia estar se divertindo muito.

Agora sim eu estava feliz de verdade, minha família estava completa. A mulher que eu amava e o fruto do nosso amor.

Sofia.

— Tire a mão dos meus olhos, amor, quero ver pela primeira vez você e a nossa filha, juntas. — Assim ela fez, mas ao abrir os olhos não era mais a Andréia, mas, sim, Júlia, que sorria lindamente para mim com os olhos brilhando de amor.

Parou assim que notou a decepção no meu rosto, deu um passo para o lado para que pudesse ver a minha menina sentada na areia brincando com duas crianças bem menores que ela. Pareciam bastante risonhos, não deu para ver ao certo, pois a imagem estava embaçada, os raios do sol forte nublaram minha visão.

Júlia voltou a sorrir novamente, segurou a minha mão me incentivando a ir até onde as crianças estavam. Eu queria muito ir com ela, mas ao olhar para trás vi Andréia de costas caminhando na direção contrária à nossa. Por um momento fiquei confuso em qual lado seguir, mas sem pensar duas vezes soltei a mão de Júlia e corri o mais rápido que pude em direção à minha esposa. Não olhei para trás, apenas aumentava o ritmo cada vez mais, porém, a cada passo que eu dava a dor pelo que deixei para trás corroía cada vez mais o meu peito.

Mesmo assim não parei.

Em um determinado momento, Andréia sumiu em meio a uma névoa escura. Senti-me totalmente perdido, ao olhar para trás — agora tarde demais — Júlia também não estava mais lá. Nem as duas crianças que estavam

brincando com Sofia. Minha filha estava sozinha, chorando desesperadamente olhando para todos os lados como se estivesse perdida. Chamava por ela, mas não me ouvia. Uma rachadura enorme abriu o chão me impedindo de chegar onde estava, tudo começou a desmoronar à nossa volta e eu não podia fazer nada protegê-la.

Acordo com um grito pavoroso, o cabelo e a pele encharcados de suor. Sinto o cheiro da Andréia presente no quarto. Logo percebo que o dia não clareou, eu apenas cochilei por alguns minutos. Júlia ainda dorme serenamente ao meu lado, totalmente alheia ao pequeno inferno que acabei de viver.

Graças a Deus! Não quero magoá-la mais do que estou prestes a fazer agora.

Esfrego os olhos e pego o celular de Júlia sobre o criado-mudo, próximo à cama, e clico no botão do meio para ver as horas. A luz da tela toda quebrada se acende pontuando quatro da manhã em ponto. É um modelo antigo, com tanto tempo de uso que nem sei como funciona ainda. Reparo que a sua foto de fundo é uma dela com a ruivinha, ambas sorrindo como se não precisassem de mais nada para serem felizes além de estarem juntas.

Coloco o aparelho no mesmo lugar que peguei, levanto sem ao menos ter coragem de encarar Júlia, mesmo em estado inconsciente, sem poder me julgar por estar a abandonando no meio da madrugada. Não posso permanecer ao seu lado com a imagem tão viva de Andréia em minha mente, não depois de soltar a sua mão e correr em direção contrária à sua sem ao menos olhar para trás. Não posso arriscar que acorde e veja a culpa tão transparente em meus olhos.

Ela não merece isso.

Cato as minhas roupas espalhadas pelo chão e busco refúgio no meu quarto. Atravesso o corredor correndo e assim que entro, jogo tudo sobre o carpete indo direto para o banheiro. Sentir a água fria tocar minha pele quente formará um choque térmico nublando meus pensamentos por alguns segundos, meus sentimentos encontram-se divididos entre o passado com Andréia e o presente com Júlia.

Uma foi muito importante na minha vida; a outra, começando a ser.

Fecho os olhos e entro de vez debaixo do chuveiro desejando que o pavor da indecisão vá pelo ralo junto com minhas angústias. Eu não deveria ter caído na tentação e ido para a cama com Júlia. Não que esteja arrependido, foi uma das melhores noites da minha vida, mas também me faz sentir como se tivesse traído

a minha esposa.

O nosso amor eterno.

— Porra! — Soco os azulejos com força abrindo uma pequena rachadura em um deles, aguento a dor calado como castigo.

Se eu não fosse um covarde, parava de travar uma guerra interna e cederia à vontade louca de não ir trabalhar hoje, me trancaria no quarto com a Júlia esquecendo do mundo lá fora. Seríamos só eu e ela.

Mas não é tão fácil assim. Nunca é.

Por isso, assim que termino o banho, caminho pela escuridão do meu quarto e visto o meu uniforme o mais rápido que consigo. Pego o meu distintivo na gaveta, chaves do carro e a carteira e praticamente voou até a garagem, tudo para não correr o risco de topar com ela. Em trinta e quatro anos da minha vida, é a primeira vez que não tenho coragem de enfrentar alguém.

Durante o trajeto até a delegacia, tentei não pensar no momento em que ela acordaria e não me veria ao seu lado, mas era a única coisa que me atormentava toda vez que fechava os olhos, me devastando por dentro.

Fui o primeiro a chegar à delegacia, o que não faltava era trabalho para distrair os meus pensamentos. Mas sabia que de nada adiantaria até que decidisse agir como um homem de verdade e mandasse ao menos uma mensagem pedindo desculpa, parando de agir como um canalha covarde, aproveitador, sem coração. Passei uma manhã de merda e o resto do dia prometia ser pior ainda. Nem fui almoçar em casa, apenas liguei à tarde para o telefone da cozinha porque sabia que seria a empregada nova, Solange, que atenderia. Precisava ter notícias da minha filha, ela me disse que o avô a levou bem cedinho. Segundo Solange, nunca viu uma criança tão feliz na vida.

Minha língua coçou com vontade de perguntar sobre Júlia, mas não tive coragem. Preferi deixar quieto. Não sou digno de ouvir a sua voz doce depois do que fiz. Minha obrigação era de tê-la acordado com uma chuva de beijos e carícias, sussurrando em seu ouvido o quanto amei a noite que passamos juntos. Não queria que se sentisse usada, mas com certeza é exatamente como deve estar se sentindo nesse momento. Terminei a ligação e voltei ao trabalho.

Decido me juntar à equipe que vigia a casa onde procuramos fugitivos e, depois de uma semana sem nenhum sinal dos suspeitos escondidos ali, já não tenho muito o que fazer e estou prestes a cancelar a missão.

Dirijo até certo ponto da estrada e me embrenho na mata indo em direção à equipe, chego de mansinho e cumprimento a todos com um aceno de cabeça. Todos estão concentrados, os binóculos procurando qualquer movimentação suspeita que possa justificar a nossa suspeita, as armas prontas, tensos.

— Meu Deus! Eu acho que vi um dos fugitivos passar de relance pela janela, sem camisa e de mãos dadas com uma das crianças. Foi tudo muito rápido, senhor, mas pelas fotos que vi dos bandidos, tenho certeza de que é um deles, Delegado. O mais alto, branco, barbudo com uma cicatriz na testa — o tom moderado do Barreto me tira dos meus devaneios, ando disperso desde que cheguei à delegacia pela manhã.

Eu e a minha equipe nos dividimos em dois grupos fazendo rodízio para vigiar uma propriedade no meio do nada, escondidos em uma pequena mata ao seu redor. Não tínhamos visto nada de suspeito para invadir a casa. Por duas vezes na semana, contando com hoje, uma mulher loira apareceu com as mesmas três crianças, passam o dia e a noite aqui e vão embora de manhã bem cedo.

Pelo protocolo, eu deveria interromper a missão por falta de provas consistentes para continuar a vigia e arquivar a denúncia anônima como falsa. Mas o meu sexto sentido pediu para ficar de campana por mais um dia. Pelo visto estava certo, sinto que acharemos muito mais coisa podre do que estamos procurando.

— Liguem para a delegacia e peçam reforço. Vamos invadir o lugar agora mesmo, não podemos esperar mais um minuto! — Barreto assente com uma expressão séria.

Ele está desconfiado da mesma coisa que eu. Sei que deveríamos esperar o reforço, mas correríamos o risco de ser tarde demais para impedir o que estou imaginando estar prestes a acontecer, ou acontecendo.

— Mas não devemos esperar o reforço, senhor? Como Barreto disse, ele viu uma pessoa passar pela janela de relance, talvez seja apenas a mulher que passou de mãos dadas com a criança e ele louco para mostrar serviço viu mais do que existe. Não podemos invadir a casa sem evidências sólidas, como Delegado deveria saber disso. — Olho feio para o novo policial da minha equipe, não passa de um garoto filhinho de papai. Tem uma implicância com Barreto que não me agrada nem um pouco.

Carlos é alto e tem o corpo musculoso até demais, chega a ser estranho. Nessa farda colada ao corpo parece mais um *gogo boy*^[2]. Entrou na polícia só por

ser filho de um deputado. Loiro dos olhos verdes, pele branca e com as bochechas rosadas. Estilo Ken, namorado da Barbie, a boca rosada igualzinha à de uma mulher. Obviamente não tem talento para isso, em poucos dias trabalhando comigo, notei não ter um pinga de disciplina e age como se ele fosse o meu superior e não o contrário. Não tinha nem dois anos trabalhando nesse meio e, pelo o que vi em sua ficha, foi transferido de departamento por diversas vezes por mau comportamento. Acha que pode fazer o que quiser só porque tem as costas quentes.

Não sabe de nada, inocente! Corto suas asas antes de pensar em colocá-las para fora, vou fazer desejar nunca ter entrado em minha equipe. Serei seu pior pesadelo. Não sei por que, mas não fui com a cara do garoto desde que pus meus olhos nele.

— Dá próxima vez que questionar minhas ordens novamente, levará uma advertência da qual nunca se esquecerá na sua vida. — Minhas narinas inflam e o encaro com a melhor cara de mau que tenho, estreitando os olhos ameaçadoramente. Carlos sustenta o olhar por alguns segundos, mas, vendo que não pode bater de frente comigo, recua.

— Desculpe, senhor, não irá se repetir. — Torce o nariz para meu lado com olhos queimando de raiva.

Por que eu acho que não devo acreditar nisso? Seja como for, vou ficar de olho nele.

— Para o seu bem, espero que assim seja, policial — reforço o aviso.

— Escutem! Acho que tem uma criança chorando na casa, não estou nem aí para o reforço, por mim entramos agora. Confio na palavra do Barreto. — A policial Carol desafia o novato com o olhar, ela também percebeu a implicância dele sem motivo algum com o Barreto.

— Carol e Barreto vão comigo pela frente, o restante vigia os fundos para que os meliantes não fujam. — Somos oito no total. Dou as ordens enquanto confiro minhas armas ao mesmo tempo, apalpo o colete à prova de balas para ter certeza que está tudo “ok” para a invasão. — Não quero ninguém bancando o herói, façam o seu trabalho e a qualquer sinal de perigo, recuem — todos concordam, menos o Carlos que está com a cara azeda de sempre. Não confio nele, mas como acabou de ser transferido para minha equipe, tenho que engolir. Por enquanto.

Esse garoto ainda vai me dar trabalho.

— Novidade! Os *preferidinhos* do Delegado vão pela frente ao seu lado e o resto vai se foder entrando pelos fundos, o primeiro lugar por onde os bandidos pensarão em fugir — resmunga baixinho o novato, indo em direção aos fundos da casa com a sua arma em mãos, mas não baixo o suficiente para que os meus ouvidos aguçados não ouvissem. Deixo passar, por ora, agora temos problemas maiores para resolver.

Eu, Carol e Barreto seguimos sorrateiramente, conversando através de gestos e sinais, até a porta da frente que, por sorte, não está trancada. Entramos sem fazer barulho, as armas em punho, o coração acelerado. A casa é grande e bem decorada. Logo na sala de estar, nos deparamos com a cena horrenda de uma mulher transando no chão com um dos bandidos foragidos enquanto uma menina de no máximo 10 anos, apenas de calcinha, observa tudo sentada no sofá, totalmente constrangida e enojada com o que presencia.

Tão pequenina, magra e frágil. Pele muito pálida, cabelos ondulados cor de mel combinando com a cor dos seus olhos. Muito parecida com a mulher nua que está debaixo do homem, gemendo feito uma louca. Pela semelhança entre as duas, constato que se trata de mãe e filha. Melhor dizendo, mãe não, apenas a mulher que a colocou no mundo. Um ser desprezível como esse não merece ser chamado de algo tão sagrado.

A pobre menina arregala os olhos quando nos vê chegar, faço sinal para que fique calma e quieta, fico receoso de ela gritar e anunciar a nossa presença ao casal.

— Socorro! — Ela mexe os lábios trêmulos, tentando segurar o choro. Há tanto medo na sua expressão, mas não é de nós.

Faço sinal de positivo para ela e suavizo a minha expressão, passando a confiança que ela precisa. Olho para meus companheiros e dou o sinal para avançarmos.

O casal está tão entretido com a sua libertinagem que quando dão por si, nossas armas já estão apontadas para as suas cabeças.

— Vocês dois estão presos e se piscarem, eu atiro — sussurro para não fazer alarde. — Tudo o que preciso é de uma oportunidade de mandar os dois para o inferno em legítima defesa! — Dou a voz de prisão algemando os dois. O homem de meia idade tenta gritar para avisar a nossa chegada para o comparsa, mas é silenciado por uma coronhada bem dada. Por mim.

— Vem aqui, querida, vai ficar tudo bem agora. — Carol pega uma manta

que está sobre sofá, enrola em volta do corpo da menina e a leva para lado de fora da casa, conversando com ela na tentativa de acalmá-la um pouco.

Faço sinal para Barreto ficar de olho no casal de pilantras.

— Eu estava sendo estuprada por esse homem, que bom que vocês chegaram para me salvar, policiais. — A mulher maquiada exageradamente ameaça chorar, querendo dar uma de santa logo agora, tampando os seios com as mãos.

Maldita! Por mim que apodreça na cadeia pelo resto da vida, irei me dedicar para que isso aconteça.

— Se eu ver uma lágrima que seja, caindo, sua pilantra, eu atiro por abuso da minha paciência, então sugiro que engula esse choro falso, senhora. — Surpreendo-me pelas palavras do Barreto, é a primeira vez que o vejo encarnando o policial mau.

Com um aceno de cabeça, aviso ao Barreto que vou subir para vasculhar o segundo andar da casa, seu olhar apreensivo pede que eu tome cuidado. Subo os degraus fazendo o mínimo de barulho possível. Logo no corredor, escuto um choro doído. Apresso o passo até chegar a um quarto, me aproximo cautelosamente e pela porta entreaberta consigo ver que se trata de uma menina de uns 13 anos, nua, jogada no chão sobre o carpete vermelho como se fosse um saco de lixo, o sangue escorre pernas a baixo. Sobre seu rosto, principalmente na boca, — vejo um líquido viscoso branco, acredito que seja sêmen. Ela é ainda mais parecida com a mulher que encontramos no andar de baixo.

Como se a situação não pudesse ficar pior, o quarto é inundado por gemidos de dor misturado a outros de prazer, nunca me senti tão enojado como nesse momento. Abro a porta devagar, torcendo para que não faça barulho ou terei que agir antes do tempo. Meus passos são cautelosos, a menina me olha, mas não tem forças para reagir.

Os gemidos de prazer são do outro bandido, um homem alto e forte. Ele está nu, os olhos fechados e de joelhos sobre a cama enquanto violenta um garoto que grita de dor conforme o monstro estoca dentro dele. Dos seus olhos deslizam lágrimas dolorosas. O quarto cheira a perversidade, medo.

— Tire as mãos dele agora, seu maldito! — Meu grito ecoa no quarto em um som estridente.

Quando dou por mim já tinha pulado em cima dos dois e arrancado o

maldito de cima do garoto. O rapaz, mesmo em estado de pânico, ferido e humilhado, consegue pegar as suas roupas no chão, corre em direção à menina e praticamente a arrasta para fora do cômodo.

— Você está preso, seu maldito, vai apodrecer na cadeia. — Olho para o animal caído sobre o chão com o pênis ainda ereto e sujo de sangue na ponta, não sei se é da menina ou do garoto. Dos dois, talvez.

— Apodrecer na cadeia, Delegado? Conta outra piada, se eu fugi uma vez posso fugir de novo e em breve estarei comendo outra novinha ou o cuzinho gostoso de outro garoto, em paz. — Sua boca se curva num sorriso cínico, zombador.

Perco a razão de vez! Primeiro atiro nas duas pernas para que o filho da puta não tenha a mínima chance de fugir. Ele urra de dor rastejando nu pelo chão em direção à porta, deixando um rastro de sangue. Depois, aproveito que o cano da arma está queimando de tão quente e enfio no desgraçado que urra fazendo uma careta horripilante, chegando a sair lágrimas no canto dos olhos de tanta dor. Ficaré uma semana sem conseguir sentar direito.

— Pimenta só é bom quando arde no cu dos outros, não é mesmo? Pois fique sabendo que isso não chega nem perto do que vão fazer com você na cadeia, eu mesmo farei questão de espalhar entre os presos que você é um estuprador de criancinhas. — Vejo a expressão de pavor tomar conta do seu rosto.

Onde está o valentão agora, hein?

Morrendo de medo e com o rabo todo queimado, agora vai pensar duas vezes antes de fazer covardia com alguém.

— Vou te denunciar por tortura, mesmo sendo um policial não pode me agredir desse jeito sem motivo. Não estou reagindo à prisão. — O cínico ainda tem a ousadia de dizer com a cara mais lavada do mundo.

— Se abrir a boca sobre o que aconteceu aqui, vai acontecer pior. Não venha bancar o x9 ou vai se ferrar bonitinho. — Antes de algemá-lo, desfiro um soco de esquerda no queixo, só não o mato porque não posso, desço com ele sendo arrastado pelo braço escada abaixo, batendo a cabeça nos degraus.

O reforço chegou depois que tudo estava sobre controle, como nos filmes. Só aparecem quando não têm mais nada o que fazer. Os dois fugitivos e a mulher foram levados para a delegacia. As crianças ficaram sob a guarda do conselho

tutelar e foram conduzidos até o hospital. Serão feitos vários exames, entre eles HIV. Mesmo assustadas, contaram que não era a primeira vez que a mãe deles — a desavergonhada que estava se atracando com um dos fugitivos na sala em frente à filha mais nova — os levava para participar dos seus programas sexuais ganhando um dinheirão com isso, o qual eles não viam nem um centavo. Precisarão de acompanhamento psicológico, talvez pelo resto da vida.

Fiquei muito furioso, vagabunda dos infernos! Que tipo de mãe é essa que além de se prostituir leva os filhos juntos para participar de sua vida devassa? Se quer foder com a sua vida, tudo bem, mas estragar as das crianças inocentes desse jeito? Por mais que façam tratamento psicológico e sejam tratados com carinho e amor daqui para frente pela nova família que os adotarem — ajudarei no que for preciso para que isso aconteça o mais breve possível —, talvez nunca consigam superar o trauma que viveram até hoje nas mãos da maldita genitora.

Eu não vou conseguir superar nunca o que presenciei hoje.

Gostaria de saber como um homem consegue sentir prazer fazendo algo tão horrendo com um ser inocente? Porra! São só crianças. Existem para serem cuidadas por nós e não usadas como objeto de desejo. Essa é uma coisa que nunca vou entender. E tentarei combater ao máximo esse mal pela raiz, dando uma lição nesses covardes e mandando para trás das grades pelo máximo de tempo que eu puder. Viverei para isso, proteger pessoas que não podem se defender sozinhas.

Apesar dos pesares, a missão foi um "sucesso" prendendo os foragidos e uma cafetã dos próprios filhos menores de idade. Fiquei até tarde fazendo os relatórios, quando terminei estava quase dormindo em pé. No caminho de volta para casa dirigi em velocidade máxima, com as duas janelas, tanto a minha como a do lado do carona, escancaradas para que o ar fresco dessa noite abrandasse um pouco a raiva que emanava dentro de mim devido ao dia de cão que passei. Mais um para entrar para os piores da minha vida, que não são poucos.



Sinto-me extremamente aliviado ao entrar no meu condomínio, é bom estar de volta ao lar novamente. Estou com saudade da minha mãe, mesmo ela me ligando mil vezes por dia. E da minha ruivinha também.

Da Júlia.

Por Deus! Não faz nem um dia que estou longe dessa mulher e já sinto sua

falta desesperadamente, do seu cheiro e de acariciar sua pele macia. Queria fazer amor com ela novamente, acho que estou enfeitiçado. Só que a culpa por estar traindo Andréia é grande demais. No dia do nosso casamento, jurei amor eterno dizendo que nunca haveria outra mulher em minha vida, e essa promessa me corrói. Agora fico agindo como um canalha de marca maior, simplesmente não consigo evitar sentir esse desejo avassalador por Júlia. Não sei como vou agir quando estiver frente a frente com ela novamente, o que fiz não tem desculpa, muito menos perdão.

Giro o volante com um pouco de dificuldade ao estacionar o carro de qualquer jeito na garagem, meus músculos estão tão tensos que doem. Entro em casa e está tudo escuro e silencioso, sigo direto para o banheiro do andar de baixo e tomo um banho bem quente. Visto uma calça preta de algodão, recolho o meu uniforme e faço questão de colocá-lo na máquina de lavar, exterminando todos os vestígios que trouxe daquele lugar sujo. Não tenho estômago para comer nada, só quero ver a minha filha e ter certeza de que está realmente segura. Subo as escadas e entro em seu quarto, para o meu desespero ela não está aqui, sua caminha permanece impecavelmente arrumada.

Entro em desespero.

As possibilidades de alguém ter entrado aqui e a levado são mínimas, a segurança do condomínio é sólida. Vou até o quarto de Júlia e nem sinal dela também, a cama não foi desfeita. Procuro nos outros quartos e nada. Então, por um segundo, deixo o medo me dominar e a minha imaginação começa a trabalhar pensando que ela pode ter me enganado esse tempo todo apenas esperando o momento propício para roubar a minha filha novamente.

Desço as escadas desesperadamente, pego a chave do carro sobre o aparador, decidido a sair como um louco sem rumo e disposto a tomar alguma atitude, mal consigo raciocinar direito de tanto medo. Contudo, assim que me dirijo à porta, noto um feixe de luz vindo da sala de vídeo. Ao me aproximar, vejo que vem da televisão que está ligada, na tela sobem os créditos finais de *Frozen*. Caminho até o sofá e inclino o corpo por sobre o encosto, sentindo uma descarga de alívio me acertar em cheio. Júlia e a minha filha dormem sobre o tapete felpudo que tem de frente para a estante, abraçadas debaixo de um cobertor quentinho xadrez em preto e vermelho.

Com certeza fizeram uma maratona de filmes infantis até se entregarem ao sono. Júlia segura a pequena com cuidado e amor. A única coisa que me vem à minha mente é que se ela não tivesse cuidado tão bem de Sofia, melhor dizendo,

Maria Lara — ainda levará um tempo para me acostumar com a troca de nomes —, talvez a minha ruivinha tivesse parado em mãos erradas e fosse levada para uma situação pavorosa, como aquela que presenciei hoje com aquelas três pobres crianças.

Só de pensar nisso, meu coração se aperta dentro do peito. Poderia estar morta a essa hora, mas não, está deitada de frente para a mãe, dormindo feito um anjinho, suspirando fundo com a mãozinha sobre o seu rosto. E para mim, a partir desse momento, mesmo não tendo total certeza se Júlia teve ou não qualquer tipo de envolvimento no sequestro da minha... nossa filha, para mim não importa mais. Apenas me importa que cuidou bem dela até que eu a encontrasse, a mantendo segura por todo esse tempo.

No dia em que a roubaram, caí de joelhos no chão pedindo a Deus que mandasse um anjo para cuidar da minha menininha para mim, tirando as pessoas más que passassem pelo seu caminho até que eu a encontrasse. Bom, pelo visto Júlia foi esse anjo.

Vê-las juntas sempre é uma cena tocante, mas, nesse instante, parece ser ainda mais especial. Sento no sofá, sorrio cruzando os braços e as admiro por um bom tempo até não conseguir mais resistir à tentação de me juntar às duas. Levanto o cobertor e deito debaixo dele com o meu corpo totalmente alinhado ao de Júlia, de conchinha. O cheiro misturado de mãe e filha é tão bom, tanto quanto o calor que emana dos seus corpos.

— Obrigada por cuidar da nossa filha, Júlia — sussurro em seu ouvido, mas sem tocá-la com as mãos.

Não tenho esse direito, não depois da postura que tive com ela essa madrugada. Apesar de que o que eu mais quero é abraçá-las bem forte, me sentir parte do elo que existe entre as duas. Como se ouvisse os meus pensamentos, inconscientemente, Júlia pega minha mão e a coloca em volta dela e da nossa filha. Eu preciso tanto disso, fazer parte do momento fraternal. Nunca me senti tão completo como agora.

Como se tivesse em meus braços tudo o que preciso para ser feliz.

Capítulo 26

•

JÚLIA

Acordo remexendo sobre o tapete da sala, preguiçosamente ouvindo as risadas contagiantes da Maria Lara vindo lá de fora, misturada aos latidos do Adônis tão animado quanto ela com a brincadeira. Fico com vontade de me juntar a eles, mas está tão quentinho e gostoso debaixo do cobertor que a preguiça fala mais alto. Passei o dia anterior me dividindo entre cuidar da minha filha, trabalhar no meu TCC e ajudar um pouco a nova empregada, Solange, com os afazeres da casa.

Não custou nada e ela é um amorzinho, muito trabalhadeira e caprichosa, mas com a idade um pouco avançada para dar conta dessa casa enorme. Segundo ela, precisa muito do trabalho e me contou que tem cinco netinhos para ajudar a criar. As duas filhas dela só sabem fazer filho, cuidar que é bom, nada.

Aff... não as conheço, mas já não gosto dessas cadelas.

Fecho os olhos com força, gemo e enterro a cabeça em uma das almoçadas do sofá que peguei emprestado para usar como apoio para a minha cabeça. Eu e a minha Maricota fizemos uma maratona de filmes infantis. Começamos com “*Meu Malvado favorito*” 1, 2 e 3, e fechamos com chave de ouro assistindo “*Frozen*”. Adormeci sem perceber, antes da minha pequena, acredito eu.

Fico imóvel quando algo se mexe atrás de mim. Lábios firmes e quentes descem pela curva do meu pescoço em beijos suaves, mãos fortes apertam a minha cintura de forma possessiva.

— Bom dia, Marrenta — uma voz sonolenta sussurra no meu ouvido, e eu me afasto ligeiramente para longe com o coração quase saindo pela boca.

— Você dormiu aqui, Ricardo? — Praticamente grito, mas ele simplesmente vira para o outro lado e puxa o cobertor até o pescoço voltando a dormir novamente.

Minha vontade é de fazer um escândalo, que homem louco! Primeiro ele foge, após a noite incrível que tivemos, como um covarde, sem ter coragem ao menos de me encarar. Ele pensou o quê? Que eu ficaria me humilhando aos seus

pés exigindo compromisso? Muito obrigada, mas não quero me prender a ninguém. Consegui me virar muito bem sozinha esse tempo todo. Foi até melhor assim, confesso que me senti uma rainha em seus braços e que a dor que carregava dentro do meu coração não dói mais tanto quanto antes.

Ele disse que marcaria essa noite como a melhor da minha vida e, de fato, foi. Sinceramente, duvido muito que eu consiga viver algo tão mágico e intenso algum dia.

A maior dificuldade da vida não é superar as coisas ruins, mas, sim, as boas que marcam a vida da gente e desaparecem num piscar de olhos.

Que saber? Foda-se! Não estou nem aí. Ricardo não é o único homem do mundo. Homem é igual a biscoito, vai um, vem dezoito. Eu não sou essa Júlia fraca, que chorou ontem de manhã por acordar na cama sozinha, insegura, que faz amor em vez de sexo selvagem. Para mim já deu dessa baboseira de alma gêmea, se existe ou não. Acredito que eu tenha sido feita para ser ímpar, não par.

Dou uma última olhada em suas costas, sua respiração sobe e desce em um sono profundo. Parece exausto, chegou tarde do trabalho. Eu poderia ir para a cozinha agora e preparar um café da manhã maravilhoso para ele tomar quando acordasse. Mas, depois de ontem, sem chance.

Ontem, mesmo depois de ter sido abandonada, ainda fui para o fogão e fiz um almoço divino com direito a lasanha — seu prato favorito — e mousse de chocolate como sobremesa. Eu e Maria cansamos de esperar pelo Ricardo e ele nem se deu ao trabalho de ligar avisando que não viria, só ligou à tarde para o telefone da cozinha para saber se a filha tinha chegado bem, porque sabia que seria a empregada que atenderia. Quando ela me contou que o patrão havia ligado, meu coração apertou por não pedir para falar comigo. Ainda fui otária o suficiente para questionar se perguntou por mim. Ela respondeu que não, “só pela menina mesmo”.

Na hora doeu muito, agora, tanto faz. Se quiser comer, ele mesmo que cozinhe ou peça para Solange. Porque para ele eu não cozinho mais um grão de arroz.

Mostro a língua para o Ricardo antes de girar o corpo e subir para o meu quarto. Escuto barulhos na cozinha e presumo que Solange já chegou faz tempo e está de olho na minha Maricota. Aproveito para tomar um banho, coloco uma calça jeans justa e camiseta azul de tecido leve. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e escolho uma rasteirinha branca confortável para conseguir acompanhar

o ritmo da minha filha correndo de um lado para o outro atrás daquele cão.

Tornaram-se amigos inseparáveis.

Quando chego à cozinha, Solange está entretida arrumando a parte de baixo do armário. Ela é uma senhora baixinha, já na casa dos cinquenta, mas com mais disposição do que muitas de vinte e cinco, sua pele é cor de caramelo e os cabelos ondulados estão sempre presos em um rabo de cavalo severo. Uma baiana arretada com um sotaque muito carismático e acolhedor combinando perfeitamente com a sua personalidade. Já nos tornamos amigas, dá para ver que é uma pessoa humilde.

Resolvo dar um susto nela e começo a cantar alto uma música da Ivete Sangalo e Naiara Azevedo que cabe perfeitamente nessa fase da minha vida.

•

“Avisa que eu cheguei

Que a gente vive apenas uma vez

Então se arrisca, beija, acerta, erra

O amor não vem com estrela na testa

Se deu certo, bem

Se não deu certo, ótimo

Próximo, próximo...”

•

— Oxente, que a senhora acordou hoje feliz por demais, dona Júlia. — Ela se vira para mim cumprimentando-me já de braços abertos.

— Até demais para o meu gosto — alfineta Ricardo que está se servindo de um café preto, pelo jeito está tão amargo quanto sua expressão, senta-se à mesa enquanto lê o seu jornal com uma postura para lá de elegante.

Sério que ele vai querer me provocar logo de manhã? Se não quer que eu estrague a sua folga, espero que fique quietinho no seu canto e me deixe em paz.

— Quantas vezes eu vou ter que pedir para não me chamar de senhora ou dona, hein, Solange? Não sou nem uma nem outra. Nem moro nessa casa, estou só de passagem, em breve estarei indo embora. Como te expliquei, se não fosse

pela minha filha já teria ido embora, melhor, nunca teria colocado meus pés aqui. — Dou de ombros ficando nas pontas dos pés para pegar uma caneca na parte de cima do armário. Não estou olhando para ele, mas posso sentir seus olhos me queimando de cima a baixo. — Então pare de bobeira, já te considero minha amiga. — Solange sorri discreta com a mão sobre a boca, não sabendo se mantém os olhos em mim ou no Ricardo que está praguejando alguma coisa baixinho. O olhar dela se divide entres nós dois, tentando entender a situação.

— Como a senh... você quiser, bichinha. Mas agora se acheque junto ao senhor Ricardo, vou lhe servir seu desjejum. Quando cheguei, a menina Maria Lara já tinha acordado e estava quietinha brincando com o cão debaixo da mesa, dei o café da manhã a ela e ração para o bicho. A senhora e o patrão dormiam tão pesado no chão da sala que fiquei com pena de acordar, tão abraçadinhos que pareciam nunca mais se separar — diz e eu não sei onde enfiar a minha cara.

Até agora não sei por que o Delegado dormiu comigo e a Maria no chão, e sem a minha permissão para se atracar em mim daquela forma. Enxerido.

— Obrigada, Solange, mas perdi a fome assim que pisei na cozinha. — Faço questão de olhar dentro dos olhos do Ricardo para que saiba que a presença dele é o motivo da minha falta de apetite. — Vou brincar com a minha filha no jardim — completo, seca, examinando-o pelos cantos dos olhos e vejo perfeitamente quando uma veia do seu pescoço começava a inchar assim que coloca a caneca de café sobre a mesa, com força, quase quebrando-a.

— Quer que descongele alguma coisa para o almoço, Júlia? Como o patrão não veio almoçar em casa ontem, sobrou muita lasanha, e o mousse de chocolate está quase sem mexer na geladeira. — Tento fazer sinal com a boca para Solange parar de me entregar revelando que fiz o prato favorito dele, mas é tarde demais.

A vaca já foi para o brejo e ainda tirou uma soneca depois de uma longa pastagem.

— Você fez lasanha e mousse de chocolate ontem, Marrenta? Santo Deus, eu amo tudo que tem chocolate no meio. — Ele desliza o os olhos sobre mim de cima a baixo, me deixando constrangida e excitada. — Se eu soubesse, teria vindo almoçar em casa, acabei comendo qualquer coisa na rua, como tive que trabalhar até mais tarde fiquei mais cansado que o normal por não ter me alimentado direito durante o dia. — O sorriso estonteante do Ricardo quase faz a Solange desmaiar, sei bem como é, ainda tem o mesmo efeito sobre mim.

Só aprendi a disfarçar o impacto, mas em algumas vezes ainda vacilo.

— Não se alimentou direito porque não quis, e nem ao menos fez questão de mandar uma mensagem avisando que não viria. E que fique bem claro, Delegado, ontem foi a última vez que cozinhei para você. — Seu sorriso galanteador morre na hora e quase consigo ouvir seus dentes rangerem de raiva trancando o maxilar com força, mas não diz nada.

Empino o nariz girando o corpo de forma triunfal e saio em direção à porta dos fundos atrás da minha filha, soltando fogo pelas narinas de tanta raiva, mas ainda consigo escutar a conversa dos dois.

— É, meu rei, essa bichinha é virada no cão. — A risada da Solange toma conta da cozinha, rio da sua espontaneidade ao falar com o patrão.

— E bota virada “*no cão*” nisso, Solange — Ricardo suspira fundo.

Bem fundo mesmo.

Durante o resto da manhã ele limitou-se apenas a observar eu e a Maria juntas, literalmente, a cada segundo. Cheguei até a pensar que estava nos vigiando, mas não, apenas gostava de admirar nossa interação. Ignorei a sua presença enquanto pude, mas aonde nós íamos lá estava ele como uma sombra nos vigiando, impondo sua presença marcante e o seu charme avassalador. Parecia preocupado que acontecesse alguma coisa de ruim conosco.

Acredito que no dia anterior tenha acontecido alguma coisa no trabalho que o deixou assombrado. Quando eu e Maria resolvemos passear com Adônis pelo condomínio, o cínico vem atrás de nós sem ser convidado. Aproveita que a filha andou mais na frente puxando a coleira do animal, para puxar assunto. Não dou muita bola, talvez desista e continue calado.

Não deveria nem ter vindo.

— Esses dois não se desgrudam mais, não é mesmo? — Ele coça a nuca, todo sem jeito deslizando os dedos pelo cabelo, ansioso.

— É — respondo seca e aumento o ritmo dos passos.

Ele respira pesadamente, meu desgosto com a sua presença é visível. Mas por dentro, meu coração sangra, queria abraçá-lo e não soltar nunca mais.

— Nós precisamos conversar sobre o que houve, Júlia. — Segura meu braço obrigando-me a parar de andar, aproveitando que uma mulher que está caminhando aproveitando a tarde fresca, parou para conversar com a Maria, abaixando-se para alisar os pelos do Adônis. — Esse clima ruim entre nós está me matando. Me acostumei com o seu sorriso lindo e agora nem sequer olha na

minha cara. Sei que mereço esse tratamento, mas quero te pedir perdão por ter agido como um cafajeste. — Baixa o olhar para os próprios pés e um leve rubor sobe por seu rosto. Seu arrependimento é notório, isso mexe comigo.

Está envergonhado, mas, sendo sincera, ele não fez nada de errado, em momento algum me prometeu compromisso. Nossa noite foi algo casual, não um encontro amoroso. Mesmo assim, as lembranças dos momentos incríveis que vivemos vêm à minha mente a todo instante. Preciso dar um freio nisso, antes que me magoe de verdade nessa história.

— Não tem o porquê estar se sentindo culpado, Ricardo. O combinado foi um dar prazer ao outro, e nisso tenho que admitir que você cumpriu o seu papel perfeitamente. Foi a melhor noite de “sexo” que já tive. — Sua expressão endurece, mas não o suficiente para me intimidar. — Agora esqueça o que houve, porque eu já estou fazendo isso.

Sigo meu caminho, mas depois de alguns passos, me arrependo de ter sido tão cruel com ele e olho para trás. Fico triste ao ver que Ricardo já tinha virado as costas e voltado para casa de cabeça baixa, totalmente arrasado.



Continuei o passeio com a minha filha e não o vi mais durante o resto da tarde. Melhor assim. Passei a maior parte do tempo na cozinha com Solange, que me fez rir bastante com as suas histórias da época que morava em Salvador. Melhor companhia não existe.

Fiquei triste quando pediu para sair um pouco mais cedo. Queria que morasse conosco para me fazer companhia, sua alegria é contagiante. Mas foi por um bom motivo, queria levar os netinhos num tal parque de diversão que chegou à cidade. Maria Lara ouviu nossa conversa, aí pronto. Começou a pedir sem parar para irmos.

Já anoiteceu e não sei mais como dizer não.

— Podemos ir no parque também, mamãe? Por *favorzinho* — indaga com as mãozinhas unidas como se estivesse rezando.

Balança sem parar as perninhas, sentada no balcão da cozinha enquanto espera que eu pegue o leite na geladeira para preparar com achocolatado. Se deixar, bebe isso o dia todo, mas só deixo de forma regrada, não quero que vire vício.

— Hoje não, filha, pelo que Solange falou, esse parque foi montado no outro lado da cidade. Se fosse mais cedo poderíamos ir de ônibus, agora pode ser perigoso.

Ela bate os cílios, prestes a fazer uma tromba enorme.

— Mas, mamãe, com certeza a Clara vai e ainda chamar o meu *vôzinho* para ir com ela. Quando estive na nossa casa ontem, ela estava lá querendo brincar de princesa comigo e o tio Binho no nosso mundo mágico, mas não deixei, é claro. — Cruza os braços fazendo pirraça. É raro isso acontecer, mas quando resolve fazer birra, sai de baixo.

Viro-me para ela, preparando uma bela bronca pelo seu egoísmo em relação ao tio e o avô.

— E o que é que tem de mais a Clara brincar de mundo mágico com você e o seu tio? Também não vejo mal nenhum você emprestar o seu avô para ela, às vezes o coração dele é grande e tem lugar para as duas.

— Prefiro morrer — responde, rabugenta igual ao pai dela, até o modo de olhar com os olhos azuis semicerrados é igual.

— Acho que está preferindo apanhar, isso sim. — Entro no meio das suas perninhas e ela abraça meu pescoço, choramingando. — E quando a mamãe resolver ter outros filhos, como vai ser? Não vai me dividir com os seus irmãos, coitadinhos? Você, como irmã mais velha, terá que me ajudar a cuidar deles — ela analisa bem tudo o que eu disse, pensando nos prós e contras. Quando vejo a sua boca se abrindo já sei que virá mais uma das suas pérolas.

— Eu vou ajudar a cuidar dos meus irmãozinhos sim, mamãe, adoro bebês. Mas quando a senhora e o meu papai vão me dar um irmãozinho? Ah, não precisa responder, vou perguntar para ele agora mesmo.

— Não! — Grito.

— Então podemos ir ao parque de diversões hoje? — Meu queixo cai.

Que malandrinha!

— Chantageando a sua mãe para conseguir o que você quer, baixinha? — Ricardo aparece na cozinha do nada. Caramba! Até onde ele ouviu a conversa? — Eu não devia te levar ao parque hoje por conta disso. Mas vou, porém, espero que isso nunca mais se repita, mocinha. Podem ir se arrumando porque só vou tomar um banho rápido e já desço. — A filha fica de cabeça baixa, mas rindo escondido porque conseguiu o que queria.

— Tudo bem, Ricardo, ela não fez por mal. Mas acho que não deveria ceder a todas as vontades dessa malandrinha aqui, ou vai viver só para realizar todos os desejos dessa menina. — É difícil conversar com ele e permanecer imune aos pensamentos profanos de como é bom senti-lo dentro de mim, não sei até quando vou conseguir sobreviver a isso.

— É só para isso que eu vivo, Júlia. Para fazer a nossa filha feliz. — E aqui estou eu, toda derretida por esse homem novamente.

Droga!

— Ok então, vou dar banho nela e arrumá-la bem bonita para o passeio de vocês.

— Você não vai, Marrenta? — Sinto uma certa tristeza no seu tom, mas resolvo ignorar.

Quanto mais tempo longe dele, melhor, para não me contaminar com o efeito “Ricardo Avilar”, e nem ver todas as mulheres que passarem em nosso caminho, sentirem o mesmo.

Sou forte, mas não de ferro.

— Não vou, tenho claustrofobia com esses brinquedos perigosos, não posso nem olhar. Não deixe a Maria Lara chegar perto deles, não sei como as outras mães deixam os filhos andar nesses troços. A minha eu não deixo. — Começo a tagarelar, sempre acontece quando estou nervosa.

— O que claustrofobia tem a ver com um simples passeio no parque de diversões, Júlia? — Questiona com a testa franzida e se apoiando no mesmo balcão que a Maria está sentada, praticamente aponta o dedo na minha cara me chamando de mentirosa, deixando bem claro que a minha desculpa esfarrapada não colou.

— O que é *claurosfotina*, mamãe? — Maria puxa a barra da minha blusa, ao baixar o olhar encontro uma ruivinha curiosa para ouvir a resposta.

Mas Ricardo responde antes que eu pense em abrir a boca, todo cheio de si.

— Se diz *claustrofobia*, filha. É o nome que se dá para aqueles que têm um medo irracional de permanecer em ambientes fechados e apertados. — Inicia Ricardo, enfiando as mãos no bolso espetando o queixo com a sua habitual arrogância. Não está só explicando a pergunta da Maria, mas, sim, me desafiando. Cretino! Ignorando meu olhar de reprovação, ele continua:

— Causa crise de pânico em pessoas que sofrem desse problema ao estarem dentro de elevadores, metrô, tubos de ressonância magnética entre outros desse tipo. Nunca nenhum especialista citou parque de diversões, até porque eles costumam ser montados em lugares amplos e ao ar livre — conclui certo do que diz, exibindo o seu vasto conhecimento no assunto enquanto me desmascara na frente da nossa filha.

Minha vontade é de tirar esse sorrisinho superior dele com um soco certo.

— Ahh, entendi, papai. — Pela carinha confusa da minha Maricota não entendeu uma palavra do que o pai disse, mas eu, sim.

Principalmente a ironia por detrás delas.

— Não estou nem aí para o que os especialistas no assunto dizem, a claustrofobia é minha e eu sei melhor do que ninguém dos meus sintomas — explodo.

— Não me irrita, Júlia! — Eleva a voz fechando os punhos com força para conter a raiva.

Eu o faço perder o controle com facilidade. Ótimo!

— Não me irrita você, Delegado. — Levo as mãos à cintura, querendo briga.

— Vocês estão brigando só porque eu perguntei o que é claustrofobia? Desculpa, eu não sabia que não podia. Agora não vão mais querer me dar um irmãozinho. — Maria começa a chorar, me matando de vergonha, não tenho nem coragem de olhar para o pai dela.

Ela não vai esquecer esse irmãozinho tão cedo.

— Não chora, meu amor, não estamos brigando. Só conversando. O que acha de escolhermos um vestido bem bonito para ir ao parque com o papai?

— Mas se a senhora não for, eu também não vou, mamãe. Não quero que fique aqui sozinha, vai sentir saudades de mim como eu sinto de você quando está longe. — E quando digo que tenho a melhor filha do mundo as pessoas pensam que estou exagerando. Sempre penso que não tem como a amar ainda mais, mas ela vem e solta uma coisa dessas me fazendo transbordar de amor.

— Eu te amo, meu amor. Mamãe também vai. — Ela sorri de um jeito lindo e deposito um beijo sobre seus cabelos. — Agora vamos, vou arrumar você bem

bonita. — A pego pela mão decidida a subir para escolher um vestido bem lindo para minha Maricota.

— E a sua claustrofobia, Júlia? Pelo visto vem e vai conforme a sua vontade. E sobre esse *irmãozinho* para a nossa filha, quero saber mais sobre isso mais tarde. — Ricardo tem o despautério de segurar o meu braço só para sussurrar essa ousadia no meu ouvido, posso sentir o seu sorriso canalha com os lábios quase esfregando na minha pele.

— Vai se ferrar! — Sussurro, girando o pescoço só para encará-lo por cima no ombro e mostro o dedo do meio de um jeito que meu corpo tapa o ato obsceno impedindo que a Maria veja.



Meia hora depois, descemos prontas para o passeio. Ricardo nos espera sentado no sofá, lindo demais vestindo um jeans e camisa verde de mangas longas. Cheiroso como nunca vi igual, dá vontade de morder e beijar até perder o ar. Está para nascer homem mais bonito, ele é um verdadeiro deus grego.

— As duas estão lindas, serei invejado por onde passar ao lado de vocês. — Se põe de pé para nos receber e segura a chave do carro todo desconcertado.

Maria Lara está linda mesmo, com um sobretudo vinho, grosso, para protegê-la do frio. Prendi seu cabelo em um rabo de cavalo no topo da cabeça, como o de uma bonequinha.

— Obrigada, papai, você também está bonito — elogia a pequena, toda sorridente.

— Obrigado, filha, mas não chego nem perto da beleza estonteante da sua mãe. — Minha bochecha chega a queimar de vergonha, ele tem uma mania estranha de falar as coisas olhando no fundo dos meus olhos, me desestabilizando.

Estou me sentindo confortável com o look que escolhi, calça preta e blusa de linho vermelha. Para completar, botas caramelos até o joelho, mantendo os meus pés aquecidos, morro de frio nessa parte do corpo. Deixei meus cachos soltos e fiz uma maquiagem discreta, porém, muito bem-feita. Mas não ao ponto de me tornar uma mulher estonteante como disse Ricardo, tenho ciência que minha aparência não é nada fora do comum.

— Vamos? — Digo sem mais delongas, já caminhando em direção à porta

da entrada da frente puxando a mão da Maria.

— Vou pegar o carro na garagem.

Assinto.

Fiz o trajeto em total silêncio, limitando-me apenas em olhar a paisagem pela janela, enquanto Maria e o pai conversavam sobre tudo. Perdi a conta de quantas vezes contou cada detalhe do passeio com o avô e que passou a noite brincando com o Tio Binho. Ricardo ouviu tudo atenciosamente, interagindo no assunto. Vez ou outra, tirava a atenção da estrada para olhar para mim intencionado a me arrastar para a conversa, mas não dei confiança, então acabava desistindo.

Confesso que fiquei surpresa ao chegarmos na entrada do parque de diversão, era enorme e iluminado. Brinquedos modernos e aparentemente seguros, mesmo assim, eu não deixaria Maria chegar nem perto dos mais complexos. É melhor prevenir do que remediar. O que chamou minha atenção de imediato, foi a roda gigante rodeada por lâmpadas coloridas, tão alta que ao passar pelo topo daria para ver grande parte da cidade. Minha menina corria para todo lado se divertindo muito, valeu muito a pena trazê-la.

Quando eu e o Ricardo ficávamos a sós, o silêncio reinava entre nós deixando um clima chato no ar. Às vezes abria a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas pensava melhor e permanecia calado.

— Vamos à casa de espelhos, mamãe? — Indaga, empolgada e antes de esperar a minha resposta, solta minha mão e sai correndo entrando na casa de espelhos.

A estrutura das paredes e o teto são espelhados, refletindo a imagem de tudo ao seu redor. Estranho, mas muito bem-feita. Crianças até sete anos não pagam e ela passou direto pela catraca. Parto atrás dela com medo que se perca enquanto Ricardo entrega o dinheiro do meu ingresso ao moço responsável pelo lugar.

— Maria, volta aqui agora, você vai se perder, filha. — Só vejo quando a ponta do rabo de cavalo que fiz nela passou voando pelo primeiro corredor à direita, com os fios ruivos batendo pelo ar como um leque. São tantas entradas diferentes que paraliso sem saber por onde ir.

Começo a entrar em pânico acompanhado de muita sudorese, as paredes de espelhos fazem com que o lugar aparente ser menor do que realmente é. São tantos reflexos de mim, em tamanhos e formatos diferentes, que a minha cabeça

começa a rodopiar, a boca seca e mal consigo respirar, meu coração aumenta o ritmo assustadoramente me deixando completamente desesperada. Sou obrigada a me agarrar na primeira coisa que vejo pela frente.

— Está tudo bem agora, querida. Eu estou aqui e não vou soltar você. — A voz do Ricardo consegue me acalmar um pouco, mas minha cabeça ainda roda sem parar.

— Maria La... ra — balbucio com muita dificuldade, ele tem que ir atrás dela, ela deve estar perdida e assustada.

— Calma, nossa filha conseguiu achar a saída. Como demorou, fiquei preocupado, deixei ela com a Carol e vim atrás de você.

Quem é Carol?

Não tenho forças para perguntar, apenas assinto ainda meio em pânico. Ele me abraça guiando-me até a saída. Para evitar olhar nos espelhos, escondo o rosto no seu peito. Meu corpo treme sem controle.

— Então, isso de pânico de lugares apertados, é sério mesmo, né? — A culpa se faz presente em sua voz, se não tivesse visto com os próprios olhos não teria acreditado.

É sempre assim, ele não acredita na minha palavra, depois descobre a verdade e fica com essa cara de cão arrependido. Isso me irrita muito, babaca!

— Sim, e você mais uma vez teve que ver para crer — Ricardo não responde nada, sabe que mereceu essa.

— Mamãe... Mamãe. — Assim que nos vê saindo do local, minha filha solta a mão da tal “Carol”, vem correndo até nós e se joga na minha cintura quase me levando ao chão, sempre preocupada demais com o meu bem-estar.

Vixe, *Mainha!* Como diria Solange “que mulherão é essa Carol?”. Muito mais alta que eu, atraente. Vem andando em nossa direção exibindo o corpo malhado, bem dividido em curvas acentuadas, e cabelos pretos ondulados na altura da cintura. Para completar a sua aparência de mulher fatal, está elegantíssima dentro de um macacão comprido azul e jaqueta preta devido ao frio. Bem maquiada, e sabe andar de salto alto como se estivesse descalça. Uma morena linda demais, o tipo que arrasa em qualquer lugar onde chega.

— Tudo bem, filha, eu estou bem. — Ela ergue a cabeça para olhar para mim.

— Desculpa por ter corrido na frente, vai me colocar de castigo?

Faz beicinho.

— Claro que sim, mocinha. Não vamos embora até você andar em todos os brinquedos que quiser, disponíveis para a sua idade, entendeu bem? — Fico bem séria, como se estivesse lhe dando o pior castigo de todos.

— Ebaaaaa! Esse é o melhor castigo do mundo, mamãe. — Faz a dancinha da alegria girando os pezinhos para dentro, tipo o Chapeleiro Maluco no filme “Alice no país das maravilhas”.

— Mamãe? — Levo um susto com a amiguinha do Ricardo praticamente em cima de nós dois, seu olhar desce direto para o braço dele cravado em volta da minha cintura.

Droga! De perto ela é ainda mais linda, os olhos verdes esmeralda brilhando ao olhar para o Ricardo.

— Júlia, essa é a Carol. Uma das policiais que faz parte da minha equipe. Carol, essa é Júlia, a mulher que, pelo o que pode ver com os seus próprios olhos, cuidou muito bem da minha filha pelo período que esteve longe de mim. Pela última missão que tivemos, acho que tanto eu como você, podemos afirmar sem sombra de dúvidas que mãe é quem cria, dá carinho e se preocupa. Não quem põe no mundo, laço de sangue não vale de nada quando não se tem amor envolvido.

Nossa! Nem em mil anos esperaria uma resposta dessas do Ricardo e, pelo espanto no rosto da Carol, ela também não. Ergue a sobrancelha e o canto esquerdo na boca em uma espécie de rosnado disfarçado de sorriso fazendo-se de simpática.

E a mão dele na minha cintura? Permanece no mesmo lugar.

— Ah, sim, agora me lembro dela. — Seu olhar é de puro descaso, não fazendo questão de esconder o desgosto de nos ver juntos.

— Me dá dinheiro para ir no pula-pula, mãe? — Chega um menino loiro um pouco mais velho que a Maria, enfiando a mão na bolsa da Carol à procura de dinheiro.

O moleque tem os olhos verdes iguais aos da mãe, o cabelo liso cortado redondo, tipo de índio. Veste roupas sérias demais para sua idade, uma espécie de terninho sem o paletó. Traduzindo, todo engomadinho.

— Claro que pode, leve a sua nova amiguinha com você, Vinicius. Não disse para você que a filha do meu chefe era linda? —Tira uma nota de cinquenta reais do bolso e entrega para o filho. O menino pega a mão da Maria à força e sai arrastando sem perguntar se ela queria ir, muito menos se os pais dela autorizavam.

Não gostei da atitude dessa Carol, nem do olhar dela para mim, me analisando de cima a baixo com cara de nojo. Assim que as crianças estão longe, começa a destilar o seu veneno.

Cobra venosa.

— É, Júlia, não é mesmo? Então, eu não fiz parte da equipe que fez a sua prisão no Morro do Alemão, preferi ficar na delegacia com Ricardo para dar apoio a ele. Estava muito nervoso no dia com medo de que você conseguisse fugir com a filha dele novamente. Mas, graças a Deus, conseguimos te prender. Quando ele foi te interrogar com sangue nos olhos fiquei com medo que te matasse. Isso ocasionaria grandes problemas em sua carreira e não traria de volta os anos que você roubou dele ao lado da Sofia. — A vadia late na minha cara.

Essa louca não tem medo de morrer? Se ela acha que só porque é policial que vou ter medo de encher a cara dela de tapas para pensar melhor antes de insinuar o que não sabe, ela está muito enganada. Ela armada ou não, dou na cara dela do mesmo jeito.

Ricardo, conhecendo bem meu temperamento tempestuoso, envolve o outro braço em volta da minha cintura prendendo-me para que não acabe cometendo um homicídio contra uma oficial da lei.

— Eu acho que no dia que o Delegado foi me interrogar, deveria ter se preocupado mais com a vida dele do que com a minha. Porque dou tudo que tenho para não entrar em uma briga, mas dou o Rio de Janeiro inteiro para não sair dela. — Ela me olha assustada e a encaro toda afrontosa.

Ótimo! Agora sabe que se mexer comigo, não vou deixar barato. Como o fígado dela na sua frente, e de garfo e faca.

— Concordo plenamente, até hoje não me recuperei emocionalmente daquele dia. — Ricardo gargalha alto me fazendo rir também, nossos olhos se encontram e tudo à nossa volta deixa de existir.

Principalmente a *chatonilda* da Carol.

— Vocês estão juntos, Ricardo? — Oh, louco! A mulher pergunta na cara

dura. Gostei disso, devo admitir.

Nós duas olhamos para o Ricardo na mesma hora esperando sua resposta. Esperamos... esperamos e esperamos. Mas ele não diz nada. O clima tenso é palpável. Por fim, decido fazer o que tem que ser feito, o empurro para longe de mim e eu mesma respondo:

— Não estamos juntos, nunca daria certo, somos de mundos diferentes. E como dizem por aí, água e óleo não se misturam. Regras divinas que o homem nunca será capaz de decifrar, apenas aceitar e seguir em frente. — Ricardo desvia o olhar e enfia as mãos no bolso, magoado, sem coragem de me encarar. Não passa de um covarde. — Pode ficar tranquila que o caminho está livre para você, querida. O seu chefe é todinho seu. — Saio de perto deles, triunfante e vou até onde as crianças estão. Ricardo não vem atrás de mim.

Ainda bem que não esperei que viesse. Bom, talvez só um pouquinho. Melhor assim, pelo menos o meu “lado otária” está adormecido, não criará esperanças de algo que não existe. Nunca vai existir.

Fiquei a maior parte do passeio vigiando as crianças, fiz questão de ignorar o casal de pombinhos, por completo. Não se desgrudaram um minuto. Tenho que confessar que formam um par perfeito. Ambos possuem uma beleza fora do normal, trabalham juntos em uma profissão de respeito e se veem quase todos os dias. Têm filhos praticamente da mesma idade, para formarem uma família perfeita só faltava eles quererem. Melhor dizendo, o Ricardo querer porque a ariranha já estava doidinha para pôr as garras nele. Oferecida.

O Delegado conversava com ela, mas os olhos permaneceram o tempo todo em mim.

Graças a Deus as crianças se cansaram, esse é o último brinquedo que irão e depois vamos direto para casa. Para mim, a noite já deu tudo o que tinha que dar e mais um pouco, estou no meu limite, pronta para explodir a qualquer momento.

— Olha, mamãe, eu sei nadar. — Minha pequena sorri para mim antes de mergulhar na piscina de bolinhas de todas as cores, fazendo a maior graça e voltando à superfície para ver o que eu tinha achado.

— Você é a melhor, filha, parabéns. — Bato palmas e pulo gritando feito uma louca. Ela fica toda alegre, se achando uma “Joana Maranhão” da vida recebendo uma medalha de ouro em uma prova olímpica de natação.

O filho da Carol chama a mãe para olhar a sua performance na piscina de bolinha também, repete umas três vezes, mas ela não ouve e nem olha em sua direção nenhuma vez para saber se está vivo ou morto. Encontra-se entretida demais dando em cima do chefe. Descobri um defeito nela, mãe ausente. Dá mais atenção para os homens que quer ter em sua cama, do que ao próprio filho que saiu do seu ventre e que está tentando chamar a sua atenção a todo custo e ela nem aí. Enquanto eu acho bonito até a forma da minha filha respirar, Maria Lara é a realização de todos os meus sonhos.

— Ei, Vinicius, como você mergulha bem. — Tento chamar a atenção do garoto batendo palmas para ele na tentativa de que não se sinta tão desprezado, mas o pestinha tem a ousadia de mostrar a língua e o dedo do meio para mim. Estou pasma! Teve uma hora que afundou a Maria na piscina quase “afogando” a coitadinha, preferi acreditar que foi apenas uma brincadeira, contudo, estou de olho nele.

Uma mãe tão metida a chique, com um filho tão malcriado. Que maravilha!

A cada segundo, odeio mais essa Carol. Mãe desnaturada.

— Mamãeeee, estou com fome. — Maria vem até mim saltitando, logo o pai se aproxima de nós. Evito olhar em sua direção, ou vou entregar toda minha raiva.

Melhor dizendo, ciúme.

Antes de irmos embora, Ricardo comprou um lanche para as crianças. Na hora de entrar no carro, vi o filho da Carol bater à porta de propósito na mão da Maria. Como não vieram de carro, o idiota do Ricardo se ofereceu para levá-los em casa. O capetinha fez isso porque a mãe dele só tinha olhos para Maria Lara, tentando conquistá-la. Carol percebeu que esse é o passo mais importante para conquistar o pai, então ficou se fingindo de boazinha.

O descaramento dessa mulher não tem limite. Vadia!

Foi um custo fazer Maria parar de chorar, e com razão. Seus dedinhos ficaram todos inchados, a pancada acertou em cheio. A coloquei no meu colo no banco de trás — já que a ariranha pulou no banco da frente ao lado do Ricardo — e segurei o cachorro quente para ela comer. Não pude fazer mais do que isso para defendê-la no momento, o capetinha do Vinicius fez cara de santo dizendo que foi um acidente. Deixei passar, mas na próxima que aprontar com a minha filha, vai ter troco.

Ah, se vai!

Ainda tive que aturar aquele monstrinho implicante do nosso lado durante todo o trajeto de volta, enquanto a mãe e o “futuro pai” conversavam sobre os assuntos da delegacia. Fiquei muito chateada, agora era o Ricardo que fazia questão de me ignorar. Tanto que mais cedo, quando fomos à barraquinha de tiro ao alvo, ele acertou em cheio nas três vezes que jogou, ganhando ursinhos de pelúcia como brinde. Deu um para cada criança e o em formato de coração entregou nas mãos da Carol só para me provocar, porque sabe que não acredito nessa baboseira de flores e corações como diria “*Christian Grey*”.

Mas eu fiquei com muito ódio por conta disso, furiosa mesmo.

Meu ódio aumentou ainda mais pelo fato de ela morar depois do condomínio do Ricardo, então me deixou em casa com a Maria dormindo em meus braços e seguiu caminho com eles. Saí do carro sem me despedir, mas lancei um olhar de ódio para a tal Carol pelo retrovisor ao ver o sorrisinho de vitória no seu rosto feito a pincel. Filha da mãe!

Coloquei Maria na cama e ajeitei o cobertor. Troquei de roupa e soltei meu cabelo que tinha lavado antes de sair e o tinha prendido ainda meio úmido, ou seja, vassoura seria pouco para defini-lo. Coloquei uma camisola branca de seda com alguns detalhes de renda. Bastante sexy até. Não consegui deitar, não ficaria tranquila enquanto Ricardo não voltasse. Passou mais de uma hora e nada de ele chegar e o meu nervosismo apenas aumentava. Talvez o safado dormisse por lá mesmo. Parti para a cozinha, furiosa, só comendo muito doce a minha raiva seria saciada. Fui até a geladeira e tirei a travessa de mousse de chocolate que fiz no dia anterior como sobremesa para aquele cretino, ninguém nem tocou nela direito.

Peguei uma colher na gaveta, sentei-me à mesa pegando direto da travessa mesmo, comendo em golpes furiosos, como se o mundo estivesse acabando.

Baixo um pouco a cabeça e meu rosto fica coberto por uma camada de cachos rebeldes, aproveitando totalmente a privacidade que a solidão me oferece.

— Eu amo o seu cabelo assim, revolto. — Congelo.

Não percebi quando Ricardo chegou. Quando ergo o olhar, ele está de braços cruzados, encostado no batente da porta me observando devorar a mousse de chocolate.

Não respondo nada e volto a me deliciar do mousse, em paz.

— Não vai me oferecer um pouco do que está comendo? — Continuo calada, talvez desista de me atormentar e decida ir embora logo ou voltar de onde veio. Mas, depois de um suspiro longo, ele continua. — É assim que vai ser agora, voto de silêncio? Se está chateada porque não respondi à pergunta da Carol sobre nós dois estarmos juntos, saiba que realmente não tenho resposta para ela, por isso não disse nada. Pensa bem, não somos amigos, muito menos namorados. A única coisa concreta que existe entre nós é o amor que sentimos pela Maria. — Droga! Ele está certo, mas não vou admitir isso nem morta.

Desistindo de esperar alguma resposta da minha parte, desliza os dedos pelo cabelo, impaciente, e gira o corpo para ir embora.

— Eu acho os seus olhos lindos, às vezes tenho a impressão de que vou me perder a qualquer minuto na imensidão desse azul infinito que existe dentro deles. — Pronto, falo de repente! Ele lança os olhos sobre mim, surpreso, confuso até.

Com o sorriso de molhar calcinha.

— Então por que não olha mais dentro deles desde a noite que fizemos amor?

— Porque você tem cheiro de encrenca, Delegado. E das grandes. — Pega uma colher na gaveta e senta ao meu lado servindo-se de uma generosa colher de mousse, gemendo ao perceber o quanto está delicioso.

— E você tem cheiro de flores, posso sentir a metros de distância. — Pausa para longo suspiro. — E a algo selvagem, que desperta o meu lado voraz. — Engulo com uma certa dificuldade, mas me mantenho firme e o encaro sentado com a postura ereta.

— Quantas mulheres teve depois que a sua esposa morreu? — Obviamente não gosta da pergunta, mas eu tenho que saber.

— Só uma, e ela está bem na minha frente. — Passa a língua por toda a extensão da colher, do mesmo jeito que fez comigo quando me chupou e lambeu incansavelmente quando fizemos amor.

Juro que quase tenho um orgasmo só com isso.

— E se arrependeu?

— Nem por um milésimo de segundo, não consigo pensar em outra coisa.

Espero que tenha sido especial para você, tanto quanto foi para mim.

A temperatura do ambiente sobe absurdamente, coço o pescoço, inquieta.

— No começo pensei que tinha sido especial, mas no final acabei acordando sozinha como em tantas outras vezes. — Ele bate a colher sobre a mesa, nervoso.

Dou de ombros e continuo comendo, mas, com a presença dele ao meu lado, nem tenho paladar para comer mais nada.

— Nossa! “Tantas outras vezes”, foram tantas assim?

Meu sangue ferve, o que ele está querendo insinuar com isso?

— O suficiente para ter certeza de que os homens são todos farinha do mesmo saco. Fazem a gente se sentir especial em uma noite para na outra ficarem ciscando por aí com a primeira galinha que aparece no seu galinheiro. Até ursinhos de coração deu para ela, nem precisava, seu idiota. Era só você usar a mesma conversa fiada sobre “*fazer amor*” que usou comigo que é tiro e queda. Pode acreditar, se funcionou comigo que não acredito nessa baboseira, funciona com qualquer uma. — Quando vejo, já falei tudo, na verdade, gritando como uma louca ficando de pé para enfrentá-lo.

— Ciúme, Marrenta? — Pergunta o cretino com o ego lá em cima e um sorriso que vai até as orelhas, mexendo os ombros, se achando.

— Igual ao que você teve quando me viu chegando com o João Pedro? — Respondo à sua pergunta com outra cheia de ironia.

Um músculo na sua mandíbula se contrai, o ego enorme vai embora e o orgulho ferido se faz presente.

— Não estou nem aí para vocês dois. Se nunca senti ciúme da minha esposa, quem dirá de você, uma mulher fria e sem coração. Que usa os homens para suprir seus desejos sexuais e depois oferece o idiota aqui para a primeira que aparece, como se eu fosse uma mercadoria barata. Não sei por que tanto show só porque dei o bendito ursinho de coração para ela sendo que foi você quem me entregou de bandeja para a Carol, instantes antes. — Rosna com os olhos esbugalhados e o maxilar rígido. Parece um louco fugido do manicômio, totalmente descontrolado.

Por um momento pensei que fosse bater em mim, ai dele se tentasse.

— Você está nervosinho demais para o meu gosto, Delegado. Por que não

come mais um pouco de mousse de chocolate para ver se adoça um pouco esse seu mau humor? — Encho uma colher bem farta do doce e jogo bem no meio da sua cara bonita. Ele sobressalta devido ao susto, não esperando essa atitude infantil da minha parte.

Eu gargalho na cara dele feito uma hiena. Ricardo fecha os olhos e passa o dedo limpando a mousse sobre eles e enfia na boca. Quando abre os olhos, posso ver labaredas de fogo queimando dentro deles.

Puts, me ferrei!

— Sabe que eu gostei da ideia, mas vou comer a mousse do meu jeito. — Pega-me desprevenida pela cintura com uma mão, com a outra, empurra tudo o que há sobre a mesa — menos a travessa de mousse — e me joga em cima do granito escuro. Solto um gritinho por conta do choque da minha pele encostando na pedra fria. Droga, essa situação toda de confronto está me excitando fora do normal.

— O que pensa que está fazendo? Para o seu próprio bem, exijo que pare agora mesmo. — Berro enquanto tento inutilmente me soltar do seu aperto, me debatendo da forma que dá.

Ele é muito forte e a posição na qual estamos dá mais vantagens para Ricardo, que escancara as minhas pernas se enfiando no meio delas sem permissão.

— Eu juro que tento ser gentil contigo, Júlia. Mas você me tira do sério... tento ser romântico, mas você me deixa louco de raiva. — Com apenas um golpe, rasga a minha camisola me fazendo arregalar os olhos. Não esperava essa atitude rude do *“homem que só faz amor”*.

Hummm, que delícia.

— Vai com calma aí, Delegado. Eu gostava dessa camisola — resmungo fazendo bico.

Poxa, eu gostava dessa camisola, era a melhorzinha que eu tinha.

— Já disse como seus seios são bonitos? Uma verdadeira tentação. — Enche a colher de mousse e passa em torno do bico de um seio; depois, do outro. Ambos já enrijecidos de desejo. Por ele. — Tinha um homem na fila da piscina de bolinhas, no parque de diversão, que não tirava os olhos deles, porque você foi incapaz de colocar a porra de um sutiã. Tem noção do quanto isso me deixou furioso, querida? Eu queria matá-lo e juro por Deus que se não estivéssemos em

um lugar público, eu teria feito e arrancado seus olhos fora por admirar o que é dos *outros* — fala com a respiração ofegante, segurando o meu tronco com uma mão, me obrigando a permanecer esticada na mesa e a outra continua a me lambuzar toda com o doce.

É deliciosa a sensação do mousse gelado escorrendo por todo meu corpo, melando tudo por onde passa.

— Pare com isso, Ricardo, você está me sujando toda.

— Nem pensar, acabei de descobrir qual é o meu doce favorito. Não se preocupe com essa bagunça, vou limpar gota por gota — murmura indo mais para baixo, circulando meu umbigo com a ponta da colher.

E desliza ainda mais para baixo. Antes de chegar onde quer, volta a encher a colher de mousse de chocolate até não caber mais e continua o caminho de onde parou. Escancara ainda mais as minhas pernas e rasga a calcinha também, imediatamente fico tensa. Ricardo faz uma lambança na minha intimidade, sem miséria. Posso sentir a massa pastosa do doce deslizando entre as minhas dobras e gotejando no chão, a coisa mais erótica que já fizeram comigo.

— E como pretende limpar essa bagunça? — Questiono nervosa com a voz levemente alterada, ansiosa pelo que está por vir.

— Com a minha língua, mal posso esperar.

Um violento choque de excitação se apodera do meu corpo. O jeito que ele falou com a voz arrastada me deixou cheia de desejo. Mordo os lábios, ansiosa para que cumpra a sua promessa.

Ele se afasta um pouco me admirando, com cara de safado, totalmente nua e à sua mercê, lambuzada de mousse e deitada sobre a mesa. Seu olhar demonstra pura luxúria, como se estivesse planejando me devorar todinha.

Uh, gostoso!

— Não ouse colocar essa boca em mim. — Tento resistir, mas já completamente envolvida pelo desejo.

— Quem está lhe pedindo autorização para alguma coisa aqui, mulher? — Inspiro uma grande lufada de ar quando o vejo partir para cima de mim faminto e abocanhar meu seio. Arfo, louca de tesão.

— Nossa! Ricardo... — gemo, totalmente entregue, permitindo que me devore do jeito que quiser.

Ele não pega leve comigo. Lambe e suga os dois seios ao mesmo tempo com tanto vigor que provavelmente ficarão cheios de marcas roxas. Faz de propósito para me deixar marcada. Assim, toda vez que olhar no espelho nos próximos dias me lembrarei dele, desse momento tão íntimo e devasso entre nós.

Ricardo desce lambendo minha barriga, cumprindo a promessa de não deixar uma gota para trás. Mal tenho voz para gemer, agarro seus cabelos obrigando-o a chegar mais rápido onde eu quero, e preciso. Então, com minha pequena ajuda, ele, finalmente, enfia o rosto no meio das minhas pernas, soltando um gemido alto antes de cair de boca em mim com uma volúpia selvagem. Capricha na primeira lambida pegando toda extensão do meu sexo, me fazendo rugir arqueando o corpo no ar.

— Porra! Nunca provei nada tão gostoso, tornou-se o meu sabor preferido — geme e me ataca novamente.

Meus quadris mexem freneticamente buscando mais de sua boca, puxo seus cabelos quase os arrancando fora, querendo mais e mais. Quero que me faça gozar até perder os sentidos, até ver estrelas, até viajar para bem longe sem sair do lugar, de preferência para o paraíso.

— Me faça gozar, Delegado, de um jeito que nenhum outro fez antes — ordeno.

— Vou pensar no seu caso, você anda muito rebelde para o meu gosto, mocinha. — O calor do seu sorriso próximo à minha intimidade me causa calafrios. Tremores começam a se manifestar no meu corpo, o meu orgasmo não está longe.

Percebendo isso, divide seus movimentos entre leves sucções e lambidas frenéticas separando os tecidos sensíveis com os dedos, chupando meu clitóris inchado, mordiscando-o com os dentes. Sorrio fechando os olhos e sentindo um orgasmo violento se formando dentro de mim, prendo os lábios entre meus dentes esperando que ele venha com tudo. Mas, para a minha tristeza, os movimentos cessam de uma hora para outra e imediatamente sinto uma carência enorme do toque ágil da sua língua.

Ergo a cabeça e o vejo se inclinar para pegar sua camisa no chão, vestindo-a em seguida. Fico sem entender o porquê dessa atitude já que ele deveria estar arrancando o resto da roupa de seu corpo. Olho para o enorme volume em sua calça constatando que seu pênis glorioso está duro e pronto para mim.

— Pelo amor de Deus, Ricardo. Por que parou? — Sento sobre a mesa com

meu sangue começando a fervilhar. Ele pegou a colher ao meu lado e a lambe de um jeito me faz salivar.

Sua expressão se assemelha à de uma criança travessa, todo sujo de mousse de chocolate, os cabelos todos bagunçados molhados de suor e os lábios vermelhos e inchados de tanto me chupar.

Putá merda, que homem tesudo!

A cena mais erótica do mundo. Minha vontade é de pular em cima dele e arrancar todo prazer possível.

— Por mim, a brincadeira acabou por aqui, Marrenta. Se quiser tanto gozar, vai ter que se virar sozinha. Esqueceu que me colocou nas mãos da Carol hoje? Porque eu, não. — Joga a bomba, vira as costas e sai assobiando, tranquilamente.

Meu queixo cai, literalmente. Fico paralisada, sozinha e frustrada. Cheia de tesão e sem acreditar no que acabou de acontecer. Desgraçado!

Ah, mas esse Delegado vai me pagar por essa, em dobro!

Capítulo 27



RICARDO

Às oito da manhã, já estou pronto para ir para o trabalho. Desço as escadas cantarolando, rolando as chaves do carro entremeio aos dedos. Estou feliz de um jeito que não ficava há muito tempo. Dormi a noite toda feito um anjo, não sonhei com nada de bonito, mas também não tive pesadelo, o que já foi ótimo. Não costumo tomar café da manhã em casa quando estou de plantão, sempre deixo para fazer isso na delegacia junto com a minha equipe, foi a melhor forma que encontrei para manter o grupo mais unido. Na hora do nosso café, é proibido conversar sobre assuntos de trabalho, apenas coisas normais do dia a dia, assim um conhece um pouco da vida do outro de uma forma menos invasiva.

No entanto, hoje faço questão de tomar o café da manhã em casa. Quero olhar nos olhos da Júlia depois do castigo que dei ontem — merecidíssimo, diga-se de passagem — privando-a de gozar no último segundo. Quando senti que chegaria ao clímax, me afastei bruscamente. A expressão de espanto no seu rosto quando percebeu que eu não terminaria o “trabalho” foi impagável. Uma mistura de raiva, frustração e muito tesão. Eu também estava muito excitado e queria amá-la de todas as formas possíveis sobre aquela bendita mesa, mas ela merecia ser castigada por ter me entregado de mão beijada para a Carol, como se eu fosse um objeto que usou e depois cansou e jogou fora. E ainda encheu a boca para tocar no nome do João Pedro, insinuando que tenho ciúme do seu “advogado engomadinho”.

Juro que não sei o que deu em mim quando ouvi o nome desse cara escorregando dos seus lábios de forma tão íntima, conseguiu me tirar do sério de tal maneira que perdi a razão de vez. Agi como um animal selvagem jogando-a em cima da mesa, rasgando sua camisola e escancarando suas pernas. Literalmente cai de boca, lambi e chupei com vontade, tomando tudo o que tinha direito. O gosto salgado da Júlia já é naturalmente divino, mas junto com mousse de chocolate formou um sabor agridoce e único que só eu tive o prazer de provar. Se eu pudesse patenteava com o meu nome, para nenhum outro pensar em chegar perto.

Assim que piso no andar de baixo, sou recebido por uma sinfonia de risadas

femininas vindo da cozinha e ecoam por todo o primeiro andar da casa. Entre elas, uma exageradamente alta que eu conheço muito bem e estava louco de saudade. Minha mãezinha está de volta. Apresso o passo para me juntar a elas, quero saber o motivo para tanta alegria nessa manhã.

— Bom dia, meninas. — Cumprimento calorosamente ao chegar na cozinha.

O silêncio paira e todas as quatro mulheres presentes olham para mim na mesma hora.

A empregada Solange, quando me vê, para o copo de suco no ar com medo de eu chamar sua atenção por estar sentada toda à vontade na mesa ao lado da Júlia, que nem se dá ao trabalho de responder meu cumprimento e continua tomando seu café tranquilamente. Minha mãe está sentadinha na ponta da mesa com um sorriso amplo de felicidade ao me ver. Como sempre, voltou sem avisar, adora fazer uma surpresa e ser o centro das atenções. Uma figura que eu amo demais.

Minha ruivinha ainda está de pijama sentada no chão desenhando, em meio a uma pilha variada de lápis de colorir espalhados ao seu redor.

— Bom dia, filho, sentiu saudade da mamãe? — Ela levanta e vem logo apertar as minhas bochechas e espalha beijos em meu rosto que fica cheio de marcas do seu batom rosa.

— Por que não disse que chegaria hoje, mãe? Eu levantaria mais cedo e iria buscá-la no aeroporto, tem que me deixar mimar a senhora de vez em quando.

— Mais do que você já me mima, filho? Além do mais, não quis te acordar tão cedo, depois ficaria com sono no trabalho o dia todo. — Cata um fio de cabelo minúsculo na camisa preta do meu uniforme, reparando que eu converso com ela, mas meus olhos estão o tempo todo sobre Júlia tentando decifrar cada movimento que faz.

Não consigo olhar para mais nada quando dividimos o mesmo ambiente. Ainda mais hoje que se veste pensando em me provocar. Ela está *fodidamente* sexy dentro de uma blusa branca de alças finas e bermuda jeans curta. Muito curta.

— E as coisas por aqui, Ricardo, como vão? — Seu tom é mais de insinuação do que questionamento.

— Melhor impossível, mãe.

— Bom dia, papai, olha o desenho que eu fiz. — Meu anjinho vem toda serelepe até mim e me entrega uma folha branca com um desenho todo torto de três bonequinhos sorrindo e de mãos dadas.

Um homem alto dos olhos azuis e uma mulher negra com uma barriga enorme. Os dois seguram a mão de uma criança de cabelo laranja cheia de pintinhas no rosto. Ou seja, eu, a Júlia dez quilos mais gorda e ela.

— Que gracinha, Ricardo, sua filha desenhou ela de mãos dadas com você e a Júlia. Mas a sua mãe não está um pouco acima do peso nesse desenho, Maria? Parece que engoliu uma melancia. — Minha mãe toma a folha da minha mão e mostra para Solange enquanto as duas cochicham encostadas no armário cheias de sorrisinhos olhando para mim e a Júlia, que devora um pãozinho de queijo, faminta.

Ela ainda não me olhou, mas está com os ouvidos atentos à nossa conversa. Pirracenta.

— Mamãe não engoliu melancia, vovó. — Ri achando graça do que a avó disse. — É o meu irmãozinho dentro da barriga dela, quando nascer vou ajudar ela e o papai a cuidar dele — explica gesticulando as mãozinhas no ar, inocentemente fazendo a mãe dela engasgar com o último pedaço de pão de queijo que havia acabado de enfiar na boca.

Se eu não tivesse sido rápido em acudi-la com tapinhas nas costas, acho que teria morrido. Minha mãe pede para Solange levar a neta para passear com Adônis para que não se assuste e vem me ajudar a socorrer Júlia.

— Calma, foi só um desenho, está melhor agora? — Sorrio sentando ao seu lado, observando-a beber alguns goles do copo de água que acabei de entregar a ela. Deslizo a minha mão sorrateiramente sobre a mesa pousando sobre a de Júlia, então nossos olhares se encontram e nada mais existe ao nosso redor.

Somos só eu e ela em uma dimensão que criamos, só nossa.

— Meu Deus! Vocês transaram. — Minha mãe bate uma mão na outra eufórica igual a uma criança quando ganha o presente dos seus sonhos.

— Senhor, não acredito que ouvi isso. — Júlia mal se recuperou e engasga novamente, dessa vez com a água. Tiro o copo de sua mão e afago suas costas até que se acalme.

— Pelo amor de Deus, mãe! A senhora está constrangendo a Júlia, vê se isso é coisa que se diga. — Me zango com ela.

— Para de bobeira, Ricardo. Todo mundo transa, até eu se aparecer um coroa jeitoso.

— Já chega, mãe! — Elevo a voz batendo a mão sobre a mesa.

— Então, como foi? Aconteceu mais rápido que pensei, quero saber de todos os detalhes. Acho até que já pode ter outro netinho pronto vindo por aí. — Eu não sei quem está mais constrangido, eu ou a Júlia.

Minha mãe arrasta a cadeira e senta de frente para nós dois, apoia os cotovelos sobre a mesa e segura o queixo com as mãos, seus olhinhos brilham ansiosa para ouvir a história. Nunca vi ninguém falar de sexo com tanta naturalidade. Não exagero quando digo que a Dona Célia deveria ser estudada pela NASA, estão perdendo grandes teses com ela.

— Não tem outro netinho nenhum vindo por aí, Dona Célia. Pelo menos não de mim. E acho melhor a senhora e a Maria tirarem essa ideia estapafúrdia da cabeça. Nunca me adaptaria ao mundo do seu filho e ele jamais se encaixaria no meu. Se tivéssemos nos conhecidos em outra ocasião, fora dessa confusão toda, nem olharia para mim. Estou mentindo, Ricardo? — É uma pergunta retórica, seus olhos acusatórios queimam sobre mim como as labaredas do inferno.

— Não só olhei, como me lembro de cada detalhe. Usava uma bermuda jeans curta. Curta demais por sinal. Aliás, é a mesma que está no seu corpo agora. E camiseta branca larga sem sutiã, já percebi que quase nunca usa. Você não usava maquiagem no momento, não precisa disso, é naturalmente linda. Estou errado, Júlia? A não ser que tenha se esquecido do nosso primeiro encontro no Morro antes dessa merda toda acontecer. — Ela paralisa, nem pisca.

Desde o dia que conheci a Marrenta, essa é a primeira vez que consigo deixá-la sem palavras. Sempre tem uma malcriação na ponta da língua, alguma ofensa ou desaforo para berrar afundando o dedo na minha cara.

— Ora essa, os dois pombinhos escondendo leite de mim. Então se encontraram antes da verdade sobre a Maria vir à tona? Não adianta correr, o caminho da felicidade dos dois está escrito nas estrelas e de um jeito ou de outro a vida iria juntar os dois. — Divaga a minha mãe enquanto ajeita a toalha da mesa.

Mas a parte que o caminho da nossa felicidade está “*escrito nas estrelas*” mexe um pouco comigo. Afinal, é quase a mesma frase que Andréia disse antes de morrer.

— Agora sei de onde você herdou esse seu romantismo todo, Ricardo. — O sorriso debochado estampado no rosto de Júlia, traz um clima pesado para o ar. Quando o assunto é sentimental, uma nuvem negra se forma ao seu redor e ela entra logo no modo defensivo.

— Para mim essa conversa sem sentido acaba por aqui, não deveria nem ter começado. Eu e a Júlia acabamos de nos conhecer, mesmo assim, ficou mais que claro que não temos nada em comum. Mesmo se tivesse, mãe, não vai rolar. Porque eu não estou à procura de outra mulher e é obvio que você, Júlia, não está à procura de um marido. E eu sou homem para casar. — Duelamos com o olhar.

Uma ruga se forma no meio da sua testa e sei que não virá boa coisa. Provoquei a onça brava, agora tenho que aguentar a sua fúria.

— Concordo plenamente, Ricardo, até porque se estivesse à procura de uma mulher, eu não faria parte dessa lista. Nem quero fazer. Afinal, ainda pensa que estou envolvida no sequestro da Maria Lara, e sei que o meu temperamento forte não lhe agrada. Eu acho que a Carol é uma forte candidata, a idiota lambe o chão que você pisa. E pelo que vi ontem no parque, vocês têm muita coisa em comum. Formam um casal perfeito. — Estica a mão para pegar seu copo de água e vira o resto em um gole só segurando o fôlego, acredito que praguejando mentalmente por não ser uma bebida bem forte para aliviar a raiva que emana em cada célula do seu corpo.

— Que passeio no parque, gente? E quem é essa Carol? Não a conheço, mas já não gosto dela. — Minha mãe parece chateada por não estar por dentro de todos os detalhes da história, franze o cenho estalando os dedos da mão, sempre faz isso quando está irritada com alguma coisa.

— Sua futura nora, Dona Célia — zomba Júlia.

— Será que dá para parar de ficar o tempo todo me jogando para cima da Carol? Que coisa chata! Eu não fico te jogando para cima do João Pedro, fico?

— E esse João Pedro, quem é? Meu Pai Celestial! — Minha mãe está mais perdida do que bala em boca de banguelo, agora há dois nomes estranhos na conversa que ela não faz ideia de quem são.

— O futuro padrasto da sua neta — resmungo.

— Sabe que eu gostei da ideia, ele seria um ótimo pai para os irmãozinhos que quero dar para a minha filha. — Não dá para competir com a Júlia em um

debate verbal, ela sabe pegar pesado para foder o psicológico da gente só com o uso das palavras.

Será uma advogada das boas. Isso eu garanto.

— Não sou obrigado a ficar aqui ouvindo esse tipo de coisa, vou para o meu trabalho que ganho mais. Tenham um bom dia, porque o meu acabou de ser arruinado. — Levanto arrastando a cadeira bruscamente, não sei como um simples desenho se transformou na terceira guerra mundial.

Fui trabalhar irritado, com um mau humor do cão e permaneci assim a manhã toda, dando patada até no vento. No horário de almoço, estava decidido a ter uma conversa franca com a Júlia sobre tudo o que houve entre nós. Somos bens crescidinhos para ficar nesse jogo de indiretas e provocações infantis. Não podemos apagar o passado, muito menos fingir que nada aconteceu. Somos dois adultos e podemos seguir em frente, cada um para o seu lado. Como encheu a boca para dizer hoje cedo *“somos de mundos diferentes”*.

Eu, o romântico à moda antiga, e ela, a liberal de coração de pedra.

Mas, infelizmente, Júlia não estava em casa. Segundo a minha mãe, tinha ido em casa entregar ao pai o cheque que dei a ela ressarcindo o dinheiro gasto na fiança para que resolvam o problema do empréstimo o mais rápido possível. O que pagaram, jamais conseguirão de volta. Por um momento pensei que a teimosa não iria aceitar, diaba de mulher orgulhosa.

O almoço se resumiu em uma Maria triste de um lado, e minha mãe milagrosamente comendo em silêncio, ambas sentindo a falta da Júlia. E eu também. Mexi a comida no prato, sem fome, a todo momento olhando para a porta na esperança que chegasse aquecendo a casa com sua presença forte. Mas não chegou. No entanto, ligava para minha mãe a cada dez minutos para falar com a filha.

Voltei para o trabalho com um vazio no peito, que triplicou quando voltei para casa à noite e minha mãe contou que Júlia ligou avisando que passaria a noite por lá mesmo para matar a saudade do pai e irmão. Tive que ser rápido ao subir para o meu quarto para não demonstrar a enorme decepção que tomou conta de mim.

Um simples almoço longe dela já foi um martírio, imagina a noite, e talvez amanhã o dia inteiro? E quando chegar o momento que ela decidir ir embora? Para mim, ela não voltou hoje para ir acostumando a filha com sua ausência, agora que conheceu o que é fazer amor com alguém, deve aproveitar o tempo

livre para sair à procura do pai dos irmãozinhos que a Maria tanto quer ganhar. Ah, esqueci, já tem um ótimo pretendente, o advogadinho metido a besta.

Porra! Por que pensar na Júlia criando uma família com outro homem mexe tanto comigo?

Suspiro cabisbaixo. Tomo meu banho morrendo de vontade de cair na cama e dormir para que essa maldita noite passe logo, mas a minha mãe e a ruivinha me esperam para o jantar, o jeito é me vestir e descer fingindo que estou bem. Saio do banheiro nu andando pelo quarto escuro até o guarda-roupa para pegar uma calça de moletom, fico em estado de alerta ao sentir a presença de alguém no ambiente. Ligeiramente pego uma arma escondida no fundo da segunda gaveta e a passos cautelosos tateio a parede à procura do interruptor, quando acendo a luz quase morro de susto com o que vejo.

— Mas que merda é essa? — Berro ao encontrar meu amigo André esticado em cima da minha cama totalmente à vontade, de barriga para cima balançando a cabeça com fones nos ouvidos, provavelmente ouvindo música.

— “Que merda é essa” digo eu, irmão. Porra, cara! Sabia que pessoas normais usam toalhas para sair do banheiro? Não com esse troço aí balançando de um lado para o outro, que nojo. — Tapa os olhos como uma moçoila puritana.

— Mas é muito abusado mesmo. Entra na minha casa escondido e fica igual a uma assombração no escuro, de sapato em cima da minha cama limpa. Eu podia ter dado um tiro em você, sabia? Na verdade, ainda posso, André, é só me irritar mais um pouquinho. — Finge que nem é com ele e continua mexendo no celular, ainda assim, continuo com a bronca. — Ainda tem a cara de pau de ficar implicando com o jeito que ando dentro do meu próprio quarto, aliás, a que devo o ar da sua graça? Assim, sem ao menos mandar uma mensagem avisando que estava vindo. — Guardo a arma no mesmo lugar que a peguei, mas a vontade de atirar nele ainda é bem grande.

— Ui, que a menina está brava, gente. — Volta a deitar na mesma posição, rindo da minha cara. — Agora se arrume rápido porque quero pegar o show principal de dança no Clube Luxos. Dizem que tem uma dançarina de pole dance lá que é uma loucura — conclui tirando a atenção do celular por alguns segundos para me encarar.

— Clube de quê? Você está é louco se acha que vou sair depois de passar o dia trabalhando feito um doido naquela delegacia, além do mais, tenho que ajudar minha mãe a cuidar da Maria.

— Você aqui ou não, vai dar no mesmo, trouxe o Gustavo e os dois estão brincando no quarto dela. A tia Célia disse que cuida das crianças para nós dois cairmos na gandaia essa noite, quero pegar geral. — Coloco uma cueca boxer branca, embasbacado ao ouvir tantas asneiras saindo de uma boca só.

Eu amo o meu amigo André, mas às vezes tenho vontade de socar a cara dele.

— Boa “gandaia” para você, negão. Eu ficarei aqui cuidando das crianças com o maior prazer, mas vou jantar antes porque estou varado de fome.

— Você tem dez minutos para se arrumar, Ricardo, ou vou ser obrigado a chamar o reforço — ameaça com seu melhor tom sério.

— Mas que reforço?

— O Barreto, sua mãe ligou para ele também o convidando para sair conosco. Disse que, além de mim, é o único amigo seu que conhece aqui no Rio Janeiro, o garoto está lá embaixo todo animado nos esperando sentado no sofá. Parece ser gente boa. — Fico estupefato com a atitude da minha mãe, sobrou até para um dos homens da minha equipe.

— Você disse que ela ligou para o Barreto “também”? Onde ela conseguiu o número dele? — Sei muito bem o que ouvi, mas é tão absurdo que preciso ouvir de novo.

— Sim, ela também me ligou, disse que você anda muito tenso e nada como uma noite de farra para distrair a mente.

— Quando a minha mãe vai parar de controlar a minha vida? Inferno! Agora mesmo que não vou, nem morto. — Mas não vou mesmo, estou cansado de a Dona Célia controlar a minha vida. Merda! Tenho 34 anos, não sou nenhum moleque. Nem à força vou nesse tal clube, não mesmo.

Em hipótese nenhuma.

Nem morto.

Fui.

Briguei e esperneeiei, mas, no final, fiz o que a minha mãe queria. Novidade. André veio dirigindo rindo de mim o caminho todo me chamando de “filhinho da mamãe”. Barreto veio calado no banco de trás, mas rindo escondido que eu sei. No final até eu ri, também. E ao chegar no Clube Luxos, acabei me animando bastante. A fila era longa, chegava a dobrar a esquina. Bastou André

cochichar algo no ouvido do segurança, que entramos por uma entrada especial, esbarramos com alguns clientes bem vestidos, saindo animados, segurando alguns copos de bebidas. Uma ruiva lindíssima — não como a minha Andréia — fez questão de se esfregar em mim e piscou o olho, tentadoramente.

O diabo gosta de provocar mesmo, não tira um minuto de folga.

Ao adentrar o lugar, percebo, de imediato, que faz jus ao nome “Luxos”, realmente é tudo muito elegante e animado. Música boa, gente bonita e educada. A bebida é por conta da casa, fico imaginando a fortuna que não deve ser o ingresso. As bebidas disponíveis no bar são as mais caras do mercado. O metido do André quis ficar em uma das cabines com área VIP, menos movimentada, com vista para o palco e a pista de dança. Eu adorei, aqui o som não é tão alto e não tem aquele monte de luzes de variadas cores vindo direto nos meus olhos me cegando completamente.

— O seu amigo está se divertindo bastante, Delegado — Barreto aponta para André que está se acabando na pista de dança e vejo o doido do meu amigo dançando em meio a um sanduíche de duas morenas lindas.

Ao lado deles, há um casal que dança de um jeito sensual chamando a atenção de todo mundo. O cara é um negro muito alto e forte, boa pinta. Já a mulher, apesar de estar um pouco longe, dá para ver perfeitamente que tem um corpão repleto de curvas fartas. A cintura fina e uma bunda enorme, os seios fartos balançando livremente sem sutiã debaixo de um vestido frente única com as costas toda de fora. O vestido preto é de um tecido que brilha conforme as luzes refletem nele, em um comprimento para lá de indecente e rebolando daquele jeito, mostra bem mais do que devia. Traduzindo, praticamente nua!

— É, Barreto, o meu amigo se deu bem. — Viro de costas para pista de dança, dando um gole na minha bebida.

Espera um pouco, eu disse sem sutiã? E aquela bunda enorme, eu conheço muito bem.

— Filha da mãe! — Rujo como um leão enjaulado ao virar na direção da pista de dança novamente, sinto como se estivesse com o diabo no corpo.

A porra da mulher gostosa se esfregando naquele cara é a Júlia, a mãe da minha filha. Está um pouco diferente, o cabelo liso na altura dos ombros partido ao meio deixando seu rosto perfeito em destaque. Uma maquiagem muito bem-feita, marcante. A boca lambuzada de batom vermelho, bandida! Teve a ousadia de ficar de costas para o cara e com o corpo colado no seu deslizando até o chão

com aquele bendito vestido que diz “*me coma*”, com uma expressão para lá de sensual que fico de pau duro só de olhar. Ela está seduzindo-o, na verdade, acho que o idiota ficou seduzido desde o momento que colocou os olhos nela. Estamos perto do bar, então dá para ver cada detalhe perfeitamente.

— Pera aí, Delegado. Aquela mulher dançando na pista com aquele cara grandão, não é a Júlia? Nossa, ela está tão diferente, muito linda e dança tão bem. — Como sempre o Barreto tem que abrir a boca para piorar ainda mais as coisas. Estou a ponto de explodir de tanta raiva.

Sendo sincero, estou mesmo é morrendo de ciúme, ou matando mesmo. Agora que o sangue subiu para a cabeça, tudo pode acontecer.

Capítulo 28

•

JÚLIA

Mexo o meu corpo sensualmente conforme a batida da música. Mesmo de olhos fechados, posso sentir todos os olhares masculinos à minha volta, isso me incentiva a ousar mais um pouco, protagonizando uma dança totalmente erótica com meu parceiro. Ele é um empresário angolano de tirar o fôlego e está de férias no Brasil. Chegou em mim assim que coloquei os pés no Clube com a Dani e a Yudi. Meu plano era passar a noite quietinha em casa com meu pai e o Binho para matar a saudade que estou deles. Mas as minhas amigas insistiram tanto, que acabei aceitando sair com elas hoje.

Yudiana fará uma apresentação especial de pole dance que vem treinando há semanas. Ela está muito ansiosa e disse que ficaria mais confiante sabendo que nós estamos presentes. Como seu apartamento fica pertinho do clube onde trabalha, Dani e eu fomos nos arrumar lá para virmos juntas. Escolhi um vestido para lá de sensual, caprichei na maquiagem e até mesmo cortei meu cabelo e o escovei. Depois de Ricardo dizer que gosta dele revolto, toda vez que olho minha juba no espelho, me lembro dele.

Quanto mais evitar coisas que me lembrem desse homem, melhor. Já bastam as marcas roxas dos chupões que deixou nos meus seios na noite anterior em cima daquela mesa. Filho da puta! Estou com um ódio mortal dele, me privar de gozar foi uma crueldade sem tamanho. Ainda vai me pagar caro por isso, ou não me chamo Júlia Helena da Silva. Também já estava mais que na hora de mudar. Visual novo, vida nova...

Festa + Bebida+ Música boa + Homens sexy = Sexo selvagem.

Sexo selvagem = Esquecer Ricardo Avilar.

Já até escolhi minha presa, esse angolano não me escapa de jeito nenhum, hoje, a noite promete. Preciso extravasar toda essa energia sexual presa dentro de mim, queria que fosse com outra pessoa, mas nem sempre tudo é como a gente imagina, não é mesmo? Por isso, vou aproveitar cada segundo ao máximo, voltar a ser a antiga Júlia que segue o lema “pega, mas não se apegar”.

O angolano me abraça por trás mexendo o corpo no ritmo do meu rebolado,

o danado do nego é tão alto e forte que eu praticamente desapareci em meio aos seus braços. Deve ter 25 aninhos no máximo, com energia sexual para dar e vender.

Hummm que delícia, eu vou me esbaldar.

— Você dança muito bem, gatinha. — Inclina para dizer no meu ouvido assim que a música acaba, ainda segurando a minha cintura.

Tem um sotaque excitante, a voz grossa.

— E aí, gato, em qual hotel você está hospedado? — Vou direta ao ponto, como sempre. Para que ficar enrolando se ele veio atrás de sexo e eu também?

Yudi e Dani observam tudo do bar, rindo da minha paquera, enquanto enchem a cara com um drink de frutas com baixo teor de álcool.

— Nossa, você é bem direta. Gosto disso. Estou no Plaza hotel. — Aperta a parte da minha coxa que está para fora do vestido. É safado do jeito que eu gosto.

— Sou e muito. Você me atrai e acho que o sentimento é recíproco. Se depois da apresentação de dança principal, quiser dar uma volta, vou achar ótimo.

— Combinado então, gata, mal posso esperar para ter você todinha para mim. — Ergue a minha mão e gira meu corpo dando uma boa conferida no meu “material”. Pelo gemido que solta, acho que passei no seu teste de qualidade.

— Vou no bar beber um pouco com as minhas amigas, depois aparece lá. — Aproximo a minha boca bem perto da dele, mas não o beijo.

Sou mestra na arte de seduzir.

— Você manda, minha nega, hoje serei seu escravo sexual. — Seus dentes branquíssimos brilham refletindo na roupa toda branca, duas covinhas lindas aparecem em seu rosto, o que deixaria qualquer mulher louca.

— Até mais tarde, deus de Ébano. — Saio rebolando em direção às minhas amigas. Quando me aproximo, elas dão pulinhos de alegria doidas para saberem de tudo.

— Que deus de Ébano é aquele, amiga? Se deu bem. Por que eu nunca dou essa sorte, hein? Sou louca por um negão daquele, mas nem olham para mim, acho que é porque sou loira. — Dani faz beicinho brincando de girar no banquinho do bar, parece crianças às vezes. Ela e a Maria sempre se deram super

bem, brinca até de boneca com ela.

— O cara está babando em cima de você, amiga. Negão gostoso da porra. Vai com tudo, gata, aproveita. — Yudi dá um tapa na minha bunda e forço um sorriso, elas estão mais animadas do que eu.

Em outros tempos, estaria eufórica, agora sinto que vou transar com o angolano apenas como uma tentativa de esquecer a noite que tive com Ricardo. Acho que nem se eu dormir com todos os homens da boate conseguirei apagar esse dia da minha mente tão cedo.

— E vocês duas, não vão pescar nenhum peixe hoje? — Tomo a bebida da Yudi de suas mãos e viro um gole generoso, minha garganta está seca.

— Não posso, estou trabalhando, lembra? Aliás, falta pouco para começar o meu show, daqui a pouco tenho de ir trocar de roupa, fiquem em um lugar que eu possa vê-las, quero jogar um beijinho quando terminar a apresentação. — Ela senta no colo da Dani, quase a matando esmagada, é baixinha coitadinha.

— Eu posso te ajudar a se arrumar, Yudi? Sempre quis saber como é um camarim, também não quero ficar aqui segurando vela para a Ju e o Angolano gostosão. — As duas riem da minha cara, Yudiana toma sua bebida da minha mão e vira o restante, depois fica brincando com gelo no fundo do copo.

— Claro que pode, loira, vamos vazar logo antes que o deus de Ébano chegue.

— Duas bobas morrendo de inveja do meu angolano — mostro a língua para elas, que riem mais um pouco da minha cara. Beijam meu rosto e seguem o caminho para o camarim da Yudi, jogando charme para dois rapazes bonitões que passam olhando para elas.

Peço uma bebida bem forte ao barman e sento no mesmo banquinho que Dani estava sentada. Mais de meia hora se passa e nada de o angolano aparecer. Começo a ficar preocupada, será que eu levei um toco, meu Deus? Isso nunca aconteceu antes, só me faltava essa para acabar com minha autoestima de vez.

— Merda! — Resmungo debruçando sobre o balcão de vidro do bar.

— Gostaria de beber algo, senhor? — Questiona o garçom para alguém que senta ao meu lado, levanto a cabeça animada pensando que é o angolano e quase caio de cara no chão com o que vejo.

O poderoso Delegado Ricardo Avilar sentado ao meu lado, lindo como um deus grego dentro de uma calça jeans justa, jaqueta de couro preta e camisa

branca por baixo. Parece um adolescente vestido assim, todo moderninho com o cabelo penteado para trás. Falta pouco para babar em cima dele, lindo de morrer.

— Quero um Whisky Royal Salute 38 anos, água com gás e gim com limão, por favor. Obrigado — pede elegantemente. Viro de costas para ele na vã esperança de que não tenha me reconhecido devido ao meu novo visual.

— Gostei do novo corte de cabelo, Marrenta. — Gira meu banco me deixando de frente para ele, sorrindo do jeito que deixa minhas pernas bambas.

— Obrigada — respondo seca intencionada a girar meu banco de frente para o bar, mas o cretino o segura com o pé.

— Estou falando sério, Júlia, você é a mulher mais linda desse lugar. — Meu cérebro dá pane geral, não consigo nem piscar. — Se olhar à nossa volta verá que todos os homens não param de te secar com olhos, como caçadores, só esperando que dê uma brecha a eles para atacarem. — O garçom traz a bebida do Ricardo e a deixa sobre o balcão. Ele bebe um pequeno gole e volta o copo de vidro para o mesmo lugar que estava.

Queria tanto saber se o Ricardo sente pelo menos a metade do que eu sinto quando estou ao seu lado. Perco a noção do tempo, de tudo e todos à nossa volta. Meus sinais vitais elevam, as mãos suam e mal posso respirar. Não tem como negar, estou caidinha por ele. Mas ele não ficará sabendo disso, nunquinha.

— Entenda uma coisa, Delegado, eu não vim aqui para ser a presa de ninguém. A caçadora aqui sou eu, escolho o que mais me atrai e parto para cima com tudo! E acredite, nunca vou para casa sem o meu jantar garantido. — Ele quebra o contato visual tentando esconder o impacto que as minhas palavras causaram nele, se remexe incomodado no banco enquanto ajeita alguma coisa dentro da calça.

Hummm... será que o homem ficou excitado?

Porque eu estou, desde que o vi.

— O que chamou a sua atenção no angolano para que fosse o grande sortudo da noite?

Queria poder responder que quando ele está presente é impossível que outro chame a minha atenção, mesmo que só um pouco. Os outros simplesmente se tornam invisíveis aos meus olhos.

Afinal, como ele sabe que o cara é um angolano?

— Me senti atraída por ele e ele por mim. — Sou sincera, não tenho por que mentir.

— Desejo que se divirta então, porque o seu “jantar” acabou de chegar. Bom apetite. — Sorri, mas não chega nem na metade do caminho até os olhos.

Volta o olhar triste para o copo de bebida em sua mão segurando-o com tanta força que vai acabar quebrando a qualquer momento. Seu semblante estiraça meu coração em mil pedaços.

A quem eu quero enganar? Eu o desejo mais que qualquer coisa na vida, preciso estar com ele mais do que o ar que respiro. Eu o odeio por mexer tanto comigo, por me fazer sentir como uma mulherzinha boba apaixonada com borboletas voando no meu estômago toda vez que o vejo. Fecho os olhos pesadamente abaixando a cabeça, sentindo o peso da verdade me acertar como um soco de direita.

— Demorei, mas cheguei, nêga linda. Sentiu saudades? — O angolano me puxa pela mão me obrigando a levantar para abraçá-lo. O engraçado é que agora não vejo mais nada de atraente nele. Sinto nojo de seu toque, o quero bem longe de mim.

— Desculpa, mas não quero mais. Sinto muito por ter feito perder o seu tempo comigo. — Sou direta novamente, ele entende e ainda beija meu rosto antes de ir embora. A idiota aqui, fica paralisada depois de dispensar o pedaço de mau caminho.

Arrepio toda ao sentir braços fortes me agarrando por trás. Não me preocupo, conheço bem esse toque. Meu corpo reage na hora ficando todo trêmulo, meu peito desce e sobe, ansioso. Sei que deveria impedi-lo com um tapa bem dado no rosto por ter sido um cretino comigo tantas vezes, e correr atrás do cara magnífico que acabei de dispensar. Mas não, eu tenho que deixar meu coração falar mais alto. Inferno!

— Eu fiquei muito puto de ver você dançando daquele jeito indecente com esse cara, Marrenta. Quase tive um troço de tanta raiva, juro que se aceitasse mesmo ir com ele, não sei o que seria capaz de fazer para impedir. — Afasta o meu cabelo para o lado com o queixo e beija o lugar na minha nuca onde tenho a tatuagem de três estrelinhas.

— Então sabe como me senti quando não desgrudou da Carol, eu quase cometi uma loucura no parque de diversão, queria arrancar sua cabeça fora quando deu o ursinho de pelúcia em formato de coração para ela. Todo mundo

foi embora com um, menos eu. — Sinto o calor do seu sorriso tocar minha pele, quente e convidativo para um beijo longo.

— Sêrio? Sô não te dei porque pensei que não gostasse dessas coisas românticas, posso comprar outro maior para você, se quiser.

— Eu não gostava de muitas coisas românticas até te conhecer, agora gosto mais do que devia. — Bufo olhando as pessoas pularem animadas na pista de dança, como pipocas dentro da panela. A maioria, suadas e bêbadas, desejando sexo selvagem com qualquer um que aparecer na sua frente.

— Ah, é mesmo, Marrenta? — Zomba, vaidoso.

— Cala a boca, ainda não estou de bem pelo que fez ontem comigo em cima da mesa da cozinha. — Belisco seu braço, e o bobão ainda acha graça.

— Não sei do que está falando. — Se faz de santo, palhaço!

— Não, né? Quando eu der o troco, vai lembrar, direitinho.

Ele resmunga algo apertando os braços ainda mais em volta da minha cintura, só não entendi o quê.

— Eu gosto dessa música, ela me lembra você, Marrenta — diz bem baixinho com a boca colada ao meu ouvido.

O som do DJ está alto demais e começa uma música nova. Ele pega o copo de bebida sobre o balcão enquanto sua mão livre crava em mim, mantendo-me grudada nele enquanto nos mexemos ao som da música da Rihanna, “*Diamonds*”, me obrigando a seguir o seu ritmo. Agradeço a Deus por saber um pouco de inglês e poder entender o que a letra diz.



“Brilhe intensamente como um diamante

Encontre a luz no belo mar

Eu escolho ser feliz

Você e eu, você e eu

Você é uma estrela cadente, eu vejo

Uma visão de êxtase

Quando você me segura, sinto-me viva

Nós somos como os diamantes no céu.

Eu logo soube que nos tornaríamos um só

Oh, bem no começo

À primeira vista eu senti a energia dos raios de sol

Eu vi a vida dentro dos seus olhos...

Então brilhemos intensamente, esta noite, você e eu

Olho no olho, tão vivos

Nós somos belos como os diamantes no céu...”



— Eu gosto tanto do seu cheiro, me deixa desorientado — revela quase em um gemido de puro prazer, deslizando o nariz pela minha nuca.

Fecho os olhos e continuo a prestar a atenção na letra da música enquanto balanço nos braços do Ricardo, seguindo o seu ritmo, me esfregando nele provocativamente, segurando o cabelo para cima e rebolando sensualmente. Estou muito excitada; e ele, louco de tesão com a enorme ereção cutucando minha bunda.

Ótimo, uma dupla perfeita.

— Júlia... — Sua voz sai rouca, ele estica o braço para o lado e coloca o copo sobre o balcão ainda com a metade do líquido dentro dele.

— O que você está fazendo, Ricardo? — Arregalo os olhos ao sentir sua mão deslizando pela abertura lateral do meu vestido, apalpando a pele por onde passa.

— Terminando o que comecei na cozinha ontem à noite — sussurra prometendo todo tipo de prazer. Alisa minha barriga deixando todos os pelos do meu corpo, ouriçados.

Sua mão continua descendo... descendo e descendo até chegar onde queria.

— Com esse monte de pessoas à nossa volta? Você ficou louco de vez Ricardo, só pode. — Tento me afastar dele, mas ele aperta ainda mais a outra mão em volta da minha cintura colando ainda mais meu corpo no seu.

— Se ficar quietinha ninguém vai perceber, não consigo esperar nem mais um minuto sem estar dentro de você. — Mordisca o lóbulo da minha orelha com malícia, lambendo uma parte sensível atrás dela.

Pelo santo das calcinhas molhadas, o que deu nesse homem? É sempre tão certinho e romântico, agora quer me foder com os dedos no meio desse monte de gente.

— Meu Deus! Ricardo... — gemo seu nome quando me alisa por cima do tecido da calcinha.

— Abra as pernas para mim, querida. — E como uma bonequinha de marionete obedeço ao seu comando, me odeio um pouco por isso.

Apoio o pé no banquinho à nossa frente e ele agarra a minha cintura com mais firmeza. Como o meu vestido é frente única, do jeito que enfiou a mão na lateral dele me abraçando por trás, se formos discretos, ninguém notará a loucura que estamos fazendo.

— Meu Deus, Júlia, você está encharcada. — Rosna mordendo o meu ombro, sua língua percorrendo toda a área da curva do meu pescoço. Deito a cabeça no seu peito, tomada por um prazer surreal.

— Eu fico assim toda vez que estou perto de você, Ricardo. — Remexo os quadris, sua ereção está tão dura quanto uma barra de ferro.

— Não consigo mais pensar direito depois que te conheci, você me enfeitiçou. — Ele puxa minha calcinha para o lado e esfrega o meu clitóris em movimentos na medida certa de agressividade para me deixar louca, com uma habilidade invejável.

— Penso a mesma coisa em relação a você, Delegado — sem avisar, enfia dois dedos em mim, bem fundo. — Ahh, que gostoso — gemo. Ainda bem que com a música alta ninguém percebe.

— Shh... quietinha, ou seremos descobertos. — Sinceramente? Não estou nem aí mais, só quero viver esse momento intenso.

Os dedos de Ricardo começam a entrar e sair de mim ferozmente. Fico louca quando começa a sussurrar a letra da música com a respiração ofegante, enquanto mete os dedos com força dentro de mim.

*“Você é uma estrela cadente, eu vejo
Uma visão de êxtase
Quando você me segura, sinto-me vivo
Nós somos como os diamantes no céu...”*



Mordo o lábio inferior imaginando a expressão dele enquanto canta para mim com essa voz rouca e me fode ao mesmo tempo, basta apenas mais algumas investidas e gozo em sua mão em meio a um turbilhão de emoções tomando conta de mim simultaneamente. Ele leva seus dedos mágicos à boca e os lambe, gemendo meu nome e me fazendo entrar em combustão novamente. Minhas pernas estremecem e ele me segura para que não vá ao chão.

— Você está bem? — Não respondo, apenas viro bruscamente roubando um beijo escandaloso em busca de mais prazer, querendo arrancar dele o máximo que posso.

— Vem comigo. — Saio puxando Ricardo pela mão para os fundos do clube a passos rápidos e o jogo para dentro de um banheiro exclusivo dos dançarinos que se apresentam ali. Yudiana liberou para mim e a Dani usarmos sempre que quiséssemos, pela primeira vez eu irei fazer bom uso dele.

E como!

— Não é ilegal entrarmos aqui, Júlia? — O senhor Certinho está de volta, olhando apreensivo para todos os lados como se estivéssemos cometendo um crime.

E o que ele acabou de fazer comigo na frente de todo mundo agora pouco não foi um atentado ao pudor? Cínico, sem vergonha.

— Sim, mas só deixa tudo mais excitante. — Tranco a porta e o preno na primeira parede que encontro, já metendo a minha língua na sua boca. Sou decidida demais para perder tempo com conversa fiada, já vou logo para o ataque.

Antes que suas mãos alcancem a minha cintura, agacho alisando o seu peito sobre a camisa. Ele passa a mão pelo rosto, agoniado, já imaginando o que estou prestes a fazer.

— Meu Deus, Júlia! — Suspira, olhando de cima para baixo, com seus

lindos olhos azuis cintilantes, reparando em cada mínimo gesto meu enquanto abro seu cinto.

Minhas mãos tremem tanto, mas não desisto. É a primeira vez que faço isso, não sei nem por onde começar. Isso mesmo, eu nunca fiz sexo oral ou anal.

Até agora não tinha conhecido um homem que me despertasse esse tipo de desejo, mas, com Ricardo, mal posso esperar para provar seu gosto. Acho esse ato muito pessoal, só porque transo com um cara não quer dizer que tenho que enfiar o pau dele na minha boca. Tem que ter um clima especial para isso, que nunca senti com ninguém até agora.

— Apenas relaxe e aproveite o momento, Delegado. — Começo a abrir o fecho, mas ele me detém segurando as minhas mãos.

— Não precisa fazer isso, Júlia.

— Mas eu quero fazer, provar você de um jeito que nunca provei outro homem. — Seus olhos escurecem, minha revelação causando nele um apelo de desejo incontrolável.

— Então será uma experiência nova para nós dois. — Chego a salivar, serei a primeira a provar seu gosto em minha boca. Não entendo por que a esposa nunca deu esse tipo de prazer a ele. Fico curiosa, mas nunca terei coragem de perguntar.

Apresso-me em terminar de abrir o fecho e, assim que abaixo um pouco a calça junto com a cueca boxe, uma ereção gloriosa pula para fora com líquido pré-ejaculatório escorrendo por sua glande. O seguro entre as mãos com o coração batendo acelerado, nunca tinha visto um pênis tão grande e grosso.

Um legítimo cavalo!

Aliso toda sua extensão antes de levá-lo à boca, e gemo ao sentir sua temperatura elevada acompanhada de um gosto, diferente, mas esplêndido.

Sigo com a língua o caminho das veias grossas e pulsantes por toda sua extensão, lambendo como se fosse o meu sorvete preferido. Mordisco a pele mais sensível próximo da cabeça. Ele começa a gemer desesperadamente quando passo a chupá-lo com todo o desejo que existe dentro de mim. Sinto seu corpo arquear e suas mãos prendem meu cabelo em um rabo de cavalo bem firme enquanto move os quadris para frente e para trás fodendo minha boca, enfiando cada vez mais fundo até encostar na garganta, lágrimas brotam nos meus olhos, mas aguento firme.

— Puta que pariu, Júlia, que boquinha gulosa você tem. — Ricardo grunhe como um cavalo no cio, perde o controle e segura a minha cabeça com as duas mãos metendo duro na minha boca sem tirar os olhos dos meus. — Você me deixa louco, desde que te conheci não penso em mais nada além de estar dentro de você. — Engole o fôlego a cada palavra que diz. Em uma rápida olhada para cima, percebo que está com o rosto todo vermelho e suado.

Poderia castigá-lo agora o privando de gozar, mas estou tão excitada que decido puni-lo em outra ocasião.

Não consigo segurar um gemido de prazer olhando para cima com cara de safada enquanto Ricardo me dá tudo o que tem, até não aguentar mais. Seu corpo enrijece e ele goza violentamente até escorrer pelos cantos da minha boca, e eu engulo o líquido grosso. Continuo chupando, masturbando e sugando até conseguir extrair a última gota do seu gozo.

— Porra! Nunca gozei tanto na vida, isso foi incrível — diz ofegante, alisando o meu rosto.

— E eu nunca provei algo tão gostoso, Delegado. — Limpo a boca com os dedos e os chupo, observo seu pênis semiereto inchando novamente.

Ele me puxa para cima pelo pescoço e toma meus lábios, cheio de paixão sentindo seu próprio gosto na minha boca.

— Agora, faça amor comigo, não posso mais esperar — ordeno, ansiosa para tê-lo dentro de mim.

Viro de costas apoiando as mãos sobre a bancada da pia do banheiro e empino a bunda para ele o máximo que consigo. Através do espelho, vejo a expressão devassa que se instala em seu rosto, hipnotizado ao admirar meu traseiro.

Safado!

— Queria ser romântico agora, Marrenta. Mas dessa vez não vai dar, estou totalmente fora de controle. Quero que me diga quando estiver no seu limite, porque, se deixar por minha conta, duvido que consiga sentar novamente tão cedo.

— Vai ficar parado aí falando o resto da noite? — Reviro os olhos.

— Depois não diga que não te avisei, Marrenta. — Ergue meu vestido até a cintura, rasga a minha calcinha em um puxão e me presenteia com um tapa na bunda. Como não esperava, solto um gritinho de susto.

Escuto o barulho de um pacote sendo aberto, acredito que da camisinha. Balanço a cabeça rindo por ele ter comprado. Da última vez que fizemos amor, eu tinha em minha bolsa, acho que isso feriu seu orgulho.

— Pode vir com tudo, quero você dentro de mim por completo — provoco.

— Como você quiser, meu amor. — Segura minha cintura e entra em uma estocada só indo o mais fundo que pode quase tocando meu útero, gemo alto tentando não perder o equilíbrio.

Começa com investidas bem lentas para que eu me acostume com seu tamanho avantajado, duro como está e descontrolado, tem que ir com cuidado ou me machucaria. Mas não demora muito para perder o controle. Inclina-se sobre mim à procura dos meus seios apertando-os com força e continua entrando cada vez mais fundo sem perder o contato visual através do espelho, gostando de ver a expressão de prazer em meu rosto enquanto me fode sem dó.

— Ah, Ricardo, continue assim — gemo sem vergonha.

Propositalmente, sai e entra novamente com uma intensidade forte, engulo uma lufada de ar segurando na pia para não ir ao chão.

— Abra os olhos — ordena. Não percebi que os tinha fechado.

Como não obedeço, para de se mover, um ruído de frustração sai da minha garganta e abro os olhos encarando-o de cara feia pelo reflexo. O cretino sorri sexy como um galã de filme pornô, achando graça da minha agonia.

— Vai se mexer ou tá difícil, Delegado? — Arqueio a sobrancelha.

— Você está muito mandona hoje, sua neguinha abusada! — Dá outro tapa na minha bunda com o dobro de força, arfo com a sensação gostosa de ardência misturada com prazer. — Isso é para você saber que quem comanda aqui sou eu — diz cheio de luxúria, se achando o dono da porra toda.

— Ah, é mesmo? — Estreito os olhos, desafiando-o com o olhar.

Tiro suas mãos dos meus seios e coloco as minhas no lugar apertando até espremê-los entre meus dedos e começo a fazer os movimentos de vaivém vem sozinha ao encontro do seu membro rígido, rebolando de uma forma alucinante arrancando todo prazer possível.

— Filha da mãe! — Geme alto.

— O que foi, amor, não está gostando? — Olho para trás de uma forma provocante, para poder ver sua cara de tapado sendo totalmente dominado por

mim.

Quem é dono da porra toda agora, hein?

— Pare com isso, Júlia! Isso não tem graça. — Agora quem está frustrado é ele, começa a dar tapas na minha bunda na tentativa de me fazer obedecê-lo, mas só consegue me deixar ainda mais excitada.

O coitado leva as mãos na cabeça sem saber o que fazer, acho que nunca passou por uma situação como essa, de a mulher tomar as rédeas da situação durante uma relação sexual.

— Só mais um pouquinho, Ricardo, estou quase lá...

— De jeito nenhum, Marrenta! Só vai gozar quando eu mandar, ouviu bem?
— Me puxa pelos braços colando nossos corpos e volta a bombear com a força de um touro, mesmo assim, continuo a rebolar ainda mais indo de encontro à sua ereção.

— Já falei para parar com isso, porra! Assim sou eu que vou gozar antes de você.

— Isso só vai acontecer quando eu autorizar. — Repito as palavras dele, uma fúria enorme o domina.

Ótimo, era isso que eu queria, fazê-lo perder a pose de “bom moço” de vez e deixasse aflorar o seu lado devasso.

— Agora já chega, Júlia! — Rosna virando-me de frente para ele, erguendo meu corpo e colocando-me sentada sobre o balcão da pia. Se posiciona entre minhas pernas, fitando-me cheio de luxúria. — Você me deixa furioso, sabia? — Assinto sorrindo, sapeca.

— E o que o senhor vai fazer a respeito disso, Delegado? — Abraço sua cintura com as minhas pernas trazendo-o mais para mim, estremeço quando seu pau encosta na minha entrada se esfregando por toda minha extensão.

Estou louca para tê-lo dentro de mim novamente, pelo resto da vida se for possível.

— Já vai ver. — Segura firme em minhas coxas e desliza para dentro de mim, puxa o decote do meu vestido para baixo grosseiramente e abocanha o primeiro seio abafando seus gemidos enquanto mete em mim com tudo. — Eu amo seus seios, são deliciosos. — Rosna me chupando, enfurecido. Chega a ser doloroso, me castigando por tê-lo provocado.

— Ahh... Mais rápido... mais rápido, Cavalão. — Ele age do jeito que o chamei e obedece ao meu pedido.

E me fode, fode e come até perdermos as forças ao gozarmos juntos.

— Você é a porra de uma mulher provocadora, sabia? — Diz com a voz ofegante ainda dentro de mim tentando tomar de volta o controle de seu corpo após o orgasmo intenso, sua cabeça descansa encostada no meu ombro.

— Já me disseram isso antes — respondo sem pensar rindo. Minha ficha cai ao pensar na merda que disse e paro de rir quando os músculos do Ricardo se tensionam. — Desculpe, acho melhor voltarmos para a festa, minhas amigas dever estar me procurando — ameaço descer da pia para me limpar, mas ele não permite.

Gentilmente, Ricardo pega alguns lenços de papel, abre mais as minhas pernas e começa a me limpar em um gesto totalmente íntimo. Sorrio. Ele é um verdadeiro cavalheiro. E o estou desvirtuando com o meu jeito libertino, fazendo-o perder a razão e agir como um insano me fazendo gozar em público. Nunca fiz um sexo tão intenso antes, porém, mesmo fora de controle, pude sentir amor em cada movimento dele.

Por mais bruto que fosse, ainda assim estávamos fazendo amor.

Depois de limpos, saímos do banheiro como se nada tivesse acontecido, apesar do meu vestido todo desalinhado, cabelo bagunçado, a boca inchada e a maquiagem ter sumido do meu rosto o que deixa bem claro que tinha sido muito bem comida, obrigada. Já o bonitão do Ricardo não tem um fio de cabelo fora do lugar, continua elegante do mesmo jeito. Quando faz um leve movimento com a mão, o meu coração dá um sobressalto pensando que irá segurar a minha, mas não. Ele a enfia no bolso, pensativo.

Fico confusa.

A cada segundo o sinto mais distante de mim, não há mais nenhum vestígio da intimidade que estava entre nós instantes atrás. Aumento os passos andando à sua frente, mas não chego a ir muito longe, assim que chegamos à festa, tenho o braço puxado bruscamente pelo Ricardo.

— Vou procurar meus amigos para avisar que estou indo embora, agora — diz neutro.

— Ok. — É a única resposta que consigo dar a ele, visivelmente abalada pela sua repentina mudança de humor.

Ele solta meu braço, beija meu rosto rapidamente — tão de leve que quase não sinto — e some no meio da multidão sem nem ao menos olhar para trás. A única coisa que me resta é ir para frente do palco atrás da Dani, o grande show de pole dance da Yudiana está prestes a começar. Então, colocarei um sorriso no rosto e a apoiarei vibrando na plateia.



YUDIANA

Falta apenas cinco minutos para minha apresentação de pole dance começar e não tem mais onde caber tanta ansiedade em mim. Já perdi as contas de quantas vezes subi nesse palco, mas o nervosismo é o mesmo como da primeira vez. Dani acabou de sair, após ter me ajudado com a maquiagem e voltou correndo para encontrar a Júlia para assistirem ao show juntas. Dou uma última avaliada em meu visual no espelho oval rodeado por luzes coloridas fixadas na parede sobre a penteadeira do meu camarim no Clube Luxos, casa de shows onde trabalho como dançarina desde os meus dezesseis anos. No começo, meu chefe mentia dizendo que tinha dezoito para não ter problemas com a justiça.

Devo a minha vida ao dono desse lugar, Joe Brum. Confio nele mais do que em qualquer pessoa no mundo, nunca tocou um dedo em mim e nem deixou que qualquer outro o fizesse. Diz que sou a irmãzinha que nunca teve, é filho único.

Sorte a minha.

Joe me deu abrigo quando não tinha onde morar e ofereceu trabalho; comida quando tive fome e, principalmente, um ombro para chorar nas primeiras noites em que acordei na sua casa toda suada em meio a gritos de pavor, lembranças terríveis de algo que me aconteceu. Quanto tive coragem de contar tudo ao meu pai, pedi socorro. Justiça. Pensei que cuidaria de mim, que me protegeria de todo o mal do mundo. Eu era só uma menina assustada, ferida. Mas, para minha surpresa, além de não acreditar em mim, me expulsou de casa com a roupa do corpo, me enxotando no meio da rua como um cão sarnento, que, segundo suas palavras, iria queimar no fogo do inferno por proclamar mentiras.

Depois de um mês morando na rua, resolvi acabar com a minha própria vida, não tinha nada a perder. Estava prestes a me jogar da ponte quando senti duas mãos grandes me segurando pela cintura. Joe cuidou de mim desde então. Perguntou se sabia dançar, disse que com a minha beleza e um bom banho de loja, poderia ganhar uma fortuna como dançarina no seu Clube. Assim que entrei

na pré-adolescência meu corpo logo tomou forma de mulher, sou alta, peitos grandes e uma bunda enorme. Sempre gostei de roupas mais ousadas, não vulgares.

Acredito em Deus, mas não em religião. Normal para a filha de um pastor que arrasta multidões pregando sua fé inabalável, mas passa a mão no dízimo dos seus fiéis, porque eu já vi. Não é à toa que tem uma fortuna acumulada em bens espalhados pelo país e fora dele, e não é só de herança do meu avô como diz. Por isso meu pai nunca gostou de mim, queria que eu fosse como minha mãe e minha irmã que lambem o chão que ele pisa sem questionar sua conduta vergonhosa. Posso não ser um anjo, mas também não finjo ser quem não sou.

Ele sempre me viu como uma vagabunda por conta disso, não gostava dos meus amigos e me humilhava sempre que podia. Falo palavrão mesmo quando estou nervosa, desbocada é pouco para me definir. Uso roupa curta e não abaixo a cabeça para ele desde que aprendi a falar. Rá! Não mesmo! E nem para ninguém. Acho que tem medo da minha personalidade forte, por isso não hesitou em se livrar de mim na primeira oportunidade que teve, desde então mal falo com minha família. O único que amo de paixão é o meu irmão caçula, Edmilson, sempre que pode, vem me visitar escondido.

Enfim...

Batalhei muito para voltar aos estudos e conseguir entrar na faculdade de Direito, não sou tão inteligente quanto minha amiga Júlia que conseguiu bolsa integral. No começo, me desdobrava em duas para pagar a mensalidade e ainda tinha ajuda do Joe. Hoje pago tudo sozinha e ainda me sobra uma boa grana, pois meu cachê aumentou muito aqui no Clube, me tornei uma das atrações principais. Infelizmente, depois que me formar, terei que pedir demissão para me dedicar à minha carreira procurando emprego na minha área. Farei todos os concursos públicos que aparecerem na área criminalista, quero seguir nessa área. Para defender inocentes que, assim como eu, não tiveram chance de fazer justiça pelo mal que lhe fizeram.

— Três minutos para o show, Índia — avisa Nando, nosso assistente de palco.

Sua carinha redonda aparece na porta, adoro apertar suas bochechas. Rapaz de bom coração, moreno, de cabelos grandes e cacheados na altura dos ombros. Sempre anda todo de preto, *All Star* nos pés e óculos de grau de armação redonda. Estilo nerd, mas moderno, sabe? Acho uma graça. Ele adora me chamar pelo meu nome artístico, “Índia”. Diz que Joe acertou em cheio quando o

escolheu para me acompanhar durante minha estadia aqui no Clube como dançarina misteriosa.

Todas as dançarinas do clube têm um nome artístico e usam máscaras durante a apresentação para proteger sua vida pessoal. Algumas são casadas e trabalham aqui escondidas do marido; outras, dos noivos, namorados, amigos e família, assim como eu. No meu caso, ninguém sabe da minha verdadeira identidade secreta, só Júlia e a Dani, minhas melhores amigas.

— Já estou indo, Nando, só mais um segundo. — Ajeito minha máscara vermelha que cobre do nariz até acima das sobrancelhas. Gosto de tons fortes, realçam a cor de canela da minha pele e os meus olhos cor de pistache, quase verdes, dependendo do meu estado de humor. Sou uma mistura de pai negro e mãe loira, nasci um misto dos dois.

Meu cabelo é naturalmente liso, preto e abaixo da cintura. Deixo-o solto, partido ao meio, como de costume, é o que mais chama a atenção em mim. E modéstia à parte, todo o resto do meu corpo também, como diz minha avó: foi feito pelo diabo para deixar os homens loucos. Não vejo isso como uma coisa totalmente boa, a beleza pode chamar a atenção de monstros para a nossa vida. Quando Joe me chamou para trabalhar aqui como dançarina, não queria de jeito nenhum, um monte de macho me olhando e cobiçando o meu corpo me traria más lembranças.

Mas ele jurou de pé junto que nunca deixaria nenhum homem encostar o dedo em mim contra a minha vontade. No começo, pensei que não conseguiria, mas precisava do trabalho e alguma coisa me dizia lá no fundo que deveria enfrentar os meus medos, afinal, dessa vez, *seria eu a estar no controle da situação*. Percebi que estava certa quando terminei minha primeira apresentação e ouvi os gritos e aplausos da plateia enlouquecida. Desde então, não consegui parar mais. Procurei cursos para me especializar no assunto e tenho orgulho em dizer que sou uma das melhores no que faço. Quando estou dançando, me sinto livre.

Apesar dos pesares, tenho minha autoestima lá em cima, não vivo remoendo traumas do passado. Segui em frente, firme e mais forte do que nunca. Continuo usando minhas roupas curtas, e a minha língua continua mais afiada do que nunca.

— Um minuto, Índia. Anda logo, mulher! Você é linda por natureza, não precisa dessa arrumação toda. — Nando berra lá de fora em um tom quase desesperador, eu, em resposta, mostro a língua para ele.

— Já estou indo, amore mio. — Escuto mais alguns resmungos que ele solta antes de ir embora. Antes de sair, dou uma rodadinha em frente ao espelho, aprovando o look de hoje: um corpete preto e a bermudinha de tecido de cintura alta colada ao meu quadril, curtíssima, que parece mais uma calcinha.

— Uhh, gostosa — me elogio dando um tapa na minha bunda. Faço isso direto.

Se eu não me achar linda, quem vai?

Saio correndo e fico escondida atrás das cortinas do palco. O DJ anuncia o início do meu show e a plateia vai ao delírio. Vários gritos, assovios e várias vozes em tons diferentes, femininos e masculinos, em um coral que diz:

“Índia, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”

Sorrio.

Eles amam minha apresentação, fizeram até página no Facebook para mim e uma porrada de gente a segue. Sou a maior renda do Clube, nos dias dos meus shows, a casa enche, esgotando os ingressos semanas antes. Por conta disso, sou odiada por algumas companheiras de trabalho que pensam que tenho um caso com Joe por ter regalias. Bando de recalcadas, isso sim.

— Agora — sussurro para o DJ fazendo sinal com o dedo polegar, para que coloque a música que escolhi para a apresentação de hoje.

Então o silêncio tomou conta do lugar quando a batida lenta da música “*Crazy in Love*” da Beyoncé, na versão de 50 tons de cinza, começa a tocar. Entro no palco com o coração acelerado. Todas as luzes estão apagadas deixando apenas um foco em mim, que caminho sensualmente até o mastro e encosto as costas nele. Fecho os olhos e deixo a música me levar, deslizo até o chão em um movimento sexy.

Ao levantar novamente, ainda segurando o mastro para fazer minha primeira manobra, as luzes se acendem. Agora tenho total visão da plateia, gosto de manter contato visual com eles. Ver quais expressões minha performance causa em seus rostos, mesmo a casa tão cheia como hoje e várias pessoas diferentes dividindo o mesmo espaço, consigo analisar cada um ali embaixo. Sempre fui muito observadora, por isso tenho certeza que serei uma ótima advogada.

Os primeiros rostos conhecidos que vejo são os das minhas melhores amigas, Júlia e Dani. As amo demais, mais que chocolate! São a família que

nunca tive, as irmãs que Deus me deu, uma negra, outra loira. Jogo um beijo para elas, as duas riem e correspondem com assobios pulando como duas loucas. Pelo sorriso triste da Jú, logo percebo que ela não está bem. Quando terminar a apresentação irei imediatamente saber o que houve.

Quando lanço os olhos para os camarotes Vips para cumprimentar o povo que me vê dali, paraliso. Há um homem alto e forte — muito forte — todo vestido de preto, me encarando fixamente com as mãos nos bolsos e o cabelo todo penteado para trás. Eu o conheço muito bem, é o todo-poderoso Juiz Thompson. À sua volta, há pelo menos meia dúzia de homens de terno preto, com certeza, seus seguranças. A forma como me encara me faz perder o fôlego. Seu olhar é cheio de autoridade. Possessividade. Ele parece furioso, bufando com o maxilar travado, tenho a impressão que invadirá o palco a qualquer momento e me colocará no ombro como um homem das cavernas, a fim de me prender na torre mais alta que existe no mundo. Desafia-me com o olhar de desaprovação. Que cara louco!

A voz da diva Beyoncé começa de forma sedutora, acompanhada da batida sexy, dando a sensação de estar fazendo amor loucamente com a pessoa que a gente deseja insanamente. A música parece ter sido feita para nós, eu e Thompson, cada palavra bate em mim e ecoa nele.



“Olho profundamente em seus olhos

Eu toco você cada vez mais

Quando você vai embora, imploro para você não ir

Chamo seu nome várias vezes seguidas

É tão engraçado tentar explicar

Como eu estou me sentindo, a culpa é do meu orgulho

Porque eu sei que eu não entendo,

Como o seu amor pode fazer o que ninguém mais pode.”



Mesmo sem ar, tento contornar a situação do meu pequeno estado de transe antes que a plateia note. Totalmente desconcertada e com a respiração acelerada,

seguro o mastro bem firme e subo o máximo que posso e deslizo para baixo em movimentos circulatorios. O engraçado é que não danço mais para a plateia, mas apenas para ele, a criatura mais linda que já vi na vida. Rosto perfeito, mas triste. O dito cujo que se recusou a ficar no mesmo carro que eu no dia que me deu carona, melhor dizendo, que a Júlia o obrigou a me levar em casa. Agora está aqui no clube, na minha área, vidrado, olhando minha apresentação, o homem nem pisca, assim como as mulheres à sua volta que estão babando em cima dele, até as acompanhadas não tiram os olhos.

Então decido ousar. A situação em si é muito excitante, e ao som da trilha sonora da Beyonce, fica tudo mais interessante. Instigante.



“Me deixou com cara de louca agora, seu amor

Me deixou com cara de louca agora.

Me deixou com cara de louca agora, seu toque

Me deixou com cara de louca agora.

Me deixou esperando você me salvar, seu beijo

Me deixou esperando você me salvar

Tão loucamente apaixonada

Me deixou com cara, cara de loucamente apaixonada. ”



Olho bem nos olhos azuis e perigosos do Juiz e começo a alisar meu corpo imaginando ser ele, gemo ao apertar meus seios. A pressão no meio das minhas pernas cresce cada vez mais, beirando o insuportável. Esfrego uma perna na outra, agoniada, por um momento penso que vou ter um orgasmo só com essa dança erótica. Agarro o mastro e me movimento à sua volta como uma cobra, mexendo os quadris perigosamente. Em anos, essa é a apresentação mais intensa e excitante da minha vida, suor brota da minha nuca.

Chego ao final da apresentação toda molhada, literalmente.

Em meio à uma chuva de palmas, gritos e assobios, meus olhos vagam em busca do Juiz Thompson, mas não há mais nenhum vestígio dele. Então começo a ficar em dúvida. Será que Thompson realmente esteve aqui? Ou tudo não

passou de uma fantasia erótica que criei em minha mente como outras tantas que tenho criado desde que conheci esse homem de aparência sombria e ao mesmo tempo sexy? Sendo bem sincera, o único que me despertou desejo como mulher.

Capítulo 29



RICARDO

Passo igual a um tiro em meio às pessoas que se sacodem loucamente na pista de dança, querendo encontrar logo André e o Barreto para avisar que estou indo embora. Não fico nesse lugar nem mais um minuto que seja, preciso tirar Júlia do meio dessa *muvuca* imediatamente! Tenho que levá-la para um lugar tranquilo, onde seremos só eu ela. Pode até parecer egoísta, mas preciso da sua presença só para mim, cada olhar sensual acompanhado de um sorriso sexy, suas respostas afrontosas e o nariz empinado que me deixa excitado pra caramba.

Porra! Mal saímos do banheiro e já quero arrastá-la para lá novamente. Meu Deus! Essa mulher me tira do eixo, me deixa desesperado de desejo. Eu amei a loucura que fizemos, mas prefiro amá-la em um lugar mais confortável, tratá-la como uma deusa.

— Onde você estava, irmão? Tenho umas amiguinhas aqui para te apresentar. — Pelo jeito André já bebeu. Ele está sentado em um sofá vermelho em formato de U, entre duas loiras peitudas.

— Obrigado, mas já estou acompanhado. Pode me emprestar a chave do seu carro? Só vou poder devolver amanhã, eu pago o taxi para você e o Barreto voltarem para casa. É muito importante para mim, senão eu não deixaria os dois a pé. — Inclino para falar em seu ouvido devido ao som alto, as duas loiras atrevidas ficam alisando meu peito soltando risadinhas.

Barreto está sentado na outra ponta do sofá, todo sem jeito, conversando com uma morena de cabelos curtos. O vestido azul dela tem mais pano do que os das duas loiras juntas ao lado do André, e ela parece tão tímida quanto ele. Estão sentados com uma distância enorme, quase não conversam e apenas olham para os lados.

— Uau, essa gata deve ser importante para você mesmo, tinha que ver a sua cara de idiota agora pedindo meu carro emprestado — zomba ficando de pé trocando o peso nas pernas enquanto luta para tirar a chave do bolso, após conseguir, fica balançando-a no ar tirando onda com a minha cara.

— Você vai ou não me emprestar o carro? Estou com pressa.

— Só se me apresentar essa felina que deixou o meu amigo nesse estado.
— Puxa a gola da minha camisa para baixo, meu peito parecendo ter sido atacado por uma onça.

E foi mesmo.

— Outro dia quem sabe, hoje não, obrigado. — Tomo a chave da mão dele e sumo antes que possa me acompanhar no meio da multidão.

Depois que pego a chave do carro com André, é que penso que o idiota aqui deveria ter pedido à Júlia para esperar por mim no mesmo lugar que nos vimos pela última vez. Agora aonde vou achá-la no meio dessa bagunça? Inferno! Na hora estava tão ansioso e ainda atordoado pelo que vivemos, que não consegui raciocinar direito, na verdade, quando estou perto dessa mulher perco o rumo, a razão, o bom senso e, acima de tudo a paciência.

Tudo entre nós é muito intenso, completamente diferente da relação que tinha com Andréia. Tínhamos o pensamento sincronizado, um sabia o que o outro queria antes mesmo de dizer. Sem briguinhas bobas ou ciúme, era um relacionamento tranquilo. Resolvíamos tudo na conversa, um ouvia o outro. Já entre mim e uma tal de Júlia Helena, é sempre uma briga feia para ver quem grita mais alto. O dono da verdade, em uma disputa de ego sem fim. Essa mulher me tira do sério de um jeito que não sei explicar.

Eu tive vontade de matar um cara no parque de diversões só porque olhou para os seios dela, e hoje quando a vi se esfregando naquele cara na pista de dança foi a mesma coisa que ter arrancado uma parte do meu corpo, o *coração*. Não sei se sobreviveria a outra cena dessas, não mesmo. Um desejo de posse sem limites me dominou de um jeito assustador, não lembro de sentir nada parecido antes. Tive que esfriar a cabeça um pouco antes de ir atrás da Júlia, porque minha vontade era chegar arrebatando o indivíduo no soco. Segundo o fofoqueiro do André, vendo minha atenção sobre o cara, revelou que ele é dono de uma mina de diamantes na África. E juro pela minha alma, que se ela tivesse escolhido ir embora com o figurão angolano, não a deixaria ir com ele nem que para isso fosse preciso usar força bruta para impedi-la.

Júlia escolheu ficar dessa vez, mas, e quando o próximo cara aparecer? Não posso arriscar simplesmente fechando os olhos e fingir que não está acontecendo nada entre nós. Não depois de hoje, o momento íntimo mais intenso que já tive. Linda do jeito que é, boa mãe, guerreira com tudo o que faz e em breve se tornará uma advogada de renome. Com a vida estabilizada, com certeza vai querer encontrar alguém, agora que conheceu um pouco sobre o amor vai querer

viver mais disso. Até casar e ter outros filhos, os tais irmãozinhos que ouvi prometendo para Maria em uma conversa das duas na cozinha. Não sei o que existe entre nós, por isso, antes de qualquer coisa, precisamos sentar e conversar como dois adultos. Acertar nossa situação de vez. Indefinida do jeito que está, não pode ficar.

Eu não sou o tipo de homem que usa as mulheres. No começo, pensei que podia oferecer a ela nada mais além de prazer, mas, agora, tenho certeza que não é tão simples assim.

Passo pelo bar e sorrio lembrando da loucura que fiz com a Júlia próximo ao balcão, não sei o que deu em mim para fazê-la gozar na frente de todo mundo. Quando a vi de perto tão linda daquele jeito, fiquei excitado na hora, aquela marra dela me deixa louco de tesão. Porra! Fazê-la gozar em público foi excitante, só de lembrar já começo a ficar duro. O que está acontecendo comigo, meu Deus? O que essa mulher está fazendo? Preciso achá-la imediatamente e prendê-la em um quarto escuro e repetir várias vezes tudo o que fizemos hoje, muitas e muitas vezes.

Noto que existe uma aglomeração de pessoas se desfazendo em frente ao palco, acabou de acontecer um show de pole dance e as pessoas estão se dispersando. A mulher mascarada arrasou levando a plateia — principalmente os homens — ao delírio, realmente é boa no que faz. Entro no meio da multidão e sorrio ao avistar minha Marrenta próxima à caixa de som e ao lado de uma mulher loira muito bonita, acredito que seja sua amiga. Meu sorriso logo morre quando um moleque — isso mesmo, um moleque — de no máximo dezenove anos, chega na Júlia já segurando sua mão e cochichando no seu ouvido. Parto para cima dele com sangue nos olhos.

— Mas será possível que eu não posso te deixar nem um minuto sozinha, Júlia? — Rosno puxando-a pela cintura para perto de mim.

Ela parece surpresa em me ver, e irritada também.

— Desculpa, cara, não sabia que ela já é comprometida. — Levanta as mãos abertas para o ar em sinal de rendição, tremendo na base, o coitado. O moleque já é todo tatuado sem nem ao menos ter nascido barba na cara direito.

— Pois da próxima vez que chegar em uma mulher, antes de tocar nela, procure saber se é comprometida ou não. — Ele assente e sai quase correndo. Ótimo.

— Pensei que já tinha ido embora. — Não gosto do tom indiferente da Júlia

tentando se soltar de mim, afrontosa como sempre.

Mas não deixo que se afaste nem um centímetro, ao contrário, seguro sua cintura mais firme puxando-a para mim. Mesmo após o término da apresentação o lugar está lotado, pessoas passam por nós o tempo todo e eu não quero que ninguém a toque além de mim.

— Sem você? Nunca. — Não preciso olhar em seu rosto para saber que minha resposta a agradou muito. — Só fui avisar meus amigos que estamos indo embora, Júlia. Agora. — Estreita os olhos, não acreditando muito em mim.

— Uau! Como assim, comprometida, amiga? — A loira solta um gritinho agudo quase estourando os meus tímpanos. É uma mulher baixinha e tem os traços delicados que lhe dão um ar de adolescente, só falta os pompons para virar uma líder de torcida.

Como imaginei, é a amiga da Júlia. Minha Marrenta ainda está com a cara azeda.

— Dani, esse é o Ricardo Avilar, pai da Maria Lara. Ricardo, essa é a Dani, uma das minhas duas melhores amigas. — As duas se entreolham, misteriosas.

— O Delegado, vulgo Cavalo?

— O próprio. — É a primeira vez que vejo Júlia sorrindo depois que a encontrei, estamos começando a nos acostumar com a nossa proximidade em público.

Não resisto e aproveito para cheirar seus cabelos, estão tão macios e sedosos.

— É um prazer te conhecer, Dani, pode me chamar apenas de Ricardo. — Ergo a mão educadamente para cumprimentá-la, mas ela começa a se coçar ficando toda vermelha como se estivesse com brotoeja.

— Prazer coisa nenhuma, Delegado. E que mãos bobas são essas cravadas na cintura da minha amiga? — Esbraveja dando um tapa na minha mão que ainda permanece erguida para cumprimentá-la, a louca. — Olha aqui seu grande filho da mãe, se você fizer a Ju chorar novamente, vou arrancar seu pênis fora. — Levo um choque, tanto pela ameaça de castração, quanto por saber que Júlia já chorou por minha causa na frente da amiga. Logo ela, tão valente que não se abala com nada. Pelo visto, quase nada.

Em um impulso incontrollável de protegê-la — mesmo que no momento ela não precise ser protegida — a envolvo em um abraço apertado depositando um

beijo terno em seus lábios.

— Pode deixar que arrancar as bolas fica por minha conta, Dani. — Chega outra louca para completar a quadrilha de castradoras de plantão. Essa é uma morena lindíssima de cabelos lisos compridos e um corpaço.

Mas não tão linda como a minha Marrenta. Ela é única.

— Gente, assim vocês vão assustar o coitado, o homem está até pálido. Já chega de ameaças, Dani e Yudiana — Júlia se diverte às minhas custas e pela expressão de riso das amigas, elas também estão.

— Ok, por hoje já chega. Mas pisou na bola com ela, Delegado, já sabe. — Chego a congelar. Pela falta de descontração em suas feições, falam mais do que sério. Credo, que amigas loucas a Júlia tem.

— Pelo visto você já arrumou carona para casa, Júlia, mas depois eu e a Yudiana temos que ter uma conversa séria sobre isso aí. — Dani rodopia o dedo no ar apontando para nós dois abraçados. Essa loira só tem cara de boazinha, mas é durona quando o assunto é defender as amigas.

— Eu também amo vocês, meninas, vamos marcar de sairmos novamente e conversarmos melhor, ok?

— Sim, senhora, dona Júlia. — A loira assente.

— Temos que conversar sim, e muito. — A morena profere em tom de ameaça.

As três se abraçam, cochichando alguma coisa sem tirarem os olhos de mim e que faz Júlia sorrir constrangida. Se despedem e seguem para pista já dançando pelo caminho.

— Que história é essa de “comprometida”, hein, Ricardo? — Ela me aperta contra a parede assim que as amigas sumiram de nossas vistas, rápida no gatilho.

— Precisamos ter uma conversa muito séria, Júlia. Mas no meio dessa bagunça, não dá. Venha, vamos para um lugar mais reservado.

Ela assente.

Andamos lado a lado para fora do Clube, passo a mão pelo cabelo sem jeito, pensando se deveria ou não segurar a mão de Júlia. Não sei se ela vai gostar. Afinal, não somos namorados e nem nada do tipo. Quer saber? Que se dane! Resolvo arriscar e entrelaço meus dedos aos seus e, para minha surpresa,

ela sorri apertando como se nunca fosse soltar. Mal conseguimos controlar a emoção e continuamos caminhando em silêncio até chegar ao carro. Um ato tão bobo, porém, extremamente especial.

Abro a porta do carona para ela entrar, dou a volta e entro ligeiramente. Mal coloco o cinto e dou partida. Não conversamos muito durante o caminho, até Júlia perceber que estamos indo em direção contrária à “nossa” casa.

— Para onde estamos indo, Ricardo? — Desvio o olhar da estrada e pouso sobre ela brevemente, percebo que contorce as mãos sobre o colo, compulsivamente.

— Surpresa. — Banco o misterioso.

— O que você está aprontando, senhor Ricardo Avilar?

— Precisamos ficar a sós, Júlia, definir nossa situação de uma vez por todas. — Pelo canto dos olhos observo sua expressão embotada, abre o vidro deixando que o vento gélido toque seu belo rosto, seus trejeitos demonstrando o nervosismo.

— Mas por que não podíamos ter essa conversa em casa? A essa hora a sua mãe e a Maria estão dormindo. — Impressão minha ou a Marrenta do Morro do Alemão está como medo de ficar sozinha comigo? Deve estar pensando que assim que ficarmos sozinho eu a devorei como um lobo faminto. Bom, meu plano para depois da nossa conversa é esse mesmo.

— Eu sei disso, Júlia, por isso não estamos indo para casa. Não quero traumatizar minha mãe e a nossa filha com o que pretendo fazer contigo depois da nossa conversa. Não importa o que vamos decidir, a única certeza que tenho é que você vai terminar embaixo de mim gemendo meu nome escandalosamente. — Quando dou por mim, as palavras já estão escorregando da minha boca antes mesmo que pudesse organizá-las de forma adequada para não parecer tão desesperado, mas agora é tarde demais para consertar o que foi dito.

— E por que não eu por cima, Delegado? — Ela desliza a mão sorratoriamente até a parte interna da minha coxa, encarando-me pelo retrovisor com a sobancelha levemente arqueada, fazendo uso toda sua sensualidade e arte de sedução.

Por pouco não jogo o carro para fora da estrada.

— Meu Deus, Marrenta! Eu estou faminto de desejo por você, pare de me provocar ou então não vamos chegar vivos ao nosso destino. — Minha voz rouca

entrega todo o tesão que sinto por ela, tão grande que dói. — Faz anos que não sabia o que era tocar em uma mulher, aí você chegou como um furacão e... Porra! A forma que tocou em mim com a boca no banheiro do clube, não imaginei que fosse possível sentir tanto prazer na vida — confesso e seu sorriso é tão grande quanto a sua vaidade diante das minhas revelações.

Andréia sempre foi uma mulher muito tímida intimamente, e eu nunca a obriguei a fazer o que não se sentia à vontade só para satisfazer meu prazer. Morria de vergonha quando fazia sexo oral nela, tinha que ser com a luz do quarto apagada, e em mim nunca teve coragem de fazer. Nunca senti falta até agora, mas agora que provei com a Júlia acho que já estou viciado.

— *Tá bom, eu vou parar. Estou muito jovem para morrer e ainda tenho um pai, irmão e uma filha que precisam de mim* — diz em meio a uma comitiva de risadas altas, ela está feliz.

Estranhamente, saber disso me faz um bem descomunal.

— Eu também preciso de você, Júlia. Quando estou ao seu lado me sinto completo de uma forma que não sei nem explicar. Só sentir. — O silêncio paira no ar, por longos segundos.

Ela parece estar degustando cada palavra que ouviu.

— Gosto quando é romântico comigo, mais do que imagina — revela se remexendo incomodada no banco. Meu ego dança um tango dentro de mim.

— E eu gostei muito de saber que você aprecia o meu romantismo, Júlia. Pensei que via isso como um defeito.

— E vejo, Delegado. Mas, para a sua sorte, minha maior qualidade é aprender a gostar muito rápido dos defeitos das pessoas, sempre achei mais fácil do que julgar. Eu não sou perfeita, por que exigir isso dos outros? — Dá de ombros.

Ótimo! Se eu já não estivesse me apaixonando por ela, agora corria grande risco de começar.

Não é só o corpo perfeito de Júlia que me atrai, mas, sim, sua audácia, sempre com uma resposta desafiadora na ponta da língua para dizer na hora certa. Tudo nela é excitante. É do tipo que assusta as outras mulheres com seu charme e confiança. Faz os homens torcerem o pescoço quando passa, a verdadeira dona da rua. E ela sabe disso, do seu poder único de sedução. Seu *sex appeal* ^[3] é só vendo para crer. Está em cada gesto seu, no sorriso, no caminhar, e

até mesmo no modo quando passa a mão pelo cabelo em um ato totalmente espontâneo.

Traduzindo:

Eu estou realmente muito ferrado com essa mulher.

Fizemos o restante do trajeto calados, o clima tornando-se cada vez mais tenso. A trouxe para minha cobertura em frente à praia de Ipanema. Além desse, ainda tenho mais dois imóveis bacanas no Rio, fora a minha casa. Comprei como investimento do dinheiro que arrecadei vendendo a casa na qual eu e Andréia vivemos desde que nos casamos em Floripa. Ainda há muitos alqueires de terra, já que morávamos no campo. Não sou rico, mas investir o dinheiro de forma correta tem dobrado minha renda nos últimos anos.

— Quem mora aqui, Ricardo? — Pergunta curiosa assim que estaciono o carro na garagem do prédio, em tempo recorde.

— Eu tenho uma cobertura aqui, achei que seria perfeito para nossa conversa.

— Uma cobertura em frente à praia de Ipanema? Uau! Quem pode, pode! Quem não pode se sacode. — Ela começa a chacoalhar os ombros, rindo da minha cara. Abusada!

— Vamos logo, quanto antes tivermos essa conversa, melhor. — Praticamente a arranco de dentro do carro e a arrasto até o elevador privativo da cobertura. Júlia ri mais ainda achando graça da minha sofreguidão em ficar sozinho com ela dentro de quatro paredes.

— Você disse cobertura? Não gosto de andar em elevadores, então evito ao máximo por conta da minha claustrofobia, entro em pânico só de olhar essa caixa de aço apertada! — Exclama atropelando as palavras ao me observar apertando o botão do painel chamando o elevador para o térreo, estremece ao ouvir o barulho dos cabos de aço rangendo ao descer.

Seus olhos arregalam e disparam em todas as direções, acredito que à procura de uma rota de fuga. O terror ultrapassa seu rosto, começando a entrar em pânico. Minha vontade é de rir de tanto medo só por causa de um elevador, mas por amor à minha vida resolvo usar outra tática para fazê-la vencer o próprio medo causado pela claustrofobia.

— Pode ficar tranquila que nem vai perceber que está dentro de um elevador, eu vou me encarregar de te distrair da melhor forma possível. — Antes

que ela possa pensar direito, assim que as grandes portas de aço se abrem, a arremesso para dentro prensando-a na parede.

Júlia geme quando a frieza do aço toca sua pele desnuda, esse maldito vestido frente única deixa suas costas praticamente de fora. Fiquei furioso quando a vi no clube com ele, mas agora agradeço por estar dentro desse pedaço de pano o qual facilita e muito os meus planos de distraí-la. Prendo os dedos no tecido preto e o ergo até a cintura, uso o joelho para abrir suas pernas enquanto minha boca devora a área da curva do seu pescoço.

— Para com isso, Ricardo! Eu estou sem calcinha, lembra que você rasgou no banheiro?

— Perfeitamente, mas pode ficar tranquila que aqui não têm câmeras. Como disse, esse elevador é privado, vai direto para dentro da minha cobertura.

Minhas mãos passeiam por tantas partes do seu corpo ao mesmo tempo que pareço um polvo, Júlia até tentou abrir a boca para dizer algo, mas a calo com um beijo que tira todo seu fôlego. Ficamos nos devorando por um bom tempo até o elevador parar dentro da minha cobertura, a essa altura a saia do seu vestido foi parar quase sobre seus seios.

— Chegamos. — A solto bruscamente, sua boca está toda inchada e vermelha.

O olhar frustrado, sentindo-se perdida sem o meu toque.

— Mas já? — Faz biquinho levando as mãos à cintura. Sorrio.

Ela nem lembra mais do seu medo de elevadores, tanto que eu já saí e ela continua do jeito que a deixei encostada na parede usando uma perna como apoio.

— Sabe... eu andei pensando, talvez não seja uma boa ideia termos essa conversa agora com ambos excitados não pensando em outra coisa além de pular em cima um do outro. Isso pode nublar nossos pensamentos e decisões. Precisamos estar de cabeça fria, e nesse momento cada célula do meu corpo está pegando fogo. — Tiro os sapatos, depois a jaqueta e a camisa.

Não sei se estou sendo sincero ou esperto. Talvez os dois.

— Bom, eu acho que sei exatamente o que fazer para esfriar a sua “cabeça”. — Vem andando rebolando aquela bunda gostosa de um lado para o outro passando a língua pelos lábios pronta para dar o bote em mim.

Adianto-me, indo ao seu encontro.

— E como você pretende fazer isso, Marrenta? — Ela não precisa dizer nada. A resposta vem assim que cai de joelhos diante a mim já levando as mãos ao cinto da minha calça, me fazendo entender qual é o seu plano.

— Hummm... Que delícia, Delegado! Nem te toquei direito ainda e já sou contemplada com essa recepção calorosa? — Seus olhos brilham quando abaixa minha boxer e o meu membro rijo pula para fora tão duro que chega a doer, ansioso pelo toque da sua boquinha gulosa.

Até o traidor já se rendeu aos encantos de Júlia, está completamente de quatro por ela.

— Me chupa, vai... — Nem preciso terminar de implorar, ela o segura firme entre suas mãos e o mete dentro da boca sem fazer nenhum tipo de cerimônia.

E foi nesse pique que batizamos cada pedacinho da cobertura, fazendo amor como dois coelhos em época de acasalamento. Depois de um bom banho regado de muitas carícias e beijos intensos, desabamos exaustos sobre a cama e dormirmos de conchinha.

Relaxados e saciados.



Acordei de manhã de forma totalmente tranquila, nem sinal de pesadelo. Minha pantera negra ainda dormia agarrada a mim como se ela estivesse à deriva no mar e eu fosse seu bote salva-vidas, parecendo se sentir segura dentro dos meus braços. A boca e os lábios ainda extremamente inchados, os cabelos — agora lisos na altura dos ombros — caindo sobre a metade do rosto. Custei a cansar essa mulher ontem à noite, tem um apetite sexual interminável. Depois que a conheci não tenho ficado muito atrás, sempre a ponto de bala querendo mais e mais, não existe nenhum tipo de constrangimento entre nós na cama.

Com muito cuidado consegui tirar meu braço debaixo do seu corpo, antes de levantar da cama beijei o topo da sua cabeça. Ela gemeu em protesto sentindo falta do calor do meu corpo, mas voltou a dormir novamente puxando o lençol até tapar a cabeça, a preguiçosa. Diferente da outra vez, foi muito difícil sair escondido e deixá-la sozinha um segundo que fosse. Mas queria que Júlia acordasse com uma bela bandeja de café da manhã à sua espera e tudo o mais que tem direito, e um caloroso bom-dia acompanhado de vários beijos.

Tomei uma ducha rápida, enrolei uma toalha azul na cintura e caminhei silenciosamente pelo quarto com os olhos na minha Marrenta dormindo agora de barriga para cima com o braço sobre a cabeça. Vesti uma calça de moletom preta e uma camiseta azul que deixo no guarda-roupa, como roupas para emergência. Antes de sair para ir em uma padaria ali perto, dei uma última conferida em Júlia, pela sua respiração pesada dormiria tempo suficiente para que eu preparasse tudo. Peguei meus chinelos ao lado da porta e saí ligeiro.

Fiz o percurso até a padaria que fica no mesmo quarteirão do prédio a pé mesmo, sorrindo sozinho igual a um bobo dando bom-dia para todo mundo que passava por mim na calçada. Vez ou outra admirando o vaivém das ondas do mar azul da cor do céu que naquele momento não tinha nenhuma nuvem, apenas andorinhas voando tão livres quanto eu. A culpa por estar traindo o amor que sinto pela minha esposa ainda era como uma faca atravessando meu peito, mas a felicidade de estar com Júlia conseguia ser maior que qualquer coisa e estava disposto a enfrentar os fantasmas do passado para ficar com ela.

Parando para pensar, a situação é mais complicada do que parece. Mas não quero pensar nisso agora, até porque depois que Júlia acordar e tomar seu café da manhã, teremos, enfim, uma conversa definitiva e tudo pode acontecer. Fui praticamente voando na padaria e voltei com as mãos repletas de sacolas, como não sei do que ela gosta, comprei de tudo um pouco. Quando cheguei à cobertura fui direto para a cozinha fazer um café fresco, tinha tudo ajustado. Quando trabalho até mais tarde costumo passar a noite aqui, então estou sempre reabastecendo a geladeira e a despensa, ainda bem que fiz isso na semana passada.

— Bom, espero que seja o suficiente — digo em voz alta para mim mesmo ao observar a bela bandeja que montei em minhas mãos, com café fresco, leite quente e suco de laranja. Ovos mexidos com bacon, torradas amanteigadas e salada de fruta. Bolo de limão e manjar.

Ao entrar no quarto percebo que Júlia se remexe em meio a um emaranhado de lençóis brancos dando indícios que despertará a qualquer momento. Graças a Deus! Não queria que abrisse os olhos e não me visse ao seu lado na cama, aumento o ritmo dos passos com cuidado para não derrubar a bandeja. Ainda tenho que equilibrar debaixo do braço o buquê de rosas vermelhas frescas que comprei na floricultura e que, por muita sorte, estava sendo inaugurada hoje ao lado da padaria. Quando vi, não pensei duas vezes em comprar o mais bonito que achei na loja.

Não existe ato mais simples do que presentear uma mulher com flores, se for a sua preferida, melhor ainda. Não custa quase nada, mas, infelizmente, 99% dos homens preferem gastar com uma caixa de cerveja do que fazer esse agrado à sua amada. Pensam que vão perder a mão por conta disso ou vão ficar mais pobres se passarem de vez em quando em uma floricultura depois do trabalho. Como se não valesse a pena gastar tudo o que se tem para fazer quem a gente ama, feliz.

Aproximo-me da cama a passos lentos, admirando minha Marrenta acordando aos poucos, remexendo com a mão quase fechada em punho esfregando o olho em movimentos circulares enquanto boceja de um jeito que continuará dormindo se eu não me intrometer. É, acho que realmente consegui cansá-la de verdade.

Ainda de olhos fechados apalpa o meu lado da cama à minha procura e faz uma carinha triste de partir o coração quando não me acha ao seu lado. Provavelmente está pensando que a abandonei novamente. Nunca farei isso de novo, e passarei o tempo que for preciso me redimindo da primeira e única vez que me comportei como um cafajeste.

— Bom dia, dorminhoca, fiz seu café da manhã. — Ela abre os olhos preguiçosamente, batendo os cílios como um leque em câmera lenta.

Senta em um pulo, assustada, completamente à vontade com o fato de estar descoberta da cintura para cima exibindo seus deliciosos seios fartos e durinhos, os bicos endurecendo após me olhar. Safada! O restante do corpo ainda escondido debaixo do lençol branco. Salivo, desejoso, querendo jogar a bandeja longe e atacá-la com a minha boca. Mas sou obrigado a me recompor à força, não quero estragar seu desjejum.

— Bom dia, obrigada pelo café da manhã! Não precisava ter se incomodado, poderia ter dormido mais um pouco, ainda é muito cedo — diz sorrindo com a sua linda carinha de sono. Ela me mede maravilhada ao perceber que estou segurando a bandeja, dando uma atenção especial para o buquê de flores.

Coloco a bandeja em seu colo após ela se recostar na cabeceira da cama deixando as pernas esticadas para equilibrar melhor.

— Isso é para você também, não sei se gosta de ganhar flores, mas resolvi arriscar. — Entrego o buquê de rosas vermelhas e seus olhos se enchem de lágrimas, aproxima as flores do seu rosto e inala o aroma delicioso emitido por

elas e que perfuma o cômodo.

— Essa é a primeira vez que alguém me dá flores. Sempre via nas novelas e filmes e pensava como seria, e é mais emocionante do que pensei. — Os cantos da sua boca se transformam no sorriso mais lindo que já vi na vida, um lado doce da Júlia que estou amando conhecer. — Obrigada, Ricardo, por essas lindas rosas vermelhas e esse lindo café da manhã. Nunca alguém foi tão gentil comigo antes. Eu pensava ser feliz com a vida que vivia de modo liberal. Mas aí você chegou com todo esse romantismo e mudou o meu modo de ver as coisas. Não sou de sentir medo de nada, mas estou começando a ficar assustada com o sentimento que vem crescendo dentro de mim. — Abaixa a cabeça de modo que o cabelo propositalmente cobre o seu rosto, envergonhada pelo o que acabou de revelar, sem saber que me sinto do mesmo jeito.

Como assim, nunca recebeu flores antes? Caramba! Será que durante toda sua vida não apareceu a porra de um homem de verdade? Pelo visto foram apenas cafajestes querendo se aproveitar do seu corpo e depois iam embora, acredito que antes mesmo de ela acordar. Por isso ficou tão magoada quando agi como um covarde e a deixei acordar sozinha. Nunca vou me perdoar por isso.

— Também é a primeira vez que alguém prepara o seu café da manhã e traz na cama, não é mesmo? — Assente ainda sem olhar para mim. Percebo quando uma lágrima cai sobre uma das rosas vermelhas em seus braços escorrendo pela pétala como uma gota de orvalho. Meu coração se aperta mais dentro do peito. — Eu também estou assustado, Júlia, nos conhecemos há pouquíssimo tempo e de uma forma um tanto abrupta. E a realidade é que somos muito diferentes um do outro, ambos temos traumas do passado e as chances de darmos certos juntos são mínimas. São tantos pontos mais contras do que prós, que poderia ficar o dia todo aqui dizendo vários motivos para que o que houve aqui essa noite não deveria se repetir nunca mais, se formos seguir a razão essa é a decisão certa a se tomar. — Ela toma coragem de me encarar, seu olhar é melancólico.

Tão distante...

— Você está certo, Ricardo. Nós dois juntos, nunca daria certo mesmo. — Tira a bandeja do colo colocando-a ao seu lado sobre a cama e levanta nua segurando o buquê de flores. A impressão que tenho é de que não o soltará tão cedo.

— Você não vai a lugar nenhum, mocinha, ainda estamos conversando. — A seguro pelo braço lutando para não cair na tentação de olhar para o seu corpo completamente nu diante a mim. Respiro fundo em busca de controle.

— Por mim você já deixou tudo bem claro, Delegado — retruca.

A Júlia sensível vai embora e a pantera negra de garras afiadas entra em cena. Tiro o buquê de flores da sua mão e o ajeito aos pés da cama, a puxo fazendo com que se sente no meu colo.

— E o que eu deixei bem claro, hein, mulher? Nem disse a melhor parte ainda, caramba. A que eu não consigo parar de pensar em você nem um segundo desde que a vi pela primeira vez naquela bendita missão no Morro do Alemão e toda essa loucura acontecer em nossas vidas. — Aproximo nossos lábios como se fosse beijá-la, mas não faço, a deixando na vontade e prossigo. — Sua companhia sempre me deixa feliz, faz com que me sinta vivo novamente. Não tenho palavras para decifrar o que sinto quando estamos fazendo amor, e não suporto sequer imaginar outro homem te tocando mesmo que seja em um ato inocente. Simplesmente não posso! Não quero e não admito que outras mãos, além das minhas, tenham acesso livre a qualquer parte do seu corpo, quero ele todinho só para mim até o último fio de cabelo. — Júlia se ilumina como o Sol, aquecendo o meu mundo. Selo minha declaração com um beijo apaixonado, a verdade é que preciso demais dessa mulher em minha vida.

— Eu não sei onde quer chegar com isso, Ricardo, estou confusa. — Sabe sim, a danada, mas quer me ouvir dizendo cada palavra.

E satisfaço a sua vontade.

— O que estou querendo dizer, Júlia, é que mesmo com todos os motivos para não ficarmos juntos, estou disposto a tentar. Mas só se você quiser, é claro. Como sabe, tenho um passado delicado e ainda sou muito ligado a ele e vou entender perfeitamente se não quiser entrar nessa cilada. É uma mulher jovem, linda e muito sexy, pode facilmente encontrar alguém da sua idade e com muito menos bagagem que eu nas costas. — Opto por ser honesto, se vamos de fato iniciar um relacionamento, a verdade deve ser algo essencial entre nós.

Júlia permanece imóvel e para acabar com minha sanidade mental, passa tempo demais pensando no que dizer. Mesmo assim, fico na minha. Sem malícia aliso sua coxa, enquanto minha boca dá a devida atenção para a curva do seu pescoço em leves mordidas. Júlia inclina a cabeça me dando livre acesso, apoiando as mãos no meu ombro.

— Sabe qual a sua sorte, Delegado? É que eu adoro um desafio, e esse pode ser... deixa eu ver como posso dizer isso... bastante interessante. — Começa a alisar meu peito com a ponta do dedo indicador, cheia de malícia no tom de voz

e umedecendo os lábios com a língua.

Que mulher fogosa! Até em meio a uma conversa séria, consegue ser tentadora. Irresistível.

— E vai ficar ainda mais interessante. — Inclino mais o seu corpo para abocanhar seu seio, o corpo de Júlia arfa de prazer em meus braços.

A torturo com uma sugada violenta e profunda que fez o bico ficar vermelho e levemente inchado, depois me afasto repentinamente fazendo-a resmungar. A tiro do meu colo e a coloco sentada na cama, ela tem que tomar seu café da manhã antes que esfrie.

— Por que você tem que parar sempre na melhor parte, hein? Pode voltar aqui, Delegado. — Saio correndo e ela vem atrás de mim, rimos igual duas crianças.

— Não, senhora, tome seu café da manhã primeiro. Parece faminta, então pare de me provocar com esse corpo nu, divino, e vá se alimentar, mulher.

— Eu estou faminta de você, por favor, Ricardo. Não seja malvado, só uma rapidinha antes do café da manhã, nem vai dar tempo de esfriar.

— Júlia... — advirto.

— Chato. — Bufa.

— Você me chamou de quê?

— Nada, querido. — Gargalha alto, se fazendo de boba.

Agora, com mais calma, Júlia repara discretamente em tudo à sua volta, encantada ao ver o mar através da janela panorâmica. As pessoas chegam aos montes na praia, o dia está ensolarado e o dia promete um calorão daqueles.

— Gostou da vista, Marrenta? — Pergunto meio sem jeito abraçando sua cintura por trás, ela abala todas as minhas barreiras.

— Muito, é linda a vista do mar daqui de cima.

— Não mais do que a que está bem na minha frente, a mulher mais linda do mundo, completamente nua. Duvido que haja algo mais bonito do que isso. — Ela olha para mim por cima dos ombros, toda cheia de charme e ousadia.

— E por que não vem tirar proveito disso tudo aqui? Já está com a mão na massa, então, mãos à obra. — Empina a bunda, fazendo uma proposta mais que indecente e me deixando em ponto de bala.

Essa mulher vai acabar comigo.

— Se for boazinha comendo tudo, prometo usar e abusar bastante desse corpinho. — Mordisco seu ombro, ela envolve os braços por trás do meu pescoço e se empina ainda mais me conquistando sem nenhum esforço.

Júlia ainda vai acabar me matando.

— Combinado então, Delegado. — A arrasto para a cama fazendo cócegas, ela ri o tempo todo sem parar.

Assim como eu.

— Você não vai comer? — Pergunta com a voz abafada por conta da boca cheia de bolo. Ela come com tanta vontade que dá até gosto de ver.

— Eu vou comer sim... — Sento ao seu lado de um jeito que me dá livre acesso para acariciar seu corpo da forma que quiser. É incrível como simplesmente não consigo tirar minhas mãos dela. Mordo o lóbulo da sua orelha e a provoco com minha língua antes de sussurrar. — Você, mais tarde. Essa é a minha única fome no momento. — Júlia se arrepia todinha.

Adoro como seu corpo reage instantaneamente ao meu toque.

Quase faço a coitada engasgar com a salada de frutas quando sugo seu seio, alternando entre um e outro, estava louco para fazer isso. Nunca tive preferência com nenhuma parte do corpo de uma mulher em especial, até agora. Deslizo a mão por baixo do lençol que ela tinha erguido até a altura de sua cintura, deslizando aos poucos e quando estou chegando onde quero, o meu bendito celular toca.

— Inferno! — Resmungo me afastando para tirar o telefone do bolso de trás da minha calça de moletom, estou tão duro que é possível ver o monte enorme por baixo do tecido.

— Que bom, agora vou poder terminar meu café sem engasgar. — Ela faz graça enquanto atendo o telefone.

— Fala logo, dona Célia, estou ocupado agora. A Maria está bem?

— Conversa direito com sua mãe, Ricardo. Sua filha está ótima, o André deixou o filho dele dormir lá em casa, brincaram até tarde — Júlia diz baixinho dando um tapa no meu ombro. Faço cara feia para ela.

— Bom dia, meu filho, só liguei para saber se está tudo bem. Passou a noite fora e nem mandou uma mensagem para avisar? Que coisa feia, Ricardo!

— Bom dia, mãe, desculpa. Mas apesar da senhora me tratar como uma criança, eu não sou. — Quase solto um grito com o beliscão que a Júlia me dá com essas unhas enormes. Tento ficar sério, mas acabo rindo do seu jeito maroto de ser.

— Você está querendo levar uns tapas na bunda, garoto? Fale direito comigo, não gosto de usar violência, mas não hesitarei caso for preciso, depois não chore — ameaça em um tom muito sério.

Minha mãe nunca levantou a mão para mim e olha que teve momentos em que mereci uma boa surra, era um adolescente levado. Eu e o André já aprontamos poucas e boas.

— Nossa que medo eu fiquei agora, mãe. Quando eu chegar não vai estar me esperando com um chinelo na mão, vai? — Solto uma gargalhada alta, colocando no viva-voz para Júlia escutar a conversa.

— Ah, vai catar coquinho morro a baixo, Ricardo. Vai brincando, uma hora dessas vou te dar umas boas chineladas para aprender a me respeitar — resmunga e aposto que fazendo um bico enorme. Júlia tampa a boca para abafar o riso.

— Como não amar a senhora, mãe? A cada dia meu amor cresce mais, obrigado por existir e trazer tanta alegria para a minha vida. — A linha fica muda e tenho certeza de que está emocionada, é uma manteiga derretida.

— Mas o bicho é esperto mesmo, é só falar em bater que pisa pianinho com medo do meu chinelo cantar solto. — O som da minha gargalhada inunda o quarto, minha mãe é uma peça. — Cansei dessa conversa, não quero mais falar com você, Ricardo. Passe o telefone para Júlia agora. — Solta a bomba, eu e a Marrenta ficamos estáticos.

Como minha mãe sabe que nós dois passamos a noite juntos?

— Como assim, falar com a Júlia? — Seguro a mão da Júlia, seus olhos arregalando cada vez mais.

— Não se faça de bobo, meu filho, quando vocês estão pensando em comprar o fubá, já estou com meu bolo pronto. Ou você acha que o Andrézinho te levou no Clube Luxos por acaso? A Júlia tinha me ligado mais cedo para saber da filha e comentou que iria nesse lugar com as amigas, aí foi só mexer uns pauzinhos aqui, outro ali e no final todo mundo saiu feliz, estou mentindo? — Meu queixo cai, literalmente. — Agora passe o telefone para minha futura nora,

não quero atrapalhar a manhã dos dois. Eu não liguei no meio do sexo matinal, liguei? — Completa com sua naturalidade e bom humor de sempre, passo o telefone para Júlia, estupefato.

— Vou passar o telefone para ela, mãe. — É a única coisa que consigo dizer.

— Obrigada, filhinho, mamãe te ama.

— Bom dia, dona Célia, como a senhora está? — A voz da Júlia sai em um sussurro, morta de vergonha.

Deito de lado na cama apoiando a cabeça com a mão, prestando total atenção na conversa das duas.

— Melhor agora ouvindo a sua voz, filha. Enfim o bundão do meu filho resolveu tomar uma atitude de homem e te pegou de jeito. — Posso ver suas bochechas queimando e mordendo os lábios o tempo todo, de nervoso.

Balanço a cabeça rindo da minha mãe, é mais maquiavélica do que pensei.

— E a minha Maricota, dormiu bem sem mim? — Muda o foco do assunto, espertinha.

— Dormiu sim, filha, aliás, ontem ela perguntou quando vai voltar para escola. Quando chegarem temos que correr atrás disso. Agora que você e o Ricardo se acertaram, falta só acertar esses pequenos detalhes para depois desfrutarem do “*felizes para sempre*” — minha mãe suspira como se estivesse vendo uma cena de amor em um filme romântico, ela fala as coisas de um jeito que faz tudo parecer tão fácil.

— Amém — eu e a Júlia dizemos juntos.

Seguro sua mão e nossos olhares se cruzam, cheios de promessas e esperança de um futuro juntos. Quero muito que nós dois demos certo, e vou fazer de tudo para isso acontecer.

— Agora vou desligar, podem continuar encomendando meu netinho.

— Tchau, mãe, já chega por hoje. — Encerro a ligação revirando os olhos, ela e a sua língua me deixam exausto.

— Sua mãe não existe, adoro ela.

— Eu também, mas às vezes ela me tira do sério com essa mania de se intrometer na minha vida. — Encho os pulmões de ar e viro de barriga para cima

fitando o teto, Júlia coloca a bandeja no chão e deita ao meu lado na mesma posição segurando minha mão, enlaçando meus dedos.

— É porque ela te ama demais, eu acho que vou ser uma mãe mais coruja do que a sua quando a Maria crescer. Eu a amei no instante em que a vi, ela abriu os bracinhos na minha direção e assim que a peguei no colo me chamou de mamãe. — Para de falar de repente, solta a minha mão, arrependida de tocar nesse assunto.

Eu não me importo nem um pouco, quero saber mais sobre esse dia aos seus olhos.

— Desde o instante em que roubaram a Sofia de mim, eu rezava todos os dias para que Deus colocasse um anjo em sua vida, para cuidar dela até que a encontrasse. — A puxo para o meu peito, preciso que Júlia ouça as batidas do meu coração e perceba que não estou mentindo. — E ele foi tão bom comigo que colocou três anjos da guarda de uma vez só na vida dela. Você, seu pai e o seu irmão. Amaram minha filha e a educaram em um nível tão alto, que talvez nem eu, como pai biológico, a teria educado. — Sinto meu peito molhar, ela está chorando. Beijo seus cabelos enquanto faço carinho em suas costas com as pontas dos dedos em uma linha reta seguindo a marca da coluna.

— Se eu soubesse que você estava procurando pela sua filha Sofia, juro por Deus que não hesitaria em devolvê-la na mesma hora. Eu sempre soube que Talita não tinha juízo, mas não imaginei que poderia chegar tão longe. Isso me pegou de surpresa, ela não era uma pessoa má, apenas fez escolhas erradas na vida e depois se arrependeu tentando consertar do jeito que deu. Desde que pisou na minha casa já sabia que tinha suas horas contadas. Poderia ter se livrado da criança e fugido, mas não, deixou comigo porque tinha certeza de que eu cuidaria como se fosse minha. — Remexo incomodado, Júlia percebe que meus músculos tensionaram. Não me sinto confortável em falar de sua prima, mas, deixando meu ódio de lado e parando para pensar, essa história poderia ter terminado muito pior.

Com minha filha morta. Não gosto nem de pensar.

Talita poderia ter entregado minha filha para os bandidos que a contrataram, ou se livrado dela na primeira oportunidade que aparecesse. Mas não, ela levou para a família da Júlia porque sabia que cuidariam bem dela. Contudo, havia um segredo nessa história. Algo que só as duas primas sabiam. Já que uma morreu, só me resta perguntar para a que dentro dos meus braços nesse exato momento.

— Lembra das duas perguntas que ficou me devendo no nosso jantar? — Assente com um movimento leve de cabeça. — Eu gostaria muito que as respondesse agora, tudo bem para você? — Agora é a vez de ela ficar tensa em meus braços, pelo visto já sabe que estou desconfiado de que tem mais coisa nessa história do que está contando.

— Pode perguntar, não tenho nada a esconder. — Apesar do tom trêmulo, suas palavras soam seguras.

— Lembra também que prometeu não ficar chateada? — As pontas dos meus dedos continuam a alisar suas costas carinhosamente em movimentos confortantes, passando confiança.

— Faça essas perguntas logo e pare de me enrolar, Delegado.

— Você sempre tão direta, Marrenta. Gosto disso em você. — E como, já estou para lá de excitado...

— Deu para perceber, Delegado. — Apalpa minha ereção dentro da calça de moletom, tiro a mão dela antes que percamos de vez o foco do assunto.

— Por que seu pai fez um empréstimo e o seu irmão vendeu a moto dele para conseguir o dinheiro da fiança? Sendo que vocês têm uma conta poupança a qual depois de anos juntando hoje tem uma quantia consideravelmente boa. Não precisavam ter arriscado perder tudo o que têm.

— Não usamos esse dinheiro porque não o juntamos para nós, ponto final. Próxima pergunta? — É taxativa, se esquivando de responder corretamente.

— Não banque a esperta comigo, Júlia. Responda à pergunta direito, isso é trapaça, sabia? — Ela muda de posição e deita de frente para mim, nivelando nossos olhares, com as garras mais afiadas do que nunca para me atacar caso seja preciso.

— Trapaça foi você ter conseguido ilegalmente acesso aos dados bancários meu e da minha família, porque se a denúncia contra mim foi retirada o meu processo automaticamente foi anulado. Então é impossível que algum Juiz tenha assinado algum documento de forma legal, liberando a quebra do nosso sigilo bancário. — Suas narinas inflam, mas não eleva a voz, não no nível habitual que chega quando está nervosa.

Seus olhos não desgrudam dos meus, Júlia é o tipo de mulher que gosta de enfrentar seja quem for olhando nos olhos.

— Estavam juntando esse dinheiro para pagar os estudos da Maria, não era?

— Seu olhar de felina vai indo embora aos poucos, dando espaço para o de mãe amorosa capaz de fazer qualquer coisa pela filha.

— Sim. Sabia que o sonho dela é ser veterinária? Nunca conheci ninguém que gosta tanto de animais igual a Maria, é fácil perceber isso observando-a com Adônis por poucos segundos. — Júlia sorri amplamente ao falar da filha, tem orgulho dela. — Sempre quisemos dar o melhor a ela, que não precisasse penar para conseguir uma bolsa integral como eu penei. Então tivemos a ideia de abrir a conta e todo mês, rigorosamente, nós três depositávamos dez por cento do nosso salário, e no aniversário dela não fazíamos festa. Dávamos apenas um presente simples, e guardávamos também o dinheiro que gastaríamos caso fôssemos fazer alguma comemoração. Isso me cortava o coração, mas era para o bem do seu futuro — explica, e não tenho palavras para dizer o quanto o gesto deles foi lindo, e o quanto sou grato por se preocuparem tanto com o futuro da minha filha. Por isso a pequena os ama tanto, o que sente por eles é apenas um reflexo de todo o amor que recebeu.

Abraço Júlia mais forte. Como é bom tê-la em meus braços, então encosto meu nariz em seu pescoço e absorvo seu cheiro esplêndido.

— Certo, minha segunda pergunta é: por que sua prima tinha tanta certeza de que você ficaria e cuidaria tão bem de uma criança que nunca viu? — Ela levanta bruscamente e se senta na beirada da cama, de costas para mim. Seus músculos estão tensos, rígidos.

— Mesmo que eu não queira responder você nunca vai esquecer dessa pergunta, não é? — Alguma coisa no seu tom me deixa imensamente preocupado, sento na cama para examiná-la de um ângulo melhor.

— Você sabe que não, Júlia, ainda mais vendo você nesse estado, agora não conseguirei esquecer mesmo que eu me esforce muito para isso. — Tento imaginar o que pode ser, mas a sua tristeza nubla suas feições.

Não aguentando mais vê-la nesse estado, chego a abrir a boca para dizer que não precisa responder nada porque eu acredito nela independente de qualquer coisa. Mas Júlia se levanta para admirar a vista do mar pela janela panorâmica, como fez mais cedo, e começou a falar:

— Quando eu tinha apenas dezesseis anos, conheci um garoto chamado Vitor. Ele não era do Morro do Alemão, vivia na área nobre do Rio de Janeiro. Em pouco tempo me apaixonei por ele, era só uma garota inocente e romântica que acreditava ter conhecido seu primeiro amor. Namoramos pouco mais de um

ano. Ele sempre foi muito doce e gentil comigo. Minha família o adorava e fazia de tudo para agradá-lo.

Eu já imaginava que algum desgraçado tinha quebrado seu coração, mas o que isso tem a ver com a prima ter certeza de que cuidaria bem da criança que sequestrou? Fico confuso, mas deixo que continue a contar a sua versão da história.

— Sempre fui muito difícil e não dava confiança para os garotos, tinha o sonho de me entregar apenas depois do casamento. Mas o Vitor me dizia todos os dias que me amava e que íamos nos casar em breve, que acabei cedendo e entreguei minha virgindade a ele, que foi muito grosso comigo. Não senti nada além de dor, fiquei com muito medo e comecei a chorar em silêncio até que aquilo tudo acabasse. — Meu sangue ferve, eu odeio esse desgraçado. Travo o maxilar, meus punhos se fecham com tanta força que chega a estalar a maioria dos meus dedos.

— Pelo amor de Deus, Júlia, está me dizendo que esse covarde praticamente te estuprou? — Se ela responder que sim, eu o encontrarei nem que seja nos quintos dos infernos e cortarei o corpo dele em mil pedaços.

— Não foi estupro porque foi com o meu consentimento, mesmo não gostando, sempre aceitava fazer sexo porque o amava e tinha medo de perdê-lo — explica. Mas isso não justifica, o maldito a violentava se aproveitando dos sentimentos que a Júlia tinha por ele.

E isso me deixa louco de raiva, com o sangue fervendo dentro das veias.

— Você não sentiu prazer em nenhuma das relações mais íntimas que tiveram?

— Não, apenas dor e nas últimas vezes que fizemos, até nojo — suspira fundo e alguma coisa me diz que o pior está por vir. — Depois que perdi a virgindade, foram meses de tortura, como não conhecia nada sobre sexo pensei que era normal e que com o tempo fosse gostar. Eu acreditava mesmo que amava o Vitor, pensava que seríamos felizes para sempre. Até que um dia perguntei quando iríamos nos casar, e se ele queria ter filhos. Ele me deu uma resposta, a qual nunca vou esquecer:

“Sempre invento desculpas para não te apresentar para a minha família e amigos porque tenho vergonha de dizer que tenho uma namorada favelada, você é até bonita e bem gostosinha na cama, mas o fato de ser negra desvaloriza bastante a sua moral. Os meus pais nunca aceitariam um filho mestiço, eu não

quero ter um filho mulatinho. ”

— Júlia, por favor, já chega! Já ouvi o suficiente. — Imploro para ela parar, mas ela não me escuta e continua contando, parecendo estar em um estado transe.

— Não! Você não queria saber de tudo? Agora vai saber, de cada detalhe!
— Berra virando-se de frente para mim, seus olhos estão nublados devido às lágrimas.

Levanto e corro em sua direção, não devia ter levado a conversa para esse rumo, preciso abraçá-la. Mas Júlia estica o braço na minha direção com a mão aberta impedindo que me aproxime. Ela está transtornada.

— Não precisa dizer mais nada, quero que nunca mais lembre de quem lhe fez tão mal. Me deixa cuidar de você, curar suas feridas. — Imploro, mas ela recusa minha oferta dando um passo para trás disposta a colocar tudo em pratos limpos.

— Eu terminei com o Vitor nesse dia, disse que nunca mais iria tocar no meu corpo. Ele não aceitou muito bem, perdeu a cabeça e começou a me sacudir violentamente me segurando pelos braços e arremessou meu corpo no chão com tudo. Quando levantou a mão para me dar um soco no rosto, Talita apareceu do nada e entrou na frente dele gritando para ele não tocar um dedo em mim porque eu estava grávida dele. — É a minha vez de dar um passo para trás, juro que por essa eu não esperava. Apoio na cômoda, tentando permanecer de pé depois desse baque.

Se Júlia estava grávida, o que houve com o bebê?

Troco o peso do corpo de um pé para o outro sem saber se tento abraçá-la novamente, ou permaneço onde estou dando-lhe espaço para respirar.

— Ele olhou para mim, jogada no chão como um saco de lixo e respondeu para minha prima “Você quer dizer: estava grávida, não é mesmo? ”. Talita virou rápido para olhar para mim e percebeu que a barra do meu vestido estava cheia de sangue que escorria cada vez mais do meio das minhas pernas. Quando eu vi, entrei em desespero rezando para que não tivesse perdido o meu bebezinho porque já o amava mais que qualquer coisa no mundo. Mas, infelizmente, não teve jeito. — Querendo ou não, puxei Júlia para um abraço bem forte. Ela se debate em meus braços, mas acaba cedendo. A vida também não foi gentil com ela, sei bem como é a dor e o vazio de perder um filho de uma hora para outra.

— Sinto muito, Júlia, muito mesmo. Eu... nunca poderia imaginar uma coisa dessas. Me perdoe por te obrigar a tocar em um assunto tão delicado. — Ela chora sem parar, toda encolhida, e me sinto um desgraçado por fazê-la lembrar de algo tão horrível.

— Só a Talita sabia da minha gravidez, disse que seria a madrinha. Quando contei que iria encontrar com Vitor para dar a notícia, ficou escondida vigiando com medo da reação dele, nunca gostou do Vitor, dizia que não passava de um playboyzinho que subia o Morro só para comprar drogas e conseguir sexo fácil. Ela tinha razão, sempre teve. — Desvia o olhar, envergonhada. — Mas, de qualquer jeito, ele era o pai e tinha que saber. Tínhamos que nos casar antes que meu pai descobrisse. Enfim, o fato é que quando as coisas ficaram feias, minha prima não deixou que me batesse mais, pegou o que encontrou na frente e expulsou ele de perto de mim, ameaçou que se o visse no morro novamente, estaria morto. Depois me levou para o hospital para que tivesse os cuidados necessários e jurou que nunca contaria para ninguém, voltamos para casa abraçadas e eu disse a ela que tinha certeza de que meu bebê seria uma menina. — Funga com o rosto colado em meu peito.

— A qual você daria o nome de *Maria Lara*, não é mesmo? — Assente.

Agora sim a história faz total sentido, por isso tinha de ser contada desde o começo. Talita deu o nome de Maria Lara para a filha em homenagem ao bebê que a prima perdeu, tenho que admitir que foi um belo ato da sua parte.

Por isso levou a criança que sequestrou para a casa da Júlia, sabia que cuidaria dela como se fosse sua. Usar a certidão da filha que morreu foi um golpe de mestre, tudo se encaixou.

— Eu sei que não mereço seu amor, mas acha que pode me perdoar algum dia por tudo que fiz? Faço o que você quiser, qualquer coisa, é só dizer. — Imploro sem nenhum constrangimento, preciso do perdão da Júlia e viverei o resto da minha vida para compensar todo mal que lhe fiz.

Sinto-me extremamente culpado por ter agido como um tremendo idiota. Ela já tinha sofrido tanto e eu ajudei a afundando mais ainda. Mandeí prendê-la, a chamei de bandida e fui extremamente grosso no início colocando por várias vezes sua moral em dúvida.

— Não tem que pedir perdão de nada, como poderia imaginar que essa merda toda tinha acontecido comigo? Não precisa se preocupar, eu estou bem, só preciso ficar um pouco sozinha. Vou tomar um banho, vai me fazer bem. — Se

afasta, odeio quando faz isso, foge de mim toda vez que fica vulnerável.

— Eu não vou te deixar sozinha nunca mais, Júlia. Então pare de querer me afastar toda vez que precisa de mim, porque não vou a lugar nenhum, entendeu bem? Quero cuidar de você com todo amor desse mundo, curar suas feridas, uma por uma. — Aproximo um passo, ela recua dois, até suas costas encostarem na parede e não ter mais para onde fugir.

— Por favor, Ricardo, preciso só de alguns minutos sozinha.

— Não e não, Marrenta! — Digo firme, não deixando espaço para negociação. — Agora você é minha! — Sussurro em seu ouvido antes de capturar seus lábios com os meus. A pego no colo levando em direção ao banheiro para um banho bem gostoso de banheira.

É assim que enfrentaremos os problemas de agora em diante.

Juntos.

Capítulo 30



JÚLIA

Estou sendo carregada pelo Ricardo até o banheiro, como um bebê recém-nascido, com todo o cuidado, amor e carinho que existe nesse mundo. E o mais louco? Estou amando isso, de me deixar ser cuidada, paparicada por esse homem que acabou de chegar em minha vida revirando tudo de forma positiva. Não acredito até agora que confiei tanto nele a ponto de revelar meu maior segredo.

O dia que perdi meu bem mais precioso, meu bebezinho que mesmo não tendo a oportunidade de vê-lo sabia que seria uma menininha linda. O bebê que perdi, o meu bebê que se chamaria Maria Lara.

Ainda que esteja muito triste por tocar nesse assunto que tanto me machuca, me sinto mais leve agora. Foi bom poder dividir esse peso enorme que venho carregando sozinha desde a morte de Talita. Apesar de todas as coisas ruins que ela tenha feito, nunca vou ter raiva dela. Me defendeu quando precisei, cuidou de mim. Seu erro foi se envolver com pessoas erradas, se deixou ser seduzida pelas artimanhas do caminho mais fácil.

— Só um minuto amor, já volto. — Ricardo me ajeita totalmente nua sobre a bancada da pia do banheiro, deposita dois beijos rápidos em meus lábios e vai colocar a banheira para encher. Balanço os pés enquanto o observo se afastar exibindo uma bunda durinha e as costas largas musculosas. A imagem de trás é tão boa quanto a da frente, pena que ainda está vestido.

O banheiro é enorme, tão luxuoso quanto os outros cômodos da casa, as paredes são revestidas de azulejo branco do chão ao teto, um box amplo com uma ducha daquelas que caberia facilmente duas pessoas debaixo.

Opa! Desde quando que ele me chama de “amor”?

Gostei disso.

— Quer ajuda aí, Delegado? — Ofereço ao observá-lo levar as mãos na barra da camisa para tirar. Ele assente e vem andando em minha direção pressionando a parte de dentro dos lábios com os dentes, exibindo um sorriso maroto.

— Claro que sim, Marrenta, mas sem gracinhas, hein? Agora sou um homem comprometido — diz sério se ajeitando no meio das minhas pernas. Dou um beliscão de leve em seu mamilo e ele se arrepia todo.

— E ela é ciumenta? — Entro na brincadeira enquanto ergo o tecido da camisa até passar pela sua cabeça. Como um bom menino, levanta os braços para que a peça passe sem dificuldade. Dobro e coloco ao meu lado sobre o balcão onde estou sentada, tudo debaixo do seu olhar curioso em me conhecer melhor.

— Por que ela mesmo não responde já que está bem na minha frente?

Se afasta deslizando a calça lentamente pelas pernas com cara de ator de filmes pornô, o que me enlouquece em questão de segundos. O fato de ele estar sem cueca e com uma enorme ereção apontando para o ar e indo de encontro com a barriga, me faz perder o raciocínio.

— Vou ser curta e grossa, não sou do tipo que fica fazendo rodeios. — Desço de onde estou sentada e me aproximo dele, capturo seu membro rijo entre as mãos apertando com força.

— Já deu para perceber isso — concorda com um grunhido, encolhendo o corpo de dor e prazer, sua pele tomando um tom avermelhado.

— Se tem amor a isso que carrega no meio das pernas, sugiro que mantenha as outras mulheres no mínimo a uns três metros de distância de você, em especial uma tal de “Carol”, senão pode se esquecer do seu amiguinho aqui. Conheceu minhas amigas, elas são tão loucas quanto eu. Estamos entendidos, Delegado? — Capricho na força, ele apoia a mão no vidro do box e escorrega ficando de joelhos à minha frente avermelhando cada vez mais.

Sou uma mulher má, e apaixonada. Serei cruel com esse homem, vai penar bonitinho na minha mão.

Já está penando.

— Já chega, Júlia, eu entendi o recado. — Sua voz sai aguda quase que por um fio.

— Não ouvi, poderia dizer mais alto? — Ricardo me olha feio, agora apoiando as duas mãos no chão quase sem força. Engulo o riso, mantendo o semblante sério para deixar bem claro com quem ele está lidando.

Se ele partir meu coração, eu vou estraçalhar o dele.

— Eu já entendi, porra! Nada de mulheres perto de mim, no mínimo três metros de distância — seu grito ecoa pelo banheiro.

— Bom menino. — Pulo em cima dele fazendo-nos cair no chão.

Rimos como adolescentes desajustados conhecendo o amor, apesar das feridas que carregamos do passado agora temos um ao outro e uma filha linda nos esperando em casa.

— Se eu fosse você, cuidava direito do meu amiguinho aqui embaixo, amor. — Gira o corpo ficando sobre mim e esfrega sua excitação na minha virilha, me provocando. — Porque ainda vai precisar muito dele, esqueceu que prometeu dar irmãozinhos para nossa filha? — Permaneço em silêncio por um tempo, ainda está muito cedo para falar em aumentar a família, para isso acontecer nosso relacionamento tem que estar bem sólido.

— Acho que a banheira já encheu. — Ricardo tem o sorriso farto ainda presente em seu rosto, ele não percebeu que me esquivei do assunto.

— Vem, amor, eu vou te dar um banho bem gostoso e te encher de carinho. — Ele se põe de pé puxando-me pela mão e entramos juntos na banheira.

Ricardo sentou apoiando as costas na ponta da banheira, e me sentei entremeio suas pernas usando seu peito como apoio. A água estava morna e relaxante, a massagem que recebi em meus ombros me fez fechar os olhos tolamente relaxada. Nunca admiti ser tratada como uma mulherzinha indefesa, sou de atitude e com instinto de liderança. Mas Ricardo tem o poder de me desarmar por completo.

Háviamos colocado todos os pontos no seu lugar e acertado nossa situação de tentar fazer, seja lá o que esteja rolando entre a gente, dar certo. Eu que vivia fugindo de compromissos, me envolvi até o ultimo fio de cabelo com o homem mais romântico do mundo. Compreensivo ao ponto de não me perguntar mais nada durante o banho em relação a tudo que revelei sobre meu passado, apenas cuidou de mim da forma mais atenciosa possível. Não fizemos amor, apenas ficamos dando o ombro como apoio um para o outro, demonstrando que não estávamos mais sozinhos.

Duas pessoas quebradas pela vida tentando se reerguerem, juntas.

Ficamos na banheira até a água esfriar, regados de beijos e carícias enquanto fazíamos planos sobre o futuro. Decidimos começar hoje mesmo a colocar nossas vidas no eixo. Matricularemos nossa filha em um bom colégio, e

irei ao fórum para ajeitar tudo para voltar ao meu estágio, e farei o mesmo com a minha faculdade para voltar a estudar o quanto antes. Já faltei dias demais, não posso arriscar ser reprovada. Seja como for, no final dará tudo certo.

Terminamos o banho e ajeitamos a pequena bagunça que fizemos na cobertura, peguei meu buquê de flores e fomos direto para casa.

Ao chegarmos, somos recebidos pela Dona Célia com um sorriso de orelha a orelha, e eu não sei onde enfiar a minha cara de tanta vergonha de ela saber que eu e o filho dela passamos a noite e boa parte da manhã juntos. Para piorar a situação, Ricardo segura a minha mão assim que saímos do carro, os olhos de sua mãe chegam a brilhar quando vê.

— Bom dia para o casal mais lindo do mundo, é uma alegria muito grande vê-los juntos. — Vem a passos largos ao nosso encontro com a barra do seu vestido verde fosco esvoaçante, os olhos cheios de lágrimas e as bochechas mais coradas do que nunca.

— Bom dia, dona Célia — digo com a voz sufocada devido ao abraço de ursa que me dá. Fico constrangida de ela me ver dentro do vestido que usei para ir ao Clube, é muito curto. Indecente, na verdade.

— Que Dona Célia que nada, pode me chamar de mamãe agora.

— Solte a Júlia, mãe, está sufocando ela — Ricardo resmunga cruzando os braços, mas é evidente que está satisfeito em ver a alegria da mãe.

— Ahh, não precisa ficar com ciúmes, garanhão da mamãe. — Só posso rir ao ver Ricardo corando como um adolescente pego pela mãe no flagra, a relação dos dois é muito divertida e amorosa.

— E a Maria, onde está? Estou morrendo de saudades da minha pequena, meu coração chega até doer dentro do peito. — E dói mesmo, não gosto de ficar tanto tempo longe da minha Maricota.

— Está brincando com o coleguinha Gustavo e o Adônis no quintal, mas pergunta pela mamãe e o papai o tempo todo. — Os cantos da boca do Ricardo se curvam em um sorriso arrebatador ao saber que a filha pergunta por ele o tempo todo, a aproximação entre os dois cresce fervorosamente.

— Vou ao encontro deles então, estou louca para conhecer esse Gustavo que a minha filha tanto fala. — Aceno para os dois antes de girar o corpo na direção da entrada que dá ao quintal do fundo, mas o senhor Ricardo Avilar me agarra pela cintura e tasca um beijo em minha boca, acho que fez no automático

esquecendo que não estamos sozinhos.

Mas eu não, estou em tempo de abrir um buraco e me enfiar dentro dele, mas teria que ser grande o suficiente para caber a minha vergonha. Levo a mão ao seu peito tentando afastá-lo, porém, o homem se anima mais enfiando a língua na minha boca sem nenhuma cerimônia.

— Tá bom, amor, pode ir. Preciso fazer algumas ligações importantes no escritório e já vou me juntar a vocês. — Me solta totalmente sem ar, apenas assinto e sigo meu caminho com as pernas bambas tentando recuperar o fôlego.

Caminho pelo jardim sobre a grama verdinha, rindo sozinha, passando os dedos pelos lábios ainda úmidos com o gosto vivo do beijo do Ricardo grudado neles. Olho para o céu azul percebendo como o dia está convidativo, passarinhos voam livremente cantando uma melodia animada. Como se a natureza contemplasse a minha alegria, a paz no meu coração.

Quem diria. Júlia Helena em um compromisso sério. Parece até piada.

— Mamãe, a senhora chegou. — Maria me vê chegar de longe e vem correndo ao meu encontro, o menino que está brincando com ela parte atrás dela e o Adônis não fica para trás.

Passo pelo portão de madeira da cerca que divide o jardim do quintal dos fundos, uma fileira de estacas na altura de um metro e meio muito bem envernizadas.

— Oi, amorzinho da mamãe, senti saudades. — Ela abraça a minha cintura, e o seu amiguinho, também.

Achei tão fofo, ele nem me conhece e já me recebe com tanto carinho, todo sorridente. Gustavo deve ter no máximo seis/sete anos, é negro dos olhos da cor do outono. Cabelos enrolados caindo sobre o rosto, lábios grossos e curvilíneos. Lindo demais o moleque, pelo visto, tanto por dentro, como por fora.

— Oi, Tia, meu nome é Gustavo. Eu e a Maria somos primos, sabia? Meu pai é padrinho dela, e o dela, é meu. Isso faz de nós parentes, não é mesmo? — Tagarela o pequeno no seu tom de criança esperta.

— Com certeza, querido. Além de primos podem ser melhores amigos, na verdade, acho que já são.

— É um prazer conhecer a senhora, bem que a Maria disse que a mãe dela é muito bonita. — Um raio de sol bate na direção dos seus olhos, aparentando ser mais claros do que são, um tom bem próximo de verde.

Ohhh, que amor!

— É um prazer te conhecer, querido. Você é muito lindo e educado, e tem um abraço muito gostoso. — Bagunço seus cabelos cacheados.

— Meu abraço também é gostoso, não é, mamãe?

— Muito bom, filha. — A pego no colo, dando um beijo tão forte em seu rosto que fica a marca.

— Venham lavar as mãos crianças, o almoço está quase pronto — Solange aponta na porta, com seu avental de estampa de frutas e um pano de prato branco sobre o ombro.

Levo Maria para dentro de casa no colo e seguro a mão do Gustavo que tagarela o tempo todo falando sobre o pai. De como é bom para ele, já a mãe nem tanto, pelo que entendi seus pais são separados. Deixo eles na cozinha com Dona Célia e subo rapidamente até o meu quarto para tirar esse vestido logo, contudo, as minhas coisas simplesmente sumiram. Procuro até debaixo da cama, mas nem minha escova está no banheiro mais.

— Se está procurando suas coisas, elas estão arrumadas no meu quarto. — Viro de frente para porta, Ricardo está encostado nela com as mãos nos bolsos e os pés cruzados. — Minha mãe dobrou suas roupas e guardou no meu guarda-roupa ao lado das minhas, seus livros e objetos pessoais estão organizados por toda parte. — Ele está rindo, mas é de nervoso.

Talvez com medo que eu brigue com sua mãe por ter tomado essa decisão sem falar comigo, mas, conhecendo a dona Célia como conheço, dizendo sim ou não, ela faria do mesmo jeito. Como se zangar com alguém tão amável quanto ela? Impossível. No entanto, ainda é cedo para darmos um passo tão grande, a pressa nunca se deu muito bem com a perfeição.

— Está para nascer pessoa mais esperta do que sua mãe, é de atitude. — Sorrio, ele também. — Mas acho que está muito cedo para um passo tão grande, nossa relação nem tem definição ainda do que é. Só temos certeza de que queremos ficar juntos, mas nem sempre isso é o suficiente para duas pessoas darem certo. Para isso, acredito que é preciso ir com calma, muito trabalho em equipe e paciência.

Ricardo fita o teto com a testa enrugada, depois examina minhas feições com calma antes de começar a falar:

— Você está certa, Júlia. — Ele fecha os olhos pesarosos, as pestanas batem

com uma certa lentidão então sei que virá algum argumento bastante convincente. — Mas pare e pense, voltará a trabalhar e estudar em breve. O único tempo livre que teremos para namorar é nas minhas tardes de folga e à noite, sendo que ainda terei que dividir sua atenção com a nossa filha e a minha mãe durante esse tempo. — Seu sorriso escorrega lento, mas tenso demais para ser sincero. Os músculos da mandíbula estão contraídos, o olhar cansado.

Droga! Não disse que o argumento seria dos bons? E que bonitinho ele já ter pensado no tempo livre que teremos para namorar, juro que nem lembrei desse detalhe. Ricardo é atencioso ao extremo, romântico e ótimo pai. Traduzindo: o sonho de toda mulher.

Se tornou o meu sonho, a mulher mais fria da face da terra.

— Ainda teremos o final de semana inteirinho para nós quando você estiver de folga, além do mais, o negócio não é quanto tempo temos e sim em como saberemos “aproveitar” cada minuto dele. — Agora sim ele abre um sorriso sincero, promíscuo. Tem os dentes caninos afiados, e acho isso um detalhe muito sexy.

Caminho até ele, respondendo o sorriso à altura.

— E como você pretende aproveitar o pouco tempo que teremos juntos? — Cata minha cintura colando nossos corpos e me beija ardentemente.

— De forma bastante prazerosa, principalmente para você, Delegado.

— Hum, já estou começando a gostar do rumo dessa conversa, por enquanto assim para mim está bom. Contudo, só por hoje deixe as coisas como estão, passe a noite comigo no meu quarto. Amanhã trabalho e só de pensar em passar um dia inteiro longe de você, já estou louco de saudade. — Ainda bem que ele me segura forte, ou teria ido ao chão completamente derretida.

Que homem, meu Deus!

— Essa noite sou todinha sua, mas se não se importar gostaria que passássemos a noite no meu quarto. — Sorrio amarelo franzindo o rosto, a lembrança de ele me beijando enquanto delirava pensando que eu fosse sua esposa ainda me incomoda um pouco.

— Pode ficar tranquila, recentemente mandei trocar minha cama por uma nova, bem maior e espaçosa. — Empalideço.

Parece até que leu os meus pensamentos. E quando foi isso que eu não vi?

— Ok então, vou trocar de roupa e já podemos descer.

— O que acha de uma rapidinha debaixo do chuveiro frio? Está muito quente hoje, estou todo suado, morrendo de calor.

— Suado é? — Pegou sua mão e o arrastou para o quarto dele fechando a porta atrás de nós com o pé, ele sorri o tempo todo se divertindo com a situação.

— Todinho, amor.

Tira a camisa e joga em cima da nova cama *king size*, enorme e confortável, me oferecendo a visão do seu abdômen definido molhado de suor com gotinhas deslizando pelos gominhos durinhos. Chego a ficar com as pernas bambas de tanto desejo por esse homem em forma de deus grego à minha frente, me chamando carinhosamente de amor.

Todo suado e cheirando a macho alfa.

E todinho meu.

— Ótimo! Agora termina de tirar a roupa logo, temos pouco tempo antes de virem atrás de nós para o almoço, no máximo 15 minutos.

Tiramos a roupa em tempo recorde, Ricardo me ergue de forma que minhas pernas entrelaçam em volta da sua cintura. Vamos nos devorando pelo trajeto até o banheiro, ele estica o braço para colocar o chuveiro no frio e nos enfia debaixo da ducha gelada enquanto me prensa na parede sem tirar os olhos dos meus nem por um segundo.

— Não estamos usando camisinha, Júlia, mas eu garanto que estou limpo. — A água escorre pelo seu rosto colando o cabelo na testa, posso sentir sua excitação roçando minha entrada.

— Eu também estou limpa, e faço uso de pílula. — Mal acabo de falar e Ricardo entra em mim em um golpe só, não houve preliminares, apenas precisamos nos amar da forma mais intensa possível.

— Você é tão gostosa, poderia ficar o dia todo dentro de você, te amando. — Grunhe entrando uma, duas, três, quinze...

Perco a conta.

— Te... temos só quinze mi... nutos, quer dizer, agora uns dez talvez não se esque... ça Ricardo — gemo e falo ao mesmo tempo, ele não me dá trégua com suas investidas certeiras e profundas.

Afunda os dedos na minha bunda e eleva os quadris metendo com afinco, não me dando tempo nem de respirar. Prendo os dentes em seu ombro e cravo as unhas em suas costas arranhando de cima a baixo. Abafamos os gemidos altos do nosso clímax com um beijo profundo, não queremos assustar a casa toda.



Terminamos o banho em êxtase, o mais delicioso das nossas vidas, acredito. Nos vestimos rápido e descemos com cara de paisagem, mas os nossos cabelos molhados nos entregaram. Dona Célia e a Solange não disseram nada, mas ficaram de sorrisinhos e piadinhas o tempo todo de como o dia estava quente pedindo um banho bem demorado e “gostoso”. Enquanto eu me queimava de vergonha, Ricardo fingia que nem era com ele. O almoço transcorreu tranquilo, só houve um momento que Maria notou nossa proximidade e ficou um pouco enciumada, mas voltou a se alegrar depois que soube que tínhamos algumas coisas para resolver na rua e levaríamos ela e o Gustavo juntos para tomar sorvete na volta.

O tal André ligou avisando que só poderia buscar o filho mais tarde por conta do trabalho, o pequeno ficou eufórico por saber que passaria o dia todo conosco. Enviou roupa novas para ele pelo motorista, era organizado. E à tarde, como um verdadeiro casal, eu e o Ricardo saímos juntos para resolver os problemas. Primeiro fizemos a matrícula da Maria em um dos melhores colégios particulares do Rio de Janeiro, ele disse que foi alguém do trabalho que indicou. Por sorte era o mesmo lugar onde o Gustavo estudava, fiquei mais tranquila, prometeu cuidar da minha filha como se fosse sua irmãzinha.

Tivemos que sentar com a diretora e conversar com ela em relação à história da nossa vida, sobre o porquê na sua certidão estar Sofia, mas ela estar acostumada a ser chamada de Maria Lara e não aceita ser chamada de outra forma. Ela nos disse que vai conversar com a professora, e nos orientou a estar procurando ajuda profissional para que Maria saiba lidar com isso melhor. Concordei, já tinha até pensando em conversar sobre isso com o pai dela.

Depois passamos no Fórum, fui no RH e tudo ficou certo para minha volta ao estágio amanhã mesmo. Eu fiquei radiante, estava sentindo muita falta de trabalhar, Ricardo não gostou muito, pensou que teríamos pelo menos o resto da semana para curtirmos juntos até que a rotina voltasse ao normal. Ao passar pela recepção para me despedir da secretária Carina, que sempre foi muito gentil comigo, fiquei triste quando ela comentou que Juiz Thompson não apareceu no trabalho hoje, o assessor dele e advogado pessoal, Gonzales, disse que o

meritíssimo acordou com uma virose e estava de cama. Achei estranho, desde que comecei a trabalhar aqui era a primeira vez que o via faltar, ainda mais por motivo de saúde.

É conhecido aqui como homem de aço, nunca fica doente, é o primeiro a chegar e o último a ir embora, é viciado em trabalho.

— Essa cara triste é tudo preocupação com a virose do Juiz Thompson? Não sabia que se preocupava tanto com ele, Júlia.

O pai da minha filha faz questão de alfinetar assim que saímos do fórum de mãos dadas. As crianças andam um pouco à frente de nós apontando o dedinho para tudo o que veem pelo caminho, totalmente entretidas.

Paro de andar e encaro Ricardo, furiosa. Ele é um amor na maior parte do tempo, mas quando resolve agir como um babaca, não tem para ninguém.

— Eu não tenho culpa se os homens da sua equipe não se preocupam com a sua saúde, sinal que não escolheu bem quando a montou. Por que aqui no fórum somos uma família, sabe? Nos preocupamos uns com os outros. Sabia que quando fui presa injustamente, o Juiz Thompson foi pessoalmente me visitar assim que soube do ocorrido? — Sua expressão altiva me assusta um pouco, mas mantenho a pose o encarando nos olhos, irá precisar de muito mais que isso para me assustar.

— É, eu fiquei sabendo. Sobre os meus homens, eles se preocupam sim com o meu bem-estar. Da mesma forma que eu me preocupo com o deles. Nunca os envio para missão de risco, a segurança deles vem em primeiro lugar na delegacia, também somos como uma família. — Bufo ao terminar de se explicar.

— Ah, são como uma família também? Nossa! Que legal. — Não estou sendo gentil, pelo meu tom grave ele logo percebe que se trata de uma ironia. — Por que seus homens podem se preocupar com seu bem-estar e você com o deles, e eu não posso com o Juiz Thompson e ele comigo? Em ambas as situações se trata de chefe e sua equipe, estou errada? — Levo a mão à cintura, começando a ficar irritada de verdade. Mesmo em um duelo de olhares, em um rápido giro de cabeça percebemos que as crianças brincam de pique pelo jardim. Somos brigões, mas extremamente responsáveis.

— Você escolheu a profissão correta, sabia? — Me puxa pelo braço todo dengoso, aceito o seu toque, mas ainda continuo com a cara amarrada. Ele ainda não pediu desculpa por agir feito um idiota. — Vai ser a melhor advogada desse país, porque se em menos de cinco minutos consegue fazer um cavalão como eu

perceber que estava errado e implorar seu perdão, então pode convencer o júri de qualquer coisa. — Solto o sorriso que estava segurando, e abraço seu pescoço.

— Então o Cavalão sabe dar coices, mas também sabe pedir desculpas. — A linha dura entre suas sobrancelhas suaviza, ele se aproxima como se fosse me beijar, mas não o faz.

— Eu queria muito beijar você, amor. Mas têm dois pares de olhinhos curiosos nos vigiando. — Sorrio ao perceber que Maria Lara e Gustavo, no momento, têm a atenção toda em nós. Despisto encenando que estou tirando um cisco do olho do Ricardo e me afasto discretamente. — Acho melhor evitarmos demonstrações de afeto na frente da nossa filha até conversamos com ela sobre o nosso namoro, não quero que ela se sinta por fora das nossas decisões — explica enquanto caminhamos em direção às crianças, ele está certíssimo.

— Você está coberto de razão, Delegado. Mas desde quando estamos namorando? Não lembro de ter me feito o pedido, muito menos de eu ter aceitado. — Jogo uma piscadela sexy para o seu lado e saio rebolando na sua frente. Não preciso olhar, sei que o seu sorriso atraente está iluminando seu rosto bonito.

Acabei deixando para passar na faculdade amanhã durante meu horário de almoço, já que não ficava muito longe do fórum, as crianças estavam começando a ficar cansadas e não paravam de pedir sorvete. Ricardo pediu uma barca gigante para nós quatro. Saímos da sorveteria quando já estava começando a anoitecer e fomos direto para casa.

Mal abrimos a porta do carro e as crianças entraram igual estouro de boiada porta adentro atrás do Adônis. Coitado desse cão, não sei se existe psicólogo de cachorro, mas se existir, ele precisa de um com urgência, os pequenos não dão a ele um minuto de folga. Vou atrás deles, escuto vozes dentro de casa e fico sem graça ao perceber que Dona Célia está recebendo visita na sala.

— Que bom que vocês já chegaram. Andrézinho estava começando a achar que vocês tinham sequestrado o filho dele. — Dona Célia se põe de pé para nos receber, ela estava sentada no sofá bege menor na lateral à esquerda.

O pai do Gustavo está sentado de costas para mim, pelo que entendi ele é muito amigo do Ricardo, tanto que são padrinhos um do filho do outro. Quando ele levanta fico de boca aberta com o tamanho do homem, como diria Alcione: Um negão de tirar o chapéu.

Lindo, alto e com porte de físico forte, másculo. Cabelo curto em um corte

preciso, a barba bem aparada deixando apenas um cavanhaque. O terno preto riscado muito bem alinhado, sapatos caros.

— Então você é a famosa Júlia? Interessante. — Seus olhos negros me medem de cima a baixo, curiosos.

— É sim, filho, mas pode tirar seus olhinhos gulosos de cima dela porque ela já tem dono. — Dona Célia não perde tempo e bate o pé direito, gordinho e dentro de uma sandália de dedo verde, no chão compulsivamente como um tique nervoso.

— Prazer em conhecer o senhor. Maria Lara adora seu filho. Gustavo é um menino muito educado, e inteligente também. — Sorrio toda desconcertada, ele continua me encarando de um jeito ilegível.

Dou um passo para o lado apoiando o braço sobre o sofá, só esperando a primeira oportunidade para fugir dessa situação constrangedora. Se ele é amigo do Ricardo, provavelmente sabe de toda a história, que foi minha prima que sequestrou a sua afilhada e, assim como seu compadre no começo, deve pensar que fui cúmplice de todo o plano e não passo de uma oportunista.

Rá-rá!

Ele que não ouse me ofender, seja de qualquer forma, estou farta de as pessoas tirarem conclusões precipitadas a meu respeito.

— O prazer é todo meu, Ju, posso te chamar assim, né? Já me sinto íntimo seu. Parabéns, é mais linda do que pensei. — Segura a minha mão delicadamente, inclina o copo e deposita um beijo nas costas dela, galantemente.

— Agora já chega, André, tire as mãos dela. — Ricardo aparece na sala no susto, separa nossas mãos com um puxão bruto. Olho feio para ele em sinal de reprovação, o amigo só estava sendo gentil comigo.

O babaca só dá de ombros.

— Isso mesmo, filho, protege o que é seu. — Dona Célia não deixa de soltar uma das suas a favor do filho.

— Calma, irmão! Eu só estava conhecendo a Julinha, se eu soubesse que ela era linda desse jeito teria dado um jeito de tê-la conhecido antes. — Ele pisca para mim e faz bico, obviamente de propósito só para implicar com o amigo.

— É linda sim, mas é minha! Por favor, mantenha suas mãos longe dela, e para você, chamá-la apenas de Júlia, está ótimo. — Não sei o que é mais

assustador, a possessividade evidente nas palavras do Ricardo ou o tom que usou ao proferi-las.

— O caso é mais sério do que pensei, cara. Então ela é a garota que te fez roubar a chave do meu carro ontem no clube, sorrateiramente? Agora entendo porque não quis me apresentar a gata que estava contigo, espertinho. — Balança o dedo indicador na direção do Ricardo, que ainda mantém a cara fechada.

Por que Ricardo não quis me apresentar para o seu amigo? Será que tem vergonha de mim? Acho que não. Mesmo assim dou um passo para trás, aumentando a distância entre nós, com uma pulguinha atrás da orelha. Ele me fita triste, com certeza imaginando o que eu estou pensando.

— Por que você não quis apresentar sua namorada para o seu melhor amigo, Ricardo? — A mãe do Ricardo cruza os braços aumentando a velocidade que o pé bate no chão.

Ponto para Dona Célia! Ela fez a pergunta, para o filho, que eu não tive coragem de fazer. Cruzo os braços também e o encaro.

— Nossa vida íntima não diz respeito a mais ninguém além de nós dois, Júlia. Não tenho o porquê ficar espalhando aos quatro ventos que me apaixonei novamente e quero reconstruir minha vida ao lado de uma mulher incrível, linda e sexy. — Ok, me derreti toda com essa declaração.

— Meu Deus! A coisa é séria mesmo. — Implica o amigo do Ricardo.

Acho graça.

— Se me derem licença, vou dar banho nas crianças, assim Gustavo vai para casa limpinho e cheiroso pronto para colocar para dormir. A propósito, ele comentou que está louco para que o pai leia um livro novo que ganhou na escola sobre o filhote perdido da raposa. Mas é compreensivo o suficiente para entender que você é muito ocupado com o trabalho e sempre chega cansado, por isso nem falou nada. Por que não faz uma surpresa para seu filho hoje? Vai ficar tão feliz, esses livros infantis são bem pequenos, contêm mais figuras do que história em si, creio que não tomará muito do seu tempo. — Fiquei com tanta pena quando Gustavo comentou isso conosco no carro que não poderia deixar passar, eu sempre leio para Maria antes de dormir. Não custa nada, pelo menos quinze minutos de leitura todo dia já está ótimo.

— Obrigado por se preocupar com meu filho, a mãe dele não liga muito para o moleque, sabe? — Fecha os olhos com um certo pesar, Ricardo bate no

ombro do amigo para mostrar que não está sozinho. — Ser mãe e pai ao mesmo tempo, não é fácil, e ainda ser promotor, mal tenho tempo de respirar no trabalho às vezes. Mas vou me esforçar mais pelo Gustavo, por ele sou capaz de fazer qualquer coisa, até mesmo virar a noite lendo. — Seu rosto se ilumina, mas os olhos estão marejados.

— Por um filho, todo esforço vale a pena. — Aproximo-me para segurar sua mão em sinal de solidariedade, mas sou impedida na metade do caminho.

— No mínimo três metros de distância, Júlia. Está lembrada? A regra é sua, mas vale para os dois lados. — Ricardo segura o meu braço com tanta força que provavelmente o local ficará marcado depois. Idiota!

— Vou procurar as crianças, com licença. Foi um prazer te conhecer André, boa noite. — Solto-me do aperto do Ricardo e subo as escadas xingando-o mentalmente de todos os palavrões possíveis, alguns até inventei.

Encontro as crianças brincando com Adônis no quarto da Maria e ajudo os dois com o banho. Antes de ir embora, Gustavo se despede de mim com um abraço bem forte e um beijo no rosto. Já é tarde, minha filha está tão cansadinha do passeio que se joga desabando na cama, resolvo aproveitar o momento para contar uma história muito especial para ela antes de dormir, a qual, deveria ter contado desde que viemos morar nessa casa.

— Que tal ouvir uma história bem legal antes de dormir, filha? — Ajeito melhor seu cobertor, e me acomodo sentada ao seu lado na cama.

— Obaa! E sobre o que é a história?

— Sobre uma rainha muito corajosa chamada Andréia, ela perdeu a vida para salvar sua filhinha, a princesa Sofia. — Meus olhos se enchem de lágrimas, pisco várias vezes na tentativa de evitar que elas caiam, mas é em vão.

É um pouco difícil para mim falar sobre esse assunto. Contudo, ela tem que começar a conhecer tudo sobre a mãe biológica.

— Essa princesa Sofia é a mesma que o papai sempre fala?

— Sim, querida, seu pai ama muito ela e eu também.

— E onde essa princesa Sofia está, mamãe? — Coça a cabeça, confusa.

— Bem aqui, filha. — Toco a ponta do seu narizinho redondo bem de leve por duas vezes, ela sente cócegas e ri.

— Mas meu nome é Maria Lara, e minha mamãe é você, não a rainha

Andréia. — Enfia a cabeça debaixo do lençol, sabendo onde quero chegar.

— Eu sou sua mãe porque cuidei de você desde que era um bebezinho, mas a rainha Andréia também é porque você cresceu dentro da barriga dela. Te protegeu durante nove meses, e foi corajosa ao dar a vida dela para que você nascesse. — Ela fica em silêncio por alguns minutos, pensativa.

— Então, eu tenho dois nomes e duas mães? — Fica de boca aberta, depois sorri amplamente.

— Sim, querida, muito legal isso, né?

— Muito, mãe. Mas onde a rainha Andréia está? Quero conhecer ela — suspiro, agora vem a parte mais difícil.

— Ela está no céu agora, filha, tenho certeza que você ia amar conhecê-la. — Congelo ao ouvir a voz grossa do Ricardo ecoando atrás mim, ele e a sua mania estranha de aparecer assim, do nada. — A rainha Andréia era tão linda, muito parecida com você, gostaria de ver? — Minha pequena assente toda animada.

Ricardo pega a carteira no bolso e tira de dentro dela uma foto muito bonita da esposa sorrindo, sentada no chão com as pernas cruzadas debaixo do corpo e os braços abertos. De fato, era muito parecida com a Maria, até mesmo a posição das sardas no rosto. Os cabelos ruivos na mesma tonalidade, a boca rosada.

— Nossa, como ela é bonita, o cabelo dela parece com o meu. — Maria segura uma mecha do cabelo e aproxima da foto para comparar, depois fica passando o dedinho sobre o rosto da mãe.

— Sim, ela era linda, e eu a amava muito do mesmo modo que amo você, ruivinha.

Sinto uma certa dorzinha no peito, e é assim toda vez que o vejo declarar seu amor eterno pela esposa.

Ricardo abaixa ficando da altura da cama da filha, agora os dois admiram a foto da Andréia, juntos. Percebo que estou sobrando e me levanto devagar, os dois estão tão hipnotizados que não me veem sair. Às vezes, me sinto como um estepe, que serve só para tapar o buraco que o original deixou. E isso acaba comigo, literalmente. Sinto-me menosprezada, pouco menos que nada.

Peguei todas as minhas coisas do quarto do Ricardo e arrumei no meu do mesmo jeito que estava, só queria ficar sozinha, quietinha no meu canto até que essa dor chata em meu peito passasse. Tomei um banho demorado chorando

como uma idiota debaixo do chuveiro, tinha medo de que agora que a Maria Lara — talvez nem queira mais ser chamada desse nome — estava ouvindo maravilhas sobre a mãe biológica pela boca do pai, não me quisesse mais em sua vida e aos poucos fosse se afastando de mim cada vez mais e mais. Não sei se sobreviveria a isso, só de pensar morro um pouco.

Saio do banheiro enrolada em uma toalha e me enfio debaixo de uma pilha de cobertas, numa escuridão tremenda e sem ânimo até mesmo para me vestir. Não demora muito para ouvir a porta se abrindo, então o cheiro de colônia masculina amadeirada toma conta do quarto. Sinto um peso afundar a cama atrás de mim. Finjo estar dormindo. Ricardo se aninha a mim por trás puxando-me pela cintura e colando nossos corpos. Amo a sensação de proteção que sinto quando estamos juntos.

— Obrigado por existir, Júlia — sussurra ao pé do meu ouvido, quase em segredo.

Uno os lábios com força entre os dentes, e choro em silêncio deixando as lágrimas deslizarem pelo meu rosto como um rio. Sei que deveria fugir dele, mas não sei como, e nem quero.

Chorei até adormecer.

Acordei bem cedo para me arrumar e ir para o trabalho. Ricardo dormia serenamente, tomei banho e coloquei meu terninho básico. Prendi o cabelo em um coque alto, fiz uma maquiagem bem leve e coloquei sapatos pretos de salto. Saí pisando com cuidado para não o acordar. Passei no quarto da minha filha para dar um beijo nela. Ela começará a ir para a escola só na próxima semana e está animada com o colégio novo.

Passando pelo portão da frente da casa acabei dando bobeira e Adônis fugiu disparando para uma estrada que dava dentro de uma pequena mata no final do condomínio, mas que faz parte da residência do Ricardo. Tiro os saltos e saio correndo atrás do animal como uma louca, se esse cachorro sumir eu não me perdoarei nunca. Maria o ama, e eu, também. É tão mansinho e amoroso. Corro até perder o fôlego mata adentro. Suspiro aliviada ao encontrá-lo subindo em uma espécie de altar de madeira, sentado em frente a uma lapide de mármore. Há tulipas brancas enfeitando tudo em volta, assim como a bela foto da esposa do Ricardo atrás de uma proteção de vidro colada em um vaso cor de rosa onde acredito estar guardada suas cinzas. Mais abaixo tem uma plaquinha que diz:

“Andréia Souza Avilar, mãe da minha filha e a única mulher da minha vida.

”

Sinto minha cabeça rodando, acabo tropeçando e caio sentada ao lado do Adônis. Eu mal consigo respirar. A sensação que tenho é a de que tem alguém apertando meu pescoço. Por que não me contou sobre esse lugar? Expus toda minha vida, mas ele não fez o mesmo comigo. Estou sangrando por dentro, uma sensação ruim de estar tomando o lugar de outra pessoa me sucumbe pavorosamente. Meu estômago embrulha; a vista, turva. Não importa o quanto Ricardo goste de mim, a mulher que ele ama sempre será a Andréia. E por mais que me dedique a ser uma boa mãe, eu não sou a biológica. Não temos o mesmo sangue, nunca pensei que isso fosse me incomodar tanto quanto agora. Pensei que só o nosso amor seria o suficiente, mas, sinceramente, não tenho certeza de mais nada.

Capítulo 31



JÚLIA

Junto o resto de forças que ainda tenho, me levanto e puxo Adônis à força, pela coleira, de volta para casa, e o coloco para dentro trancando o portão. Ele queria ficar no santuário, sentado, olhando para foto de Andréia, mais um para o fã clube dela. É, realmente eu não tenho chance alguma. Se Ricardo fez aquele lugar para guardar suas cinzas é porque tem dificuldade de se libertar do que restou de sua forma física. Imagina então pelo amor que sente. Nunca haverá espaço para outro alguém.

Para mim.

Ele fez um altar lindo — acredito que com as próprias mãos — para a esposa. Sinto vontade de chorar como ontem à noite, e até um pouco de inveja. Tenho vergonha disso, mas é a pura verdade. Porém, não deixo nenhuma lágrima cair dessa vez, aguento firme e sigo para o trabalho. Meus dias de mulherzinha insegura acabaram.

Depois de pegar dois ônibus lotados, chego ao fórum às 8h em ponto. O tempo todo pensando na bagunça que se encontra a minha vida e, principalmente, em como vou arrumar tudo. Talvez o melhor seja ter outra conversa com Ricardo hoje à noite, talvez dar um tempo para ele pensar melhor se quer continuar preso ao passado ou criar um futuro ao meu lado.

A maioria das pessoas no fórum quando me veem chegar fazem bico ou ficam de cochichos pelas minhas costas nos corredores. Minha prisão, pelo visto, deve ter sido motivo de fofoca por um bom tempo. Ainda é.

— Bom dia, Júlia, bem-vinda ao trabalho — assusto assim que abro a porta e dou de cara com Marisa, minha companheira de trabalho, de braços abertos para me dar as boas-vindas. Dividimos a mesma sala e sempre nos demos mais que bem. — Até porque tem uma pilha de relatórios te esperando sobre a mesa, mãos à obra, amiga. — Nem o sorriso radiante dela consegue me animar um pouco, pelo menos terei muito trabalho para distrair meus pensamentos da descoberta que tive hoje.

Marisa já trabalha no fórum há mais de dez anos, sabe de tudo o que

acontece aqui dentro e fora também, sempre aparece com uma fofoca diferente da vida de alguém. Ela é uma mulher bonita, um pouco mais baixa do que eu. Loira do corpo largo, mas com curvas. Sempre muito elegante em um dos seus terninhos de três peças e não dispensa o uso de saltos.

— Então, não estava com saudade de mim, não é, sua danada? Mas sim do meu trabalho. — Dou um tapa na bunda dela tentando ser engraçada, mas meu olhar triste entrega o estado do meu coração nesse momento. — Mal posso esperar para começar a organizar esses relatórios, Marisa. Como diz o meu pai “mente vazia é oficina para o diabo”. — Ela faz o sinal da cruz e bate a mão na madeira da porta três vezes.

Sento à mesa rindo dela, coloco minha bolsa dentro da gaveta, como sempre faço, e puxo a pilha de relatórios para mais perto de mim. Dou uma rápida olhada ao meu redor pensando em como senti saudade do meu trabalho. Nossa sala é pequena, simples, mas bem arrumadinha. O armário de arquivo é organizado por ordem alfabética, os casos mais urgentes são marcados com fita vermelha; laranja para os não tão graves; e verde para os tranquilos. Eu e Marisa somos muito organizadas, amo trabalhar com ela.

— Menina, acredita que o Juiz Thompson não veio trabalhar de novo, dizem que a virose do homem piorou — comenta Marisa enquanto se equilibra nas pontas dos pés para pegar um documento da última prateleira. Estou vendo a hora em que a estante vai cair em cima dela a qualquer momento.

— Nossa! Tomara que ele melhore logo, acredita que foi pessoalmente me visitar quando fui presa injustamente?

— Sério, Júlia? — Ela fica perplexa.

— Sim, quase caí para trás quando o vi na delegacia.

— Eu quase desmaio toda vez que vejo esse homem gostoso no corredor, não existe homem mais bonito que o Juiz Thompson. — Reviro os olhos enquanto separo os relatórios, todas que conhecem o Juiz dizem a mesma coisa.

— Eu pensava isso até conhecer um certo Delegado da Polícia Civil, agora Juiz Thompson, se quiser, vai ter que se conformar com o segundo lugar — brinco, mas prestando a atenção no relatório que estou lendo.

— E onde está esse Delegado, mulher de Deus? — Corre até minha mesa, sentando sobre ela e cruzando as pernas.

— Aí você está querendo saber demais, sua rapariga. Conto o milagre, mas

não o nome do santo. — Nós duas gargalhamos, e muito.

Marisa é o tipo de pessoa que ninguém consegue ficar triste por muito tempo quando está ao seu lado, é a alegria em pessoa. Agora que separou do marido, tem um fogo no meio das pernas que não acaba nunca e uma felicidade sem fim, também o cara era um vagabundo que não valia nada e vivia às custas dela.

— Sem graça. — Desce da minha mesa e mostra a língua antes de ir para a dela trabalhar, ela rindo de lá, e eu, daqui.

Quando dá 9h em ponto, batem à porta. Como Marisa não se manifesta, levanto para atender. Trata-se de um entregador, o uniforme dele é todo vermelho com suspensório, muito engraçado, igual a roupa do Super Mario.

— A senhorita Júlia Helena da Silva se encontra? — Questiona olhando para uma prancheta, enquanto masca um chiclete irritantemente.

— Sou eu, por quê? — Arqueio a sobrancelha, desconfiada.

— Entrega para a senhorita, assine aqui.

— No nome de quem? — Pergunto enquanto assino.

— Não sei dizer, só faço as entregas.

— Pois deveria saber, rum — resmungo ao entregar a prancheta a ele, descontando a minha raiva no pobre rapaz.

— Vou buscar e já volto, só um instante.

— Ok. — Cruzo os braços sem paciência.

— Aqui está a encomenda, tenha um bom dia.

Perco a voz quando ele me entrega uma pelúcia enorme no formato de coração igual ao que deu para Carol no parque de diversões, só que maior e mais bonita, escrito na frente “*estou com saudade*”. Eu não sei se rio ou choro.

— Meu Deus, Júlia! Que gracinha, quem mandou para você? — O grito de Marisa ecoa pela sala, tão eufórica que parece que o presente é para ela.

— O homem mais lindo do mundo, e romântico também. — Sento em minha cadeira novamente abraçando o meu ursinho bem forte, nunca ganhei um presente tão lindo.

Volto a trabalhar rindo sozinha, nunca esperei essa atitude de Ricardo.

Como ele consegue ser assim? Irresistível. Apaixonante. Quando dá 10h, outro entregador bate à porta com outra pelúcia em formato de coração maior ainda, escrito na frente:

“Contando os minutos para te ver.”

Às 11h a história se repete:

“Meu coração é seu agora, cuide bem dele. ”

Às 12h:

“Está pensando em mim? Porque eu estou pensando em você. ”

Faltando cinco minutos para as 13h já espero o entregador em pé e com um sorriso do tamanho do mundo, pareço uma criança à espera do novo brinquedo. Mas o entregador não aparece. No lugar dele, Ricardo, pessoalmente, todo lindo em seu uniforme da Polícia Civil e o distintivo preso no cinto. Segurando um coração na mão escrito:

“Me beija? ”

Quando dou por mim, já estava voando em cima dele e o beijando na porta da minha sala mesmo. Todas as mulheres que passam devem estar invejando o meu homem. Porque Ricardo é meu, não quero nem saber. Não quero nenhum outro em minha vida, só ele. Sei que tem muitas lembranças boas do que viveu com a esposa, mas eu vou me encarregar de criar lembranças novas. Quanto ao santuário, vou esperar até que esteja confortável para me contar.

— Almoça comigo? — Pede fazendo charme, com um sorriso de canto de boca muito sexy enquanto alisa meu rosto de leve com as pontas dos dedos.

Seus lindos olhos azuis avaliam o meu rosto tão atentamente que penso que poderia me afogar dentro dessas duas lagoas de água cristalina, a barba bem ralinha começando a apontar com fios negros.

— Não sei se posso, tenho muito trabalho — respondo toda desconcertada com a sua presença inesperada, tentando segurar a vontade louca de beijá-lo mais uma vez.

— Pode ir, Júlia, eu seguro as pontas aqui até você voltar. A propósito, não precisa falar mais quem é o cara que tomou o primeiro lugar do Juiz Thompson na sua lista dos homens mais bonitos do mundo, acabei de descobrir. — Olho feio para Marisa que está me entregando para o Ricardo, assim, na cara dura.

Ela está literalmente babando em cima dele, parecendo que nunca tinha

visto um homem lindo com duas armas na cintura antes. Ele fica cheio de sorrisinho devido ao que acabou de ouvir, agora sim que vai ficar se achando.

Dou um tapa no seu ombro.

— Se é assim, eu vou, Marisa. Obrigada. — Pisco o olho em sua direção, ela sorri cheia de malícia tampando a boca com a mão.

— Aproveita o almoço, amiga, porque o prato principal está com uma cara ótima.

Essa mulher quer me matar de vergonha, só pode!

E ainda fica com cara de santa como quem não disse nada, essa Marisa é fogo na roupa. Balanço a cabeça rindo, mas paro ao sentir a mão do Ricardo nas minhas costas me puxando para perto dele e depositando um beijo no meu ombro.

—Tchau, Marisa, estamos indo.

— Não está esquecendo de nada? — Minha companheira de trabalho vai até a minha mesa correndo, pega minha bolsa na gaveta e me entrega. Tenho que rir quando fica fazendo sinal nas costas do Ricardo fingindo apertar a bunda durinha dele.

— Não vai querer o meu coração? Ele é todinho seu agora. — Eu mal consigo segurar o coração de pelúcia, minhas mãos tremem.

— Obrigada, Ricardo, eu amei todos. Muito mesmo, vou guardar e cuidar de cada um deles com muito carinho.

— Desse aqui também? — Segura minha mão e a coloca sobre o peito.

Meu Paizinho do céu, o que esse homem está fazendo comigo? Todo o meu corpo reage à sua presença, não adianta mais negar, estou completamente apaixonada pelo Delegado Ricardo Avilar.

— Principalmente dele, nunca vou deixar que nada, nem ninguém o machuque. — Minha respiração falha.

— Isso é uma promessa, Júlia?

— Sim, é uma promessa. — Ele sorri.

— Por que não olha no bolso que tem atrás do coração, tem uma coisinha aí para você.

Abro o bolso quando acabamos de entrar no carro, se não estivesse sentada teria caído de bunda no chão ao encontrar um Iphone X prata, juro que quase tenho uma pequena parada cardíaca.

— É lindo, Ricardo, mas eu não posso aceitar um presente desses. Muito obrigada, mas já está exagerando com os “agradinhos” não acha? — Arrumo-o do jeito que estava dentro da caixa e guardo o celular no porta-luvas.

— Não vai aceitar? — Nego com a cabeça enquanto coloco o cinto, dando de ombros. — Então vai ficar sem celular, porque o seu deve estar bem longe a uma hora dessas. — Paro o que estou fazendo e lanço os olhos sobre ele na intensidade de um raio, ele nem se abala com minha fúria.

— Longe aonde, Ricardo? — O meu tom revela que a briga vai ser das grandes.

— No lixão do outro lado da cidade, onde é o lugar dele, mas não se preocupe porque passei todos os aplicativos e contatos femininos, seu pai e o irmão para o novo. Aliás, quem é Jayzi? — Questiona o cínico com a maior cara de pau do mundo, como se eu fosse a errada na história.

Eu poderia explicar que Jaizy é apenas o moto táxi do Morro, que apesar de ser um cara muito legal, somos apenas amigos. Mas vou deixá-lo com uma pulga atrás da orelha, é bom para deixar de ser curioso.

— Só falta dizer que leu as minhas mensagens. — Em vez disso, prefiro confrontá-lo aos berros.

— Mas é claro que sim! Principalmente as que mandou para o seu advogadinho. Quando pretendia me contar que João Pedro é o seu professor na faculdade? — Ricardo joga baixo.

— Pensando bem, eu amei o celular, obrigada pelo presente. Agora vamos almoçar, estou morta de fome. — Ofereço a ele um sorriso amarelo, é o melhor que tenho no momento.

— Que bom que gostou do presente, amor. Minha mãe ajudou a escolher. E antes que eu esqueça de dizer, minha tia ligou agora pouco avisando que a minha família inteira e da Andréia virão de Florianópolis no sábado só para verem a Maria.

A cor some do meu rosto. Que bom que avisou, assim posso me esconder na casa do meu pai. Não estou pronta para enfrentar a família dele, muito menos a da falecida.

— Fico feliz sabendo que vai estar ao meu lado, Júlia, a mãe da Andréia é uma pessoa muito difícil às vezes. Primeiro, Vaiola me culpou pela morte da filha, pensa que não cuidei dela direito durante a gravidez, depois fez um inferno quando aconteceu o sequestro. — Ele desvia o olhar para a janela, ainda estamos estacionados, mas as mãos seguram o volante com força.

— Ei, não tem o que se preocupar, meu amor. Como você disse, eu vou estar ao seu lado sábado à noite. E se essa megera incomodar você, eu nem quero saber se é sua sogra, ela vai ter que se ver comigo e... — Ele encerra minha tagarelice com um beijo ardente, não posso fazer outra coisa além de levar a mão à sua nuca e corresponder na mesma intensidade.

— Obrigado por existir, Júlia. — Repete a mesma frase de ontem à noite, desta vez ciente de que estou acordada e com a minha testa colada na sua, ouvindo bem cada palavra.

Leva a mão ao meu cabelo e desfaz o coque, gosta deles soltos.

— Por onde você esteve esse tempo todo, Delegado? — A pergunta escorrega dos meus lábios, era para ter sido apenas um pensamento íntimo meu.

— Procurando não só pela minha filha, mas, também, por você. Desculpa por ter agido de forma errada quando te encontrei, por pouco não te perdi por agir como um cretino arrogante. — Sua boca roça na minha, bem de leve, seu cheiro preso nesse carro, está me enlouquecendo.

— Mas não perdeu, isso é o que importa. Teve seus motivos para isso, eu também não facilitei em nada. — Toco nossos lábios de forma casta, mas ele não aprofunda o beijo, querendo fazer esse momento íntimo durar mais.

— Eu amei muito a Andréia, quando gosto de alguém é para valer. — Fico tensa e tento me afastar, mas ele não permite segurando meu rosto com as duas mãos, me obrigando a continuar com a testa grudada na sua. — E eu estou gostando muito de você, Júlia, é muito cedo para dizer que é amor, mas é muito forte, me faz sentir radiante. Completo de um jeito como nunca fui antes. Promete que não vai desistir de mim mesmo quando a vontade for essa? Vamos tentar e tentar de novo. E quando as coisas ficarem feias, porque vão ficar, começaremos do zero. Mas nos separarmos nunca será uma opção.

Sinto um calafrio. Percebendo isso, Ricardo me abraça forte. Tenho a impressão de que está me avisando que algum furacão vem por aí, disposto a passar por cima de nós, de tudo. Teremos que ser fortes para permanecermos unidos, caso contrário, o estrago será grande.

— Se você não desistir de mim, prometo não desistir de você.

— Acordo fechado então, Marrenta. — A satisfação é evidente em seu rosto.

Selamos nossa promessa com um beijo lento e amoroso.



Os dias passaram voando, mal pisquei é já é sábado à noite. Ainda bem que só voltarei para a faculdade na segunda, por coincidência, as aulas da minha Maricota, também. Fui lá pessoalmente e deixei tudo certo, meus trabalhos estão em dia, daqui a dois meses se tudo estiver dentro dos conformes, estarei me formando. Mas não quero me preocupar com isso agora. Olho para o relógio sobre a cômoda e vejo que já se aproxima das 19h, a família do Ricardo e da mãe da Maria devem chegar a qualquer momento. Estou tão nervosa que faço minha maquiagem, algo bem discreto, com as mãos tremendo, escovo o cabelo e o deixo solto jogado para o lado. Escolho um vestido verde escuro de mangas compridas com o decote discreto, justo — não tanto — marcando minhas curvas com precisão indo até um pouco acima dos joelhos. Opto pelo salto mais alto e fino, caso a megera da sogra do Ricardo caçar briga comigo eu já estarei armada para dar na cara dela se for preciso.

— Você está linda, amor. — Ricardo chega por trás de mim e abraça minha cintura apoiando o queixo sobre meu ombro enquanto estou de pé diante do grande espelho da penteadeira que tem no meu quarto. — Vim buscar você e a Maria, o pessoal acabou de chegar. Onde ela está? — Congelo, mas mantenho a pose.

— Já chega de brincar de se esconder com Adônis, sai de dentro do guarda-roupa. Seu pai disse que o pessoal chegou.

André e seu filho, Gustavo, também foram convidados por serem muito amigos de Ricardo.

Só escuto o som da porta do guarda-roupa abrindo bruscamente, Maria sai de dentro dele com seu vestidinho branco comprido rodado igual ao de uma noivinha. Fiz uns cachos no seu cabelo com o dedo quando estavam úmidos, depois de secos ficaram ondulados, amarrei a metade e deixei o resto solto caindo sobre as costas como um manto cor de fogo. Caprichei mesmo, a família dele ficará encantada com minha Maricota.

— Posso chamar o Gustavo para brincar, papai? — Ela pula com um

canguru, estalando os dedinhos.

— Pode sim, filha, mas só depois do jantar. Tem uma avó, tia e vários primos querendo te conhecer — explica enquanto a pega no colo, pacientemente.

Descemos para a sala de mãos dadas, a outra segura firme a Maria em seu colo. Meu coração parece uma escola de samba a cada degrau que descemos, diferente do Ricardo que parece muito calmo em uma conversa divertida com a filha em seus braços.

— Boa noite, família e amigos, essa aqui é a Sofia. Mas gosta de ser chamada de Maria Lara, não é mesmo, filha? — Minha menininha linda assente com um sorriso tímido, agarrada no pescoço do pai, mas o tempo todo com os olhos em mim.

A sala está lotada, os únicos rostos conhecidos que vejo são o da Dona Célia, e o do André que está sentado no sofá com o filho no colo, com uma expressão tensa no rosto olhando para mim e o amigo. Há uma senhora loira com um vestido azul de braços dados com uma moça também loira, ambas com traços parecidos com os do Ricardo, acredito serem tia e prima dele. Elas sorriem em nossa direção com uma simpatia sincera.

Próximo a elas tem uma mulher estranha, em um vestido vermelho sangue, o cabelo da cor de fogo, olhos esverdeados, e mesmo com o rosto coberto de maquiagem — exagerada demais para sua idade — dá para perceber que tem sardas também. Pelas características físicas e o ódio em seus olhos ao fixar toda a sua atenção na mão do Ricardo segurando a minha, com certeza se trata da avó materna da Maria Lara.

— Quem é essa negra de mãos dadas com você, Ricardo? — Berra a tal senhora de cabelos vermelhos na altura do ombro. Um silêncio constrangedor toma conta do lugar.

Ela tem os punhos e a expressão fechada, fuzilando-me com o olhar. Em vez de o Ricardo soltar a minha mão, ele a aperta com mais segurança enlaçando meus dedos.

— Eu quero o colo da mamãe — Maria, assustada com o grito, ergue os bracinhos na minha direção. Não tenho outra alternativa a não ser pegá-la.

— E que história é essa de “mamãe”? Sofia, sua mãe é a minha filha Andréia. Alguém poderia por favor me explicar que palhaçada está acontecendo aqui? Tudo bem você querer recomeçar sua vida, Ricardo. Mas colocar outra

mulher no lugar de “mãe” da minha neta já é demais, ainda mais uma pessoa de cor — a sogra do Ricardo diz como se fosse a dona da razão. Todo mundo fica pasmo cochichando pelas costas dela.

Dona Célia chega a abrir a boca para falar, mas vê que a neta vai dizer algo, e então se cala.

— Eu sei que o nome da minha outra mãe é Andréia, ela cuidou de mim quando estava na barriga dela. Deu a vida para que eu nascesse, meu papai disse que pareço muito com ela, sabe? E que Sofia foi o nome que escolheu para mim quando nasci, mas aí me roubaram dele e eu vim parar nas mãos dessa mamãe aqui. — Segura meu rosto entre as mãozinhas, e eu sorrio para ela, orgulhosa. — Cuidou de mim até hoje, é boa para mim e me ama. Sou a única criança que conheço que tem duas mamães, isso não é legal? — Fico muito emocionada, ela havia entendido perfeitamente o que expliquei a ela em relação à mãe biológica.

— Que coisa mais linda da vovó Vaiola, lembra de mim, docinho? Acho que não, você era muito pequena quando o paspalho do seu pai deixou que essa gente roubasse você de nós. — A cobra contrai a mandíbula girando o pescoço em minha direção.

— O que é paspalho, mamãe? — O tom da Maria é confuso, muita informação para processar no mesmo momento.

— Nada que valha a pena saber, querida. Por que não chama o Gustavo para ir na cozinha ver com Solange se o jantar está pronto, filha?

Assim ela faz, os dois vão correndo em direção à cozinha de mãos dadas. Solange se ofereceu para dormir aqui hoje para ajudar no jantar, pedi para o Ricardo dar um bônus a ela duas vezes mais do que ganha por dia.

Assim que Ricardo percebe que irei falar, me puxa para perto dele me envolvendo em seu abraço. Preferindo não interferir por enquanto, sabe que eu darei conta do recado.

— Boa noite a todos, meu nome é Júlia. Nasci e cresci no Morro do Alemão, e tenho muito orgulho disso. Mas creio que todos aqui têm conhecimento sobre isso, não é mesmo, Vaiola? Já ouvi falar da senhora também, pelo visto, a recíproca é verdadeira... — A fito de cima a baixo com desdém, se essa megera sabe intimidar os outros, eu também sei.

Ela olha feio na direção do Ricardo, sabendo que ele me alertou sobre a sua grosseria nata. Então continuo, confiante, com a cabeça erguida.

— Tenho certeza que todo mundo aqui já sabe da minha história, que nesse tempo em que a filha do Ricardo esteve desaparecida, na verdade, ela estava comigo, sendo muito bem cuidada, por sinal. Eu poderia passar horas explicando a minha inocência, mas não sou obrigada a nada. As pessoas que são importantes para mim já sabem da minha verdade e acreditam nela, o resto, é só o resto. Sou pobre, mas sempre fui trabalhadeira. Tanto eu, como a sua neta, Vaiola, nunca precisamos de restos para viver. Se acha que vai me humilhar por conta da minha classe social ou da cor da minha pele, está enganada, mais uma gracinha ou indireta e eu a denuncio por racismo. Se veio aqui atrás de briga, saiba que não vai achar. Pelo menos não aqui, mas, sim, na justiça — digo tudo de uma vez só, e fico com receio de ter exagerado. Mas quando Ricardo e a mãe dele me olham confiantes, percebo que não.

— E eu, como promotor, homem negro e com muito orgulho da minha cor, darei todo apoio a você caso decida fazer a denúncia, Júlia, tem o prazo de seis meses para isso. O que ouvi até agora já é mais que o suficiente. Caso queira fazer, estou à disposição. Lugar de pessoas racistas é atrás das grades.

— Quem devia estar atrás das grades é essa bandida, que com certeza ganhou um dinheirão para participar do sequestro da minha neta e agora está abrindo as pernas para esse idiota para ver se consegue algo a mais. Quem lhe deu o direito de chamar a minha neta de filha? Eu vou na polícia ou no inferno se for preciso, mas perto da Sofia você não fica mais! — Quando estou prestes a responder à altura, Ricardo se adianta segurando o meu braço e pegando as rédeas da situação antes que eu voe no pescoço dessa megera.

— Eu dei à Júlia o direito de chamar a *minha filha* de sua! Para falar a verdade, ela é mais dela do que minha. Então acho bom você a respeitar, Vaiola. Ou nunca mais vai pisar dentro da minha casa novamente, muito menos colocar os olhos na sua neta e o recado serve para os demais presentes. — Meu queixo vai ao chão, essa garra dele toda em defender me deixa excitada. — Eu amei muito Andréia, mas infelizmente ela se foi. Fui fiel mesmo durante tantos anos após sua morte, mas agora conheci alguém com quem pretendo fazer dar certo. Não me meto na sua vida pessoal, espero a mesma conduta de sua parte. A única ligação que temos agora é a Maria, por ela estou disposto a te aturar por perto, mas não sou obrigado a fingir gostar de você, como fazia quando sua filha era viva. — A coloração da pele do Ricardo é de puro sangue, vermelho de raiva, a mandíbula travada e o olhar frio sobre ela como a geleira do Alasca.

— O nome da minha neta é Sofia! Pare de chamá-la de Maria Lara, além da coitada ter sido criada no meio de favelados, sujos e mal-educados, ainda

colocaram um nome de pobre na menina. Vai pagar caro por isso, Júlia, eu sei que Ricardo tirou a denúncia de sequestro contra você, só por isso que não está atrás das grades. Isso foi ilegal, segundo o meu advogado, depois que a denúncia vai para o ministério público, foge do controle de quem deu a queixa. A não ser que meu genro tenha um cúmplice trabalhando lá dentro que fez o trabalho sujo de sumir com a papelada do caso, não é mesmo, promotor André? — A cobra balança o chocalho novamente, ameaçando claramente a mim, Ricardo e André. Pelo jeito que os dois se entreolham, têm culpa no cartório.

Meu Deus! Por que esses dois se arriscaram tanto para me ajudar? Isso é muito sério, quando Ricardo disse que tirou a denúncia não parei para pensar no enorme problema que isso traria para ele.

— É incrível como você tem a capacidade de estragar tudo por onde passa, Vaiola. Quando tínhamos sua presença nos eventos de família, sempre terminava com alguém gritando ou chorando por sua causa, posso sentir sua energia negativa daqui. Se veio à casa do meu filho para ofendê-lo e à sua namorada, pode sair pela mesma porta que entrou. Se eu, que sou mãe, aprovo o relacionamento dele com a Júlia, quem você pensa que é para dar palpites? Gostava muito da Andréia, mas ela não está mais entre nós e que Deus a tenha no céu. Todos nós merecemos uma segunda chance de sermos felizes. — Nunca vi Dona Célia tão nervosa, ela olha para a mesinha de centro como se fosse pegar um dos enfeites sobre ela e jogar na cabeça da “Vacaiola” a qualquer momento. A megera continua de nariz empinado, como se fosse a dona do mundo.

— Estou indo embora sim, me recuso a ficar no mesmo ambiente que essa pobre coitada que pensa que pode tomar o lugar da minha filha. Ela era linda, elegante, rica e branca. Ricardo pode ser um idiota, mas sempre amou Andréia mais do que qualquer coisa no mundo. Mesmo estando morta, não tem nenhuma chance contra ela, não passa de uma negra favelada. Uma bocetinha fácil para ele comer quando quer e uma babá para a menina. Um dia vai acordar e cansar dessa brincadeira de casinha e você vai rodar rapidinho. Paixão acaba, amor verdadeiro, não. — As palavras dela acertam o meu rosto como um perfeito soco de direita, Ricardo, tomado pelo ódio, a expulsa na mesma hora.

— Já chega, Vaiola, vá embora da minha casa, agora! — Ricardo aponta a direção da porta, furioso.

— Eu vou, mas em breve terão notícias minhas. Vou provar tudo de errado que está acontecendo aqui, e não vou parar até conseguir a guarda da minha neta.

— E assim ela vai embora, endiabrada, deixando um ar tão pesado para trás que é possível cortar em fatias e servir no jantar. Se é que alguém ainda está com apetite, porque o meu já foi embora há muito tempo.

Agora, mais que nunca, eu tenho que ir atrás desse tal do tal de Carlos Henrique, mais conhecido como “Noia” e ex-namorado da minha prima. Corro para o meu quarto e me tranco no banheiro decidida a mandar uma mensagem rápida para a única pessoa que pode me ajudar nesse momento. Lembro de uma vez em que a Dani conheceu um cara em uma festa e nunca mais o viu, e a Yudiana disse que se ela quisesse, conhecia alguém capaz de encontrar qualquer pessoa no mundo.

Essa é a minha única chance, tenho que encontrar provas da minha inocência, seja lá o que a megera da Vaiola esteja planejando contra nós, tenho que estar preparada. Não posso deixar que Ricardo e André se prejudiquem pelo que fizeram de ilegal para limpar o meu nome, nem que para isso eu os obrigue a reabrir o meu caso.

Quando termino de escrever, envio a mensagem com os dedos cruzados.

“Amiga, preciso de ajuda para encontrar alguém, será que aquele cara que você disse que conhecia pode me ajudar?”

Yudi responde logo em seguida enchendo meu coração de esperança, enfim, uma luz no final do túnel.

“Claro que pode, Ju, o cara é fera! Me manda o nome da pessoa, assim que ele descobrir alguma coisa, te dou um retorno. Te amo.”

Fecho os olhos, implorando a Deus para que tudo dê certo.

“Também te amo, minha índia, obrigada pela ajuda.”

Ao finalizar a conversa, levo o celular sobre o peito segurando-o firme. Quando penso que as coisas estão entrando nos eixos, aí que desandam de vez.

Capítulo 32



RICARDO

— Desculpe a todos pelo pequeno show da Vaiola, mas, sinceramente, estou feliz que tenha ido embora, o ar ficou até mais limpo. — Sou sincero e pela expressão de alívio dos convidados, o sentimento é unânime.

Entre os presentes estão meus tios, primos e alguns amigos mais próximos. Do lado da família da minha esposa, apenas Vaiola se deu ao trabalho de aparecer já intencionada a estragar tudo. E mais uma vez a bruxa da minha ex-sogra aprontou uma das suas grosserias, não mudou nem depois da morte da filha, na verdade, pelo jeito piorou em uma porcentagem consideravelmente grande. Sempre me culpou pela morte de Andréia, disse que eu deveria tê-la levado para fazer um check-up geral antes de engravidá-la. Sendo que o médico cansou de falar que ela não havia apresentado quadro de pressão alta durante a gravidez, a eclampsia durante o parto pegou toda a equipe médica de surpresa.

Mesmo assim, Vaiola colocou a culpa toda em cima de mim e envenenou toda sua família, seu maior dom é envenenar as pessoas. Quando a neta foi sequestrada então, essa mulher fez da minha vida um inferno indo na delegacia todos os dias berrando acusações contra Deus e o mundo, chegando uma vez a vir para cima de mim querendo me agredir. Naquela época, estava meio desorientado devido à bagunça que estava minha vida e acabei deixando passar suas maldades, mas hoje, se acha que vai se intrometer na minha vida e colocar as mãos na minha filha para criá-la à moda dela, como uma bonequinha de luxo igual tentou fazer com Andréia e nunca conseguiu, está muito enganada.

Minha esposa sempre foi uma garota simples, não se deixou levar pela personalidade da mãe.

— Para mim, ela já foi tarde, agora sim vou poder conhecer minha sobrinha direito. — Tia Cida me abraça soltando uma gargalhada gostosa, e o resto dos convidados vieram atrás.

Ela é irmã da minha mãe, se parece muito com ela, principalmente a língua solta e o fato de me amar muito.

— Nunca gostei dessa velha chata mesmo, primo, por mim, nem precisava

ter convidado. — Minha prima, Taize, vem participar do nosso abraço, eu as amo como uma mãe e uma irmã mais nova.

— Onde está minha mãe, papai? — Olho para baixo e vejo dois olhinhos azuis me fitando, ela puxa minha calça tremendo os lábios dramaticamente.

— Que coisinha mais linda, gente, vem no colo da tia Cida — diz e a pega no colo.

Conto 1... 2... 3 e a choradeira começa, acompanhada de gritos finos e lágrimas sem fim, o rosto da Maria fica avermelhado.

— Eu quero a minha mãe! — Esperneia no colo da tia Cida que, de imediato, me entrega a sobrinha-neta às pressas.

Mesmo assim, Maria continua gritando e esperneando no meu colo chamando pela mãe com clemência. Acho que está assustada no meio de tanta gente estranha, ainda mais por ser o centro das atenções.

— Calma, filha, a mamãe está aqui. — Viro para o lado onde achei que Júlia estaria e não a encontro, em uma pequena vistoria visual percebo que em nenhum outro lugar da sala.

— Eu a vi subindo, filho, deve estar no quarto dela — minha mãe se adianta ao perceber a preocupação em meu rosto.

E continua fazendo o que sabe fazer de melhor, sendo amorosa e gentil cumprimentando os convidados, agora que o capeta foi embora, está todo mundo conversando e rindo animadamente. Subo as escadas feito um tiro com minha filha no colo indo atrás da Júlia. Porra! Será ela levou a sério todas as merdas que Vaiola disse? Pensei que tinha ficado feliz de a cobra ter ido embora, não é do seu feitio se esconder no quarto para chorar, mas enfrentar as dificuldades de cabeça erguida.

Pelo jeito, estou enganado. Chego à essa conclusão assim que bato na porta do seu quarto e Júlia abre apenas uma fresta com os olhos vermelhos como se tivesse chorado recentemente.

— Desculpa, mas a Maria não para de chorar querendo você — digo em um tom calculado, apaziguador.

Não sei em qual grau ela está magoada com tudo o que aconteceu. No entanto, é só falar na filha que ela abre a porta num rompante. A pequena, quando vê a mãe, aumenta o volume do choro em nível máximo erguendo os bracinhos em sua direção.

— Eu que... ro seu colo, ma.... mãe — fala entre soluços, chorando tanto que mal consegue falar.

— Vem aqui, filha, não precisa chorar mais. — Pega a ruivinha e caminha com o corpo tenso até a cama, e senta com ela deitada em seu colo a ninando como se ainda fosse um bebê.

Tem o olhar perdido. Sou grosseiro ao entrar bruscamente no quarto sem ser convidando e sento ao lado das duas passando meu braço em volta do corpo da Júlia, rezando para que ela sinta com meu toque o quanto é importante para mim. Única. Com a mão livre afago os cabelos da Maria que estão espalhados sobre o braço da mãe. O choro cessou e pisca cada vez mais sonolenta.

— Você está zangada comigo, Marrenta? — Deposito um beijo na ponta do seu ombro e ela se encolhe toda como se o meu gesto de carinho tivesse a ferido profundamente.

— Não estou zangada, você não teve culpa do que aconteceu lá embaixo — sussurra, seca, mas dói em mim como se tivesse gritado.

— Então por que está me tratando como se eu tivesse? Não quer nem que eu te toque, não olhou para mim desde que entrei no quarto. — Minha boca fica seca, com medo de que ela desista de tudo.

De nós.

— Você ainda ama muito a sua esposa, não é? — Me encara, deprimente, sua vontade de desistir está por um fio, só esperando que a minha resposta seja o golpe final.

Observo nossa filha piscar os olhos duas vezes lentamente, depois dorme soluçando bem de leve como se fosse voltar a chorar a qualquer momento.

— Se você acha que vou dar o que precisa para desistir de mim de vez e sair por aquela porta para nunca mais voltar, está muito enganada — declaro à queima-roupa, pegando-a no susto. — Pensei que não fosse o tipo que foge de uma boa briga, se esconder no quarto toda vez que alguém do meu mundo te afrontar, não vai resolver nada. Além da Vaiola, sempre haverá outras pessoas dentro e fora da minha família que ficarão contra nós. Tem que começar a se impor como dona da casa. Minha dona. — Quero beijá-la, mas não sei qual seria sua reação, então resolvo reprimir o meu desejo e esperar que a iniciativa seja por conta da Júlia.

Quando se trata da Marrenta do Morro do Alemão, é a mesma coisa que

estar pisando em um campo minado prestes a explodir sob mim.

— Estou com medo de me machucar novamente, Ricardo. Somos de mundos tão diferentes. — Balança a cabeça com o semblante cansado, como um soldado ferido em meio a uma guerra, caído no chão desprovido de forças e esperança para continuar lutando. Motivos.

Ela está desistindo de mim.

— Eu estou disposto a lutar, Júlia, deixar que esse amor que está nascendo entre nós, floresça. Pensei que você também estivesse, mas agora não tenho mais certeza. Está desistindo de mim na primeira dificuldade que aparece. Se quer acabar com tudo agora, tudo bem, vá em frente. Respeito sua decisão. Não vou ficar atrás de você me humilhando, e de agora em diante a única ligação entre nós voltará a ser apenas a nossa filha. Se tem uma coisa que sei melhor do que ninguém é sobreviver a perda de pessoas importantes na minha vida. Dói muito, mas com o tempo a gente se acostuma com a dor, a viver sozinho — dizer isso está sendo muito difícil, mas Júlia tem que decidir o que quer. Seja qual for a sua escolha, não menti quando disse que a respeitarei, mesmo com o coração sangrando nunca mais encostarei um dedo nela.

— Ricardo, eu... — Não permito que termine e cubro seus lábios com os dedos.

— Não, Júlia, essa conversa termina aqui. Eu vou pegar a nossa filha do seu colo agora e sairei por aquela porta com ela em meus braços, esperançoso que você venha atrás de nós e enfrente aquele monte de pessoas lá embaixo ao meu lado, onde é o seu lugar. E de cabeça erguida e o nariz empinado, o mesmo que tinha quando te conheci. Com o tempo, vou te apresentando ao meu mundo, e você me apresentando ao seu. E se não conseguirmos nos adaptar, criaremos nosso próprio mundo. — Respiro fundo enquanto pego Maria de seu colo dormindo feito um anjinho, alheia à toda essa energia pesada ao seu redor.

Fico diante de Júlia segurando nossa filha em meus braços, os cabelos longos voando devido ao vento que entra pela janela aberta. Olho apenas para seu rostinho cheio de sardas quando volto a falar, agora vem a parte mais dolorosa e não tenho coragem de olhar para Júlia.

— Mas se você não vier atrás de nós, vou entender como uma desistência da sua parte. Que fique bem claro que não voltarei atrás na minha palavra dessa vez, pense bem na decisão que vai tomar, porque será definitiva, e a próxima vez que nos virmos a tratarei com a mesma indiferença que me tratou quando pisei

dentro desse quarto — concluo e saio pela porta andando a passos de tartaruga para dar a ela mais tempo para pensar.

Estou apavorado, mas sei que agi certo.

— Tudo bem, filha, sua mãe não vai desistir de nós, eu tenho certeza. — Beijo a testa da minha ruivinha adormecida quando piso no primeiro degrau da escada. E a cada um que desço, meu coração aperta dentro do peito.

Quando meu pé toca o último, ele para de bater, voltando a ser a pedra de gelo que foi durante os últimos anos. Junto-me aos convidados na sala de estar com um sorriso falso no rosto, mas devastado por dentro. Por mim, mandava todo mundo embora, não tenho mais humor para nada. As pessoas falam comigo, mas não consigo entender, minha cabeça está em Júlia. Por conta da conversa alta do pessoal, Maria acaba acordando e, para minha surpresa, sorrindo, dessa vez. Que milagre, louvado seja o Senhor por isso.

Forço um sorriso, não quero que perceba toda a minha tristeza.

— Oi, mamãe. — Congelo ao sentir os dedos da Júlia enlaçando os meus em movimentos leves e delicados como se estivesse se desculpando pela demora.

— Oi, filha. — Faz carinho em seu rosto.

Permaneço imóvel e deixo as rédeas em suas mãos, querendo saber se está mesmo certa da decisão que tomou. Então ela se apoia no meu braço, fica na ponta dos pés e cola os lábios em minha orelha, me causando um arrepio por todo o corpo.

— O primeiro lugar do meu mundo que vou te apresentar vai ser um baile funk. Espero que saiba dançar, Delegado. — Gargalho virando o rosto para roubar um beijo, meu coração se aquece novamente.

Ela vem se tornando o ar que eu respiro e, nesse momento, olhando para o seu sorriso estonteante, estou completamente sem fôlego.

— Não se preocupe, gata. Eu me viro. — Agora é a vez de ela gargalhar, depois fica séria de uma hora para outra. Como diz a música do Raimundos:



“Meu filho, aguenta

Quem mandou você gostar

Desta mulher de fases.

Complicada e perfeitinha

Você me apareceu

Era tudo que eu queria,

Estrela da sorte...”



— Eu não vou desistir de você, Ricardo. — Promete.

— E nem eu de você, Marrenta. — Sai mais como um juramento, para a vida toda.

Ferrado é pouco para definir minha situação.

— Eu estou com fome, papai. — A voz da baixinha sai misturada com um bocejo longo, esfregando o olho com vontade de dormir mais.

— Então vamos chamar os convidados para comer? Porque eu também estou morrendo de fome, Maricota. — Júlia faz cócegas na pequena até contorcer o corpo de tanto rir, mandando todo seu sono embora, de vez. A tira do meu colo e a coloca no chão, ajeitando seu vestido e o cabelo.

Cruzo os braços observando por alguns segundos, mãe e filha.

— Venha, amor, vou apresentar você e a nossa filha para algumas pessoas do meu mundo e que a partir de agora farão parte do de vocês.

Seguro sua mão e a da ruivinha apresentando-as brevemente, um a um, da forma correta que deveria ter sido desde o começo. Em pouco tempo, as duas já haviam ganhado a simpatia de todos, tanto eu quanto a minha mãe quase explodimos de tanto orgulho. Elas eram assim mesmo, tinham o brilho das estrelas iluminando tudo e todos por onde passavam. Não era difícil gostar das duas, bastava um minuto ao lado delas e acontecia naturalmente.

No caso da Júlia, quem não for esperto, acaba perdidamente apaixonado por ela, assim como no meu caso. Fui conquistado pela sua marra, o sorriso fácil. Pelo amor incondicional pela minha família, por não ter ido embora mesmo tendo todos os motivos para ir. Mas, principalmente, pelos seus defeitos e traumas do passado, que fizeram dela a mulher corajosa que é hoje. Forte,

decidida e sabe exatamente o que quer.



O jantar transcorreu na mais perfeita paz e harmonia, minha mãe e a tia Cida me envergonhando o tempo todo na frente de todo mundo contando minhas artes de quando pequeno. Meu amigo André fazendo todo mundo morrer de rir com suas palhaçadas, parecia mais criança do que o próprio filho. Eu não soltei a mão da Júlia nem um segundo sobre o meu colo debaixo da mesa, nossa conversa íntima era através de olhares.

Os convidados foram embora só às 2h da manhã, completamente apaixonados pela doçura da minha pequena. Maria e Júlia dormiram comigo na minha cama, exaustas. Eu mal consegui pregar os olhos, tenho algo importante para resolver. Levantei junto com sol, vesti minha roupa de corrida e saí silenciosamente para fazer uma visita ao santuário que fiz para Andréia, precisávamos ter uma conversa séria. Não adiantava mais adiar esse momento, precisava contar sobre os sentimentos novos que estão aflorando em mim cada vez mais intensos. Precisava fazer isso ou não conseguiria tentar seguir em frente com a nova família que estava formando. Em vez de correr, como sempre faço, fiz o trajeto caminhando olhando para o sol recém-nascido brilhando entre as nuvens, pensando em como minha vida mudou em tão pouco tempo.

Antes eu era um homem sozinho, quase sem esperanças de encontrar minha filha. Em umas das artimanhas do destino, acabei achando muito mais do que estava procurando, mais do que poderia desejar depois de ter os sorrisos quebrados pela vida. Pensei que nunca mais seria feliz plenamente como estou sendo hoje. Mas confesso que ainda me sinto muito ligado ao passado, ao que sinto por Andréia. Porque mesmo completamente apaixonado pela Júlia, o amor que sinto pela minha esposa ainda continua vivo dentro de mim.

Será que é possível amar duas mulheres de formas diferentes? Uma era calma, e a outra é um furacão. Dois jeitos diferentes de ser, que me encantaram na mesma proporção. É, eu sou um cara de muita sorte por conta disso, privilegiado, diria.

Chego ao santuário pela primeira vez com o coração sem nenhum vestígio de dor. Estou em paz, leve como uma pluma. Em sinal de respeito, tiro meus sapatos, como de costume. Aproximo-me do altar dando um beijo no vidro sobre a foto de Andréia.

— Oi, amor, desculpe a demora. Esses últimos dias têm sido corridos, e eu

preciso te contar uma coisa. — Fico de joelhos em frente ao altar, abaixando o olhar e prossigo constrangido. — Conheci alguém, e acho que estou apaixonado por ela. — Fecho os olhos com força, embalado pela culpa por ter dito isso, como se Andréia estivesse de fato na minha frente e eu estivesse contando para ela que gosto de outra mulher.

A sensação de a estar traindo ainda tem um peso esmagador sobre mim, mas estou envolvido demais com a Júlia para sequer pensar na possibilidade de ficar longe dela um minuto que seja.

— Não queria trair você, amor, eu juro — uma lágrima solitária escapa dos meus olhos, não dá para segurar a emoção. — Quando dei por mim, já estava apaixonado pela Júlia, tudo aconteceu tão rápido que não tenho nenhuma explicação lógica para te dar. Apenas aconteceu. Poderia usar a desculpa de que se pudesse evitar a entrada dela no meu coração, teria evitado. Mas seria mentira, e você sabe que nunca menti para você e não pretendo começar agora.

Fico em silêncio por um tempo, apenas olhando para a foto de Andréia.

“Acho que você gostaria dela, amor. Ela é marrenta e me põe na linha, nunca levantei o dedo para você, mas, às vezes, a vontade de torcer o pescoço da Júlia é quase incontrollável. Sabe me irritar melhor que ninguém, me desafia e não abaixa a guarda nunca. — Balanço a cabeça rindo, meu rosto molhado por conta das lágrimas. — Mas a maior qualidade dela é amar nossa filha incondicionalmente, mais do que qualquer coisa. É uma mãe maravilhosa, tão boa quanto você seria, isso posso garantir.”

Me calo por um bom tempo, apenas sentindo como é bom o estado de calma que esse momento me traz.

“Quero que saiba que nunca vou deixar nossa filha se esquecer de você, amor. Ela vai crescer sabendo o quanto foi amada durante o pouco tempo que ficaram juntas, quando ainda era apenas um bebezinho na sua barriga.”

Os raios do sol da manhã batem no vidro da lápide formando uma espécie de arco-íris bem em cima da foto de Andréia, não sei por que, mas me faz sorrir.

Me ponho de pé batendo a poeira dos joelhos. Por ora, nossa conversa terminou. Ainda não estou pronto para dizer adeus definitivamente.

Talvez nunca estarei completamente.

— Até breve, Andréia, eu te amo. — Limpo o resto dos vestígios de lágrimas que têm no meu rosto, minha esposa não gostava de me ver triste. Por

isso tenho certeza que está feliz por eu ter encontrado alguém.

Calço os tênis e faço o caminho de volta, correndo, enfio a mão no bolso da minha blusa de moletom cinza e coloco meu MP3 para tocar no volume mais alto. Assim que chego a casa, tomo um banho apressado, visto a primeira calça que acho pela frente e me enfio debaixo do edredom junto com minhas garotas, ainda está cedo e, pelo horário que foram dormir ontem, acredito que só acordarão mais tarde.

Não demorei a adormecer, acordei só à tarde ouvindo gritos e risadas animadas vindas do jardim.

Levanto com muita preguiça soltando um bocejo longo, me arrasto até a janela apoiando no parapeito e sorrindo ao ver minha mãezinha, Júlia, Maria Lara e Adônis correndo pelo jardim brincando de pega-pega. Apresso-me em me vestir adequadamente para o dia magnífico que me aguarda, escolho algo confortável, uma bermuda jeans e camisa preta de mangas curtas. Calço meus chinelos e corro para me juntar às mulheres da minha vida brincando no jardim, não posso esquecer do meu fiel Adônis.

Passamos uma tarde de domingo muito divertida em família. Nossa família. Brincamos de tudo que a Maria pediu, fizemos de tudo para agradá-la. Júlia parecia mais relaxada, sorria o tempo todo e os poucos minutos que ficávamos sozinhos era extremamente carinhosa comigo. Cheia de beijos doces e carícias inesperadas. Fez questão de ajudar minha mãe com o jantar, escolhendo fazer lasanha para me agradar.

Aproveito que estou sozinho com a ruivinha, brincando de montar quebra-cabeça sentados sobre o tapete da sala, para ter uma conversa séria com ela, de pai para filha.

— Filha, o papai precisa ter uma conversa com você. — Afasto o tabuleiro e a pego no colo colocando-a sentada sobre minhas pernas.

— Sobre o que, papai?

— A mamãe.

— O que tem a mamãe? — Pergunta em tom elevado com as pupilas dilatadas, coçando a cabeça demonstrando inquietude.

— O papai queria que soubesse que eu gosto muito dela, mas uma vez você disse que não dividiria ela com ninguém. Por isso quero perguntar se posso pedir a mamãe em namoro? — Ela faz uma careta engraçada, não fazendo a mínima

ideia do que estou dizendo.

— O que é namorar? — Apoia os cotovelos sobre as perninhas segurando as bochechas com mãos abertas uma de cada lado, inclinando o corpo para me encarar melhor nos olhos enquanto espera minha resposta.

Me colocando em uma bela saia justa.

— Namorar é amar e cuidar da pessoa que você ama — explicou da melhor forma que consigo.

— O Gustavo cuida de mim e disse que ama brincar comigo, então nós dois estamos namorando?

— Não! — Grito, ofegante levando a mão sobre o peito.

Quase tendo um infarto aos 34 anos de idade.

— Crianças não namoram, filha, você então, só no dia de São Nunca. Gustavo é filho do seu padrinho, são quase irmãos. — Passo a mão no pescoço, suando frio, nunca imaginei que teria essa conversa com minha menininha tão cedo.

— E quando vai ser dia de São Nunca, papai, já está chegando?

— Graças a Deus, não — suspiro aliviado.

— Ah, que pena, queria tanto namorar também — reclama, decepcionada.

Meu queixo cai com o que ela diz, chega a me dar agonia, folgo a gola da minha camisa totalmente desprovido de ar.

— Vamos voltar ao assunto principal, filha. Então, você deixa ou não o papai namorar a mamãe? — Arqueio uma sobrancelha, mudando o foco do assunto, ligeiramente.

— Promete amar a mamãe e cuidar dela para sempre?

— Eu prometo amar e cuidar da sua mãe bem guardada dentro do meu coração como a joia valiosa que ela é para mim, filha. — Sorrio abobalhado, sempre faço isso sem perceber quando penso na Júlia.

— De mim e dos meus irmãozinhos também? — Tenta me imitar arqueando a sobrancelha, como não sabe fazer direito, fica um pouco torta, mas está valendo.

Tento não rir, mas é em vão.

— Sim, cuidarei da mamãe, de você e de todos os irmãozinhos que vierem.
— A ideia de ter mais filhos me alegra muito, ainda mais com a Júlia, seria uma mistura linda.

Nada me deixaria mais feliz do que ver essa casa cheia de marrentinhos correndo para todo lado e fazendo bagunça, chego a rir sozinho imaginando esse dia. Mas, para isso, o meu relacionamento com a Júlia tem que estar maduro e solido.

— Jura, juradinho, papai? — Balança a cabeça várias vezes para cima e para baixo como se estivesse me dando um aviso de alerta, ao mesmo tempo em que levanta o dedo mindinho.

Essa é desconfiada igual a Júlia, sem tirar, nem pôr.

— Juro, juradinho, filha. — Entrelaço meu dedo mindinho com o dela.

— Então eu deixo o senhor namorar a mamãe. — Abre os braços e pula em cima de mim abraçando meu pescoço, não há mais indiferença entres nós, é como se nunca tivessem nos separado.

— Obrigado pela confiança de dividir sua mãe comigo, princesa.

— Eu te amo, papai — diz bem baixinho apertando mais os bracinhos em volta do meu pescoço, envergonhada em expressar seus sentimentos.

A emoção é tão forte que penso que vou explodir. É a primeira vez que a minha filha diz que me ama, fazendo de hoje o dia mais feliz da minha vida.

— Eu também te amo muito, filha. — As palavras saem bem do fundo do meu coração, com todo amor que existe em mim.

— Olá, meus amores, o jantar está na mesa. — Júlia aparece iluminando a sala com seu sorriso, e o vestido dourado que traja ilumina sua pele negra me lembra o quanto é valiosa para mim.

— Vou lavar minhas mãozinhas, mamãe.

— Boa menina. — Júlia roda nossa menina no ar, a coloca de volta no chão e ela sai correndo em direção à cozinha.

Paro para pensar que acabei de passar um dobrado para pedir a mão da Júlia para a ruivinha, agora só falta pedir ao seu pai. Essa vai ser a parte que me dará trabalho de verdade. Afinal, se trata de um negão de dois metros de altura igual a um armário e que não gosta nem um pouco de mim porque mandei prender sua filha, a mesma que quero pedir permissão para namorar e ando dormindo na

mesma cama pelas suas costas, e de quebra tirei dele a neta que tanto ama.

— Traduzindo, eu sou um homem morto — penso alto.

Júlia para na minha frente me fitando meio perdida devido ao meu devaneio.

— Por que você é um homem morto?

— Estou pensando no dia em que vou pedir sua mão em namoro para o seu pai, acabei de pedir para nossa filha e ela concedeu, agora só falta o sogrão. — Levanto sem pressa e ela não perde a oportunidade de me abraçar.

— Engraçado, você pede todo mundo para namorar comigo, menos a mim. — Leva as mãos à cintura fingindo estar brava, exagerando na dose de drama.

— Acontece que para você precisa ser muito especial, não se preocupe porque já estou pensando em algo. — Não aguenta segurar a encenação e gargalha animada.

— Se é assim tudo bem, eu espero. — Segura meu queixo com as pontas dos dedos, pareando nossos olhares. — Agora, quanto ao meu pai, se eu fosse você, iria com um colete à prova de balas, mas creio que não vai adiantar muito. Caso precise do número de alguma funerária bacana, posso arranjar algumas com um precinho bom comprando antecipado — a bandida está se divertindo às custas da minha desgraça. Filha da mãe!

— Ah é mesmo, Marrenta? Vou te mostrar o descontinho bacana. — A ergo do chão e a jogo nas costas como um saco de batatas, a carrego até a cozinha desse jeito, minha mãe e a Maria acham a maior graça.

Quando a coloco no chão ela não está brava e ri espalhafatosamente quase sem fôlego. Recosto no armário enfiando as mãos nos bolsos, e fico encantado olhando a cozinha vibrando pela sinfonia das risadas das três mulheres da minha vida. Cada uma com seu charme diferente, suas peculiaridades.

As três me fazendo feliz pelo simples fato de existirem.

Depois do jantar e da cozinha toda arrumada, já havia anoitecido quando subi para o meu quarto depois de pedir para Dona Célia esperar meia hora para exigir que sua nora me encontrasse. Contei do meu plano e ela, como gosta de uma traquinagem, aceitou com um sorrisinho travesso no rosto, pronta para ver o circo pegar fogo.

Como previ, Júlia já chega no quarto com as garras para fora.

— Nem me venha com gracinhas, Ricardo, não tem vergonha de mandar recado pela sua mãe para me fazer vir ao seu quarto, para sei muito bem o quê? — Se zanga ainda mais ao me ver de banho tomado com apenas uma toalha enrolada na cintura e caprichando na cara de pervertido.

Ando até ela a passos largos e tasco um beijo daqueles de perder todos os sentidos.

— Pare, Ricardo! Eu não vou dar o que você quer, não quero que sua mãe pense mal de mim. — Gesticula nervosa quase sem ar devido aos beijos que distribuo no seu pescoço descendo até a clavícula, minhas mãos parecem multiplicadas alisando cada curva acentuada do corpo farto que essa diaba tem de sobra.

— Se não queria que ela pensasse mal de você, por que veio, Marrenta? — Semicerro os olhos.

— Não sei, mas já estou indo. — Dá meia volta, mas sou mais rápido e tranco a porta para que não fuja.

Seus olhos ameaçadores pousam sobre o conjunto de roupa nova que escolhi para vestir, arrumado sobre a cama. Calça jeans, camisa azul escuro e jaqueta preta, tudo de marca famosa e de muito bom gosto.

— Onde vai? — Indaga.

— Dar umas voltas, beber um pouco — respondo e ela rosna mostrando os caninos.

— Com quem? — Manda à queima-roupa cravando as unhas no meu peito, defendendo o que é seu.

Ciumenta!

— Com uma garota aí, já faz um tempo que queria chamá-la para sair. Te chamei aqui para saber se está tudo bem para você, Marrenta. Prometo que não vou chegar muito tarde — digo o mais sério que posso, segurando o riso preso na minha garganta.

A expressão incrédula em seu rosto é hilária.

— Se ela não se importar que você vá sem o pinto, por mim, tudo bem. Já esqueceu do aviso que te dei na sua cobertura? — Nem percebo quando ela arranca minha toalha com um puxão e a arremessa longe, com uma expressão de fúria no rosto.

— Júlia... — advirto recuando um passo cobrindo minhas partes baixas com as duas mãos.

— Júlia, coisa nenhuma, seu filho da puta! — Exclama aos berros. Os olhos soltando faíscas de raiva, por um segundo penso que vai enfiar a mão no meu peito e arrancar meu coração fora. Ou coisa pior, um vacilo que eu der e serei castrado. Meu Deus, onde eu fui me meter?

Ah..., mas fica tão linda assim bravinha, que vale a pena o risco.

— Não quer nem saber quem é a garota? — Pergunto com deboche.

— Se quiser vê-la morta, pode dizer, assim será mais fácil encontrá-la, sou todos ouvidos — responde ríspida, gesticulando com os cachos caindo sobre o rosto. Porra de mulher brava!

Estou excitado.

— Mas acontece que ela não é qualquer garota, é a minha garota. — Vou até ela fazendo charme. — Uma neguinha abusada que vem tirando o meu sono, me deixando louco em todos os sentidos. Então, conhece? — Ela estreita o olhar não acreditando nem um pouquinho na minha palavra, porém, com a expressão mais relaxada.

Dou um passo em sua direção e ela afasta dois, mas com os olhos cravados na minha ereção, não sei se por desejo ou vontade de arrancá-lo fora cumprindo sua ameaça.

— Está falando sério? — Assinto positivamente com cara de predador, com vontade de devorá-la todinha.

— Seu cretino, mentiroso de uma figa. — São tantos tapas vindo de todos os lados que não consigo me esquivar. A mulher é carne de pescoço. Custa até conseguir imobilizá-la, prensando-a na parede.

— Então, amor, você aceita ou não?

— Aceito, seu babaca! — Mostra a língua como uma criança levada, com seu jeito de menina-mulher.

— E aonde a minha garota quer ir? Estou à sua disposição. — Acaricio com os lábios toda extensão do seu rosto, ela mia como uma gatinha assanhada.

— Qualquer lugar que eu quiser? — Coloca a mão aberta sobre meu peito e me empurra para longe.

— Sim, senhora, você manda hoje.

— Quero ir ao cinema. — Tem os olhos brilhando, a ergo do chão e suas pernas rodeiam minha cintura.

É típico da Júlia ela poder escolher qualquer lugar luxuoso, tipo algum restaurante supercaro, mas não, em vez disso escolhe algo simples, assim como ela. Não gosta que eu gaste o meu dinheiro.

— Por que cinema, Marrenta?

— Porque sempre sonhei em ir, mas nunca sobrava dinheiro. Sentia-me culpada de deixar de comprar alguma coisa para Maria apenas para me divertir, ela sempre veio em primeiro lugar — juro que a minha vontade é de jogá-la em cima da cama e fazer amor com ela pelo resto da minha vida, a sua bondade e o jeito durão de agir ao mesmo tempo, são uma combinação irresistível para mim.

— Acho melhor ir se arrumar, Júlia, antes que eu mude os nossos planos para essa noite. — A coloco no chão e me afasto. Imediatamente, começo a masturbar levemente meu membro rígido de cima para baixo, na tentativa de fazê-lo abaixar um pouco ou terei grandes problemas para vestir a calça jeans.

— Quer que eu te ajude com isso aí, Delegado? — Senta na cama fazendo pose sedutora, de maneira que o vestido sobe mostrando tudo.

Abre as pernas toda perigosa deslizando a mão para dentro da calcinha, passando a língua pelos lábios, com os olhos gulosos em cima da minha excitação. Caralho de mulher gostosa! Quando vejo já estou gozando na minha mão só pelo simples fato de a admirar. Agora nem controle da minha ereção tenho mais.

Que maravilha!

— Mas que porra, Júlia, olha o que você fez, mulher. Agora vou ser obrigado a tomar outro banho, se continuar me distraindo assim não vamos pegar nem a última sessão, hoje é domingo e o cinema fecha cedo.

— Você disse banho, precisa de ajuda? — Levanta sensualizando, levando as mãos à beirada do vestido para tirar passando pela cabeça.

— Te vejo daqui vinte minutos, combinado? — Destranco a porta e aponto a direção da saída.

Ela bufa revirando os olhos.

— Mas, e a Maria, Ricardo? Ainda está muito cedo para colocá-la para

dormir, além do mais, ela pode acordar à noite nos procurando e não encontrar.

— Já conversei com a minha mãe, ela vai dar cobertura para a gente com a ruivinha, uma hora dessas está no quarto dela penteando suas bonecas.

— Usando sua mãe para os seus planos sórdidos? — Zomba.

— O quê? Perto da minha mãe, eu sou fichinha.

— Isso é verdade. — Júlia sai rindo em direção ao seu quarto, aproveito sua distração e desfiro um tapa em sua bunda, fecho a porta antes que ela consiga voar no meu pescoço como deve estar intencionada a fazer.

No tempo combinado, Júlia manda uma mensagem dizendo que está pronta. Fico esperando no corredor usando a parede como apoio para minhas costas, coço a nuca ansioso para vê-la. Assim que a porta do quarto se abre lentamente, a visão da imagem de um anjo se materializa bem diante dos meus olhos. Escolheu um vestido vinho caído nos ombros e todo soltinho, e sandálias de salto alto caramelo. Cabelo preso em um rabo de cavalo com alguns cachos soltos, a maquiagem muito bem-feita realçando seus traços que já são marcantes por natureza.

Não faço outra coisa além de ficar babando em cima dela. Linda demais. Me envaideço ao pensar que ela se arrumou bonita assim só para mim, exclusivamente para essa noite, e quero para sempre se depender de mim. Outra ereção começa a se formar dentro da minha calça, mas tento manter o controle ou não haverá passeio.

— Você está linda, Marrenta. — Beijo as costas da sua mão, depois a testa, os dois lados do rosto e a ponta do nariz para enfim atacar seus lábios doces como o mel.

— Obrigada, meu Delegado. — Agradece com um sorriso ensaiado, porém, não tão mais animada com o passeio.

— O que foi, linda, não quer mais sair? — Ajeito um cacho teimoso que insiste em cair sobre o olho direito emaranhando em meio os fios finos dos cílios fazendo com que pisque com uma certa dificuldade.

— Eu quero, mas sair para me divertir e deixar a Maria para trás, não me parece certo, parte o meu coração. Não podemos levá-la conosco? Podemos ver um filme infantil, arrumo ela rapidinho. — Os cantos dos seus olhos estão franzidos, com lágrimas ameaçando brotarem.

Confesso que acabo de me apaixonar ainda mais por ela, o amor que tem

pela minha filha é inspirador.

— Nós passamos o dia todo mimando nossa filha, amor. Não acha que merecemos tirar um tempinho para namorar? Só nós dois, ficarmos juntinhos. — Assente e seguro seu rosto entre minhas mãos. — Não estamos abandonando, ela está em ótima mãos. Você sabe que minha mãe rouba a cena por onde passa e é louca pela neta. Prometo que a pequena nem vai sentir nossa falta, então acalma esse coraçãozinho — ela se anima um pouco, mas não sossega até passar no quarto da nossa filha e enchê-la de beijos para, enfim, sairmos para o nosso encontro romântico.

Na fila do cinema ela se anima de vez quando vê que a sessão especial do final de semana vai relembrar grandes sucessos no tema romance. Júlia ri e pula porque o filme que está em cartaz, “Doce novembro”, é de um livro que ela tinha lido e amado.

— Ai, eu amo o Keanu Reeves. É meu ator favorito — suspira apaixonada, apoiando os cotovelos sobre o balcão, esperando o atendente trazer o balde de pipoca e o refrigerante. Nossa sessão é às 21h e está quase começando.

— Devo me preocupar com isso? — Brinco elevando o olhar.

Parece loucura dizer, mas fico sim com uma pontinha de ciúme do jeito que ela fala do ator Keanu Reeves.

— Se ele quiser se mudar de Hollywood e vir morar no Brasil, tem que se preocupar sim, e muito. Aqueles olhinhos puxados dele são um charme, não tem como resistir — suspira mais apaixonada ainda, só para me irritar.

— Sabe que nunca tinha reparado antes como a atriz do filme, a Charlize Theron, é linda. Reze para ela não resolver se mudar para o Brasil, porque também será um grande problema para você, aqueles lábios grossos são uma tentação. — Júlia me fuzila com olhar e nem dou bola.

Pego o balde de pipoca da mão do atendente e me dirijo à sala do nosso filme, rindo por dentro. Ela vem atrás de mim com os copos de refrigerantes e resmungando baixinho.

Se não sabe brincar, pede para sair.

Acabou que nem assistimos ao filme direito, aproveitamos o escurinho do cinema para fazer as pazes e namorar o tempo todo. Júlia é uma mulher insaciável, e o meu desejo por ela só aumenta. Não conseguimos pensar em mais nada quando estamos juntos entregues à nossa paixão. É tão bom podermos ser

um casal normal, que sai por aí de mãos dadas conversando sobre coisas banais. Rindo o tempo todo, felizes.

—Tudo bem se eu quiser ir a mais um lugar essa noite, Delegado? – Diz Julia assim que saímos do cinema fazendo charme, daquele jeito que é impossível de se dizer não.

— E aonde seria, amor? – Beijo seu rosto enquanto caminhámos de mãos dadas até o carro, Julia apenas sorri, mas não diz nada.

Essa mulher está aprontando, tenho certeza!

—No baile funk, há essa hora deve estar lotado. – Solta depois de um longo tempo, acompanhado de uma risada divertida.

Eu apenas assinto, não tenho muito o que dizer. Acabo sorrindo também, mas de nervoso mesmo nunca fui a um lugar tão “agitado” assim. Digamos que será uma experiência ótima. Porque estando ao lado de Julia, já faz do momento mais que especial.

Como eu não conheço o caminho, Julia, foi conduzindo o carro até o local do tal baile funk fica em um bairro um pouco afastado na periferia do Rio de Janeiro. Fico impressionado com a estrutura do estabelecimento é grande e muito iluminado do lado de fora, com luzes de várias cores e tamanho piscando em uma sincronia continua. Eles realmente sabem como impressionar um cliente novo logo de cara, acho bacana também o fato de ter várias seguranças revistando o pessoal na entrada ao lado da cabine que vende os ingressos.

— Há quanto tempo não vejo você por aqui hein, Julinha? – Assim que pisamos no baile, somos abordados por um rapaz moreno alto musculoso, como o som está alto demais ele teve que inclinar o corpo para levar a boca ao ouvido da minha mulher.

Fechei a cara na hora.

— Nem tem tanto tempo assim, Jaizy. Não exagera vai. – Julia solta minha mão brevemente para cumprimenta-lo, depois à segura novamente. Mas logo gira o pescoço para olhar para mim quando nota a tensão no meu toque, esse cara está olhando para ela de cima a baixo de um jeito que não me agrada nem um pouco.

Lembro-me perfeitamente do nome dele gravado no celular de Julia, será que já saíram juntos?

—E esse sortudo de mãos dadas contigo preta, quem é? –Questiona, e ela

responde sem pensar muito:

—O pai da minha filha. E o dono de cada parte do meu corpo, principalmente o coração. — Responde mais para mim do que para ele olhando no fundo dos meus olhos, na mesma hora a puxo pela cintura e a beijo desesperadamente.

Nem vimos quando o tal de Jaizy foi embora sem nem ao menos sermos apresentados direito, estamos ocupados demais nos agarrados escandalosamente sem se importar que estejamos em público.

— A cada dia me apaixono mais por você, Marrenta. — Sussurro com nossos lábios ainda colados, por mim a fazia minha ali mesmo.

—É mesmo, Delegado? — Afasta para olhar para mim mordendo os lábios, sedutoramente. — O mesmo está acontecendo comigo, a cada dia me amo mais. — Zomba, mas de fato é verdade, Julia é uma mulher independente que transborda amor próprio.

—Você ainda vai acabar me enlouquecendo mulher, sei que me trouxe aqui só para me provocar. — Acuso.

— Não tenho culpa se te provocar me excita, Delegado. — Passa a língua pelo meu pescoço, perigosamente. — Agora vamos dançar? Eu amo essa música. — De costas, saiu me puxando pela gola da blusa. A música que está tocando tem a batida animada e sensual. Eu nunca fui muito de ouvir funk, muito menos dançar.

Então permaneço estático, enquanto observo minha mulher arrasando na pista de dança rebolando bem na minha frente. Fazendo de fato com me apaixone ainda mais por ela – se é que isso é possível –, coloca as mãos no joelho empinando a bunda grande indo até o chão, a sensualidade em pessoa. Fico com um tesão absurdo, meu membro rígido explodindo dentro da calça grita para estar dentro dela.

Julia fecha os olhos seguindo a batida da música, provocantemente alisa a cintura curvilínea até chegar às coxas. Levo as mãos atrás da nuca, completamente louco. Parecendo um cavalo no cio ansioso para pegar sua fêmea de jeito, essa noite promete. A letra da música expressa esse momento em cada palavra, só que na gíria do funk brasileiro.

“Quando ela dança. Ela me encanta.

Chega ao baile tirando onda

Ela rebolando é toda lindona.

Linda de bonita me hipnotiza.

O que ela tem? Que todo mundo quer.

Não tá nem aí, não liga pra ostentação.

Ela quer descer subir, rebolar até o chão...

Ela me desestabilizou, sem me dar confiança.

Me deixa maluco o jeito que ela dança”



Julia parece estar conectada com a batida, como se tivesse esquecido de todo resto. Tirando a paz de pelo menos a metade dos homens presente no baile, não senti ciúmes. Apenas orgulho, ela é perfeita. Mas é minha. Todos podem admira-la o quanto quiserem, mas sou eu quem vai voltar com essa mulher deslumbrante para casa.

—Não vai dançar, amor? Engraçado, pensei que se garantia da pista. – Ela provoca, se posicionando na minha frente, mas de costas para mim esfregando o corpo no meu, Julia queria me matar só pode!

—E me garanto mesmo, Marrenta. – A puxo pela cintura unindo nossos corpos como se fosse um só, Julia eleva os braços cruzando as mãos atrás do meu pescoço.

Acompanho seus movimentos sensuais, enquanto minhas mãos deslizam pelo seu corpo de forma íntima. Aproveito a proximidade para sussurrar no seu ouvido algumas das sacanagens que pretendo fazer com ela mais tarde, Julia ri e concorda com tudo e ainda acrescenta algumas posições. Adoro isso nela, sua ousadia. O lugar está lotado, pessoas dançam animadas ao nosso redor se divertindo. Assim como nós. Fazia muito tempo que eu não me divertia assim, em um lugar que jamais iria caso a Marrenta do Morro do Alemão não tivesse aparecido na minha vida. Minha visão de baile funk era outra completamente diferente, acho que por preconceito talvez. Mas depois de hoje, com certeza

quero voltar outras vezes com a minha garota.

Enfim, dançamos e bebemos sem moderação. Rimos. Namoramos. Posso garantir sem sombra de dúvidas, que essa foi uma das melhores noites da minha vida. Adorei conhecer um pouco mais sobre o mundo da Julia, sinto que começamos nossa relação com o pé direito.



Na volta para a casa, passando em frente à praia, não resistimos e acabamos estacionando o carro na primeira vaga que encontramos, tiramos os sapatos para caminhar um pouco de mãos dadas na areia sob a luz do luar e um céu com estrelas grandes e brilhantes.

O vento balança a barra do vestido da Júlia, deixando à mostra boa parte das coxas grossas bem torneadas.

— Obrigada pela noite maravilhosa. — Ela olha para o céu, me abraçando com força e encosta em meu peito.

É, não há mais ninguém na praia além de nós. Eu amo essa troca de carinho que existe entre nós, naturalmente. Caminhamos à beira-mar sentindo a água gélida tocar nossos pés, as ondas vêm com sua malemolência causando um pequeno choque térmico toda vez que toca nossas peles.

— Não precisa me agradecer, Marrenta. Também me diverti muito. — Júlia sorri para mim quando olho para ela. — Posso te contar uma coisa? — Assente, curiosa. — Quando me mudei para o Rio de Janeiro eu costumava vir aqui, às vezes, à noite e ficava olhando para o mar por horas, isso abrandava o vazio que existia dentro de mim. Me afundava cada vez mais dentro de um buraco negro tomado pelo medo de nunca mais encontrar minha filha e ter que viver o resto dos meus dias sozinho.

Júlia puxa minha mão, me obrigando a parar de andar. Observo uma linha dura aparecer entre suas sobrancelhas e um brilho piedoso dominar seu olhar, o que me causa um incômodo.

— Por que pensava que viveria o resto dos seus dias sozinho? Tenho certeza que não é por falta de pretendentes. Ter alguém não faria sua dor passar, mas seria bom ter alguém para segurar sua mão quando as coisas ficassem feias. — Sua mandíbula afrouxa, ela sabe que está pisando em uma área proibida e pode se arrepender depois.

— Porque, antes, arrumar outro alguém seria como trair o amor que sinto pela minha esposa. — Seu lábio inferior treme ligeiramente e ela desvia o olhar para o mar, ele está um pouco revoltado assim como humor da Júlia nesse momento.

— E o que mudou agora? — Ela se distancia milhas de mim sem sair do lugar, fria e calculista nas palavras.

A implacável Júlia está de volta, firme e forte me colocando contra a parede sempre que aparece uma oportunidade.

— Você apareceu, e eu não consegui resistir. — Seguro sua mão novamente, retomando nossa caminhada. No entanto, não é mais como antes de pararmos, agora existe uma tensão pesada no ar e eu preciso acabar com ela. — A felicidade de estar ao seu lado se tornou maior que a culpa, e vem crescendo cada dia mais. — Percebo seus ombros relaxarem, a respiração menos densa.

— Faz amor comigo? — Pede agoniada enfiando a mão debaixo da minha camisa alisando meu peitoral. Safada!

— Eu farei. — Levo a boca ao pé do seu ouvido. — Mas não agora, e muito menos aqui — sussurro.

— Não acredito que vai me deixar na mão logo agora, pensei que não fosse o tipo que fugia da raia. — Chuta a água fazendo-a espirrar por toda parte.

Nervosa e excitada, com as mãos na cintura.

— Por que não chama o Keanu Reeves para apagar o seu fogo? — Falo e saio correndo, rindo, Júlia vem atrás de mim tentando me pegar.

O rabo de cavalo do seu cabelo se desfaz deixando os cachos mais rebeldes que o habitual — agora curtos — caírem sobre o rosto, os ventos jogando para todo lado, sensual.

Mais uma vez não resisti ao seu charme, voltei e acabei dando o que ela queria. Fizemos amor deitados na areia, debaixo de um céu estrelado. Beije seus lábios até ficarem vermelhos e inchados e o sol surgir do horizonte. Foi lindo viver esse momento ao seu lado, quero repetir outras vezes.

— Quer namorar comigo? — Pergunto de repente assim que o sol termina de nascer, estava preparando algo especial, mas sinto que esse é o momento certo.

— Claro que eu aceito, meu amor — grita bem alto, mais feliz do que

nunca.

Fazemos amor, novamente.

Voltamos para casa com as roupas todas amassadas e cheias de areia, mas imensamente felizes. Tomamos um banho sem pressa juntos e caímos na cama exaustos, mal fechamos os olhos e o despertador tocou avisando que já é hora de nos arrumarmos para trabalhar, e ainda temos que deixar a ruivinha na porta da sala de aula, ela está louca para começar a estudar.

— Acorda, dorminhoca, hoje é o primeiro dia de aula da nossa menininha.
— Faço uma trilha de beijos por suas costas desnudas, tanto ela como eu saímos nus do banheiro e nos enfiamos debaixo do lençol do jeito que viemos ao mundo.

— Bom dia, amor. Nossa, eu dormi demais, tenho que arrumar a Maria Lara para a escola ou vai chegar atrasada no seu primeiro dia de aula. — Dá um bocejo longo se espreguiçando ao mesmo tempo em que contorce o corpo elevando as mãos acima da cabeça, seus olhos estão rodeados por bolsas mais escuras que o tom natural da sua pele.

Ainda morta de sono, simplesmente vira para o outro lado e continua dormindo. Isso é o que dá passar a noite na praia namorando. Ah, mas valeu a pena. Eu faria tudo de novo.

Tenho certeza que a Júlia, também.

— É, papai, acho que a mamãe vai chegar atrasada no trabalho hoje. — Maria sorri com vontade achando graça da situação, já faz mais de dez minutos que eu e ela estamos tentando acordar a Júlia.

Eu acordei um pouco mais cedo e me arrumei para o trabalho, deixei Júlia dormir mais um pouco e fui arrumar nossa filha para o colégio. Na verdade, a ruivinha é esperta, tomou banho e vestiu o uniforme sozinha. Eu só penteei o cabelo levando uma surra danada só para fazer duas “Maria Chiquinha” nela. Contudo, para mim que sou um marinheiro de primeira viagem até que ficou uma graça, apesar que agora, olhando bem de perto percebo que deixei uma quantia considerável de cabelos soltos na nuca. Mas não chega a ponto de ser preciso refazer, graças a Deus.

— Por que não pula em cima da cama e dá um beijo no rosto da mamãe, talvez assim ela acorde.

— Tipo a bela adormecida, papai? — Ela gosta da ideia.

— Sim, meu amor. — Nem preciso mandar duas vezes, joga a mochila de rodinhas longe e pula em cima da cama tacando-lhe um beijo na bochecha chegando a estalar.

— Filha? Bom dia, meu amor, que horas são? E quem te arrumou para ir para escola? — Júlia levanta no susto, não sabendo se segura o lençol em volta do corpo ou pega a filha no colo.

Dormindo acordada, coitada, não a deixei dormir muito ontem à noite.

— Calma, amor, respira. — Pego a Maria do seu colo e cochicho em seu ouvido para ir tomar café com a avó na cozinha que vou ajudar a mamãe a se arrumar para o trabalho.

Assim a pequena faz, sai do quarto puxando sua mochila rosa nova e cantarolando a música sobre uma tal aranha que subiu pela parede e veio a chuva forte e não sei mais o quê.

— Desculpa, Ricardo, eu dormi muito. — Sai do meu quarto atravessando o corredor e entrando no seu em direção ao guarda-roupa, pega uma saia lápis e uma camisa cinza de mangas três quartos de botões incolores e joga tudo sobre a cama.

Engulo seco quando deixa o lençol cair no chão e caminha até o banheiro nua, apenas com uma toalha branca em mãos. Travo no lugar onde estou, se eu entrar com ela não iremos trabalhar hoje, nem nunca.

— Acho melhor esperar você lá embaixo, Marrenta — grito assim que a vejo sumir porta a dentro.

— Tem certeza que não quer me ajudar, Delegado? — Coloca só a perna para o lado de fora da porta, balançando de um lado para o outro, me provocando. É a mesma coisa que balançar um pedaço de carne suculento na frente de um lobo faminto.

— Se não se importar de faltar ao seu trabalho hoje, por mim, tudo bem. — Ela recolhe a perna no mesmo instante, sabe que eu estou certo.

— Desço em dez minutos, nem vai dar para sentir saudades. — Escuto o barulho do box se abrindo e depois os ruídos da água caindo sobre seu corpo esculpido pelo diabo para me provocar.

— Já estou — grito.

Enquanto saio do quarto, ainda escuto sua risada. Eu estou tão feliz que

uma pontada de medo se apossa de mim ao pensar que alguma coisa possa nos atrapalhar.



Meia hora depois já estamos estacionando o carro em frente ao colégio da Maria, não pegamos muito trânsito. Entramos os três de mãos dadas, a ruivinha não cabe em si de tanta felicidade. Júlia está mais ansiosa com o seu primeiro dia de aula do que a própria Maria. Para o meu azar, quando encontramos sua sala, topamos de cara com a Carol já fardada para o trabalho e o seu filho Vinicius. Júlia faz uma cara feia e sei que estou muito encrencado.

— Bom dia, Ricardo, fico feliz que você tenha pegado a indicação que te dei do mesmo colégio do meu filho. E essa princesa linda, como vai? — Estica a mão para fazer carinho na Maria, que se esquiva escondendo-se atrás da minha perna.

Não gosta da Carol, acho que a vê como uma ameaça para me tirar da mãe dela. Nem em sonho. Para mim, nem como amiga queria mais, apenas como companheira de trabalho, no máximo. Não gostei do jeito que o filho dela olhou para Maria. Já a minha filha, quando vê o menino, sua animação para o primeiro dia de aula na escola nova vai embora.

— Bom dia, Carol, como vai? — Cumprimento com má vontade, apenas por obrigação. Ela nem olha para Júlia, é como se não estivesse presente.

Caramba! É hoje que fico sem meu couro.

— Bem, mas por que demorou a responder minha mensagem ontem? — Porra! Encrencado é pouco para definir minha situação agora. A mensagem que ela fala é do grupo que temos no *WhatsApp* da nossa equipe da delegacia, porque as que manda no privado, nem visualizo.

Antes de responder, Júlia se adianta:

— E nem vai responder, se tiver alguma coisa para falar com o Delegado, que seja no horário de trabalho. Se procurá-lo fora do plantão, aí, querida, a conversa vai ser comigo e tenho certeza que você não vai sair feliz no final. — Júlia é taxativa e vira o rosto na minha direção. — E digo o mesmo para você, Ricardo, pode ter certeza disso. — Arregalo os olhos, sem coragem para dizer nada. Quanto a Carol, bom, essa está totalmente pálida.

— Bom dia, papais e mamães, eu sou Jussara, a nova professora do

primeiro ano. Podem deixar as crianças comigo, daqui para frente eu assumo. — Aperto a mão da mulher alta de cabelos louros, completamente aliviado, parece que foi mandada pelos deuses a fim de interromper a ameaça.

Eu conheço a Júlia, do jeito que está nervosa, tudo pode acontecer.

— Mamãe, eu não quero mais estudar aqui, posso ir para o trabalho com a senhora? — Choramíngua Maria, agarrando na cintura da mãe que abaixa para ficar da sua altura.

— Eu não posso levar você para o fórum, filha. Não precisa ter medo, daqui a pouco seu amiguinho Gustavo chega para te fazer companhia. Lembra aquela conversa que a mamãe teve com você ontem? Se alguém implicar, é só ignorar, finge não estar ouvindo. — Ela assente e abre seu sorriso sapeca, não sei como a Júlia conseguia fazer isso, acalmar a filha com tanta facilidade. — Agora entre na sua sala, meu amor, à tarde eu ou o papai vem te buscar. — Pisca para ela, beijando sua bochecha.

— Tchau, papai.

— Tchau, ruivinha, até mais tarde. — A abraço bem forte, segundos depois, some dentro da sala. O filho da Carol também vai para a dele sozinho, a mãe nem se dá ao trabalho de desejar uma boa aula ao garoto.

— Nossa, você é a mãe? Jurava que era a babá e ela a mãe. — A professora gira o dedo no ar na direção da Carol. Coitada! Péssima hora para fazer um comentário tão infeliz, ainda mais com quem.

— E por que pensou isso, professora Jussara? — Júlia leva as mãos à cintura, as narinas inchadas puxando uma boa lufada de ar.

— Porque a menina é ruiva, e você é de cor como a maioria das babás das crianças que estudam aqui são. — Ela força um sorriso sem saber onde enfiar a cara, morta de vergonha.

Carol solta uma risada debochada. Penso em intervir, mas se tem uma coisa que a Marrenta sabe muito bem é se defender sozinha. A única coisa que faço é cruzar os braços e assistir ao show de camarote, as duas juntas não têm a menor chance contra ela.

— Engraçado, você é loira e mesmo assim não pensei que fosse burra. Mas acabou de provar que me enganei. — Eu já disse o quanto sou louco por essa mulher? Essa ferocidade dela me deixa mais apaixonado ainda, fascinado.

— Com licença, a minha turma está me esperando. — A professora Jussara

sai praticamente correndo. Então Júlia volta sua atenção para Carol apontando dedo na sua cara.

— Ah, e quanto a você, Carol, tem mais uma coisinha... — Continua e eu estremeço já imaginando o que está por vir. — Se puder abotoar pelo menos mais dois botões do seu uniforme, eu agradeceria bastante, ninguém está a fim de saber qual é a cor do seu sutiã. Até porque isso é má conduta com direito a advertência, mas não tanto quanto dar em cima do chefe descaradamente, acredito. — E como um robô, Carol obedece ao comando fechando os botões do uniforme até o da gola enquanto um rubor predomina sua face, mantendo a cabeça baixa.

Sempre reprovei essa postura da sua parte, mas para não ser inconveniente, nunca comentei nada.

Uma mulher não precisa mostrar demais, até porque a beleza só atrai, mas é o charme que conquista.

Júlia gira o corpo evitando me olhar e vai embora sozinha, soltando fogo pelas ventas. Saio correndo atrás da minha pantera negra de garras afiadas, sem tirar o olho da sua bunda sexy rebolando dentro da bendita saia lápis justa, e que a faz parecer ser maior ainda.

Ela entra no carro batendo a porta do lado do motorista.

— Você sabe dirigir, amor? — Sussurro assim que sento ao seu lado no banco do carona. As suas mãos tremem ao segurar o volante, a respiração ofegante.

— Cala boca e me dá a porra dessa chave, agora! — Estica a mão na minha direção sem olhar para mim, furiosa.

— Lembra que temos uma filha pequena para criar, Júlia. Não vai fazer nenhuma loucura, por acaso tem habilitação?

Pega a bolsa sobre o porta-luvas e tira alguma coisa de dentro dela, depois a coloca de qualquer jeito no mesmo lugar que pegou.

— Essa daqui serve? — Joga a carteira de motorista na minha cara e fico perplexo, não imaginei que ela sabia dirigir.

Mudo, tiro a chave do carro do bolso e entrego a ela que a pega quase arrancando minha mão fora.

— Não vai querer conversar soube o que houve?

— Não. — Fico reparando na técnica que usa para ajeitar o banco adequadamente para sua altura, tira os sapatos de salto alto esfregando um pé no outro, ansiosa, antes de pisar no acelerador.

Dá a partida e coloca o carro em movimento conduzindo tão bem quanto eu, metendo o pé no acelerador assim que pegamos a estrada. Juro que não sinto medo, a sua postura passa confiança sabendo exatamente o que está fazendo. Ela está extremamente sexy atrás do volante.

E em tudo o que faz, até mesmo quando briga comigo.

Capítulo 33



JÚLIA

Estou furiosa com o Ricardo, quero socar a cara dele até não aguentar mais. Que história é essa da mocreia da Carol dizer que mandou mensagem para ele ontem à noite? Ah, se eu tivesse visto teria feito ele engolir o celular na mesma hora, filho da mãe. Agora fica aí me olhando com essa cara de santinho, o que é dele está guardado.

Que ódio!

— Onde aprendeu a dirigir tão bem assim, na autoescola? — Puxa assunto analisando os meus movimentos ágeis, mas continuo muda.

Consegui tirar habilitação de motorista quando completei dezoito anos e fui contratada para cuidar de uma senhora idosa, os filhos dela precisavam de alguém com habilitação para levá-la às consultas médicas, como fui a única que apareci para a vaga, eles pagaram para que eu tirasse minha habilitação. Um mês depois a senhorinha veio a falecer, gostava muito dela, a dona Derly.

— Ótimo, se você não quer conversar comigo, problema seu. — Sorri irônico do jeito que sempre me deixa com um pé atrás, quero xingá-lo, mas me contenho, mantendo o foco na estrada.

Instantes depois, meu celular apita avisando que chegou uma mensagem. Paro o carro no acostamento com o coração na mão, esperançosa de ser da Yudiana com alguma novidade sobre o amigo dela descobrir o paradeiro do Noia. Arranco o celular de dentro da bolsa e verifico a mensagem, mas não é da dela e sim do João Pedro. Sem querer acabo sorrindo, ele é sempre tão gentil comigo.

Sem querer coisa nenhuma, para provocar o Ricardo mesmo, fazendo-o provar do próprio veneno. Se tivesse combinado não teria dado tão certo, essa mensagem não podia chegar em melhor hora.

— Quem mandou a mensagem, Marrenta? Porque para estar sorrindo dessa forma, deve ter sido alguém muito especial. — O cretino ousa ser rude comigo. Não respondo, se ele me irritar mais um pouco, vou pular no pescoço dele. — Não vou perguntar novamente, Júlia — sem nenhuma resposta da minha parte,

toma o celular brutalmente da minha mão e lê a mensagem em voz alta.

“E aí, preta, como vai? Essa sala de aula não é a mesma sem você, minha linda. Nem acredito que hoje vou matar a saudade que estou sentindo, feliz que vai voltar a estudar. Beijo grande. ”

— Que porra de intimidade é essa do seu professor com você, Júlia? Acho bom começar a falar antes que eu não queira mais ouvir droga de explicação nenhuma e faça uma loucura com esse cara. — Berra chamando a atenção de algumas pessoas que passam pela calçada, remexendo no banco, inquieto.

— Somos só amigos e, assim como você e a Carol, trocamos mensagens. Não vejo nada de mais nisso. — Coloco o carro em movimento novamente, fingindo uma calma que não tenho no momento, esse homem me tira do sério em um grau que só Deus sabe.

— Amigos? Sei. Não dou liberdade para as minhas amigas me chamarem de "meu lindo".

Oi? Que história é essa de amigas?

— Que amigas são essas que eu não conheço, Ricardo? Pensei que fosse só a Carol, pelo visto tem mais. — O ciúme se faz presente, não consigo evitar.

— A única coisa que quero saber é se você já saiu com esse cara, Júlia? — Paro no sinal vermelho, não sei se está refletindo no rosto do Ricardo, pois está da mesma cor.

— Uma vez ele me chamou para tomar sorvete em uma sorveteria famosa que fica ao lado da faculdade. Foi apenas isso, JP só estava sendo gentil comigo. — No dia apenas peguei o sorvete e fui embora, mas ele não precisa saber desse detalhe.

— Já transou com ele? — Pergunta na cara dura.

— Não.

— Acho que vou seguir o exemplo de gentileza do “JP” convidando a Carol para tomar um sorvete qualquer dia desses. — Estico o braço e dou um tapa nele sem me importar onde pega. Ele, esperto como um gato, consegue se esquivar a tempo.

— Quer saber? Por mim, tudo bem, não estou nem aí. A vida é sua, foda-se você e essa mocreia. — O sinal abre, alguns metros depois da faixa de pedestre, giro o volante entrando à esquerda.

— Que raiva que estou dessa história, Júlia. Minha vontade é de socar a cara desse imbecil. Não gosto dele, dou um fim nele num piscar de olhos. — Bufa nervoso me encarando, depois desvia o olhar para a estrada com um sorriso de canto.

— Não vai fazer nada com ele, Ricardo, sempre foi muito bom comigo.

— Então por que não se separa de mim e fica com ele? Já que gosta dele tanto assim.

Soco o volante, mas minha vontade mesmo é socar ele.

— É, talvez eu pense nessa possibilidade, já que daqui a dois meses me formo e ele não vai ser mais o meu professor. — O encaro de volta por um milésimo de segundo e o vejo sustentando o olhar afrontoso.

— Não me irrita, Júlia! E quer saber? Está tudo acabado entre nós dois, amor, a partir de agora não vou mais gostar de você. — Tenta parecer duro, mas não cola, me dá até vontade rir.

— Ótimo! Porque pretendo fazer a mesma coisa a partir de hoje.

Seu babaca filho da mãe, completo mentalmente para não expor meu descontrole emocional no momento. Se estivéssemos em outra ocasião ele ia ver só, iria esfolá-lo vivo.

— Para mim está perfeito, Marrenta. Pode tomar quantos sorvetes quiser com o seu amiguinho.

— E você pode chamar uma das suas amigas para sair, ou melhor, por que não faz logo uma festa e chama todas de uma vez?

— Não é uma má ideia, sabia? Depois de tanto tempo parado, disposição para pegar todas de uma vez só, eu tenho de sobra — diz o cretino na maior cara de pau, solto uma mão do volante e encho ele de tapa sem tirar os olhos da estrada.

— Eu te odeio, Ricardo Avilar! Estou aliviada por não ter mais nenhum compromisso com você.

— Faço das suas palavras, as minhas. — Rosna cruzando os braços.

Depois de um minuto em total silêncio, o carro é tomado pelo som das nossas gargalhadas.

— Se alguém escutasse, até acreditaria que estávamos brigando de verdade

igual dois adolescentes idiotas. Já passamos dessa fase, se não houver confiança não existe relacionamento que dure. — Puxa a minha mão e a beija em um ato cavalheiresco, adoro quando faz isso.

— Você sabe que João Pedro é apenas meu professor, não sabe?

— Claro que sei, amor! E você sabe que jamais chamaria Carol para sair, disse apenas para te provocar — diz com sinceridade.

— Não ligo que tenha amigas, desde que não as chame para sair.

— Nem para tomar um sorvetinho às vezes, nêga? — Seu tom é divertido.

— Não brinca com fogo, porque pode se queimar.

— Direitos iguais, Marrenta — zomba.

— Cala a boca, Ricardo, já passei do meu limite contigo hoje. — O safado me dá uma olhadela sexy, depois volta sua atenção à paisagem pela janela do carro.

Conduzi sua Mercedes-Benz até o Fórum, Ricardo me levou de mãos dadas até a entrada do prédio e me beijou daquele jeito que faz o pé erguer, e foi embora andando de costas até o carro para poder me olhar até o último segundo antes de ir embora.

Chego ao trabalho sorrindo igual a uma boba, mas meu sorriso morre ao passar pela recepção e me deparar com o Juiz Thompson gritando descontroladamente com a coitada da secretária Carina.

A pobre moça se encolhe cada vez mais por trás do balcão, parecendo que vai afundar cadeira a dentro a qualquer momento com uma cara de choro de cortar o coração. Escondo-me atrás da parede do corredor que vai para a minha sala e fico observando, cheguei alguns minutos atrasada e nervoso como o Juiz Thompson está, será capaz de me demitir me mandando ir embora pela mesma porta que entrei.

Na semana passada a desculpa da vez que Gonzales deu para a ausência de Thompson no trabalho foi devido a uma virose forte, não tinha previsão de retorno, pois estava muito mal, de cama. E, do nada, o homem resolve aparecer dando coices até no vento e com uma aparência ótima, nem parece que esteve tão doente recentemente, todo elegante, como sempre, dentro de um terno grafite. Gravata azul e abotoaduras douradas. Exibe sapatos caros, com brilho de novinho em folha.

— Você tem quinze minutos para deixar as cópias desses relatórios sobre a minha mesa ou está demitida, entendeu bem ou quer que eu desenhe, senhorita Carine Ribeiro? — O Juiz bate a mão sobre a pilha grossa de folhas em cima do balcão causando um barulho estrondoso, tanto eu como a Carina damos um pulo de susto.

— Eu entendi, sim, senhor — responde sem olhar para ele, os ombros caídos, tremendo sem parar, de medo.

Ela é muito jovem e tem traços orientais, cabelo liso na altura do queixo e é muito eficiente. Usa roupas simples e não é tão metida quanto a maioria das pessoas. Thompson sempre elogiou seu trabalho e era extremamente gentil ao lhe dar alguma ordem.

— Se atrasar um segundo já sabe, estou cronometrando. — Ele desliza os dedos trêmulos pelo cabelo que, diferente do habitual, não está penteado para trás, os olhos azuis brilhando perigosamente.

— E que o aviso sirva para você caso chegue atrasada novamente, senhorita Júlia Helena. Se tivesse economizado tempo namorando na frente do Fórum não teria se atrasado para o trabalho. — O Juiz rosna antes de entrar em sua sala sem ao menos olhar para onde estou escondida, me deixando embasbacada. Como ele percebeu minha presença se eu mal conseguia me mexer de tanto medo?

Muito sinistro.

— Desculpa, Júlia, sobrou até para você. — Carine começa a chorar encostando a cabeça sobre o balcão, corro até ela e a abraço. — Não sei por que o Juiz Thompson está tão bravo, eu não fiz nada de errado. Já chegou no trabalho gritando com todo mundo sem nenhum motivo, aposto que tem mulher no meio dessa história. — Corro até o banheiro e pego um rolo inteiro de papel higiênico, enrolo um pedaço na mão e dou a volta no balcão para limpar suas lágrimas de forma que não estrague ainda mais a maquiagem.

— Com certeza tem mulher no meio.

E eu tenho minhas suspeitas de quem seja essa mulher, penso.

— São muitos relatórios, não vou conseguir fazer cópias de tudo em tão pouco tempo. — Mais chora do que fala, a última palavra sai sussurrada, engole um fôlego longo antes de voltar a falar. — Vou arrumar minhas coisas e ir embora antes que ele volte, se gritar comigo de novo, acho que morro de medo. — Funga o nariz, novamente, que está todo vermelho em volta e as narinas

inchadas.

— Claro que vai dar tempo, eu e a Marisa vamos te ajudar. Pare de chorar e mãos à obra, japinha, já disse o quanto acho lindos seus olhinhos puxados?

— Só um milhão de vezes, Júlia. — Sorri em meio às lágrimas, eu realmente gosto dela.

Dei um último abraço nela e corri para minha sala levando a maioria das folhas, nós três trabalhamos juntas e conseguimos entregar as cópias ao Juiz na metade do tempo. Contudo, não adiantou muito, o humor do homem só piorou durante o restante do dia, deixando todo mundo louco, inclusive eu, com medo do seu temperamento explosivo. Como pode um homem tão gentil se transformar em um diabo assim de uma hora para outra? Até com seu assessor Gonzales, gritou. Pelo que sei, o espanhol é seu amigo desde criança.

Tem alguma coisa de muito errado aí, ô se tem!

Cheguei a casa à tarde completamente exausta, depois do dia mais estressante de trabalho da minha vida. Primeira coisa que fiz foi ir lambar a minha cria, mas achei a Maria um pouco tristonha. Perguntei sobre o primeiro dia na escola nova, e ela não quis responder, ficou emburrada e nem quis brincar. Adormeceu abraçada comigo no sofá da sala, nem viu quando me arrumei e saí para a faculdade. Foi melhor assim, ela se acostumou comigo a colocando para dormir todas as noites nos últimos dias, agora que a intensa rotina de trabalhar e estudar voltou, teríamos que nos adaptar a ela novamente.

Durante o caminho, Ricardo mandou uma mensagem carinhosa desejando boa aula. Entro na minha sala rindo sozinha olhando para o celular e relendo, sei lá, pela milésima vez. A primeira pessoa com quem dou de cara é o professor João Pedro de braços cruzados sentado sobre a mesa onde costumo me sentar, conversando animadamente com as minhas amigas Dani e Yudiana, como se estivesse apenas me esperando para iniciar a aula.

— Seja bem-vinda, Júlia! — Yudiana é a primeira a me ver chegar, e anuncia para o restante da sala chamando a atenção de todos para mim.

Principalmente, a do João Pedro, ele imediatamente levanta e vem na minha direção já de braços abertos. Aperto meus livros contra o peito como se fosse um escudo, agora sou uma mulher comprometida e não farei com Ricardo o que não quero que ele faça comigo.

— Oi, linda, estou tão feliz que esteja de volta. — Fujo do seu abraço

discretamente, mas não consegui fugir dos seus lábios pressionando minha bochecha dos dois lados perto demais do canto da minha boca.

— Obrigada, João Pedro, por tudo o que fez por mim. Nunca vou esquecer que me defendeu quando fui presa, não precisava ter se incomodado.

— Fiz e faria tudo de novo, sou capaz de fazer qualquer coisa por você, Júlia. — Minhas pernas tremem de vontade de correr para sentar no meu lugar, e é o que faço depois de um breve aceno de cabeça acompanhado do meu melhor sorriso falso.

Evitei olhar para ele pelo resto da aula, mas para o meu azar o último período também será dele. Não me sinto mais à vontade perto de João Pedro, a maioria das repostas que dá às minhas perguntas são de duplo sentido. Minhas amigas, percebendo meu incômodo com a situação, durante o intervalo, tocam no assunto.

— Meninas, eu gosto muito do nosso professor gato, mas já está ficando feio as investidas escancaradas para cima da Ju. Se eu já estou ficando incomoda, imagina você, amiga. — Dani dá uma longa sugada na caixinha do seu suco natural enquanto fala, ela é viciada nesse troço.

Também, é vegetariana e defensora dos animais.

— Eu concordo com a Dani, já está demais. Sei que é grata por tudo o que ele fez por você, Júlia, mas como está de rolo com o Cavalão, é melhor deixar tudo às claras. — Yudiana segura minha mão, estamos sentadas na praça de alimentação da faculdade.

— Eu já estava pensando em conversar com ele hoje no final da aula, vou esperar todo mundo sair da sala. Sou uma mulher comprometida agora, e muito feliz, obrigada. — Tento parecer descontraída, mas somente um pouco da tensão nos meus ombros se dissipou.

— Ui, sai da frente que a minha amiga é uma mulher comprometida agora, e com um Delegado tesudo que tem uma cara de mau da porra. Imagina como deve ser esse homem na cama, uma verdadeira loucura. — Dou um tapa na coxa da Yudi, ela ri, mas sem mostrar os dentes.

— Com aquele físico, deve ter uma berinjela enorme. — Eu e a Yudiana observamos nossa amiga corando muito. Desde quando a Dani repara no tamanho do pênis de um cara? Ela está ficando danadinha, mas tenho uma desconfiança de que ainda é virgem.

— O meu Delegado é um tesão na cama, sim, e tem uma berinjela enorme. A maior que já vi na minha vida, tão grosso que mal cabe dentro da minha boca. — Elas travam o maxilar e tenho um ataque de risos pousando minha cabeça no ombro da Yudi.

— Onde você achou esse não tem outro igual sobrando não, amiga? Já quero um desses para mim, a Dani então, nem se fala, está necessitada.

— Não ponha palavras na minha boca, Yudi, não estou tão necessitada assim de berinjela nenhuma. — A loira fica branca igual papel, toda trôpega nas palavras. Sim, ela é virgem!

— Meninas, faltam só cinco minutos para acabar o intervalo, “simbora, raparigas”. — Levantamos às pressas e voltamos para a sala.

Tentei prestar a atenção na aula, mas minha mente não pensava em outra coisa a não ser no Ricardo.

Nos nossos momentos íntimos.

Por isso tenho que dar uma passa fora no João Pedro o quanto antes, não quero nada que possa ser motivo para estragar o que estamos vivendo.

Quando a aula termina, espero todos os alunos irem embora. Minhas amigas se despedem me desejando boa sorte. Arrumo meus materiais com calma, quando vejo que a barra está limpa me aproximo da sua mesa e o observo sentado corrigindo algumas provas de outra turma. Tão entretido que não nota a minha aproximação, mas quando ergue a cabeça e me vê, sorri amplamente. Preparo-me para falar, mas sou interrompida antes mesmo de abrir a boca.

— Estou atrapalhando alguma coisa aqui? — Ricardo aparece de repente, com sua postura visivelmente tensa olhando para mim e João Pedro sozinhos na sala.

— Boa noite para você também, Delegado Avilar. Posso te ajudar com alguma coisa? — Meu professor se endireita, sacudindo a cabeça com veemência.

— Podemos ir para casa, Júlia? Trabalhei até agora pouco e estou exausto, mesmo assim resolvi passar aqui para irmos juntos. — Só então percebo que está com uma espécie de farda especial usada para invasão silenciosa, todo de preto, com o emblema da Polícia Civil e botinas. — Mas, a partir de hoje, virei te buscar todos os dias, na porta da sala — ele fala comigo como se o João Pedro fosse invisível, e seu tom não é dos melhores.

— Obrigada, Ricardo, mas não precisava se incomodar. Trabalhou até agora pouco e como disse, está exausto. Deveria estar em casa agora descansando. — Tento ser amistosa, mas parece que só tornei a situação ainda pior.

— Ah, você sabe que eu me incomodo sim, Júlia. E muito. — O sorriso irônico que dá me deixa desconfortável, e a forma que sibila as palavras tem um efeito ainda pior.

— Por acaso está acontecendo alguma coisa aqui que eu não estou sabendo? — João Pedro levanta estufando o peito, pronto para começar um confronto, não se intimidando nem um pouco com as duas armas na cintura do Ricardo.

— Está acontecendo sim, rapaz, mas posso garantir que não é nada que lhe diz a respeito. — A acidez na expressão do Ricardo chega me queimar, os cantos dos olhos estão franzidos perigosamente.

A qualquer momento ele vai pular no pescoço do meu professor. Está se roendo de ciúme. Fazendo aquela cara de mau que tanto me excita e vestido desse jeito, me deixando a ponto de subir pelas paredes, mas ao mesmo tempo furiosa por estar fazendo essa cena toda sem nenhum motivo.

— Bom, acho que vou nessa. Eu também estou exausta, tive um dia estressante no trabalho e meu retorno à faculdade foi mais intenso do que imaginei. Tudo o que eu quero é deitar na MINHA cama, e dormir para amanhã acordar cedo e começar tudo de novo. — Pisco algumas vezes enquanto encaro Ricardo. Ele cruza os braços exaltado e agressivo. — Boa noite, professor, até amanhã.

Ao passar pelo Cavalão, faço questão de inclinar para frente, deixando que veja toda a minha raiva por estar agindo como um babaca mais uma vez. Estou tão nervosa que me tranco alguns minutos no banheiro, se encarar o Ricardo no estado que estou, a briga vai ser feia.

Capítulo 34



RICARDO

Passei a porra do dia inteiro morrendo de saudades dessa mulher e, mesmo depois de trabalhar até tarde da noite, morto de cansaço, resolvi vir aqui para buscá-la e irmos para casa juntos. Não quero mais que fique andando por aí sozinha, mal posso esperar que ela se forme logo e esse inferno de ciúme desse professor, acabe. Foi só ela voltar a estudar que a minha paz acabou. Quando cheguei, sua aula não tinha terminado ainda, tive que esperar no carro por quase uma hora. Esperei todos os alunos saírem, e nada da Júlia aparecer, preocupado, fui atrás ver o que estava acontecendo.

Pedi informação de onde era sua sala, e quando cheguei tive a surpresa de encontrar a minha mulher sozinha com o tal João Pedro. Meu sangue subiu para a cabeça na hora, acabei fazendo uma cena na frente da Júlia, com razão, mas isso não impediu em nada que ela ficasse furiosa comigo, se enfiou dentro do banheiro e me deixou plantado esperando por ela na entrada da faculdade.

Alguns minutos se passam e o advogado metido a besta passa por mim segurando sua maleta, igual a uma mulherzinha jogando o cabelo mediano para o lado com aquele jeans justinho. E ousa parar perto de mim, muito corajoso da parte dele já que estou armado até os dentes.

— Qual é a sua com a Júlia, Delegado? — O merdinha tem a audácia de me encarar, chego a rir maleficamente da cena.

Cruzo os braços sobre o peito fazendo com que meus músculos explodam para fora. Sou bem mais forte e, principalmente, mais alto e tenho que me inclinar como um anzol para olhar o cara nos olhos.

— Eu que pergunto, professor, qual é a sua com a Júlia? — Refaço a pergunta, em um tom mais assustador que o seu. Ele muda o peso de um pé para o outro, inquieto.

— Por enquanto, apenas professor, mas depois da formatura tudo pode acontecer, sabe? Será quando o jogo vai começar de verdade, e a melhor parte, sem regras. — Cerro os dentes, minha vontade é de enfiar a minha mão dentro do seu peito, arrancar seu coração e esmagar entre meus dedos até sair a última

gota de sangue.

— É o que veremos, rapaz. — Dou um passo à frente, fazendo cara de mau.

— Tenha uma boa noite, Delegado. Eu estou de olho em você, se aprontar mais alguma coisa com a *minha* Júlia, vai se ver comigo depois.

— Você tem cinco segundos para sumir da minha frente, ou o próximo julgamento que vai participar será como a vítima.

— Eu estou indo sim, mas porque eu quero, não porque você está mandando — quando termina de falar já está gritando de longe, andando rápido e tropeçando nas próprias pernas até o outro lado do estacionamento para pegar sua moto.

Covarde.

Como se não bastasse, do nada aparece uma pequena comitiva de garotas que acham meu uniforme de trabalho bacana e começam a fazer mil e uma perguntas, tipo: quantas pessoas eu já matei; ou se podiam segurar minha arma; entre outras. Eu tento sair fora, e elas vêm em cima igual a enxame de abelhas. Uma loira atrevida ousa tocar no meu peito com a desculpa que quer sentir o tecido do uniforme.

— Não toque em mim — digo ríspido tirando a mão da garota de cima de mim. Me afastando para bem longe dela — três metros. Empalideço quando viro para o lado e vejo Júlia parada, nos observando com cara de poucos amigos.

Penso que chegará já fazendo escândalo, mas, ao contrário, passa por nós a passos firmes com o nariz mais empinado do que nunca, fingindo que não me conhece. É de se imaginar que Júlia não é o tipo de mulher que faz ceninha de ciúmes em público. Sua atitude é de: Se eu quisesse, que fosse atrás dela.

E vou, igual a um cachorrinho.

— Amor, o que houve? — Pergunto tentando acompanhá-la com um certo desespero, mas ela continua andando rápido. — Júlia, você sabe que não dei nenhum tipo de liberdade para aquela garota me tocar, fui pego de surpresa. — Tendo me defender, mas não surte efeito.

Júlia me lança um olhar tão frio que me dá medo, chego a encolher os ombros.

— Tem certeza disso, Ricardo? — Esbraveja.

— Do que está falando, amor? Por que está assim tão nervosa? Eu que

deveria estar irritado de ter encontrado você sozinha com aquele cara. — A puxo pelo braço obrigando-a a se virar para me encarar de frente, olho no olho.

— Não se faça de bobo, ou melhor, não me faça de boba.

Estou ponto de gritar com ela e acabo não me contendo.

— Não me irrita, Júlia!

— Não me irrita você, Ricardo Avilar. Que inferno! Por que sente tanto ciúme assim de mim assim com o JP? Da sua esposa nunca sentiu, jogou isso na minha cara mais de uma vez, confiava nela cegamente. — Quebra o contato visual, magoada. — Isso me deixa arrasada, queria que existisse confiança entre nós também, mas, infelizmente, não há — conclui em um suspiro profundo, melancólico, diria.

Mas não me comove, como ela pode falar em confiança sendo que recentemente quase me castrou fazendo mil e uma ameaças, estipulando até a distância que não posso chegar perto de outra mulher? Exigir do outro a postura que não temos, é hipocrisia.

— Existir confiança entre nós, Júlia? Olha quem está falando, a mulher que ameaçou arrancar meu pênis fora caso eu não me mantenha a três metros de distância das outras mulheres. — Ela faz uma carranca, sinal que meu argumento é dos bons.

— Quer saber, deixa para lá, só quero ir para casa e cair na *minha* cama. — Bufo insinuando que vai dormir na cama dela sozinha só para me provocar, a verdade é que não tem outra alternativa a não ser recuar.

Mas só por enquanto, boa aluna de Direito que é, sabe a hora de entrar em recesso para colher mais provas e criar uma tática para reabrir o caso de um ângulo diferente que a favoreça.

— Se é isso que quer, tudo bem. No final sempre acabo fazendo tudo o que você quer mesmo, não é, Júlia? — Ironizo, arrastando Júlia até o carro. Ela se joga dentro dele de qualquer jeito, no lado do carona. — Mas antes, tenho que passar na minha cobertura para pegar minhas coisas — aviso, batendo a porta com mais força do que precisa.

Durante o caminho não trocamos nem um olhar, mas seguro sua mão dentro do elevador até a cobertura, sei que morre de medo por causa da sua claustrofobia. Logo que começa a se movimentar passando pelo primeiro andar, as lembranças da nossa agarrança aqui dentro me vêm na hora, chego a sentir um

calor infernal. Quero repetir a dose, mas a teimosa da minha Marrenta não facilitará as coisas para o meu lado. Ela prefere ficar brigada, do que dar o braço a torcer.

Mas, eu, não, prefiro ser feliz do que ter razão.

— Amor, me desculpa pela cena que fiz na frente do seu professor. Eu nunca senti ciúme da Andréia, mas de você é incontrolável. Não é por falta de confiança, sei lá, não sei nem explicar. Às vezes penso que é por insegurança devido à nossa diferença de idade. Você é linda e jovem, gostosa além do normal. Esses caras da sua idade ficam de quatro por você por onde passa, isso me tira do sério. Minha vontade é de sair atirando em todo mundo — declaro em um tom apaziguador, puxando minha neguinha emburrada para perto de mim e beijando seu rosto.

Fui sincero em cada palavra que disse, o ciúme que sinto pela Júlia é fora do normal. Um desejo de posse, ela é minha e ponto final. E se olharem para o que é meu, o bicho vai pegar. Aquele professorzinho que me aguarde, o que é dele está guardado.

— Pois a minha insegurança tem o mesmo motivo, você é um homem maduro. Lindo de morrer, um tesão na cama, romântico e ainda tem um distintivo. Sabe a porrada de mulher que pode conseguir com isso? Por isso, não quero mais que use seu uniforme fora do trabalho. Ele é isca para atrair piranha. Hoje deixei passar, mas na próxima não vai ter a mesma sorte. — Ela tagarela, furiosa, esfregando ofegante uma perna na outra. Acho que não é só eu que lembro o que aconteceu da última vez que estivemos nesse elevador e, pelo jeito, quer repetir a dose.

Seus olhos se fixam no painel do elevador, olhando os números mudarem em ordem crescente quase esmagando a minha mão segurando a sua.

Caramba! Que mulher fogosa.

— Agora que não estou entendendo nada, Júlia. O que meu uniforme de trabalho tem a ver com essa história?

— Ah! Não está? Vai me dizer que não repara no jeito que as mulheres ficam babando quando passa por elas? Até a sua postura e o jeito de falar mudam, como se fosse o seu traje de super-herói para salvar as donzelas em perigo. É assim que elas veem você dentro desse maldito uniforme, ainda coloca duas armas na cintura e óculos escuros fazendo cara de mau. Quem resiste a isso? Eu não consigo, estou excitada até agora. — Lambe os lábios, suas pernas

estão ainda mais inquietas.

Perfeito! Ela está ficando do ponto que eu quero.

Preciso.

— E você quer eu trabalhe como, mulher? Pelado? — Rio muito da cara dela com ciúme de algo tão bobo.

— Eu não estou achando graça nenhuma, Ricardo, estou falando muito sério. — Enruga o nariz, rangendo os dentes, a mão deve estar formigando para dar na minha cara.

Ela tem o sangue quente demais. E eu gosto disso mais do que deveria.

— Ah, então você quer falar de roupas, né? Ótimo! Cadê o resto da sua saia, deixou em casa, amor? Está praticamente nua, os cafajestes de plantão agradecem. — Levanto as sobrancelhas fazendo uma análise minuciosa do seu corpo de cima a baixo pelo reflexo do espelho da parede do elevador.

Ela usa uma saia de lona vermelha que nem é tão curta assim — uns quatro dedos acima do joelho, no máximo —, mas o suficiente para me deixar com ciúme. A blusa é comportada, preta de manga longas com um decote discreto. Porém, o bendito sapato de salto alto acaba comigo, também é vermelho, de salto finíssimo e muito sensuais. Qualquer um que olhar para isso vai imaginá-la usando apenas eles. É automático, a mente da gente monta a imagem na hora.

— Quer saber, Ricardo? Vai se foder, seu filho da puta! Só falta querer implicar com o tamanho da minha roupa agora, mas nem fodendo. — Puxo a saia dela para baixo e ela dá um tapa na minha mão puxando a saia mais para cima do que estava, por pura implicância.

— Sabia que a senhora acabou de cometer desacato à autoridade, moça? E previsto pelo Código Penal Brasileiro no artigo 331º, desacatar um homem da lei é crime gravíssimo. Agora vai ter que pagar caro. — Júlia se arrepia. O tom que usei com ela é o mesmo que uso em uma prisão de verdade. Grossa e firme, perigosa.

Meus lábios dançam pela sua nuca, deixando um chupão sobre a tatuagem de três estrelas, adoro brincar nessa área, é um fetiche meu. Júlia puxa a gola da minha blusa, suando frio, engolindo com dificuldade, a garganta seca. Enfim entende o verdadeiro motivo que a trouxe aqui, não é para pegar coisa nenhuma, mas sim para outra coisa bem diferente, que em casa não daria para fazer do jeito que eu quero.

— Olha aqui, Ricardo Avilar, se acha que vou fazer sexo selvagem de reconciliação com você, está muito enganado, meu bem. Eu quero ir para casa agora, ainda estou muito zangada contigo.

Não respondo nada, assim que as portas de aço do elevador se abrem, saio arrastando-a pelo braço sem nenhuma gentileza, cobertura a dentro.

— Para que tanta pressa, moça? Será que está escondendo alguma coisa de mim? Saberemos agora. — Viro Júlia de costas para mim e apoio suas mãos abertas na parede, como uma criminosa de verdade. Começo a apalpar seu corpo como se estivesse procurando alguma coisa ilegal, mas de uma forma muito excitante. — Vamos ver o que temos aqui. — Enfio uma mão por baixo da sua saia, deslizo a calcinha para o lado e introduzo um dedo bem fundo na sua intimidade constatando o quanto está molhada.

— Ricardo... — diz quase sem fôlego.

— Hummm, que delícia! Sempre pronta para me receber. — Solto um gemido longo ao lambar os dedos lambuzados pela sua excitação. Simplesmente delicioso.

O corpo dela perde as forças ficando todo mole igual gelatina, apenas com esse toque. Tenho que segurá-la para que não vá ao chão.

— Puta que pariu! O bom moço colocando as asinhas de fora, que sorte a minha — zomba, e como castigo leva um belo tapa na bunda que chega a estalar deixando uma vermelhidão no lugar.

— Então, moça, a acusação contra você é muito grave.

— De que... acusações... está falando, Ricardo? — Fala em um ruído agudo, mal conseguindo respirar, de tão excitada as palavras saem embaralhadas.

Abaixo o decote da sua blusa bruscamente e pego os dois seios apertando-os com tanta força que penso que vão explodir nas minhas mãos. A safada arfa e empina a bunda esfregando-a no meu membro rígido.

— Não me lembro de ter dado autorização para a senhorita me chamar pelo nome, dei? — Desfiro um tapa em sua bunda com mais força ainda, ela geme alto em protesto.

— Meu Deus, Ricardo! Você ficou louco, homem?

— Se me desacatar dessa forma mais uma vez, moça, o castigo vai ser pior ainda — exclamo, dominante, prendendo seu cabelo em um rabo de cavalo

firme, puxando para trás e aproximando nossas bocas. — Entendeu bem? — Separo suas pernas com o joelho, com a mão livre levanto a sua saia deixando-a na altura da cintura e arranco a calcinha com um puxão.

— Sim — responde baixinho, fraco demais para ser convincente.

— Sim o quê? — Pergunto só para provocá-la, forçando o corpo em cima dela, obrigando-a a ficar com o rosto encostado na parede.

Domando a fera de vez!

— Dele... gado... — Sorrio. Ela está tão nervosa que não consegue formar nem uma palavra sem gaguejar. Estou amando isso.

— Hoje vou te comer de todas as formas possíveis, Marrenta. Se pedir para parar o castigo, vai ser pior. Só vou sair de cima de você quando eu quiser, já passou da hora de ficar bem claro quem manda nessa porra. — Eu nunca falei esse tipo de sacanagem com ela, mas hoje quero brincar de policial malvado.

— Pensei que você só fizesse amor, Ricardo — comenta, toda atrevida.

— Quem está aqui hoje é o impetuoso Delegado Avilar, moça. Então pense bem antes de falar novamente sem a minha permissão, as consequências serão graves. — Volto a apertar seu seio e dou um tapa de leve no bico causando uma ardência arrebatadora. A safada fica doidinha querendo mais disso.

— Faça o que quiser de mim, Delegado Avilar, sou todinha sua. — As palavras pulam da sua boca, sem nenhum pudor.

Júlia arfa ao ouvir o fecho da minha calça se abrindo. Vou fodê-la de roupa e tudo como punição por ter reclamado do meu uniforme de trabalho, sendo que anda seminua por aí. Sem preliminares. Ela me irritou tanto que só estando dentro dela para aplacar a minha fúria.

— Se é isso que você quer, então toma, sua safada. — Seguro sua cintura com força entrando em um único golpe em sua fenda molhada, brutalmente, como um cavalo, sentindo sua maciez. Ela arqueia o corpo com um gemido alto, me apertando, louca de tesão.

A puxo firme pelo cabelo para dar mais impulso nas minhas investidas, passo a boca no seu pescoço chupando e lambendo sua pele enquanto estoco cada vez mais fundo, sem dó. Júlia é a minha mulher, eu idolatro sua ferocidade, mas também amo sua entrega, dando-me livre acesso ao seu corpo delicioso.

— Assim, amor, bem rápido e gostoso — murmura, estremeecendo.

— Minha nossa, Júlia, você está me esmagando. — Sua intimidade se contrai, me sugando.

Seguro em seus ombros a mantendo imóvel para receber minhas investidas, ajeitando melhor a posição que preciso para fazê-la gozar em um nível que nunca chegou antes. Saio e entro novamente em um golpe violento, a sensação de estar dentro dela, por inteiro, é gloriosa. Júlia prende o fôlego em um ruído agudo e antes que se recupere, meto com força usando todo o peso do meu corpo para impulsionar o movimento chegando a um ponto que nunca fui antes, em um grunhido desesperador.

— Ricardo... — Ela se contorce toda, e goza inundando meu membro.

Continuo estocando em busca da minha libertação, sei que será violento. Estou perto, posso sentir. Mas bem na hora H, Júlia me empurra virando-se de frente para mim, desliza as costas na parede se agachando à minha frente. Segura minha ereção entre as mãos me masturbando, sem desviar o olhar, fazendo cara de safada antes de enfiá-lo na boca sem se importar de estar todo lambuzado com seu próprio gozo.

— Puta que pariu, Júlia! Essa cena merecia uma foto. — Apoio as mãos na parede olhando de cima para baixo, enquanto ela me chupa com vigor segurando meu membro com uma mão e a outra esfrega o clitóris, gemendo abafado.

Ela está nos masturbando ao mesmo tempo. Porra! Nunca senti tanto tesão na vida, essa mulher vai acabar me matando.

— Engole ele todinho, amor, eu quero gozar na sua boca. — Ela dá duas sugadas caprichadas, fecho os olhos sentindo meu ápice de prazer chegando com tudo.

A bandida para os movimentos abruptamente, fica de pé, limpa a boca e ajeita a sua roupa.

— Se quiser, vai ter que terminar sozinho, amor. Eu disse que o que fez na cozinha ia ter troco. — Pisca o olho e vai embora desfilando tranquilamente, me deixando com o pau duro na mão e completamente perplexo.

Filha da mãe!

Mas acabo sorrindo. Eu amo esse seu jeito imprevisível. Ao lado da Júlia a vida nunca é sem graça, todo dia será uma aventura diferente.

Capítulo 35



JÚLIA

Depois de quase meia hora Ricardo apareceu no carro cusbindo maribondo por conta da minha arte. Tadinho, teve que se virar sozinho. Bem feito! Agora vai pensar duas vezes antes de aprontar comigo. Foi resmungando o tempo todo no caminho de volta para casa, e eu rindo horrores da sua cara azeda. Estacionou o carro na garagem e subiu as escadas na frente, fazendo pirraça, passamos os dois no quarto da nossa filha para lhe dar um beijo de boa noite. Ela dormia feito um anjinho. Sem perceber, nos abraçamos velando seu sono.

O mau humor do Ricardo acabou rapidinho quando me convidei para dormir em seu quarto, tomamos banho juntos e dei o que ele queria debaixo do chuveiro. Acabamos indo dormir tarde e acordamos cedo para começar mais um dia de batalha, o segundo da nova rotina da nossa família.

A semana passou se arrastando, e eu estava em tempo de explodir dentro do bendito fórum, gostava tanto de trabalhar naquele lugar, agora sentia como se estivesse presa num inferno. Não aguentava mais os chiliques do Juiz Thompson, parecendo um ditador nos vigiando vinte e quatro horas por dia. Foram cinco dias de cão na mão desse homem, ninguém sabia explicar o motivo de tanta grosseria com todo mundo sem motivo algum.

Graças a Deus hoje é sexta-feira e não tem aula na faculdade, apenas reunião entre os professores. Meu expediente de trabalho está no fim, só preciso ir no gabinete do diabo e pegar uma assinatura importante antes de ir embora para a casa, colocar meus pés inchados dentro de uma água morna e passar o resto do dia dando a devida atenção para minha filha e o pai dela. Ricardo mandou recado que está me esperando cheio de amor para dar. Ele está de folga e queria vir me buscar, mas não deixei, insisti para que ficasse descansando.

Ele anda enciumado por conta do meu professor João Pedro, foi me buscar na faculdade todos os dias com uma tromba enorme, às vezes, caindo de sono porque tinha trabalhado até mais tarde. Mas ia. Disse a ele que podia muito bem ir embora sozinha, mas está para nascer criatura mais teimosa que o Delegado Ricardo Avilar. Não posso reclamar muito do seu ciúme, ando pegando bastante no pé dele por conta da oferecida da Carol. Tirando isso, estamos perfeitamente

bem, quase não brigamos.

No entanto, uma coisa tem nos preocupado. Maria Lara não tem se adaptado à escola. Teve um dia que chegou com o joelho ralado em casa dizendo que caiu no horário de recreio, porém eu senti que tinha acontecido algo a mais que não me contou. O problema é que mal tenho tido tempo de conversar com a minha filha direito, deixarei para falar com ela com calma nesse final de semana e seja o que for, quero que confiei em mim para contar em todos os momentos. Resolveremos qualquer coisa juntas, quero que seja assim sempre, não importa quantos anos se passem.

Nós duas contra o mundo, como sempre foi.

Termino de arrumar minha mesa deixando sobre ela apenas os relatórios que preciso levar para o Juiz Thompson assinar, depois é só pegar minha bolsa e ir embora. Estou exausta, minhas pernas até latejam de tão tensas de ficar andando para todo lado nesse fórum.

— Já estou indo embora, amiga, nem acredito que chegamos ao final do nosso expediente. — Marisa praticamente desmaia sobre o sofá de canto que tem em nossa sala, toda torta, nem se importando que está de saia. — Tem certeza que não quer que eu vá no seu lugar pegar a assinatura para aquele caso do senador corrupto, você já levou bronca do Juiz duas vezes hoje. — Solta o coque do cabelo comprido e o espalha pelo braço do sofá. Por um momento sinto inveja dela por estar deitada sobre aquelas almofadas macias.

— Vá para casa, mulher, e aproveita o final de semana. Depois que eu enfrentar o diabo, também vou para minha. — Pisco para ela pegando os relatórios sobre a mesa e caminho para o gabinete do Juiz, já preparando o meu espírito para a próxima bronca.

— Boa sorte com o diabo, Ju, vai precisar — Carina sussurra revirando os olhos atrás dos óculos de grau quando me vê passar pela recepção indo em direção à sala do chefão. Sinto-me como um animal indo para o abatedouro.

— Obrigada, vou precisar mesmo — sussurro de volta cruzando os dedos e soltando uma risadinha silenciosa. Agora até conversar é proibido no fórum.

Minha vontade é de gritar um foda-se bem grande. Ainda bem que estou me formando, e não vou precisar mais ser escravizada nesse estágio. Bufo ao levantar a mão para bater na porta do gabinete, mas a paro no ar assim que escuto vozes alteradas vindas de dentro da sala.

— No puedes continuar com isso, Thompson. — A voz do assessor do Juiz, o espanhol Gonzales, é elevada e vigorosa devido ao excesso de raiva. O forte sotaque deixa óbvio que não é natural desse país. Quando fica nervoso, quase não dá para entender direito o que fala. — Tem que deixar la mujer em paz, no recuerda o que aconteceu na última vez? Pelo visto, no. Antes de ser seu assessor, yo soy tu amigo desde menino e no puedo deixar que comece todo aquele infierno novamente. — Ele realmente parece muito preocupado com o Juiz Thompson. E que mulher é essa que ele está falando? Sabia que todo esse mau humor tem a ver com algum rabo de saia.

— Eu juro que não toquei nela, Gonzáles, tem a minha palavra. Tenho me mantido a uma distância que posso observá-la, mas sem me revelar. Dessa vez vai ser diferente, eu prometo. Ela é importante demais para mim, para obrigá-la a viver o inferno que é estar ao lado de um homem como eu, tenho ciência das minhas limitações na vida amorosa — o suspiro longo do Juiz me deixa com pena, sua voz denota o quanto está devastado por dentro.

— Então me explique o que foi fazer no Clube Luxos? Ela viu você lá, ficou se insinuando enquanto bailava. Es una mujer ousada, e sabe que é muy bella. No una santa como tú ex-namorada Suzana, e mesmo assim sabemos como terminou a história... agora mal conheceu essa daí e já está obcecado, depois que dormir com ela, no quiero nem ver no que isso vai dar. — Congelo.

Como assim, Clube Luxos? Será que estão falando da Yudiana? Caramba! Não sei o que pensar, isso tudo parece loucura.

Não sei se vou embora ou fico, afinal, é errado ouvir a conversa dos outros. Mas se estão falando da minha amiga eu tenho que descobrir. Estou com uma sensação ruim, como se a sua segurança estivesse em risco. Apoio a mão no peito tentando me acalmar, e aproximo mais o ouvido da porta.

— Não vai dar em nada, Gonzales. Já disse que não vou me aproximar dela. Mas os meus homens irão continuar a segui-la, preciso ter certeza que está bem. Segura. Ainda mais depois do que descobri sobre o seu passado, fizeram tão mal à minha menina que quando penso, tenho vontade de me vingar. — Ele joga alguma coisa na parede e, pelo barulho, se quebra em mil pedaços.

— Santo Diós! A situación es pior do que yo imaginei, tenho pena desta mujer. Conseguiu se manter bem por todos esses anos, no puede colocar tudo a perder agora. E como vai ser quando ela ficar enamorada por alguém, o que vai fazer com o cara, matá-lo? — Um silêncio crucial toma conta do gabinete e a única coisa que escuto são as batidas do meu coração pulando dentro do peito.

Depois de ouvir tudo isso, me pergunto, quem é o Juiz Thompson de verdade? Nem quero saber mais de assinatura, volto para a minha sala correndo, branca igual papel de tão apavorada que estou com tudo isso.

— O que foi, Júlia? Parece que viu um mostro. — Carina aparece atrás de mim na sala. — Aposto que foi o Juiz Thompson que maltratou você, eu admirava tanto esse homem, agora peguei ranço dele. — Sua mão alisa minhas costas com carinho em movimentos circulares na tentativa de me acalmar um pouco. A minha expressão deve ser realmente apavorante, porque as sobrancelhas dela estão juntas e a mandíbula apertada, sinal de que realmente está preocupada comigo.

— Tudo bem, Carina, foi só um mal-estar. — Forço um sorriso mais que bem falso, mas ela acredita.

Ela me conduz até o mesmo sofá que a Marisa estava esparramada quando saí. Pega um copo de água para mim e senta ao meu lado pegando com dificuldade as folhas na minha mão, nem percebi que as segurava com tanta força e que por pouco não as rasguei.

— Nem conseguiu pegar a assinatura com o Juiz, se quiser posso pegar para você, esse documento tem que ser enviado hoje. — Ela se oferece e suspiro aliviada, porque se eu fosse obrigada a entrar naquele gabinete, seria capaz de arranhar aquela cara bonita do Juiz até fazê-lo confessar se estava falando, ou não, da minha amiga.

Final da história, eu seria presa por desacato à autoridade e tentativa de assassinato de um homem da lei.

— Obrigada, Carina, você é um amor. — Dessa vez meu sorriso é de verdade, acho que ela percebe isso, pois retribui o sorriso, suas feições se suavizam.

— Não precisa agradecer, quando voltar, não quero te ver mais aqui, vai para casa cuidar do seu Delegado gostosão e da sua filhinha linda. — Ela enruga o nariz igual a uma gatinha, sem fazer ideia do quanto sou grata pelo o que está fazendo por mim.

Depois que ela saiu, peguei minha bolsa e fui embora na velocidade da luz. Caminhei até o ponto de ônibus ali perto com a cabeça aérea e quase fui atropelada ao atravessar a rua. O careca do carro branco me xingou buzinando feito um louco e eu respondi mostrando o dedo do meio para ele. Simples assim.

Dentro do ônibus, a Yudiana me ligou duas vezes, mesmo curiosa em saber se era alguma novidade sobre o paradeiro do ex-namorado da Talita, não tive coragem de atender, ela notaria que eu estava preocupada com alguma coisa.

E eu não poderia falar nada até ter certeza de que a mulher que o Juiz Thompson falava, era ela. Só não sei como farei para descobrir isso.

Capítulo 36



RICARDO

Eu e a minha filha estamos deitados tranquilamente em uma rede que coloquei na varanda, aproveitei a tarde de folga para ler um livro para minha ruivinha, balançando de um lado para o outro deliciando-me com a brisa fresca trazida pelo vento faceiro dessa sexta-feira, carregando o cheiro de um final de semana maravilhoso. Adônis está deitado perto de nós dormindo pesadamente, e a minha mãe na cozinha fazendo um bolo de laranja com calda de chocolate para o jantar.

A história escolhida para ler para a minha pequena foi “*Extraordinário*”, que conta as aventuras de um garotinho muito especial.

— Então as crianças da escola não gostavam do August por que ele era diferente, papai? — Questiona com a testa enrugada tentando entender o porquê de alguém não gostar de outra pessoa por conta da aparência. Ela é curiosa e faz perguntas praticamente em todas as páginas que leio.

— Sim, querida, infelizmente existem pessoas que dão mais valor ao que tem aqui... — Faço carinho em seu rosto e ela sorri. — ... do que você carrega aqui dentro. Dando mais valor à aparência do que o que carrega dentro do coração. — Minha mão está sobre seu coração, que bate tranquilo em um ritmo cadenciado.

— Mamãe me ensinou que não devemos julgar um presente pelo embrulho, porque o que importa mesmo é o que está dentro da caixa. É tipo isso, papai? — Indaga tão concentrada no assunto que a única coisa que se mexe nela são suas pestanas.

Sua cabeça está em meu ombro, o cabelo preso em um rabo de cavalo frouxo. Os olhinhos cravados em mim e reparo que a quantidade de sardas no seu rosto cresce gradativamente.

— É exatamente isso, filha, deve-se julgar uma pessoa pelo seu caráter, não pela sua aparência. — Boceja, o balanço da rede deixando-a sonolenta. — Às vezes podemos ganhar um presente com um laço bem bonito feito em cima e não gostar do que está dentro da caixa, ou ganhar um com um embrulho feio e amar

o que encontrou dentro dele quando abriu — explico, apenas reforçando o que a mãe disse, juntos faremos um bom trabalho em equipe na criação da nossa filha.

— Hum, agora acho que entendi, papai. Pode continuar, quero saber como termina a história do August, o menino extraordinário. — Sorri do trocadilho que ela faz com o nome do livro, ela consegue ser linda até nos mínimos detalhes.

Assim que volto a ler, Adônis late erguendo a cabeça e balança o rabo alegremente olhando para o portão de casa. Ergo o olhar na direção e vejo a minha Marrenta chegando. Sorrio, ficar longe dela tem se tornado cada vez mais difícil.

— Ebaaaaa, mamãe chegou. — Maria pula da rede e sai correndo descalça sobre a grama do jardim em direção à mãe, de braços abertos, quando Júlia a pega no colo colando seus rostos reparo como fica lindo o contraste do tom de pele das duas juntas.

— Que saudade da Maricota da mamãe, como foi seu dia de aula? — a ruivinha não responde, emburrando a cara. Algo está errado e tenho o pressentimento que o filho da Carol tem a ver com isso.

Não fui com a cara desse moleque e a Carol anda estranha comigo na delegacia desde o nosso encontro na escola. Mas perguntei à Maria mil vezes e ela disse que o menino não fez nada. Mesmo assim, vou pedir para o André perguntar para o meu afilhado se viu alguma coisa de anormal, como estudam no mesmo colégio pode ter alguma informação referente ao assunto.

— Oi, amor, tudo bem? — Esquivo por cima da cabeça da Maria em seus braços e beijo os lábios da minha Marrenta.

— Só um pouquinho cansada, meu amor.

Na verdade, está exausta, ombros caídos e olhos fundos. O dia no trabalho deve ter sido puxado, mal consegue segurar a filha.

— Vem, eu vou cuidar de você. O que acha de um banho bem gostoso de banheira? — Aproximo a boca do seu ouvido, ela já sabe que alguma sacanagem está a caminho. — E uma massagem erótica depois com nós dois nus, valendo tudo, o que acha? — Sussurro e ganho um beliscão acompanhado de um olhar sacana.

— Você vai cuidar de mim ou me cansar mais ainda, Delegado? — Estreita os olhos.

— Os dois, Marrenta. — Coço a nuca examinando-a de cima a baixo todo pretencioso. Eu nunca me canso de desejá-la.

Maria desce do seu colo e entramos os dois de mãos dadas, cheios de ideias.

— Posso brincar de casinha no meu quarto? — Minha gatinha mia dando pulinhos toda serelepe, eu e a Júlia nos entreolhamos.

— Deve, querida — declaramos juntos e a pequena sobe as escadas feliz da vida pulando dois degraus por vez.

— Enfim, a sós. — A beijo do jeito que queria desde que a vi chegar, Júlia deixou a bolsa cair no chão e abraça meu pescoço.

Mas quando a sorte é grande demais, a gente desconfia.

— Que bom que você chegou, Julinha. — Minha mãe aparece com uma travessa de plástico branca na mão batendo uma massa de bolo, acabando com nosso momento romântico. — Poderia me ajudar com a calda de chocolate, filha? Não sei deixar no mesmo ponto que o seu, vou olhar hoje e ver se aprendo.

Somos obrigados a nos separar.

Será que é tão difícil assim ter um tempinho só nosso?

Pelo visto, sim.

A companhia da Júlia é tão encantadora, que quando não é a nossa filha, é minha mãe a chamando o tempo todo.

— Não pode ser mais tarde, mãe? A Júlia está cansada, acabou de chegar do trabalho. — Tento argumentar, mesmo conhecendo a mãe que tenho.

— Seu nome agora é Júlia, meu filho? — Tira colher de pau da travessa cheia de massa com uma cara tão azeda que penso que vai jogá-la na minha cabeça. Negociar com a dona Célia é quase impossível, dá nó até em gota d'água.

Mas algo me diz que está tramando alguma coisa e precisa da Júlia como cúmplice, mas o quê? Tenho até medo de descobrir.

— Claro que ajudo, dona Célia, vai ser um prazer. — Olho feio para Júlia. Tinha esperanças que ela dissesse não.

— Obrigada, querida, vou te esperar na cozinha — diz e volta para a cozinha, mas não antes de mostrar a língua para mim.

Velha implicante.

— Isso que dá ser tão maravilhosa, meu amor, todo mundo quer sua atenção. — Coloco seu cabelo atrás da orelha, cabisbaixo.

Tinha outros planos mais interessantes para nós, bem mais.

— Vou tentar escapar o mais rápido possível e voltar para você, tá bom? Não fica com essa carinha tristonha, prometo recompensar mais tarde, comprei um presentinho para você.

— Ok, ficarei esperando ansioso.

Me dá um beijo tão terno que quase não sinto o gosto dos seus lábios, tira os sapatos e caminha descalça para cozinha.

Durante o resto da tarde estranhei que a minha mãe e a Júlia ficaram de cochichos por todos os cantos da casa, não se largaram mais, comecei até a ficar com ciúme. Não perguntei nada, fiquei só observando. Coloquei a Maria Lara para dormir e aproveitei para terminar de ler o livro para ela. Depois que dormiu, fui tomar meu banho, vesti uma cueca e me sentei na cama com o meu notebook no colo para resolver algumas coisas do trabalho.

Após um bom tempo, a Marrenta aparece na porta do meu quarto com uma camisola vermelha curtíssima com direito a cinta liga e meias. Os cabelos soltos do jeito que eu gosto, rebeldes. Seja o que for que ela quer tirar de mim, veio disposta a conseguir. Vestida para matar. Bandida!

Fico hipnotizado observando-a caminhar em minha direção rebolando o traseiro, contorcendo os lábios de forma sexy preparando o bote, acredito que tenha babado toda a saliva que existia na minha boca.

— Boa noite, Delegado. — Sobe na cama e vem engatinhando até mim, tira o notebook do meu colo, fecha e o coloca sobre o criado-mudo.

— Melhor impossível, Marrenta. — O corpo dela está sobre o meu esfregando o tecido de seda em minha pele, causando cócegas, os meus lábios tão próximos dos seus que posso sentir o calor da sua respiração.

Júlia de fato é uma caçadora nata e sabe perfeitamente como usar seus encantos para atrair sua presa de um jeito que não tem escapatória.

— E pode ficar ainda melhor, Delegado. — Aperta minha ereção por baixo da boxer e gemo em protesto.

— Esse é o presentinho que comprou para mim? — Deslizo as mãos pelo

tecido de seda da camisola vermelha e enfio as duas mãos no seu decote apalpando os seios enormes e firmes, fazendo-a arfar de prazer.

— Sim, gostou? Comprei pensando em você. — Avanço com tudo erguendo o corpo para pegar o que é meu, porém ela é mais rápida e sai de cima da cama, me deixando num nível incalculável de frustração. — Mas antes precisamos conversar sobre uma coisa, foi ideia da sua mãe e eu achei maravilhosa. — Júlia anda pelo quarto com os passos ansiosos. Inquieta.

Não sabe se contorce as mãos ou puxa a camisola para baixo, sem coragem de me olhar nos olhos.

— Então fala logo, Júlia, não enrola. — Apoio os braços debaixo da cabeça, começando a ficar preocupado, ainda mais sabendo que a minha mãe está no meio.

— Sua mãe me contou que daqui a duas semanas é a data certa do aniversário da Maria Lara. Como eu e a minha família nunca pudemos dar uma festa a ela, então, pensei: por que não fazer uma agora? Com balões cor de rosa e decoração de princesa, música. Pode ser algo bem simples, apenas para os coleguinhas da escola nova e os seus parentes.

Fico de pé em um rompante para dar a resposta que ela merece. Júlia se encolhe toda quando me aproximo e agarro seu braço com força.

— E a dona Célia te fez pensar que vindo aqui quase pelada, dentro dessa camisola vermelha conseguiria me convencer a fazer uma festa para minha filha no dia em que a mãe dela morreu? — Esbravejo, fora de mim, furioso com essa tentativa ridícula da sua parte de me seduzir para conseguir o que queria.

Não pensou na minha dor, nas lembranças terríveis que essa data me traz. Tramou pelas minhas costas como Judas, contudo, esse tipo de artifício pode funcionar com outros homens, mas não comigo.

— Não é isso, Ricardo, você entendeu tudo errado e só...— Não permito que termine.

— Pensou o que, Júlia? Que pode me comprar com sexo? Pois fique sabendo que o que sinto pela minha esposa não tem preço, ela jamais se prestaria a um papel tão baixo. — Perco a cabeça de tanta raiva enquanto balanço Júlia no ar como se fosse uma boneca de pano.

— Me solte, por favor, está me machucando — diz em um ruído de pavor toda trêmula, olhando para as minhas mãos que ainda seguram seus braços com

força.

E então percebo a merda que fiz. Júlia está em pânico, seu olhar demonstrando o medo pela minha atitude agressiva. Deve estar pensando que iria machucá-la como seu namorado Vitor fez, partindo seu coração mais uma vez.

— Meu Deus! O que eu estou fazendo? — Solto Júlia na mesma hora, desesperado ao vê-la alisar o braço no local onde havia segurado. — Não queria te machucar, por tudo que é mais sagrado, me perdoe, amor. — Me afasto num grunhido, sua expressão é um misto de dor e mágoa.

Tento tocá-la, só preciso abraçá-la e implorar por seu perdão. Mas Júlia sai correndo assustada e se tranca em seu quarto. Corro atrás e bato na porta implorando para que abra.

— Por favor, amor, abre essa porta, vamos conversar. Desculpa, eu acabei perdendo o controle e disse coisas que não queria. — Esmurro a porta de tal maneira que a parede estremece, mas não tanto quanto o meu corpo trêmulo de medo de perdê-la.

Encosto minhas costas na porta levando a mão sobre o coração acelerado, sentindo a adrenalina correndo rápido demais pelas minhas veias. O que eu fiz, meu Deus? Nunca me perdoarei pela merda que acabei de fazer, do jeito que conheço a Júlia, sei que também nunca vai me perdoar. Mesmo assim, não vou sair da sua porta até que consiga falar com ela, ajoelhar aos seus pés implorando por uma chance. Explicar que fui pego de surpresa por essa história de festa no dia em que revivo todo o sofrimento da morte de Andréia e acabei surtando, descontei em cima da única pessoa que tem conseguido curar as feridas do meu coração.

E eu fui idiota o suficiente para estragar tudo.

Passei a noite sentado em frente à porta do quarto da Júlia, aguentei acordado até quando pude. Nem vi quando adormeci e desperto ao ouvir uma vozinha me chamando bem longe.

— Acorda, papai... acorda. — Abro os olhos e me deparo com a minha filha desesperadamente me puxando pela mão e me dou conta de estou deitado no meio do corredor.

— Calma, filha, o que aconteceu? — Pergunto sonolento enquanto me sento apoiando as costas na parede, o corpo todo dolorido.

— As coisas da mamãe sumiram, acho que ela foi embora. — Arregalo os olhos e vejo que a porta do quarto da Júlia está aberta, não acredito que ela foi embora passando por mim e eu não vi. — Você prometeu que ia cuidar dela, não pode deixá-la sozinha. — Maria me puxa pelo braço tentando me fazer levantar, mas estou sem forças.

Agora é tarde demais, eu a perdi.

— Desculpa, filha, o papai estragou tudo. — Minha vista turva, fecho os olhos tapando o rosto com o braço, apavorado de dar um passo em qualquer direção que seja sem Júlia ao meu lado.

— Não chora, papai, a mamãe vai voltar. — Minha filha seca as lágrimas do meu rosto e me abraça forte.

Ouçõ passos cuidadosos se aproximarem de nós, nem preciso abrir os olhos, sei perfeitamente quem é.

— Eu sinto muito, Ricardo. A culpa é minha, pensei que você já estivesse pronto para deixar o passado no lugar dele — depois de um longo suspiro minha mãe continua com a voz trêmula, está chorando também. — A Júlia não queria falar desse assunto de festa no aniversário da Maria contigo, tinha medo da sua reação porque faria te lembrar da morte da Andréia. Mas sou teimosa e fiquei insistindo, a coitadinha acabou aceitando com o coração na mão, receosa de que pudesse te magoar tocando nesse assunto. E acabou que os dois saíram magoados, ela foi embora com os olhos coberto por lágrimas.

O relato da minha mãe só me faz sentir pior ainda.

Por isso Júlia estava tão nervosa enquanto falava andando de um lado para o outro no quarto, tinha medo da minha reação e eu dei vida à pior das suas hipóteses agindo como um monstro. Preciso ir atrás dela, dizer o quanto estou arrependido e implorar seu perdão porque não consigo mais imaginar minha vida sem ela.

— Tudo bem, mãe, a culpa não foi da senhora. Só minha. Não se preocupe, vou resolver isso agora mesmo. — Levanto em um pulo, vou até meu quarto e coloco uma calça e uma camisa de malha, calço os sapatos depressa.

Pego a chave do carro sobre a cômoda e enfio no bolso.

— Onde você vai com tanta pressa, Ricardo?

Minha mãe agarra o meu braço assim que saio do quarto, os olhos tomados por lágrimas e as bochechas rosadas combinando com a cor da sua roupa de

dormir, os pés gorduchos dentro de pantufas brancas. O efeito da culpa é tão evidente nela que a faz parecer mais baixinha do que já é, para abraçá-la tenho que envergar meu corpo como um anzol.

— Estou indo trazer sua nora de volta para casa, mãe. — Limpo as lágrimas do seu rosto para que não tirem o brilho do seu sorriso aberto. Minha mãe pode ter mil defeitos, mas todas as loucuras que faz são em prol da felicidade de todos ao seu redor.

— Não volte para casa sem a Júlia, meu filho. Isso é uma ordem. — Balança o dedo em minha direção, depositando toda sua esperança em mim.

— Eu também quero ir buscar a mamãe. — A pequena abraça o próprio corpo fazendo birra. Sem tempo e paciência para conversar, acabo levando-a comigo de pijaminha mesmo e o cabelo todo bagunçado.

Fui até o morro do Alemão atrás de Júlia, pensei que teríamos problemas para entrar. Mas não. As coisas estão tranquilas por aqui desde a nossa última invasão, graças a Deus. Complicado mesmo está a situação na favela da Rocinha, o chefe do tráfico de lá, o Binladem, tem me dando muita dor de cabeça. Até uma certa altura deu para ir de carro, depois eu subi a pé com a minha filha no colo. Ela indicou um atalho que deu na rua da casa da mãe direitinho. Logo avistei uma casinha simples pintada de azul, janelas de madeira, assim como o portão da frente.

Maria desce do meu colo e sai correndo na frente, abre a porta e entra, sentindo-se em casa novamente, a afinidade dela com o lugar é evidente.

— Oi, vovô, seu amuleto da sorte chegou.

— Maria Lara? Que surpresa boa para o vovô te ver aqui, meu amor. — Seu tom é de pura euforia, assim como o da neta.

Não entro, paro em frente à porta aberta, preferindo esperar ser convidado, pois sei que não sou bem-vindo aqui. Enfio as mãos nos bolsos.

— O papai me trouxe, ele está lá fora — diz inocentemente.

E um silêncio crucial se faz presente.

Instantes depois, senhor Joaquim aparece na porta com a neta agarrada no seu pescoço. Ele é tão grande que Maria parece apenas uma bonequinha de pano em seu colo, com o rosto colado no dele. Traja um macacão azul escuro todo surrado, acredito que seja sua roupa de trabalho.

— Bom dia, senhor, desculpe aparecer sem avisar. — Minha voz sai trêmula, há uma tensão presente no ar.

Ele não me responde, continua sério com o nariz enrugado.

— Maria, por que você não vai acordar seu tio para o trabalho? Ele vai ficar muito feliz em te ver.

— *Tá bom, vôzinho.* — Ela beija o rosto dele, então desce do seu colo e volta correndo para dentro da casa.

— Se você trouxe a minha neta, onde está a Júlia?

Minha boca fica seca, um gosto amargo na garganta. Se ela não veio para casa, aonde pode ter ido?

— Eu esperava que o senhor me dissesse. — Forço um sorriso na tentativa de esconder meu desespero e desvio o olhar.

Mesmo assim, sinto que examina minhas feições.

— Acabei de passar um café fresquinho, por que não entra e conversamos melhor, rapaz? — Abre passagem na porta, seu convite me deixando tão surpreso quanto a simpatia ao proferir as palavras.

— Se não for incomodar, eu aceito sim, senhor, até porque estou sem condições de dirigir agora.

— Está se sentindo mal, meu filho? Venha, vamos entrar logo. É muito cedo e está um pouco frio aí fora. — Ele segura no meu braço e me conduz até a cozinha. Os móveis da casa são simples, no entanto, extremamente organizada e limpa, tudo no seu devido lugar.

Imaginei minha filha crescendo nesse lugar aos cuidados da Júlia, aprendendo a andar se apoiando nos móveis, espalhando seus brinquedos por toda parte. São seis anos de lembranças, essas paredes têm muita história para contar. Senhor Joaquim arrasta uma das quatro cadeiras da pequena mesa de madeira para que eu me sente, no centro da mesa há uma cesta com algumas frutas. Serve um copo com dois dedos de café e me entrega, sentando-se ao meu lado.

— Obrigado, senhor Joaquim. — Abaixo o olhar para meus pés, mal conseguindo falar, estou completamente tomado pela emoção.

Ele tem todos os motivos para estar gritando comigo, mas não, pelo contrário, está sendo extremamente gentil. E percebe-se que não é nada forçado,

é uma característica dele.

— Obrigado pelo que, rapaz? — Sua expressão é confusa. Ser gentil é algo tão normal no seu dia a dia que não faz a menor ideia do motivo do meu agradecimento.

— Por não ter dado um tiro na minha cara assim que cheguei, jamais imaginei que seria recepcionado dessa forma tão carinhosa. — Ele gargalha inclinando a cabeça para trás, do mesmo jeito e o mesmo som da Júlia.

Meu coração aperta, onde será que o meu amor está? Espero que bem e com menos ódio de mim.

— Que isso, rapaz, não estou fazendo mais que minha obrigação. — Estica o braço e toca meu ombro, depois rola seu café dentro do copo para esfriar mais rápido. — Ah, que cabeça essa minha, tem um bolo que eu fiz ontem e um queijo na geladeira. — Serve um pedaço dos dois para mim em um pratinho, pega um garfo na gaveta e me entrega.

— Eu quero me desculpar por todo mal que causei ao senhor e à sua família, sinto vergonha de mim, tão cabeça dura, e ter feito algumas atitudes impensadas. — Provo um pedaço do bolo e está delicioso.

— Mas pelo jeito achou alguém mais cabeça dura que você, não é, filho?

— Sim, senhor. — Sorrio, sabendo que está falando da Júlia.

— Você gosta da minha filha, não é? — Indaga, sendo direto, gosto disso.

— Como não se apaixonar por ela? — Respondo à sua pergunta com outra. Ele me dá uma olhadela gostando do que eu disse.

— Seja lá o que fez para Júlia sumir dessa forma, fique sabendo que ela não vai facilitar nem um pouco as coisas para o seu lado. Conheço bem minha filha, ela é sistemática. Os rapazes aqui do morro lambem o chão que pisa, mas não deu uma chance para nenhum deles, é osso duro de roer. Até hoje, você foi o único que conseguiu chegar tão perto.

Remexo na cadeira, incomodado, não gostei de saber que têm tantos caras assim atrás da Marrenta.

— Como assim, “o único que chegou tão perto”?

— Do coração dela — responde convicto.

Minhas mãos tremem, suando frio.

— Como sabe disso?

— Júlia já passou por muitas coisas ruins nessa vida, Delegado. Viu a mãe morrer na sua frente em meio a um tiroteio aqui no Morro, tinha apenas dez anos na época. Teve que superar à força, virando adulta muito cedo, tendo que cuidar do irmão pequeno para eu trabalhar e colocar comida na mesa. — A sua face se fecha dura. Assim como eu, sente a dor ao lembrar da perda de alguém que ainda se ama. — Além disso, sinto que aconteceu algo na sua adolescência que apagou a luz do seu sorriso, mas quando a Maria chegou em nossas vidas, o brilho voltou com força. De uns tempos para cá está radiante. Sabia que estava apaixonada, mas descobrir que é por você me pegou de surpresa... enfim, só não quero que Júlia se feche para o mundo novamente. Você entende o meu lado como pai que faria qualquer coisa para ver a filha feliz? — Suas pupilas dilatam e ele cerra os dentes. Não tomo como uma ameaça, mas, sim, como aviso.

Minha Marrenta também havia perdido alguém que amava de forma tão trágica, e tudo isso bem diante dos seus olhos. Mesmo assim, não se tornou uma pessoa amargurada, não deixou a escuridão dominá-la como eu fiz.

— Eu gosto muito da sua filha, senhor Joaquim. E sou capaz de fazer qualquer coisa para vê-la feliz. Não vou dizer que serei perfeito para ela, porque estaria mentindo, sou humano e falho na maioria das minhas escolhas. Mas prometo dar o meu melhor sempre, para ela e a sua neta. — Sou sincero em cada palavra.

Ele pensa por um bom tempo terminando de beber seu café, tenho medo de que não acredite nos meus sentimentos pela filha.

— Isso para mim já é mais que suficiente, não precisa ser perfeito, apenas verdadeiro. Resolva esse mal-entendido entre vocês, e dedique o resto dos seus dias em fazer minha filha feliz o máximo que puder.

Senhor Joaquim acaba de me encher de forças para lutar pela sua Júlia, nem que eu tenha que viver o resto da vida de joelhos aos seus pés implorando pelo seu perdão.

— Então o senhor abençoa o nosso amor? — Esfrego a nuca onde os músculos estão tensos, duros como pedra.

— Todo amor deve ser abençoado, principalmente entre duas pessoas tão quebradas pela vida. — Ele ergue o rosto para mim.

Vejo compaixão em seus olhos, e um nó se forma em minha garganta.

— O senhor sabe onde a Júlia possa estar? Porque eu não faço ideia.

— Quer um conselho, filho? — Assinto, isso é tudo que preciso no momento. — Se ela não quer ser encontrada, não procure. Sei que dizer isso para um coração apaixonado é muito difícil, mas de cabeça quente como os dois estão agora, só vão piorar as coisas. Deixa que, na hora certa, quando Júlia estiver pronta virá até você por vontade própria. É uma pessoa muito responsável, deve estar na casa de uma de suas amigas de confiança — conclui.

Sei que estava coberto de razão, mas de onde tirar forças para isso? Júlia mal se foi e já estou morrendo de saudades dela.

Pedir que me mantenha longe de Júlia é a mesma coisa que parar de respirar, doeria menos de arrancasse meu coração fora.

— Mas e se nesse meio tempo ela esquecer de mim? Conhecer alguém mais interessante que eu. — Tento não parecer tão inseguro, mas acho que é só olhar para mim e ver que o desespero está escrito na minha testa em formato de rugas delineadas no meio das sobrancelhas.

— Seja presente — diz o óbvio piscando o olho.

— Mas como, se não posso ir atrás dela?

— Hoje em dia não precisa estar ao lado de uma pessoa para estar presente, a tecnologia te dá a faca e o queijo na mão.

Pisco algumas vezes, sem saber onde ele quer chegar com isso.

— Mande mensagens aleatórias sobre coisas do dia a dia, tipo “percebeu como o céu está azul hoje? ”. Assim, toda vez que ela ver essa cor, lembrará de você. Não toque no motivo que a fez fugir, não queremos que ela se sinta pressionada, não é mesmo? Poste no *Facebook* fotos suas e da Maria em momentos de lazer, para que lembre dos momentos bons que viveram juntos. Ela ama essa menina, não vai aguentar ficar muito tempo longe da filha. Ah, e não esqueça de marcá-la no status de relacionamento sério, mulheres reparam muito nessas coisas, sei lá, rapaz, improvisa. — Sacode os ombros, achando graça do que ele mesmo diz.

Fico pasmo! O homem é uma enciclopédia romântica ambulante. O que está acontecendo com essas pessoas mais velhas que estão tão ligadas nisso de tecnologia? Já, eu, estou completamente por fora.

— Eu não tenho Facebook, nem sei como isso funciona. — O clima pesado se foi, estou até sorrindo.

— Sério, rapaz? Até eu que sou velho tenho, aliás, a sua mãe, Célia, me adicionou. Temos trocados mensagens direto.

Meu queixo cai quase que no sentido literal. Minha mãe de papinho no Facebook com o pai da Júlia?

Tenho que rir.

— Agora eu sei porque minha filha ama tanto o senhor, e de onde ela e a Júlia aprenderam a ter um bom coração. — Ele merece ouvir a verdade.

— Que isso, rapaz, sou só um velho que aprendeu muita coisa com a vida.

— Obrigado por dividir sua sabedoria comigo, conhecê-lo hoje foi um belo presente que a vida me deu. — O abraço e ele retribui dando três tapinhas nas minhas costas.

— Olha o aviãozinho, papai. — Maria aparece na cozinha sendo erguida no ar pelo tio, os bracinhos esticados imitando um avião de verdade.

— Bom dia, Delegado. — Binho me olha de espreita, tem os dois pés atrás comigo.

— Bom dia, Binho, e pode me chamar apenas de Ricardo.

— Você chegou na hora certa, filho, coloca a senha do wi-fi que você rouba do vizinho no celular dele e baixa o Facebook, depois o ensina como usar.

— Meu Deus, pai! E se ele quiser me prender por isso, vai que roubar wi-fi do vizinho é crime. Sei lá, hoje tem lei para tudo. — Se zanga com o pai enquanto coloca Maria sentada na mesa, pega uma caixa de leite na geladeira e o prepara com Nescau em um copo cor de rosa com duas orelhinhas escrito na frente “princesa do tio” e o entrega a ela.

Reparo que agora Maria usa um vestido lilás e o seu cabelo está penteado e preso em uma trança embutida. Obviamente o tio que a arrumou, e fico encantado com sua atitude.

— Pode ficar tranquilo, Binho. Não existe lei para isso. — O tranquilizo, rindo e dando um gole no meu café.

Eles são divertidos.

Acolhedores também, me sinto em casa. Parte da família, a qual quero fazer parte pelo resto da minha vida ao lado da Júlia.

Depois de uma conversa um tanto animada com meu sogro e cunhado, saí

da casa deles com outro humor, meu coração transbordando esperança de ter minha Marrenta de volta em meus braços. Durante o caminho de volta, Maria não parou de tagarelar em como adorou o passeio na casa do avô, que para ficar melhor só faltou a mãe dela estar conosco. Vi seu sorriso se desfazer ao lembrar da Júlia, pensei que a choradeira iria começar. Mas não, em vez disso encostou a cabeça na borda da cadeirinha no banco de trás e adormeceu tristonha fazendo a culpa acabar comigo de vez. Não era só eu que estava sofrendo com essa situação, mas, principalmente, minha filha que não tinha culpa nenhuma de ter um pai idiota que colocou tudo a perder. Por isso precisava acertar as coisas logo, e trazer sua mãe de volta para nós o quanto antes. Não seria fácil, mas não iria desistir, nunca.

Deixei Maria em casa com minha mãe e fui para o trabalho mais que atrasado, cheguei na delegacia quase no horário do almoço. Ninguém perguntou nada, mas o meu mau humor deixou bem claro que meu sábado não estava sendo dos melhores. Barreto fazia de tudo para me agradar, se preocupava comigo de verdade. Além de ser um ótimo policial, era um amigo leal e atencioso. Tentei me concentrar preenchendo alguns relatórios, mas a angústia de saber que a cada minuto que passava Júlia se afastava mais de mim, era torturante. Minha vontade era largar tudo e ir atrás dela, revirar o Rio de Janeiro do avesso se fosse preciso atrás dessa mulher.

Que se tornou minha vida.

Mas me contive em apenas enviar uma mensagem, rezando para todos os deuses para que pelo menos lesse antes de apagar tomada pela raiva. Afastei-me da mesa do meu escritório ajeitando melhor as costas na cadeira, esfregando uma mão na outra antes de tirar o celular do bolso. Meus olhos ardiam enquanto digitava a mensagem, enviei com a respiração trôpega.

“Queria que você estivesse aqui comigo, ou eu aí, com você. Ou que estivéssemos juntos em qualquer lugar, para mim não importa onde, desde que esteja ao seu lado. Tudo o que peço é uma chance para acertar as coisas, montar uma família ao seu lado.”

Esperei... esperei e esperei.

Mas a resposta não veio.

Já esperava por isso, mas no fundo tinha a esperança de que a vida me surpreendesse de forma positiva pelo menos uma vez. Nunca senti tanto medo na vida, de mais uma vez ter que aprender a viver sem alguém que amo. Foi preciso

perder Júlia para perceber o imenso espaço que ocupa na minha vida em um curto período. Corpo, alma e coração. Meu desespero era tanto que minha cabeça doía, cambaleei até o banheiro escorando na parede e lavei meu rosto com água fria na tentativa de renovar minhas forças.

— Tiroteio na Rocinha, Delegado. Uma gangue invadiu a favela tentando derrubar o Binladem, decididos a tomar o controle do tráfico de lá, e a Polícia Militar pediu o nosso reforço. — A voz ofegante do Barreto, estacado no vão da porta do banheiro, me faz despertar um pouco do estado de transe, todo meu corpo parece anestesiado.

— Prepare as viaturas e reúna a equipe, saímos em cinco minutos. — Olho para ele por cima do ombro, reparando que ainda está parado no mesmo lugar me encarando, impaciente e esfregando as mãos.

— Seja o que for que aconteceu com o senhor, espero que se resolva logo. O admiro muito como Delegado, principalmente como pessoa e pai. — Baixa olhar, envergonhado. — É o mais perto de um amigo que cheguei, obrigado por isso. — Suas bochechas coram e permanece estático. Como um rapaz tão bacana como ele não tem mais nenhum amigo?

Realmente não faz sentido.

— Sinto-me honrado por isso, Barreto. É um ótimo profissional e amigo leal. Vamos marcar de sair mais vezes, André disse que te achou um cara bacana. — Fecho a torneira e enxugo o rosto com uma pequena toalha azul pendurada sobre a pia. — Mas também tem que fazer amigos da sua idade, deixar essa sua timidez de lado. — Viro de frente para ele, cruzando os braços.

Há uma tristeza profunda no seu olhar, acho que sempre estive ali. Como eu não vi antes? Como sempre fiquei focado apenas no meu sofrimento, esquecendo de observar as pessoas ao meu lado? Deveria ter percebido a sua carência de atenção, quase ninguém fala com ele além de mim e a Carol que é única mulher da minha equipe.

— Não é por causa da minha timidez que os meninos da escola não queriam ser meus amigos, tem outro motivo o qual não posso fazer nada a respeito para mudar. — Um nó se forma na minha garganta e evito seus olhos. — Vamos marcar de sair qualquer hora dessas para tomar uma cerveja eu, o senhor e seu amigo, tudo por minha conta, Delegado. Mas agora temos um tiroteio para enfrentar na Rocinha, se me der licença vou reunir o pessoal.

Sai sentindo-se realizado, sei lá, alguma coisa não está batendo nessa

história. Preciso conversar melhor com Barreto a respeito disso.

Mas, por ora, tenho uma guerra para enfrentar na favela da Rocinha, a única coisa boa nisso é que pelo menos a adrenalina do confronto com os bandidos talvez amenize minha dor. Visto meu colete à prova de balas, enfeito minha cintura com duas armas, uma de cada lado. Coloco meus óculos escuros e conduzo minha equipe em mais uma missão de risco. Logo que chego ao pátio onde as viaturas ficam, noto um certo tumulto, não me surpreendo ao ver o motivo é o policial novato, Carlos, dando mais um dos seus chilikues. Mal posso esperar para tirar esse idiota da minha equipe, não suporto nem a voz dele.

— Posso saber o que está acontecendo aqui, que não estão cada um dentro da sua viatura? — O silêncio paira assim que chego, dá até para ouvir a respiração deles.

— Porque eu não recebo ordens do Barreto, quem ele pensa que é para sair pela delegacia reunindo o pessoal como se ele fosse o dono da porra toda? — Ele lança um olhar cheio de ódio sobre o Barreto, a boca chega a espumar e os punhos fechados segurando-se para não voar nele a soco.

Esse Carlos precisa de ajuda psicológica, só pode. Essa obsessão pelo Barreto não é normal, alguma coisa aí tem.

— Fui eu quem mandou ele juntar a equipe, não vejo mal nenhum em um dos meus homens obedecer às minhas ordens à risca sem reclamar. Aliás, você deveria seguir o exemplo do Barreto, às vezes. Estou a um fio de te expulsar da minha equipe, então não abuse da minha paciência.

Na verdade, só estou esperando ele aprontar mais uma para me livrar dele o mais rápido possível.

Os demais policiais observam tudo, mas não falam nada, a maioria, assim como eu, não o suporta.

— Eu seguir o “*exemplo*” do Barreto? — Solta uma gargalhada macabra, cínica e debochada. — Se o senhor soubesse o que eu sei sobre o seu protegido, Delegado, não estaria dizendo isso.

Não faço ideia do que ele está falando, mas seja lá o que for, faz com que Barreto se encolha todo.

Sim, há algo que só os dois sabem.

— Eu estou farto das suas implicâncias comigo, Carlos. Para mim, você não é nada, só mais um egoísta que se acha no direito de humilhar as pessoas. —

É a primeira vez que presencio Barreto se defender das implicações do Carlos com afinco, como resposta recebe um soco dele no rosto que o derruba no chão.

— É isso que maricas como você merecem, gente como você não é digno de usar essa farda da polícia. — Ele ainda tem a ousadia de cuspir na cara do Barreto. Para mim, é a gota d'água.

— Você está expulso da minha equipe, Carlos. E eu mesmo tratarei de aumentar a sua má fama para que não consiga vaga em nenhuma outra delegacia do Rio de Janeiro. — Eu e a Carol ajudamos Barreto a se levantar, seu lábio inferior tem um pequeno corte sangrando e começando a inchar.

— Isso não vai ficar assim, Delegado, pode ter certeza! — Não gosto do tom desse garoto, mas se ele aprontar alguma coisa, não vou ter um pinga de dó dele.

— Vai embora, Carlos, ninguém te quer aqui. Um policial que agride um companheiro de trabalho, é que não merece usar a farda. — Carol fica furiosa, corre até o banheiro e pega uma toalha úmida para limpar o sangue do ferimento.

— Antes de ir, deixe seu distintivo e as armas, e nunca mais pise aqui. Se me obrigar a colocar meus olhos em você novamente, vai se arrepender amargamente. Quando me vir na rua, mude de calçada. — Ergo a mão e ele me entrega as armas e o distintivo com um sorrisinho superior no rosto.

Provocativo, como se estivesse tramando algo.

— Eu acho que da próxima vez que nos encontrarmos, Delegado, pode ter certeza, não será eu que vou me arrepender amargamente — faz a ameaça entrelinhas e vai embora rolando a chave entre os dedos, assobiando. Minha vontade é dar um tiro no pé desse cara para largar de ser abusado.

Depois do bate-boca, enfim, partimos para a favela da Rocinha. Fui presenteado com dois tiros de raspão, um na testa e outro no braço. Um dos meus homens, baleado; e outros, levemente feridos. Mesmo com esse contratempo, conseguimos controlar o tiroteio sem nenhum civil ferido gravemente. Já os integrantes das duas gangues, não posso garantir o mesmo, os que não foram presos, vieram a óbito. É o preço que os bandidos pagam por escolherem o caminho errado, o mais fácil, porém, perigoso e sem volta. Muitos por falta de oportunidade, mas a maioria por terem uma falsa visão de poder.

Quando cheguei, minha mãe e a ruivinha estavam dormindo, tomei um banho com cuidado para não molhar os curativos. Deitei nu, a noite estava

quente, assim como o desejo iminente em meu corpo. O cheiro da Júlia estava impregnando no meu quarto, principalmente na cama. Cravado na minha carne e no meu coração. Rolei de um lado para o outro sem conseguir dormir, peguei meu celular sobre o móvel e aproveitei o silêncio da noite para mandar outra mensagem para a Marrenta, a saudade dela era tão grande que doía.

“Boa noite, amor, desculpa estar te incomodando tão tarde. Mas eu estou com muitas saudades, tudo fica triste sem você aqui. Hoje o dia foi tenso no trabalho, levei dois tiros. Mas não se preocupe, foram só de raspão. Mesmo assim, estão ardendo pra caramba. Tudo o que eu mais queria agora era ouvir sua voz, saber se está bem. ”

Mais uma vez esperei pela sua resposta que não veio. Virei para o canto e dormi, sentindo meu coração sangrando dentro do peito.

Capítulo 37

•

JÚLIA

“Passando para desejar bom-dia, amor. Nossa filha, assim como eu, está com muita saudade de você, mas fique tranquila, tenho conseguido entretê-la, então tire o tempo que precisa. Hoje virei para casa mais cedo do trabalho, prometi ensinar Maria a andar de bicicleta. Beijos, te adoro. ”

— Tadinho, Ju, quando vai responder às mensagens do Delegado? — Pergunta Dani, esfregando o pé no meu sobre as pantufas com estampa de jornal, totalmente à vontade, esparramada ao meu lado no sofá da sala de Yudiana.

Quando soube que eu apareci na porta do apartamento da Yudi de mala e cuia, chorando, veio correndo me dar apoio e acabou passando o final de semana inteiro conosco.

— Não sei, talvez nunca — respondo seca.

Fugi da casa do Ricardo esperançosa que, sem vê-lo, a dor diminuiria um pouco, mas ficar longe dele e da minha filha é mil vezes pior, como se uma espada estivesse atravessando o meu peito abrindo uma ferida dolorosa, me matando aos poucos.

Deslizo as costas pelo estofamento macio do sofá branco apoiando minha cabeça no ombro da Dani, sinto sua mão fazendo carinho no meu cabelo. Olho para o quadro da “Marilyn Monroe” na parede da sala. Queria, nesse momento, ter a metade da autoconfiança que ela passa naquela foto preto e branco em uma moldura dourada, onde está sorrindo sensualmente com a boca enfeitada por um batom vermelho sangue — única parte da obra com cor — e o vestido voando enquanto tenta inutilmente segurar a barra com suas mãos delicadas. Os cabelos são curtos acima do ombro, louros e bem arrumados em cachos largos. De fato, uma linda mulher, dando ainda mais beleza para o resto da decoração do lugar, toda em tons neutros, opacos. Móveis de madeira escura, cortinas grossas e uma TV enorme. O cômodo é confortável, elegante.

— Eu não estou defendendo ele, Júlia. Mas não acha que ficar se escondendo só vai piorar as coisas? Eu amo você e pode ficar aqui em casa o quanto quiser, mas, como sua amiga, tenho que te alertar que de problema a

gente não foge. Mas os enfrenta de cabeça erguida, ainda mais uma guerreira feito você. — Yudiana aparece com uma bandeja com três canecas de chocolate quente, até saindo fumaça.

— Também acho que fugir não vai adiantar nada, você surtou só porque o Delegado mandou uma mensagem dizendo que levou dois tiros de raspão. Foi chorar escondida no quarto, que eu vi — Dani diz de supetão, me entregando de cara limpa.

Viramos a noite acordadas conversando sobre várias coisas, mesmo sabendo que teríamos uma segunda-feira longa de trabalho. Cada uma indo para sua rotina habitual, mas ligadas pelo amor de irmãs que sentimos umas pelas outras.

O foco do nosso assunto foi em relação à nossa formatura, que vai ficar uma bagatela de 15 mil reais para cada aluno. Nem em sonho poderei participar, Yudiana também disse que mesmo apertando de todos os lados, não dará. Então, Dani acabou desistindo da dela alegando que sem suas melhores amigas ao seu lado não valeria a pena participar já que a maior parte da sua família é ocupada demais e não iria comparecer. Tentamos convencê-la do contrário, mas a loira é mais teimosa que uma mula empacada. Moral da história, sofremos todos esses anos para, na melhor parte, ficarmos de fora.

Que maravilha!

— Eu não estou fugindo, meninas. — Estou sim, mas não admitirei nunca. — Só preciso de um tempo para respirar, colocar a cabeça no lugar. — Elevo o queixo, mas Yudi percebe que não estou bem e se apressa em deixar a bandeja sobre a mesa de centro e senta ao meu lado segurando minha mão.

Eu não poderia estar mais protegida, sentada entre as duas melhores amigas que alguém poderia ter.

— Eu sei que o cara pisou feio na bola, mas vamos combinar que ele está tentando corrigir o erro. Quantas mensagens ele te mandou nesse final de semana mesmo? Uma mais linda que a outra, já sequei minhas lágrimas de tanto chorar ao ler. — Dani, mais uma vez, sai em defesa do Ricardo, é uma romântica assumida. Já cansei de falar para ela que isso ainda vai lhe causar grandes problemas. Eu, que nem acreditava no amor, me lasquei bonitinho.

E coloca bonito nisso.

— Foram 208 mensagens, algumas pareciam um livro de tão grande. —

Reviro os olhos fingindo indiferença, mas com o coração apertado dentro do peito na mesma proporção que o meu celular está sendo esmagado dentro da minha mão ao lembrar de cada palavra enviada por ele.

— Não vou com a cara desse Delegado, no entanto, o que mais me chamou a atenção foi que em nenhum momento foi invasivo ou te pressionando, e nem mesmo ele inventou mil e uma desculpas para justificar o que fez. Ao contrário, está correndo atrás do prejuízo mandando essas declarações de amor melosas. Acho que minha glicose até subiu. — Agora é a vez da Yudiana tomar as dores do Ricardo, estou começando a ficar irritada com isso.

E a minha dor, onde fica nessa história?

— Já chega, vocês duas! — Fico de pé levando as mãos à cintura com uma expressão bem clara de que não é para tocar no nome do Ricardo novamente ou a coisa ficará feia. — Vocês parecem mais amigas dele do que minhas, deveriam estar me consolando, não defendendo esse cretino que consertou meu coração para depois quebrá-lo da pior forma possível.

Caio no sofá mole igual gelatina, pego uma das canecas de chocolate quente e me encolho, arrasada, dando um pequeno gole ao lembrar das coisas horríveis que o homem que eu amo me disse. Sou acolhida por elas em um abraço duplo, não estão acostumadas a me ver tão sensível. Odeio ficar longe da minha filha, a saudade da minha pequena está me matando. Eu sabia que essa ideia descabida da dona Célia não terminaria em boa coisa, mas ela dizia com tanta convicção, que acabei me iludindo, achando que Ricardo estava pronto para deixar o passado para trás. Mas não.

Ele entendeu tudo errado, veio com as ferraduras prontas para dar coices sem se importar o quanto me machucaria. Mais uma vez colocando minha moral em dúvida, como pôde pensar que minha intenção era comprá-lo com sexo? Pensei que nós só fazíamos amor. E ainda esfregou na minha cara que seu amor pela esposa não tem preço, é eterno. De tudo o que disse, essa foi a parte que mais me feriu.

Ficará cravado na minha memória pelo resto dos meus dias, para lembrar que ele jamais me amará como a esposa.

— Mas destroçar o coração do cara por vingança como está fazendo friamente, não vai fazer sua dor diminuir, Ju, te conheço muito bem e sei que sabe ser má quando quer. Como disse, não vou com a cara do Ricardo, mas está sendo cruel com ele, sim! O grito assusta. Mas o silêncio destrói. Se não quer

saber mais dele, vai lá e grita, xinga, bate e dispensa logo de uma vez, não fica torturando. — Yudiana é direta, suas palavras explodindo em mim como uma rajada de tiros.

Sinto-me perdida em meio a um tiroteio, eu queria sim puni-lo. Que sofresse mais do que me fez sofrer, pensando várias vezes em cada palavra cruel que lançou ao vento caindo sobre mim como pedras queimando minha pele, deixando tudo em carne viva.

— O problema é que no nível de paixão que me encontro no momento, se me encontrar com ele, não vou conseguir dispensá-lo. E depois? Não conseguirei ficar ao seu lado friamente fingindo que nada aconteceu tendo que lidar com o medo de nunca poder fazer ou dizer nada que fira seus sentimentos. Medo de ferir seu luto eterno da santa esposa falecida e ele vir para cima de mim com a fúria dos cães que guardam os portões do inferno. — Fungo, limpando o nariz na manga da blusa. Essa situação toda me deixa esgotada, em um nível que nunca fiquei antes.

— Minha preocupação no meio dessa cachorrada toda de vocês dois, é a Maria Lara, a pobrezinha é a que mais sofre. Primeiro não tinha pai, depois que ganha um, perde a mãe. Precisam levá-la ao psicólogo urgente, ter uma infância conturbada faz a criança crescer com complexos de inferioridade pensando que nunca ninguém gostará dela de verdade, principalmente os garotos. — Daniela tem o olhar perdido como se estivesse falando dela mesma, focada no mesmo quadro da Marilyn Monroe, acho que também invejando a autoestima que a artista transmite na foto.

Eu e Yudiana nos entreolhamos, mas não falamos nada a respeito.

— Minha filha não me perdeu, Dani. Estou morrendo de saudade do meu bebê, mas ela merece sempre o meu melhor. Contudo, no momento, não posso oferecer, então prefiro ficar longe por enquanto. — Minha voz sai engolida, segurando o choro preso na garganta.

O amor pela minha filha é incondicional e cresce cada vez mais.

— Ah, não perdeu, Júlia? — Sei que não preciso responder à pergunta que Yudi faz, me encolho mais no sofá pronta para receber o impacto da sua resposta precisa e direta como uma flecha. — Então, por que hoje sua filha vai aprender a andar de bicicleta e você não vai estar ao seu lado quando cair e ralar o joelho na primeira tentativa? Tenho certeza que será pela mãe que vai chamar aos gritos, mas não vai encontrar.

Liberto o choro preso na minha garganta colocando a caneca de volta sobre a mesa de centro, é isso ou morrer engasgada. No meu obituário estará causa da morte:

Coração partido.

— Agora são vocês que estão me torturando, nunca pensei que minhas amigas seriam tão más comigo.

— Não, Ju, nós seríamos más se fôssemos o tipo de amigas que estaríamos aqui descendo a lenha no Ricardo só para te agradar, dando razão ao seu plano maléfico de vingança. Ninguém é perfeito, todo mundo erra. Alguns mais que os outros, como no caso dele, mas tenta pelo menos um minuto se colocar no lugar do cara, poxa. Perdeu a mulher e a filha de forma trágica em um curtíssimo período de tempo, passou o diabo a quatro até encontrá-la aos cuidados de pessoas que nunca viu na vida. Se adaptou à vida nova da Sofia, ops, quero dizer, Maria Lara. Esqueci que abriu mão de chamar a menina pelo nome verdadeiro, e de tantas outras coisas que não preciso enumerá-las porque sabe melhor que eu. Por isso, eu e a Yudi não vamos mais falar nada. Coloque os pesos na balança, e tome sua decisão. — Dani está certa, mas meu orgulho não queria me deixar ver.

— E vamos te apoiar, seja qual for, porque amamos você de verdade. — Beijam minha bochecha ao mesmo tempo, uma de cada lado. — Agora vamos dar um jeito de levantar, um dia de estágio muito chato nos aguarda. — Yudi dá um pulinho toda animada, bebendo seu chocolate quente em dois goles longos.

— Nem me fala, o Juiz Thompson anda cada vez mais insuportável — digo sem pensar e percebo as feições do seu rosto mudarem na mesma hora.

— Eu tomo banho primeiro, fui... — fala e desaparece antes mesmo que a pergunta possa se formar em minha mente.

Arrumar-me para o trabalho foi uma monotonia sem fim, coloquei um vestido preto sem graça e preendi o cabelo todo embaraçado em um coque muito malfeito, diga-se de passagem. A maquiagem, deixei no mesmo lugar onde estava, no fundo da mala. Dani me deu uma carona até o Fórum, depois deixou Yudiana no escritório de advocacia no qual estagia. Liguei para meu pai assim que cheguei no trabalho, fingi que nada tinha acontecido, não queria preocupá-lo, para todos os efeitos ainda estava na casa do Ricardo.

Pedi para ir almoçar mais cedo e fui na escola da minha filha na hora do recreio, precisava vê-la ou morreria de tanta saudade. A diretora me levou até o

parquinho onde as crianças brincavam durante o intervalo, era a mesma coisa que entrar em meio a um formigueiro com formiguinhas correndo e gritando para todo lado. Mas a minha eu reconheci logo de longe, era a única ruiva no meio deles, Maria estava sentada no balanço entretida sem se mexer. Era a única que não estava brincando, parecia querer que o recreio acabasse logo. Não vi o Gustavo em lugar nenhum, não deve ter vindo na aula hoje por isso estava se sentindo sozinha.

Mexo os lábios erguendo a mão para chamá-la, quando o capetinha — filho da capetona Carol — aparece do nada e empurra a minha menininha pelas costas fazendo-a cair de cara no chão, se aproxima friamente com as mãos no bolso e pisa em cima da mãozinha dela amassando os seus dedinhos. Ela chora de um jeito tão doído e não tem nenhum responsável por perto para ver isso.

Ahhhhh, mas eu vi!

Saio correndo, tropeçando em tudo a minha frente e já cheguei rugindo como uma leoa feroz defendendo a cria, empurrando o monstrinho para longe e pegando a minha filha no colo. Estou furiosa, tirando a terra do cabelo da Maria.

— Nunca mais ouse encostar um dedo na minha filha, ouviu bem, seu capetinha? — Ele balança a cabeça negativamente, com um sorrisinho cínico no rosto.

— Você vai fazer o quê? Eu não gosto dessa menina de cara enferrujada. Se não tivesse aparecido, o chefe da minha mãe teria casado com ela e seria meu novo pai. — Pega uma pedrinha no chão e joga em nossa direção, viro rápido e acerta nas minhas costas. Seus olhos incrivelmente verdes, ainda mais intensificados devido à raiva, rolam dentro das órbitas.

Piradinho da Silva, o moleque.

— E quem te disse esse monte de absurdos monstrinho, a louca da sua mãe?

— Não é da sua conta! Eu bato na Maria Lara, cara de batata, todo dia. E assim que você virar as costas, bato novamente, ninguém mandou ela vir para o meu colégio. — Bate o pezinho no chão compulsivamente, chega a subir poeira, o tênis azul chegando a ficar amarelo. Seus punhos estão fechados, com tanta raiva quanto sua expressão.

Maria morre de medo do pestinha, murchando cada vez mais no meu colo abraçando meu pescoço, apavorada e chorando baixinho. As lágrimas escorrem

pela minha pele molhando minha blusa. Agora sei porque não gostou de estudar aqui, vem sendo torturada todos os dias.

— Sua escola? Por acaso comprou ela, ou alguma coisa do tipo?

— Aqui é a minha área, moça, sou eu que mando em tudo e em todos. — Roda o dedinho no ar, dando uma de “*Poderoso chefinho*”.

— E se eu contar para a diretora as maldades que faz com as outras crianças? — O diabinho dá de ombros.

— Eu minto! Minha mãe acredita em tudo que digo quando faço carinha de anjo, sempre funciona. E ainda vou inventar para diretora que você me bateu, todo mundo sempre acredita na criança, é só caprichar no choro. — Meu queixo cai, como uma criança de no máximo oito anos é tão maquiavélica?

Nem em sonho que vou deixar minha filha estudando na mesma escola que esse miniprojeto de Adolf Hitler. Coitado! Se ele está aprendendo agora a ser malandro, eu já tenho mestrado e pós-doutorado. Mexeu com a pessoa errada.

— Mas se você sabe mentir, meu amorzinho, eu também sei. — Giro o corpo, e saio sorrindo em um grau de ironia que esse moleque terá que treinar muito para chegar lá. Ao meu nível de malandragem.

— O que você vai fazer? — Ele arregala os olhos, assustado, dando um passo para trás prestes a fugir, mas agarro seu braço antes que consiga e o arrasto até a diretoria mantendo a Maria protegida em meu colo.

— Meu Deus! Mas o que está aconteceu aqui? — A diretora leva a mão no peito olhando para nós três.

Sussurro no ouvido da Maria: — Finge que ainda está chorando.

— Eu exijo que esse menino seja transferido para outra sede desse colégio, amanhã mesmo! — Grito, caprichando no drama.

— Mas o que Vinicius fez de tão errado? Ele é um anjinho, tão bonzinho — diz num tom defensivo, como se o menino fosse algum santo. Bom, talvez na frente das pessoas aja como um.

— Ele foi indelicado com minha filha, se é que a senhora me entende... — Deixo no ar, o resto ficando por conta de sua mente fértil.

— Ahh, entendi. Não precisa dizer mais nada, moça. — Grunhe.

— É mentira dessa louca, eu não fiz nada! — O monstrinho rosna.

— Ela não é louca, para de gritar com a minha mãe. Você me machuca quando Gustavo não está por perto para me defender. — Maria Lara vem em minha defesa na hora certa, beijo sua cabeça em forma de agradecimento.

— Hoje eu cheguei bem na hora do intervalo das crianças e vi esse menino espancando minha filha e não tinha nenhum adulto por perto para ver isso, sendo que quando a colocamos nesse colégio, prometeram que aqui teria gente de olho nela a cada segundo, mas, pelo visto, isso não procede entre tantas outras coisas que vi de errado só passando os olhos por alto. Sou advogada, entendo muito de muitas coisas. — Ela engole com uma certa dificuldade. — Nem preciso dizer que o pai da Maria é um policial respeitado, e louco pela filha. Então podemos resolver esse problema de forma mais discreta entre nós duas, ou de outro modo que vai virar notícia do *Jornal Nacional*. — Entrego o menino a ela pelo braço, o diabinho chuta a canela dela na hora.

— Se me trocar de escola, vou pegar a arma da minha mãe e atirar em você, sua bruxa. — Chuta a canela dela, várias vezes.

— Não só vou trocar, como ligar para sua mãe agora mesmo pedindo para vir te buscar e marcar uma consulta com um psicólogo em caráter de urgência.

— Ótima escolha, diretora, fique de olho nele até a mãe chegar. — Ela assente.

— Desculpe o transtorno, senhora. — Trocamos um aperto de mãos.

— Tchau, Vinicius, boa sorte na nova escola. Só lembrando que lá o novato da vez será você. — Dou uma piscadela para ele e vou embora triunfante. Essa foi a minha primeira vitória em um julgamento.

— Você é demais, mamãe, quando crescer quero ser valente igual a você. — Coloco Maria no chão, toda feliz porque se livrou do capetinha que batia nela todo dia.

Que se foda o moralismo! Não quero que minha filha seja santinha, mas uma pessoa de bom coração que saiba se defender dos caras maus.

— Vem aqui na mamãe, filha. Eu te amo tanto, sou capaz de fazer qualquer coisa para te proteger. — Sento em um banco do pátio, ela vem correndo e me abraça. — Hoje a mamãe fez uma coisa feia pedindo para você fingir que estava chorando. Peço desculpas, e quero que não faça novamente — explico, não quero que aprenda coisas erradas.

— Está bom, mentir é feio. — Aperto ela bem forte, eu a amo tanto.

— Isso tudo é saudade de mim, mamãe? — Repete o que sempre pergunto a ela quando chego do trabalho e vem me abraçar bem forte, limpando todas as lágrimas do meu rosto.

— Muitão, filha. — Imito o seu jeito de falar, recebendo uma bela gargalhada em troca.

— Então volta para casa, papai está tão triste. Ele chorou quando a senhora foi embora, disse que estragou tudo.

Posso ouvir meu coração quebrando em mil pedaços, Ricardo havia chorado por minha causa.

Respiro fundo forçando um sorriso, tenho que ser forte pela minha filha.

— Ainda não posso voltar para casa, filha, mas que tal brincarmos um pouquinho antes de levá-la de volta a sala de aula? Daqui a pouco preciso trabalhar. — Assente e sai correndo puxando minha mão em direção ao parquinho.

Nisso meu horário de almoço foi embora, mas nunca tão bem aproveitado como naquele momento. A despedida da minha pequena foi triste, mas ela não chorou, está virando uma mocinha. Prometeu guardar segredo da minha visita, e cuidar do pai para mim. O resto do dia passou lento como uma tartaruga, à noite não tive disposição de ir para faculdade. Pedi para as meninas dizerem que estou doente, o que não deixava de ser verdade, já que o amor é a pior de todas as doenças.

Ricardo me enviou várias outras mensagens, mas não as abri, não queria ficar ainda mais triste.

Tomei um banho demorado sentada no chão do banheiro por quase uma hora, o box chegou a ficar embaçado. Consegui relaxar um pouco, vesti um blusão confortável e me joguei na cama da Yudi, com os cabelos ainda molhados. Girei o corpo ficando de bruços, olhando para o meu celular ao meu lado enquanto descontava minha ansiedade roendo as unhas.

Resolvo dar uma olhada no meu *Facebook* para ver se me distraio um pouco, mas quase morro do coração quando vejo uma solicitação do Delegado Ricardo Avilar. Nem sabia que ele tinha conta nesse tipo de aplicativo, por curiosidade, visito seu perfil.

— Droga! — Resmungo ao clicar sem querer sobre “aceitar pedido”, agora somos amigos no *Facebook*.

Fico com vontade de chorar quando vejo que ele colocou uma foto nossa como foto de perfil, tirada na noite que passamos na praia. Em um momento totalmente íntimo, sentamos abraçados na areia, escolhemos o mar em pleno nascer do sol para enfeitar o fundo. Sorríamos felizes em estar vivendo aquele momento íntimo, meu cabelo voava com leveza e os olhos entreabertos devido à brisa forte trazida pela força abrupta das ondas. Eu tirei a foto de cima para baixo, e é possível ver os braços do Ricardo segurando minha cintura com força e o queixo apoiado no meu ombro. Seu sorriso é do tamanho do mundo, charmoso e sexy. Não olhou em direção à câmera do celular, mas para mim, como se eu fosse a mulher da sua vida.

Mas eu sei que não sou, infelizmente.

Na foto de capa, escolheu uma com ele, eu, nossa filha e o Adônis, essa foi Ricardo quem tirou. No dia, havíamos passado a tarde brincando com Maria Lara no jardim. Deitamos os três sobre a grama com a nossa pequena no meio, e o cachorro enorme deitado sobre nós. Gargalhávamos no momento, não me lembro ao certo de quê, mas fez com que a foto saísse espontânea.

Como legenda, escreveu:

“Eu sou um cara de sorte, tenho a família perfeita. Uma filha linda, um cão fiel e a mulher que eu amo de todo meu coração. ”

Quando termino de ler, choro tanto que as lágrimas escorrem pelo meu pescoço inundando a gola da minha roupa de dormir. Meu Deus! Ele disse publicamente que me ama de todo coração. Há vários comentários na foto dizendo que nossa família é linda, entre outras coisas. A maioria, acho eu, do pessoal da sua equipe. Menos a vaca da Carol, deve estar se rasgando de inveja. Bem feito! Barreto deixou seu recado carinhoso, dizendo que torce pelo nosso amor. Então faço uma coisa que não devia, mas quando percebo, já tinha feito. Curti a bendita foto.

Na mesma hora aparece uma atualização nova, deixo a cabeça cair para trás, sobre a cama, quando vejo que Ricardo me marcou no seu status de compromisso sério. Caramba, o cara está jogando mesmo para ganhar. Não curti esse post, não vou dar esse gostinho a ele. Quando penso em desligar o celular, ele envia uma mensagem.

“Só preciso saber se está bem, estou com saudade, amor. ”

— Eu também estou — penso em voz alta, levo o celular ao peito e o aperto junto ao coração. Como não respondo nada, ele manda outra mensagem.

“Maria me contou o que fez por ela na escola, sabia que eu te amo mais toda vez que defende a nossa filha? Fiquei feliz por ter pedido à nossa menina para cuidar de mim, sinal que você ainda se preocupa comigo. Mas triste ao mesmo tempo, porque se pediu isso a ela é porque vai demorar mais para voltar para casa e isso deixa meu coração em pedaços. ”

A danadinha contou o que aconteceu na escola, sabia que não iria guardar segredo. Também não respondo, tremo tanto que mal consigo segurar o celular. Então ele mandou outra mensagem, outra e mais outra até tarde da noite. Coisas aleatórias do tipo:

“Percebeu como as estrelas estão mais brilhantes que o normal hoje? ”

Notícias da nossa filha:

“Resolvi não ensinar Maria Lara a andar de bicicleta agora, vou esperar você voltar, de agora em diante faremos tudo junto.

Sobre o trabalho:

“Teve outro tiroteio na favela da Rocinha hoje, graças a Deus não teve nenhuma vítima fatal. E eu levei outro tiro de raspão, ando sem sorte. Mas não se preocupe, eu sou invencível, lembra? Rsrs.”

Família:

“Sabia que a minha tia Cida e a filha dela se mudaram aqui para o Rio? Pretendem montar um ateliê de roupas de grife, não é muito longe da nossa casa, você poderá fazer amizade com elas e ir lá quando quiser. ”

Amigos:

“Hoje convidei o Barreto e o André para virem aqui em casa, eles fizeram de tudo para me animar a sair. Mas acabaram desistindo. Sem você, amor, a vida não tem mais graça. ”

Às vezes perdia a cabeça e era grosso, Cavalão sendo Cavalão:

“Responde às minhas mensagens logo, porra! Isso que está fazendo é tortura psicológica. ”

Depois voltava atrás:

“Desculpa, amor, eu não queria ter sido grosso. É que estou desesperado, não sei mais o que fazer para você falar comigo. A saudade é tão grande, sinto que estou morrendo aos poucos. ”

E assim foi até eu cair no sono, chorando, morrendo de saudades dele, mas com o coração ferido demais para dar fim a essa tortura com uma simples mensagem.



Acordei na **terça-feira** como se tivesse tomado um belo porre na noite anterior, mal tinha forças para permanecer em pé e ir para o trabalho. Meu humor só melhorava quando ia no colégio da minha filha na hora do recreio, agora era eu quem a deixava para trás, chorando.

Na **quarta-feira**, acordei com uma ressaca do cão sem tomar um pinga de álcool.

Quinta, não tinha vontade de me arrumar e praticamente fui para o trabalho do jeito que levantei, só para bater ponto.

Sexta, não falei com ninguém além do necessário, dormi a maior parte do tempo debruçada sobre a mesa na faculdade durante a aula do João Pedro. Preocupado comigo, meu professor lembrou que eu lhe devia um almoço. Ficou me azucrinando até que aceitasse sair com ele no sábado, e como não gosto de voltar atrás numa promessa mesmo com vontade de gritar um “NÃO! ” Bem alto, acabei aceitando.

Talvez fosse até bom para arejar a cabeça um pouco, estou parecendo um zumbi ambulante.

Capítulo 38

•

JÚLIA

Acordei cedo no sábado e fiz o café, na verdade, nem havia dormido direito. Pelo visto, Ricardo também não, ficou me enviando mensagens a noite toda implorando para que o deixasse ligar para mim. Disse que só queria ouvir minha voz, ou morreria. Não respondi nada, como nas outras centenas que enviou durante a semana. Ainda não estou pronta para falar com ele, tampouco, vê-lo.

Sirvo uma xicara de café fresco, enquanto observo a vista da pequena janela que tem na cozinha do apartamento da minha amiga. Não dá para ver nada além de pedaços de outros prédios em volta, ela mora no sétimo andar. Acho que não me adaptaria viver em um lugar isolado assim por muito tempo, se pudesse, viveria em meio à natureza como na casa do Ricardo. Fico feliz em saber que Maria vai crescer em um lugar tão bonito, ao ar livre para correr e brincar à vontade.

— Cuidado, Júlia, o café está caindo fora da xicara e você vai se queimar — o grito da Yudi me acorda do transe, acabei despejando mais café em cima da mesa do que dentro da xicara.

— Nossa, que bagunça que eu fiz, me desculpa, amiga. — Saio desnorteadada procurando um pano de prato para limpar a lambança que fiz, não sei o que aconteceu.

— Calma, Júlia, deixa isso para lá, vem, senta aqui. Isso tudo é por causa do seu encontro com o professor gostosão? Não te julgo, no seu lugar eu também estaria, o homem é um arraso de tão lindo. — Tagarela enquanto me sento em um dos banquinhos do balcão de granito, onde ela está debruçada. — Quer conversar? — Ela arqueia a sobancelha.

— Sim, eu quero, mas sobre você.

— Sobre mim? — Gira o corpo sentando no banquinho do meu lado, o maxilar travado já em sinal de alerta.

— Seja sincera comigo, por acaso você já viu o Juiz Thompson no Clube

Luxos? — Jogo o verde para colher o maduro, mas, pela forma que morde os lábios, já sei a resposta por mais que ela se esquive em dizer a verdade.

— Muitos homens importantes vão ao Clube Luxos, Júlia. Por que essa pergunta agora sobre seu chefe? — Banca a sonsa, coisa que ela está longe de ser.

— Responde logo, Yudiana! — Elevo a voz, mas não chega ao nível de grosseria que minha amiga merece por estar me tapeando.

— Sim, eu vi o Juiz no clube uma vez, está satisfeita agora?

Levanto e me sirvo de outra xicara de café, nem coloco açúcar para que Yudiana pense que minha expressão amarga é culpa do líquido preto descendo puro pela minha garganta. Não posso revelar minhas suspeitas, ou ela é capaz de ir lá pessoalmente no gabinete do diabo tirar satisfações do que eu nem sabia direito ao certo.

— Ele assistiu alguma das suas apresentações de dança nessa noite?

— O que é isso, Júlia, um interrogatório?

— Diga só sim ou não, amiga, é muito importante.

— Ele viu sim, aliás, fiz questão de caprichar rebolando de um jeito sensual deixando o meritíssimo babando — confirma todas as minhas suspeitas, e entro em pânico.

Ela continua calma, enrolando uma mecha do cabelo entre os dedos.

Misericórdia, Senhor! E agora, o que eu faço?

— Era só isso, amiga, agora vou me arrumar para o meu passeio com o professor gostosão, ele disse que vamos sair cedo porque iremos em um haras andar a cavalo e comer comida feita nas panelas de barro. — Finjo animação e fujo para o quarto a passos largos.

Lição número 1:

Na dúvida do que fazer, fuja...

Não ousei muito no meu look para o passeio com João Pedro, qualquer coisa estava bom. Não passei nem um batonzinho, não tinha mais graça me arrumar para outro homem que não fosse o Ricardo, apenas preendi o cabelo em um rabo de cavalo severo. Mas me arrependi de ter usado algo tão simples quando desci para encontrar João na entrada do prédio e me deparei com aquele

homem magnífico encostado em um carrão prateado de braços cruzados dentro de uma calça preta justinha e camisa clara despojada. Cheio de charme com seus óculos escuros e o cabelo jogado para o lado, a barba por fazer de dois ou três dias.

— Bom dia, Ju. Você está linda! — Diz, gentil.

— Bom dia, João Pedro — limito-me a dizer apenas isso.

Em outros tempos, estaria pulando de alegria por sair com um gato desses, mas, hoje, por mim, nem estaria indo nesse passeio.

— Não acredito que você é todinha minha hoje, vou fazer desse passeio o melhor de todos da sua vida.

Duvido muito que consiga, o melhor passeio da minha vida foi ao cinema com o homem que eu amo, fizemos amor na praia e vimos o nascer do sol abraçadinhos. E isso é insuperável. Respondo mentalmente.

Foi cavalheiro abrindo a porta do carro para eu entrar e colocou meu cinto relando a mão em mim, como se não pudesse fazer isso sozinha. Durante o caminho estava sendo tão gentil para me agradar que estava começando a me deixar irritada, ninguém é tão bom assim, chega a soar um pouco falso. Eu gosto muito dele e sou grata por tudo o que fez por mim, me defendendo quando fui presa, mas já estou a ponto de explodir com essa insistência de forçar nossa aproximação.

O fato do Ricardo me mandar mensagem a cada dez minutos só piorava meu humor, estava em tempo de explodir com isso também. Mas de amor, é uma mais bonita que a outra.

“Como acordou hoje, amor? Espero que bem. Uma das manhãs mais lindas do ano, menos para mim. Isso significa que é mais um dia um dia longe de você, para mim é a mesma coisa que a morte. Não acha que que já me puniu o suficiente? Estou pagando todos os meus pecados morrendo de medo de te perder, não consigo mais nem respirar direito sentindo sua falta. ”

Essa me fez chorar, admito.

— Chegamos, Júlia. Não é lindo aqui? — Só balanço a cabeça com o olhar baixo sobre o celular, a mensagem do Ricardo acabou comigo.

De fato, o haras onde me trouxe é lindo, propriedade grande e com animais de raça pura. Só consigo me divertir um pouco quando desligo o celular, o guardo dentro da bolsa e me preparo para cavalgar em uma bela égua da cor do

outono. Ela é mansinha e obedece aos comandos do instrutor. Como nunca tinha montado antes, estou amando.

— Você está indo muito bem, Júlia, parabéns. — Mesmo em cima do seu cavalo, João Pedro consegue arrumar o celular em uma haste fotográfica e se aproxima de mim. — Vou até tirar uma foto nossa, quero guardar de recordação para sempre. — Coloca seu cavalo do lado do meu, inclina o corpo para o lado agarrando a minha cintura quase me fazendo cair.

Até que a nossa foto ficou bonita, meu sorriso saiu mais sincero do que pensei. Porém, triste. Já o de João Pedro, era de orelha a orelha.

— Já tinha vindo aqui antes, JP? — Puxo assunto, depois de mais de meia hora cavalgando lado a lado.

O silêncio havia se tornado constrangedor.

— Acompanhado, não. Você é a primeira garota que trago aqui, se depender de mim, a única.

Ok! A resposta dele me surpreende.

Mas não surpreende o suficiente para despertar qualquer sentimento em mim, não chegou nem perto.

— Fico muito honrada por isso, estou amando o passeio. — De certa forma estou mesmo, sempre quis aprender a andar de cavalo.

— Desculpa, Júlia. Mas não parece. Qual o nome do idiota que sugou toda a sua animação? — Tira os óculos escuros e me encara, seus olhos cor de pistache com algumas manchas verdes dançando na íris.

— Se não se importar, João Pedro, eu prefiro não falar sobre minha vida pessoal. — Fecho a cara e aumento o ritmo dos passos do cavalo.

Depois desse momento desagradável, ele não tocou mais no assunto. No entanto, a minha cara fechada continuou a mesma. Não estava com humor para passeio, não conseguia tirar da cabeça as palavras da última mensagem do Ricardo. Talvez eu tivesse mesmo já o torturado demais. Vários dias sem falar com ele, não mandei nem um “oi”. Não respondi as mensagens da mãe dele também, amo a Dona Célia, mas sei que passaria tudo para o filho depois. E realmente preciso ficar sozinha agora, apesar de estar doente de tanta saudade de todos eles.

Depois do passeio a cavalo, fomos almoçar. Pela primeira vez em muitos

dias eu estava faminta, meu prato parecia uma montanha de tão cheio. Coloquei de tudo um pouco e devorei.

— Vai com calma aí, Júlia. Pelo menos mastiga a comida direito, ou vai ter indigestão depois. — João Pedro ri da minha esfomeação toda, ele só colocou uma poeira de comida no prato e preencheu o restante com salada.

Ele escolheu uma mesa mais afastada no meio das flores, acho que queria montar um cenário romântico. Coitado. Isso, de nós dois juntos, nunca vai rolar.

— Se você quer manter seu corpo assim todo bonitinho só com salada, parabéns para você. Mas eu não ligo para essas coisas, como tudo que sinto vontade. Sei lá, tem tanta gente por aí passando fome e eu deixando de comer por estética? Nunca. — Enfio uma garfada caprichada na boca, minhas bochechas chegam a inflar enquanto mastigo.

— É por isso que você me conquista a cada dia mais, Júlia. Seu jeito espontâneo me encanta, a forma quando sorri quando está feliz. — Desliza a mão sobre a mesa como uma cobra artilosa e segura a minha com uma certa intimidade que não me agrada muito, sendo sincera, não quero que toque em mim. Nem ele ou nenhum outro homem.

Apenas Ricardo, mesmo não merecendo meu coração é fiel ao que sinto por ele.

— O que você tanto mexe nesse celular que mal tocou na sua comida? — Mudo o foco do assunto separando minha mão da dele, discretamente.

— Tentando responder ao monte de comentários que a nossa foto está recebendo no Facebook. Marquei você para que fique guardada no seu mural de fotos. Acredita que até o Delegado, pai da Maria Lara, curtiu. Pensei que não fosse com a minha cara.

E não vai, seu idiota! Ele só curtiu nossa foto para demonstrar que sabe que nós saímos juntos, que eu deixei outro homem me tocar desrespeitando nosso acordo de três metros de distância.

Um gosto amargo se apossa da minha boca, o estômago revirando de nervoso. Levanto às pressas tampando a boca com a mão à procura de um banheiro e vomito tudo que havia acabado de comer, suando frio e chorando ao mesmo tempo. Devo ter ficado sentada ao lado do vaso por uns vinte minutos me recuperando daquele impacto estrondoso. Quando saio, João Pedro me espera do lado de fora, desorientado, sem entender nada do que está acontecendo

comigo.

— Meu Deus, Júlia. Você está pálida, tremendo muito. — Ele me ampara, preocupado.

— Me leva de volta para o apartamento da Yudi, por favor — sussurro quase sem voz, João Pedro assente sem pestanejar.

— Como você quiser, vou te levar para casa. — Agradeço com um sorriso triste, me sentindo culpada pelo desastre que foi nosso passeio por minha causa.

Depois disso, o Ricardo não mandou uma mensagem sequer, o sábado se transformou em domingo e ele se manteve em silêncio o dia todo também. Nenhuma atualização no Facebook, simplesmente sumiu. Agora era eu quem estava sendo torturada pelo seu silêncio, obrigada a provar do meu próprio veneno. Havia passado apenas um mísero dia, e eu já estava quase enlouquecendo sem notícias dele. Liguei para o meu pai e o meu irmão, novamente fingindo estar tudo bem. À noite, Yudiana foi trabalhar no clube, me chamou para ir junto, mas neguei. Não fazia outra coisa além de dormir o tempo todo, parecia estar em estado vegetativo.

Estou quase adormecendo quando meu celular apita debaixo do travesseiro, enfio a mão e pego para ver se é mensagem do Ricardo, mas não, é do seu amigo André.

“Desculpa incomodar, Júlia, mas o assunto é sério. A tia Célia me deu o seu número escondido do Ricardo, disse que nem as mensagens dela você tem respondido. ”

Sento na cama com o coração batendo acelerado, um mal pressentimento de que uma coisa de muito ruim aconteceu.

“Pelo amor de Deus, André. Diga logo o que aconteceu. ”

Cinco segundos depois ele responde, para mim parece uma eternidade.

“Ontem à noite, encontraram o Barreto quase morto, uma gangue homofóbica o espancou junto com seu namorado que, infelizmente, não aguentou os ferimentos e morreu ainda no local. A situação dele está precária e os médicos não deram muita esperança, Ricardo está desolado. Não admite, mas precisa de você. Sei que se desentenderam, mas agora é uma emergência, ele gosta do rapaz como um irmão mais novo. ”

Gangue homofóbica? Namorado? Meu Deus! Tadinho do Barreto e do seu companheiro que perdeu a vida por conta do preconceito das pessoas com quem

foge dos padrões que a sociedade exige. Sempre soube que havia alguma coisa por trás de toda sua sensibilidade ao tratar as pessoas, já imaginava que fosse gay. Para mim, isso não muda nada! Julgo as pessoas pelo seu caráter, não pela sua orientação sexual ou aparência. O que vale é a forma como a pessoa te trata, o resto é irrelevante.

“Em qual hospital ele está? Estou indo agora mesmo. ”

Mal consigo digitar as palavras, as lágrimas nublam minha visão. Fico imaginando como os pais desses jovens devem estar agora. Uma família enterrando um ente querido, e a outra rezando para que não tenham que passar pelo mesmo. Imagino que Ricardo deva estar devastado nesse momento, do jeito que se preocupa com os membros da sua equipe, em especial o Barreto que, como o André disse, o tem com um irmão mais novo. Independentemente de qualquer coisa, em horas como essas, temos que colocar nossa mágoa de lado e oferecer o ombro para dar total apoio a quem precisa.

O problema é que, assim que abro a porta para sair, dou de cara com João Pedro. Ele veio pessoalmente ver como estou. Como voltei um caco do nosso almoço de ontem, ficou preocupado. Faço de tudo para que não vá atrás de mim no hospital, mas não tem jeito.

Isso não vai prestar quando Ricardo o vir comigo, não mesmo.

Capítulo 39



RICARDO

Eu nunca mais pisei em um hospital desde a morte de Andréia, mas é do mesmo jeito que me lembrava. Paredes pintadas em tons neutros, tendo branco em predominância entre as demais cores tornando o lugar ainda mais triste e frio do que já é. Tem cheiro de vida, mas, também, de morte. Sonhos interrompidos. Como os do Barreto, um bom policial e uma pessoa maravilhosa, que só seguiu meu conselho de sair mais e parar de se esconder do mundo. E quando resolveu assumir seu relacionamento com um rapaz que, segundo os pais deles, se conheciam desde criança, acontece uma tragédia dessas.

Levei um choque quando o pai dele me ligou contando o que aconteceu. Agora entendo porque Barreto me disse que os meninos da escola não queriam ser amigos dele, o coitado vem sofrendo preconceito desde pequeno. Mas eu vou descobrir quem são os membros dessa gangue homofóbica dos infernos, e vou fazer cada um pagar amargamente por mexer com um dos meus homens. Melhor dizendo, com um amigo meu. Já tenho minhas suspeitas de quem seja o chefe dessa gangue, e se for quem estou pensando, ele estará perdido quando eu colocar as mãos nele. Já tem gente de minha confiança investigando o caso, em breve saberemos quem é o culpado.

Eu sou uma pessoa boa, mas quando quero ser mau até o diabo tem medo de mim.

Eu já não estava bem, passei uma semana infernal sem receber nenhuma resposta da Júlia que ignorou as centenas de mensagens que mandei a ela. Meu coração chegou a se encher de esperança quando aceitou minha solicitação de amizade, mais ainda quando curtiu a foto da nossa família. Mas não, ainda por cima foi passear com o “advogado do ano”. Diferente de mim, ela parecia muito bem sorrindo na foto que ele postou dos dois juntos em um passeio romântico.

Se o plano dela era me ferir, conseguiu com louvor.

Quando abri o Facebook ontem e vi a imagem dos dois enchendo a tela do celular, meu mundo caiu. Era como ter sido preso no inferno, ainda bem que o André, vendo que eu não estou bem, resolveu passar o final de semana lá em

casa com meu afilhado. Foi preciso ele me segurar para que eu não saísse desnortado e fizesse uma besteira indo atrás do filho da puta dando um tiro no meio da sua testa para aprender a respeitar a mulher dos outros.

A minha mulher.

Como a Marrenta pôde quebrar nosso trato? Tudo o que tinha que fazer era respeitar a porra dos três metros de distância, eu mesmo respeitei à risca. Sabe que morro de ciúme desse cara, e deixa o homem se atracar na sua cintura, o sorriso do merdinha ia até os olhos. Se eu o encontrar na minha frente, não respondo por mim, estou louco para descontar minha raiva em alguém. Foi só eu e a Júlia nos desentendemos para ele entrar em cena jogando em cima, com direito a passeio a cavalo e tudo. Mas esse desgraçado pode recolher as garras e se esconder em um buraco bem longe, ou vai ter que acertar as contas com os meus punhos depois.

Não aguento mais ficar longe da minha nêga, seu desprezo está me mantendo. Eu sei que errei, mas já me torturou mais do que o suficiente. Estou quase morrendo, não como mais direito, nem durmo. Só penso nela dia e noite, em casa é a minha mãe triste de um lado e a Maria do outro perguntando o tempo todo quando a mãe vai voltar. Minha cama parece tão grande sem a Júlia, o cheiro dela ainda está grudado no meu travesseiro. Em mim.

Como pude ser tão idiota estragando tudo dessa forma? Sinto tanta falta da forma carinhosa que me tocava, os beijos cheios de paixão. E, principalmente, a forma intensa que fazíamos amor, não conseguia ficar um dia sem estar dentro dela. Júlia se tornou meu maior vício, o qual estou em abstinência desde que me deixou. Era para ela estar aqui agora, do meu lado, segurando a minha mão dizendo que tudo ficará bem. Nada me deixaria mais feliz, seria a realização de um sonho.

— Vou buscar um café, irmão, você quer? — A voz arrastada do André, quase sonolenta, me puxa dos meus pensamentos.

Ele veio comigo para o hospital, está preocupado com Barreto tanto quanto eu. Mas já é bem tarde e o sono está começando a chegar de mansinho, por isso o desejo repentino de tomar café. Estamos sentados nas cadeiras da recepção do hospital, os pais do Barreto bem à nossa frente, não param de chorar um minuto. Ele é filho único, sei bem como é esse medo de perder alguém para morte.

— Não, obrigado. Vá para casa André, ligo para dar notícias. Não sairei daqui até o médico dizer que o Barreto está fora de perigo. Como seu amigo, é o

mínimo que posso fazer.

Lembro quando ele disse que eu era o mais perto de um amigo, não havia nenhum da sua idade.

— Eu também, esqueceu que ele também é meu amigo agora? — Sorrio para ele, meu melhor amigo.

— Então aceito o café, obrigado.

— Bem, eu acho melhor deixar o café para depois. — Seu cenho é tomado por uma sombra de preocupação e ele aponta para a entrada.

Mas permaneço o encarando, fervilhando por dentro.

— Boa noite a todos. — Minha respiração fica presa na garganta ao ouvir a voz da Júlia, chego a pensar que estou sonhado.

Como eu ansiei por esse momento, em como seria nosso reencontro depois de tudo o que aconteceu e tanto tempo longe. Contudo, ao erguer a cabeça percebo que ela de fato está diante mim, mas não sozinha.

O desgraçado do advogado engomadinho teve o atrevimento de vir junto. O nervosismo toma conta de mim, meus joelhos balançam freneticamente. As mãos suando, não conseguindo controlar o ritmo das batidas do meu coração. De perto ele parece ser bem mais jovem do que pensei — idade apropriada para Júlia —, tem um estilo jovial, calça jeans e jaqueta de couro, cabelo na altura dos ombros, o tipo *bad boy* que deixa as garotas da faculdade onde dá aula morrendo de amores por ele.

— Boa noite, Júlia. — Minha voz sai mais elevada do que eu pretendia, totalmente ignorante, reagindo à chegada do seu acompanhante, mas serve para chamar sua atenção para mim.

Quando nossos olhos se cruzam, tudo à nossa volta deixa de existir, é só eu e ela novamente, dentro do nosso próprio mundo. Minha Júlia está próxima ao balcão da sala de espera, mantendo os três metros de distância do advogado. Isso me deixa extremamente aliviado, pelo menos na minha frente está cumprindo nosso trato. Mesmo com a blusa com capuz do conjunto de moletom cinza que usa está um pouco larga, percebo que está bem mais magra, pálida também. A expressão triste, repleta de mágoa. O fato de estar sem maquiagem não diminui em nada sua beleza, para mim, continua linda. Só sinto falta dos seus cachos que eu tanto amo, o cabelo está preso na nuca em um rabo de cavalo baixo.

Fico com a boca seca, minha respiração é audível e meu olhar, igualmente

voraz, percorre todo seu corpo. É magnífica, dos pés à cabeça. Eu a desejo loucamente. Como eu consegui ficar tanto tempo sem ver esse rosto? Sinceramente, não sei. A única coisa que tenho certeza é de que não fico longe dela nem mais um segundo. Me ponho de pé para pegar o que é meu.

— Vai com calma, Ricardo, ela está acompanhada. — André me segura pelo braço, o encaro por cima do ombro com a expressão tão fechada que me solta na hora.

— Está, mas por pouco tempo — murmuro e continuo meu caminho até a minha mulher, ela vai arregalando mais os olhos conforme me aproximo.

Em um ato de nervosismo, puxa as mangas da blusa, fecha os punhos cruzando os braços sobre o peito. A cada passo que dou a frieza da solidão se esvai. Posso sentir o calor da nossa paixão tocar minha pele.

— Oi — diz em um fio de voz com os olhos mais tristes que já vi. — Sinto muito pelo Barreto, sei o quanto gosta dele.

— Que bom que veio, senti saudades. — A puxo para um abraço de urso do jeito que sempre dou nela, erguendo-a do chão.

Mas Júlia permanece imóvel, nem pisca.

Mesmo assim não a solto, preciso desse contato físico, mesmo não sendo correspondido. E aproveitarei dele o máximo que puder enquanto durar, cheirando seu cabelo e a curva do pescoço. Deposito um beijo nessa área. Ela se arrepia toda, ponto para mim! Inclino para encará-la, meu corpo todo vibra quando meus olhos descem para seus lábios grossos. Sinto uma vontade incontrolável de beijá-la, mas não sei qual será a sua reação, então me contenho. Pensar nisso me deixa arrasado, me faz lembrar da época que tinha livre acesso ao seu corpo.

Agora nem ao meu abraço corresponde mais, pensando na gravidade dessa questão, a coloco no chão de volta e me afasto totalmente constrangido e humilhado por ter que chegar ao ponto de roubar um gesto de carinho que deveria ser dado espontaneamente.

— Me desculpe por ser tão invasivo, é que eu não sabia mais o que fazer com tanta saudade de você. Quando te vi, acabei perdendo a cabeça. — Massageio as têmporas, todo sem jeito, seu olhar indiferente está me matando.

Estico o braço na direção dela, com o peito tão apertado que não consigo respirar direito. Mas Júlia se afasta antes que minha mão possa tocar seu rosto.

— Vim assim que soube do ocorrido para te dar todo apoio que precisar como *amiga*. — Não me movo. A última palavra que diz acaba com todas minhas esperanças, eu a perdi de vez.

Estamos tão perto, e ao mesmo tempo tão longe.

— Obrigado — digo e volto de cabeça baixa para o lugar onde estava sentado, e assim que o faço, o médico chega para dar notícias.

— Boa noite, quem são os pais do policial Barreto? — O médico segura uma prancheta, volto toda a minha atenção sobre ele.

— Somos nós. — Os pais do Barreto se colocam de pé, a mãe chorando antes mesmo de ouvir o que o médico tem para dizer.

Se trata de um casal distinto, já com a idade um pouco avançada. Pelo o que entendi eles não podem ter mais filhos, Barreto veio de muitos tratamentos e tentativas frustradas.

— Como vocês sabem, o caso do Barreto é bem delicado, teve traumatismo craniano, uma perna e várias costelas quebradas. Um monte de escoriações pelo corpo, e hematomas. De fato, quem fez isso carrega muito ódio no coração, nunca vi uma covardia tão grande igual ao que fizeram com esse rapaz. — A voz do médico sai embargada, os olhos marejados. — Mas, graças a Deus, a cirurgia para conter a hemorragia no cérebro foi um sucesso, fazendo o tratamento certinho posso afirmar sem sombra de dúvidas que daqui a uns meses estará completamente curado e sem nenhuma sequela. — Todo mundo respira mais aliviado, mas a minha logo volta a ficar tensa quando João Pedro abraça a Júlia todo alegrinho, como se conhecesse o Barreto e fossem grandes amigos.

Olho feio para os dois, suas mãos deslizando pelas costas dela com uma intimidade que me tira do sério. Não quero nem saber, vou esmurrá-lo aqui mesmo, pelo menos já está no hospital.

— Relaxa, cara, se fizer o que está pensando, você vai sair como o vilão da história. — André entra na minha frente, me conhece bem para saber o que estou pensando.

Resmungo. Ele está certo.

— Quando poderemos ver nosso filho? — Questiona o pai do Barreto. Ele é bem mais baixo que o filho, e bem mais gordinho. Mas o rosto é muito parecido, quase idênticos.

— Infelizmente, só amanhã à tarde. Façam o seguinte: vão para casa e

descansem, ele está em boas mãos.

Alguns membros da nossa equipe que estão aqui, vão embora, abraçando uns aos outros comemorando a boa notícia sobre o estado do companheiro de trabalho.

Sob meu olhar, Júlia caminha toda sem jeito até os pais do Barreto e os cumprimenta sorrindo docemente. Confesso que sinto inveja deles, queria que o sorriso tivesse sido para mim. Como eu queria abraçá-la bem forte e que fosse correspondido. Não soltaria nunca mais, pelo menos não até me perdoar e voltar a olhar para mim como antes. Quero de volta a liberdade de poder tocá-la como eu quero, e onde quiser.

Cumprimenta André de longe com um aceno de mão, quanto a mim, finge que não me vê e desvia o olhar. Quando percebe que a estou encarando, se apressa em se despedir de todos e vai embora com o otário.

Num momento do desespero vou atrás deles, se a Júlia acha que irá embora sem falar comigo direito, está muito enganada. Para mim já chega dessa merda! Já teve o tempo que precisava para pensar. Se eu a magoei, ela também me magoou, pendurada no pescoço desse cara estamos mais que quites agora.

— Espera, Júlia. — Em vez de parar, ela aumenta o ritmo dos passos.

Começo a correr pelo corredor e quase derrubo um enfermeiro. Consigo alcançá-los assim que chegam no elevador, as portas se abrem e João Pedro entra primeiro.

— Fica, amor, eu imploro. Precisamos conversar. — A puxo pelo braço impedindo que entre no elevador, ela olha para mim de um jeito tão doloroso que a solto na mesma hora.

— Vocês estão juntos? — O idiota do João Pedro constata por fim, balançando a cabeça em reprovação. — Foi por isso então que você passou mal ontem durante o nosso almoço quando disse que ele havia curtido nossa foto, juntos? Caramba, Júlia! Esse cara mandou te prender, roubando sua filha daquela forma tão escrota. — Eleva a voz passando a mão pelo cabelo, irritado.

— Me desculpa, João Pedro. Gosto muito de você como amigo, nunca te dei esperanças de nada mais que isso.

Toma essa, otário! Cai fora.

Essa mulher é MINHA!

— Acho que está confusa, Júlia, amanhã conversaremos melhor sobre toda essa loucura. Preciso abrir seus olhos sobre esse cara. Não vou desistir de te conquistar, eu sempre fui apaixonado por você. Desde que te vi pela primeira vez tive a certeza que é a mulher da minha vida, só não expus meus sentimentos antes porque sou seu professor, mas agora que está se formando nada mais me impede de ter a garota dos meus sonhos.

Não aguento e parto para cima dele puxando-o para fora do elevador e levantando-o pelo colarinho da jaqueta contra a parede. Ele tenta se soltar, mas não tem nenhuma chance contra mim.

— Se você... tocar na minha... mulher... novamente... eu te mato... seu desgraçado. — Cada intervalo da frase é um soco que desfiro nele variando entre o rosto e o estômago, completamente fora de mim.

Escuto os gritos da Júlia, mas simplesmente não consigo parar.

— Para, Ricardo! Você vai matar ele, socorro. — Ela começa a chorar.

— Que porra, Ricardo, o que você está fazendo? — André me tira de cima do filho da mãe e Júlia logo vai ao seu socorro.

— Você está bem, João Pedro? — Avalia seu rosto, preocupada, há uma vermelhidão nas duas bochechas e um pouco de sangue escorrendo no canto da boca.

— Estou, Júlia, não se preocupe. Eu poderia denunciar esse cara por agressão, mas não vou fazer isso em consideração a você e sua filha. Agora podemos ir embora? Não quero mais olhar na cara desse Delegado. — Deposita um beijo na testa da Júlia e voltam para dentro do elevador, de mãos dadas.

O filho da puta dá um sorrisinho irônico limpando o sangue no canto da boca, como se dissesse:

“Se deu mal. ”

Ameaço partir para cima dele de novo, mas André é mais forte do que eu e consegue me prender em uma chave de braço impedindo que me mexa. Bem que ele havia me avisado, agora virei o vilão da história e ele a vítima de bom coração que não me denunciou. Em vez de andar na direção da Júlia, me afastei ainda mais e por pouco não perdi meu distintivo de Delegado por deixar me levar pelo imenso ciúme agindo como um homem das cavernas. João Pedro sabe disso, como advogado, fez tudo de caso pensado. Droga! Como não pensei nisso antes?

Mas esse jogo não acabou por aqui, ele vai virar e ao meu favor.

Capítulo 40

•

JÚLIA

Uma semana depois

Passei mais uma semana sem falar com o Ricardo, depois do absurdo que fez com João Pedro não quero vê-lo tão cedo. Sei que foi provocado para perder a cabeça, um advogado tão bom quanto o JP, não dá ponto sem nó. Mas um Delegado tão sério, cair numa armadilha boba dessa? Ahh, vá! Para mim, não passam de dois idiotas infantis. E eu não serei troféu de ninguém nessa briga. Por isso, bloqueei ambos de todas as redes sociais, apaguei todas as mensagens antigas para não ficar presa ao passado como alguém que conheço muito bem e resolvi dar valor apenas para mim.

Cuidando da minha autoestima, e foda-se o resto.

Yudiana me convenceu a começar a fazer capoeira com ela, estou amando, ajuda a relaxar. Na faculdade, trato João Pedro com indiferença. Chega de dor de cabeça, quero viver minha vida em paz. Tenho mantido a rotina de visitar a Maria na escola todos os dias na hora do recreio, não dá para matar a saudade direito, mas já alivia. Estou dando o sangue no trabalho para agradar ao Juiz Thompson, quero ser lembrada como uma ótima funcionária quando meu estágio terminar. Mas não saio daquele fórum até ter uma conversa séria com ele sobre Yudiana, só estou esperando juntar mais coragem para enfrentar o diabo.

Tenho feito ligações diárias para o hospital para saber notícias do Barreto, que tem se recuperado milagrosamente, graças a Deus. Fui visitá-lo por duas vezes nessa semana, a mãe dele é um amor. Estão todos esperançosos que acordará em breve.

Depois de uma intensa aula de capoeira, eu e a Yudiana chegamos a casa morta de cansadas. Caio no sofá da sala enquanto espero ela tomar banho, fico triste pensando que amanhã minha pequena faz sete aninhos. Como o pai dela não quer fazer festa de jeito nenhum, penso em pedir permissão para que ela passe o dia comigo. Irei levá-la para casa do meu pai, então será como nos velhos tempos quando éramos só nós quatro. Resolvo ligar para dona Célia para ver o que pode fazer por mim.

No segundo toque ela atende, com a mesma animação de sempre.

— Alô, filha, como você está, meu amor? Que saudades de você.

— Saudades também, dona Célia, desculpe não ter respondido as mensagens da senhora, precisava de um tempo só para mim. — Mordo a parte de dentro dos lábios fechando os olhos com força, envergonhada.

— Tudo bem, querida. Eu entendo perfeitamente. Imaginei que ligaria hoje, por isso preparei uma surpresa para você e a Maria — ela se anima e acabo ficando também, adoro surpresas.

— E qual é? — Giro o corpo ficando de barriga para baixo no sofá, os pés balançando no ar como uma adolescente pendurada no celular com a melhor amiga.

— Eu pensei em dar de presente de aniversário para minha neta amanhã, um dia inteirinho com você no “SPA mãe e filha”, já conversei com Ricardo e ele concordou. Disse que quer ficar sozinho com a dor dele amanhã no aniversário da morte da esposa. Praticamente me expulsou, mandou ir ajudar minha irmã com as coisas da mudança para a casa nova aqui no Rio.

Fico muda tentando digerir o que ela disse, mas não conseguirei tão cedo, parece que engoli uma pedra.

Quando penso que Ricardo não pode mais me magoar, ele vem e pimba! Me surpreende com louvor.

— Eu adorei a ideia do SPA, dona Célia. Queria que a Maria dormisse aqui comigo hoje, se estiver tudo bem, dou um jeito de buscá-la agora mesmo — digo, por fim.

Quer saber? Dane-se! Vou sair com minha filha amanhã e esse vai ser o aniversário mais feliz da sua vida. Estou cansada de tentar entender o Ricardo, se quer viver seu luto eterno, que seja feliz.

Meu coração de agora em diante será de quem não machuca ele.

— Não precisa buscar, vou para casa da minha irmã hoje, passo aí na casa da sua amiga e deixo ela com você.

Espera aí, como ela sabe que estou na casa de uma amiga? Reviro os olhos e prefiro nem perguntar.

— Ok, então, vou mandar o endereço por mensagem. — Estou feliz demais, minha filha passará uma noite e um dia inteirinho comigo. Nem precisei pedir,

Deus já tinha tudo planejado.

— Pode dizer para o Ricardo ficar tranquilo, só voltaremos à noite. Poderá passar seu dia de luto sem nenhum incômodo. — Jogo limpo, chega de se preocupar só com a dor dele.

— Eu vou falar com ele, Júlia, sinto muito. Até mais tarde, filha, Deus te abençoe — suspira triste do outro lado da linha, até ela está sofrendo por conta da cabeça dura do filho.

E se sente culpada por ter tido a ideia da festa do aniversário da neta, mas em nenhum momento pensei que tivesse. Ao contrário, foi até bom para abrir meus olhos antes de ser ainda mais magoada futuramente.

— Até mais tarde, dona Célia, eu amo a senhora como se fosse minha mãe. Obrigada por tudo, pelo presente que deu a mim e a minha filha de passarmos o aniversário dela juntas.

— Também te amo, Júlia. — Desliga, emocionada.

Estava anoitecendo quando Maria Lara chegou, fiz pipoca com leite condensado e eu, ela e a Yudi vimos um filme. Tomamos banho juntas e fomos dormir cedo. No meio da noite sonhei que Ricardo veio ao nosso quarto durante a noite e alisou meu rosto, beijou o cabelo da filha e sentou do lado da cama segurando a minha mão, velando meu sono. Só ouvi uma voz sussurrando no meu ouvido:

“Durma, meu amor, vai ficar tudo bem.”

Acordei no susto, abrindo os olhos no escuro, tateando a cama com a mão, esperançosa que iria encontrar Ricardo ao nosso lado, mas ele não estava. Éramos somente eu e a minha filha, como sempre foi antes do pai dela aparecer em nossas vidas bagunçando tudo. Deixei o pensamento negativo de lado e acordei a Maricota para nos arrumarmos para sair, a bichinha estava com tanto sono que enfiei ela debaixo do chuveiro ainda dormindo em pé.

Meu coração sangrou, um dia tão importante como seu aniversário e sendo enxotada de casa pelo pai dessa forma. Uma coisa era eu pedir para sair com ela, outra era ele ter a ideia só para poder ficar sofrendo sozinho em casa.

— Você está chorando, mamãe? — Pergunta enquanto enxugo seus cabelos, só então percebo que as lágrimas deslizam dos meus olhos sem permissão.

— É que a mamãe está muito feliz porque hoje faz sete anos que você nasceu, a pessoa que eu mais amo no mundo. — Choro mais ainda, ando tão

emotiva nos últimos dias que acho que as minhas lágrimas dão para encher um mar inteiro.

Logo eu, a Marrenta do Morro do Alemão, virei mesmo uma mulherzinha chorona.

Aff... tenho que dar um jeito nisso, para ontem.

— Podemos ligar para o vovô mais tarde?

— Claro que sim, meu amor, hoje você pode fazer o que quiser. — Sento no chão e a ajudo calçar as sandalinhas rosa, escolhi para combinar com seu vestido rodado com alguns centímetros abaixo do joelho que a avó dela mandou em uma mochila junto com mais outras duas mudas de roupas.

— Então vou ligar para o tio Binho também, estou com saudade.

— Ele vai adorar falar com a princesinha dele, seu avô e tio adoram mimar você. — E eu também, mas sei despistar melhor do que os dois. Eu a amo de todo meu coração, só conseguirei ser feliz se ela for também.

Quando eu estiver bem velhinha e minha filha me perguntar quem foi meu primeiro amor, eu não quero pegar meu álbum de fotos antigas. Quero ainda ter forças para segurar um espelho em frente a ela. Porque foi a chegada da Maria Lara em minha vida que me tirou da escuridão, virou minha razão de viver.

Meu sonho mais bonito.

Depois de terminar de arrumá-la, é a minha vez e faço questão de caprichar.

— A mamãe está pronta, filha, como estou? — Dou uma voltinha.

Optei em colocar um vestido azul profundo, não é elegante, mas não chega a ser simples. É tomara que caia, justo ao corpo.

— Está linda, mamãe. — Bate palmas de alegria, animada com o passeio, é preciso tão pouco para fazê-la feliz.

— Vamos então, amor? — Pego na mão do grande amor da minha vida e descemos as escadas conversando, lá fora, o táxi que a dona Célia chamou já espera por nós.

Ficamos de boca aberta ao chegar no SPA, uma casa gigantesca que mais parecia um shopping, com várias piscinas de tamanhos e profundidades diferentes com escorregador, entre outros brinquedos. Banheira de hidromassagem, sala de massagem, salão de beleza, restaurante, academia e até

loja de roupas com modelos para mãe e filha idênticos. Tudo de muito bom gosto, marca fina. Fiquei pensando na fortuna que dona Celia pagou por uma diária nossa nesse lugar, não quero pensar nisso, apenas curtir cada minuto.

Depois de um belo café da manhã servido na área de alimentação, escolhemos um biquíni em uma das lojas. Maria escolheu um rosa, e como era tudo em pares de mãe e filha, foi esse mesmo para as duas. Fomos para piscina, escolhi a mais rasa, como ela não sabe nadar não quis arriscar e mesmo assim coloquei duas boias nos seus bracinhos. Foi em todos brinquedos aquáticos apropriados para sua idade, ficamos horas dentro da água.

Antes do almoço, tomamos um banho, vestimos os roupões chiques do SPA, e optamos em comer no quarto mesmo. Durante a refeição, tentei ligar para o meu pai e o Binho por diversas vezes, mas nenhum dos dois atendeu chamando até cair. Fiquei muito triste, e a Maria, também. Ela queria muito falar com eles, que dessem parabéns pelo seu aniversário. A pobrezinha estava carente, não falava, mas agora que se acostumou a ter um pai, sentia falta dele quando estava longe e não entendia porque não veio conosco.

À tarde ganhamos um cupom “Dia de Princesa” no salão de beleza, ficamos igual duas madames, sentadas, enquanto várias pessoas trabalhavam ao mesmo tempo. Cabelo, unhas do pé e da mão, maquiagem. No meu caso, sobrancelha, buço e até mesmo depilação. Tudo que tínhamos direito, faltou pouco nos virarem do avesso. Enquanto o maquiador passava batom nude na minha boca com um pincel, pelos cantos dos olhos observei minha filha rindo alto devido às gracinhas que a cabelereira fazia para entretê-la durante o tempo que estava levando para cachear seus longos cabelos ruivos com auxílio de um modelador de cachos. A baixinha estava radiante, achando aquilo tudo um máximo.

— Não chora, fofa, ou vai estragar a maquiagem. — O maquiador seca a lágrima que dança pelo meu rosto com a ponta do dedo mindinho, respiro fundo para que outras não façam companhia a ela.

— Desculpa, hoje é aniversário da minha filha e eu estou um pouco emotiva. — Minha voz sai abafada, não é fácil falar e engolir o choro ao mesmo tempo. Puxo ele pela gola rosa choque da sua camisa para sussurrar em seu ouvido uma ideia louca que me surgiu. — Minha menina nunca teve uma festa, será que poderíamos cantar parabéns para ela, para que pudesse se sentir especial? — Suplico e, ao olhar para mim, vê uma mãe desesperada tentando fazer a filha feliz dentro das minhas limitações.

— Deixa comigo, Nêga. — Pisca o olho verde por conta da lente de

contato. Os cabelos estão arrepiados, descoloridos em num tom platinado. Acho bonito, combina com seu estilo.

— Fico te devendo essa. — Pisco de volta, imensamente grata.

— Gente hoje é aniversário de uma princesa chamada Maria Lara, vamos cantar parabéns para essa ruivinha linda. — Ele tira a atenção de mim e sai saltitando, atraindo a atenção de todos do salão para nós, coloca minha filha de pé na cadeira onde estava sentada.

Cochicha no ouvido da cabeleireira loira que estava arrumando o cabelo da Maria Lara, ela sorri e instantes depois some em uma porta que acredito ser a cozinha. Como em um passe de mágica, aparece com um cupcake com uma velinha acesa em cima, segurando-o com as duas mãos e puxando um “Parabéns”. Todo mundo do salão fica de pé em volta da minha filha batendo palmas juntas em um coro animado. Têm algumas mulheres com o cabelo cheio de bobs de plástico igual aos da dona Florinha do Chaves, outras pararam só com a metade do cabelo liso, além das que estavam batendo palmas com cuidado feito focas em um show de circo para não estragar o esmalte fresco, já suas filhas fizeram uma festa, adorando a bagunça.

Maria Lara abre a boca levando as mãozinhas no rosto, emocionada. Eu vejo a imagem em câmera lenta, pessoas estranhas a abraçando, desejando felicidades e fazendo-a feliz nesse dia festivo do seu nascimento, sendo que o próprio pai não faz questão nem de dar parabéns.

— Essa eu não vou perdoar nunca, Ricardo! — Fecho os punhos tomada pela raiva, pode fazer o que quiser comigo, mas quando é com a minha filha, é imperdoável.

Como a dor da perda da esposa pode ser maior do que a felicidade do presente que Deus deu a ele de ter uma filha tão linda e doce? Juro que nunca vou entender isso.

Engulo a raiva que passa arranhando a minha garganta e vou até minha menina enchê-la de beijos, ela olha tudo ao seu redor, maravilhada.

— Viu, mamãe, eles fizeram uma festa para mim — mostra em êxtase o pequeno cupcake que ganhou, é de chocolate enfeitado com granulados e um morango no topo.

— Eu vi, meu amor, você gostou? — Aperto meus lábios em sua bochecha, ela faz uma careta como se tivesse ficado sem ar.

— Muitãooooo! Queria que o papai estivesse aqui com a gente, vou levar um pedacinho do meu bolinho para ele, pode? — Seguro para não chorar de novo, veja bem como o coração de uma criança é puro.

O coração da minha filha é tão bondoso que sempre me comove. Como diz uma música que eu amo muito:

“Eu a amarei de janeiro a janeiro, até mundo acabar...”

— Também queria que o seu pai estivesse aqui, filha. — Beijo o topo da sua cabeça com cuidado para não desfazer os cachos, estão tão brilhosos e muito bem-feito.

— Agora me dá licença, mamãe, deixa eu terminar de arrumar o cabelo dessa princesa. — A cabeleireira senta Maria novamente na cadeira, minha florzinha dá tchau para mim pelo reflexo do espelho.

— Obrigada pelo carinho com a minha filha, o SPA está de parabéns. Tem um tratamento de qualidade e ótimos funcionários, vou indicar para todas minhas amigas do trabalho que têm filha. — Abraço a cabeleireira e o maquiador em um gesto sincero de agradecimento.

Esse dia ficará marcado em minha vida para sempre, de como algo tão simples, quando feito com amor, pode alegrar a vida de alguém.

Capítulo 41

•

JÚLIA

Depois de um dia maravilhoso, digno de princesas, fomos embora à noite do SPA vestidas como se de fato fôssemos da realeza. Fomos presenteadas com vestidos igual aos da Cinderela no baile de gala, eram azuis claro, caído nos ombros, tecido fino e com pequenas pedrinhas brilhosas, luvas brancas até o cotovelo. Não acreditei quando vi os sapatos de cristal, eles realmente pensavam em tudo. Até o penteado do nosso cabelo e a maquiagem foram iguais, a metade presa e o restante solto em cachos bem modelados.

Uma pena, tanta produção para nada! Mas só de participar do processo valeu a pena, Maria se divertiu muito.

Ao chegarmos a casa, acho estranho as luzes estarem todas apagadas. Será que a dona Célia já está dormindo? Mandeí mensagem dizendo que estava chegando e disse que esperaria por nós na porta. E o babaca do filho dela, será que saiu? Ou deve estar curtindo seu luto no escuro? Só me faltava essa. Melhor entrar e ir até o quarto da mãe dele sem fazer barulho, não sei como estará o humor desse homem se o encontrá-lo nesse momento.

Depois de entregar a Maria para a avó, vou embora de fininho.

— Cuidado para não fazer barulho, filha, para não incomodar o papai. — Seguro em sua mão e ela assente, triste.

— Queria que o papai visse o nosso vestido de princesa, e entregar o pedaço de bolinho que guardei para ele. — Abaixa a cabeça fazendo biquinho, mas eu realmente não posso fazer sua vontade agora.

— Sinto muito, meu amor, que tal amanhã você entregar o pedaço do bolinho para ele? — Ela balança a cabeça negativamente, cabisbaixa.

Entramos em casa, as duas cabisbaixas fazendo o mínimo de barulho possível. Assim que acendo a luz levamos um baita susto com o que esperava por nós.

— SURPRESA!

Grita o coral de pessoas vestidas com roupas estranhas, parecendo da época medieval em bailes da realeza. Reconheço as crianças da sala da minha filha, tanto elas como suas mães vestidas em trajes antigos, cada uma com o vestido mais lindo que o outro, todos longos e fartos na quantidade de tecido. Homens com seus trajes finos, pomposos.

Todas as pessoas que eu amo estão presentes, meu pai vestido de rei com direito a manto vinho caído sobre as costas, arrastando no chão, e coroa cravejada de pedras valiosas. Está de braços dados com dona Célia, que está toda estilosa em suas vestes de rainha, ambos visivelmente emocionados. Binho lindíssimo de cavaleiro valente com sua armadura prateada, com o símbolo real, segurando a espada. Minhas amigas, Dani e Yudiana, não poderiam estar vestidas de outra forma além de fadas madrinhas. Semicerro os olhos na direção delas como se dissesse:

“Vocês me pagam depois por esconderem isso de mim.”

Elas apenas dão de ombros balançando as asinhas de fadas nas costas, apontando a varinha de condão com uma estrela na ponta em minha direção. Sorrio, parecem duas meninas sapecas. André e o seu filho lindo, Gustavo, estão fantasiados como “os três mosqueteiros”.

A sala se transformou em um salão de baile igualzinho ao filme da Cinderela, não deixando a desejar em nada ao interior de um castelo. Os móveis sumiram, e no espaço há somente uma mesa enorme decorada com bexigas azuis e rosas, cheia de todo tipo de doces, balas e um bolo lindo com uma bonequinha de cabelos ruivos em cima. Quadros antigos na parede, candelabros à luz de velas, um belo lustre no teto, com pedras brilhantes como diamantes completam a beleza do ambiente.

Maria Lara nem se mexe, eu também não, ambas paralisadas com os olhos esbugalhados. Mal consigo respirar, nem em sonho esperava por isso. Estou muito feliz, mas com muito medo também. Se for mais uma das ideias loucas da dona Célia? Até agora não vi o filho dela, se ele chegar aqui soltando os cachorros em todo mundo acho que sou capaz de morrer. Não sei, estou confusa.

— Peço atenção de todos os convidados para anunciar a chegada das princesas Júlia Helena e Maria Lara. — Do nada aparece um homem gordinho trajando uma roupa verde de calças curtas, chapéu com pena no topo e tocando uma trombeta.

Minha filha não consegue parar de sorrir olhando para ele, o recepcionista

da festa real faz aquele ritual toda vez que chega um convidado.

— Bem-vindas ao baile real em comemoração às sete primaveras da princesa Maria Lara.

Me emociono quando meu irmão fica diante de nós levando o braço em frente ao corpo em sinal de reverência, Maria não se contém e sai correndo pulando no pescoço do tio.

— Obrigada, Tio Binho, eu amei a surpresa. Como conseguiu fazer isso tudo? Com mágica? — Os olhinhos dela brilham, esse dia ficará guardado em sua mente para sempre.

Em que seu mundo mágico se tornou realidade, nos mínimos detalhes.

— Dessa vez não fui eu, princesa, isso tudo foi ideia do seu pai. — Arregalo os olhos, chocada.

Nem tenho tempo de me recuperar e quase enfarto quando olho para o lado e vejo Ricardo em um lugar estratégico, perto da pirâmide montada com os vários presentes que Maria ganhou, de modo que, de onde está vê tudo, mas será visto somente na hora certa.

Fitando-me de um jeito que me deixa embriagada, as pernas vergonhosamente trêmulas.

Meu Deus, como ele está lindo!

Fantasiado de príncipe encantado, veste uma espécie de roupa militar com casaco branco com divisas e botões dourados. A calça é azul combinando com a cor dos nossos vestidos e uma espada pende em seu quadril. O cabelo em um belo corte curto, barba feita. Perco todo o fôlego, nem pisco. Quando seus pés se movimentam sobre o tapete vermelho de veludo traçando o caminho para o lugar exato até mim, sou obrigada a desviar o olhar ou morrerei apaixonada.

— Olha, mamãe, como o papai está bonito. Ele é o seu príncipe encantado. — Maria puxa minha mão me obrigando a olhar na direção do pai, ao chegar na metade do caminho ela corre ao seu encontro.

— Olá, princesinha, você está linda! — Ricardo fica de joelhos para ficar da altura da filha para abraçá-la, daquele jeito que quase quebra a gente ao meio. — Sabia que há sete anos atrás, esse foi o dia que Deus escolheu para me dar o melhor presente que eu poderia ganhar. Sabe qual é? — Seus olhos estão molhados, todos os convidados em total silêncio para ver o momento pai e filha.

— Não, papai, o que é? — Pergunta no seu tom inocente cheio de curiosidade, apoiando a mão no ombro do pai.

O olhar do Ricardo se divide entre mim e a filha, depois do que fez hoje por ela, minha raiva por ele se dissipou no ar como fumaça ao vento.

— Você, filha, a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Acaricia sua face amorosamente, como se ela fosse uma flor. — Eu não vivia desde o dia em que tiraram você de mim, então, anos depois, te encontrei e ainda veio sua mãe junto no pacote para aumentar ainda mais minha felicidade. Me ensinar a amar novamente, ser amado — diz olhando dentro dos meus olhos.

Tenho que me segurar para não pular em cima dele na frente de todo mundo e enchê-lo de beijos, mordidas e tudo o mais que tenho direito.

Que paixão que nada! Eu amo esse homem, depois de hoje, então, com todas as minhas forças.

— Essa mamãe aqui, ou a que está com “Papai do céu”? — Ela aponta o dedinho na minha direção e todos riem olhando para mim. Franzo a testa alisando o tecido do meu vestido, toda sem jeito, pronta para abrir um buraco no chão e me enfiar nele de tanta vergonha.

Tento a todo custo quebrar o contato visual com Ricardo, mas seus olhos puxam os meus como imãs.

— Essa mesma, a mulher mais linda da festa. — Abre um sorriso sedutor que faz meu coração acelerar, cada batida que dá é em homenagem a ele.

— Então por que não beija ela, papai? — Maria sussurra no ouvido dele, mas de um jeito que todo mundo ouve.

Principalmente, eu.

Ele me olha por cima da filha sorrindo de um jeito destruidor de calcinhas que só ele sabe. Minha filha só pode estar querendo me matar de vergonha. Olho para meu pai procurando algum sinal de descontentamento em seu rosto. Mas, não, ele está é achando graça, todo orgulhoso das gracinhas da neta. Verdadeiro avô babão.

Sobressalto ao virar de frente novamente e dar de cara com Ricardo mais próximo a mim, e mesmo de salto meu queixo bate em seu peito. Apoia uma mão em cada lado da minha bochecha se aproximando rápido à procura da minha boca. No susto, acabo virando o rosto, então eleva os lábios beijando minha testa. Seu cheiro é inebriante, misturado com a emoção da sua pele em

atrito com a minha, atijando lembranças dos nossos momentos mais íntimos.

— Você está tão linda, amor. Me perdoe por ter agido como um idiota contigo. Menos quando bati no seu professor, ele mereceu. Juro que se não estivéssemos no aniversário da nossa filha, com seu consentimento, ou não... te arrastaria para algum lugar deserto, e iria amar você até suas pernas ficarem bambas — me provoca com a voz rouca, em um tom baixo para que só eu escute, mas, pela minha expressão de perversão diante de suas palavras, a maioria das pessoas percebe.

— Elas já estão bambas e você mal tocou em mim. — Palmas para a minha boca rapariga, nem cinco minutos perto do homem e já se dá por vencida pelo seu charme entregando todos os pontos de uma só vez.

— As minhas estão tremendo desde que você apontou nessa bendita porta linda desse jeito, quase morri durante esses dias sem poder te tocar como eu queria. — Suas mãos deslizam pela curva da minha cintura de forma possessiva, maliciosa.

— Obrigada pelo que fez pela Maria, está tudo esplêndido. — Minha respiração fica ofegante, tento me afastar, mas ele não permite unindo nossos corpos ainda mais.

— Você não vai mais fugir de mim, Júlia, eu não vou deixar — diz em tom de ameaça.

Enfim, crio coragem de encará-lo e encontro suas safiras brilhantes me admirando como se fosse algo sagrado. Transmitindo muita saudade e esperança de algo novo, juntos.

E até mesmo amor.

Por mim.

— Agora já chega de cochichos vocês dois, pombinhos. Deixem para namorar mais tarde. — Dona Célia entra entre nós dois, ele chia travando o maxilar, totalmente frustrado. — Têm coisas que só devem ser resolvidas entre quatro paredes, ai, ai, ai. — Balança o dedo indicador no ar, nos repreendendo em público, fazendo o povo achar graça.

Aproveito a deixa para sair sorrateiramente e me esconder do Ricardo na companhia do meu pai. Ele não terá cara de vir atrás de mim. Meu velho tem um coração de ouro, mas me esconde muito bem atrás de quase dois metros de altura e uma cara de bravo. Então acho que, por ora, estou protegida, pelo menos por

ora. Estou muito feliz pelo que fez pela nossa filha, mas, nós dois, é outra história, as palavras cruéis que disse ainda estão bem vivas na minha memória. Não vou pagar ao seu lado de “casal do ano” sendo que a realidade é outra bem diferente, vou agir cautelosamente para evitar sofrimentos futuros. Só vou cair nessa de cabeça com cem por cento de certeza de que não é uma fria, não ajo mais por impulso, cega de amor. Tudo tem um limite, o meu já passou há muito tempo.

— Será que a vossa alteza tem um tempinho para sua filhinha querida? — Puxo seu manto real. O coroa está se achando dentro dessa fantasia. Mantendo a postura ereta, soberana.

— Sempre tenho um tempo para minha princesa, de fato, a mulher mais linda da festa. — Abraço sua cintura bem forte, ele é a pessoa em que mais confio no mundo.

— Eu te amo muito, papai, mesmo não me contando da festa surpresa. — Agora entendo porque nem ele e o meu irmão atenderam a ligação, preferiram isso do que mentirem para mim.

Honestidade é uma tradição da nossa família.

— Eu também te amo muito, filha, mesmo você não me contando antes do seu romance com o Delegado.

Toma distraída, podia ter dormido sem essa.

Me sinto mal por ter escondido algo tão sério, envolvendo a mim e a neta, sei que não gosta nem um pouco do Ricardo, mesmo sem conhecê-lo direito, nunca trocaram uma palavra.

— Desculpa, pai, queria ter contado para o senhor antes. Mas aconteceu tão rápido, e acabou mais rápido ainda — suspiro, envergonhada.

— Fiquei um pouco triste de ter descoberto algumas coisas pela boca de outra pessoa, não da sua. Sou amigo da Célia, ela me deixa a par de várias coisas que acontecem aqui. Mas a parte de vocês dois estarem apaixonados, não me contou nada. Acho que pensou que você diria quando estivesse pronta. — Beija o topo da minha cabeça, sempre amei esses pequenos gestos de carinho dele e a forma amorosa com que trata a mim e ao meu irmão.

Eitaa! Muita calma nessa hora, ele disse Célia?

Não acredito que os dois estavam de conluio esse tempo todo, por isso não perguntava muito o que acontecia aqui, tem sua repórter particular que entrega as

notícias em primeira mão. Danados. Perguntei como havia conhecido dona Célia, virou-se para mim e disse como se fosse a coisa mais natural do mundo, que havia sido através do Facebook. Minha liberdade social acabou desde o dia que meu pai instalou o aplicativo no celular, me adicionou, e ficava de olho em tudo o que postava e se não fosse do seu gradado, comentava me advertindo.

Coisa de pai coruja, sabe? Vai entender. Meus amigos da faculdade chegam a chorar de rir, eu acabo rindo também.

— E quanto tempo faz isso? — Estreito os olhos, desconfiada.

— Ela pediu seus dados ao policial Barreto, usou meu nome para fazer a pesquisa no Facebook e fez a solicitação de amizade. Não costumo aceitar estranhos, mas seu sorriso amplo e sincero na foto do perfil, me cativou. Mas quando se apresentou, no começo não quis assunto, mas ela é insistente e no final acabamos virando amigos.

Minha expressão é a mais estupefata possível, nem sei ao certo o que dizer diante de tanta informação. Ele fala dela com tanta intimidade, que eu espero que sejam só apenas amigos mesmo, ou ficará uma situação muito bizarra.

Faço uma careta, só de imaginar a possibilidade...

— Estou chocada, pai! Juro, de cara no chão mesmo. Vocês dois, aprontando pelas nossas costas. — Dramatizo e ele acha graça.

— Não é bem assim, minha filha, como disse, ela não contou a parte que você e o filho dela estão apaixonados. Fiquei sabendo de outra forma... — Nem questiono, pois sei que não vai falar, não é dedo duro. — Também fiquei sabendo sobre a falecida mulher do Delegado, e de como ainda exerce um poder muito grande em relação aos seus sentimentos. — Ele me olha preocupado, contorcendo os lábios.

Se meu pai soubesse o quanto me magoa falar sobre a forte ligação que o Ricardo ainda tem com a esposa, não tocaria nesse assunto comigo. Mas como fica evidente no meu rosto que esse assunto me incomoda, então não vai querer falar nele por um longo tempo.

— Tanto faz agora, pai, só quero esquecer tudo o que houve e seguir em frente, de cabeça erguida. Sozinha. — Coloco bastante ênfase na última palavra e interrompo o abraço, estufando o peito entrando no modo defensivo.

— Eu não sei o que o pai da Maria fez de errado contigo, Júlia. Mas está se esforçando para se redimir, você sabe o quanto esse dia significa para ele de

forma negativa, das lembranças terríveis que traz e mesmo assim montou essa festa linda. — Pronto! Agora até o meu pai resolveu entrar para o fã clube do Ricardo, mas devo admitir que está coberto de razão. Como sempre.

O Cavalão é um babaca, mas também se desculpar como ninguém. E em grande estilo, diga-se de passagem. Mesmo assim, não vou amolecer tão fácil, esse não faz o feitiço da Júlia Helena da Silva. Das últimas duas vezes que amoleci baixando a guarda, tive o meu coração partido.

— Problema dele, pai, agora é um pouco tarde para se redimir comigo. Fico feliz pela surpresa que fez para Maria, mas, comigo, o buraco é mais embaixo. Sinto muito — resmungo o abraçando novamente aconchegando minha cabeça em seu peito, como um filhote de cachorrinho recém-nascido.

— Misericórdia, você é igualzinha à sua mãe. Passei um dobrado na mão dela, se tem uma coisa que aprendi com ela é que sempre tinha razão em tudo e aí de mim se dissesse um “A” contra. Eu sempre a amei por isso, era valente e não se abaixava para ninguém, nem mesmo para mim — brinca deslizando as mãos pelas minhas costas de um jeito confortante, fecho os olhos lembrando do olhar doce da minha mãezinha.

Fico em silêncio aproveitando o abraço confortante do meu pai, até nosso momento fraternal ser interrompido. Ricardo se aproxima na maior intimidade conversando com o meu pai sobre partidas de xadrez, parecendo até amigos de longa data. Ambos riem um para o outro, meu pai tira sarro do Delegado por ter ganhado todas as partidas e o mesmo continuar pedindo revanche.

Oi? O que foi que eu perdi?

Solto meu pai, cruço os braços elevando o olhar, mas sem dizer nada, só observando a conversa. A intimidade dos dois parece de amizade antiga, meu pai usando um tom carinhoso que eu conheço muito bem e que só usa comigo, Binho e a Maria Lara que somos da família. Agora com estranhos, é a primeira vez.

— Eu sou brasileiro, senhor Joaquim, não desisto nunca. — Os olhos desafiadores do Ricardo recaem sobre mim, chego a estremecer tamanha a intensidade que vejo dentro deles.

Mas me faço de rogada e desvio o olhar para os convidados. Sorrio ao ver Maria Lara feliz da vida correndo para todo o lado com Gustavo e mais outras crianças, estou feliz em saber que está fazendo novos amigos.

— Nossa filha está se divertindo muito, deu trabalho montar tudo isso em poucas horas, mas valeu a pena — comenta olhando para a mesma direção que eu, passando o braço em volta do meu corpo como se tivesse alguma liberdade para isso depois das coisas horríveis que fez.

Um calafrio percorre meu corpo, o idiota solta uma risadinha ao perceber a reação que causa em mim.

Cretino arrogante dos infernos!

Meu irmão chegou com os olhos grudados no celular, logo os do Delegado também estavam focados no aparelho. Apenas inclinou a cabeça sem me soltar, dei uma olhadela para meu pai buscando uma explicação lógica para o que estava acontecendo ali. Ricardo brincou com a situação de Binho roubar o wi-fi do vizinho, pai de Brunela, uma morena oferecida que vivia se agarrando com meu irmão por todos os cantos.

Me afastei disfarçadamente do aperto de Ricardo. Pelo visto a minha família já havia caído no charme dele, mas, também, quem resiste? Droga, eu fui a primeira idiota a cair de bunda no chão. Fui procurar refúgio na companhia das minhas duas fadas madrinhas, elas sim me entendiam e iriam ficar do meu lado. As encontrei devorando a mesa de brigadeiro, realmente estavam com uma cara ótima. Porém, Yudi também logo se encarregou de defender Ricardo, dizendo lindas palavras de como ele é maravilhoso, excelente pai, e que eu tinha que reconhecer o seu esforço para realizar o dia de hoje.

Mas o que está acontecendo com as pessoas? Todas deram para defender o Ricardo agora.

— Desde quando você também virou fã do Delegado, Yudiana? — Bufo revirando os olhos. Enfio a mão dentro do pote de jujubas e coloco um monte na boca. Yudi coloca um brigadeiro de chocolate inteiro na boca, nem se incomodando com o monte de granulado caindo sobre sua fantasia de fada.

— Desculpa, amiga, mas não tem nada mais lindo do que ver um homem apaixonado tentando se redimir com a mulher amada. E vamos combinar, o cara sabe impressionar. Olha essa festa que levaria semanas para ser organizada, foi feita em um dia. — Dani come um brigadeiro de chocolate branco com uma delicadeza que parece caviar, mordendo em micro pedaços segurando nas pontas dos dedos para não se sujar.

É requintada, educada, extremamente amorosa até mesmo com os alimentos que come.

— E por conta disso acabei de descobrir que amo o Ricardo, e estou muito assustada com isso já que tenho muitas dúvidas se o sentimento é recíproco. — Solto no susto, as duas dão uma risadinha com o olhar fixo em cima do meu ombro.

Por favor, que o Ricardo não esteja atrás de mim.

— Achei minha princesa fujona, está na hora de cantar parabéns para nossa filha. Mas depois do que acabei de ouvir, mal consigo raciocinar direito. — Não sei como consegue falar e morder o lóbulo da minha orelha ao mesmo tempo, só sei que é bom pra porra.

Abraça minha cintura por trás, presenteando a curva do meu pescoço com beijos molhados sem se importar que sua atitude atrai a atenção de todos os convidados. Em especial das mulheres, que não podem ver um homem bonito que a periquita fica coçando. Suas mãos deslizam pelo meu ombro, abrindo espaço, empurrando meus cachos para o lado para continuar me torturando com os lábios. Já estou toda molhada pronta para recebê-lo, mas preciso ser forte para não cair no seu charme como todos do meu mundo fizeram. Meu coração partido ainda não está devidamente cicatrizado, tenho que ser cautelosa.

— Mais tarde conversamos sobre isso, Ricardo, agora vamos dar total atenção para nossa menininha. Hoje o dia é dela. — Antes que eu possa me mexer, ele segura minha mão firme para que, onde quer que eu vá, serei obrigada a levá-lo junto comigo.

— Se depender de mim, nunca mais saio de perto de vocês duas — diz com veemência, deixando o placar final do jogo em minhas mãos.

Fiquei tocada na hora de cantar os parabéns, ainda mais quando ela soprou as velinhas e escolheu para quem seria o primeiro pedaço de bolo e o deu para mim. Eu chorei feito uma bobona, mas eu não fui a única. Ricardo ficou visivelmente emocionado em ver a filha tão feliz, pegando-a no colo. Segurando a minha mão, fomos cumprimentando os convidados de forma calorosa, que queriam desejar felicidades à nossa pequena.

A maior parte dos convidados eram mães dos amiguinhos da escola de Maria. Perdi a conta de quantas vezes revirei os olhos e segurei a vontade de torcer o pescoço dessas oferecidas babando em cima do Ricardo. Quando ele sorria de um jeito naturalmente sexy, elas faltavam pouco desmaiar aos seus pés. Muitas com uma baita aliança na mão, mesmo assim de olho no homem dos outros.

Tirando isso, a festa foi muito divertida. Teve show do bobo da Corte, o cara era muito engraçado, teve gente chorando de tanto rir. Durante todo o tempo, Ricardo não tirou as mãos de mim. Sempre fazendo um carinho aqui, outro ali, eu permaneci firme como uma guerreira amazona para deixar claro que daqui para frente as coisas seriam diferentes. Mas não sei por quanto tempo aguentarei me fazer de durona com ele fazendo de tudo para me agradar, faltava pouco buscar um pedaço da Lua e me entregar. Atencioso com meu pai e irmão, ainda não faço ideia de onde e como ficaram tão próximos.

Nossa filha não conseguia parar um minuto quieta de tanta felicidade dentro do seu coraçõzinho, transbordando em forma de brilho nos olhos e sorrisos largos.

— Eu estou tãoooooo feliz, mamãe, viu o monte de presente que ganhei?

Ela vem correndo até mim e o pai, tentando inutilmente tirar os fios de cabelos todos bagunçados sobre o rosto que está com uma mistura de vermelhidão e pequenas gotículas de suor começando a brotar. O vestido nem parece o mesmo de quando saímos do SPA, seu estado agora é todo desalinhado e os sapatinhos de cristal só Deus sabe onde foram parar. Isso é um bom sinal de que, de fato, está se divertindo muito, aproveitando cada segundo da festa que trouxe seu mundo mágico à vida.

— Então por que não abraça o papai para agradecer e diz o quanto o ama? Fica sendo um segredo nosso, filha — sussurro em seu ouvido discretamente ao fingir abaixar para tentar dar uma ajeitada em seu vestido, sem uma boa lavada e um ferro, será inútil.

Ela assente me olhando cúmplice, em seus pequenos lábios dança um sorriso maroto. Se aproxima do pai ao meu lado como quem não quer nada e o pega desprevenido agarrando-o pelas pernas, em um abraço bem forte.

— Obrigada pela festa, o senhor é o melhor pai do mundo. Eu te amo. — Ergue a cabeça para olhar para o pai. Ele imediatamente inclina para pegá-la em seus braços fortes de forma que fica de frente para ele.

— Eu também te amo muito, filha, a eterna ruivinha do papai. — Esfrega a ponta do nariz no dela e acho encantador o momento pai e filha dos dois.

Estou chorando e nem vi, droga! Que choradeira é essa que eu ando tendo ultimamente? Nunca fui assim. Ricardo cochicha alguma coisa no ouvido da filha, ela sorri sapeca abrindo os bracinhos para que eu a pegue.

— Não chora, mamãe, eu também te amo muito — declara já no meu colo limpando as lágrimas que correm pelo meu rosto como um rio.

— A mamãe também, filha, mais que qualquer coisa no mundo. — Abraça meu pescoço. A festa está chegando ao fim e o sono está começando a chegar de mansinho.

— Agora aproveita para brincar mais um pouco, daqui a pouco todos seus amiguinhos irão embora e será hora te tomar banho e dormir. — A coloco no chão, ela avista onde está Gustavo e vai atrás dele chamando-o para brincar.

Me aproximo do Ricardo, dessa vez eu que seguro sua mão. Ele leva minha mão até os lábios e a beija, mais romântico do que nunca. Nossos olhos se encontram e estamos novamente em nosso próprio mundo.

— Obrigada pelo tanto que se esforçou para que tudo isso acontecesse, não estou falando só da festa. Respeito seu luto e admiro sua decisão de querer seguir em frente. Contudo, quero que essa mudança aconteça naturalmente e não à força apenas para me agradar ou se redimir de alguma coisa errada que fez. Sei que ama sua esposa, não quero que isso mude, afinal, é a mãe da sua filha. Apenas que a deixe ir, não pode viver preso ao passado para sempre isso faz mal a você mesmo e até mesmo para as pessoas à sua volta.

Ele puxa uma boa lufada de ar desviando o olhar rapidamente, mas somente por alguns segundos, e quando volta a me olhar não encontro nenhum vestígio de dor em sua expressão.

— Eu quero muito deixar o passando para trás, Júlia. Quero seguir em frente, com você ao meu lado. Só preciso que seja paciente comigo, como deu para perceber, sou meio babaca às vezes. — Ele torce o nariz, ficando ainda mais lindo assim todo tímido ao se redimir.

— Às vezes? Você age como um babaca sempre, Delegado. — Ele ri alto inclinando a cabeça para trás, muito alto mesmo.

— Nós vamos fazer isso dar certo, amor, eu e você.

Suas palavras me fazem querer acreditar realmente nisso.

— Talvez nós dois possamos dar certos juntos sim, Ricardo. Só precisamos ser sinceros um com outro, sempre. Acima de tudo, pacientes, sei que também não sou uma pessoa fácil. — Pigarreia implicando com o que eu disse, dou uma cotovelada nele com vontade de rir. — Devemos pensar antes de falar alguma coisa de agora em diante, parando de jogar palavras em cima do outro como uma

faca afiada cortando tudo por onde passa. As coisas que me disse aquele dia, foram cruéis, se tivesse sido um pouquinho sensato, não teria agido por impulso e assim teria evitado muito sofrimento de ambas as partes, eu acredito — digo tudo logo de uma vez, tomada pelos vinte segundos de coragem. Temos que resolver todas nossas pendências antes de dar qualquer passo a diante por menor que seja.

Meus olhos rolam pelo centro da sala, a maioria dos convidados já foram embora. Os que restam, riem e conversam animadamente, a voz alegre da dona Célia se destaca entre as demais. As crianças atacando as mesas de doces em uma euforia sem fim. Maria acena para mim de longe com a boca toda suja de bolo, tão feliz no meio dessa bagunça toda que fica rindo sozinha. Meus olhos se enchem de lágrimas de felicidade, serei grata ao pai dela por isso pelo resto da vida. Transformou o sonho da nossa filha em realidade, é tão surreal que tenho medo de acordar a qualquer momento.

— Está mais que certa, não quero passar nunca mais o que passei esses dias. Eu quase morri longe de você, Marrenta. — Nos abraçamos de forma totalmente saudosa, fecho os olhos quando minha testa descansa na dele. — Nunca senti tanto medo na vida de mais uma vez perder alguém que amo. Seja o que for, vamos resolver juntos. Estou disposto a deixar o passado para trás, se for paciente comigo tenho certeza que sobreviveremos a qualquer coisa. — Beijo sua boca em meio a um suspiro, louca para ficar sozinha com ele entre quatro paredes. Existem certos tipos de saudade, que só se matam a dois.

Pensei que iria me contar sobre o santuário que fez para a esposa, já que não teria mais segredo entre nós. Mas nem tocou no assunto, espero que sua promessa de nunca mais esconder nada de mim não seja apenas simples palavras jogadas ao vento. Contudo, darei um voto de confiança, e vou cumprir a minha promessa de ser paciente.

— Então você sentiu muitas saudades minhas, Delegado?

— Demais! Você foi uma menina muito má comigo, amor.

— E o que meninas más, como eu, merecem? — Provoco me esfregando nele, maliciosamente.

— Diz que me ama novamente, que eu te mostro no primeiro canto escuro que encontrarmos. — Aperta minha bunda discretamente me puxando em direção ao volume debaixo da calça, duro e vigoroso, pronto para uso.

Estremeço.

— Eu te a...

— Ganhei mais um presente, mamãe, foi a avó Vaiola que deu. — Maria chega toda animada, interrompendo, meus músculos ficam tensos assim como os do Ricardo.

Afasto-me dele e me deparo com os olhos fuzilantes de Vaiola como se eu fosse sua pior inimiga. Acho que sou. Seu cabelo parece mais vermelho que da última vez em que a vi, mais realçado devido ao terninho preto que usa. É a única que não está vestida de acordo com a festa, parece ter vindo para um velório, logo chamando a atenção de todos. Tem uma presença marcante, mas de forma negativa, obscura.

Maria segura com as duas mãos um notebook cor de rosa, só uma louca como a megera da Vaiola mesmo para dar um presente desses para uma criança de sete anos. Alguma coisa essa mulher está tramando, só não sei dizer o quê.

— Como que fazem uma festa tão linda para minha neta e eu não fico sabendo? — Ricardo se põe à minha frente, me protegendo.

— Achei que tinha deixado bem claro no nosso último encontro que não é mais bem-vinda em minha casa, Vaiola. Na verdade, nunca foi. — Ricardo veste a máscara de Delegado linha dura, seu tom gélido chega a me dar medo, nunca o usou nem comigo quando me odiava.

— Pode ficar tranquilo que minha visita não será demorada, só vou dar o meu presente principal para “Sofia” e vou embora. — Tira uma coisa de dentro da bolsa parecendo um *pen drive*, como se a neta fosse saber usar isso. — Pode me emprestar um pouquinho o notebook que a vovó te deu, meu amor? Preciso dele para te dar seu segundo presente, tenho certeza que vai amar, principalmente seu pai. Nada melhor do que voltar no tempo, em especial a exatos sete anos atrás algumas horas antes da bolsa da sua mãe romper e a minha netinha nascer. — Seguro a mão do Ricardo novamente, não sei o porquê, mas o sinto como se ele estivesse se afastando cada vez mais.

Vaiola coloca o notebook em uma mesa próxima a nós e liga pacientemente conectando o *pen drive* na entrada USB dando início a um vídeo. Quando a gravação começa a tocar no volume máximo, as pessoas se aglomeram em volta para ver do que se trata. A primeira pessoa que aparece no vídeo é uma mulher de costas, usando um vestido rosa claro sentada em um desses banquinhos de balanço debaixo de um carvalho em flor. Ela está descalça e conforme balança, seus cabelos longos e ruivos voam na direção da brisa que passa ligeiramente.

Não precisa ser muito inteligente para saber que se trata da esposa do Ricardo, quando a pessoa gira o ângulo da câmera pegando seu perfil de frente, tenho a certeza.

É a mulher mais linda que já vi na vida, ela sorri com os dentes incrivelmente brancos e perfeitos, as mãos repousam sobre a barriga grande, virando para câmera. Engraçado, em todas as fotos que a vi ela está sempre na mesma posição. Acho que gostava de fazer carinho na filha durante a gravidez, aproveitando o tempo que tinha para demonstrar que a amava. Penso estar vendo a imagem de um anjo, Andréia tinha um charme especial, o mesmo da Maria. Traços angelicais, e ao mesmo tempo, marcantes. Cheia de sardinhas no rosto, e um olhar doce que encanta a todos por onde passa.

— *Você não cansa de gravar a mim e a Sofia todos os dias, amor?* — Ela disse sem parar de sorrir, pelo brilho nos seus olhos também amava muito Ricardo.

Só de ouvir a voz da esposa ele larga a minha mão na mesma hora, seus olhos vermelhos como se fosse chorar a qualquer momento. Os punhos fechados com tanta força que chega a ficarem brancos.

— *Eu nunca vou me cansar de olhar para você, amor, é a mulher mais linda do mundo. Mãe da minha filha, minha alma gêmea.* — A voz melosa do Ricardo ecoou por trás da câmera.

Se ver essas palavras escritas na lápide dela no santuário já foi um baita choque, nada se compara a ouvir na sua voz em alto e bom som cheia de amor. Na gravação ele se aproximou da Andréia dando zoom na câmera, e ergueu seu braço girando o corpo para frente se pondo de joelhos ao lado da esposa

Agora pode-se ver os dois na imagem. Ricardo tinha uma expressão tão jovial, tranquila. Barba feita, sorriso largo. Totalmente diferente do homem que conheço, nunca o vi tão feliz como nesse vídeo.

— *Você vai ser o melhor pai do mundo, Ricardo, disso não tenho a menor dúvida. Sou uma mulher de sorte, por Deus ter me escolhido para ser sua alma gêmea. Assim como juramos na frente do padre, ficaremos juntos até que a morte nos separe.* — Andréia beijou os lábios do marido, e tenho que virar o rosto, não aguento olhar.

Eu não tenho o direito de sentir ciúmes, porque se existe a “outra” nessa história, sou eu.

— *Nosso amor será eterno, amor, até mesmo depois da morte. Eu juro.* — Ricardo jurou olhando no fundo dos seus olhos, dessa vez eu olhei diretamente para o monitor com as mãos trêmulas e rosto coberto de lágrimas. — *Em breve minha menininha vai chegar, e será muito amada por nós. Veremos ela crescer, se tornar uma garotinha linda.* — Beijou sua barriga, olhava para ela com tanto amor que acredito ser impossível alguém amar uma pessoa no mundo como ele a amou.

Realmente Andréia é a mulher de sua vida, não tem como negar, estava escrito no brilho dos seus olhos. A cicatriz no meu coração se abre deixando um buraco enorme no lugar. Se ela é a sua alma gêmea, o que eu sou? Qual meu lugar na vida do Ricardo? Eu tenho um lugar na vida dele? Não. Vendo-o agora, sei que não, nunca terei chance de chegar nem perto do seu coração. Terei que me conformar em viver escondida nas sombras como o dublê da atriz principal que só é chamada no último caso.

Porque quando a principal está por perto, a dublê se torna invisível.

Como agora.

— *Ahhhhh, eu esqueci de dizer que tenho um marido maravilhoso, que me deu o melhor presente do mundo. Nossa filha Sofia, sinto que ela será uma criança de luz que terá muito amor por onde passar* — disse Andréia.

De fato, é desse jeito todo mundo que conhece sua filha se apaixona pela criança amorosa e educada que é.

Aliás, Maria Lara também está hipnotizada pela beleza e a voz doce da mãe, se aproxima da tela do notebook e toca seu rosto. O pai dá alguns passos para frente com o rosto tomado por lágrimas e agacha levando a mão sobre a da filha, os três juntos formavam uma tão família perfeita.

— Minha outra mamãe Andréia era bonita, gosto da voz dela — comenta a pequena, envolvida na ligação que criou entre as duas em questão de minutos.

Meu coração dói mais ainda, queria tanto que a Maria tivesse conhecido a mãe. Que Andréia não tivesse morrido, assim Ricardo não seria um homem triste, e ambos seriam felizes para sempre. Amo os dois, mas abriria mão da minha felicidade pela deles plenamente, sem pensar duas vezes.

— Sim, filha, sua mãe era muito linda, você herdou a beleza dela tanto por dentro quanto por fora. — Os dois se abraçam e não tem quem segure a emoção, é a coisa mais triste e linda que vi na vida.

Abraço meu próprio corpo sentindo um frio fora do normal, o da solidão. O lugar de mãe da Maria — melhor dizendo, Sofia — e o coração do Ricardo já têm dona, mesmo não estando mais entre nós. Imagina se estivesse? A minha existência não faria a maior diferença, mesmo agora sinto que não faz.

— Eu disse que minha filha é a única mulher da vida do Ricardo, e por mais boa mãe que você seja para Sofia, a verdadeira é, e sempre será Andréia. São idênticas, toda vez que olhar no espelho é dela que irá se lembrar. Um dia vai crescer e não precisará mais dos seus cuidados, não dou um mês para te esquecer. Não terá coragem de contar para as amigas que tem uma mãe negra, favelada. — Sou pega desprevenida por Vaiola me puxando pelo. Ela mete a mão no decote do meu vestido e o rasga de cima a baixo.

Era isso que ela queria o tempo todo, me humilhar. Esfregar na minha cara que estava certa, me rebaixando na frente de todo mundo.

— Ihhh, rasgou, mas não tem problema. Uma peça fina dessas não combina mesmo com uma morta de fome feito você. Sabia que o Ricardo guarda todas as roupas da minha filha até hoje? E todas as coisas dela. Lá em Santa Catarina tinha um quarto só para isso, acredito que nessa casa aqui deva ter também. — Solta uma gargalhada que ecoa por todos cantos, pavorosamente.

De tão pasma não consigo falar nada, apenas cubro meu sutiã branco com as mãos.

— Saia da minha casa agora, Vaiola! Ou não respondo por mim — o grito do Ricardo ecoa mais alto ainda, abrindo caminho entre as pessoas, empurrando algumas mulheres que parecem estar rindo da minha situação seminua na frente de todo mundo.

Noto as veias do seu pescoço saltadas e ele engole em seco, bufando de raiva

— Você está bem, amor? — Ele tira o casaco que compõe sua fantasia e o coloca em volta do meu corpo, buscando meus olhos, mas desvio o olhar sem saber como agir, agora é um pouco tarde para se lembrar que eu existo.

— Olha o que você fez com o vestido de princesa da minha mãe, sua bruxa, eu não quero seu presente. — Maria pega o notebook sobre a mesa e o joga com tudo no chão, não satisfeita, sobe em cima do aparelho pisoteando. Ela é um amorzinho de menina, mas se mexesse com alguém que ama, fica uma fera. — E para de gritar com ela, você é má. Não gosto de você. — Empurra Vaiola, mas como não tem muita força e mal consegue tirá-la do lugar.

Dona Célia ameaça pegar a neta, mas Ricardo faz sinal que não.

— Não fala assim com a vovó, eu te amo, meu amorzinho — Vaiola diz quase chorando. A rejeição da Maria parece tê-la realmente magoado, mas não comove a pequena em nada.

— Você não é minha avó, ela é — aponta o dedinho para dona Célia, que sorri para a neta, de longe. — E aquele é o meu vôzinho, sou o amuleto da sorte dele. O cavaleiro valente de armadura é o tio Binho, com sua espada ele me mantém segura dos monstros que querem destruir o meu reino e deixa o bicho papão bem longe da minha cama. Eu os amo porque são bons para mim, não fazem minha mamãe chorar. — Unindo toda sua força, dá um único empurrão na Vaiola fazendo-a cambalear no salto e cair no chão. Nunca vi minha filha com um humor tão tempestuoso.

— Maria Lara! — Grito e ela paralisa, conhece bem esse meu tom, só uso quando está muito encrencada. — Peça desculpa à sua avó Vaiola agora mesmo, mocinha. Que coisa feia. Não foi assim que te ensinei tratar os outros, principalmente os mais velhos.

Vaiola olha para mim de cima a baixo, intrigada, não esperava essa atitude da minha parte, pelo jeito, ninguém na sala esperava. Principalmente Ricardo, que tem um ponto de interrogação no seu olhar. Menos meu irmão e o nosso pai. Ele nos criou dessa forma e sabe que em uma situação como essa não poderia reagir de outra maneira. Em uma breve olhada na direção deles, percebo que estão arrasados com tudo o que está acontecendo. Mas orgulhosos pela minha postura diante a situação, mesmo assim não queria que passassem por essa cena constrangedora por minha causa.

— Não peço, mamãe! Ela foi má com a senhora. — Cruza os braços fazendo uma tromba enorme, batendo o pezinho no chão.

Junto o resto de forças que ainda tenho e me abaixo para ficar na altura dela.

— Filha, só porque uma pessoa foi má com você ou com quem ama, não quer dizer que tenha que ser má com ela de volta. Cada um oferece ao outro o que tem no coração. Então, diz para a mamãe, o que eu te ensino sempre?

— A ter amor no coração — responde entredentes, com uma má vontade enorme.

— Então você sabe o que fazer, não sabe? — Sorrio triste para ela, que bufa

virando de frente para Vaiola.

— Desculpe, eu não devia ter empurrado a senhora — pede sincera, em uma vozinha chorosa.

— A senhora se machucou? Venha, vou te ajudar a se levantar. — Meu pai fecha o momento com chave de ouro, com seu cavalheirismo de sempre, oferecendo a mão para ajudar a levantar a mulher que acabou de humilhar sua filha na frente de todo mundo.

E assim como o pedido de desculpa da Maria, ele oferece de coração. Mostrando que é superior à arrogância da Vaiola, que o amor virá sempre na frente.

— Não ouse tocar em mim, seu negro imundo, seu lugar é na senzala e não aqui. — A maldita tem a petulância de ofender meu pai. Meu irmão imediatamente pega a sobrinha e a tira de perto para que não fique no meio dessa confusão. — E você, neguinha, vai ficar calada? Cadê a sua valentia toda, não vai defender o seu paizinho, está esperando o que com essa cara de sonsa? — Vaiola levanta sozinha ajeitando a roupa, destilando seu veneno.

— Eu estou esperando a senhora acabar de falar, Vaiola. Sei que veio aqui apenas com intuito de me humilhar na frente de todo mundo, mas fique sabendo que eu vou sair por aquela porta com a minha dignidade intacta. A mesma que herdei do meu pai homem NEGRO, trabalhador e honesto que me ensinou a ter educação. A respeitar os outros. Pelo que vi, os seus pais não tiveram o mesmo sucesso, nem com todo o dinheiro do mundo. — Meu pai segura a minha mão, me dando forças para continuar. — Quem está se humilhando aqui é a senhora, falando tantas besteiras e grosserias desnecessárias na frente dos convidados da festa de aniversário da sua neta. Bem que me disseram que estraga tudo por onde passa, o que será que a sua filha falaria se estivesse vendo tudo lá de cima agora? Deve estar com vergonha da mãe que tem, porque eu, no lugar dela, estaria. — Ela enche o peito de ar inchando como um sapo, preparando mais uma rajada de veneno para lançar.

— Não ouse abrir mais a boca para ofender a Júlia nem a família dela, entendeu bem, Vaiola? Ou juro por Deus que vai sair daqui algemada dentro de uma viatura. — Ricardo entra na sua frente, disposto a tudo. Aproveito a deixa para me retirar, já estou no meu limite, me sentindo zozza como se fosse cair a qualquer momento.

— Você não pode falar assim comigo, Ricardo, eu sou sua sogra. Essa gente

te enfeitiçou, não pode deixar Sofia perto deles, são má influência. Viu como é uma criança agressiva e mal-educada? — Meus nervos chegam a pular, se eu não sair daqui, irei esquecer que é uma senhora de idade e dar na cara dessa velha.

— A única má influência para a minha filha aqui é você, Vaiola. Entenda que a Júlia é a mulher que eu amo agora, se a ofender novamente vai conhecer um lado obscuro meu que nunca conheceu. — Saio ouvindo os gritos do Ricardo atrás de mim, me escondendo na primeira porta que encontrei, a do seu escritório.

Desabo no chão soltando o tecido rasgado e desnudando parte do meu corpo, levo as mãos no rosto escondendo meu choro. As várias anáguas do vestido formam um manto em volta do meu corpo, são tantas que quase desapareço em meio a tanto pano. Nunca fui tão humilhada na vida, nem mesmo pelo Vitor quando disse que não queria filhos “mulatinhos”, entre tantas outras coisas cruéis.

Mas hoje não, meu pai e o meu irmão viram tudo. De certa forma, foram humilhados também, e por minha causa, por ter me apaixonado por um homem que não é do nosso mundo. Agora estou pagando um preço alto. Antes eu não acreditava no amor, hoje, depois de ver aquele vídeo, tenho certeza que existe, mas dói para caramba como uma ferida aberta que não tem cura. E eu não sei se quero isso para minha vida, esse sofrimento sem fim. Talvez seja algo bom quando é correspondido de verdade como no caso do Ricardo e a esposa, ele nunca olhará para mim como olhava para ela no vídeo.

Nem beijaria do mesmo modo.

Quando enfim consigo cessar o choro compulsivo, abro os olhos ainda um pouco nublado pelas lágrimas. Percebo que estou em frente a uma porta dentro do escritório do Ricardo, aquela que sempre ficava trancada. Quando morei aqui não era muito de ficar vindo nessa área da casa. Já o Ricardo passava horas e mais horas aqui, às vezes, nunca perguntei fazendo o quê. Agora, parando para pensar melhor sobre o que Vaiola disse sobre Ricardo ter um quarto para guardar todas as coisas da esposa até hoje, se de fato essa informação procede, creio que estou bem diante dele. Como sou o tipo que tem que ver para crer, pressiono a maçaneta — que da última vez que testei, estava trancada — e a porta range enquanto a abro. Em algum momento, Ricardo deve ter esquecido de trancá-la, já que faz semanas que não piso nessa casa.

Respiro duas vezes antes de pisar porta a dentro e a luz se acende automaticamente. A primeira coisa que vejo me dá a certeza que eu precisava.

Um manequim com um vestido de noiva lindo, tomara que caia bem justo na cintura e a saia franzida como uma rosa, com pétalas bem abertas. A cauda longa precisaria de ao menos duas pessoas para segurarem, o véu preso a uma tiara de flores brancas enfeitadas com pedrinhas transparentes. Os sapatos *scarpin* brancos ao lado, montando assim o sonho completo de qualquer mulher que vai se casar com o homem que ama.

Sua alma gêmea.

Capítulo 42



RICARDO

Foi muito difícil tomar a decisão de seguir em frente, não posso mudar o que aconteceu no passado, Andréia infelizmente se foi, mas eu continuo vivo e com muitos motivos para seguir em frente dedicando toda a minha energia para fazer as pessoas que amo, felizes. Contudo, quando penso estar finalmente chegando perto de Júlia para ajeitar as coisas entre nós, acontece alguma tragédia para me afastar dela. Só Deus sabe o inferno que passei longe dessa mulher, sobrevivi comendo o resto do pão que o diabo amassou. Meu corpo vagando por aí, sem vida, porque o coração estava nas mãos dela.

E ela fez questão de espremer até sair a última gota de sangue. Santo Deus! Que mulher cruel, não teve pena de mim mesmo. Queria me ver no chão, rastejando, implorando seu perdão. E foi o que fiz e faria novamente, mandei um milhão de mensagens e obtive apenas o seu silêncio como resposta. Pensei em ir atrás da Júlia no trabalho, me humilhar pessoalmente, mas não quis invadir seu espaço. Acho que me transformei na porra de um sadomasoquista. Porque quanto mais difícil e má é comigo, mais eu me apaixono, enlouquecidamente.

Que loucura isso, não? Mas é a mais pura verdade, ela me tem na palma da mão. Nunca pensei que o amor pudesse doer tanto.

Mas dói.

Não foi fácil organizar a festa de aniversário da ruivinha em tão pouco tempo, mas para ser surpresa, tinha que montar a decoração quando a pequena não estivesse em casa. Então tive a ideia de mandar as duas para um SPA só para mãe e filha que tem no centro da cidade, achei o lugar em uma rápida pesquisa na internet. Combinei tudo com a dona Célia que, tinhosa como é, conseguiu enrolar a nora direitinho. O pai e o irmão dela foram meus cúmplices em tudo, vieram aqui para casa bem cedo e colocaram a mão na massa comigo e a equipe de decoração.

Precisei de uma ajudinha especial do Binho para dar vida ao mundo mágico em que a sobrinha vive a maior parte do tempo, como uma princesa encantada. Com o apoio da diretora da escola da Maria, consegui enviar os convites para os

pais dos alunos da sua sala com um aviso em letra maiúscula atrás dizendo que era obrigatório fantasia com o tema “Era Medieval”.

Tudo saiu melhor que o planejado, a expressão de felicidade da ruivinha quando a luz se acendeu e viu a festa surpresa que a esperava, com todas as pessoas que a amam, foi simplesmente sublime. Júlia entrou em estado de choque, nem em sonho esperava por uma festa, tão pouco igual à que planejei. Dei um soco no ar enquanto via tudo de longe escondido em um lugar estratégico, deixei para entrar em cena na hora certa.

Mesmo fascinada com tudo, a Marrenta não deu o braço a torcer, ficou me evitando o tempo todo. Só no final da festa consegui domar a fera. Quando enfim fizemos as pazes, a louca da Vaiola resolve dar o ar da graça jogando baixo como sempre e colocando tudo a perder. A ideia do vídeo foi só para me afetar, agora não faço ideia do que está passando na cabeça de Júlia, já que saiu da sala totalmente arrasada.

No entanto, apesar dos pesares, Júlia, com suas belas palavras, deu uma bela lição na cobra da minha ex-sogra que nunca mais vai esquecer na vida. Quis diminuí-la diante de todo mundo, mas foi ela que acabou fazendo papel de ridícula.

— Tem cinco segundos para sumir da minha frente, Vaiola. Antes que eu faça alguma loucura com você, não lembro de tê-la convidado para o aniversário da minha filha. Sabia que estragaria tudo, como acabou de fazer — meus gritos são assustadores, estou furioso. Com os punhos fechados próximos ao corpo, se antes não gostava dela, agora eu a odeio.

Mas ela não se abala com minha fúria, se mantém de cabeça erguida com o ego do tamanho do mundo.

— Eu não vou a lugar nenhum sem antes me despedir da minha neta, viu o jeito que ela me tratou? Essa menina não tem modos, por isso não quero mais esses negros favelados perto da Sofia, são má influência para ela. — Destila seu veneno com tanto desdém que embrulha meu estômago, tenho nojo de gente preconceituoso e racista igual a ela.

— Cala boca, sua desgraçada! — Aponto o dedo na sua cara, ela trava a expressão arregalando os olhos assustada com o meu grito ensurdecador. — Nunca mais ouse falar da família da mãe da minha filha, ou vai se ver comigo. E fique sabendo que não vai colocar mais os olhos na sua neta até que peça desculpas a cada uma das pessoas que ofendeu hoje, inclusive ao meu melhor

amigo André e ao filho dele que também são negros. — Ela faz cara de incrédula, literalmente de queixo caído como se eu tivesse dito algum absurdo.

— Mas isso é um infame, você não pode fazer isso. Eu sou a avó dela e tenho os meus direitos. — Começa a querer chorar fazendo drama, os cantos dos olhos enrugados, mas nem sinal de lágrimas.

Bruxa falsa!

— Eu estou me lixando para os seus direitos, pegue eles e volte para os quintos dos infernos onde é o seu lugar. Não te quero perto da minha filha, a única má influência para ela aqui é você.

— Eu vou te denunciar para a polícia, está mantendo uma bandida dentro da sua casa só para comer ela quando quiser — ameaça toda cheia de si sentindo-se a Dona da verdade. Coitada, não sabe com quem está lidando.

— Não precisa chamar a polícia, Vaiola, eu fiz isso assim que você chegou. — Olha na direção da porta onde há dois policiais a esperando. — Está presa por invasão de privacidade, racismo, desacato à autoridade entre outros. E nem tente mentir, o que mais tenho são testemunhas. Achou mesmo que viria em minha casa arruinar o aniversário da minha filha e ofender a mulher que amo, e ficar por isso mesmo? Agora você não é mais problema meu, mas, sim, da justiça. — Sorrio ironicamente, nunca me senti tão realizado em dar voz de prisão a alguém. Parece que tirei um peso enorme das minhas costas, sinto-me.

Só Deus sabe quanto tempo esperei para dar uma lição nessa mulher, e a sensação é mil vezes melhor do que todas as vezes que imaginei.

E não foram poucas.

— Já chega dessa brincadeira boba, Ricardo, mande os seus amigos policiais embora. Se queria me assustar, obteve sucesso. — Gargalha maleficamente achando graça da situação ajeitando melhor a bolsa de grife debaixo do braço, ela realmente acha que é tudo encenação.

— Podem levá-la, rapazes, e caso ela apresente resistência podem algemá-la — Vaiola ameaça abrir a boca, mas apenas lhe oferece as costas rezando para não precisar colocar os olhos nela tão cedo.

Mas com a conta bancária recheada que Vaiola tem e os melhores advogados do país trabalhando para ela, o máximo que vai passar é a noite na delegacia. Ela sai sendo arrastada pelos policiais, me xingando de tudo quanto é nome até a sua voz ficar cada vez mais longe e sumir.

Saio correndo atrás da Júlia, estou tão nervoso que nem percebi que o restante dos convidados foram embora. Antes de seguir caminho, me aproximo do senhor Joaquim que está parado perto da escada que dá no andar dos quartos, ele tem uma expressão bastante preocupada no rosto. Binho está sentando no segundo degrau com a sobrinha sonolenta em seu colo, ele a balança pacientemente de um lado para o outro cantando uma música de ninar bem baixinho.

— Desculpem pelo transtorno, não queria que tivessem passado por isso. — Afago os cabelos da Maria, ela abre os olhos brevemente e volta a aconchegar a cabeça melhor no ombro do tio e dorme de vez.

— Tudo bem, rapaz, não precisa se desculpar. Eu já acostumado a lidar com esse tipo de gente — é isso que eu admiro na família da Júlia, eles não se deixam ser rebaixados por ninguém. Estão sempre com a cabeça erguida, olhando diretamente nos olhos. — Mas minha maior preocupação no momento é a minha filha, não fui atrás dela ainda porque sei que vocês dois precisam conversar sozinhos. — Ele mantém as sobrancelhas unidas, a expressão em seu rosto dobra a minha preocupação que já era enorme.

— A luz do escritório está acesa, filho, acho que a Júlia pode estar lá. Acho bom você ir falar com ela o quanto antes. — Minha mãe chegou ofegante com a mão trêmula sobre o peito, ela está com a mesma desconfiança que eu.

Meu Deus, que não seja o que estou pensando.

— Obrigado, mãe. E com licença, vou falar com ela. — Mudo minha rota a passos desesperados esbarrando em tudo pelo meu caminho, tenho que chegar até o meu amor, logo, sinto que precisa de mim mais do que nunca.

Assim que entro no escritório, meu coração perde uma batida, a porta do quarto secreto está escancarada. Meu Deus! E agora? Eu guardo tudo de Andréia nesse lugar, todas as lembranças mais importantes que tenho da minha esposa. Do nosso amor. Como roupas, inclusive o vestido de noiva que usou no dia do nosso casamento, sapatos, maquiagens, e até mesmo a escova com fios de cabelos ruivos.

Tantas coisas que fazem parte da nossa curta história de amor, mas um amor eterno. Mesmo quando mudei para o Rio de Janeiro, não consegui deixar um grampo de Andréia para trás.

Guardo tudo, com o maior amor desse mundo.

Ao me aproximar do quarto, escuto soluços de um choro doloroso. Logo da porta, meu coração se compadece ao ver Júlia sentada no chão rodeada por fotos minhas e de Andréia em momentos românticos como em várias viagens que fizemos juntos pelo Brasil e fora dele. São tantas que nem têm como contar, registrávamos tudo por onde passávamos.

Não queria que Júlia descobrisse esse lugar dessa forma chocante, eu pretendia contar tudo a ela mais tarde na intimidade do nosso quarto. Iria sentar com ela e seria sincero, explicar que iria me desfazer das coisas da minha esposa aos poucos. Tudo de uma vez seria um baque muito grande para mim, ainda não estou preparado para um passo tão grande. Mas vendo o estado que está ao encontrar esse lugar, por mim, me desfaço de tudo agora mesmo.

Minha prioridade daqui para frente é fazer Júlia feliz, manter o máximo de tempo possível em seu rosto o sorriso lindo que eu tanto amo.

Observo que seu colo serve de apoio para a caixa contendo as cartas de amor que troquei com Andréia quando começamos a namorar, também são uma quantia exageradamente grande. Júlia está de cabeça baixa lendo uma das últimas escritas, segurando-a com as mãos trêmulas. As lágrimas deslizam pelo seu rosto e caem sobre a folha de papel amarelado, envelhecido pelo tempo, formando marcas d'água. Algumas cartas têm quase dez anos.

Fico totalmente sem ação, meu peito sobe e desce em uma velocidade anormal. Posso sentir o ar se esvaindo dos meus pulmões, fazendo o coração pular dentro do peito.

— Eu sei que isso tudo pode parecer muito estranho para você, Júlia. Mas se me der só uma chance, posso explicar tudo, amor — ela se assusta com a minha voz invadindo o ambiente. Aproximo-me cuidadoso para não fazer nenhum movimento brusco, morrendo de medo da sua reação depois de descobrir esse lugar sozinha e não pela minha boca.

Esse lugar representa o meu passado, mas Júlia tem que entender que se tornou meu presente e futuro.

— Você não tem que me explicar nada, Ricardo, eu que tenho por ter invadido seu espaço dessa forma. — Ela chora tanto que mal consegue dizer duas palavras direito sem soluçar.

E me sinto o pior homem do mundo, depois que Júlia foi embora eu jurei que se ela voltasse nunca mais a faria chorar novamente. Ela se tornou minha felicidade, meu tudo. Pode soar desesperador, mas é a mais pura verdade.

— Eu ia te contar sobre esse lugar, Júlia, juro de joelhos se você quiser. — Quero muito abraçá-la e dizer o quanto a amo, e que não posso sequer imaginar na possibilidade de viver sem ela ao meu lado. Mas não me atrevo, limito-me apenas em observá-la.

A primeira coisa que reparo é que Vaiola fez um estrago e tanto no seu vestido, a parte de cima foi destruída com um rasgo do decote até a cintura. O cabelo não bagunçou muito, já a maquiagem está um borrão só. Manchas escuras em volta dos olhos transformando suas lágrimas em um líquido preto escorrendo pelo rosto, mostrando que já chora há um bom tempo.

Balanço a cabeça fechando os olhos pesadamente, a sensação é de que tenho um buraco no meu peito, em carne viva.

— Do mesmo jeito que me contou sobre o santuário que fez para sua esposa, Ricardo? — Os cantos da sua boca se contorcem em um sorriso irônico. Por fim, me encara, olho no olho, tem tanta dor dentro deles que não consigo manter contato visual por muito tempo.

Baixo o olhar para as diversas fotos minhas com Andréia espalhadas pelo chão, estranhamente elas não me causam o mesmo sentimento de antes. Principalmente a dor, sentimento ruim de perda.

O meu sentimento de perda agora é em relação a outra pessoa, Júlia Helena. A mulher que se enraizou no meu coração como erva daninha.

— Me perdoa, Júlia, tudo o que preciso é só de uma chance para explicar que não é o que parece. — Minha situação piora de vez, agora eu havia escondido duas coisas importantes de Júlia.

Quando ela soube do santuário? E por que não falou nada a respeito? Tanto faz, isso não muda nada agora. Eu pretendia contar a ela sobre isso também, colocar tudo em pratos limpos. Mas como fazê-la acreditar nisso agora? Eu amo essa mulher, mas sei como é turrona. Principalmente quando está com a razão, aí que não tem jeito mesmo.

— Na verdade, eu que devo pedir perdão a você, Ricardo. — Pisco algumas vezes, confuso, tentando entender por que eu devo perdoá-la. Seu tom não me parece nem um pouco irônico, ao contrário, esbanja sinceridade e culpa.

— Te perdoar pelo que, amor? — Estico o braço para tocar seu rosto com o peito tão apertado que dói para respirar, a desolação no seu olhar está acabando comigo.

Preciso de um contato físico por menor que seja, mas ela se esquivava do meu toque.

— Se alguma vez eu te fiz sentir culpado pelo amor que sente pela sua esposa, peço que me perdoe por isso. É um sentimento lindo e deve ser preservado. Comecei a ler as cartas que vocês trocaram e fiquei encantada por cada palavra, você é mais romântico do que pensei. — Júlia sorri triste balançando a cabeça, limpando as lágrimas. — Pelo que entendi foi amor à primeira vista, não foi? E durou até depois da morte porque reparei pelas datas de algumas que você escreveu até recentemente. E ainda usou várias passagens de William Shakespeare, meu filósofo favorito. — Júlia recita de cabeça o poema que escrevi em uma das cartas, com a voz chorosa.



“A longa distância apenas serve para unir o nosso amor.

A saudade serve para me dar

A absoluta certeza de que ficaremos para sempre unidos...

E nesse momento de saudade,

Quando penso em você,

Quando tudo está machucando o meu coração

E acho que não tenho mais forças para continuar;

Eis que surge tua doce presença,

Com o esplendor de um anjo;

E me envolvendo como uma suave brisa aconchegante...”



— Isso é tão bonito, me deixa com vontade de chorar. Nunca ninguém escreveu uma carta para mim, nem me amou de verdade. — Deixa a carta que segura cair enquanto cobre o rosto com as mãos, chorando desesperadamente, tremendo muito. — Por favor, amor, não faz isso. — Aproximo-me disposto a envolvê-la em um abraço de urso, dizer que tudo vai dar certo.

Que vou fazer dar certo.

Porém, mais uma vez, Júlia nega o meu toque, abraçando o próprio corpo

como se estivesse se protegendo de mim. Passo as mãos pelo rosto em desespero, ela está tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

— Às vezes, pensava que exagerava quando falava que a mãe da sua filha era perfeita, mas agora vejo que não. Ela era linda, bondosa e elegante. Mulher desceite, professora do jardim de infância. Por isso era digna da sua confiança e não sentia ciúme dela, já de mim... — Puxa uma grande lufada de ar, soltando logo após, com força. — Porém, o mais importante é que Andréia te amava do mesmo jeito que você a ama, não conheço muito sobre o amor, mas sei que o de vocês é o tipo que só acontece uma vez na vida. — A firmeza das suas palavras me deixa enlouquecido, queria que estivesse sendo irônica e histérica, mas não está.

Ela está sendo compreensiva e sincera.

Isso me assusta muito, não sei lidar com essa Júlia passiva.

— Eu nunca comparei você com a Andréia, para mim, as duas são perfeitas. Cada uma com seu charme especial. — E, de fato, é verdade, eu não sentia ciúme da minha esposa porque ela tinha um charme brando, o tipo que só chama atenção aos olhos mais atentos.

Mas o da Júlia, meu Deus! É avassalador, toma conta da rua toda quando passa, até as mulheres olham intrigadas com seu *sex appeal*. Os homens então, envergam para admirá-la, dando até para “ouvir” de longe seus pensamentos pecaminosos, minha vontade é matar cada um deles. Eu consigo controlar todos os meus sentimentos, até mesmo a raiva, menos o ciúme que sinto por ela. Viro um homem das cavernas, quero sair dando porrada em todo mundo que vejo pela minha frente, marcando território.

— Não só comparou, como me acusou de querer te comprar com sexo. Eu me senti uma prostituta com aquela camisola vermelha que chamou de pedaço de pano, sendo que naquele dia eu passei meu horário de almoço inteiro no shopping para comprar a lingerie para te fazer uma surpresa, pensei que gostaria. — Ela para e se vira para mim. — Não fazendo ideia de que quando chegasse em casa sua mãe me pediria para conversar com você sobre a festa de aniversário da sua filha, já esperava que sua reação não ia ser das melhores, mas foi mil vezes pior do que pensei. — Baixo os olhos levando as mãos no bolso, envergonhado, sentindo nojo de mim mesmo por ter agido como um troglodita fazendo-a sentir como uma qualquer.

— Eu agi como um cafajeste, mas juro por tudo o que é mais sagrado, que

vou passar o resto da minha vida recompensando meu erro.

— Eu já te perdoei, Ricardo, só estava defendendo o luto da mulher que você ama. No dia, fiquei destruída, mas vendo as coisas de um ângulo mais claro, agora, foi compreensível seu ataque de fúria. — Essa Júlia diante de mim é uma estranha, pensando antes de falar, escolhendo as palavras para não ser invasiva.

Isso não é um bom sinal.

Ela é o tipo de mulher que enquanto ligar, brigar e provocar, tenha certeza que é porque ainda se importa. Mas quando silencia, é que devemos nos preocupar.

— Eu te amo, Júlia! Você é perfeita para mim, me perdoe por ter sido rude contigo. Nosso amor não foi à primeira vista como no meu caso com Andréia, mas tem a mesma intensidade. Você sabe que estou certo. — Minha voz sai embargada, só quero que ela saiba que é tão amada por mim como Andréia foi.

Talvez até mais, e vem crescendo a cada segundo.

— Você nunca vai olhar para mim do jeito que olhava para ela, Ricardo. — Se afasta pegando uma das fotos no chão, feita em uma viagem romântica que fiz com Andréia ao Canadá.

Nela, estamos sentados na neve abraçados, olhando um para o outro, cheios de amor e ternura, em nossa lua de mel, mais apaixonados do que nunca.

— Eu estou olhando para você assim agora, Júlia. E completamente apaixonado pelo que estou vendo. — Leva a mão ao meu rosto, com um sorriso triste que parte meu coração.

Como pode ver o amor que sinto pela Andréia, e não o que sinto por ela?

Fecho os olhos pesadamente, eles ardem como brasa. Eu amo o que sinto quando me toca, é como flutuar nas nuvens.

Ela está me deixando, eu posso sentir.

— Você não me ama, Ricardo, só está com medo de me perder e ficar sozinho novamente. Pode até gostar de mim, de estar comigo. Sente atração pelo meu corpo, mas é só isso e com o tempo isso vai se desgastar, entende? — Sua voz falha ao se afastar em um rompante sabendo que se continuarmos próximos vai acabar fraquejando. É muito doloroso para Júlia dizer isso, tanto quanto para eu ouvir.

Ela está arrancando meu coração fora. Sou capaz de fazer qualquer coisa para que mude de ideia, para que me dê só uma chance de provar que o meu amor é verdadeiro.

— Só me dê uma alternativa para consertar as coisas, provar que te amo. — Levanto e começo a andar pelo minúsculo quarto completamente desnorteado, meu rosto é uma mistura de lágrimas e suor.

— Eu sinto muito, Ricardo — apenas diz, com os olhos inundados e as palavras explodindo sobre mim como um raio.

Levanta alinhando os ombros em uma postura defensiva, a cabeça erguida em nível máximo.

— Por favor, não faz isso comigo. Com a gente. Não me deixe, eu não vou conseguir sem você. — Clamo, desesperado.

Sem pensar duas vezes a puxo para mim à força e a abraço tão forte como se a minha vida dependesse disso.

Ela treme tanto, como se sentisse muito frio. A temperatura do seu corpo tão fria que tenho a impressão de abraçar um iceberg. Mesmo assim, fico feliz por não negar meu toque dessa vez.

— Claro que vai conseguir, você ainda tem a Sofia. — Ela sorri para mim daquele jeito que eu adoro, cheia de ternura que me faz acreditar que tudo ficará bem.

Mas dessa vez não é assim, porque não existe final feliz para mim sem ela ao meu lado.

— Por que está chamando nossa filha de Sofia? E com tanta indiferença, como se estivesse falando de uma criança estranha, não da nossa menininha. — Me afasto com um movimento leve, com medo da sua resposta. No fundo eu já sei, mas torço para estar errado.

Ela não diz as coisas no calor do momento ou da boca para fora. Diz ciente de cada palavra proferida.

— Porque esse é o nome que você e a sua esposa escolheram para ela, e é assim que a sua filha deve ser chamada de agora em diante. Queria tanto que Andréia não tivesse morrido, se pudesse escolher, teria ido no seu lugar, assim vocês teriam a vida perfeita que sempre sonharam. — Ela chora muito, como se as palavras tivessem sido arrancadas da sua boca à força.

Eu sabia! Não é a só a mim que a Júlia está deixando, mas a nossa filha, também.

— Como pode pensar em fazer isso, Júlia? Se não me quer mais na sua vida depois de tudo o que viu aqui, mesmo com meu coração partido, eu até entendo. Mas nossa filha não tem nada a ver com isso, ela te ama mais que qualquer coisa. Mais que a mim. É a única mãe que conhece, não pode abandoná-la assim. — Minha cabeça fervilha, tenho todos os defeitos do mundo, erro várias vezes, mas em momento algum passou pela minha cabeça que ela desistiria de nós.

Isso me faz colocar em dúvida o amor que Júlia dizia ter por mim, talvez não fosse tão real quanto pensei.

— Não sou mãe dela, Ricardo, chega de viver numa mentira. Me desculpe, mas eu não posso mais deixar que Sofia continue vivendo essa inverdade. — Me encara no fundo dos olhos marejados cheio de dor e a frieza no seu tom me deixa muito preocupado. — Eu amei Sofia no instante em que a vi, e quando me chamou de “mamãe” fui ao céu e a cada dia meu amor só crescia, amo essa menina mais que qualquer coisa no mundo, me afastar dela será a coisa mais difícil da minha vida... — A interrompo cobrindo sua boca com os dedos, torcendo o nariz contrariado com sua resistência em mudar de ideia.

— Então, por favor, não abandone nossa filha. Ela te ama e vai sofrer muito. É uma mãe maravilhosa, criou uma menina educada e carinhosa. — Júlia franze a testa e uma ruga surge em seu cenho.

— Eu a amo demais, mas ela merece ter sua verdadeira identidade de volta, e comigo por perto isso nunca vai acontecer, represento os sombrios fantasmas do seu passado. Sou prima da mulher que roubou Sofia de sua família, e ainda mentiu sobre sua identidade dando-lhe o nome de uma criança morta. Talvez quando crescer até me odeie, mas acredito que a essa altura não vai mais se lembrar de mim. — Ela parece exausta, sua voz baixinha, quase sem convicção.

Júlia murcha em cima da bancada à sua direita feita para guardar as fitas de vídeos, apoiando os cotovelos sobre a tábua de madeira, levando as mãos sobre a cabeça. Está assumindo toda a culpa do que a prima fez, acredita que sair de nossas vidas fará tudo ser como antes de a minha menina ser roubada dos meus braços. Mas não é bem assim, de toda essa tragédia ela e a sua família são a única coisa boa que a vida me trouxe.

— Quem ama, não abandona, Júlia. Prometeu que nunca desistiria de nós, e agora está dando para trás. — Dou um soco na parede à minha frente que faz a

porta chacoalhar, furioso tentando controlar a respiração um tanto ofegante.

A culpa disso tudo é minha! Deixei para me libertar do meu passado tarde demais, se Júlia está com essa insegurança toda em relação aos meus sentimentos por ela é porque eu dei vários motivos de sobra para isso falando de Andréia várias vezes na sua frente. Declarando meu amor eterno.

— Desistir é uma das decisões mais difíceis da vida, Ricardo. E a única coisa pior que isso, é desistir querendo ficar e lutar com unhas e dentes. Sempre ouvi por aí que “quem ama, não desiste”, mas existem momentos que você se vê obrigado a partir, não porque não queira ficar, mas porque não tem espaço. E aqui não tem para mim, me enfiei à força na sua vida ocupando um lugar que não me pertence. A culpa é minha, nunca deveria ter deixado as coisas acontecerem desse jeito. — O pânico me toma com tanta intensidade que minha vista fica turva, totalmente incrédulo com tudo o que ouço.

Percebendo meu estado de choque, vem até mim e segura minha mão na intenção de me acalmar, mas não vejo intimidade no seu toque, é como se eu fosse qualquer um, estranho.

— Não pode simplesmente sair das nossas vidas, Júlia. Como se não significássemos nada. Meu Deus! Jamais conseguiria dar um passo que fosse adiante deixando você e a nossa filha para trás, mas para você parece ser tão fácil. — Eu amo essa mulher loucamente, mas estou começando a odiá-la pelo que está fazendo comigo. Chega a ser cruel, desumano.

O fato de eu entender suas razões não diminuem em nada a minha raiva, a dor.

— Você sabe que não é fácil para mim, estou abrindo mão da minha felicidade para fazer o que é certo. Não podemos mais continuar vivendo a sobra da vida perfeita que planejou ao lado da sua esposa. Eu não posso mais, me desculpe. Sinto como se estivesse roubando o lugar de outra pessoa, primeiro a filha, depois o marido. Estou vivendo a vida de outra pessoa, em um mundo ao qual eu não pertenço.

Minhas mãos tremem e minha mandíbula trava tamanho é o meu nervoso.

Júlia vem novamente com essa história de “mundos diferentes”, já estou farto disso. De ela usar sempre o mesmo argumento para não ficarmos juntos, num relacionamento não tem isso de mundos diferentes. Um vira o mundo do outro, o resto que se dane.

— É assim que ama sua filha? Virando as costas para ela, não me dando nem ao menos uma chance de tentar. — Perco a razão, falando aos gritos e gesticulando intensamente.

— Ela não é minha filha, Ricardo. Eu quis tanto acreditar que era que acabei fazendo tudo errado, fiquei cega de amor. Acreditava que mesmo de um jeito meio torto, Deus havia trazido o bebê que perdi de volta. — Leva as mãos sobre a barriga, encolhendo o corpo como se seu ventre estivesse contraindo de dor. — Mas o pobrezinho nem chegou a nascer, e a única Maria Lara de verdade que existiu, morreu prematuramente. Engraçado, julguei tanto você por ser preso ao luto da sua esposa, sendo que eu não superei o do meu filho até hoje e olha que nem cheguei a conhecê-lo. — Limpa todo o vestígio de lágrimas que tem em seu rosto, acerta a postura vestindo a sua armadura de mulher firme feito uma rocha.

Mas está destruída que eu sei, quebrada.

— Eu não sei o que você quer de mim, Júlia, juro que não sei. — Meu coração bate acelerado enquanto a observo, em um misto de medo e tristeza por senti-la cada vez mais distante de mim.

Longe e intocável.

— Quero que traga Sofia aqui e apresente a ela todas essas lembranças da sua mãe verdadeira. Principalmente os vídeos e fotos, suas roupinhas. Conte histórias engraçadas durante o período que crescia na barriga da mãe, os planos que faziam quando se casaram. — Desliza a mão por toda a extensão do vestido de noiva de Andréia no manequim ao seu lado, marcando bem a cintura igual ficava no seu corpo. É bastante rodado, cheio de pedrinhas brilhantes refletindo no rosto de Júlia. — Comece a chamá-la pelo seu nome verdadeiro e não fale sobre mim, será como se eu nunca tivesse existido, assim se esquecerá mais rápido. Essa é a melhor hora de levá-la a um psicólogo, vai ajudá-la a se adaptar à sua verdadeira identidade. — Ela segura o choro preso na garganta, com tanta dor que reflete em mim queimando minha pele como ácido puro.

Está abrindo mão da pessoa que mais ama no mundo porque acredita ser o melhor para ela, isso, apesar de triste, é a coisa mais linda que alguém pode fazer pelo outro.

— Não adianta se afastar, Júlia, nós vamos continuar amando você cada dia mais. — Sinto um aperto no peito observando-a ajeitar as partes rasgadas do seu vestido, se preparando para partir, teimosa como uma mula.

Dessa vez, para sempre.

Tomado pelo desespero, bloqueio a saída.

— Não faz isso, Ricardo. Tem que me deixar ir. — Não me movo.

— Não posso. — Arfo, segurando o fôlego, enchendo o peito de ar montando uma muralha à sua frente.

Ela só sairá aqui se eu quiser, e no momento não estou nem um pouco a fim. Ela tem que esfriar a cabeça antes de tomar qualquer decisão definitiva. Porque se Júlia escolher ir embora dessa vez, eu não irei atrás dela.

— Me responda só uma coisa, Ricardo, se a sua esposa é a sua alma gêmea, o que eu sou na sua vida? — Não tenho o que responder, se disser que Andréia não é minha alma gêmea, estaria mentido.

Contudo, Júlia também é, disso não tenho a menor dúvida. Mas como explicar que eu sou um cara de muita sorte que realizou a grande proeza de ter duas almas gêmeas? Ela não acreditaria nunca, pensaria que estou dizendo apenas para impedir que fosse embora.

Então prefiro deixar assim...

Subentendido.

Dou um passo para o lado abrindo passagem, cansado de lutar sozinho por nós dois. Deixar ir nem sempre quer dizer desistir, mas sim aceitar que há coisas que não são para ser. Eu a amo tanto, por isso não serei mais um peso no seu caminho.

— Se quer ir, que vá e seja muito feliz. Eu e a minha filha vamos sobreviver sem você. — Viro o rosto para o lado cambaleando para trás apoiando no batente da porta sem condições de me manter em pé sozinho dignamente, embora minha vontade é de prendê-la dentro dos meus braços e não soltar nunca mais.

— Foi o que eu pensei — diz em um fio de voz depois de atravessar a porta. — Seja feliz Ricardo, adeus — conclui e sai a passos longos. Pela respiração trôpega, chora pesadamente.

Júlia foi embora.

Fico olhando para o vazio que ela deixou, em mim e em tudo à minha volta.

Capítulo 43

•

JÚLIA

Saio do escritório sangrando por dentro, mas com a consciência limpa por ter feito a coisa certa. Assim que olho para o meu pai perto da escada de braços cruzados, ele me olha já sabendo que é hora de dizer adeus definitivamente. Observo a tristeza se instalar em seu rosto. Dona Célia está ao seu lado, já chorando muito e usando a manta real para assoar o nariz. Me sinto pior ainda, está todo mundo sofrendo tanto, mas tem que ser assim.

Meu irmão está sentado no segundo degrau da escada com a sua princesa dormindo em seus braços, não me viu chegar. Ergue a cabeça sorrindo, mas fecha a expressão na mesma hora quando me vê. Se põe de pé imediatamente, abraçando a pequena mais firme contra seu corpo fitando-me de soslaio.

— Temos que ir embora, Binho. Despeça-se da Sofia, é uma boa hora para dizer o quanto a ama. Mesmo dormindo, sei que poderá te ouvir. — Seus lábios estremecem virando a atenção para o nosso pai, em busca de socorro.

— Tudo bem, filho, essa despedida devia ter acontecido desde que a família dela de verdade apareceu. Sabia que cedo ou tarde aconteceria, até que tivemos mais tempo com ela do que pensei. — Seguro a mão do meu pai, grata por me ajudar nessa situação difícil.

— Isso não é justo, pai. — A voz embargada do meu irmão faz um soluço escapar da minha garganta e fraquejar, sentindo-me tonta, dona Célia vem logo em meu socorro e me ampara.

— A vida não é justa, Binho. — Ainda consigo pronunciar, trôpega, totalmente devastada.

Ele não responde, está inconformado.

— Não queria fosse assim, princesa, mas são dois contra um. Eu te amo e tenho muito orgulho de ser seu tio. — Beija a testa da Sofia que dorme pesado, alisando seu rostinho com ternura. — Adeus, pequena, fica com Deus. — Passa ela para o colo do meu pai que apoia a cabeça dela em seu ombro, afagando seus cabelos avermelhados.

Meu irmão sai para esperar por nós lá fora, andando a passos rápidos enquanto resmunga.

— Eu desejo que você seja muito feliz com sua família nova, Sofia. Sempre será meu maior orgulho. Desde que fomos abençoados com a sua chegada, me fez ser o avô mais feliz desse mundo. Foi uma alegria indescritível, que durou até hoje e, mesmo distante, continuará sendo até meu último suspiro. — Beija seus cabelos com os olhos inundados, mantendo a postura.

Estica os braços na minha direção entregando-me Sofia, é a minha vez de me despedir. Quis adiar ao máximo, não tem jeito. Pego minha menina nos braços pela última vez. Faço questão de apenas observá-la dormir em meus braços como fiz tantas outras vezes. Gravando cada detalhe do seu rostinho delicado cheio de sardas, suas narinas inflam depois de um longo suspiro. Como se pressentisse algo mesmo inconscientemente, ela abre os olhos lentamente para olhar para mim e sorri.

— Eu te amo, mamãe — diz levando a mãozinha ao meu rosto, batendo os cílios, sonolenta.

— Eu também te amo, meu amor. — Devolvo o sorriso em meio às lágrimas, sentindo meu coração ser esmagado dentro do peito por ser a última vez que a vejo. — Ter uma filha tão especial durante esses anos foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, te amo com todos os significados que possam existir para essa frase. Todos os dias pedirei a Deus que guie os seus passos, te proteja, e cuide onde quer que esteja. — Sorri uma última vez e volta a dormir, com um leve sorriso enfeitando o rosto.

Encosto minha testa na sua sentindo seu cheirinho gostoso, parecido de bebê, aproveitando o máximo que posso desse momento. Eu a amo tanto, nossos caminhos se cruzaram por acaso, mas ficaremos ligadas pelo amor, para sempre.

— Você precisa entregá-la à dona Célia para irmos para casa, querida, quanto mais prolongar, mais doloroso será. — Com a mão apoiada nas minhas costas meu pai me conduz até a mãe do Ricardo, eu tremo tanto que Sofia pula no meu colo.

— Promete que vai cuidar bem dela para mim? — Dou uma última olhada no meu bebezinho, minhas lágrimas gotejam sobre suas bochechas ruborizadas.

— Prometo, Júlia, de coração. Dessa vez não vou me intrometer na sua decisão, vá com Deus e seja muito feliz. Saiba que tenho muito apreço por você, te tenho como uma filha. — Ela puxa a neta morrendo de pena de mim,

simplesmente não consigo soltar.

— Eu também gosto da senhora como uma mãe, obrigada por tudo. — Enfim, solto Sofia depois de muita relutância. — Cuida do Ricardo também, amo vocês. — Beijo o rosto dela, depois da sua neta e vou embora em prantos.

Ouço os passos do meu pai cada vez mais próximos, ele me alcança do lado de fora da casa onde meu irmão nos espera. Vamos embora para casa, os três abraçados. Faço todo o trajeto debruçada sobre o peito do meu pai, chorando, não fazendo a mínima ideia do que fazer agora sem minha maior razão de viver.

A dor de ter que abrir mão de um filho é devastador, não desejo isso para ninguém.



Algumas semanas depois...

— Tem certeza que está bem para ir para o trabalho hoje, Júlia? — Meu irmão senta ao meu lado no sofá enquanto me entrega uma caneca de chá de camomila, é a minha última tentativa de fazer esse bendito enjoo aliviar um pouco.

Já tentei de tudo, mas, em vez de melhorar, o enjoo parece ficar pior. Perdi peso brutalmente — mais de cinco quilos em menos de duas semanas — deixando meu pai e meu irmão preocupados comigo.

— Não estou bem nem para colocar o pé do lado de fora, Binho. Mas falta menos de dois meses de estágio no Fórum, não posso faltar, preciso de uma boa carta de recomendação. — Faço uma careta ao tomar um pequeno gole do meu chá, sentindo o gosto descer queimando pela minha garganta.

Nosso pai levanta mais cedo para ir para o trabalho, meu horário parecia com o do meu irmão, saímos juntos, às vezes.

— Você mal consegue ficar de pé sozinha, magra do jeito que está a primeira rajada de vento mais forte que passar, adeus Júlia. — Coça a nuca em uma tentativa falha de fazer piada, mas o seu sorriso não chega aos olhos.

Não somos mais a família feliz de antes, a impressão é a de que nunca seremos completos novamente.

— Não é tão ruim assim, irmão, pelo menos agora estou fitness. — Forço um sorriso tocando meu ombro no dele, mas Binho continua sério de um jeito

que nunca vi antes, anda bolado comigo por conta da decisão que tomei.

Ele é o tipo de cara maduro demais para sua idade, nunca deu trabalho para nós, apenas orgulho. Não usa a beleza privilegiada para enganar a filha de ninguém, respeita extremamente as mulheres e dá mais valor ao conteúdo das pessoas do que os olhos podem ver, porém, acima de tudo, sua maior qualidade é saber o que falar na hora certa.

— Isso não tem graça, Júlia, eu e o pai estamos muito preocupados contigo. Finge que está bem, mas não está. Não tem nem um mês longe da Maria Lara e olha o seu estado, praticamente pele e osso. Está definhado em vida, não come mais, só chora. — Balança a cabeça respirando pesadamente, seu semblante é de puro descontentamento. — Sei que pediu para não tocarmos mais no nome da sua filha, te apoiamos nisso mesmo sofrendo muito, sabe como amamos essa menina. Entendemos o seu lado, mas também não podemos ficar parados vendo a depressão te consumindo dessa forma. — Ele range os dentes, me observando pelo canto dos olhos à espreita, preocupado se fez bem ou não em tocar no assunto.

Não fez.

Assim não irei conseguir superar isso nunca, porque esquecer sei que é impossível.

— O nome dela é Sofia, não Maria Lara. E ela não é sua sobrinha, muito menos minha filha.

Viro o chá de uma vez só, a amargura na minha alma é tão grande que nem sinto o gosto ruim. Remexo incomodada no sofá e olho sem nenhum tipo de discrição para o relógio no braço do meu irmão, como indireta que já está quase na hora de irmos para o trabalho e não temos tempo para conversar sobre um assunto que está mais do que encerrado para mim.

E, pelo visto, para o Ricardo também, não ligou, mandou mensagem ou qualquer coisa do tipo. Melhor assim, era o que eu queria, que me esquecessem de vez. Só assim teriam suas vidas de volta, do jeito que deveria ser se a Sofia não tivesse sido roubada do pai. Falando assim, até parece que estou bem com isso, mas não estou. Minha vontade é de morrer, sei que Maria Lara não passou de uma farsa. Mas não consigo esquecer, penso em minha filha dia e noite. Eu a amo tanto, prefiro morrer do que ficar sem ela. Sinceramente? Do jeito que as coisas vão, não estou longe disso, minha saúde física não está longe do emocional.

Estou sem apetite, e quando consigo comer algo, joga para fora na mesma hora. Acredito que seja devido à gripe que peguei após pegar uma chuva daquelas na volta da faculdade, tinha esquecido de colocar o guarda-chuva na bolsa. Isso resultou em um nariz entupido por dias, tive febre alta e tudo. Não vou procurar médico, amo muito meu pai e irmão, mas confesso que se Deus resolver me buscar antes do que previa, vejo isso como um presente. Não há mais felicidade para mim nesse mundo, não longe da minha menininha.

— A MARIA LARA É SUA FILHA SIM! Minha sobrinha e neta do nosso pai. Perdi a conta de quantas vezes passou noites em claro com ela nos braços porque estava passando mal, estudando e trabalhando feito uma louca para não deixar faltar nada. Foi o avô dela que a ensinou a andar, lembra? Só porque não temos o mesmo sangue e não fazemos parte do seu meio social, não quer dizer que não merecemos fazer parte da vida da nossa menina, porra! — Estremeço. Binho nunca tinha gritado comigo antes, deve estar mesmo muito puto comigo.

Ele sabe que a minha decisão foi a correta, mas entendo a dor da falta de Sofia. Às vezes, é tão grande que não dá para suportar, tenho que colocar para fora seja em forma de lágrimas ou raiva.

— Ela não é nossa, Binho, nunca foi. Maria Lara está morta, tudo não passou de uma triste ilusão que durou por alguns anos. Os melhores da minha vida. — Fungo sentindo as lágrimas se formarem em meus olhos, mas seguro forte, inclinando-me para colocar a minha caneca sobre o aparador. — Maria Lara está morta e deve permanecer assim para que Sofia tenha de volta a vida que roubaram dela, e conosco por perto, nunca iria acontecer. — Ele franze o rosto, levanta e fica trocando o peso de um pé para o outro sem olhar para mim, ainda muito zangando comigo.

— Tanto faz o nome da minha sobrinha, a única coisa que eu sei é que não aguento mais de saudades dela, imagina você que é a mãe? Continuar se punindo pelo o que a bandida da Talita fez, não vai adiantar nada, quem errou em roubar a menina foi ela, não nós que não fizemos outra coisa além de cuidar da menina com todo amor e carinho desse mundo — esbraveja, irritado.

Conheço ele e sei que está prestes a chorar. Para que isso não aconteça na minha frente, pega a mochila que leva o uniforme de trabalho sobre a mureta que divide a sala da cozinha e sai batendo a porta com tanta força que sobressalto de susto.

Sem nem ao menos dizer “tchau”.

Levanto ajeitando minha bolsa para ir para o trabalho, de repente paro olhando para um lado e para o outro, sentindo-me mais sozinha do que nunca, tudo aqui lembra minha filha, quer dizer, a filha do Ricardo. Eu não sou mãe coisa nenhuma, nem nunca vou ser mãe, já que não quero voltar a me apaixonar nunca mais. Ricardo é minha alma gêmea, mesmo eu não sendo a dele. Emotiva como ando ultimamente, começo a chorar cobrindo o rosto. Segundos depois a porta se abre, é o meu irmão.

— Desculpa por ter gritado contigo, Júlia. É que não aguento te ver nesse estado, também estou com muitas saudades da nossa pequena. Mas você tem razão, “Sofia” merece ter sua identidade de volta, só que dói muito saber que não tem lugar para nós. — Ele joga a mochila no chão e me acolhe em um abraço forte, sabia que não ia nem na esquina brigado comigo. — É, pelo visto meu mundo mágico perdeu a sua princesa. — A voz do meu irmão sai embargada enquanto afaga meu cabelo, melancólica é a palavra correta.

Isso parte meu coração, literalmente.

Choro mais ainda.

— Eu sinto muito por isso, Binho. Não queria fazer você e o pai passarem por isso, mas foi preciso. — Binho apenas assente, emocionado demais para dizer qualquer coisa.

Limpa as lágrimas do meu rosto, uma por uma, carinhosamente.

— Eu sinto muito por você estar passando por isso, Júlia, porque que apesar de bancar a durona, tem um bom coração.

— Com o tempo eu vou ficar bem meu irmão, não se preocupe. — Cria uma distância para me observar melhor, ainda tem os olhos molhados.

Suas sobrancelhas se erguem não levando muito a sério o que eu disse, nem eu estou.

— Vou fingir que acredito, agora vamos trabalhar porque já passou da hora, Neguinha. — Beija meu rosto, sorrindo triste, pega sua mochila no chão e seguimos para o trabalho abraçados depois de protagonizar nossa primeira briga.

Que não durou nem dez minutos.

Tive que parar no meio do caminho para comprar um sonho com recheio de doce de leite que vi na vitrine de uma padaria. Depois de muito tempo sem vontade para comer nada, acabei comendo três de uma tacada só. Chegarei atrasada no trabalho, mas não estou nem aí. Após um café da manhã reforçado,

enfim pude seguir meu caminho com as forças físicas renovadas.

Antes de ir para a minha sala, resolvo ir ao banheiro escovar os dentes. Quando estou guardando a escova na bolsa, escuto o barulho da porta se abrindo.

— Ora essa, veja bem quem eu encontro por aqui. — Cacareja uma galinha que conheço muito bem.

Ergo a cabeça e pelo espelho encontro o olhar debochado da Carol.

Faço questão de ignorar sua presença, termino de arrumar minha bolsa sobre os olhos atentos dela, consigo ouvir o chocalho da cobra cascavel balançando. Ao terminar, giro o corpo para ir embora. Mas a vadia cata em meu braço me fazendo parar, chego a estremecer de raiva.

— Primeiro, nunca mais me toque. Segundo, NUNCA MAIS ME TOQUE!
— Repito gritando para ver se a mocreia entende, puxando meu braço grosseiramente.

— Fiquei sabendo que você e o Ricardo não estão mais juntos, aposto que ele te deu um pé na bunda. Comeu bastante a piranha favelada, depois jogou fora. — Acabo com o seu sorrisinho cínico com um belo tapa na cara que faz seu pescoço girar em 90° graus, os meus cinco dedos ficando perfeitamente marcados em sua pele.

Toma sua mocreia, teve o que merecia!

— É isso que as recalcadas como você merecem, quem pensa que é para me ofender? — Jogo a bolsa no chão, se ela queria briga, agora encontrou, já faz um tempo que quero dar uma lição nessa perua mal-amada. — Se tem alguma piranha aqui, é você, que não dá atenção para o próprio filho porque está ocupada demais tentando dar para o chefe a todo custo. — Levo a mão à cintura, mexendo a cabeça, agora que mexeu com a fera vai ter que lidar com a minha fúria.

— Esse tapa não vai ficar assim, você vai ver, sua macaca. Você e aquela bruxinha de cabelo de fogo só apareceram na minha vida para atrapalhar meus planos com Ricardo, o meu filho foi até expulso da escola por causa dessa menina nojenta — diz entredentes com a mão sobre a face avermelhada onde dei o tapa, fazendo cara de policial má como se me pusesse medo.

Ela chamou a minha menina de que mesmo?

— Ah! Mas é claro que não vai ficar assim, querida, o estrago vai ser bem pior quando eu terminar, sua mocréia. Vaca! — Cato o cabelo da Carol preso em

um rabo de cavalo e a giro no ar jogando-a no chão com tudo, e sento em cima prendendo-a.

— Para com isso, Júlia, ficou louca? Bater em uma policial é a mesma coisa que assinar sua sentença de anos na cadeia. — Grunhe desesperada ao receber outro tapa, depois outro e mais outro, alternando um de cada lado.

— Quer dizer então que agora a bonita lembrou o meu nome? Pois saiba que provocar uma mulher como eu é assinar sua sentença de morte. — Mais um tapa, o mais caprichado de todos, chegando a estalar bem alto. — Isso é por ter ofendido a menina mais doce do mundo.

Puxo seu cabelo obrigando-a a me encarar. É covarde, só late, mas não morde.

— Isso é pelo seu filho, por ser uma péssima mãe. — Desfiro o último tapa, sangue escorre no canto da sua boca. Agarro seu pescoço com as duas mãos, mas sem apertar muito, só para assustá-la. — Será que não percebe o estrago que fez na vida do menino? Parece mais um soldado do que uma criança, em vez de ficar caçando briga no banheiro por causa de homem, vai cuidar dele. Enquanto eu sonho em ser mãe, você é, mas não valoriza. Trata Vinicius como se fosse lixo, quando se der conta, vai ser tarde demais. Quem precisa de ajuda psicológica aqui é você, se é que coração de pedra tem cura. — Saio de cima dela com a alma lavada e sem um pinga de arrependimento. Carol se encolhe no chão, chorando, acho que enfim caindo em si da mãe negligente que é. Espero que tome jeito e mude de postura, sendo a mãe que toda criança merece ter.

Eu não me comovo nem um pouco com a cena, poderia oferecer minha mão para que se levante. Mas não aprenderia a lição, só levantando sozinho que se aprende. Simplesmente ajeito a roupa e o cabelo e saio com o semblante mais natural possível.

Chego atrasada em minha sala e o Juiz Thompson está sentado na minha mesa com cara de poucos amigos. Olho para Marisa de pé em um canto da nossa sala até tremendo, ele só olha na sua direção e a coitada sai correndo. Acha que serei mandada embora, que vai gritar comigo ou dar um tiro, talvez. Mas não, fica apenas me examinando em silêncio com seus olhos felinos e o queixo quadrado erguido.

— Desculpe o atraso, senhor. Tive um imprevisto no meio do caminho, mas posso ficar até mais tarde para compensar. — Minha boca contorce, mas meus músculos estão tensos demais para parecer um sorriso, ficando mais para uma

careta mesmo.

Seguro a bolsa com mais força debaixo do braço tentando disfarçar o meu nervosismo, não sou de ter medo de nada, mas esse homem o que tem de bonito, triplica no quesito assustador. É o charme e elegância em pessoa dentro de um dos seus ternos pretos caros, fico pensando que com essa aparência privilegiada de traços perfeitos quantos corações deve ter quebrado desde o jardim de infância.

— Chegou atrasada novamente, senhorita Júlia, como se isso fosse novidade nas últimas semanas — alfineta cruzando os braços, com uma voz exageradamente grossa que me causa arrepios. — Que fique bem claro que, só porque é seu último mês aqui conosco que vou tolerar falta de compromisso da sua parte, ao contrário, vou dobrar minha atenção em cima de você. Afinal, quando for escrever sua carta de recomendação, quero ser sincero quando colocar que foi a estagiária mais eficiente que tivemos aqui no fórum. — Seu tom sai como se estivesse me dando uma bronca, mas eu levo como um elogio daqueles que faz o coração da gente bater cheio de orgulho ao olhar para trás e perceber que todo seu sacrifício em não desistir dos estudos valeu a pena.

Uma carta de recomendação assinada pelo todo poderoso Juiz Thompson, e com um elogio desse nível no nosso meio, é a mesma coisa que ganhar na loteria.

— Me perdoe. Prometo ser mais pontual. — Faço cara de arrependida, mas, por dentro, estou dando pulos de alegria, pelo menos no lado profissional está tudo indo às mil maravilhas.

— Assim espero, não me decepcione. — Aproxima-se de mim e tenho a sensação de que ele também guarda um segredo importante sobre sua vida pessoal. — Tenho uma audiência importante agora, Marisa irá me auxiliar. Isso quer dizer que terá que trabalhar por duas, preciso dessa pilha de relatórios revisados antes do almoço — avisa e vai em direção à porta sala, mas o interrompo antes que termine de virar a maçaneta.

— Eu ouvi a conversa do senhor com seu assessor, Gonzales. Estavam falando da minha amiga Yudiana, não é mesmo? — Ele assente, mas permanece de costas para mim parecendo em choque com o que ouve. — Devo me preocupar com isso? Por que, apesar de respeitá-lo muito como meu chefe, se aprontar com ela, juro por Deus, que passo por cima de você feito um trator. — Minha voz sai trêmula, mas muito séria. Minhas amigas são tudo para mim e as defendo com unhas e dentes porque sei que, se a situação fosse inversa, fariam a

mesma coisa por mim.

— Se ouviu a conversa toda, sabe muito bem que meu único interesse com Yudiana é mantê-la segura. Prometo que jamais encostarei um dedo dela contra sua vontade, fique tranquila. — Pigarreia ao abrir a porta, e completa antes de sair. — É bom saber que a minha menina tem amigas tão leais, espero a mesma lealdade para manter tudo o que sabe em total sigilo — diz e vai embora, só então posso respirar direito. Senti sinceridade em suas palavras.

Desabo na cadeira, essa conversa me deixou esgotada. Olho preguiçosamente para a pilha de relatórios sobre a minha mesa, fico cansada só de olhar. Mas não foi só isso, também há um envelope com o meu nome. *Provavelmente cobrança*, penso. Não tenho tempo para isso agora e enfio no bolso, mais tarde lerei com calma.



Falta pouco para o horário de almoço e nem sinal da Marisa, ainda está na audiência com o diabo e não sei mais quais outras pessoas. O caso deve ser muito importante para ser tão sigiloso. Dou de ombros e continuo a revisar os relatórios. Quando termino a última folha, meu telefone toca, corro para atender, é Yudiana.

— Oi, amiga, como vai? — Cumprimento ansiosa, girando na minha cadeira.

— Preciso falar pessoalmente com você, agora, tenho novidades. Meu amigo conseguiu achar o paradeiro do tal Carlos Henrique, mais conhecido como “Noia”. Conseguiu entrar em contato com o cara, e ele quer se encontrar contigo, disse que encontrou com sua prima antes de ela morrer e tem provas da sua inocência. — Yudiana disse em um grito exageradamente alto, e não consigo fazer outra coisa além de tremer.

— Diga o lugar e a hora, que eu estarei lá. — Minha voz sai áspera, como se a garganta estivesse seca.

Meus olhos se enchem de lágrimas, enfim poderei provar de vez minha inocência e fechar de vez o ciclo dessa história. Estarei livre para seguir meu caminho tranquila, sem aquela sensação ruim de que deixei algo pendente para trás.

— Ele quer te ver agora mesmo. Só vai saber o lugar quando nós chegarmos.

— Como assim, nós, Yudiana? — Questiono em um som estridente.

— Eu não vou deixar você ir sozinha ao encontro desse cara, ainda mais no lugar que marcou. Se eu disser, vai me passar a perna e ir sozinha, que eu sei. — Inspiro profundamente, massageando a têmpora.

— Você não precisa fazer isso, amiga, já basta ter achado o cara. — Faço uma pausa. — Se te acontecer alguma coisa, não me perdoaria nunca, mas eu preciso ir com isso até o fim independente das consequências.

A verdade é que não tenho nada a perder, já estou morta por dentro mesmo.

— Se eu não for, você também não vai, porque não falarei o local do encontro.

Abro a boca. Fecho novamente. Não existe argumento com Yudiana, se não concordar com ela, não me dirá o endereço nem a pau.

— Ok, sua teimosa, me passa o endereço que nós nos encontramos no caminho. — Bufo revirando os olhos, desprovida de paciência.

— Você acha que eu nasci ontem, Júlia? Nós vamos juntas, já estou aqui no Fórum, na porta da sua sala, te esperando para irmos, juntas.

Não disse? A mulher é esperta feito uma raposa. Danada!

Pego minha bolsa sobre a mesa, caminho até a porta e a abro, dando de cara com a minha amiga com o celular pendurado da orelha me lançando um olhar esperançoso.

— Você não presta, sabia? — Desligo meu celular, jogo dentro da bolsa e a puxo para um abraço cúmplice.

— Eu também te amo, amiga, vai dar tudo certo. — Ela soa confiante do que diz, e isso de certa forma me tranquiliza.

— Então vamos logo encontrar esse cara. Terminou agora uma audiência no Fórum e como é hora do almoço ninguém vai notar a minha falta. — Saio puxando-a em direção ao elevador. Evito ao máximo entrar nesse troço, mas Ricardo fez com que meu medo diminuísse, então, em casos de urgência como esse, uso tremendo um pouco na base, mas vou.

Eu e Yudiana levamos um baita susto quando as portas da caixa de aço se abriram e damos de cara com o Juiz Thompson de cara fechada no canto do elevador segurando sua maleta preta de couro caríssima. Ao seu lado está quem eu não esperava ver tão cedo, Delegado Avilar. Embora o lugar esteja iluminado,

uma sombra escura paira à sua volta e não é reflexo do terno preto italiano. Nunca o vi tão elegante antes, atraente. Seu corpo preenche perfeitamente a roupa, a confiança com que se move só completa o seu charme fatal. Deixou a barba crescer novamente, está grande e farta como quando o conheci.

Deve ter sido convocado para o julgamento que teve hoje, provavelmente deve ter participado da prisão de algum acusado e veio dar seu depoimento.

— Boa tarde. — Ele nos cumprimenta friamente, com uma indiferença que faz meu coração quebrar mais um pouco.

Quando olho em seus lindos olhos azuis que tanto amo, quase choro. São idênticos aos da Mari... Sofia, e eu sinto tanta falta dela que às vezes tenho vontade de morrer. Falta do seu lindo sorriso ao me ver chegar do trabalho, de quando pulava no meu colo dizendo que me amava com sua vozinha doce. Principalmente quando me chamava de mamãe, isso é o que eu sinto mais falta. Às vezes eu ainda escuto e começo a procurar por ela pela casa, mas, então, lembro que ela não é mais minha filha. Nunca foi. E começo a chorar, como agora.

Tenho que levar a mão à boca para abafar um soluço e baixo o olhar toda trêmula, não havia comido nada praticamente durante o dia. Estou visivelmente fraca, e ainda tentando me recuperar do meu reencontro inesperado com Ricardo.

— Boa tarde, senhores — Yudi responde educada, mas permaneço calada do jeito que entrei.

Não fui a única, Juiz Thompson permanece calado com a sua postura superior de sempre, o senhor “intocável” chegando mais para o fundo no elevador até suas costas espremerem na parede de puro aço e não ter mais para onde fugir. Sua frio só de colocar os olhos na Yudiana, parecendo uma fera enjaulada. Não consigo entender esse homem, faz de tudo para mantê-la segura sabe-se lá Deus de que ou de quem, mas não consegue nem ficar perto dela como se ele fosse o Super-Homem e ela a sua *criptonita* capaz de destruí-lo apenas com um toque.

Minha amiga, assim como eu, está para lá de tensa, o olhar fixo para frente, contorcendo as mãos próximas ao corpo. É o tipo que não perde a pose fácil, mas perto do Juiz perde a linha rapidinho. Que louco! A história desses dois daria um livro e tanto de suspense, assim como a minha e do Ricardo dá um drama e tanto com o final frustrante e triste.

O silêncio pairou no elevador, não se ouve nem a respiração. Até o celular da Yudi tocar alto em uma batida de funk, ela atende rapidamente, morta de vergonha.

— Nós já estamos indo, Dimmy, peguei a Júlia agora no trabalho. Liga para o cara e diz para esperar mais um pouco porque encontro deles tem que acontecer. — Yudi eleva a voz autoritária com seu amigo do outro lado da linha, o que me faz pensar que tem algo a mais além de amizade que diz ter entre eles.

Putá que pariu! Xingo baixinho. Pelo espelho vejo a expressão de decepção no rosto do Ricardo. Ele franze a testa apertando os punhos bem firme, me encarando com uma sede abrasadora e uma possessividade que juro por Deus, me faz perder o chão debaixo dos meus pés.

De repente, o elevador para balançando, rangendo alto como se os cabos estivessem freando bruscamente. As luzes se apagam e tudo fica escuro, um verdadeiro breu. Entro em pânico, fecho os olhos encostando na parede totalmente sem ar e já apresentando o quadro de sudorese. Meu coração bate mais rápido ao sentir uma mão segurando a minha, enlaçando os dedos aos meus de um jeito tão foddidamente romântico e delicado que me acalmo na mesma hora.

Só o Ricardo tem esse poder de calma em mim, como se eu fosse a tempestade e ele aparecesse como o Sol deixando tudo mais bonito à minha volta.

— Está tudo bem, pessoal, o problema já foi resolvido, desculpe o transtorno vossa excelência — avisa o cara da manutenção pelo interfone, se desculpando diretamente ao Juiz Thompson como se ele fosse o único preso aqui dentro.

— Está bem, rapaz, agora coloque esse elevador em movimento, não tenho o dia todo. — A voz do diabo ecoa no escuro e as luzes se acendem como em um passe de mágica, no mesmo instante solto a mão do Ricardo e o encanto acaba.

Olho para Yudiana e ela tem a respiração ofegante e os olhos arregalados, fora o cabelo levemente bagunçado e o vestido tomara que caia branco que usa, todo torto no corpo. O Juiz segura a sua mala com firmeza, com cara de paisagem. Porém, com um rubor estranho vermelho bem acentuado nas bochechas.

Assim que as portas se abrem saio praticamente correndo com o coração na mão, mais acelerado do que nunca, mas paro em frente à saída lembrando da

carta que achei mais cedo em cima da minha mesa. Deslizo a mão para dentro da minha bolsa e a pego para ver do que se trata, estremeço ao abrir. Dentro há uma carta e uma pequena foto da Sofia tirada recentemente, feita no tamanho certo para guardar na carteira.

Ela sorri para a câmera, mas não chega aos olhos. Parece uma molequinha com seu macacão jeans e o cabelo preso em um rabo de cavalo torto que a deixa com cara de levada, tão linda a minha menina. Atrás tem uma dedicatória escrito com letras tortas cada uma de uma cor, que diz:

“Para minha eterna mamãe, com todo amor.

Ass: Sua Maricota.”

Encho a foto de beijos, rindo e chorando ao mesmo tempo. A saudade dela é grande demais, quase insuportável. Puxo uma boa lufada de ar, e desdobro a carta com aquela sensação que o Ricardo sempre me deixa, de borboletas voando no estômago. Tanto a folha quanto o envelope têm o cheiro dele, que eu tanto amo. É a primeira carta que recebo na vida e ainda do homem que amo, parece bobo, mas me faz sentir especial.

Começo a chorar logo na primeira frase, mas me mantenho firme e continuo lendo.



“Olá, amor, como vai?

Espero que melhor que eu, as últimas semanas sem você não têm sido fáceis. Mas, depois de pensar muito, cheguei à conclusão que não quero que as coisas terminem assim entre nós. Se tem que me deixar, que seja então feliz. Quem ama, não prende, deixa ir. Sei que não acredita no meu amor, por isso saio de cena para que outro cara de muita sorte chegue para te fazer sorrir. E aí se não fizer, vai ter que se ver comigo. Eu e a nossa filha sempre amaremos você. Foi a melhor coisa que aconteceu em nossas vidas nos últimos tempos, pena que o que é bom dura pouco.

Você é minha paixão, minha vida, meu amor. Todas as estrelas do universo não poderiam substituir o brilho do seu sorriso. Agradeço por todo amor que nos deu. Nunca se esqueça de mim, como eu nunca vou te esquecer. Te amarei, agora e sempre.

Como sei que é fã do cantor Frejat, eu escolhi um trecho de uma de suas

músicas ‘Amor para recomeçar’, que diz exatamente tudo o que eu desejo para você, de todo meu coração:

*‘Eu te desejo não parar tão cedo, pois toda idade tem prazer e medo.
E com os que erram feio e bastante, que você consiga ser tolerante.
Quando você ficar triste que seja por um dia, e não o ano inteiro.
E que você descubra que rir é bom, mas que rir de tudo é desespero
Desejo que você tenha a quem amar, e quando estiver bem cansado
Ainda, exista amor para recomeçar. Para recomeçar....*

*Eu te desejo muitos amigos, mas que em um você possa confiar
E que tenha até inimigos, pra você não deixar de duvidar
Eu desejo que você ganhe dinheiro, pois é preciso viver também
E que você diga a ele pelo menos uma vez
Quem é mesmo o dono de quem
Desejo que você tenha a quem amar, e quando estiver bem cansado
Ainda, exista amor para recomeçar... ’
Adeus, amor, seja feliz. Eu te amo.
Ass: Seu eterno Delegado. ”*



Termino de ler a carta com os olhos inundados, chorando de soluçar. A primeira carta que recebo, na verdade, é de despedida. Isso é tão triste, deprimente. Mas ao mesmo tempo lindo, talvez a maior prova de amor que alguém pudesse me dar. Fico desnorreada, não sabendo o que pensar, fui pega de surpresa.

Sinto a presença do Ricardo próximo a mim, olho para trás por cima do ombro e o vejo de longe, encostado em uma pilastra, tão lindo, parado com as mãos nos bolsos me observando ir embora. Um vazio tão grande me assola. Tomada pelo impulso de gratidão ergo a mão em um aceno acompanhado de um sorriso sincero, mas triste, nublado pelas minhas lágrimas que escorrem feito um

rio.

— Obrigada pela foto da Sofia. — Mexo os lábios, tendo a triste impressão que essa será a última vez que o verei, e eu acho que ele também sente isso porque sorri de volta sem nenhuma mágoa, mas com uma lágrima discreta descendo lentamente pelo seu rosto.

— Adeus, Júlia, nós sempre te amaremos — sussurra emocionado com os lábios trêmulos, está, enfim, me deixando ir de verdade.

— Adeus, Ricardo, seja feliz. — E então, porque acho que deve ser dito, acrescento: — Eu te amo, sempre amei. — Levo a mão sobre o coração, ele faz o mesmo deixando outra lágrima dolorida cair.

Aconteça o que acontecer, o amarei até o ultimo segundo que me resta, mesmo cada um seguindo caminhos opostos. Posso não ser a mulher da sua vida, mas ele é o homem da minha.

Minha alma gêmea.

— Desculpa quebrar o momento mágico entre vocês dois, mas o meu amigo me ligou novamente então temos que correr, amiga. — Yudiana sai me puxando e eu olho para o Ricardo até onde posso, segurando a foto de Sofia sobre o coração, chorando em silêncio.

— O que está fazendo, Yudiana? — Ela, antes de sair do Fórum, põe a cabeça do lado de fora da porta olhando para todos os lados como se estivesse procurando alguém, só sai quando tem a certeza que a barra está limpa.

— Já teve a impressão de estar sendo seguida por alguém o tempo todo? Então, eu ando assim direto. Tenho a sensação de estar sendo observada, mas olhos para todos os lados e não vejo ninguém. — Arregalo os olhos enquanto guardo a foto da Sofia na minha carteira, pensando se devo ou não contar tudo o que sei.

Mas o Juiz Thompson pediu segredo, e ele me pareceu tão seguro quando disse que a sua intenção é só cuidar dela. Por enquanto, vou fazer o que me pediu, mas de olho nele, qualquer passo em falso e eu faço um escândalo.

— Relaxa, Yudi, é só coisa da sua cabeça. — Toco seu ombro tranquilizando-a, e dá certo.

Saímos do Fórum de braços dados andando pela calçada prontas para enfrentar o mundo. Uma, paranoica; e a outra, com o coração partido. Que bela dupla somos. Rio da minha própria desgraça.

— Tem certeza que ainda quer fazer isso, amiga? Por que não volta lá e pula nos braços do Delegado, o jeito que vocês se olharam cheios de amor agora pouco, me deixou emocionada e você sabe que isso é muito difícil de acontecer. — Em vez de irmos na direção do ponto de ônibus, ela conduz meus passos em direção ao estacionamento.

— Aquilo que viu não foi uma cena de amor, Yudi, mas, sim, uma despedida amistosa. Definitiva. Agora cada um está pronto para seguir seu destino, seja lá o que Deus guarda para nós dois. — A vontade de chorar, novamente, vem forte, mas me seguro.

Eu ando muito emotiva, chorando até com desenho animado, não sei o que está acontecendo comigo. Deve ser carência.

— Que despedida que nada, a história de amor vocês está apenas começando. — Tira uma chave de dentro do sutiã, aperta um botão e o alarme de um carro prateado no estacionamento apita. — Mas por ora, vamos encontrar esse tal de “Noia”, sei que não vai seguir em frente se não resolver isso. — Revira os olhos entrando no lado do motorista, dirige feito uma louca e eu morro de medo de andar com ela.

— O Joe não tem medo de emprestar o carro dele para você, Yudi? — Brinco tentando aliviar um pouco a tensão no ar, não quero demonstrar, mas estou muito nervosa, rezando para que os melhores seguranças do Juiz estejam à espreita vigiando a Yudiana, caso a coisa fique feia, eles entram em ação.

— Meu chefe confia em mim, Júlia, e eu, cegamente nele. — Dá de ombros colocando o cinto, e faço o mesmo.

Acho linda essa ligação entre os dois, ela confia mais em um estranho do que nas próprias pessoas do seu sangue.

— Ok, dona Yudiana. Agora vamos, quero resolver isso logo. — Ela assente e dá a partida. Antes de sairmos, ambas fazemos o sinal da cruz para afastar os maus preceitos.

Usamos o GPS do carro para chegar até o lugar onde o amigo dela marcou o encontro, em um bairro mais afastado do centro e isso me preocupa muito. Quando entramos na rua, peço para Yudi retornar e irmos embora, estou com um mau pressentimento. Assim ela faz, mas não andamos muito. Dois carros nos bloqueiam, um na frente e outro atrás de nós, de onde saem homens armados, alguns com metralhadoras em mãos, rostos encapuzados, gritando o tempo todo para sairmos do veículo com as mãos para cima e que o chefe deles tem um

assunto pendente para resolver comigo ainda hoje.

Em plena luz do dia somos jogadas no banco de trás do carro e levadas não faço ideia para onde, imploro para deixarem Yudiana ir embora, já que o problema do chefe deles é comigo. Eles até concordaram, mas a teimosa não quer ir de jeito nenhum. Se agarra a mim de um jeito que ninguém tira, estamos abraçadas, mas sem deixar cair uma lágrima, somos fortes e não vamos demonstrar fraqueza na frente desses bandidos. O que eu fiz, meu Deus? Agora a minha vida e da minha amiga estão em risco, nem me preocupo tanto comigo, mas ela não merece perder a vida assim.

Agora só um milagre para nos salvar, nunca imaginei que esse Noia fosse tão poderoso.



JUIZ THOMPSON

O jato de água gelido atinge minha pele como uma rajada de espinhos, posso sentir todas as extremidades do meu corpo se entregando. Vim do fórum direto para casa e entrei debaixo do chuveiro de terno e tudo, tomei a minha medicação durante o caminho, mas de nada adiantou. Meu coração ainda bate acelerado. Minha situação é parecida com a de um dependente químico em abstinência, sabe que deve se manter longe das drogas porque serão a sua ruína, mesmo assim, não consegue pensar em outra coisa para abrandar — mesmo que só um pouco — o desejo latente de usufruir o máximo possível do prazer que somente seu maior vício pode lhe proporcionar.

No meu caso, Yudiana Jackson.

Começou desde que coloquei meus olhos nela naquela maldita Delegacia, faz muito tempo que não me “*interesse assim*” por uma mulher ao ponto de perder o controle. Na verdade, no grau que estou de insanidade, é a primeira vez. Logo eu, a pessoa mais gélida no quesito sentimental. Sempre procurando ser o mais imparcial possível no que faço seja qual fosse a área: familiar ou profissional. Íntima.

A justiça deve prevalecer sempre, a qualquer preço.

Isso faz de mim um tanto didático e cruel na hora de agir, desempenhar o papel de "homem justo" diante aos alheios é uma mania doentia que tenho, irritante até mesmo para mim. Gosto das minhas coisas organizadas, a um nível extremo. Preciso ter o controle de tudo a minha volta, principalmente das

pessoas. E isso não vem de agora, cresci com essa necessidade de ser o melhor em tudo. A maneira rígida como fui criado pelos meus pais Richard Thompson e Miranda Thompson, ambos juízes criminalistas aposentados, apenas colaborou para aflorar algo que já habitava em mim naturalmente, a necessidade de ser perfeito.

E sou.

Tenho tudo que os homens almejam, boa aparência, dinheiro, poder extremo e sexo. Já tive as mulheres mais cobiçadas desse país em minha cama, mas longe do meu coração. O erotismo existe na minha vida como uma válvula de escape para preencher esse vazio da falta de amor verdadeiro que me corrói por dentro. Minha vida não passa de uma fachada, tenho tudo e ao mesmo tempo, nada.

Sou como uma bomba relógio prestes a explodir. Se as pessoas me conhecessem como realmente sou, me odiariam. Tenho um lado sombrio, um dos sete pecados capitais.

O mais terrível de todos.

Depois de acalmar um pouco meu lado “selvagem” com um longo banho frio, tiro as roupas molhadas e as arremesso no cesto. Amanhã minha empregada, Lurdes, dará um jeito nisso. Ela é a única mulher sem o mesmo sangue que eu, que consigo amar de forma “segura”. É como uma segunda mãe para mim, me entende mais do que a minha biológica.

Enrolo uma toalha em volta da cintura e deito em minha cama intencionado a relaxar a mente, só tenho que voltar para o Fórum daqui a duas horas. Talvez dormir um pouco me faça bem, mas, sendo sincero, acredito que não. Essa Índia tem dominado todos os meus sonhos, seja dormindo ou acordado. Por que Yudiana mexe tanto comigo? Perco completamente a razão quando estamos próximos, e a diaba ainda fica me provocando, como naquele dia, protagonizando aquela dança sexual no clube e hoje no elevador quando as luzes se apagaram se esfregando em mim de propósito.

Se ela soubesse a fera que está libertando dentro de mim, correria para bem longe na direção oposta à minha. Mas Yudiana gosta de ser desafiada, e desafiar a minha resistência à sua presença. Não fazendo a mínima ideia que me mantenho longe para protegê-la de mim, por mais que eu queira, nunca poderemos ficar juntos.

Contudo, depois do que descobri sobre o seu triste passado, tomei como

minha obrigação cuidar dela para sempre, em segredo. Sou meio obsessivo no quesito proteção. Meus seguranças particulares a seguem onde quer que vá, também estou tentando fechar o clube onde trabalha, não quero aquele monte de homens cobiçando a minha menina. Mas o estabelecimento está com tudo dentro da lei, ofereci uma fortuna para o dono o vender, mas o cara está irredutível. Inferno! Mas vou conseguir tirar Yudiana daquele lugar, ou não me chamo John Thompson.

Foi pensando na beleza exótica da Índia que adormeci sem perceber.

Acordo no susto, com um grito preso na garganta, totalmente desnortado. Sentindo-me estranho, sempre gostei de ficar no escuro, me acalma. Mas dessa vez, a escuridão me deixou apavorado. Um fio de luz me chama a atenção, é o meu celular vibrando com tanto empenho para chamar minha atenção sobre o móvel ao lado da minha cama.

Esfrego os olhos, sonolento, e estico o braço para pegar o celular e a tela brilha apontando a vigésima segunda ligação do meu chefe de segurança Tadeu, o qual coloquei como responsável pela segurança da Yudiana, seguindo-a vinte e quatro horas por onde quer que vá. Meu coração dá um tropeço, atendo a ligação imediatamente já esperando o pior. Pulo da cama e começo a andar pelo quarto, desesperado antes mesmo de ele dizer “alô”, aconteceu alguma coisa de ruim com a minha Índia.

— O que aconteceu com ela, Tadeu? — Meu grito é de puro desespero, a tensão do medo me consumindo por completo, os nervos do meu corpo chegam a pular.

— Ela veio com uma amiga para um bairro perigoso da cidade, afastado do centro. Achei muito estranho e partimos atrás para ver onde isso iria dar, mas não podíamos nos aproximar muito porque a moça é esperta e está começando a desconfiar que está sendo vigiada — explica detalhadamente.

— Vá direto ao ponto, porra! — Berro descontrolado puxando os cabelos que caem sobre o meu rosto, quase arrancando-os fora.

— O carro foi interceptado em uma rua deserta por dois veículos com uma tropa de homens armados até os dentes. Pensamos em intervir, mas eu e os meus homens ficamos com medo de colocar a vida das duas em risco em meio à troca de tiros — diz e suas palavras me acertam com a intensidade de um raio, com tanta força que cambaleio para trás.

Meu mundo cai! Sinto-me cada vez mais sufocado na escuridão do meu

quarto, se algo acontecer, serei capaz de morrer.

Mas não antes de matar cada um que ousou encostar o dedo nela.

— Para onde a levaram? Estou indo para lá agora mesmo buscá-la. Não importa onde. Quem fez isso vai pagar caro. — Ranjo os dentes, meus punhos fechados fortemente.

Na última vez que perdi o controle assim, quase terminou em morte.

— Para a favela da Rocinha, senhor. Seguimos eles até onde deu, mas para invadir o lugar precisamos de muito reforço porque o chefe do tráfico é poderoso. O tal Binladem, para mim, ele é o mandante do rapto das moças. — Minha cabeça dói tanto que chega a latejar. Rezo para que seja um pesadelo e a qualquer momento vou acordar.

Mas, infelizmente, não é. Eu tenho que agir friamente para que a minha Índia saia dessa com segurança.

— Qual amiga dela que está com Yudiana?

— A Júlia, chefe. Aquela negra linda que faz estágio no fórum.

— Ok, Tadeu, eu sei de quem se trata. Agora, junte todos seus homens e vá para o endereço que irei te mandar por mensagem, já sei onde conseguir o reforço que precisamos. — Um feixe de luz aparece no fim do túnel. Ainda hoje, Yudiana e Júlia estarão em casa, nem que para isso eu tenha que colocar a favela da Rocinha a baixo.

Capítulo 44



RICARDO

Depois de uma audiência importante que participei, passei em casa para almoçar e trocar de roupa, e voltar para delegacia com as estruturas totalmente abaladas devido o meu reencontro com Júlia. Foi pisar naquele bendito fórum que o meu coração já se encheu de esperança de reencontrá-la, a mulher que amo com todas as minhas forças. Escrevi uma carta de despedida e cheguei bem cedo para deixar em sua mesa antes do seu horário de trabalho começar, não queria que me visse.

Perdi o fôlego quando a vi entrar no elevador, está tão magra e uma expressão deprimente dando um ar mais envelhecido ao seu rosto. Porém, ainda continuava linda, perfeita para mim. Tive que me segurar para não a abraçar bem forte e implorar que voltasse para casa. Para nossa família. Mas, como disse na carta, respeito sua decisão e mesmo com o coração destruído a deixei seguir seu caminho.

No entanto, quando as luzes do elevador se apagaram não resisti e segurei sua mão, foi a mesma coisa que flutuar nas nuvens. E talvez, infelizmente, aquela foi a última vez que nos vimos. Seu estágio está terminando, e não vai mais trabalhar no fórum. Começará uma nova rotina, longe de tudo ligado a mim. Conhecerá lugares novos, pessoas novas.

Um novo amor.

Pensar nisso acaba comigo, mas eu a amo tanto que se ela precisava sair da minha vida para ser feliz, eu respeitarei. Duvido que alguém no mundo possa amá-la do jeito que eu amo, talvez a prova disso seja o que estou fazendo, deixando-a ir. Ela tem o direito de escolher alguém menos complicado, que não tenha, no presente, tantas bagagens do passado.

Nossa despedida foi triste, mas bonita. Dessa vez sem mágoas, senti que foi definitivo. Nada mais fará sentido sem a Júlia ao meu lado, a situação só é um pouco suportável quando estou com minha filha e a minha mãe. Tenho pegado a Dona Célia chorando direto, se sente culpada pela nossa separação por conta da ideia da festa. Mas não é, o único culpado dessa história sou eu. Não valorizei Julia do jeito que merecia, fazendo a mulher que amo, sofrer. Sendo que, o que

mais quero é vê-la feliz, mesmo que seja ao lado de outro homem.

— Você não gosta mais de lasanha, filho? Mal mexeu no prato — minha mãe pergunta em um fio de voz, tão baixo que quase não ouvi.

Agora, durante o almoço e jantar eram assim, um silêncio mortal.

— Não é isso, mãe, só estou um pouco sem fome hoje. — Afasto o meu prato, minha garganta está fechada, não passa nada.

— Perdeu a fome hoje, ontem, anteontem e assim vai até morrer desnutrido... — resmunga, está preocupada com meu desânimo até para comer.

Pior que não sou só eu, o prato da minha filha permanece intacto.

— Você também não está com fome, filha? — Ela nega, balançando a cabeça de leve, sentada à minha frente debruçada sobre a mesa.

Ela deixou de ser a criança alegre de antes, quase não fala mais, desistiu de perguntar pela mãe, acho que percebeu que ela não vai voltar nunca mais. Só vive triste pelos cantos da casa, com o olhar perdido, nem com o Adônis brinca mais. Tenho levado Sofia em um psicólogo com frequência como a Júlia pediu, mas não está dando muito resultado.

Apesar da família da Júlia ter se afastado de nós, o banco entrou em contato comigo pedindo autorização para mudarem o nome da beneficiária da conta poupança de Maria Lara da Silva para Sofia Avilar. E que eu seria o responsável legal até ela fazer dezoito anos e poder retirar a quantia, e que eles continuariam depositando o dinheiro mensalmente para pagar os estudos da minha filha. Isso me fez admirá-los ainda mais, ganharam meu total respeito com essa atitude.

— Por que não está com fome, querida, está com dor na barriguinha? A vovó faz outra coisa para você comer, é só dizer o que quer.

— Eu queria ver a mamãe, mas ela foi embora porque não gosta mais de mim. — Ela começa a chorar e corre para o meu colo, a acolho dentro dos meus braços afagando seu cabelo.

— Nunca duvide do amor que a sua mãe tem por você, filha, se ela foi embora é porque acredita que é o melhor para você — sem ter mais o que dizer, como em tantas outras vezes depois que Júlia foi embora, eu a abraço e deixo que chore até se acalmar.

Com o pranto abrandado, deixo a ruivinha aos cuidados da avó e volto para o trabalho. Tenho fé que um dia volte a ser a criança alegre de antes, de sorriso

fácil.

De volta à delegacia, peguei firme no trabalho. Só assim para não pensar no que não deve, mente vazia é oficina do diabo. Tenho trabalhado incansavelmente no caso do Barreto, pelas imagens da câmera em frente à boate onde ocorreu o crime, reconheci o chefe da gangue homofóbica. Como previ, era o Carlos, o policial que expulsei da minha equipe por má conduta.

Já revirei o Rio de Janeiro atrás do cara, porém, ele sumiu. Mas não paro até colocar minhas mãos nele, quero justiça. Graças a Deus, Barreto acordou do coma e vem melhorando cada dia mais. Sempre o visito, está arrasado com a morte do parceiro.

— Desculpe incomodar, Delegado, mas o senhor tem uma visita. — A voz da Carol soa trêmula, mesmo assim não ergo o olhar para fitar seu rosto.

— Estou ocupado agora, peça para voltar mais tarde ou outro dia.

A verdade é que não quero ver ninguém, se pudesse, nem terminava meu plantão e ia para casa agora mesmo ficar com minha filha.

— Eu acho melhor o senhor receber a visita, Delegado, antes que o pior aconteça. — Elevo o olhar encontrando uma Carol nervosa, com a metade do copo para dentro da sala pela fresta que abriu na porta.

Branquinha igual papel, contorcendo as mãos.

— O que está acontecendo, Carol? Quem está aí fora querendo me ver para te deixar tão nervosa?

— Sou eu, Juiz Thompson. — O homem termina de abrir a porta com um murro, usa calça de moletom escura e boné dos Yankees cobrindo a metade do rosto.

Sem o terno e a gravata, ela não parece tão intimidador como na audiência hoje no fórum.

— Poderia nos deixar a sós, Carol? — Peço, já que ela permanece estacada no mesmo lugar babando em cima da minha “visita”.

— Sim, senhor, me desculpe. É um grande prazer conhecê-lo vossa excelência, é ainda mais bonito pessoalmente do que na capa das revistas — suspira enquanto sai fechando a porta, parecendo estar em uma espécie de transe. Reviro os olhos.

Esse cara tem um efeito estranho sobre as mulheres. Mesmo estando todo

desalinhando, trocando o peso de um pé para o outro descontrolado, usando roupas estranhas como se tivesse saído com pressa vestindo o que achou pela frente e tentando esconder os olhos com o boné, há alguma coisa dentro deles que não quer que eu veja.

— Posso ajudar em alguma coisa, Meritíssimo? — Cruzo os braços, mantendo a postura ereta apoiada na cadeira.

Minhas sobrancelhas estão franzidas, demonstrando que não tenho muito apreço pela sua pessoa. Apesar de que tenho que assumir que é um excelente profissional, depois de vê-lo atuando hoje com tanto empenho em resolver o caso em pauta, ganhou todo meu respeito.

— Eu não, Delegado, mas a mulher que você ama, sim. — Levo um choque, não consigo nem piscar.

Do que ele está falando? Um calafrio passa pelo meu corpo, a Júlia está em perigo, posso sentir isso. Lembro do nosso encontro de hoje, o jeito triste que nos olhamos.

A última despedida.

— O que aconteceu com a Júlia? — Me ponho de pé apavorado, já à espera do pior.

— Ela foi raptada junto com uma pessoa muito importante para mim, as duas foram levadas para a favela da Rocinha à força por homens armados, e ainda não sei por quê. Mas não estou nem aí, só sei que o culpado disso vai pagar caro. — Bate as mãos sobre a minha mesa com tanta força que o móvel chega a ranger.

— Do que você está falando, como assim, levadas para favela da Rocinha por bandidos? — Berro agarrando-o pelo colarinho da camisa sem me importar se é o Juiz ou o diabo a quatro, agora sou eu que estou agindo como louco.

No movimento brusco, seu boné cai, revelando os olhos mais sombrios que já vi na vida. Chegam a ser assustadores, cheio de veias de sangue e as írises prateadas me encarando fixamente. As linhas do rosto esculpidas por puro tormento, como se existisse uma fera dentro dele que está começando a se rebelar.

— Nossos santos não se batem, isso é um fato. Mesmo assim vou te dar duas alternativas, Delegado. Pode aceitar minha ajuda e resolveremos isso na metade do tempo com as duas saindo dessa sãs e salvas, ou eu faço do meu jeito.

Mas já adianto que depois não vai gostar da bagunça que deixarei para trás. Você escolhe, o que vai ser? — Diz em um tom mais brando que me faz soltá-lo. Ele está tão atordoado quanto eu.

— Esse caso se trata da mãe da minha filha, a mulher que eu amo. Então, sr. Thompson, toda ajuda é bem-vinda. — Apresso-me em pegar minhas armas na gaveta, pegando toda munição que encontro ao meu alcance.

Juntarei minha equipe e pedirei reforço até para o exército se for possível, vamos virar a Rocinha do avesso e ninguém sai até encontrarmos a Júlia. Como que ela foi se meter nessa confusão, meu Deus? Algo me diz que tem alguma coisa a ver com o que ela disse sobre provar sua inocência, e acabou mexendo com gente barra pesada.

— Pode me chamar só de John. — Ergue a mão para um cumprimento, como se estivéssemos nos conhecendo agora.

— Só Ricardo para mim também está ótimo, não precisamos de formalidade entre nós — concorda com um aceno de cabeça cordial, amistoso.

Aperto sua mão firme, além de uma parceria, acho que uma possível amizade se inicia.

— Não vai perguntar quem é a pessoa importante para mim que foi raptada junto com a Júlia?

Como se precisasse, penso.

— Depois do jeito que olhou para a amiga dela, Yudiana, hoje no elevador, acho que não precisa.

— Você é um bom observador, parabéns. Mas agora vamos, no caminho montamos um plano. — O Juiz caminha em direção à porta, todo afobado.

— Eu já tenho um plano e, com a sua ajuda, tenho certeza que será infalível — declaro confiante, não pensando em outra coisa a não ser tirar minha Marrenta dessa sem um arranhão.

Capítulo 45

•

JÚLIA

Eu não fazia ideia para onde eu e a Yudiana estávamos sendo levadas, não tiraram a venda dos nossos olhos nem um segundo. Trocamos de carro por duas vezes, e fizemos uma parte do caminho a pé. A única coisa da qual tenho certeza é que se tratava de um lugar que fica no alto da cidade, porque a maior parte do trajeto foi de morro. Para as pessoas mais perceptíveis, era possível notar que o ar era diferente do centro da cidade. Também senti falta do tráfego de carros, o trânsito do Rio de Janeiro a essa hora era uma verdadeira loucura.

Onde quer que estavam nos levando, é afastado de tudo e todos, tipo de lugar que ninguém jamais encontraria se não fosse da vontade desses bandidos. Entrava com vida, e saía dentro de um saco preto ou queimado vivo.

Ouvimos um rangido de porta grande de ferro se abrindo, e fomos jogadas dentro de um lugar com piso áspero com as mãos amarradas para trás como se fôssemos um saco de lixo. Apesar de nós duas sermos corajosas, o medo de não sairmos dessa enrascada com vida, era cada vez maior. Não sei o que podem estar querendo comigo, minha única intenção era saber do Noia, a verdade sobre a última vez que encontrou com Talita. Pelo visto, ele tinha mais culpa no cartório do que pensei, e poder também, para ter tantos homens agindo astutamente debaixo das suas ordens.

— Desculpa por colocar você nessa, Yudi, não devia ter deixado vir comigo. — Arrasto-me no chão para chegar próximo a ela, encostando minha cabeça no que acredito ser seu ombro.

— Você faria o mesmo, Júlia, então já chega de lamentações. Somos amigas ou não?

— Amigas, não, irmãs. — Fungo emocionada, nunca imaginei que esse seria o meu fim.

— Chega de conversinha, suas vadias, silêncio total porque o dono da favela da Rocinha está entrando — diz um dos bandidos com o sotaque carioca mais pesado que já vi, enquanto solta minhas mãos. — A vida de vocês agora está nas mãos do Binladem, foram brincar com fogo, agora estão se queimando.

— Solta uma gargalhada macabra.

— Binladem? — Eu e a Yudiana questionamos totalmente confusas, diante a revelação desse energúmeno.

— O próprio. — Ele tira a minha venda para que eu veja a entrada triunfal do chefe, e faz o mesmo com Yudi.

Nós duas nos entreolhamos com os olhos estreitos, essa situação fica cada vez mais estranha. O que esse tal de Binladem poderia querer comigo? O homem mais perigoso do Rio de Janeiro, maior traficante dos últimos tempos. Pelo que sei, meu assunto é com o Noia, não com ele.

Deus misericordioso, tenha pena de nós porque a coisa ficou feia de vez.

Seguro o braço da minha amiga, respirando pesadamente, onde nós fomos nos meter? Não faço ideia. Em uma breve análise à nossa volta, percebo que estamos em uma espécie de galpão. É amplo e com alguns móveis, limpo até. Não tem janelas, apenas uma porta de ferro imensa com uma penca de bandidos fazendo a vigia do lugar.

— Então quer dizer que essas duas belezinhas queriam falar comigo, policial Carlos?

Meu queixo cai, literalmente! E não é só o meu, o da Yudiana também vai ao chão.

O traficante Binladem pessoalmente é tão assustador quanto ouvi falar, moreno, alto, com corpo esguio e cabelo rastafári. Tem os olhos prateados e muita barba, tatuagens que saem do pescoço até as pontas dos dedos, cada desenho horripilante. Dá até medo de olhar, faz o tipão impetuoso.

Espera aí? Ele disse policial Carlos?

Caramba! Esse cara tem até gente da polícia trabalhando para ele, por isso faz o que quer e não vai preso, está sempre um passo à frente da polícia. Giro a cabeça para observar o tal dito cujo — vulgo policial, que de homem da lei não tem nada — ao meu lado que coordenou o nosso rapto, um rapaz loiro acobreado de vinte e poucos anos. Marombado com cara de playboyzinho que podia escolher ser o que quisesse e optou por ser um merdinha de x9, nota-se de longe que vem de berço de ouro. Tem a postura ereta, porte fino.

Exibe camisa da Calvin Klein, jeans dos bons e tênis da Nike. Seu relógio de ouro tem o brilho reluzente, mas não tanto quanto a pistola prateada apontando na cintura. Faz pose de durão, mas dá para ver de longe que só é

valente com uma arma na mão. Mas, de cara limpa, foge na primeira oportunidade.

— Perdeu alguma coisa aqui, Júlia? — O policial me encara olhando feio, devolvo na mesma altura. — E o Delegado Avilar, como vai? Foi um prazer trabalhar na equipe dele como espião para o Binladem, principalmente dar uma lição no baitola do Barreto e o seu namoradinho. O danado conseguiu sobreviver, não é mesmo? Cara de sorte, mas na próxima eu acerto, estou para fazer uma visita especial para ele no hospital, só que ando sem tempo. — Sorri de canto, o mais cínico que já presenciei. Deslizando os dedos pelo cabelo presunçosamente, se gabando na frente dos outros bandidos como se tivesse feito um grande feito destruindo a vida de duas pessoas bacanas.

— Então foi você que matou o namorado do Barreto e quase o matou também? Seu covarde, canalha, x9 de uma figa e ainda se diz um homem da lei. — Destilo levando as mãos à cintura, furiosa. — Ah! Só se for da lei dos traidores sem princípios, que se vendem para quem paga mais — digo à queimadura lançando os olhos sobre o Binladem como uma lança afiada, meu sangue ferve dentro das veias, nem percebo quando minhas unhas vão direto no rosto dele. Quando dei por mim, o estrago já tinha sido feito.

Eu nunca consegui segurar esse meu lado protetor com as pessoas que são importantes para mim, e o Barreto é uma delas. Podem até bater na minha cara, mas não se atreva a mexer com um do meu bando.

— Olha o que você fez, sua vagabunda! Vai ficar uma cicatriz feia, porra! — Passa a mão sobre a área afetada pelas minhas garras, em troca, recebo do cretino um soco no mesmo lugar em meu rosto.

Vou ao chão com tudo, sentindo uma dor enorme no lado esquerdo da face.

— Mas nada se compara com o que o Delegado vai fazer com você quando te pegar pelo o que acabou de fazer com a mulher que ele ama. — Rosna Yudi ao agachar vindo em meu socorro, fuzilando o covarde com olhar.

— Você é um homem morto, Carlos. É só uma questão de tempo — completo sorrindo ironicamente, sentindo o gosto forte de sangue que escorria no canto da minha boca.

Não quero estar na pele dele quando Ricardo colocar as mãos nesse filho da puta.

Pelas linhas franzidas na sua testa, ele sabe que eu estou certa.

— Quando o chefe terminar com você, vou te levar para o quartinho dos fundos e te foder em todos os buracos e gravar para mandar para o seu *Delegadozinho*. Depois vai ser a vez da filhinha dele, eu sempre gostei de uma novinha bem na flor ainda. — Parto para cima dele novamente, querendo matá-lo com minhas próprias mãos, mas Yudi me segura sabendo que é loucura querer confrontá-lo nessa situação tão desvantajosa para nós duas.

Que nojo desse homem! Como pode falar assim de uma menininha de apenas sete anos? Tomara que o Ricardo acabe com a raça dele logo e que sua alma derreta no fogo do inferno. Melhor ainda, que o diabo o coloque no espeto e faça churrasquinho.

— Agora basta, Carlos! Deixa para brincar com as moças mais tarde, tenho um assunto pendente para resolver com a Júlia. — O tal Binladem vem caminhando até mim com seus olhos assassinos, quase posso sentir a maldade saindo por cada um dos seus poros. — Continua tão linda como na última vez que te vi, no dia que a idiota da Talita apareceu toda estranha no Morro do Alemão com um bebê lindo nos braços. Logo soube que tinha treta no meio, e foi tiro e queda.

Pega no meu pescoço me obrigando a levantar e a encará-lo nos olhos. A essa altura lágrimas banham o meu rosto. Não de medo, mas sim porque agora tudo faz sentido.

Principalmente porque armaram para nós hoje, isso se trata de uma queima de arquivo.

— Você e o “Noia” são a mesma pessoa. E ainda aposto mais alto dizendo que foi você que matou minha prima, mãe da sua filha, naquele mesmo dia. E conseguiu todo esse poder usando o dinheiro que ela ganhou com o sequestro virando o chefe da Rocinha. Mudou de apelido para que ninguém desconfiasse. — Minha voz sai em um fio e ele aperta cada vez mais o meu pescoço quase me enforcando.

Yudiana grita desesperada tentando me ajudar, mas o policial de merda a segura achando a maior graça da situação.

— É mais esperta do que pensei, Júlia, acho que escolhi a prima errada, devia ter conhecido você antes. — Passa a língua na minha bochecha com tanta vontade que sinto sua aspereza. Fico enjoada e quase vomito na cara dele. — Quando Talita disse a você que a menina era filha dela, cheguei a rir, porque a criança que ela deu à luz dizendo ser minha, fez o favor de morrer pouco depois

de nascer para não dar trabalho a ninguém — relata naturalmente, como se estivesse falando de um inseto peçonhento.

Binladem mesmo sabendo que a menina podia ser sua filha, jogou Talita na rua com um bebê recém-nascido nos braços. Se tivesse sido homem e assumido sua paternidade, Maria Lara não teria pegado pneumonia e hoje estaria por aí correndo para todo lado brincando com coleguinhas da sua idade. Enquanto existem pais maravilhosos como Ricardo, existem outros por aí que não valem o chão que pisam.

— Você é desprezível, eu tenho nojo de você seu assassino ganancioso. — Junto toda a força que me resta e cuspo na sua cara. Eu o odeio com toda o meu ser.

— Sabe o que eu fiz com sua priminha depois que ela desovou o bebê na sua casa? Eu a torturei, esfaqueando-a superficialmente até conseguir arrancar dela a verdade e o cheque bem gordo que ganhou para roubar aquela pestinha. Depois a matei, sinceramente, perdi a conta de quantas vezes furei a vadia. — Bate minha cabeça na parede várias vezes enquanto minha saliva grossa desliza pelo seu rosto, minha vista chega a ficar escura de tantos golpes que recebo.

— Você é um doente, vai queimar no fogo do inferno por isso! — Travo o maxilar. Ele é desprezível.

— Tudo isso podia ter sido resolvido em segredo, Júlia, eu ia dar um fim em todos que estão ligados ao passado “Noia”. Ele tem que sumir de vez, para que o poderoso Binladem reine com toda sua majestade. Já tinha tudo planejado para a morte da sua família e a do Delegado, por isso coloquei um olheiro na equipe do cara para saber tudo sobre sua rotina. — Respira fundo, o calor da sua respiração chega a tocar minha pele, está realmente chateado por eu ter estragado seu plano maléfico. — Mas não! Você tinha que pedir ajuda para sua amiguinha, a filha da mãe colocou a porra de um hacker atrás do meu rastro, e o filho da puta do moleque é dos bons. Consegui me achar e não faço ideia de como, então tive que adiantar minha queima de arquivo. — Olha na direção da Yudiana de um jeito que a faz se encolher toda, fazendo com se lembre de outros momentos ruins da sua vida. Depois volta a atenção para mim, continuando a sessão tortura psicológica.

— Não ouse chegar perto deles, ou eu acabo com você — esbravejo.

— Não só vou, como vou explodir a casa do Delegado com a família toda dentro, mas a sua vou caprichar mais, afinal, têm o mesmo sangue da minha ex-

mulher, somos quase parentes, não posso fazer feio.

Caramba! Esse homem é completamente louco, um verdadeiro psicopata. E eu e a minha amiga estamos nas mãos dele, não sei se a essa altura alguém notou a nossa falta. Será que vamos morrer aqui? Não sei, mas confesso que estou morrendo de medo. Principalmente pela Yudiana, ela não merece ter um fim assim por minha culpa.

— Por que está me contando isso, Binladem? Podia só ter me matado facilmente, qual o motivo desse show todo? — Tento agir friamente como ele, preciso ganhar o máximo de tempo possível e fazê-lo acreditar que é o “todo-poderoso” que pensa e está no controle da situação.

— É, eu podia, mas qual seria a graça de dar um golpe de mestre desse e não ter para quem me gabar? Além do mais, quero me divertir um pouquinho com você e a sua amiga antes. Quando vi a foto de vocês fiquei de pau duro. — Tenta me beijar, mas viro o rosto bruscamente. Dessa vez o vômito chega a vir na minha garganta, ele tem um cheiro enjoativo de erva queimada.

Eca!

— Prefiro morrer, você me dá nojo. — Dou uma joelhada no meio das suas pernas fazendo-o se curvar de dor e aproveitamento para tentar fugir.

Mas não ando muito, ele consegue me alcançar e cata minha cintura me arremessando contra uma pilastra que fica bem no meio do galpão. Tira uma arma da cintura e desliza o cano dela na parte de dentro da minha coxa enfiando debaixo da saia do meu terninho social. Começo a me debater, se quiser me estuprar terá que me matar antes, porque enquanto tiver forças, lutarei.

Sempre foi assim, em todas as áreas da minha vida.

— Hummm, adoro as marrentas, mas como sei que o policial Carlos tem umas pendências com o Delegado, vou passar a vez para ele e me conformar em dar um trato na sua amiga gostosinha primeiro. Depois trocamos, para então entregar as duas para ao resto da gangue, eles também merecem se divertir. — Abre o fecho da calça mostrando uma virilha cabeluda, nunca vi cena mais nojenta.

— Valeu pela consideração, chefe, vou amar arrombar essa neguinha metida a valente. — O policial corrupto joga um beijinho na minha direção, chego a arrepiar de nervoso só de imaginá-lo me tocando.

— Tira a mão de mim, seu monstro! Socorro! Alguém ajude a gente, por

favor. — Carlos traz Yudiana arrastada pelo cabelo e a entrega ao Binladem, minha amiga esperneia em pânico, antecipando toda a dor de mais uma vez ter seu corpo violado.

— Ninguém pode ajudar vocês agora, meu amor. Duvido estarem vivas quando terminarmos, mas não vou fodê-la aqui, Julinha, vou levá-la para um lugar mais “reservado”. — Ele me puxa pelo braço, mas resisto o máximo que posso, ele saca a pistola e aponta para a minha cabeça.

Morde meu ombro até chegarmos em um sofá preto que fica no canto e me joga sobre ele. Eu não tiro os olhos de Yudiana, ela assim como eu, está lutando bravamente para evitar que aquele homem asqueroso a toque. Mas eles são bem maiores e fortes, acabaremos perdendo as forças em breve.

Isso é desesperador.

— Quer saber? A festinha vai ser aqui mesmo, bom que uma amiguinha vê a outra enquanto é comida bem gostoso. — Quando ele leva a mão na minha roupa para rasgar, paralisa ao ouvir o som de helicóptero voando bem em cima do barracão.

É óbvio que pelo som alto sem sincronia das hélices é mais de um. O tiroteio que começa lá fora, nos avisa de que já descobriram onde nós estamos. Sorrio, sabendo que essa invasão na favela da Rocinha é obra do meu eterno Delegado. Eu posso sentir sua presença, e acredito que o seu humor não deve estar dos melhores.

A cavalaria chegou!

— Sua hora chegou, X9 — gabo-me. Ainda bem que quem ri por último, ri melhor. — Bater nos outros, armado, ou junto de um grupo é fácil, quero ver agora enfrentar a fúria do Delegado Avilar cara a cara. — O covarde chega a engolir seco de medo, se trabalhou na equipe do Ricardo, sabe que ele não brinca em serviço.

— Cala boca, vadia, enquanto você estiver em meu poder, nada me acontece. — Grunhe se cagando de medo, não demorará a ter que trocar a cueca.

— Que porra é essa, Carlos?

Binladem fica louco percebendo que seu esconderijo foi descoberto, graças a Deus deixou Yudiana em paz e começa a andar para todo lado, mandando os bandidos que estão protegendo a porta do galpão irem para o lado de fora participar do confronto em sua defesa.

— Não sei, chefe, deve ser outra gangue querendo tomar a frente do tráfico aqui na Rocinha. — Encolhe os ombros. Banana!

— Ah, não sabe, seu vacilão? Alguém deve ter seguido vocês, como não viu isso, filho da puta do caralho? — Carlos não responde nada, sua frio. As gotículas chegam a escorrer pelo pescoço.

— Deu ruim, chefe, a favela está sendo invadida pelo batalhão da polícia militar, com apoio da Civil e pela quantidade de homens, acho que até o exército. Têm vários helicópteros sobrevoando a Rocinha, estão abatendo nossos homens como frango no aviário, fazendo a limpa por onde passam, “véi”. — Chega um cara gritando desorientado com uma metralhadora em mãos e o rosto cheio de sangue, nem dá para ver direito, ao certo, sua fisionomia.

— Bora fugir e levar essas piranhas conosco de refém, assim que estivermos bem longe, fuzilamos elas — Binladem ordena. Eles pegam mais munição e mochilas cheias de dinheiro.

— Está bom, chefe.

— Vamos cada um para um lado, assim temos mais chances, leva a namoradinha do Delegado contigo, que eu levo a amiguinha dela.

— Não! Ninguém vai separar a gente, terá que matar as duas aqui ou nos levam juntas como refém. — Abraço Yudi, nada, nem ninguém, irá me fazer soltá-la.

— Se não soltar, eu atiro em você, porra! Vai poder fazer companhia à sua prima Talita, o que acha? — Binladem coloca a arma no meio da minha testa, destravando, é só apertar o gatilho e adeus Júlia.

Não me movo.

Não vou me separar da minha amiga no meio dessa guerra.

— Tudo bem, Júlia. Eu vou com ele, sei me cuidar, não se preocupe. — Yudiana segura a minha mão, e é nessa na hora que desabo. — Você e a Dani são como irmãs para mim, não quero que morra na minha frente, precisamos nos manter vivas o máximo de tempo possível. — Assinto, ela tem razão.

— Eu te amo, amiga. — Nós duas choramos muito e ela vai soltando minha mão aos poucos.

— Eu também te amo, Júlia, fique com Deus.

— O único Deus que existe na Favela da Rocinha sou eu, e ninguém nunca

vai conseguir me derrubar meu reinado. — Binladem agarra no braço da Yudi, com a arma prensando suas costas. — Agora vamos, parceiros, atirem em qualquer um que aparecer fardado na sua frente — conclui e temo pela vida do Ricardo. Se acontecer alguma coisa com ele, não sei o que farei.

Mal saímos do lugar e um cara é derrubado com um tiro na cabeça bem na minha frente, chega a espirrar sangue em mim. Entro em pânico, mil vezes pior do que quando tenho um ataque de claustrofobia. Lembranças do dia em que minha mãe morreu em meio a um tiroteio igual a esse, entre policiais e bandidos, me vêm à mente, piorando ainda mais o meu estado.

Escuto tiro para todo lado, o chão repleto de vários corpos dos integrantes da gangue do Binladem.

— Anda logo, sua inútil, você está me atrasando. — Carlos parece um louco, sai me arrastando pelos becos estreitos da Rocinha, não consigo andar mais, sentindo uma ardência na perna.

— Não consigo mais, acho que levei um tiro de raspão na perna. — Inclino passando a mão na minha panturrilha, meus dedos ficam cheios de sangue.

— Se não pode andar, então acho que é hora de dizer adeus e me livrar do peso morto. — Me força a ficar de joelhos, aponta a arma na direção do meu coração por cima da blusa.

Fecho os olhos me entregando à morte.

Minha vida toda passa diante aos meus olhos, a primeira imagem que se forma em minha mente é a da minha filha. Agora que estou prestes a morrer, posso chamá-la de “minha”, porque por mais que tente aceitar a verdade, meu coração se nega. Minha menininha linda, que me fez feliz pelo simples fato de existir mesmo nos últimos dias que estive longe de mim. Penso em como meu pai e irmão ficarão quando receberem a notícia da minha morte. Vão sofrer imensamente, principalmente quando contarem a eles a forma brutal que foram meus últimos segundos com vida.

E por fim — mas não menos importante — penso em Ricardo, o homem que não só me provou que o amor existe, como me ensinou o que é amar da forma mais intensa possível. Eu o amo em uma escala tão alta que meu coração parece que vai explodir, nossa conexão é tão grande que sinto sua presença nesse momento, o perfume marcante que tanto gosto.

— Adeus, Carlos.

Estou ficando louca de vez, ou acabei de ouvir a voz do Ricardo?

Não tenho coragem de abrir os olhos e perceber que tudo não se passa de uma triste ilusão da minha cabeça, e rezo para que Carlos acabe com isso logo de uma vez.

— Se você se aproximar, eu atiro nela, Delegado. — Carlos me puxa para cima, me colocando em sua frente de costas para ele, fazendo de mim um escudo humano, o tempo todo com arma apontada na minha direção.

Esse covarde está tão apavorado que sinto seu coração pulando dentro do peito encostado nas minhas costas, fora a tremedeira da perna direita.

Enfim, crio coragem de abrir os olhos e o vejo. Meu grande amor. Tão lindo. Poderoso. Dentro do seu uniforme de trabalho, com o colete à prova de balas escrito Polícia Civil, um apetrecho e tanto para qualquer fantasia sexual. É uma cena muito excitante vê-lo em ação segurando uma arma com tanta prática e segurança que... Nossa Senhora, sem exagero nenhum, ele é perfeito. O tipo de homem que não tem medo em ação, age friamente.

Já o idiota atrás de mim, cheira covardia de longe, transpirando feito um porco.

— Oi, Marrenta, que bom te ver novamente — diz todo cheio de charme com um sorriso de canto que me deixa sem fôlego, mas sem tirar os olhos de Carlos. Eu o amo demais.

— Faça das suas, minhas palavras, Delegado. — Elevo mais o rosto, nessa hora uma expressão de puro ódio modifica sua feição.

Carlos deve ter feito um estrago pior do que pensei no meu rosto, porque o jeito enfurecido em que olha para o local que ele me deu um soco, é assustador. O Delegado que age friamente foi embora, dando lugar a um homem irado, com sede de vingança.

— Eu avisei para não cruzar meu caminho novamente, Carlos — seu tom é de pura ameaça, perigoso e calculista. — Machucou duas pessoas importantes para mim, uma delas é a mãe da minha filha. Já perdi minha alma gêmea uma vez, e não pretendo passar pela mesma dor novamente. — Engasgo com a própria saliva quando Ricardo diz isso olhando fixamente nos meus olhos, é mais uma declaração de amor para mim do que ameaça para o Carlos.

“Mas saber ser amado é uma coisa, sentir-se amado é outra, uma diferença de quilômetros. ”

— Que romântico, Delegado, acho até que vou chorar — zomba, esfregando o cano da arma na minha pele. Ricardo não se intimida, ao contrário, seus olhos pesquisam o local à nossa volta, analisando quais são as possibilidades de me salvar das garras desse cretino o mais rápido possível.

— Você confia em mim, Ricardo? — Pergunto com a voz abafada, segurando a emoção, tenho um plano em mente, mas preciso do seu consentimento para entrar em ação.

— Agora e sempre, amor — responde, travando o maxilar, ciente de que farei alguma coisa.

— Cala a porra dessa boca, vocês dois! Primeiro vou dar um tiro na cabeça dessa vadia, depois vou fugir indo direto fazer uma visitinha para o seu queridinho Barreto no hospital, para terminar o serviço — Ricardo ameaça dar um passo, mas faço sinal que não, sutilmente. — Gostou da obra de arte que fiz no rostinho bonito da Júlia? Eu ia fodê-la também, mas, infelizmente, não tive tempo. — Dá um beijo molhado no meu rosto, aproveito que o cretino não espera por um ataque e pisco duas vezes fazendo sinal para o Ricardo.

Ele assente, com o medo tomando o seu olhar. Aproveitando que meu casaco é de tecido liso, em uma fração de segundos, deslizo minhas costas no peito do Carlos até ficar na altura que preciso. Dobro o braço erguendo bem alto no formato de um bumerangue em pé e abaixo com tudo acertando o cotovelo no seu estômago com toda força que tenho. Quando o cretino curva de dor, aproveito para girar o corpo e chuto a arma em sua mão fazendo-a voar para bem longe caindo no telhado de um barraco na rua debaixo.

Quando dou por mim, Ricardo vem para cima de nós igual ao Hulk, verde de raiva com os músculos tensionados golpeando Carlos com um murro no queixo de baixo para cima, ele cambaleia para trás meio tonto com o impacto, mas não cai e ainda consegue armar um soco. Mas meu amor é mais rápido para contra golpear agarrando no seu pescoço e derrubando-o com um golpe só, que faz o chão estremecer.

E cai de soco em cima do Carlos... incansavelmente.

— Você... pensou... mesmo... que poderia... bater na minha mulher e sair impune? — Cada intervalo é um murro que desfere no rosto de Carlos, sem dó ou piedade.

Ricardo não solta mais um ruído, nem quando bate nem quando Carlos raramente consegue acertá-lo. Porém, não com a mesma intensidade da sua ira.

Confesso que estou assustada, nunca o vi tão fora no controle, a raiva faz seus músculos pularem em pequenos espasmos contínuos. Esse à minha frente não é o meu Delegado, ele se transformou em um assassino impiedoso que só irá se contentar quanto o matar com as próprias mãos.

— Já chega, Ricardo, assim vai matá-lo, não vale a pena arriscar seu distintivo por esse verme. Ele pode ser corrupto, mas ainda é um policial. — Seguro seu braço, mas na hora da raiva ele acaba arremessando a mão fechada para trás acertando meu nariz sem querer.

Caio no sentada no chão com o nariz sangrando, mas não acho que tenha quebrado, provavelmente apenas uma veia que se rompeu.

— Meu Deus, amor! Desculpa, não queria te machucar. — Enfim Ricardo recobra a razão e vem até mim me ajudando a ficar de pé. Ele me abraça bem forte como se não me visse há anos. — Preciso tirar você daqui, ainda está tendo tiroteio e não é seguro — fala depressa enquanto tira o colete à prova de balas do próprio corpo e o coloca em mim, com todo cuidado do mundo como se eu fosse uma criança e não pudesse fazer isso sozinha.

Fico observando com atenção enquanto ele fecha as travas com uma habilidade invejável ajustando-o no tamanho adequado para mim, em movimentos rápidos e precisos.

— Precisamos achar minha amiga, Binladem a levou como refém e eu não saio daqui sem ela.

Estou com tanto medo que algo de ruim aconteça com minha amiga. Eu não me perdoaria nunca.

— Não se preocupe, Júlia, Thompson foi atrás dela com sua equipe de segurança, vimos quando saíram com vocês do galpão. Devem estar indo para casa agora, assim que der, entro em contato. — Ricardo alisa meu rosto, seu olhar transmitindo diversos sentimentos.

— Ricardo — digo seu nome em um sussurro. Quando ele olha por cima do ombro, se depara com Carlos com o tronco um pouco erguido segurando uma pequena arma que tirou escondida da barra da calça.

— Devia ter me matado, Delegado, isso é o que dá ter coração mole. Agora vou acertar onde mais dói em você — aponta a arma bem na minha testa desviando do colete à prova de balas, quer acertar para matar.

Ricardo havia deformado o rosto dele, o maxilar está meio torto e os dentes,

a maioria, quebrados. O nariz afundou e está muito inchado e roxo. Olhos muito vermelhos, correndo um grande risco de ficar cego depois.

— Pensa bem, Carlos, você já não acha que está encrencado demais? Vai querer mais um assassinato nas suas costas? — Ricardo usa seu melhor tom apaziguador sacando lentamente sua arma da cintura, sem tirar os olhos de Carlos, mas tentando me manter calma.

— Mais um não vai fazer diferença, essa daí eu faço questão de mandar para o inferno em homenagem a você — declara com uma certa dificuldade, mas com bastante determinação.

Fecho os olhos quando ele ameaça apertar o gatilho, tremo por antecipação. Meu corpo é baqueado me fazendo dar passos trôpegos para trás antes de ouvir o estampido de três tiros. Sinto-me zozza, um zunido em meus ouvidos incomodando ao extremo.

— Você está bem, amor? — Pergunta ofegante passando a mão por toda extensão do meu rosto e corpo, apavorado que um dos tiros tenha pegado em mim.

— Eu estou bem, Ricardo. — Balanço a cabeça nervosamente para confirmar as minhas palavras, talvez mais para mim, do que para ele. O abraço girando a cabeça para olhar para o lado e vejo Carlos esticado no chão, ele o acertou em cheio, mas tem alguma coisa errada.

Os braços do Ricardo se afrouxam em volta de mim. O que é estranho já que todos os seus abraços são de urso, dessa vez não chega nem perto disso. Afasto-me num rompante e olho para baixo surtando ao ver o colete em meu corpo, cheio de sangue. Mas nem se comparava à camisa do Ricardo. Ele olha para mim de um jeito melancólico levando as duas mãos sobre o abdômen que jorra o líquido vermelho sem parar, quando percebo que vai cair eu o amparo ajudando-o a deitar no chão com cuidado.

Meu Deus! Ricardo levou um tiro para me salvar, quando pulou na minha frente, ele sabia que era ele ou eu.

Ele escolheu a mim.

— NÃÃÃO! Por que fez isso, Ricardo? Isso não é justo! Essa bala era para mim, não devia ter entrado na frente. Mas que droga! — Debruço sobre ele pressionando o local onde pegou o tiro, farei de tudo para salvá-lo.

— Não quis arriscar te perder, sou egoísta demais para viver em um mundo

sem você, amor. — Sua mão segura meu braço balançando a cabeça, quer que eu pare de pressionar o local do ferimento porque sabe que vai morrer. — Eu até aceito te perder para outro homem, mas não para a morte. — Pouse minha testa na sua, beijando seus lábios salgados devido às minhas lágrimas.

Sua pele está cada vez mais fria, empalidecida. É sinal que a morte está por perto, à espreita, esperando para levar meu amor embora.

— Eu te amo, você é o homem da minha vida. Meu super-herói, primeiro e único amor. — Não consigo continuar, meu choro é compulsivo e doloroso.

— E pai da sua filha — completa com um pouco de dificuldade, está com dificuldade de respirar.

Seus olhos escurecem mexendo as pestanas com dificuldade, tenho medo que apague então tento me acalmar e continuo conversando com ele.

— Isso mesmo, pai da minha filha. — Meu coração corta quando ele sorri deixando uma lágrima cair ao me ouvir dizer isso, é como se pudesse ir em paz agora.

— Promete que vai cuidar da Maria Lara para mim? — Assinto alisando seu rosto, ele não acatou meu pedido de chamar a filha pelo nome verdadeiro. — Diga o quanto eu a amo, e que sinto muito por não poder estar presente nos momentos mais importantes da sua vida. — Tapa a boca tossindo algumas vezes, quando ergue a mão, há sangue na sua palma.

— Não vai morrer assim, Ricardo, por favor, aguenta só mais um pouco, vou procurar ajuda.

— Não me deixa, eu imploro. — Seu olhar deixa o meu rosto e ele contempla o céu onde o sol começa a se pôr.

Meus pulmões parecem estourar dentro do peito, mas controlo a respiração, ele merece meu melhor nesse momento. Agora eu entendo Ricardo, a sensação de estar perdendo alguém que se ama é devastadora.

— Eu não vou te deixar nunca mais, eu juro. — Deito ao seu lado de frente para ele, enlaçando seus dedos como sempre fazíamos quando andávamos de mãos dadas.

Seu olhar é cada vez mais distante e vazio. Triste. Abaixo a cabeça, soluçando, na tentativa inútil de engolir o choro, quero ser forte, mas é impossível.

Uso o resto de força que tenho para erguer meu queixo e quando nossos olhares se cruzam — pela última vez — ele sorri fraco, mas galanteador, como sempre.

— Você acreditaria se eu dissesse que tenho duas almas gêmeas? E uma delas está bem à minha frente — ele diz, meus lábios tremem em um choro silencioso.

— Acredito! Porque eu também tenho duas, você e a nossa filha. — O beijo várias vezes, bem de leve, mas com muito amor.

— Eu te amo, Júlia! — Diz pela última vez, fechando os olhos lentamente com uma lágrima solitária deslizando pela sua face.

— Eu também te amo, Ricardo, por toda eternidade — declaro rezando para que tenha dado tempo de ele ouvir, depois disso, deito a cabeça em seu peito, sentindo o calor do seu corpo pela última vez.

Eu não gritei, nem esperneeii, apenas cumpri meu juramento de ficar ao seu lado até o fim.

Capítulo 46



RICARDO

Eu podia ouvir perfeitamente o som do vaivém das ondas de encontro com a areia, em parceria com o canto dos pássaros e o balanço das palmeiras próximas a mim, formando uma melodia original e agradável. Sempre achei que o mar cheirava à liberdade, e eu nunca me senti tão livre como nesse momento. Com um meio sorriso, abri os olhos lentamente, deparando-me logo de cara com um céu azul escuro esplêndido. E um mar que não deixava muito a desejar, de fato, uma vista privilegiada. Contudo, não me era estranha, eu já tinha visto esse lugar nos meus sonhos.

Nunca pensei que a morte fosse um processo tão tranquilo, não senti dor nem medo. Apesar da forma trágica que aconteceu, fiz a passagem de forma totalmente natural. Achei que estava no paraíso ou qualquer coisa do tipo, meu corpo nunca esteve tão leve.

— Você sempre foi apaixonado pelo mar, não é mesmo, amor? — A mão da Andréia tocou o meu braço delicadamente e percebi que estava sentada ao meu lado, ao erguer o olhar fui presenteado com seu belo sorriso que sempre me transbordava de sentimentos bons.

Felicidade e esperança.

— Mas você não gostava muito, Andréia, sua paixão sempre foi a natureza térrea. — Beijei as costas da sua mão, a abraçando bem apertado, cheio de saudade reprimida.

O cheiro dela continuava o mesmo, doce e agradável. Não podia acreditar que ela estava ali comigo, eu havia sonhado tanto com esse momento. O vento balançava seus cabelos ruivos lindamente, mas de um jeito diferente, como em câmera lenta. De rosto limpo, enfeitado apenas pelas sardas e o sorriso realçado pelo brilho da luz do sol. Assim como eu, ela estava descalça e toda de branco, um vestido longo de tecido leve.

Minha camisa era do mesmo tecido do seu vestido — talvez fosse padrão das pessoas desse plano — com mangas curtas e todos os botões abertos. A calça dobrada um pouco abaixo do joelho, era solta e confortável.

Estranhamente meus pés tocavam a areia, porém, eu não sentia os grãos, era como se estivesse flutuando sem sair do chão.

— E você, seu teimoso, sempre viveu para satisfazer minhas vontades acima das suas, até mesmo depois que eu parti se mudou para o Rio de Janeiro e comprou uma casa em meio à natureza só porque fazia lembrar-se de mim. — Não me pareceu feliz ao dizer isso, seu tom era vago e repressivo.

— Essa sempre foi minha satisfação, cumprir a promessa que te fiz no dia do nosso casamento de te amar por toda eternidade. — Inclinei para beijar sua testa, ela sorriu tímida e encostou a cabeça no meu ombro.

Afaguei seus cabelos, enquanto ambos admirávamos a beleza do mar.

— Por isso se sente tão culpado por ter se apaixonado por outra mulher?

Fiquei tenso, como falar para sua esposa que se apaixonou perdidamente por outra mulher? Que estava ao seu lado agora, mas meus pensamentos estavam na Júlia. Em como ela ficaria traumatizada pelo resto da vida por me ver morrer sem poder fazer nada, porque implorei para que ficasse ao meu lado. Que não me deixasse de vez. E ela não deixou. Sabia que eu não tinha muito tempo, e queria que aproveitássemos cada segundo. Deus! Tudo o que eu queria era ter tido pelo menos um minuto para me despedir da minha filha, dizer pelo menos mais uma vez o quanto a amava. E sentia muito por não estar presente durante seu crescimento, mas, entre mim e a Júlia, era melhor que ela sobrevivesse para cuidar na nossa pequena.

Também tinha minha mãe, coitada, surtaria quando soubesse o que houve comigo. Nem deu tempo de dizer a ela naquele dia o quanto a amava, e a mãe maravilhosa que era. Sempre foi. Pedia a Deus que acalentasse o coração de todos, trazendo todo conforto necessário para os seus corações.

Devemos sempre aproveitar cada minuto da nossa vida, porque o tempo não volta. O que volta, é a vontade de voltar no tempo.

— Eu me sentia culpado sim, amor. Fiz de tudo para me manter imune à presença de Júlia na minha vida, tudo mesmo. Mas é impossível conhecer a Marrenta do Morro do Alemão e não se apaixonar por ela, sempre tão valente e protetora com as pessoas que ama. — Sorri lembrando do seu jeito afrontoso, foi então que percebi que a falta dela e da minha ruivinha doía muito mais que o tiro que levei. — Acho que o que mais me encantou nela foi o amor maternal que sente pela nossa filha, queria que você visse como as duas são lindas juntas. — Parei de falar na mesma hora, quando olhei para Andréia ela estava chorando.

Falei sem pensar, deixando o coração falar mais alto.

Me senti mal, primeiro magoei Júlia falando do meu amor pela minha esposa. Agora magoava minha esposa demonstrando todo meu encantamento e paixão pela Júlia.

Que belo canalha eu era.

— Desculpa, amor, eu não devia ficar falando da Júlia assim perto de você, por favor, me perdoe. — Limpei as lágrimas do seu rosto, ela mudou de posição ficando de frente para mim olhando dentro dos meus olhos.

— Eu já vi as duas juntas, Ricardo. Várias vezes, na verdade, muito antes que você — suspirou pesadamente, emocionada demais até para falar. Depois de se acalmar um pouco, continuou: — Quem você acha que soprou no ouvido da sequestradora para levar nossa filha para os braços de um anjo? O mesmo que você pediu a Deus que colocasse no seu caminho e cuidasse dela até que a encontrasse, e eu fiz questão de acompanhar as duas desde então. — Eu estava sem palavras, apenas fiquei fitando Andréia não conseguindo assimilar o que foi dito.

— Então de certa forma foi você que fez nossos caminhos se cruzarem, Andréia? Caramba! Isso é surreal.

— Sim, e acompanhei o amor que floresceu entre as duas de forma tocante, a vida não foi muito gentil com a família da Júlia e eles, mesmo assim, nunca desistiram e lutaram para dar o melhor para a Maria Lara. Sabe que eu gosto desse nome, Júlia tem bom gosto. Sabia que Sofia não foi escolha minha? E sim da minha mãe, não te contei porque sabia que ficaria bravo, mas ela insistiu muito, não falava em outra coisa.

Estava começando a pensar que aquilo tudo era uma ilusão pós-morte, porque não passava nada pela minha mente que pudesse explicar a experiência sobrenatural que estava vivenciando.

— Eu não sei o que dizer, Andréia, estou confuso.

— Você acredita em destino, Ricardo? — Segurou meu rosto entre as mãos, carinhosamente.

— Por que está me perguntando isso, amor?

— Todas as pessoas nascem com um plano traçado, tudo acontece por algum motivo. Não temos controle sobre isso. Somos donos da nossa própria história, das nossas escolhas, mas o destino sempre irá se impor, às vezes

recomeçando do zero. — Balancei a cabeça, encantado com o assunto em pauta.

Torcendo muito para que eu e ela aqui, nesse paraíso, fosse de fato verdade, não um devaneio pós-morte.

— Há mais mistérios entre o céu e a terra, do que podemos imaginar. O final, na verdade, é a oportunidade de vermos o mundo através de outros olhos. — Fez uma pausa longa, e completou séria: — Eu já estou pronta para o próximo passo que Deus planejou para mim, enfim você se libertou do passado e pode seguir em frente. — Enxugou minhas lágrimas com o dedo polegar, sempre fazia isso.

Era uma mania sua, característica única.

— Como assim seguir em frente, amor? — Minha voz saiu embargada, a emoção me tocou bem fundo.

— Porque ainda não chegou a sua hora, isso é apenas um sonho. Eu te amo muito e quero que seja feliz com a Júlia e a nossa filha, mas para isso você tem que acordar, Ricardo. — Bateu com as duas mãos abertas no meu peito, fazendo-me inclinar para trás.

— O que você está fazendo, Andréia? — Perguntei, confuso.

— Volta, Ricardo, agora! — Ela repetiu o ato dessa vez com mais força nas mãos, senti um choque forte no peito e tudo ficou escuro à minha volta.

— Volta, Ricardo, não desista de viver. — Levo outro choque no peito, mas não é a voz da Andréia que escuto, mas a de um homem.

Eu não consigo me mexer, mas escuto um fluxo grande de pessoas andando à minha volta, afobadas, falando ao mesmo tempo. Sons de máquinas apitando, uma verdadeira loucura.

— Ele voltou, doutor, os batimentos cardíacos estão normalizando e a PA subindo — grita alguém enquanto enfia um tubo na minha boca e desliza pela garganta causando uma sensação enjoativa, mas assim que termina, consigo respirar melhor.

Mas depois apago de vez em uma escuridão sem fim...

Capítulo 47



JÚLIA

Eu quase não acreditei quando o paramédico, após avaliar o Ricardo, revelou que apesar de ele ter perdido muito sangue e o ferimento à bala ser gravíssimo, seu coração ainda batia, mesmo que bem fraquinho. Sim! Meu amor ainda estava vivo, e forte como é, conseguirá sair dessa e voltar para mim. Eu tinha certeza. Imediatamente o imobilizaram na prancha de resgate cobrindo seu corpo com papel alumínio para aquecê-lo até chegar ao hospital. Fui junto na ambulância segurando sua mão o tempo todo, rezando para que Deus tivesse misericórdia dele e salvasse sua vida. Enfrentaremos esse e todos os próximos problemas que aparecerem. Nada e nem ninguém irá me separar desse homem, nunca mais.

Nem mesmo eu.

O susto que estou passando hoje serviu para me fazer acordar para vida, de uma vez por todas.

Ricardo chegou ao pronto socorro e tudo já estava preparado para uma cirurgia no mesmo hospital em que o Barreto estava internado. Agora era o seu amigo que estava entre a vida e a morte. Os paramédicos foram sinceros comigo, o caso dele era crítico com pouquíssima expectativa de sobrevivência. Surtei quando não me autorizaram a entrar com ele na sala de cirurgia, não queria perdê-lo das minhas vistas, foi preciso dois enfermeiros para me impedir. Queria segurar sua mão, sussurrando no seu ouvido para ser forte pela filha e todas as pessoas que o amam.

Depois que ele entrou, fiquei andando de um lado para o outro na sala de espera por um bom tempo, devia estar parecendo uma louca com o cabelo todo bagunçado e a roupa repleta de sangue do Ricardo. Só me acalmei quando vi Yudiana chegando com Juiz Thompson, o agradei mentalmente por cumprir sua promessa de mantê-la segura. Mas havia algo de muito estranho acontecendo entre eles, mais que o normal. A primeira coisa que minha amiga fez foi correr para me abraçar evitando contato visual comigo.

Sua roupa estava mais suja de sangue do que a minha e não era dela, nem do Juiz Thompson. Ele se manteve o tempo todo afastado olhando para nós duas

de longe com as mãos enfiadas no bolso da calça de moletom, mesmo com aquelas roupas esportivas e cheias de sangue, continuava elegante. Tentei fazer perguntas à minha amiga sobre tudo o que houve antes de eles chegarem no hospital, porém, não obtive sucesso. Yudiana não abriu uma brecha, disse que o que importava era que estávamos seguras agora e a maior preocupação no momento era o estado de saúde do Ricardo.

A situação ficou mais estranha ainda quando a esnobe da recepcionista, totalmente imersa ao sofrimento alheio, ligou a televisão fixada na parede no exato momento em que a programação normal foi cortada para dar a notícia sobre o tiroteio na favela da Rocinha. Primeiro mostraram a gravação do resgate do Delegado Avilar pelos bombeiros, depois revelaram algo que me deixou em choque:

“O traficante mais perigoso do país, Binladem, foi encontrado morto em um beco com dois tiros na cabeça.”

Nesse momento minha Yudiana e o Juiz Thompson se entreolharam de um jeito muito estranho, cúmplices. Havia acontecido alguma coisa na favela da Rocinha que só os dois sabiam.

Mas esqueço de tudo quando escuto uma vozinha doce que eu tanto amo e estava morrendo de saudade. Viro em direção à porta agachando já de braços abertos para receber Sofia que solta a mão da avó e vem correndo até mim assim que me vê.

— Que saudade de você, meu amor, vem aqui me dar um abraço.

— Que saudade, mamãe — diz abraçando meu pescoço bem apertado, parece ter crescido muito durante o curto período em que estivemos longe uma da outra.

É evidente que foi muito bem cuidada pela avó e o pai, linda com uma fita rosa enfeitando o cabelo. Tão doce a minha menininha, parece uma princesa encantada de verdade. Eu a amo muito, estar com ela nos meus braços depois de passar os últimos dias pensando que não a veria nunca mais, é simplesmente uma sensação sublime.

— Eu também senti muita saudade de você, Sofia. — Inclino para olhar para o seu rostinho delicado, ela me analisa com o mesmo amor que recebe de mim.

— Por que me chamou de Sofia e não de Maria Lara, mamãe? — Questiona

ajeitando meu cabelo bagunçado atrás da orelha, tirando atenciosamente alguns ciscos entre os cachos.

— Porque esse é o seu nome verdadeiro meu amor, eu já te expliquei sobre isso, lembra? — Ela assente desanimada, mas não faz pirraça ou reclama. Fico com pena, mas tem que começar a se acostumar com o nome verdadeiro.

— Na verdade, não é mais, Júlia. — Olho para o Juiz Thompson por cima do meu ombro, e antes que eu pergunte do que está falando, ele se adianta para explicar. — A audiência que teve no fórum mais cedo com Ricardo foi devido ao processo que ele abriu de retificação de registro civil para modificar o nome da filha para Maria Lara Sofia Avilar. — Levanto meio tonta sem acreditar no que acabo de ouvir e sou amparada pela dona Célia. Ela chora, emocionada, já deve estar sabendo que o estado do filho não é dos melhores.

— E ele alegou qual motivo para fazer isso, Juiz Thompson? — Indago em choque, jamais esperava por essa atitude da parte do Ricardo.

Meu Deus!

— O Delegado disse que era em homenagem a uma das duas mães da criança, Júlia Helena da Silva, que escolheu esse nome para a filha antes mesmo de ela saber da sua existência. — Minha vista fica turva, a boca cada vez mais seca com o coração batendo rápido. — Ele pediu minha descrição no caso, Júlia, então montei a audiência e convoquei o Juiz Fernando Paes, da Vara da Fazenda Pública e de Registros Públicos que autorizou seu pedido, portanto, perante a lei, a partir de hoje o nome da menina é Maria Lara Sofia Avilar.

Perco a noção de tudo e todos à minha volta, minha visão escurece e começo a entrar em um estado letárgico. Até perder as forças, as emoções foram demais para um dia só.

Acordo já no quarto, deitada em uma cama e vestida com a roupa do hospital, sentindo todo meu corpo dolorido, talvez devido à queda do desmaio. Encontro-me meio desorientada, acho que ainda estou sobre o efeito de medicação. Minha perna está enfaixada, lembro de sentir a queimação quando estava nas mãos de Carlos, parece um ferimento superficial.

Evitando o forte impacto da luz branca em meus olhos, desvio o olhar para a grande janela de vidro. As persianas estão abertas, os galhos de uma árvore balançam lá fora e cai uma chuva bem fininha.

— Bom dia, Júlia. Como está se sentindo? — Pergunta a mulher toda de

branco, sorridente, enquanto anota alguma coisa na sua prancheta com uma expressão amável.

E é muito bonita também, pele bronzeada e cabelos castanhos em um corte reto na altura do ombro, partido de lado. Olhos verdes brilhantes, que me fitam de forma íntima que me faz sentir segura para confiar nela.

— Como está o Ricardo? — É a primeira coisa que digo, totalmente trôpega ao proferir as palavras.

Pisco as pestanas com certa lerteza, não conseguindo manter os olhos abertos por muito tempo. Mas o suficiente para ver quando a médica fecha o sorriso, congelo com medo de ela dizer que ele não aguentou e morreu na mesa de cirurgia.

— Infelizmente, Júlia, ele teve duas paradas cardíaca e...

Não disse?

— Ele morreu, não é mesmo, doutora? — Completo em um soluço alto, não conseguindo conter as lágrimas.

— Ei, calma, mocinha, não pode ficar nervosa no seu estado. — É estranho ela me chamar de “mocinha”, já que aparenta ter mais ou menos a minha idade. — Como eu estava dizendo, o Delegado Avilar teve duas paradas cardíacas, mas os médicos conseguiram reanimá-lo e pelo o que fui informada a cirurgia foi um sucesso e no momento ele se encontra em coma induzido — dá a notícia animada, segurando minha mão, sabendo que me deixou imensamente feliz.

Preciso de alguns instantes para processar o que disse, e a doutora respeita isso se mantendo em silêncio enquanto eu rezo baixinho agradecendo a Deus por ouvir as minhas preces. Respiro mais aliviada, faço o sinal da cruz em forma de respeito, após tanta tensão, consigo sorrir novamente.

— Preciso vê-lo agora mesmo, em qual quarto ele está? — Ameaço levantar já levando a mão na mangueirinha do soro para arrancá-la, mas sou impedida pela doutora que deixa a prancheta sobre a cama segurando-me pelos ombros me obrigando a permanecer deitada.

— Essa teimosa está te dando trabalho a essa hora da manhã, doutora? — Yudiana entra no quarto de jeans, blusa de linho vermelho e botas caramelo, segurando um copo de café.

Com certeza passou a noite aqui comigo como minha acompanhante e alguém trouxe roupa para ela tomar banho, provando que nossa amizade é mais

que verdadeira. Mesmo depois do dia de merda que passamos, mais uma vez não me deixou sozinha.

— Está sim, pode me ajudar aqui com sua amiga? — A doutora tem o cenho franzido, mas seu ar é risonho.

— Sua pressão subiu muito ontem, Júlia, a doutora Valéria disse que desmaiou por conta disso — Yudiana diz no seu melhor tom mãezona afagando meu cabelo. Dá certo porque desisto de querer levantar, sossegando o facho.

— E pressão alto é um risco grande para as mulheres grávidas, tem que se cuidar fazendo o pré-natal direitinho para não correr o risco de ter uma eclampsia, Júlia.

— Oi? — Meu peito começa a subir e descer muito rápido, como assim, grávida?

Ela só pode estar enganada, meu Deus!

Sento na cama sentindo um calor estranho, minha cabeça roda, pesada e latejante. De medo, aflição, do entusiasmo e acima de tudo, muita alegria. Ter um pedacinho do Ricardo crescendo dentro de mim é mais do que a realização de um sonho perfeito, para a vida toda.

— Tente se manter calma, Júlia. Sua pressão está subindo novamente, como disse, isso não é bom no seu estado. — Acaricia meu ombro ao falar, olhando fixamente para um dos monitores acima de mim, tento respirar mais devagar e me acalmar um pouco.

— A senhora está dizendo que eu estou grávida, doutora?

— Sim. De aproximadamente seis semanas, você não sabia, querida? — Não preciso responder, meu choro compulsivo com as mãos sobre a barriga, diz tudo. Há um bebê crescendo dentro de mim, novamente.

A felicidade não cabe no meu peito e em breve será notável, para todos verem.

Estou grávida e muito feliz!

— Que alegria! Eu vou ser titia, a Dani vem te visitar mais tarde e vai surtar quando souber da novidade. — Yudiana solta um gritinho de euforia, batendo palminhas, chorando de alegria junto comigo.

— Minha filha, Maria Lara Sofia Avilar, também vai ficar muito feliz quando souber que o irmãozinho que ela tanto queria já está a caminho. — Faço

questão de dizer o nome dela completo, ainda estou em choque com a homenagem que o Ricardo fez ao bebê que eu perdi.

Eu juro que tentei me afastar dos dois porque pensei que era o melhor, porém, por mais que tente fugir, a vida me puxa para ainda mais perto deles. Pensava estar roubando o lugar de outra pessoa, mas agora vejo que estou onde devo estar. Depois dessa notícia maravilhosa que recebi, então, é impossível conseguir ficar longe do pai e da irmã do meu filho. Tenho certeza que Ricardo vai se recuperar logo, e se ele me aceitar de volta, nós quatro seremos uma família feliz.

Pelo menos se depender de mim.

— E o seu pai e o Binho, então? Vão surtar, já estou até vendo a cena. Eles chegaram ontem à noite no hospital, desesperados, e foram autorizados a visitar você, mas estava dormindo e não quiseram te acordar. Prometeram voltar hoje no primeiro horário de visita e irão trazer roupas. Quando saíram, dona Célia deixou a neta com eles na sala de espera e veio dar uma olhadinha em você, está arrasada por causa do que aconteceu com o filho dela. — Estou com muita vontade de ver e abraçar muito meu pai e o Binho, devem estar muito preocupados comigo.

Também queria dar um abraço demorado na dona Célia, dar meu apoio e a novidade de que será avó novamente. Apesar do momento tenso, vai surtar de alegria. Sempre torceu por nós dois, ela, mais do que ninguém, contribuiu para essa criança que está sendo gerada em meu ventre.

— Mal posso esperar para contar para todo mundo sobre o mais novo membro da família, principalmente para o Ricardo. Não aconteceria um milagre desses a não ser para juntar nossa família novamente, não existe erro no plano de Deus.

Eu realmente tenho fé nisso, agora está tudo nas mãos do tempo. Dias melhores virão e vai ter muito amor, paz e felicidade.

Porque confiando em Deus, de verdade, não tem como as coisas darem errado.

— Eu sei que está ansiosa para contar a novidade a todos, Júlia. — Faz uma pausa me analisando, seriamente. — Mas, por ora, tente se acalmar, vou passar um medicamento para que relaxe um pouco, temos que manter sua pressão arterial sob controle. — Assinto várias vezes enquanto a escuto atenciosamente, irei seguir tudo o que disser, à risca.

— Sim, senhora, doutora. Vou fazer tudo direitinho, principalmente o pré-natal. — Não consigo parar de sorrir.

— Ficaré de observação por hoje, se tudo der certo, amanhã terá alta — explica, se despede sorrindo e vai embora.

Pouco tempo depois, a enfermeira traz o medicamento prescrito pela doutora para me fazer relaxar um pouco. Porém, estou tão eletrizada pensando em tudo, que não consigo pregar o olho. Na verdade, quem acabou dormindo foi Yudiana, deitada na cadeira reclinável ao lado da minha cama, parecendo exausta, tadinha.

Eu sei que devo ficar deitada quietinha na cama, mas preciso ver o Ricardo de qualquer maneira. Levanto sorrateiramente, seguro o tripé onde o soro está pendurado e o empurro devagar. Saio pelos corredores, descalça, empurrando o tripé com cuidado para que ele não tombe. Por sorte, ninguém me parou, já que têm alguns outros pacientes fazendo caminhada pelos corredores. Não demoro para encontrar o setor particular pós-operatório, aproveito que não tem ninguém na recepção e passo batido, passando quarto por quarto à procura do meu amor.

Na terceira tentativa, abro a porta e a cena que vejo é de partir o coração. Ricardo está na cama respirando com a ajuda de um tubo introduzido em sua boca, fora as várias máquinas ligadas ao seu corpo. Tento identificar para o que cada uma serve, mas não obtenho sucesso, não entendo nada disso. Apresso-me em me aproximar, não tenho muito tempo, assim que notem minha falta, mandarão alguém atrás de mim, preciso ser rápida.

— Oi, amor, que susto você deu, hein? — Faço carinho em seu rosto com as pontas dos dedos, sua pele está muito pálida e fria.

O ar condicionado do quarto permanece ligado no máximo, me fazendo ter a sensação de estar dentro de uma geladeira.

— Sabia que vamos ter um bebezinho? — Pisco algumas vezes para conter as lágrimas, estou muito feliz e triste ao mesmo tempo por vê-lo nesse estado. — Acabo de descobrir que estamos grávidos, e que em breve o fruto do nosso amor virá ao mundo, e eu quero muito que esteja aqui para segurar nosso filho nos braços — conluo baixinho, beijando seu rosto, como tive medo de nunca poder sentir essa oportunidade novamente.

Eu o amo demais.

Independentemente de qualquer coisa.

Por isso não posso sequer cogitar a possibilidade de viver sem ele, é impossível. Hoje entendo o que passou quando perdeu a esposa e, sinceramente, não sei como conseguiu sobreviver ao luto e a perda da filha quase que ao mesmo tempo. É um verdadeiro herói. Às vezes, só estando no lugar do outro para entender sua dor. Ricardo é mais forte do que pensei, eu não sobreviveria nem à metade. Por isso, sei que vai conseguir sair dessa, afinal, têm muitas pessoas que o amam torcendo pela sua recuperação.

Vou dizer todos os dias o quanto eu o amo. Começando por agora, talvez assim ele crie forças para continuar lutando pela sua vida. Inclino para sussurrar em seu ouvido:

— Quero que saiba que ao seu lado descobri que entre o sonho e a realidade, existe um espaço chamado felicidade, e para que a minha felicidade seja completa, preciso estar ao seu lado. — Escuto a porta se abrindo, me adianto antes que minha presença seja descoberta. — Quero que esteja aqui para ver nossos filhos crescendo, é o melhor pai que eles poderiam ter. Então, por favor, não me deixe, meu amor. — Uma mão toca meu ombro, dou um último beijo em seu rosto prometendo voltar o mais breve possível para ficar ao seu lado, e dessa vez ninguém irá me tirar.

— Não tem permissão para ficar aqui, moça, venha comigo, vou te acompanhar até seu quarto. — O enfermeiro é enorme, um baita de um negão musculoso, facilmente me pega pelo braço e sai arrastando.

— Eu vou. Mas eu volto, e daqui ninguém me tira! — O enfermeiro ri da minha ousadia, e eu aproveito até o último segundo observando Ricardo que se mantém imóvel na mesma posição que o encontrei.



Como a minha pressão se manteve normal mesmo com minha fuga, acabaram me dando alta duas horas depois que voltei para o quarto. Liguei para o meu pai para tranquilizá-lo, mas não disse nada sobre a gravidez, queria dar a notícia pessoalmente. Contudo, disse que viria assim mesmo para visitar o Ricardo. Peguei roupa emprestada com Yudiana da bolsa que Joe trouxe para ela ontem à noite, acho que pensando que teria que ficar um mês comigo no hospital. Durante uma conversa, minha amiga revelou que havia uma microcâmara no pingente do seu cordão durante o tempo que estivemos presa na Rocinha. Ou seja, tínhamos provas consistentes da minha inocência. Eu a abracei muito em gratidão, mais uma notícia maravilhosa para alegrar meu dia.

Deixamos para sair quando está começando o horário de visita e de cara encontro com dona Célia e a minha pequena sentadinha no colo da avó. Dani também está aqui, próxima à entrada, aceno para ela e Yudiana vai logo ao seu encontro. Fico para trás para receber meu pai e o Binho que acabam de chegar.

De onde Maria está ela os vê mesmo antes de me ver, corre ao encontro deles e pula no colo do avô. Depois de ganhar uma chuva de beijos, passa para os braços do tio. Dá para ver a alegria dos dois em poder fazer parte da vida dela novamente, sofreram muito quando tomei a decisão de nos separarmos. Agora as coisas voltarão a ser como antes, e admiro um avô, tio e uma criança feliz.

Enquanto isso, dona Célia chora discretamente sentada na cadeira da recepção, mantendo a cabeça baixa e por vezes enxuga as lágrimas com um lenço branco. Mas eu darei a ela um motivo para sorrir aproveitando que estão todos juntos e me preparo para dar a notícia.

— Benção, pai, por que não me acordou ontem? — Abraço meu pai, eu sempre me sinto segura quando ele está por perto.

Como se eu pudesse ser ou fazer qualquer coisa, sou uma mulher, meu empoderamento vem atrás da educação com a qual que me criou.

— Depois de tudo o que passou, filha, achei melhor deixá-la descansar.

— Que bom que conseguiu escapar dessa irmã, se acontecesse alguma coisa com você eu não aguentaria. — É só o tempo da Maria me ver que sai do colo do tio e vem abraçar minhas pernas, toda sorridente. Olho para baixo apertando suas duas bochechas.

— Tudo bem, Binho, o que importa é que no final sempre dá tudo certo. — Ele me abraça, a sobrinha quase sendo esmagada no meio de nós dois.

— Oi, mamãe, como a senhora está? — Questiona assim que o tio se afasta.

— Melhor agora que eu estou te vendo, filha. — Seu sorriso se amplia, mas se desfaz de uma hora para outra.

— E o papai? Eu quero ver ele. Estou com saudades.

— Eu sei, filha, mas você precisa ter paciência que logo o papai vai voltar para casa. — Curvo-me para beijar seu rosto. Seguro sua mão e caminhamos até dona Célia.

Agacho à sua frente e apoio minhas mãos no seu joelho. Vendo o quanto a avó está triste, Maria se senta ao seu lado e a abraça.

— Oi, filha, nem te vi chegar, eu ando meio dispersa com o Ricardo nesse estado. Mas me diga, querida, já está melhor? Fiquei muito preocupada quando você desmaiou. — As lágrimas correm por seu rosto enquanto fala, pego o lenço de sua mão e enxugo cada uma delas.

— Eu estou bem, e tenho uma notícia para dar a todos vocês — aviso e ela me avalia, curiosa, mas com os olhos mais tristes que já vi. Não tem nenhum vestígio daquela mulher alegre que conheci, nem mesmo uma gota sequer.

— Espero que seja boa, filha. Porque o coração dessa velha não aguenta mais outro baque, não mesmo.

Chamo todos para que se aproximem formando um círculo à sua volta, para revelar sobre o mais novo membro da família.

— Lembra do irmãozinho que sua neta tanto queria? — Ela assente, cobrindo o rosto com as mãos trêmulas em um choro sentido. Eu as tiro e fico segurando as duas, quero que olhe para mim quando receber a notícia. Quero ver a alegria se apoderar do seu rosto novamente. — Então, ele já está a caminho — observo o sorriso se formando em seu rosto, o mais radiante que já vi.

— Ai, meu Deus! Vou desmaiar, me segurem. — Fecha os olhos ficando durinha tombando o corpo para frente, todo mundo vem de mãos prontas para segurá-la. — Ah, não vou não, vamos comemorar primeiro. Vem aqui, minha filha, obrigada por trazer minha alegria de viver de volta me dando mais um netinho. — Imediatamente me puxa para um abraço bem forte, e todos riem.

— Ebaaaaa! Eu vou ter um irmãozinho, o senhor ouviu, vovô? — Maria pergunta ao meu pai, pulando de alegria, como ele não responde nada, congelou.

Droga!

Estou tão feliz que esqueci do fato que engravidei antes de casar e de um cara com quem tive um relacionamento instável. Da primeira vez que fiquei grávida não contei a ele porque é um homem muito direito, que preza os velhos costumes. Mas dessa vez não tenho como esconder. Eu não quero esconder. Quero é gritar, para que o mundo todo saiba que no meu ventre está sendo gerado um filho do homem que amo. No entanto, respeito muito meu pai e pedirei perdão por ter o desrespeitado de certa forma.

Levanto vagarosamente de cabeça baixa, sem coragem de olhar para o

senhor Joaquim, e espero todos me cumprimentarem, a primeira é a Dani me dando os parabéns.

— Não acredito que vou ser titia, já vou logo avisando que quero ser madrinha. — A loira me abraça fazendo escândalo com a sua voz fina, em uma sinfonia de gritinhos finos.

— Ha... ha... ha! Pode tirar o cavalinho da chuva, essa criança já tem madrinha, loira, e ela sou eu. — Yudiana marca território, então as duas iniciam um discurso entre elas.

Sorrio balançando a cabeça, então meu irmão se aproxima para me cumprimentar.

— Parabéns, irmã, mal posso esperar para que eu e a princesa Maria Lara possamos apresentar o mundo mágico para esse moleque que está vindo aí. — É bom saber que pelo menos o meu irmão não ficou chateado com o fato de eu ficar grávida, e acabo chorando quando me abraça.

Quando me solta, ando os poucos passos que me separam do meu pai, ainda de cabeça baixa, contorcendo as mãos, nervosa. Não sei qual será a sua reação pois se manteve calado desde que anunciei a gravidez. Eu o amo tanto, não gosto de decepcioná-lo. Mas dessa vez, o preço valia a pena.

Ainda assim, irei me desculpar, porque ele é meu pai e essa é a forma de demonstrar que o respeito.

— Pai, desculpa se o envergonhei, mas estou muito feliz de saber que vou ter um bebê e já o amo muito.

— Todos nós já amamos essa criança, Júlia, estou tão emocionado que não sei o que dizer. — Sinto todo peso da culpa se esvaindo das minhas costas, ergo o olhar e vejo que está chorando. — Você nunca me envergonhou, só me deu orgulho e motivos para sorrir com a vinda de mais um netinho. — Nos abraçamos forte, agora sim minha alegria está quase completa.

Falta apenas contar oficialmente para o pai, espero que esse dia esteja próximo.

Capítulo 48



RICARDO

Respiro lentamente, escuto algo apitando irritantemente próximo a mim. Meu corpo repousa sobre algo macio proporcionando a sensação de estar flutuando nas nuvens. Será que essa é a sensação de morrer e ir para o céu? Pensei que era mais claro por aqui, não escuro e frio. Muito frio. O tempo parece uma eternidade, tento me mexer, mas não consigo, é como se eu estivesse preso dentro da minha própria mente.

Então sinto um cheiro bom, de flores frescas que eu tanto gosto. Ele está bem forte, causando em mim uma sensação agradável. Tento me concentrar nele, e quando faço isso ouço uma voz bem longe e um calor reconfortante aquece minha mão, assim como o coração.

— Você não acha que já dormiu tempo demais, amor? Está na hora de voltar para mim, tem uma novidade incrível te esperando aqui. — A voz é da Júlia quase em um sussurro, quero tanto abrir os olhos para olhar para ela, porém, por mais força que eu faça, minhas pálpebras não obedecem.

Estou preso em uma escuridão sem fim, que me impossibilita de falar ou mexer. Mas sinto sua mão delicada segurando a minha, acariciando bem de leve com as pontas dos dedos, acalentando todos os tormentos que essa escuridão me causa.

A cabeça de Júlia se encontra pousada sobre meu peito, acredito que chora, porque algo gélido goteja sobre minha pele.

— Mesmo que você não acorde nunca, cumprirei meu juramento de ficar ao seu lado, para sempre. — Sorrio inconscientemente, fazendo força para conseguir me mexer mesmo que só um pouco para que ela saiba que eu consigo ouvi-la. Que eu ainda estou aqui. — Porque eu te amo muito, e prometo cuidar dos nossos filhos e amá-los, protegendo-os de todo o mal desse mundo.

Um colapso nervoso me acomete, começando com leves espasmos, aumentando meu ritmo respiratório abruptamente.

Ela disse filhos? No plural?

Sim, ela disse.

Com muita força de vontade consigo abrir os olhos, mas mexo as pálpebras com uma certa lentidão, minha vista não foca em nada, só vejo vulto. Aos poucos vai melhorando, contudo, não reconheço o lugar à minha volta. Pisco algumas vezes, me familiarizando com a luz do ambiente, é forte e reflete nas paredes brancas quase queimando meus olhos. Vários monitores ligados a mim começam a apitar ao mesmo tempo enlouquecidamente, fico tenso.

No entanto, toda tensão vai embora quando a imagem da Júlia se forma diante de mim.

Sorrio. Tento erguer a mão para tocá-la, mas meu braço não obedece aos meus comandos com precisão.

— Enfermeira... Enfermeira, ele acordou. — O quarto é inundado pelos gritos da Júlia ecoando em um estouro agudo, uma mistura de euforia com desespero.

— Espere aqui fora, senhora. Precisamos examiná-lo com calma, depois volto com notícias — ordena um senhor com seu jaleco branco bem alinhado, apesar da idade avançada, tem uma presença séria, típica de um general.

— Não, doutor! Eu quero ficar ao lado do pai dos meus filhos, por favor. — Júlia implora, me fazendo ter outro colapso nervoso ao usar aquela palavrinha mágica.

Filhos.

Os monitores ligados a mim começam a apitar mais ainda, de repente várias mãos tateiam meu corpo de cima a baixo. São as mãos de duas mulheres e um homem. Espera aí. Por que tem um negão tocando em mim com tanta intimidade como se tivesse feito isso várias vezes? Empurro a mão dele, minha coordenação motora dá um jeito de voltar rapidinho.

— Calma, senhor, eu sou o enfermeiro, Bruno. Ajudei a cuidar de você no período que estive em coma induzido, fico feliz que tenha acordado. Seja bem-vindo de volta à vida — explica o rapaz amigavelmente, inclinando o meu leito para que fique em uma posição mais confortável, quase sentado, facilitando, assim, o trabalho do médico ao me examinar.

Primeiro abre meu olho direito usando uma pequena lanterna para analisar melhor, faz o mesmo processo com o outro. Examina todos os cantos da minha boca e, por fim, ouve meu coração por alguns segundos com o auxílio de um

estetoscópio. Anota algumas coisas que os monitores acima de mim informam, não faço ideia do que, só quero que termine logo, estou começando a ficar irritado.

— Olá, sou o doutor Otavio Bolare. Poderia me dizer qual é o seu nome, senhor? — O médico parece surpreso ao me ver acordado, seus olhos brilham atrás dos óculos de grau.

Seu rosto marcado pelas linhas do tempo mostra que tem anos de experiência no que faz. A pele morena, flácida, em especial em volta dos olhos da cor do outono, com certeza está próximo dos seus setenta anos.

— Júlia... — respondo com a voz arrastada, levando a mão ao tecido liso do seu jaleco e o puxo fazendo-o cambalear.

Os enfermeiros que auxiliam o médico, riem, na verdade, até ele ri. Mas eu não acho graça nenhuma e o encaro muito sério. Se ele não trouxer minha mulher de volta, vou arrancar esse monte de fio de mim e irei atrás dela. Acho que o doutor percebe isso, pois fecha a expressão na mesma hora chamando a atenção dos demais com um pigarro.

— Quanto mais rápido responder minhas perguntas, rapaz, mais rápido verá a Júlia. — Os cantos da minha boca se abrem em um sorriso terno, agora estamos falando a mesma língua.

— Sou o Delegado Ricardo Avilar, tenho 34 anos, nascido em Florianópolis, Santa Catarina. Porém, atualmente, residindo no Rio de Janeiro. Fui ferido em missão na favela da Rocinha com um tiro acertado pouco acima do abdômen por um ex-policia! da minha equipe, que espero estar queimando no fogo do inferno nesse exato momento. — Sua expressão é de espanto, como não presto, acrescento. — A propósito, foi eu mesmo que o mandei para lá com passagem só de ida. Deseja saber mais alguma coisa, doutor? — Questiono direto, curto e grosso, totalmente desprovido de paciência.

Arqueio a sobancelha de leve, deixando claro que é uma pergunta retórica.

— Vou chamar sua esposa, senhor, só um minuto. — Toca meu ombro de leve quase imperceptível, depois cochicha alguma coisa para a enfermeira loira, que sai do quarto fazendo sinal para os outros a seguirem.

— Obrigado, doutor, mas ela não é minha esposa. — Ele me fita, pensativo, enquanto acerta a armação arredondada dos óculos, dou logo um jeito de esclarecer. — Não ainda, mas pretendo dar um jeito nisso assim que sair daqui,

espero que o mais breve possível. — Inspiro pesadamente, toda hora direcionando o olhar para porta na esperança que Júlia passe por ela a qualquer momento.

— Farei um breve resumo de como o senhor deu entrada aqui no hospital, Delegado. — Folheia os arquivos na sua prancheta, pela quantidade de folhas, terá que resumir mesmo ou ficaremos até amanhã falando só sobre isso. — O tiro que levou fez com que tivesse uma hemorragia interna gravíssima por isso apagou minutos depois, sua respiração e sinais vitais tiveram uma queda instantânea assim como a temperatura do seu corpo, por isso, sua futura esposa, pensou que estava morto. — Tento prestar atenção no que ele fala, mas meus pensamentos estão somente em Júlia.

Sinceramente, não me importa saber em qual estado dei entrada nesse hospital, apenas quando saírei dele. Obrigado, meu Deus! Se consegui sobreviver, foi porque o Senhor me deu forças para não desistir.

— Eu tive alguma parada cardíaca? — Preciso perguntar, lembro perfeitamente da equipe médica tentando me reanimar.

Principalmente o sonho que tive com Andréia, foi tão real como a luz do dia.

— Teve duas paradas cardíacas durante a cirurgia e uma delas durou mais de cinco minutos, mas acredito que sua força de vontade nos ajudou muito a trazê-lo de volta. Vi casos semelhantes ao seu, e a maioria já chegou no hospital sem vida. Deu sorte, Delegado. Seu anjo da guarda estava mesmo a fim de mostrar serviço. — Sua revelação me deixa intrigado, olho para baixo analisando o curativo sobre o local do ferimento. Sinto uma ardência de leve, mas não chega a ser algo insuportável.

— Eu tive sim a ajuda de um anjo para voltar, doutor, ele tinha pouco mais de um metro e meio de altura, olhos azuis e cabelos ruivos. — Andréia nunca desistiu de mim, sempre tão compreensível e preocupada comigo.

— E teve outro aqui cuidando de você durante o tempo que estive em coma induzido, Júlia não saiu do seu lado um segundo sequer. Nem quando interrompi gradativamente a medicação esperando que acordasse logo, porém se passou quase um mês e nada. Comecei a me preocupar a cada dia que passava, mas ela não, manteve sua esperança intacta.

Um mês? Caramba! Sorrio emocionado, minha Marrenta não desistiu de mim, permaneceu ao meu lado mesmo quando o doutor começou a perder as

esperanças.

Cumprindo seu juramento.

Me lembro dele também, de tudo o que houve antes e depois de levar o tiro.

— Licença, doutor, eu posso entrar agora? — Júlia abre a porta vagorosamente, soluçando de tanto chorar olhando para mim muito emocionada.

Eu sorrio amplamente.

Eu a amo tanto, tanto, que chega a ser surreal.

Fora de controle.

— Claro que pode, filha, você e o seu futuro marido têm um longo tempo juntos para planejarem um casamento que eu já sei que está a caminho, e quero um pedaço de bolo — brinca o médico caminhando em direção à saída, antes de ir embora Júlia o abraça agradecendo várias vezes.

Então ficamos só eu e ela.

E o silêncio do quarto, mas é possível ouvir o grito do nosso amor clamando para ser vivido intensamente. A princípio, ela se mantém distante, próxima à porta um pouco sem jeito e com o olhar baixo, abraçando o próprio corpo como se não soubesse o que dizer ou como agir. Tomo a iniciativa de dar o primeiro passo, sinto que nossa história havia zerado e estamos começando de verdade agora.

— Pensei que tinha uma novidade incrível para me contar, amor. Por que não vem aqui me abraçar, e depois me conta? — Ergo a mão, e então ela vem correndo e debruça sobre a minha cama beijando-me com uma saudade nunca vista antes.

A sensação de seus lábios contra os meus e o amor visível em todos seus gestos é exatamente o que preciso para ter certeza que estou, de fato, vivo e não preso em outra espécie de dimensão paralela.

— Eu pensei que tinha perdido você, Ricardo — declara entre os soluços, meu rosto ficando molhado por conta de suas lágrimas que caem cada vez mais. — Senti tantas saudades, amor, achei que não te veria nunca mais. Você está bem? Com dor? Fome ou frio? Cansado? — Rio de sua tagarelice, é sempre assim quando está nervosa, não para de falar nem um segundo.

Júlia faz cada pergunta no intervalo dos beijos que espalha pelo meu rosto, desesperadamente. Tão saudosa quanto eu, uma mistura de paixão e desejo.

— Calma, amor, eu estou bem agora — preocupo-me com seu estado físico, está bem mais magra, com olheiras debaixo dos olhos como se não dormisse há dias.

— Você tem se alimentado direito, Júlia?

— Como iria ter vontade de comer alguma coisa com você nesse estado, Ricardo?! — Diz como se fosse óbvio, conhecendo-a bem sei que não conseguiria se alimentar enquanto eu não melhorasse. — Além do mais, ultimamente tudo que eu como volta para fora e... — Para de falar de repente, me deixando em sinal de alerta.

Aí tem.

— Não vai se livrar de mim tão fácil assim, Marrenta. Pode ficar tranquila. — Afago seus cachos soltos de forma avulsa do jeito que eu gosto, também usa meu vestido favorito amarelo claro que realça o tom negro da sua pele.

Parece ter se arrumado para mim hoje, no fundo sabia que aconteceria algo especial.

— Está doendo? — Aponta para o meu abdômen, aproveito para segurar sua mão e levar ao meu rosto.

— Não mais que o meu coração sem você, Júlia. — Nenhuma dor jamais será igual ao dia em que ela me deixou, eu morri mil mortes naquele dia.

— Desculpa por todas as vezes que te fiz sofrer, Ricardo. Eu te amo muito, sempre. — Começa a chorar novamente, emotiva além do normal.

— Eu te amo mais, e peço perdão por agir como um babaca na maioria das vezes. — Júlia não é fácil, mas eu também não sou.

Como o pai dela me disse uma vez:

“Nossa história de amor não precisa ser perfeita, apenas de verdade. ”

— Tudo bem, só nunca mais me assuste assim, amor. Pensei que iria ter que criar nossos filhos sozinha, a Maria pergunta por você todos os dias. — Se aproxima mais, toda sem jeito como se tivesse alguma coisa para contar.

— Filhos? — Indago com o coração na mão, ela demora alguns segundos para responder que mais parecem uma eternidade.

— Sim, filhos — reafirma, me olhando com lágrimas nos olhos, mas um sorriso imenso. — No dia que você levou um tiro eu fiquei nervosa demais e

minha pressão acabou subindo, fui internada e o exame de sangue deu positivo para gravidez. — Ela coloca a minha mão sobre a sua barriga, juro por Deus que quase entro em coma novamente.

Porra! Eu vou ser pai de novo, com a mulher que amo.

Felicidade, essa é a palavra que me define nesse momento.

— Meu Deus, amor. Nós vamos ter um bebê? Estou com medo de acordar a qualquer hora desse sonho lindo. — E estou mesmo. E se eu estiver morto e isso for o paraíso? Porque eu me sinto como se estivesse em um, do mesmo jeito quando levei um tiro e pensei que fosse o fim.

Fico louco de alegria, se tivesse em condições de andar, sairia correndo gritando para todo mundo ouvir que tem mais herdeiro meu vindo por aí. Estou feliz demais, a mesma de quando achei minha filha.

— Não é sonho, Ricardo. Se fosse, não estaríamos na cama de um hospital, mas sim no nosso quarto fazendo algo bem diferente — brinca. Como senti saudades da sua risada, pensei que nunca mais teria a oportunidade de ouvir.

— Obrigado por me fazer o homem mais feliz desse mundo, Júlia, ter um filho seu é melhor coisa que poderia me acontecer. Sou o homem mais feliz desse mundo — afirmo, tocado pela emoção.

— Eu que agradeço por ter voltado para mim, Ricardo.

— Quais são os planos daqui para frente, topo o que você quiser. — Minha mão não para de alisar sua barriga, poderia fazer isso para sempre sem me cansar, afinal, meu filho está crescendo ali dentro e eu quero que ele saiba que é amado desde agora, quando ainda é apenas uma sementinha.

— O que acha de: eu, você dois filhos e um cachorro, e aí você topa? — Gargalho, ela fez o trocadilho com a letra de uma música sertaneja.

— Isso foi muito brega, sabia? Mas eu só aceito, Marrenta, se for de papel passado e tudo que tenho direito. — Não serei bobo dessa vez, vou enlaçá-la definitivamente.

— Trato feito, Delegado. — Nos beijamos de um jeito bem romântico, daqueles típicos de filme dos anos oitenta.

— Diz que me ama — peço, preciso ouvir.

— Você sabe que sim, mais que a minha vida.

— Por favor — insisto.

— Como não amar o homem que provou que o amor existe, e mesmo depois de ser abandonado por mim, fez uma homenagem linda adicionando o nome de Maria Lara na certidão em homenagem ao bebê que eu perdi. Levou um tiro que era para mim, e que, como se não bastasse, me engravidou desafiando a eficácia do melhor anticoncepcional do mercado que diz na bula que isso é 99,999% impossível de acontecer. — Lança um olhar doce sobre mim, muito emocionada. Ergo a mão e desenho seus lábios com os dedos. — Então posso afirmar que eu te amo de verdade. Nunca na minha vida me senti tão feliz e realizada como me sinto agora. Eu realmente acredito que você é o amor da minha vida, o melhor pai que meus filhos poderiam ter — conclui por fim, sorrindo com todo amor que declarou para mim.

— Eu nunca pensei que algum dia poderia amar alguém novamente tanto quanto eu amo você, com todas as minhas forças e sentimentos bons que possam existir nesse mundo.

Quando nossas bocas se aproximam, a porta se abre repentinamente e minha mãe entra igual a um furacão, seu vestido de tecido leve salmão chega a voar.

Ela vem até nós a passos largos e me abraça cuidadosamente como se pudesse me quebrar ao meio só com esse gesto.

Mães, são todas iguais.

Na maioria das vezes loucas — em especial a minha —, mas amam os filhos mais que qualquer coisa. E provam isso, até o seu último suspiro.

— Que susto você deu na sua mãe, meu filho, vim correndo quando Júlia me ligou dizendo que você acordou do coma. — Segura a mão da nora, as duas se mostram ainda mais próximas depois do tempo que estive fora do ar.

Se é que isso seja possível, sempre se deram mais que bem.

Minha mãe está em prantos, sempre me amou demais. Quando eu era pequeno e caía enquanto brincava, ela ficava desesperada transformando um simples arranhão no joelho em uma fratura exposta.

— Não chora, mãe, seu filho já está pronto para outra. — Minha coroa me olha feio, e a Júlia ri.

— Nem brinca com uma coisa séria dessas, garoto — resmunga me dando um tapinha no ombro.

— E a minha ruivinha como está, mãe? — Estou morrendo de saudade da minha filha, quero muito abraçá-la e dizer como a amo e ao seu irmãozinho que vai chegar em breve.

Deve estar radiante com a notícia, queria ter visto quando recebeu a notícia.

— Ficou com sua tia Cida na sala de espera, estão loucas para te ver, mas Maria não tem idade para entrar tadinha, ficou triste por conta disso.

— Eu vou lá fora ficar com a nossa filha, Ricardo, assim sua tia vai poder entrar para te ver.

— Está bem, amor. Diz para a pequena que eu a amo, e estou com saudade. — Júlia se despede com um beijo rápido antes de sair, ela mal passa pela porta e eu já estou com saudades.



A visita da minha mãe e da minha tia foi divertida, as duas juntas era risada na certa, me fizeram rir muito. Todo o pessoal da minha equipe veio também, Júlia fechou a cara quando viu a Carol que se manteve o tempo todo de cabeça baixa como se estivesse envergonhada de alguma coisa, não estava com o nariz empinado de sempre, tudo o que falava era em um tom baixo e humilde.

Até a amigas da Julia vieram, inclusive a tarada que trabalha com ela no fórum, Marisa. Meu melhor amigo André apareceu bem na hora em que ela estava indo embora e os dois trocaram olhares ao passarem pelo outro, sei lá, acho que rolou um clima entre os dois. À tarde, o pai da Júlia e o irmão me visitaram com a mesma alegria de sempre, eu sou fã do senhor Joaquim desde que o conheci. Homem mais integro que conheço, e a única referência paternal que tive até hoje. Binho é um bom rapaz, minha filha não poderia ter crescido em uma família melhor.

Até a Vaiola deu o ar da graça, mas dessa vez veio com a crina baixa. Nada melhor do que um dia atrás das grades para mudar as pessoas. Pedi desculpa para Júlia entre os dentes, mas pedi. Disse que só não quer perder o direito de participar da vida de sua neta, e para isso é capaz de fazer qualquer coisa. Por curiosidade, perguntei se ela havia escolhido o nome de Sofia e fez a filha guardar segredo. Para minha surpresa, ela confirmou.

Como estou em um quarto particular deu para receber todo mundo mesmo que por poucos minutos, meu estado clínico melhorou muito por estar ao lado de pessoas importantes para mim. Menos uma, faltou uma das pessoas mais

importantes da minha vida. Eu estava com tanta saudade dela, queria vê-la mesmo que só um pouquinho.

Então Deus ouviu minhas preces, e com a desculpa de ir comprar um café na lanchonete, Júlia aparece com a Maria no colo, as duas conversando animadamente. Como? Não faço ideia, mas estou feliz demais com a surpresa.

— Papaiiii... — O sorriso da minha filha ao me ver é do tamanho mundo com o brilho de todas as estrelas juntas.

Desce rapidamente do colo da mãe e vem até mim, se debruçando sobre a cama com seu sorriso inocente enfeitando seu rosto.

— Depois de passar duas horas implorando para o diretor do hospital, finalmente consegui permissão para Maria Lara entrar e ver o pai. Tive que dramatizar um pouco, mas deu certo. — Dá de ombros rindo, por isso sempre digo que será uma ótima advogada, sabe convencer as pessoas de qualquer coisa. — Porém, ela só poderá ficar apenas meia hora, então aproveitem para matar bastante a saudade — conclui, satisfeita do seu feito.

— Obrigado, eu te amo demais, Júlia. — Agradeço por cima da cabeça da minha pequena. Pequenina como é, ela me abraça do jeito que dá, tadinha.

— Eu te amo mais, Delegado. — Pisca o olho charmosa como sempre, mais linda do que nunca. — Maricota, a mamãe vai deixar você com o papai e vai tomar um café com sua avó, está bem, meu amor? Daqui a meia hora a mamãe vem te buscar e não toque nas máquinas. — Nossa filha assente.

— Está bem, mãe. — Beija seu rosto.

— Até logo, princesa!

— Não vá muito longe, Júlia, agora estou acordado e com os dois olhos bem abertos — brinco, sei que se ela quiser ir na China eu só ficarei sabendo quando já estiver voltando.

É independente, e eu quero que continue assim sempre, amor sem confiança, não é amor.

— Ok, amor, vocês dois se comportem enquanto eu estiver fora. — Joga uma piscadela e sai fechando a porta atrás dela.

— Oi, ruivinha, como você está? — Acaricio seu rostinho oval com traços marcantes, em especial os olhos cor de safira que me fitam atentamente curiosos.

Não só a mim, mas tudo à sua volta, acredito que pensando para que esse

monte de máquinas apitando o tempo todo, servem.

— Eu e o Adônis sentimos sua falta, papai. Quando vai voltar para casa? — Passa os dedinhos sobre alguns arranhões que já estão cicatrizados no meu braço, devem ter ocorrido durante a invasão na Rocinha, alguns becos são bastante estreitos e com vergalhões soltos.

— Eu também senti muitas saudades, docinho, que bom que a mamãe te trouxe para me ver. — Mais uma vez Júlia me surpreende com uma surpresa dessas. Ver minha filha me deixa extremamente feliz.

— Eu estou muito feliz, sabe? Minha mamãe me contou que meu irmãozinho já está a caminho, vou ajudar a cuidar dele. — Sabia que ficaria radiante com a novidade sobre o irmão, todos nós estamos. Eu mesmo estou transbordando de alegria.

— Eu também estou muito feliz, filha, mamãe voltou para nós e ainda trazendo uma surpresa maravilhosa dessas. — Uma das melhores da minha vida, diga-se de passagem, a única vez que me senti tão radiante assim foi quando descobri que seria pai pela primeira vez.

— Você está dodói, por isso te trouxeram para o hospital?

— Sim, querida, mas logo o papai estará de volta em casa.

Tomara que seja o mais rápido possível, penso.

Estou me sentindo ótimo, não faz mais sentido me manterem aqui preso nessa cama. Não gosto de hospitais.

— Que bommm! Vovô disse que o senhor é um herói, salvou a mamãe e o meu irmãozinho do homem mau, por isso está no hospital — explica dando socos no ar simulando uma luta, pulando pelo quarto, e fazendo um som engraçado com a boca tipo esses desenhos engraçados que criança gosta de ver. — Eu fiz um desenho, quer ver? — Tira uma folha de papel dobrada do bolso do vestido jeans e a abre, se aproximando novamente para me mostrar. Seus olhinhos vagam pelo meu rosto, ansiosa para ouvir minha opinião sobre sua obra.

Maria desenhou um homem musculoso com as duas mãos na cintura, usando uma capa, que voa gloriosamente, presa às suas costas. Em seu peito está escrito “*papai meu super-herói*”. Sei que teve a ajuda de um adulto para escrever isso, mas não diminui em nada o impacto que essa pequena frase causa em mim. Eu havia conquistado minha filha de vez, é emocionante saber que tem orgulho

de mim.

— Eu amei, filha, é lindo! Eu posso ficar com ele? — Ela balança a cabeça positivamente. Depois pedirei à Júlia para colar na parede em um local onde eu possa olhar para ele o dia todo como se fosse a obra de arte mais valiosa do mundo.

Bom, pelo menos para mim, o pai babão, é.

E aqui estou eu novamente, quase me afogando na minha própria baba. E quando o bebê nascer então? Senhor, nem sei como vai ser. Pelo visto, vou sonhar com o nascimento dessa criança dia e noite.

A enfermeira entra trazendo a sopa que a nutricionista do hospital passou a pedido do médico para ir preparado meu estômago para receber alimentos mais sólidos.

E adivinha quem me ajudou a comer? Óbvio que foi a minha filha — com a supervisão da enfermeira, é claro. A pequena disse que queria ajudar e me serviu colher por colher até o fim, e ao terminar, limpou minha boca com guardanapo e ainda pegou água sobre a mesa e meu deu com o auxílio de um canudinho, ficando nas pontas dos pés para alcançar minha boca.

Júlia chegou bem na hora e ficou encantada com a cena, não tinha quem não ficasse, nossa filha é linda e educada, extremamente amorosa e gentil. A enfermeira mesmo ficou apaixonada por ela, disse que dava vontade de levá-la para casa de tão fofa. Maria Lara é assim mesmo, conquista a todos por onde passa.

Quase chorei quando ela teve que ir embora, não sabia quando a veria novamente e isso acabava comigo.

E para fechar com chave de ouro, a noite ainda me traz uma visita para lá de especial, um amigo que não esperava. Mas me que me deixa mais feliz do que eu já estou.

— O senhor está pior que eu, Delegado. — A porta se abre para o Barreto que entra sendo empurrado em uma cadeira de rodas por uma enfermeira, não parece mais o jovem feliz que eu conheci.

Barreto até sorri, mas de forma triste. Eu conheço bem esse tipo de tristeza, a do luto de perder alguém que se ama para a morte. Seu rosto ainda tem algumas cicatrizes e emagreceu notavelmente. Tem com o cabelo aparado bem baixo, olhos fundos e vazios. A perna ainda engessada, mas perto do jeito que o

vi da última vez, pode-se dizer que está completamente curado.

Ele havia sido marcado de um jeito que só quando encontrar alguém muito especial conseguirá se libertar das feridas que o passado deixou.

— Eu o peguei, Barreto, aquele desgraçado teve o que mereceu — falo, mas pela sua expressão de alívio ele já sabe que mandei Carlos para o inferno.

Espero que sofra muito, o dobro, por fazer várias famílias sofrerem. Porque policial corrupto como era, deve ter sujado as mãos com muito sangue de gente inocente. Logo ele que deveria estar protegendo, apenas usava a farda para encobrir seus crimes. Na minha opinião, ele é mais bandido que qualquer outro por aí.

— Eu sei, chefe, por isso vim aqui agradecer o senhor por não ter desistido de fazer justiça com as pessoas que fizeram isso comigo e o meu companheiro. Não desistiu do membro da sua equipe, mesmo após descobrir a minha orientação sexual. — Barreto aperta minha mão bem firme, me olhando nos olhos.

— Eu nunca vou desistir de você, Barreto, porque é meu amigo. — O corrijo. Somos companheiros de trabalho, mas, acima de tudo, amigos. Sei que faria o mesmo por mim. — E meu futuro padrinho de casamento, isso se você aceitar, é claro. — Ele fica de boca aberta, literalmente.

— Eu nem sei o que dizer, muito obrigado por me convidar para estar ao lado do senhor em um momento tão especial da sua vida. — Ele realmente está tocado com o meu pedido, os olhos marejados.

— Apenas diga sim ao convite do seu amigo, eu aprovo a escolha. — Júlia sai do banheiro enxugando os cabelos após ter acabado de tomar banho. — Apesar de a noiva não ter sido pedida em casamento oficialmente ainda, mas está valendo. — Joga uma indireta de leve, enquanto abre a toalha e a estende por cima da porta para secar.

Ela se aproxima do Barreto e o cumprimenta com um abraço forte, depois se senta ao meu lado na cama.

Ela tem sido minha acompanhante em tempo integral, não aceitou revezar com ninguém.

— Agora são dois contra um, Barreto. Então aceita logo, e já pode encomendar seu terno — brinco e, pela primeira vez, ele sorri de verdade depois que entrou no quarto.

— Então eu aceito o convite, e desejo que vocês três sejam muito felizes.

— Agora somos quatro, tem um molequinho vindo por aí. — Aliso a barriga da Júlia, todo satisfeito.

Eu convidei todo mundo que veio me visitar para o nosso casamento e até já comecei a convocar os padrinhos, mas, de fato, não pedi oficialmente a mão da Júlia. Porque quero me ajoelhar aos seus pés em um lugar especial para ela, não em um quarto frio de hospital.

— Molequinho, Delegado? E se for outra menina. — Arqueia a sobancelha levando as mãos à cintura.

— Se for uma molequinha, será muita amada por nós do mesmo jeito. E continuaremos tentando até vir um garotão, está bom assim, futura senhora Avilar? — Gargalho, mas Júlia ainda permanece em choque devido ao que eu disse. Pelo meu tom sabe que não estou brincando, quero nossa casa cheia de filhos se acha que vamos parar nesse está muito enganada.

— Caramba! Que notícia maravilhosa, fico muito feliz por vocês.

— Obrigado, meu amigo, é bom saber que está se recuperando bem.

Mesmo que só por fora.

As feridas do coração levam mais tempo, às vezes, a vida toda...

— Faço das suas, minhas palavras, Delegado. — Ele acha graça, diante da nossa circunstância, é para rir mesmo. — Mas falando sério, espero poder ir embora logo, estou com saudades da minha casa. — Se ajeita na cadeira de rodas apoiando as mãos sobre o colo, usa a mesma roupa ridícula de hospital que eu, um vestidinho verde claro de muito mau gosto.

— Mas enquanto isso não acontece, Barretinho, é hora de voltar para a cama, já fez estripulia demais por hoje. — Sua enfermeira volta, nem percebi quando saiu. Ela é morena, alta e tem um sorriso tão simpático quanto a sua voz.

— Minha babá chegou, pessoal, hora de colocar o bebê na cama. — Graceja. Agora sim o velho e antigo Barreto está começando a aparecer.

O cara que sorria e fazia as outras pessoas à sua volta sorrirem.

— Até breve, Barreto. Obrigado pela visita. — Agradeço.

— Ah, Delegado, eu esqueci de dizer que meus pais entraram com um pedido de adoção daquelas três crianças que resgatamos naquela missão em que

prendemos a mãe — vai falando quanto atravessa a porta sendo empurrado pela enfermeira, não dando nem tempo de agradecer pela sua iniciativa e da sua família.

Meu coração se aquece, que orgulho ser amigo desse cara.

Depois que eles vão embora, minha atenção volta para Júlia. A observo enquanto forra a poltrona reclinável ao lado da cama com um lençol branco, se ela está pensando em passar a noite toda ali, está muito enganada.

— Deixa isso aí, amor, eu quero conversar.

— Sobre o quê? — Questiona.

— Não é com você, amor, é com o meu filho. — E sou presenteado com um sorriso de tirar o fôlego, até esqueço o que estava dizendo.

— Ah, entendi, *tá* bom, papai. — Apressa-se em se aproximar da cama, erguendo a blusa preta de mangas compridas, revelando a barriga lisa. Jamais passaria pela cabeça de uma pessoa que não sabe da gravidez, que existe uma criança crescendo ali dentro a cada segundo.

Com muita dificuldade consigo me arrastar para a beirada da cama próximo à sua barriga para garantir que ele — ou ela — ouvirá. Será a nossa primeira conversa de pai e filho. De muitas, espero. Mal posso esperar para tê-lo nos meus braços, analisar cada detalhe do seu rosto para saber com quem parece, mais comigo ou a Júlia.

Contudo, por ora, terei que me conformar mesmo em conversar com o caçula da família dentro da barriga da mãe.

— Oi, meu filho, aqui é o papai. Você ainda não existe. Quer dizer, existe sim, mas é só uma sementinha dentro da barriga da sua mãe. Mas, ainda assim, quase não existindo, já é muito amado por todos que te esperam aqui do lado de fora, e se prepara, porque a família é grande. E meio louca também, sua avó Célia é a maior de todas, vai te fazer sorrir muito ainda. Vai também aprender coisas sábias com o seu avô Joaquim, e conhecer o mundo mágico onde seu tio é um cavaleiro valente e a sua irmã é uma princesa encantada. Uma mãe incrível que te ama muito, e um pai que fará qualquer coisa para te fazer feliz. Qualquer coisa mesmo.

Faço uma pausa, respirando bem fundo, a emoção fluindo em mim como uma onda gigante.

“Mas nem tudo são flores, meu filho, e eu, como seu pai, tenho que te

alertar. Se escolheu nascer, que venha com coragem e disposição de conquistar o mundo. Jogando para vencer. Venha sabendo que encontrará dificuldades, pessoas más. Porque do lado de fora é assim mesmo, a gente recebe porrada da vida, mas o segredo é transformar a dor numa usina de energia e seguir em frente de cabeça erguida. Depois corre atrás do prejuízo, se esforça, recebe não, insiste de novo, cai, escorrega, levanta, chora, sorri, transpira, até que um dia a gente vence. E quando vence, a gente agradece a Deus por todas os golpes que levou durante a caminhada, porque nenhuma vitória é real sem lutas, meu filho. Nenhuma.”

Ao terminar, beijo a barriga de Júlia, afasto para olhar em seu rosto e ela está chorando.

Como é possível já amarmos tanto um ser tão minúsculo que nem conhecemos ainda? Eu já sou realizado só sendo pai da Maria, mas, agora, nem tenho palavras para expressar o que estou sentindo.

— Uau, se esta é a primeira conversa de vocês, imagina quando ele fizer dezoito anos. — Ela chora mais ainda, compulsivamente, fungando várias vezes.

— O que foi, amor? Indago preocupado, alisando seu braço.

— Nada, amor, é que ainda não consigo acreditar que vamos ter um bebê.

Na verdade, são seus hormônios mostrando trabalho e nos próximos meses tende a piorar e o fato dela ter um gênio forte vai deixar tudo mais “intenso”.

Principalmente o sexo.

Mal posso esperar!

— Vem aqui, amor, deita aqui comigo. Quero te abraçar e sentir seu cheiro.
— Bato sobre a cama ao meu lado, é bem grande e cabe nós dois perfeitamente.

— Está bem, mas só um pouquinho, não posso ficar muito porque se as enfermeiras me pegam aqui vão brigar comigo pela milésima vez dizendo que é proibido dormir na cama com os pacientes. Depois de hoje de manhã quando acordamos, prometi que não farei mais, não quero correr o risco de me proibirem de ser sua acompanhante por conta disso.

Finjo compreensão, mas é óbvio que vai passar a noite toda ao meu lado, de jeito nenhum deixarei minha mulher grávida passar a noite em uma cadeira dura.

— Podemos namorar um pouco agora, Marrenta? — Pigarreio.

— Sim senhor, Delegado. — Vira meu rosto para um beijo apaixonado,

acho que todos serão assim, intensos e calorosos como uma manhã no verão.

Namoramos bastante, fizemos várias juras de amor e, principalmente, planos para o futuro. O nosso futuro junto com nossos filhos.

Dormimos juntinhos, tendo certeza que daqui para frente tudo dará certo.



O doutor Otavio me deu alta somente alguns dias depois que acordei do coma induzido, o ferimento cicatrizou quase completamente e o resto da recuperação será em casa. Barreto acabou indo para casa antes de mim, fiquei feliz demais por ele. Mandeí buscar todas as coisas da Júlia para levar para nossa casa, juramos não nos separar nunca mais, apenas o tempo essencial do dia a dia para nossas obrigações profissionais. Aliás, soube que passou na faculdade com louvor, porém, fiquei chateado quando minha mãe me contou que na época que levei um tiro a teimosa da sua nora saiu do estágio do fórum faltando pouco para terminar, apenas para cuidar de mim.

Júlia me prometeu que não iria se prejudicar e que eu era prioridade. Fiquei emocionado quando disse isso, mas muito puto quando ela revelou que não participaria da colação de grau porque não tinha condições de pagar pela festa que se realizará daqui duas semanas, e que Yudiana também não iria pelo mesmo motivo. Quase brigamos feio, mas no final consegui convencê-la a aceitar minha ajuda como presente de casamento. Argumentei que de agora em diante somos um só e tudo o que é meu é dela, porque se eu como seu parceiro, não puder usar meu dinheiro para fazê-la feliz, não adiantava de nada.

Quanto à amiga, ofereci para pagar também, contudo, ao entrarmos em contato com Yudiana ela disse que não precisava porque tinha condições de pagar sim, só inventou que não para que Júlia não se sentisse mal na frente das amigas. E se ela não podia participar, também não iria e Dani assinou embaixo. Ou as três iriam juntas, ou nenhuma. Foi nesse momento que tive certeza que eram amigas de verdade, na tristeza e na alegria. Depois de tanto esforço, é o mínimo que elas merecem, principalmente a mãe dos meus filhos. A futura melhor advogada desse país, porque não conheço ninguém que lute com tanta garra pelo que acredita.

André se ofereceu para nos buscar no hospital, Júlia veio sentada comigo no banco de trás me mimando durante todo o caminho. Estava tão feliz que dava gosto de ver.

Chegamos a casa e ela foi logo me ajudando a tomar banho para tirar o cheiro de hospital, eu ainda não conseguia permanecer de pé por muito tempo, mas poderia facilmente me virar sozinho com isso. Porém, não adiantou. Então fiz do meu jeito, arranquei a roupa dela e tomamos banho juntos. Tentei me aproveitar da situação ao máximo, no entanto, não obtive muito sucesso.

Ao terminarmos, me colocou sentado na cama, apoiando as costas na cabeceira, já passei muito tempo deitado nas últimas semanas.

— Está bom assim, amor? — Pergunta pela milésima vez enquanto ajeita os travesseiros nas minhas costas. Já estou confortável, mas, com ela inclinando o corpo sobre mim e me dando uma bela visão dos seus seios que parecem ter dobrado de tamanho por conta da gestação, simplesmente permito que ela continue me ajeitando.

Grávida do nosso filho.

Meu e dela, fruto do nosso amor proibido.

— Está tudo ótimo, Marrenta. — A puxo para um beijo, mas ela interrompe tão depressa que mal sinto o gosto dos seus lábios.

Ela desconfia dos meus planos profanos e não irá facilitar as coisas para o meu lado.

— Tem certeza que não precisa de mais nada, Ricardo? — Questiona, agora ajeitando o cobertor até a altura da minha cintura, sendo muito atenciosa comigo fazendo de tudo para me agradar. Ela se vira e vai até o guarda-roupa.

Não sabendo ela que só o fato da sua existência já faz de mim o homem mais feliz desse mundo.

— Só de uma coisa, amor. — Pela minha voz rouca ela logo sabe que tem sacanagem no meio, então, imediatamente, cruza os braços repreendendo-me com o cenho franzido.

Como se ela não estivesse pensando a mesma coisa desde que pisamos nesse quarto, faz muito tempo que não fazemos amor e ambos já estamos subindo pelas paredes.

— E o que seria, Delegado? — Ela bate o pé no chão compulsivamente, suas coxas estão à mostra.

— Você sabe, Marrenta. Direitinho. — Abaixo um pouco a calça de moletom e a minha enorme ereção pula para fora, Júlia chega a morder a parte

de dentro dos lábios, visivelmente excitada.

— Ricardo... — adverte.

— Eu levei um tiro, amor, mas não morri. — Tento negociar, sou bom nisso. — Uma rapidinha não tem problema, já estou praticamente recuperado. — Ela solta uma gargalhada gostosa e vem até mim rebolando provocantemente, apoio a mão atrás da nuca, admirando-a, meu membro cresce cada vez mais ansiando por estar dentro dela novamente.

— Mas você é um safado mesmo, não é, Delegado? Teve alta hoje e já está armado, pronto para o combate, porém, pode tirar seu cavallinho da chuva porque não vai rolar. Eu vou respeitar o mês de repouso que o médico te passou, nada de “exercícios físicos”, lembra? — Coloca bastante ênfase em cada palavra puxando minha calça para cima novamente, e vejo meus planos indo por água a baixo.

— Hã? Você está é louca, um mês é muito tempo — esbravejo, horrorizado. — Não! Não e não, nem pense nisso. — Sou taxativo.

— Você está sendo um menino muito malvado, vai dormir sem beijo de boa noite. Durma bem, e até amanhã.

— Pode parar com essa história de “até amanhã”, só falta dizer que não vai dormir comigo na *nossa* cama porque tem medo de me machucar à noite sem querer. — Bufo, ela está sendo má comigo.

Excesso de cuidado faz mal.

— É exatamente isso, Ricardo. Vou dormir no meu quarto antigo, boa noite!

— Não vai rolar nem um beijinho, neguinha? — Faço cara de cão sem dono, e ela cai direitinho.

Inclinando a cabeça, Júlia começa lambendo meus lábios. Passando a língua maliciosamente como uma capetinha provocadora, não quer dar o que eu quero, mas fica me tentando. Devorando a minha boca como se eu fosse a coisa mais deliciosa que já provou na vida e querendo sugar o máximo de prazer possível, uma sensação completamente inebriante para mim.

Meu membro pulsa, duro, dolorido.

Enfio a mão no seu decote catando o primeiro seio que encontro, Júlia geme com a boca grudada na minha. Ela puxa meu cabelo, me obrigando a me afastar, mas volta me oferecendo os seios. Sorrio, ela está entregando os pontos.

Ótimo!

— Agora não tem mais como fugir, Marrenta. — Abraço sua cintura, e quando ela se dá conta já está sentada no meu colo com uma perna de cada lado.

Júlia apoia as mãos sobre a cama de um jeito que o corpo não fique todo sobre mim, é habilidosa.

Eu a puxo para mais perto, até esmagar seus seios contra o meu peito.

— Você não presta, Delegado. — Com um sorriso de canto, convencido, aperto sua bunda dos dois lados prensando minha ereção na sua entrada.

— Estou com muitas saudades de fazer amor contigo, por favor, Júlia, não me negue isso.

— Já falei que não, Ricardo, vamos esperar mais um pouquinho, é melhor prevenir do que remediar. — Vai deslizando pelas minhas pernas sem tirar os olhos dos meus levando minha calça conforme desce, ela está aprontando. — Mas durante esse tempo podemos nos divertir de outras formas, o que acha? Tipo preliminares prolongadas, podemos variar bastante. Já até sei por onde começar. — Umedece os lábios com a língua olhando para o meu membro duro feito pedra apontando para o teto. Pelo visto, o tempo que passarei em repouso será mais prazeroso do que pensei.

No final das contas, o tiro que levei fez com que eu e a Júlia acordássemos para vida. Nos unindo mais do que nunca, deixando nosso relacionamento mais sólido.

“Às vezes quando tudo parece dar errado, acontecem coisas boas na nossa vida que não teriam acontecido se tudo tivesse dado certo. ”

Renato Russo

Capítulo 49

•

JÚLIA

A recuperação do Ricardo está sendo mais rápida do que pensei, e o fogo desse homem também está cada vez maior. Estou tentando amansá-lo até o término do tempo de repouso que o médico prescreveu, falta apenas pouco mais de uma semana. Mas ele disse que de hoje, não passa. Acho que está aprontando alguma coisa.

— Mas o que poderia ser? — Penso em voz alta, mas logo espanto as caraminholas da minha cabeça, afinal, hoje é o grande dia da minha formatura.

Giro o corpo em frente ao extenso espelho que tem na parede do nosso quarto, encantada em como o vestido de formatura, que ganhei do meu pai, encaixa perfeitamente no meu corpo, senhor Joaquim fez questão de pagar o que ele mesmo escolheu. É um vestido simples tomara que caia, de cor salmão, bem acinturado e a saia de seda vai até os pés, elegante e de muito bom gosto. Não coloco um salto muito alto, estou evitando tudo que possa colocar minha gravidez em risco. Pode parecer paranoia minha, mas já perdi um filho que amava antes mesmo de nascer e não quero passar por aquela dor novamente.

— Está tããããõ bonita, mamãe. Eu posso passar maquiagem também? — Pelo espelho observo as perninhas da minha filha balançando em um ritmo contínuo para frente e para trás, sentada na minha cama igual a uma moça mexendo na nossa caixa de maquiagem, porque ela e as bonecas usam mais do que eu.

— Claro que pode, amor, traz aqui que a mamãe vai passar em você. — Não preciso dizer duas vezes, pega a caixa e vem saltitando até mim com seu vestido pomposo rosa com a saia de pétalas de organza que vai até o joelho.

— Não pode não, Júlia. — Eu e ela olhamos para o seu pai que já chega lindo de morrer dentro do seu terno cinza italiano, dando ordens. *Vê se pode uma coisa dessa?* — Você ainda é muito novinha para usar esse tipo de coisa para sair, filha. Maquiagem só para brincar com suas bonecas, estamos entendidos? Se deixar, quando virar mocinha vai querer usar roupa curta e tudo mais — conclui olhando para mim dando uma alfinetada de leve, e tem a ousadia de

tomar o batom da minha mão.

Nem iria aparecer na boca da menina direito, é rosa bem claro que já parece bastante com a cor natural dos seus lábios. Eu já passei nela várias vezes, não sei o motivo dessa implicância toda do Ricardo.

— Tape os ouvidos, Maria Lara. — Boto as mãos na cintura estreitando os olhos, desafiando o pai dela.

— Amor... — Ele começa meloso, mas o corto.

— Amor coisa nenhuma, Delegado. Roupa e maquiagem não definem caráter de ninguém, mas sim a atitude das pessoas. Já vi muita mulher de minissaia com integridade, e outras com vestido lá nó pé, sem nenhuma. Não se mede moral pela aparência, muito menos felicidade pelo sorriso — esbravejo e ele faz sinal de abrir a boca, mas continuo: — Então escuta bem, porque eu só vou falar uma vez, minhas filhas serão criadas para serem mulheres independentes. Elas vão usar as roupas do tamanho que quiserem, voar até onde suas asas a levarem. Se apaixonar por quem escolherem, e se quiserem ficar sem compromisso, que seja. Seus corpos, suas regras. E nunca irão abaixar a cabeça para ninguém que tentar oprimi-las. Nem mesmo o pai delas, estamos entendidos? Serão empoderadas, de atitude. — Afundo o dedo no meio da sua cara, os hormônios da gravidez me deixam com um humor pior que o de costume, com a armadura pronta para briga.

— Ai, amor, você me deixa louco quando me coloca no meu lugar dessa forma. — O canto da sua boca se curva em um sorriso que eu conheço muito bem, ele está excitado. — Já te disse como está linda hoje? Porque está de tirar o fôlego, esse vestido parece ter sido feito especialmente para você.

Que tarado!

— É uma pena que você está de quarentena ainda, se não iria te dar um trato daqueles agora mesmo. — Me ponho nas pontas dos pés para sussurrar no seu ouvido, ele geme me catando pela cintura para me beijar.

— De hoje não passa, Júlia. E quem vai me implorar para estar dentro de você, não sou eu, meu amor — sussurra de volta todo pretencioso mordendo o lóbulo da minha orelha, ele está há muito tempo sem sexo e eu também. Quando colocarmos toda essa tensão sexual em dia, como disse uma vez a dona Célia *“Rio de Janeiro será pequeno para nós dois”*.

Mas esse dia não poderá ser hoje, ele ainda não está cem por cento para o

tipo de amor selvagem que estávamos acostumados a fazer.

— Ha! Eu implorar? Nunca — desafio, e ele compra a briga.

— Quer apostar, Marrenta? — Ergue as sobrancelhas, confiante.

— Feito, Delegado. — Estufo o peito com mais confiança ainda, nunca perco quando sou desafiada.

— Posso destampar o ouvido agora, mamãe? — Minha pequena pergunta ainda com as mãozinhas no ouvido, de costas para nós, tão quietinha que esquecemos que estava aqui, tadinha. É tão obediente que não vai sair da posição até que eu autorize.

— Claro, meu amor, me desculpa. Seu pai me deixa louca, às vezes. — Agacho para passar o batom nela e uma poeirinha de *blush*, e dou uma última ajeitada no seu cabelo. Tudo sobre o olhar do pai.

— Já são quase sete horas, vamos chegar atrasados na formatura, crianças. — Dona Célia aparece no quarto dentro de um conjunto social de três peças, cinza, colar de pérolas e o cabelo preso em um coque severo com a franja arrumada perfeitamente presa de um lado.

Parece uma duquesa de tão elegante, mas falta alguma coisa.

— Não vai usar um dos seus vestidos floridos hoje, mãe? — Ricardo questiona.

— Não, filho, fiz várias promessas para que você melhorasse que sobrou até para os meus vestidos floridos. — Vejo que o Ricardo fica emocionado, mas não diz nada, apenas vai até ela e a abraça.

Enquanto dona Célia lambe sua cria, caminho até o guarda-roupa cantarolando para pegar minha beca dentro do closet, pendurada no cabide e protegida por uma capa de plástico. É preta com a gola branca e a faixa em volta da cintura em um vermelho vivo. Depois descemos a escada rindo das piadas da minha sogra, quando pisamos no último degrau Ricardo joga uma bomba na minha mão.

— Como é um dia especial, vamos no Audi que comprei e ainda não tive oportunidade de usar. — Solto um gritinho pulando no seu pescoço, como ele ainda não pode dirigir, eu que estou sendo a motorista da casa nos últimos dias.

Eu até tinha dado uma olhada nesse carrão guardado na garagem ao lado dos outros carros e duas motos, minha mão chegou a formigar de vontade de

dirigir, mas como é novinho, tive vergonha de pedir.

— Não acredito que vou dirigir aquela máquina. Onde estão as chaves, Delegado? — Bato uma mão na outra, entusiasmada, louca para colocar aquele motor para roncar.

— Na segunda gaveta da cômoda, pode pegar— ameaço ir até a sala de estar, mas ele segura meu braço. — Não nessa cômoda, a do meu escritório. — Fico tensa, por que ele está fazendo isso comigo logo hoje, um dia tão especial para mim?

Desde que voltei para essa casa que não pisei mais no escritório, não adianta, simplesmente não consigo. Ainda não estou pronta para lidar com isso, e talvez Ricardo, percebendo, esteja me testando para saber se depois de me deparar com o quarto das lembranças da esposa, novamente, não irei embora como da última vez. Entendo seu receio, por isso vou deixar claro de uma vez por todas que não pretendo ir a lugar nenhum. Respeito seu luto, agora mais do que nunca.

— Tudo bem, amor, vocês podem ir na frente e me esperem na garagem, chego logo atrás. — Sorrio da forma mais natural possível e beijo seus lábios, ele está tão tenso quanto eu e percebo a presença de um nó seu pescoço.

Dona Célia pega a mão da neta e sorri amarelo indo na direção da garagem, dessa vez prefere não se intrometer.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você, Júlia? — Nego com a cabeça, isso é uma coisa que tenho que fazer sozinha. — Deixa que eu levo isso então, até daqui a pouco. — Pega a beca das minhas mãos e pensa por longos segundos.

Seu olhar tem um certo pesar, será arrependimento de criar uma situação para eu voltar ao escritório?

Não sei.

Respiro fundo alisando minha barriga, minha garganta está seca e a boca amarga. Caminho em direção ao escritório e, ao abrir a porta, as lembranças da última vez que estive nesse lugar caem sobre mim com a força de um tiro de canhão, mas ao acender a luz, há algo diferente. A impressão é de estar em um lugar completamente diferente, a mobília foi toda renovada. O quarto com as lembranças da esposa do Ricardo não está mais aqui, é como se nunca tivesse existido. No lugar, montou um local para leitura, um sofá bege macio em frente à

uma lareira para os dias frios, e as paredes foram decoradas de cima a baixo com prateleiras de livros de todos gêneros.

Caramba! E eu sem coragem de entrar aqui todo esse tempo, que idiota. É por isso que Ricardo inventou esse motivo bobo para me trazer aqui, não queria que eu viesse aqui enfrentar minha insegurança, mas sim para me mostrar que eu não tenho mais o porquê ficar insegura. Mas, sinceramente, se tivesse deixado as coisas do jeito que estavam, também não me importaria. Um relacionamento só dá certo, quando um respeita o espaço do outro.

Levo pelo menos cinco minutos para controlar minha respiração, vou até a cômoda nova do lado da janela e pego a chave dentro da gaveta. Há uns papéis debaixo dela, olho e vejo que é o relatório da doação de roupas e vários objetos pessoais para um abrigo que recolhe moradores de rua. Ricardo tinha doado todas as coisas da Andréia para os necessitados e ainda deu uma boa quantia para ajudar os menos favorecidos. E pela data do documento, foi um dia após eu descobrir a existência desse lugar e ido embora.

Ele havia decidido deixar o passado para trás antes mesmo de eu voltar...

Sigo o caminho para a garagem apertando a chave com força dentro da mão tentando segurar o choro e não estragar a maquiagem, destravo as portas ainda de longe. Enquanto dona Célia ajuda a neta com a cadeirinha, eu pulo nos braços do Ricardo e dou um beijo bem demorado.

— Isso significa que vai ter festinha a dois hoje e eu ganhei a aposta, Marrenta? — Pergunta faceiro, as pontas dos seus dedos deslizando pelas minhas costas maliciosamente.

Seus lábios descem para a curva do meu pescoço, causando um pequeno arrepio.

— Vai sonhando, Delegado. — Viro as costas e saio rebolando, e o safado me dá um tapa na bunda.

— Gostosa — sussurra no meu ouvido discretamente enquanto abro a porta do motorista, me olhando de cima a baixo daquele jeito...

“Hoje você não escapa. ”

Chegamos na formatura em cima da hora, encontramos meu pai e o Binho na entrada, ambos muito elegantes no terno que ajudei a escolher para alugarem, nem pareciam pai e filho, mas irmãos. Não demorou muito para Yudiana e a Dani chegarem alvoraçadas para nos ajeitarmos para a colação de grau, faltava

poucos minutos para o início do evento. Não deu nem tempo de dar um beijo de despedida no Ricardo, já saíram me arrastando.

Depois da turma toda pronta, com a beca bem alinhada, fomos conduzidos até a arquibancada montada apenas para os alunos. De lá eu podia ver perfeitamente o Ricardo sentado bem na primeira fileira com a nossa filha no colo, entremeio ao meu pai e a mãe dele. Binho estava na fileira de trás paquerando uma garota, a mais metida da faculdade. Era sempre assim quando chegava em um lugar, todas do sexo oposto lambiam o chão que ele pisava. Revirei os olhos.

Yudiana, como representante da turma, leu um emocionante texto que fez em homenagem aos companheiros de sala. O professor João Pedro foi presenteado por ter sido eleito como melhor professor em uma votação de todas as salas, fez um belo discurso parabenizando os alunos que fez todos chorarem ficando de pé iniciando uma salva de palmas fervorosa. E eu até fui junto no clima, mas paralisei as mãos no ar ao olhar para o Ricardo me fuzilando de longe com cenho franzido.

Que homem ciumento!

Agradei a Deus quando a “rasgação de seda” do discurso do chato do orador da turma — o senador do estado — acabou e começaram a chamar os alunos, um por um, para pegarem o diploma. Ter minhas duas amigas, uma de cada lado, nesse momento, deixava tudo mais bonito, emocionante. Uma segurando a mão da outra o tempo todo, tão ansiosas quanto nossas famílias na plateia esperando o tão esperando momento de ouvir nossos nomes. A primeira de nós a ir foi a Dani, e logo depois Yudiana.

Meu coração cortou, não veio ninguém da sua família. Apenas seu protetor Joe, na verdade, havia mais alguém ali, apenas por ela. Ao lançar o olhar no fundo do salão, fiquei embasbacada ao me deparar com Juiz Thompson escondido na parte mais escura do recinto. O fato de estar trajando terno preto ajudava na sua camuflagem, mas não o suficiente para mim que reconheceria aquela postura superior em qualquer lugar.

O homem estava quase babando ao admirar Yudiana, olhando fixamente para ela. Minha amiga anda estranha desde o ocorrido na favela da Rocinha, e se eu pergunto como conseguiu fugir do Binladem e acabou chegando ao hospital com a roupa de sangue junto com o Thompson, recebo sempre a mesma resposta:

“O que importa é que no final tudo terminou bem, por favor, vamos esquecer esse assunto de uma vez por todas. ”

Sei lá, isso tudo era muito estranho.

Depois de receber um último abraço do orador da turma, Yudiana voltou para o seu lugar, e foi recebida por um abraço duplo, meu e da Dani. Por cima do seu ombro olhei na direção que o Juiz Thompson estava e ele havia desaparecido, veio apenas para vê-la pegar o diploma como se estivesse orgulhoso da sua conquista. Pensei se deveria ou não contar para minha amiga sobre sua rápida passagem por aqui, mas se o homem se manteve escondido é porque não queria que ninguém soubesse da sua presença. Respeitarei sua vontade, deixando esse pequeno detalhe passar despercebido.

Minhas amigas já estavam com o diploma em mãos, eu estava louca para chegar a minha vez. Porém, foram chamando os alunos que restavam e nada de falarem o meu nome. Quando restou apenas eu, pensei “agora não tem erro”, cheguei a ficar de pé e arrumar o cabelo debaixo do chapéu de formatura. Mas não foi o meu nome que chamaram, contudo, a emoção foi ainda maior.

— E agora eu gostaria de passar a palavra para o respeitado Delegado Ricardo Avilar, peço que recebam esse herói, que recentemente quase perdeu a vida durante uma missão na favela da Rocinha, com uma salva de palmas — anuncia o orador convidado, e o lugar é tomado por uma salva de palmas enquanto ele se dirige até o púlpito segurando a mão da nossa filha.

Tento encontrar seus olhos para saber o que está armando, mas Ricardo sabendo disso, evita olhar para mim. Toma a postura firme de homem da lei caminhando elegantemente, cumprimenta o senador e, enfim, começa a falar sem um pinga de constrangimento. Não gosto quando os grupinhos de mulheres na arquibancada começam a cochichar olhando para o meu homem abanando o rosto como se estivessem com calor. Mas compreendo, porque meu corpo está em chamas queimando em um desejo ardente.

Filho da mãe! Ele nem abriu a boca e já me seduziu.

— Boa noite a todos, sou o Delegado Ricardo Avilar. — Sua voz soa rouca daquele jeito que molha calcinha, um coral de suspiros mais alto e longo toma conta do auditório. Rolo os olhos nas órbitas.

Pega nossa filha no colo contorcendo um pouco o canto da boca, fico com medo de estar com dor, ainda não está cem por cento curado. Mas logo se recompõe e continua de onde parou, com a mesma confiança com que iniciou:

— Mas hoje estou aqui como pai e homem apaixonado pela mãe dos meus filhos, Júlia Helena da Silva, que está bem ali se formando hoje em Direito com louvor — aponta na minha direção e os mais de duzentos pares de olhos presentes recaem sobre mim, e eu já estou em prantos. Maria dá tchau para mim, e eu jogo um beijo para minha menininha sorridente.

Estou sem acreditar que o Ricardo teve coragem de pegar o microfone para se declarar para mim em frente a esse monte de pessoas, quando esse homem vai parar de me surpreender? Acho que nunca. Sempre tem uma carta guardada na manga para me deixar ainda mais apaixonada.

— Eu te amo — sussurro e ele sorri.

— Em um dia tão especial na vida da mulher que amo, não poderia deixar de vir aqui dizer o quanto estou orgulhoso dela por fazer valer a bolsa integral que ganhou com muito esforço, uma jovem que nasceu e cresceu no Morro do Alemão onde o índice de criminalidade — apesar de menor — ainda existe. O modo de vida é humilde, e as oportunidades de chegar ao ensino superior infelizmente são pouquíssimas. E como se não fosse o bastante, ainda existe a hipocrisia da sociedade que taxa todas as pessoas que moram em uma favela como “bandidos”, e se for negro então, aí que viram as costas mesmo. Não dão oportunidades de emprego e as humilham, isso quando não fingem que são invisíveis. — Aperto a mão da Yudiana e da Dani com força quase esmagando.

Eu, melhor que ninguém, sei exatamente do que o Ricardo está falando enquanto a filha brinca com o nó da sua gravata.

"Mas hoje provou que eles estão errados, dando um tapa com luva de pelica na cara desses preconceituosos, racistas, que não respeitam o próximo, mostrando que quando se tem um sonho deve-se lutar por ele com unhas e dentes, não importando de onde você vem ou a cor da sua pele. O segredo é não ouvir a opinião dos outros, seguindo sempre em frente de cabeça erguida até o fim. Fico feliz em fazer parte da sua vitória, e é com muito orgulho que chamo a aluna Júlia Helena para vir pegar seu diploma. "

Levanto e praticamente saio voando ao seu encontro, me jogando em seus braços e esmagando nossa filha entre nós. Eu os amo muito, são a minha vida.

Meu tudo.

— Obrigada por cada palavra, Ricardo. Foi lindo, nem sei como agradecer por fazer de um momento especial, simplesmente perfeito! — Faço questão de beijá-lo bem demorado para todas saberem que ele tem dona, e que essa dona

sou eu.

Também beijo o rosto da minha filha, ela tem as bochechas ruborizadas mantendo o olhar baixo enquanto morde os dedinhos. Pula para o meu colo imediatamente, é tímida no meio de muita gente e quando eu estou perto, é ainda mais. Acho que toda criança fica diferente na presença da mãe, principalmente manhosa.

— Parabéns, amor, você merece.

— Obrigada, esse dia tão tem como ser mais perfeito. — Ergo a mão para pegar o diploma, mas ele o levanta bem alto impedindo que eu pegue.

— Será, Marrenta? — Arrasta os lábios para o lado perigosamente, o que ele vai aprontar? Ergo as sobrancelhas, curiosa.

Observo Ricardo dar um passo para trás e ficar de joelhos com um pouco de dificuldade diante de mim. Fico literalmente de boca aberta quando tira uma caixinha de veludo vermelha do bolso.

— Você aceita se casar comigo, Júlia? — Abre a caixinha erguendo-a na minha direção, e o brilho do diamante sobre o anel quase cega meus olhos.

— É claro que eu aceito, Ricardo, eu te amo muito. — Ele se levanta sorrindo, tira meu chapéu e me dá outro beijo. Depois beija e filha e a tira do meu colo para colocar o anel no meu dedo, minha mão chega a pular de tanto que treme. Estou muito emocionada e não consigo parar de chorar de alegria.

— Juro dar o meu melhor para te fazer feliz, e te amar da forma mais sincera e bonita possível — exclama enquanto desliza o anel no meu dedo olhando no fundo dos meus olhos, também muito emocionado.

— Faço das suas minhas palavras, não precisa ser perfeito, lembra? Só de verdade. — Ele assente, feliz de um jeito que nunca vi antes.

Saímos do púlpito os três de mãos dadas debaixo de uma salva de palmas fervorosa, todos de pé gritando e assobiando, desejando felicidades.

A festa foi incrível, teve o show de banda famosa e tudo. Até o Ricardo dançou, grudado atrás da minha cintura, sensualmente. Meu pai foi embora cedo. Meu irmão? Ficou se atracando com a tal menina que estava paquerando, danado! Dona Célia se acabou na pista junto com as minhas amigas e a neta se divertindo sem hora para acabar.

Minha filha quando não estava no colo da Dani, era no da Yudiana como

parceira de dança. Eram as tias que ela não teve, e a pequena adorava ser mimada por elas. No final da festa, foi dormindo no colo do pai no carro, ela e a avó iriam acordar bem tarde.

Ótimo!

Porque a minha festa particular com Ricardo estava só começando, não tinha como essa noite terminar que não fosse com ele dentro de mim.

E ele sabia disso.

Já chegamos no quarto indo direto ao ponto, passamos muito tempo nos últimos dias apenas nas preliminares. Primeiro Ricardo me virou de costas e abriu o fecho do meu vestido fazendo a peça ir ao chão na velocidade da luz, fiquei apenas de lingerie branca de duas peças. Ansiosa, levei as mãos nas costas para abrir o sutiã para abrir.

Mas ele me impediu.

— Pensei melhor, amor, você tem razão. É melhor esperar o tempo de repouso que o médico passou. — Ele faz a graça de me afastar dele, eu já imaginava que não vai facilitar as coisas para o meu lado.

— Você quer que eu implore, não é mesmo, Delegado? — Não responde, tira o casaco e serve um pouco de uísque de uma garrafa que tem no quarto. O cretino deixou tudo pronto para nossa volta da formatura.

Caminha com os ombros largos até uma poltrona de lona preta que tem no canto do quarto e senta dando um gole na sua bebida, tranquilamente.

— Quero! E que seja bem convincente, Marrenta. — Tira o controle do som não sei de onde e coloca uma música sexy para tocar, me comendo com os olhos.

Afrouxa o nó da gravata cruzando as pernas com uma expressão de garanhão que me deixa louca. O cretino está me punindo devido à minha relutância em quebrar o período de repouso.

— Como quiser, Delegado. — Então ao som de “Earned it” de The Weekend, faço uma dança erótica para ele, que duvido muito conseguir esquecer algum dia na sua vida.



“Você faz isso parecer mágica

*Pois eu não vejo ninguém, ninguém
Além de você
Eu nunca estou confuso
Eu estou tão acostumado a ser usado*

*Então, eu amo quando você liga de surpresa
Porque eu odeio quando os momentos são esperados
Então, eu vou cuidar de você
Eu vou cuidar de você, você, você”*



Remexo o quadril como uma cobra, inclino o corpo para a frente sobre o sofá, ele vem na minha direção como se fosse me beijar. Mas levo as duas mãos abertas no seu peito e o empurro para trás. Viro de costas e em um movimento sensual seguro o elástico da minha calcinha, dobro o corpo deslizando-a para baixo empinando a bunda na sua cara. Ricardo geme com a respiração ofegante, depositando um beijo de cada lado. Levanto continuando minha dança erótica tentando prestar atenção na letra da música que escolheu, e não nas suas mãos me alisando de cima a baixo desavergonhadamente.



*“Pois garota, você é perfeita
Você sempre vale a pena
E você merece
A maneira como você trabalha
Porque garota, você ganhou isso
Garota, você ganhou isso*

*Naquela noite solitária
Nós dissemos que não seria amor*

*Mas sentimos a adrenalina
Que nos fez acreditar
Éramos só nós
Convencidos de que estávamos
Quebrados por dentro, por dentro...”*



No final da música termino a performance tirando o sutiã e jogando na cara do Ricardo, baixando o olhar tenho um deslumbre do volume enorme explodindo dentro da sua calça, louco para ser libertado. Não tomo nenhuma atitude, deixo os próximos passos por sua conta. Estou completamente nua à sua frente, é só esticar o braço e fazer o que quiser comigo. Mas, por longos segundos, ele mantém a pose de poderoso chefão limitando-se apenas a me olhar escandalosamente enquanto degusta o seu uísque.

— Então, Delegado, o que vai ser? — Levei a mão à cintura, impaciente.

Ele vira o uísque em um gole só e guarda o copo na mesinha do lado, depois tira a gravata de vez. A ansiedade me pega quando ouço o fecho da sua calça se abrindo, a visão da ereção enorme voando para fora quando abaixa a calça junto com a cueca me deixa com água na boca.

— Então, amor, o que você quer? — Indaga com a voz rouca.

— Você sabe muito bem o que eu quero, Ricardo. — Bufo.

Ele começa a me provocar alisando a cabecinha do seu membro rígido, deslizando a dobra mais fina para baixo.

— Se não disser em voz alta, amor, eu vou terminar a brincadeira sozinho.
— Arqueia a sobancelha se masturbando com tudo que tem, inclinando a cabeça para trás, gemendo, me deixando com muito tesão.

Filho da mãe!

— Eu exijo você dentro de mim, agora! Bem fundo e com força, Delegado.
— Ofego, sem perceber que aperto o meu próprio seio, mordendo a parte de dentro lábio.

Ricardo me dá um sorriso cafajeste, fazendo sinal para que eu me sente no seu colo. Assim eu faço, submissa, colocando uma perna de cada lado do seu

corpo. Primeiro suga um seio lambendo e chupando enquanto aperta o outro, depois troca a ordem me fazendo gemer desesperadamente.

— Nunca mais vai negar o que é meu, entendeu bem? — Puxa meu cabelo preso em sua mão num rabo de cavalo abrindo caminho para meu pescoço para deixar um chupão, ele sabe ser um menino mau, quando quer.

— Pode pegar o que é seu quando quiser, amor. — Me contorço nas suas mãos, não sei como, mas elas passam por todo meu corpo ao mesmo tempo.

Sem conseguir segurar mais o tesão ardente dentro de mim — já que não sou o tipo que espera, faço acontecer — apoio as mãos nos seus ombros para equilibrar, e suspendo meu corpo sobre os joelhos para chegar à altura necessária para me posicionar sobre sua ereção grande e grossa. Respiro fundo me preparando para descer bem devagar, não quero que ele faça muito esforço, meu plano é fazer a maior parte do trabalho. Ainda bem que essa posição facilita as coisas para mim.

Mas o apressadinho arruinou meus planos, parecendo até ter ouvido meus pensamentos.

— Senta, amor, vai... — Suas mãos agarram minha cintura obrigando-me a descer com tudo, me alargando conforme me preenche, tomando posse de cada pedacinho que lhe pertence.

O ruído abrupto que sai de nossas garantas é de pura luxúria.

— Caramba, Ricardo! — Abraço seu pescoço totalmente sem fôlego, depois de tanto tempo eu tenho que me acostumar com seu tamanho.

No entanto, ele não deixa que me recupere do golpe direito e começa a mexer os quadris, segurando na minha cintura impulsionando movimentos de sobe e desce. O cheiro de excitação toma conta do ar, todos os meus sentidos aguçados.

— Eu não quero que pegue leve comigo, Marrenta — ordena com a voz rouca erguendo meu corpo o máximo que pode ao ponto do seu membro quase sair todo de dentro de mim, gemo em protesto. — Porque eu não vou pegar leve com você. — Me puxa para baixo pela cintura elevando o quadril penetrando bem fundo, fico sem ar ao me sentir completamente preenchida.

— Eu vou te fazer gozar tanto dentro de mim, que se eu não estivesse grávida, com certeza ficaria. — Tomo as rédeas da situação e começo a me movimentar sozinha, descendo e subindo em golpes precisos e profundos, nos

beijando intensamente.

— Nossa, amor, como você é gostosa. — Arqueia o pescoço, pressionando a cabeça na poltrona.

— Você não viu nada ainda, Delegado. — Essa promessa o excita ainda mais, ele parece um animal descontrolado com os olhos azuis escuros vidrados em mim.

Inclino o corpo para o lado de um jeito que eu deslizo por toda a extensão do seu membro conseguindo envolvê-lo quase que por completo, suor brota da pele do Ricardo. A penetração é tão profunda que sinto que não iremos aguentar por muito tempo, então algumas estocadas depois chegamos ao orgasmo juntos em um grito agudo.

— Minha nossa, Júlia. — Rosna com a voz trôpega, o rosto descansando na curva do meu pescoço, eu acabei com ele.

— É, eu sei, amor. — Sorrio ofegante.

Depois de fazermos amor na poltrona, foi só recuperar o fôlego para repetirmos a dose na cama e no chuveiro. Nem vi quando dormirmos, estávamos exaustos depois de uma maratona de sexo tão intenso.

Porém, saciados.



Despertei com um bocejo longo espreguiçando em meio a um emaranhado de lençóis, acordei com os raios de sol batendo dentro do quarto. Passei a mão no lado do meu noivo, contudo, ele já havia levantado. Sentei-me esfregando os olhos com força, ao abri-los encontrei Ricardo de braços cruzados me observando de pé do lado da cama já tomado banho e todo arrumadinho em um jeans escuro e camisa preta, os cabelos ainda molhados, penteados para trás.

— Eu preciso ir a um lugar fazer uma coisa, e queria muito que você estivesse ao meu lado. — Ele está sério, porém, não chega a ser triste.

— Eu sempre estarei ao seu lado, meu amor, na alegria e na tristeza para todo o sempre. — Ganho um sorriso, modesto.

Tomei um banho rápido e me arrumei na mesma velocidade, mas Ricardo me fez comer quase uma mesa inteira de café da manhã. Ele pegou uma mochila e colocou no carro, depois da estripulia que fizemos ontem a noite não vi mal

nenhum em deixá-lo dirigir, seguimos viagem até um heliporto com um piloto já nos aguardando. Tremi um pouco quando entramos no helicóptero, o barulho das hélices era ensurdecedor. Quis perguntar onde iríamos, mas não quis perguntar ao meu noivo que parecia pensativo enquanto observava pela janela a vista à nossa frente do Parque Estadual do Grajaú que tem como marco notável a Pedra do Andaraí, com altitude de 444 metros, de elegante forma piramidal e que atrai muitos escaladores.

À sua volta existe uma cobertura florestal bastante significativa, se restringe ao trecho inferior do vale do Rio dos Urubus, e lá são encontradas muitas espécies exóticas convivendo com as nativas. Já vi várias reportagens no jornal sobre esse lugar, tem muito verde e é simplesmente lindo.

— Em uma viagem com Andréia no Rio de Janeiro, nós visitamos essa reserva florestal e escalamos a Pedra do Andaraí — comenta abrindo o fecho da mochila, estamos voando bem sobre o coração do Parque. — Quando chegamos ao topo, ela olhou bem para baixo e disse que se pudesse escolher, viveria nesse lugar para sempre, porque amava tudo relacionado à natureza. — Tira a urna cor de rosa de dentro da mochila, a mesma que vi no santuário que fez para a esposa.

Nossa! Ele vai jogar as cinzas da esposa sobre esse lugar, por isso estava estranho durante a viagem.

— Meu Deus, Ricardo! De coração, não precisa fazer isso. — Seguro sua mão impedindo-o de abrir a urna. Ele olha para mim com os olhos cheio de lágrimas. — Não por mim, meu amor. Sei o quanto sua esposa é importante para você, jamais iria pedir que abrisse mão de algo tão importante. — Mede-me com o olhar, depois beija minha testa.

Temos que falar quase gritando, o barulho das hélices é realmente altíssimo

— Não estou fazendo só por você, Júlia, mas, principalmente, por mim. — Tira minha mão sobre a tampa, e eu não tenho mais nada o que fazer a não ser lhe dar apoio total nesse momento difícil. — Preciso deixá-la ir para sempre, sua missão nesse mundo já terminou. Minha esposa agora será você. — Assinto permanecendo em silêncio entendendo perfeitamente seu lado, mas levo minha mão sobre a sua perna para que lembre que não está sozinho.

Ricardo faz sinal para o piloto abrir a janela, ele assente. Instantes depois as cinzas de Andréia são espalhadas sobre a área florestal do Grajaú. Ao terminar, ele me abraça de um jeito diferente. Mais íntimo. E, de repente, é como se o tempo estivesse passando bem devagar, e um sentimento bom de paz toma conta

de todos nós.

De liberdade.

E um gostinho de recomeço.

Capítulo 50



JÚLIA

Eu nunca acreditei em contos de fadas, no “*felizes para sempre*”. Muito menos no amor, em ser amada de verdade. Mas agora estando aqui de braços dados com meu pai todo sorridente prestes a me entregar para o homem que se tornará, em instantes, meu marido, me faz ter a certeza que estou vivendo uma linda história de amor. Enfim, o dia do nosso casamento chegou, optamos em fazer uma cerimônia bem íntima numa bela casa na praia, convidamos apenas as pessoas importantes para nós, entre parentes e amigos.

Será algo simples, rápido e lindo.

— Pronta para ser feliz, filha? — Meu pai alisa minha mão, está tão nervoso quanto eu.

— Sim, pai, mais do que nunca. — Sorrio para ele, confiante.

Começamos a caminhar, eu seguro meu buquê de rosas vermelhas bem firme contra o peito. As rosas são frescas, exalando um aroma delicioso. Meu vestido é branco de alças finas bem justo até a cintura deixando bem marcada a minha barriguinha de mais de quatro meses. Tem a saia longa de tecido fino com uma fenda do lado que voa conforme eu ando com os pés tocando a areia. Meus cachos estão soltos de forma avulsa, com uma rosa presa de um lado.

Ricardo é o primeiro a notar a minha chegada, também está descalço, usando calça grafite e uma camisa branca. Lindo de morrer, como sempre. A emoção é visível em seu rosto, a forma que me olha me faz sentir única. Ele me ama muito, e tem provado isso todos os dias. Ao seu lado, no altar, estão nossos padrinhos, minhas duas melhores amigas, Yudiana e Dani, fazendo par com os dois melhores amigos dele, André e o Barreto.

Nossa filha vai à minha frente com um vestido igual e o cabelo arrumado da mesma forma, segurando uma cestinha com pétalas enquanto as joga pelo caminho formando um tapete para eu passar. Gustavo leva a caixinha com as alianças, uma gracinha, vestido igual ao noivo. Tento sorrir para os convidados, mas minha atenção é toda do Ricardo, tanto os sorrisos como os olhares.

— Cuide bem da minha filha, Ricardo. — Meu pai entrega minha mão a ele. Ricardo beija a minha mão e minha barriga.

— Eu cuidarei bem dela e dos seus netos, senhor Joaquim. Eu prometo. — Meu pai retorna ao seu lugar com um aceno de cabeça, satisfeito com a resposta do genro.

— Você está linda, Marrenta. — Tira alguns cachos sobre o meu rosto, o vento não está dando trégua.

— E você está um tesão, Delegado — confesso em um tom calculado para que só ele escute, mas não adianta, porque a gargalhada alta que ele dá acompanhada de um leve rubor, me entrega.

Quando menos espero, o danado quebra completamente o protocolo me roubando um beijo. Os convidados começam a assobiar batendo palmas, só paramos com o longo pigarreio do Juiz de paz.

— Ainda não está na hora da lua de mel, deixem para mais tarde. — Ele nos repreende, e os convidados riem mais ainda e nós, também.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando Ricardo começa a fazer seus votos com a voz firme, segurando minhas mãos e olhando no fundo dos meus olhos, consigo sentir o amor fluindo a cada palavra que profere diretamente para mim.

“Nós somos muito diferentes, mas somos diferentes de um jeito que eu acho perfeito, porque a gente se complementa. Você é tudo o que estava faltando na minha vida. E eu espero, sinceramente, poder ser o mesmo para você. Prometo falar quando as palavras forem necessárias e compartilhar o silêncio quando não forem. Defendendo o nosso amor e estimá-lo acima de qualquer coisa, ser compreensivo, tolerante e paciente. Prometo cuidar de cada uma das suas necessidades. Prometo respeitá-la e amá-la completamente. Não importam quais obstáculos enfrentemos, o meu amor por você se manterá intacto, forte e perfeito. Sobrevivemos a tantas coisas juntos, que não existem maneiras de um dia chegarmos ao fim. Nosso amor é eterno e se eternizará na vida dos nossos filhos.”

Choro mais ainda quando Ricardo termina seus votos e o meu irmão me entrega uma caixa contendo diversas cartas escritas à mão pelo Ricardo, uma para cada dia desde que demos o primeiro beijo. Ele diz que só os votos são muito pouco para declarar seu amor, por isso teve a ideia de colocar tudo no papel. Irei ler todas com calma, e guardar com todo amor do mundo.

Chega a minha vez de fazer os votos e coloco para fora tudo o que trago dentro do meu coração pelo Ricardo. Que não é pouco, às vezes tenho a sensação que meu peito vai explodir.

— Sem querer você apareceu, e já chegou virando minha vida de cabeça pra baixo. Com sua rabugice e a cabeça mais dura que conheço, um legítimo Cavalão. — Espero os convidados pararem de rir para continuar, eles não perdoam uma.

— Tadinho do meu amigo, Júlia, às vezes ele é um *manezão*, mas dá um desconto para o cara, ele é gente boa. — André vem em defesa do amigo, Ricardo entra na brincadeira e faz cara de santo.

Não aguenta segurar por muito tempo e acaba sorrindo galanteadoramente. Dá até para ouvir os suspiros femininos entre os convidados, não fico brava, tenho que me acostumar com isso.

— Meu papai não é *manezão*, é um herói. — Maria defende o pai, e os convidados se derretem.

— “*Ahh*”. — Ouvimos o coro unânime.

— Obrigado, filha. — Pisca para filha, e a pequena faz uma carinha fofa.

Depois do momento descontraído, prossigo.

— O que eu quero dizer para todos aqui, é que o amor às vezes pode começar de forma errada. Não existe regra para isso, muito menos que você vá encontrar uma alma gêmea durante sua vida. Eu, por exemplo, encontrei a minha quando Maria Lara apareceu na minha, porque ela faz com que eu me sinta completa. — Olho para a minha filha sentada ao lado da dona Célia que não parou de chorar durante todo o casamento, a pequena sorri para mim do mesmo jeitinho especial que ninguém mais sabe. — E a segunda vez foi quando o pai dela “chegou chegando” e trouxe de volta o brilho no meu olhar, o sorriso nos lábios. Mas também o medo de me machucar. Não te culpo por trazer de volta um sentimento que eu havia prometido apagar de mim, Ricardo, mas te culpo por fazer desse sentimento o melhor que eu já senti. De um jeito muito especial, você me fez acreditar que o amor pode ser de verdade. Não te prometo a perfeição, pois isso eu não sou, mas sim o melhor de mim, sempre — eu mal termino de falar e meu futuro marido cata minha cintura quase me derrubando e ataca minha boca sem se importar com quem está olhando, nem mesmo o Juiz de paz.

— Eu te amo muito, Júlia. Você é a segunda chance que Deus me deu para me fazer feliz, e eu vou aproveitar cada minuto ao seu lado vivendo nessa casa à beira-mar, vendo nossos filhos crescerem correndo descalços nessa mesma areia que está debaixo dos nossos pés agora. — Fico de boca aberta, ele não alugou essa casa linda na praia apenas para o nosso casamento e, sim, a comprou para nós morarmos.

Dessa vez sou eu que o puxo para um beijo, essa casa é o sonho de qualquer família. Grande e espaçosa, com a vista de todos os quartos para esse mar lindo. Não fica tão longe do centro, é na metade do caminho que o Ricardo faz até a delegacia onde trabalha. E acima de tudo teremos privacidade para criar nossos filhos da bagunça do centro. Uau! Não podia ser melhor, estamos literalmente começando tudo do zero.

Pelo visto, vida nova.

Casa nova.

Aí vamos nós, sem medo de sermos felizes.

A festa de casamento foi tão íntima quanto a cerimônia, profundamente pessoal. A equipe toda do Ricardo se fez presente, isso inclui a Carol. Mas ela estava diferente, me chamou em um canto e pediu desculpas várias vezes por todas as grosserias que fez comigo. Explicou que nasceu em uma família difícil com uma mãe que a oprimia, e depois que engravidou do Vinicius, quase a matou. E isso acabou respigando na sua personalidade na adolescência causando problemas de autoestima, por isso ataca as mulheres que admirava e gostaria de ser igual.

Carol explicou também que tanto ela quanto o filho estão fazendo tratamento psicológico, estavam a cada dia mais unidos e nunca estiveram tão felizes. Agora ter um namorado deixou de ser necessidade, para virar escolha. Confesso que tudo o que disse me pareceu bastante sincero, então a perdoo. Mas ela ainda não me desce, não consigo confiar nela plenamente, por isso é melhor cada uma permanecer no seu canto por enquanto.

Nosso casamento saiu tudo perfeito, fomos cumprimentados por todos os convidados desejando felicidades. Cortamos o bolo e na mesma hora ele deu o primeiro pedaço para sua mãe e eu para o meu pai. Brindamos nossa união com champanhe, eu fiquei só no brinde, pois meu marido não me deixou beber uma gota de nada que tivesse álcool, apenas suco e natural ainda por cima.

Minha sogra me consolou se aproximando e beijou os dois lados do meu

rosto, agora não chorava mais, havia um sorriso largo no rosto.

— Que bom ver vocês tão felizes, enfim meu filho acordou para vida. Graças a você. Muito obrigada, Júlia.

— Eu que agradeço por sempre acreditar no nosso amor antes mesmo de nós. — A abraço.

— Que nada, querida, agora posso voltar para minha casinha em Floripa, em paz, sabendo que meu filho e os meus netos estão em boas mãos. — Coloca a mão sobre a minha barriga, teimando que será um menino.

Fiquei um pouco triste de saber que ela irá embora depois do nascimento do bebê, nada a fez ficar. Disse que o Rio de Janeiro não combina com ela. E me contou, em segredo, que tem um namorado a esperando em Florianópolis.

— Gostando da festa, senhora Avilar? — Ricardo se aproxima me abraçando por trás, apoiando o queixo no meu ombro enquanto alisa minha barriga, como sempre.

— Muito e você?

— Amando cada segundo, é bom ver a casa cheia de pessoa que amamos. — É bom mesmo, principalmente porque todos estão tão felizes e relaxados.

As crianças se divertem correndo para todo lado. Barreto trouxe os irmãos adotivos, seus pais conseguiram adotá-los sem nenhum problema. Graças a Deus, apesar do inferno que já viveram, não se tornaram tristes e estavam se enturmando super bem com todos. O filho da Carol, que tanto odiava a Maria Lara, agora brinca junto. Até teve permissão para voltar para a antiga escola depois que começou o tratamento psicológico. Criança é assim mesmo, perdoa fácil.

Os adultos deveriam seguir esse exemplo.

Fiquei imensamente feliz de a Solange ter vindo para o casamento como nossa convidada especial e ainda trouxe os netinhos, ela continuará trabalhando conosco, jamais me mudaria e a deixaria para trás. Agora faz parte da nossa família. Falando em pessoas queridas, olhei para a varanda da frente e vi André e a minha amiga de trabalho Marisa conversando animadamente. Acho que tem casal novo se formando, seria ótimo, ambos mereciam muito a oportunidade da felicidade.

Houve um momento que caí na pista de dança com minhas amigas, como nos velhos tempos.

Está muito divertido, Yudiana finge estar feliz, mas eu vejo em seus olhos que não.

— Sabe que pode contar comigo no que precisar, não sabe? — Abraço minha amiga, ela balança a cabeça.

— É claro que sei, Júlia. Nem precisa falar. — O tom severo da Yudiana deixa bem claro que não adianta fazer nenhuma pergunta, porque irei continuar sem respostas.

— Não basta dar um anel de diamantes, a aliança tem que ser cravejada de pedras preciosas também. — Dani chega remexendo o corpo no ritmo da música e segura minha mão girando a aliança de um lado para o outro, realmente é linda e grossa. Muito grossa.

Coisa do meu marido, quer que os homens a vejam a metros de distância para saber que tenho dono.

— É linda mesmo, mas agora vamos dançar para comemorar sua felicidade, Ju. — Yudiana começa a pular, mas antes de eu pensar em me mexer, minha filha aparece querendo bolo.

— Mamãe, eu quero bolo, pega para mim? — Puxa meu vestido, e faço cócegas nela a fazendo gargalhar.

— Pode deixar que eu vou com ela pegar, Júlia. Eu amo essa menina, sempre sonhei em ter uma irmãzinha, nunca gostei de ser filha única. — Dani pega minha filha no colo e as duas saem em direção à mesa de doces, eu e a Yudiana continuamos dançando.

Mais tarde, Ricardo me chamou para irmos embora mais cedo para descansarmos para a vigem que faremos bem cedo para nossa lua de mel nas Bahamas. Maria Lara vai conosco. Será nossa primeira viagem em família, mal posso esperar.

Capítulo 51

•

RICARDO

— Se sairmos de fininho ninguém vai notar, esposa, agora você é só minha — proponho em um tom baixo, atraente.

— E você vai me levar para onde, Delegado? — Questiona enquanto fugimos pela saída dos fundos, com a correria do casamento não deu tempo de Júlia reparar como nossa nova casa é linda, rodeada por palmeiras de todos os tamanhos.

Custei a achar o lugar perfeito para criarmos nossos filhos, mas, como sempre amei praia, depois de muita procura acabei encontrando essa propriedade à beira-mar magnífica para nossa família. Seremos muito felizes aqui, tenho certeza.

— Para as estrelas. — Faço mistério, caminhamos uns quinze minutos até chegar em um porto particular que faz parte da propriedade.

Há uma lancha luxuosa ancorada nos esperando, a expressão da minha esposa ao ver seu nome “*Júlia Helena*” escrito bem grande no lado de fora do casco, é apaixonante. Acho que consegui impressioná-la, ótimo!

— Meu presente de casamento, gostou?

— Eu te amo muito, obrigada por existir. — Pula nos meus braços, e eu a levanto do chão beijando minha esposa apaixonadamente.

— Eu acho que isso é um sim, então vamos inaugurar o seu presente agora mesmo, o que acha? — Assente, animada.

Entramos mar a dentro nessa noite linda, deligo a lancha em um ponto estratégico para admirarmos o céu mais estrelado que já vi na vida. Uma bela Lua cheia corta o céu, o vento traz uma brisa fresquinha. Abro um cobertor macio que trouxe para deitarmos no chão, sua cabeça repousa no meu ombro. Passo o braço ao redor dela unindo nossos corpos, quando ela se aninha a mim, a escuto emitindo um som baixinho parecido com um suspiro apaixonado.

— Você disse alguma coisa, amor? — Indago.

Ela tem o olhar fixo no céu, uma estrela cadente brilhante cai na hora deixando um rastro brilhante.

— Em como sou feliz ao seu lado, Ricardo. — Suas palavras me fazem sorrir aquecendo meu coração, deposito um beijo ao topo da sua cabeça.

— Às vezes, ainda me pego olhando para nossa filha, e penso no quanto Deus havia escrito certo por linhas tortas quando a tirou de mim. Pensei que nunca teria uma segunda chance da vida, que jamais seria feliz de novo. — Gira o pescoço para olhar para mim, mais cheia de amor do que esse mar imenso à nossa volta. — Até um certo furacão chamado Júlia Helena chegar me sacudindo para a vida, com toda sua marra e respostas desafiadoras. De personalidade forte, que me deixa louco na cama e fora dela. Mas com um coração enorme, e é todinho meu agora. — Um sorriso se insinua nos seus lábios, sexy e provocante.

— Sempre foi, desde que fizemos amor — revela uma verdade que nunca quis admitir nem para ela mesmo.

— Eu também não quis admitir, mas depois que experimentei o que é fazer amor com você, Júlia, não te deixaria escapar nunca mais, e não vou. Lutarei por nós, sempre, te fazendo a mulher mais feliz desse mundo. — A beijo ternamente acariciando sua barriga mal podendo esperar para o nosso milagre vir ao mundo.

Ver como será os traços do seu rostinho, o sorriso. Quero pegar meu filho no colo e ficar admirando-o por um longo tempo, afinal ele é a realização de um sonho. Ser pai é uma dádiva, agradeço a Deus por me conceder esse privilégio por duas vezes.

— Já sou, Delegado, você é meu mundo agora. — Sorri.

— E você o meu, Marrenta — afirmo e deposito um beijo sobre sua barriguinha linda.

Sinto-me amado e imensamente feliz, com o coração todo bobo de admiração pela minha esposa. Sempre serei grato a ela por ter me resgatado das trevas apenas com o poder do seu amor, aquele que não é perfeito. Mas é de verdade. Intenso e com o poder curativo, capaz de curar até os corações mais feridos. Éramos duas partes quebradas pela vida, que juntos se completavam perfeitamente.

Nossa noite de núpcias não poderia ter sido mais linda do que entregando nossos corpos um ao outro sem pressa sobre a luz do luar, traçando nosso caminho em direção à felicidade eterna. Bem que me disseram que minha

felicidade estava no caminho das estrelas, agora olhando para minha esposa dentro dos meus braços entendo o porquê.

Julia sempre será a estrela que ilumina o meu céu.

Epílogo

•

JÚLIA

Ricardo entrou na maternidade aos gritos comigo nos braços, meu marido havia literalmente surtado só porque minha bolsa estourou um mês antes do previsto para o nascimento do bebê. Disse que já passou por aquilo uma vez e ele acabou perdendo a esposa e por muito pouco não perdeu a filha também durante o parto, tinha medo que acontecesse o mesmo comigo. Tentei acalmá-lo na hora de entrar na sala de cirurgia. Os médicos decidiram fazer uma cesariana de urgência, eu estava calma e muito confiante que tudo daria certo.

— Você tem que se acalmar, amor, vai ficar tudo bem comigo e com nosso bebê. — Limpo as lágrimas que deslizam pelo seu rosto, ele chora em silêncio completamente apavorado com a possibilidade de nos perder.

A essa altura eu já estou na maca esperando as enfermeiras virem me buscar a qualquer momento para a cirurgia, o meu bebê não para de pular dentro da minha barriga ansiosa para sair logo e conhecer o mundo.

— Eu estou com muito medo, amor, como consegue continuar tão calma em uma hora dessas? — Inclina aproximando nossos rostos, o tempo todo segurando minha mão.

— Estou feliz que poderei conhecer nosso filho um mês antes, isso não é ótimo? — Aponto o lado bom da situação, mas sua expressão ainda é de pavor.

— Se acontecer alguma coisa com um de vocês dois, eu não vou aguentar, Júlia. Juro que não vou. — Balança a cabeça, devastado, cortando meu coração em vê-lo reviver um dos dias mais terríveis da sua vida.

— Você não precisa participar da cesárea, amor, se quiser ficar esperando na sala de espera com o pessoal, tudo bem. — Todos vieram para acompanhar o parto. Meu pai está muito preocupado com a antecipação do nascimento do neto.

Quando liguei para avisar que estava vindo para o hospital, quase chorou, pediu para sair mais cedo do trabalho. Agora meu pai trabalha como chefe de obra em uma empresa grande de construção. Acho que tem o dedo do Ricardo nisso, mas nega até a morte. E como meu irmão recentemente foi promovido a

gerente do restaurante, ambos estão ganhando muito bem, começaram o financiamento de uma casa em um bairro bacana.

— Ninguém me tira do seu lado, Marrenta. Estaremos juntos em qualquer situação difícil, e principalmente agora que o nosso segundo filho virá ao mundo. — É taxativo, confesso que me sinto mais aliviada em saber que estará ao meu lado o tempo todo.

— Eu te amo, marido.

Ele sorri.

— Eu te amo, esposa.

Eu sorrio.

— Chegou a hora mamãe, vamos? — As enfermeiras chegam para me buscar, a mão do Ricardo aperta a minha com mais força.

Os preparativos para cirurgia começam e somos informados de cada passo que fazem. A anestesia é a raquidiana, só ficarei anestesiada do peito para baixo, e permanecerei perfeitamente consciente durante todo o processo. Estarei acordada quando meu bebê nascer. Apesar de a minha pressão ter subido um pouco, tudo está correndo bem, mesmo assim, meu marido continua preocupado. E não para de dizer o quanto ama a mim e os nossos filhos.

De repente, ouvimos o choro do nosso filho pela primeira vez. Alto e vigoroso. Sinto uma sensação maravilhosa, simplesmente inexplicável.

Sublime.

— Parabéns, papai, é uma menina. — A enfermeira enrola a bebê em uma manta verde e a entrega ao pai. Ele segura a filha com as mãos trêmulas, seu olhar é de puro amor.

— Olha, amor, temos mais uma princesinha para alegrar nossas vidas. Ela é tão linda, se parece com você. — Ricardo se aproxima emocionado com nossa filha nos braços e a coloca sobre meu peito virada de frente para mim. Quando vejo o seu rostinho redondo, começo a chorar.

Ela é linda demais, tem a mesma cor da minha pele. Os traços delicados e marcantes ao mesmo tempo. As bochechas gorduchas que dá até vontade de apertar, a fofura em pessoa. É muito cabeluda, cheio de cachos bem enroladinhos.

— Nossa filha é perfeita, Júlia. Temos que dar um nome a ela, algum

palpite? Quero que você escolha, seja qual for, eu amarei — diz meu marido sem tirar os olhos da nossa filha, não consegue parar de olhar para ela.

— Pensei em Maria Cecília, para homenagear a sua mãe que a amo como se fosse minha também. É a mulher que mais admiro no mundo, sempre acreditou no nosso amor desde o começo. Se nossa filha herdar a metade da bondade dela, estamos feitos. — Ele abre um sorriso enorme com os olhos inundado por lágrimas, e eu solto um soluço alto. Emocionada é pouco para me definir nesse momento.

Uma vez a mãe dele me disse que seu nome verdadeiro é Maria Cecília, e que “Célia” foi um apelido dado pelo pai quando era criança. Quando ouvi o médico dizer que era menina, logo pensei em homenagear a avó dos meus filhos, afinal ela sempre acreditou no nosso amor antes mesmo de nós dois.

— Obrigada, minha mãe vai ficar radiante quando souber — nos declaramos através do olhar, às vezes as palavras não conseguem expressar o amor que sentimos um pelo outro. — Seja bem-vinda à família, Cecília. — Beijo a testa da nossa filha, lambendo a minha cria.

— Só um minuto, tem alguma coisa errada aqui — grita o médico, não só assustando a equipe de enfermagem que o auxilia, quanto a mim e ao Ricardo.

— O que aconteceu de errado com minha esposa, doutor?

— Calma, papai, nada demais. Tudo indica que tem outro bebê aqui dentro, só um minuto. — Ricardo leva as duas mãos na cabeça, em choque, andando em círculos na sala de cirurgia sem saber se ri ou chora, totalmente tomado pela euforia.

E, para nossa surpresa, veio um menino, bem menorzinho que a irmã, mas tão perfeito quanto. Quase surtamos de tanta alegria, se apenas um era incrível, imagina dois? Ricardo quase surtou de felicidade, saiu da sala gritando feito um louco dando a novidade para o resto da família. Todo pessoal da equipe de enfermagem riu e disseram que nunca viram um pai tão feliz.

Ele escolheu dar o nome de Joaquim, em homenagem ao meu pai. Disse que o considerava como seu pai também, nada mais que justo. Fiquei emocionada. Mas como não ficar? Eu amava meu marido demais, ele era meu mundo. Estava com medo de perder o filho ou a mim devido ao parto antecipado, e acabamos saindo com dois filhos saudáveis.

Eu estava tão cansada que apaguei depois que me levaram para o quarto.

Quando acordei, apenas no dia seguinte, o ambiente estava repleto de flores e balões de gás azuis e rosas por toda parte e vários presentes, de todos os tipos e tamanhos. Meu marido estava sentado em uma cadeira ao lado da minha cama segurando a minha mão, e pela expressão de cansaço em seu rosto havia permanecido naquela mesma posição velando meu sono para estar ao meu lado quando abrisse os olhos.

— Você está com uma cara horrível, amor — zombo e ele respira mais aliviado quando percebe que acordei.

— Você ainda continua linda, nem parece que deu à luz a dois bebês lindos recentemente. — Sua voz sai embargada, tanto que tem que fazer uma pausa ou não conseguirá terminar de falar. — Quero agradecer por fazer de mim o homem mais feliz do mundo. Quando penso que não pode me fazer ainda mais feliz, você vem e me surpreende dessa forma. Juro que não estou acreditando até agora que tivemos uma menina e um menino lindo e que em breve estarão correndo por todos os cantos daquela casa. — Os lábios dele tremem, a voz tomada por uma alegria sem tamanho. Nossa família havia aumentado, principalmente a nossa felicidade.

— Se alguém tem que agradecer aqui sou eu, Ricardo, por me mostrar o que é amar e ser amada. — A ponta do seu nariz desliza de leve pela minha bochecha causando cócegas, até sua boca encontrar a minha.

— Eu te amo tanto, nunca pensei que fosse capaz de amar assim, chega a doer — declara.

— Eu também sou louca por você, e estou louca para ver os frutos do nosso amor. Quando vão trazer nossos bebês?

— Você acordou bem no horário de visita, o pessoal veio em peso para conhecê-los.

Menos de cinco minutos depois as enfermeiras apareceram para me auxiliar no banho para me deixar apresentável para os meus filhos e nossa família e amigos. Ricardo me fez comer um pouco da sopa sem sal acompanhada de um suco para renovar as forças para enfim receber Maria Cecília e o Ricardo Joaquim que chegariam em breve dentro dos bercinhos hospitalares. Enquanto esperávamos, meu marido fez questão de tomar partido da situação ouvindo todas as recomendações que a enfermeira ditava em relação aos cuidados comigo e aos bebês quando fôssemos para casa.

Quando os bebês chegaram, o papai mais babão desse mundo pegou Maria

Cecília colocando-a em meu colo para sua primeira mamada enquanto tinha Joaquim em seus braços. Olhando agora de perto, os gêmeos pareciam muito com Ricardo. Herdaram até a cor dos olhos, eram azuis bem forte e o tom da pele negra deles — única coisa que herdaram de mim — realçava ainda mais.

Eles eram perfeitos, e muito amados por nós.

— Os gêmeos chegaram, amor, e eles tem visitas — Ricardo aponta para a porta sendo lentamente aberta, por onde entra uma comitiva de pessoas falando ao mesmo tempo ansiosos para conhecerem os novos membros da família Avilar.

Logo um grande grupo se forma ao nosso redor, travando uma disputa para ver melhor as crianças. Como todos conseguiram entrar ao mesmo tempo, nunca irei descobrir. Meu pai segura nossa primogênita no colo, Maria bate as mãozinhas sorrindo amplamente para chamar nossa atenção. Dona Célia fica nas pontas dos pés para conseguir ver melhor, é baixinha, tadinha. Binho está ao lado deles. Minhas amigas Yudiana e Dani — futuras madrinhas dos meus filhos — seguram um ursinho grande de pelúcia, ambas emocionadas. André segura Gustavo no colo com uma mão, a outra segura a da Marisa, recentemente assumiram o namoro. Barreto trouxe os irmãos, ele criou um projeto social de apoio às crianças vítimas de abuso sexual ou preconceito seja racial ou de gênero, onde eu e o Ricardo somos colaboradores.

— Pronta para apresentar Maria Cecilia e o Joaquim ao mundo, Marrenta?
— Meu marido sorri para mim, ao seu lado sou capaz de enfrentar qualquer obstáculo.

— Eu nasci pronta, amor. — Pisco para ele, confiante.

— Obrigada por existir — Ele sempre diz isso, todos os dias.

Olhando em seus olhos, percebo que é sempre aqui que quero estar. Ao seu lado. Onde me sinto protegida, completa. Ricardo me ensinou o que é ser amada de verdade, conquistando-me com seu romantismo e amor incondicional pela nossa filha. Ele salvou minha vida não somente quando levou um tiro em meu lugar, mas sim quando fez amor comigo pela primeira vez.

—Obrigada por me amar, Delegado Avilar.

E aqui chegamos ao **FIM** desta obra, mas o “*felizes para sempre*” de Ricardo e Júlia está apenas começando. Vocês poderão matar a saudade da linda família que formaram juntos, nos próximos livros da série.

Então, até breve.

Mari Sillva

Lançamento



Depois de se apaixonar pelo ***Delegado Avarar***, primeiro livro da ***Trilogia Homens da Lei***, em breve será a vez de conhecer a história do sombrio ***Juiz Thompson***, “O homem que não ama, fica obcecado”.

Confira a seguir, em primeira mão, uma pequena degustação do próximo lançamento especialmente para você. Prepara o coração, porque a emoção será forte demais logo de início.

Livro: Juiz Thompson



Trilogia homens da Lei

YUDIANA

O sol nasce gloriosamente por trás das montanhas formando o crepúsculo mais lindo que já vi, o céu tomado por uma coloração alaranjada ardente em alguns pontos aparentando labaredas de fogo. Passei a noite sentada numa poltrona macia e confortável que fica em frente à janela panorâmica do meu quarto, me deliciando com a bela imagem da cidade de Bogotá na Colômbia, lugar que escolhi para me esconder durante o último mês, usando como a desculpa para minhas melhores amigas e o meu mentor Joe, de que é em comemoração por ter formado em direito com louvor e passado na prova da OAB logo em seguida.

Mas não foi somente por isso.

Há outro motivo obscuro, que me aterroriza todos os dias.

Eu não consegui pregar os olhos nem um segundo nos últimos dias, a inquietude tomou conta de mim desde que comprei minha passagem de volta para o Brasil. Existem fantasmas que deixei para trás e que serei obrigada a encarar. Pensei que o tempo me faria esquecer o que houve, mas não teve um instante que não me recordasse de cada detalhe do que passei no tiroteio da Rocinha.

Nunca mais fui a mesma depois do sequestro onde eu e a Júlia sofremos agressão psicológica e física, mas essa não foi a parte que me deixaria marcada para sempre. Fui arrastada pelo Binladem como refém por um beco escuro, sujo e úmido da favela da Rocinha, o tempo todo apertando uma arma nas minhas costas repetindo várias vezes que havia me achado muito sexy e depois que conseguíssemos fugir, faria de mim sua primeira dama do tráfico. Porque uma mulher com a minha beleza merecia ser tratada como rainha, e em troca eu tinha que realizar todos seus desejos sexuais mais sórdidos. Fiquei apavorada só de imaginar aquele homem pavoroso tocando em mim de qualquer forma que fosse, preferia morrer antes.

O cenário à minha volta era assustador, às vezes passávamos por cima de

corpos caídos no chão, todos ensanguentados. Não se ouvia nada além de tiros e mais tiros, não conseguia pensar em mais nada além daquele policial louco que levou Júlia não fazia ideia para onde. Tinha medo que fizesse alguma maldade com ela. Infelizmente, não podia fazer nada para ajudá-la, apenas rezava para que conseguíssemos sair as duas dessa situação com menos danos físico e psicológico possíveis.

Apesar de que a minha sanidade mental foi destruída por outro mostro ainda na minha infância. Onde tive minha inocência roubada, por alguém que deveria ter me protegido da maldade do mundo.

As lembranças daquele dia têm sido minhas companheiras.

— *Vem, morena, vamos nos esconder nesse barraco até a poeira baixar, enquanto isso podemos nos divertir um pouquinho, o que acha? — Me puxava à força pelo cabelo tentando me jogar dentro de um cômodo velho, as janelas eram cobertas com tábuas de madeira. Cheirava à maldade, covardia.*

Seu tom era tão perverso quanto seu olhar, a maneira suja com proferiu tais palavras deslizando os olhos por todo meu corpo, deixava claro o que pretendia fazer comigo. Mas eu lutaria até a morte, há muito tempo jurei que nunca mais nenhum homem iria tocar no meu corpo contra a minha vontade.

— *Prefiro morrer do que deixar que um porco nojento feito você me toque, seu cheiro me deixa com ânsia de vômito. — Me debati da forma que pude, as marcas das minhas unhas enfeitaram seu braços e rosto, mas ele era bem maior e mais forte e me dominava com facilidade.*

Ao preparar a mão para segurar meu rosto e me fazer calar com um beijo forçado, foi atingido com um tiro silencioso bem no pulso, jorrando sangue por toda minha roupa. Seu grito foi assustador, mas a satisfação que senti devido à sua expressão de dor foi enorme. Mas não tão grande quanto ao ver Juiz Thompson se aproximando, exalando confiança ao segurar sua arma em punho, mais poderoso do que nunca. Eu não senti mais medo, estranhamente bastou somente a sua presença para me fazer sentir segura. Fiquei pensando em como ele chegou até ali? Como me achou? E porque estava colocando a vida em risco para me salvar? Nada fazia sentido, mas eu estava feliz em vê-lo assim mesmo.

Ele estava com roupas esportivas, e poderia ser facilmente confundido com qualquer homem comum, mas a forma como seu corpo avantajado a preenchia era o que fazia toda a diferença. Havia elegância na maneira que se movia, não precisava abrir a boca para ser atraente. Tinha algo visivelmente sombrio e

perigoso, que me atraia com a força de um imã.

Aqueles olhos azuis me olhando intensamente chegava a ser pecaminoso, devastadoramente lindos. Quando estava perto do Juiz Thompson, sentia-me como pudesse me destruir com um simples estalar de dedos.

— Quem pensa que é para fazer isso comigo, seu filho da puta? Vai morrer por interromper meu momento íntimo com a minha gata, dolorosamente. — Binladem caiu de joelhos segurando o pulso da mão atingida, deveria estar sentindo dor pra caralho, tomara que estivesse mesmo esse filho da puta merece isso e muito mais.

Minha gata? Juro que a minha vontade foi gargalhar na cara dele, mas ao invés disso, aproveitei a oportunidade para me afastar de fininho, no entanto pensei melhor e não fui muito longe. Ele podia estar ferido, porém eu não sabia aonde tinha ido parar sua arma e podia usar a mão boa para usá-la.

— Sou seu pior pesadelo, pode apostar. — Meu olhar cruzou com o do Juiz, o tom frio da sua voz me assustou um pouco.

Muito, para ser sincera.

— Pelo jeito eu não sou o único interessado em comer essa coisa coisinha linda, como é mesmo o nome dela? — Sua atenção veio toda na minha direção, seus pensamentos pecaminosos podiam ser ouvidos a milhas de distância. — Lembrei, é Yudiana Jackson sei tudo sobre ela. Será minha futura primeira drama no mundo do crime. Minha Bibi Poderosa. Mesmo que eu seja preso, meus homens aqui fora vigiaram os passos da minha gata aonde quer que vá, e quando eu fugir da cadeia vou correndo atrás dela, ela é minha propriedade agora. — Deu uma risada maligna, ali eu soube que ele nunca me deixaria em paz.

Era incrível como minha aparência “privilegiada” atraia os piores demônios para minha vida, essa triste realidade não vem de agora, mas sim desde a minha infância. Estendendo-se pela minha adolescência, e agora não está muito diferente na minha vida adulta.

— Tirem ela daqui, agora! — Ordenou o Juiz, e logo das sombras brotou alguns homens — enormes e fortes — de óculos escuros, vestidos de terno preto com algo preso no ouvido parecendo alguma espécie de escuta.

Já chegaram segurando-me pelo braço e saíram levando para fora do beco. Mas Thompson permaneceu no mesmo lugar, acompanhado apenas de um

deles e do Binladem de joelhos à sua frente. Ao passar pelo meu anjo caído, nossos olhares se cruzaram e eu vi nele uma ferocidade capaz de fazer qualquer coisa para proteger o que é seu. Para me proteger. Ele tinha os olhos mais tristes que já vi na vida, mais até mesmo que os meus. Não queria ir e deixá-lo para trás, senti no íntimo do meu coração que devia ficar ao seu lado.

Eu conseguia ver beleza em tudo nesse homem, principalmente no seu lado mais sombrio. O enxergava além da aparência de príncipe encantado, de “homem da lei”. O verdadeiro John — esse era o seu nome fora do tribunal — estava escondido debaixo de muitas camadas, as quais se tornavam vulneráveis quando eu estou por perto. Talvez por isso minha presença sempre o incomodou tanto, porque enxergo perfeitamente cada uma das cicatrizes que a vida deixou cravada em sua pele como uma coroa de espinhos.

A cada passo que eu dava sendo arrastada pelos seguranças, meu coração gritava mais alto pedindo para que voltasse para ele. Eu precisava voltar para abraçá-lo bem forte para aquecer a frieza que sua presença transmitia. Havia uma energia avassaladora entre nós que devastava tudo por onde passava. Até nós dois. Por isso já um pouco longe, consegui me soltar do aperto do ruivão alto com cara de mau e voltei correndo para onde eles estavam. Sentia que meu anjo caído precisava de mim. Mas não cheguei a tempo, na metade do caminho ouvi o barulho estridente de dois tiros. Meu coração ainda batia forte quando vi o Juiz Thompson vindo da direção dos disparos, passando por mim sem esboçar nenhuma reação.

E apesar de ter me acompanhar até o hospital, não me dirigiu mais a palavra desde então. Deixando uma dúvida cruel que me assombra aonde quer que eu vá, fazendo-me ter pesadelos horríveis toda a noite.

Será que ele havia matado um homem só para me salvar? Bom, isso é uma coisa que irei tirar a limpo assim que retornar ao Brasil.

Sobre

**Mais sobre informações sobre esse lançamento,
e todos os meus outros livros em:**

Grupo no Facebook: Romances - Mari Sillva:

[https://www.facebook.com/groups/263457927501744/?
multi_permaLinks=322678881579648¬if_id=1514935343649540¬if_t=fe](https://www.facebook.com/groups/263457927501744/?multi_permaLinks=322678881579648¬if_id=1514935343649540¬if_t=fe)



Instagram:

<https://imgaddict.com/user/autoramarilia/5458384158>



Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/MarliaSillva>



Fan Page:

<https://www.facebook.com/autoramarisillva/>



Você acha que outras pessoas deveriam conhecer o cavalo, Delegado Avilar?

Se sim, ajude a divulgar a histórias dele. Não guarde só para você a emoção avassaladora que foi conhecer a história do Ricardo e Júlia. Divida com os outros a sua experiência lendo o livro, enfeite suas redes sociais com os trechos que te marcaram e fique à vontade para postar essa capa linda, e por último, ficaria muito feliz se você pudesse prestigiar meu trabalho deixando sua avaliação na **Amazon**, isso ajuda muito o trabalho árduo de nós, autores.

Desde já, obrigada!

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à minha amiga melhor amiga Ana Maria, fui muito criticada por várias pessoas quando decidi reescrever esse livro. Disseram que seria “um tiro no pé” entre tantas outras coisas desagradáveis. A pressão foi tanta, que houve momentos que fiquei depressiva pensando que não fosse conseguir. Mas ela acreditou em mim desde o começo, é assim desde que somos pequenas. Foram ligações de mais de uma hora, entre choro e risos. Mas a maior parte, motivação. Sou grata por ter confiando em mim, mesmo quando eu não confiava. Obrigada por tudo, nega, te amo!

Minha parceira de trabalho Thamara, minha linda, nem preciso dizer nada, né? De leitora se tornou uma grande amiga. Obrigada pelo carinho de sempre.

Ao meu grupo de Betas, mais conhecidas como “Ricardetes”. Obrigada pela imensa força que me deram, nunca irei esquecer o que fizeram por mim. Obrigada de coração!

Às minhas lindonas que tanto amo do grupo no WhatsApp “Amoras da Mari” e do grupo do Facebook Romances — Mari Sillva, que fazem meus dias mais felizes.

Aos meus leitores do Wattpad onde tudo começou, que aceitaram a segunda versão do livro Delegado Avilar desde o primeiro capítulo e estão comigo até hoje, no último. Muito obrigada por acreditarem no meu trabalho e, sobretudo, em mim.

À equipe responsável pela produção deste livro para que ele chegasse lindão até vocês: o capista Murillo Magalhães; revisora Lucy Santos; que fazem parte da Fênix Editorial, e à diagramação da Natália Saj, da NS Capas.

E ACIMA DE TUDO E DE TODOS, A DEUS, QUE FOI A MINHA BASE PARA CHEGAR ATÉ AQUI.

Mari Sillva

[1] Medo mórbido de lugares pequenos e fechados.

[2] Gogo boy é uma expressão em inglês utilizada para designar um estereótipo de homem musculoso, com boa aparência física, que faz apresentações sensuais e eróticas em troca de dinheiro.

[3] Apelo sexual.

Table of Contents

Sinopse. 1
Prólogo. 1
Capítulo 1. 1
Capítulo 2. 1
Capítulo 3. 1
Capítulo 4. 1
Capítulo 5. 1
Capítulo 6. 1
Capítulo 7. 1
Capítulo 8. 1
Capítulo 9. 1
Capítulo 10. 1
Capítulo 11. 1
Capítulo 12. 1
Capítulo 13. 1
Capítulo 14. 1
Capítulo 15. 1
Capítulo 16. 1
Capítulo 17. 1
Capítulo 18. 1
Capítulo 19. 1
Capítulo 20. 1
Capítulo 21. 1
Capítulo 22. 1
Capítulo 23. 1
Capítulo 24. 1
Capítulo 25. 1
Capítulo 26. 1
Capítulo 27. 1
Capítulo 28. 1
Capítulo 29. 1
Capítulo 30. 1
Capítulo 31. 1
Capítulo 32. 1
Capítulo 33. 1

[Capítulo 34. 1](#)
[Capítulo 35. 1](#)
[Capítulo 36. 1](#)
[Capítulo 37. 1](#)
[Capítulo 38. 1](#)
[Capítulo 39. 1](#)
[Capítulo 40. 1](#)
[Capítulo 41. 1](#)
[Capítulo 42. 1](#)
[Capítulo 43. 1](#)
[Capítulo 44. 1](#)
[Capítulo 45. 1](#)
[Capítulo 46. 1](#)
[Capítulo 47. 1](#)
[Capítulo 48. 1](#)